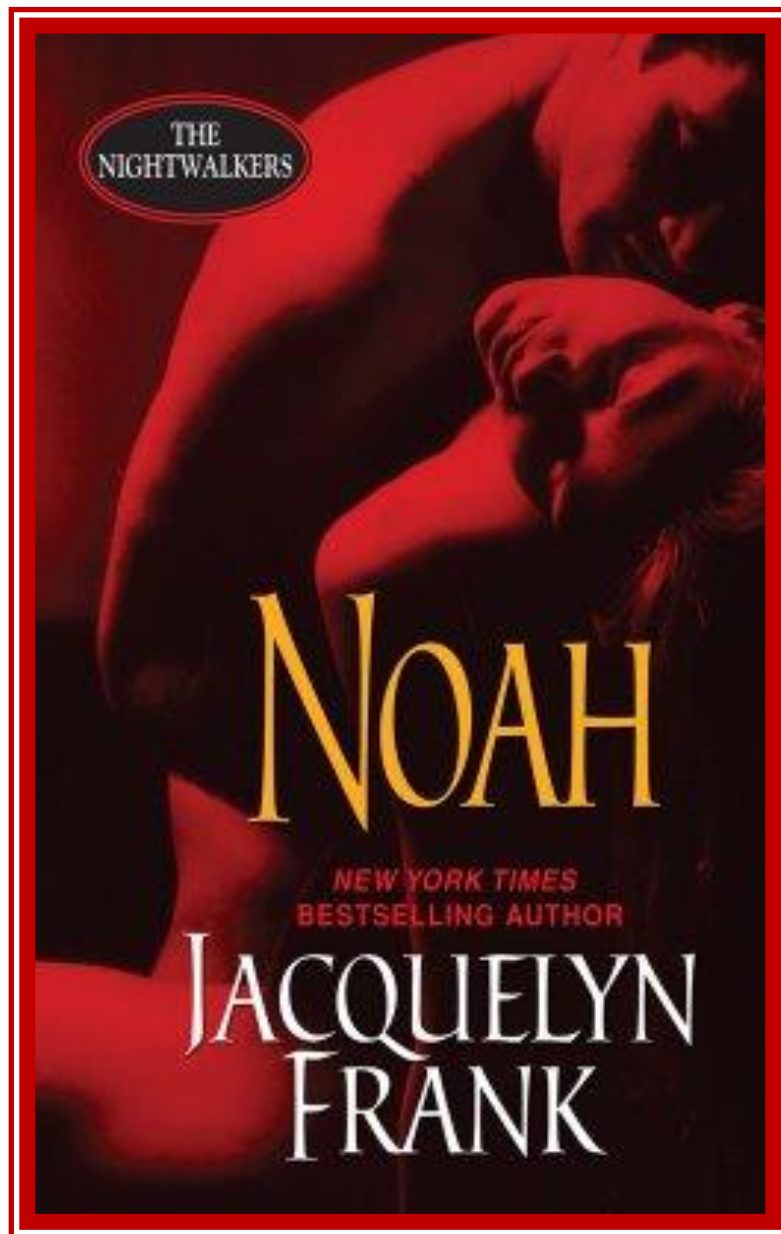


Jacquelyn Frank



Noah

Nightwalkers 05



PROJECTO REVISORAS TRADUCÇÕES

PRT



Este livro faz parte, da união de pessoas que gostam da leitura e o repasse,
sem fins lucrativos, é de fãs para fãs.

A comercialização deste produto é estritamente proibida.



Ela o levará além dos mais selvagens sonhos.

Como Rei dos Demônios, Noah se dedica a proteger sua espécie contra seus inimigos humanos e Nightwalkers. Ainda assim, por seis meses ele vem lutando contra sonhos vívidos que ameaçam a sua sanidade. Todas as noites ele é atormentado por imagens de uma mulher que é dolorosamente real e absurdamente fora de seu alcance. E essa necessidade tão profunda o deixa sem escolhas a não ser forçá-la a abandonar a vida que conhece e entrar em um mundo além de sua imaginação...

Todo dia Kestra arrisca sua vida em perigosas missões que são quase ilícitas, mas ela sabe instintivamente que a figura impressionantemente sensual perante ela é um perigo maior do que os que já enfrentou. Kestra havia jurado nunca mais confiar ou precisar de outro homem, mas o mais leve toque de Noah a queima com a febre do desejo, marcando-a como sua companheira, cegando ambos para a terrível verdade. Entre as fileiras de sua própria gente há um adversário que cresce em número e poder. E nada nem ninguém estará seguro novamente...

Nota da Lu Arvanço: lindo um dos melhores uma trama bem armada amor verdadeiro, medo de amar e perder um , mulher forte(adoro quando a mocinha e valente) e um rei que ama a todos e sofre com medo de machucar as pessoas lindo recomendo ah e muuito amor por fazer no livro todo ,beijos

Nota da Regina Polli: Noah, o rei, não me decepcionou. É tudo que eu esperava: sensual, apaixonado, carinhoso, compreensivo. Seu defeito é não acreditar em si mesmo com relação a sua companheira, mas isso é perdoável. Kestra não me agradou muito no início. Uma mulher forte, mas fisicamente não psicologicamente. Uma mulher com um passado terrível e que quando foi revelado me ajudou a compreendê-la e aceitá-la melhor para companheira de Noah. Kestra é altamente inteligente e tem treinamento militar (ela foi Fuzileira Naval) e com isso pode ajudar os Demônios em sua guerra contra os Nightwalkers rebelados. O livro é muito bom e mostra bem como o relacionamento entre Noah e Kestra se

desenvolve, relatando as tensões e as concessões que ambos tiveram de fazer para se aceitarem e se entenderem. Todos os personagens dos outros livros da série marcaram presença e tem muita ação e tensão e diplomacia.

Prólogo

"Quem quer saber o destino do Demônio deve consultar estas profecia... "

"... Uma vez que a magia ameaça o seu tempo, enquanto a paz do Demônio se transforma em loucura... "

"Nós devemos fazer-nos observar mais de perto sobre o tempo. Na idade da rebelião da Terra e do Céu, quando o fogo e Água colidem criando confusão em todas as terras, o Líder dos Anciãos regressará, tomará sua companheira e que a criança primeiro elemento Espaço nascerá, companheira do primeiro filho do tempo, nascida dos executores... "

Extrato da Profecia perdida dos Demônios

- Kes... o que você está fazendo?

- Creio que lavando o meu cabelo - foi à resposta sussurrada, ácida ligação ligeiramente estática. - O que você acha?

Jim riu silenciosamente e suavemente antes de alcançar o microfone dos seus ouvidos para dar um toque, apenas o suficiente para se incomodar com o barulho. Depois explicou:

- Eu queria saber onde estava.

- Na sala de bilhar, - disse ela secamente, com um castiçal excepcionalmente pesado na mão.

Jim parou e ouviu um grunhido suave na linha aberta. Ele se inclinou um pouco na sua cadeira para observar em monitores de computador. – Estou na sala de máquinas. Onde mais poderia estar?

- Tudo bem. Eu só queria esclarecer.

Houve outra pausa breve, cheia de suaves ruídos de estática.

- Claro, por que você quer explicações? - Ela perguntou finalmente.

- Oh, por qualquer motivo. É só que eu tenho essa enorme mancha vermelha na tela infravermelha, parece suspeito como um guarda de segurança quer conduzir a sua posição, - disse ele, o encaixe auricular no ouvido e colocando o microfone.

Kestra amaldiçoado sob sua respiração deu uma rápida olhada ao redor, e virou o rosto quase por instinto inato. Depois de um cálculo rápido em sua cabeça, correu rapidamente por meio do armazém de enormes máquinas e entrou diretamente para um dos condicionamentos de ar da turbina. Com um salto, pulou para o lado da grande máquina e lançou a sua figura ágil, direto para a zona escura.

Não houve praticamente um som metálico quando suas mãos pegaram um par de tubos grossos que estavam no teto. Ela imediatamente começou a se balançar até que ela foi capaz de conseguir o impulso suficiente para engancha os pés sobre a tubulação. Sem o menor ruído, e com um ágil movimento foi colocado sobre os tubos. Deitou-se sobre eles como se fora de uma rede em vez de um número de canais através dos quais fluía tanto o frio como o calor que sentia na pele. Uma vez garantida posição na sombra tudo que ela podia fazer era esperar, um dos dez guardas de segurança, invariavelmente, olhou para cima. Ela cobriu o receptor de sua orelha com a mão, não querendo correr o risco de que Jim ou qualquer outro ruído trair sua posição estática.

Ela não esperou muito tempo antes que o guarda desaparecesse. Por um momento, apertou os olhos, achando que o aviso de Jim tinha sido malditamente tarde.

O guarda não tinha nenhuma razão para esconder o seu avanço, de modo que podia ouvir seus passos a partir do momento em que entrou na escada que tinha apenas atrás da porta de acesso à sala. A porta fez um som metálico quando abriu, caiu em quanto a barreira de proteção liberava a alça de metal com o qual ela havia aberto. Apesar de todo o ruído, o sussurro da respiração Kestra era quase audível.

O guarda tiniu ruidosamente pelo chão sólido, caminhando diretamente entre a linha de turbinas de um lado e os outros aquecedores de água. Jogou e varreu com sua lanterna para frente e para trás na escuridão que o cercava. Kestra momentaneamente fechou os olhos para orar a qualquer pessoa no universo que protegia pessoas como ela. Observou atentamente todas as reações do homem que tomou nota das pequenas luzes verdes que estavam sob a metade do aquecedor a gás, garantindo que nada estava errado.

Não havia nada errado. Ele escutou a parede distante, virou-se e refez seus passos. Passou um metro de distância ambas as vezes, mas certamente não levantou a visão. Abriu a porta do porão com um golpe contundente, seus passos ecoando se afastado pela escada.

Kestra suspirou com alívio. Depois de ser razoavelmente seguro que o guarda estava longe o suficiente e não tinha intenção de retorno imediato, ela aproveitou para se esconder em seu quartinho improvisado. Tinha seus braços ao longo dos estreitos tubos, utilizando-os como um casal de barras paralelas, balançou as pernas para baixo. Foi lançada, com um impulso realizando uma cambalhota, pousando perfeitamente no chão poeirento no armazém.

Resistindo à vontade de fazer uma saudação de ginástica, limpou o suor da fronte, manchando de poeira do depósito que cobriam os tubos, e focada em seu sistema de comunicações e seu estúpido parceiro.

- Obrigado pelo aviso, James, - disse ela com um pouco de raiva.

- De nada, - tratou de parecer irritado, mas ela percebeu que ele se sentiu aliviado por notícias dela.

- James, eu pensei que você tinha me dito que não havia ninguém no prédio, - ela resmungou.

Jim estremeceu, sabendo que acabaria com um enorme número de problemas por ter se equivocado. Ele assumiu que não havia ninguém.

- O cara estava fora do curso. Faremos um relatório quando você passar para o prédio ao lado.

- Não é bom o suficiente. O quero os guardas fora de todo meu perímetro.

- Bem, e como supõe que devia fazê-lo? Raptado você?

- É uma boa idéia, - disse ela, ajoelhado em frente da turbina que serviu para esconder o guarda. Tirou da mochila os dois últimos pacotes quadrados.

Kestra deixou a bolsa e correu pelo corredor até o próximo aquecedor a gás. Foi colocada novamente sob a unidade. Houve um som de metal em metal, quando o ímã aderiu fortemente sobre o metal do aquecedor. Conectou o botão e esperou que as luzes mudassem de amarelo para verde.

- A questão é, - continuou ela enquanto se elevava por debaixo da unidade e mudou-se com cautela para o próximo, - eu disse expressamente que não queria nenhum civil morto na área. Seu trabalho foi garantir que ele não passasse. É por isso que eu passei um mês no calendário para que operação fosse bem.

- Não é minha culpa se o homem mudou sua rotina, Kestra.

- A culpa é sua, James – disse ela enquanto hesitava antes do último aquecedor.

- Certifique-se de sua responsabilidade. Você tem vinte minutos para tirá-lo da zona

de perigo. E eu não me importo com você. Apenas faça! E é melhor não ter mais ninguém.

- Não há ninguém. Você e o guarda são a única fonte de calor em toda área, com exceção de um rato ou dois. - Houve uma pausa. - Você tem alguma sugestão sobre como posso proteger os civis sem te parar?

Kestra meditou por um momento, utilizando o tempo que levou para anexar o último dispositivo no aquecedor para refletir sobre a situação.

- Quanto tempo leva normalmente para fazerem as rondas a partir do início da área para as docas?

- Há três edifícios na estrada. O teu é o primeiro da rodada. Se mantém o ritmo, levará mais de uma hora. Se voltar do cais, você descobrirá. Não me importa o que você está camuflada, Kes, eu não a quero errante para a sua rota de vôo.

- Maldição! - Kestra caiu abaixo do forno e se levantou. Sacudiu a poeira de sua volta com mais violência do que o necessário e se encaminhou em direção a sua mochila.

Então parou, levantou a cabeça, os olhos brilhavam ligeiramente já que pensava de uma possível solução.

- Oh, James?

- Sim Kes.

- Alguns dos edifícios da frente possuem sistema de alarmes?

- Todos eles. Faça sua escolha.

- E fazem parte da jurisdição de um policial com uma renda salarial mínima?

- Sim, eles são! - Jim engasgou comicamente, percebendo que ela tinha um plano.

- Agora, me chame de louca, mas se você fosse um guarda de segurança e um alarme desses prédios fosse ativado, correrias como o inferno só para verificá-lo, certo?

- Oh, você está definitivamente louca, - Jim acordou com um sorriso. - Tem razão. Mas você pretende ativar o alarme sem ser apanhada? Não costumamos fazer o inverso, sem ativar? Você sabe mesmo como fazer?

- Que dificuldade pode haver?

- E sem ser pega, - ela a recordou.

- Mmmm.

- Tem que voltar logo, - acrescentou Jim.

- Sim.
- E não pode ficar presa, - lembrou a ela a parte mais importante.
- Tá certo.

Quase exatamente vinte minutos mais tarde Kestra pulou do cais para parte de trás da lancha ancorada lá. Largou a corda de amarração e empurrou o botão de alimentação, possivelmente o único som era o mais forte som do alarme à distância.

Kestra dirigiu o barco diretamente a partir do porto de mar aberto. Ela tomou um olhar para a parte inferior da cabine quando James bateu a cabeça na escotilha.

- Esqueceu-se das minas nos depósitos, - disse ele secamente.
- Sim, eu sei.

A linha de depósitos explodiu.

CAPÍTULO UM *A Princesa Miserável* *um conto de fadas Demônio*

Era uma vez, muito tempo atrás, vivia uma princesa. Esta princesa precisava de um marido e seu pai também achava. Ela tinha a responsabilidade de se casar com um grande homem que poderia um dia tornar-se rei de todas as pessoas. Ela tinha a responsabilidade por todos os seus filhos se tornem fortes e poderosos membros da sua sociedade. Isso é o que a princesa deveria fazer naquele tempo, muito tempo atrás.

No entanto, esta princesa era amável e de bom coração, mas não queria esta responsabilidade, embora ela tivesse que fazê-la e, sobretudo não queria um marido. Um dia, a princesa, que se chamava Sarah, foi forçada a participar de uma feira entre os homens da aldeia de seu pai. Ela não queria ir, mas o pai dela tinha dito que, se ela não fizesse, ele iria escolher um marido para ela e ficaria satisfeito com sua escolha. Ele não deu ouvidos aos argumentos, porque ele tinha perdido a paciência com a filha teimosa.

Então a princesa foi até a casa real e sentou em seu trono olhando de má maneira para todo do mundo. Tinha que estar lá, mas não fingiria estar feliz. Seu pai não disse nada sobre aparentar felicidade para agradar a alguém.

A princesa Sarah olhou em volta do campo com apenas seus olhos azuis entediada. Ela empurrou para trás seus cabelos loiros encaracolados, com um suspiro. Esta foi à terceira competição que seu pai havia preparado. A princesa sabia que ele esperava que em algum lugar na arena tivesse Demônio que finalmente chamasse a atenção de seus olhos. Não, não havia nenhuma boa razão para isto acontecer, porque os homens Demônios eram todos maravilhosamente bonitos, assim como as mulheres Demônio. Sem efeito, depois de tantas décadas de vida imortal, porque todos eram inteligentes, atenciosos e altamente qualificados.

A princesa, porém, tinha apenas cento e dez anos. Todos criam que ela era muito jovem para pensar em ser amarrada a um marido que provavelmente iria querer bebês e obediência. Os Demônios homens eram conhecidos por sua arrogância e sua necessidade de controle total considerando todas as coisas que eles tinham o direito de controlar. A princesa considerou desnecessário ter alguém mais pra lhe dizer o que fazer o tempo todo. Queria escolher em seu devido tempo, quando ela se sentisse bem e pronta, e quando encontrasse com um homem que podia olhar como igual, em vez de um trabalhador que queria sua orquestração.

Sarah estremeceu com seus pensamentos.

Apesar de sua grande arrogância, os homens da sua raça eram muito melhores do que seres mortais no que se refere à questão do casamento. A idéia de ser tratada como uma propriedade, como bens de um homem que poderia usar e descartar sua vontade, foi um pesadelo.

Quanto a Efraim, um grande o Rei dos Demônios, ela sabia que tinha grande esperança de que seria uma das raras e afortunadas de ter Demônio que tomasse parte de uma vinculação.

A vinculação era um laço dos corações, mentes e almas de um homem e uma mulher que são compatíveis uns com os outros para um ponto além da perfeição. Tem a fama de ser uma relação que transcende a simples complexidade e a intensidade de amor. Esta é um forte compromisso como o que seu pai esperava que iria acontecer na sua família e, assim, gerar um poderoso e potencial futuro de todos os Reis Demônios.

- Noah, o que estás fazendo? – Perguntou Izabella com um sussurro curioso.

Ela tinha acabado de entrar no quarto de sua filha, vendo a filha de dois anos, que estava preguiçosamente envolvida nos braços do Rei Demônio. Leah estava

encostada nos musculosos antebraços de Noah, com os braços estendidos e pulsos totalmente pendurados languidamente, ela estava roncando e babando suavemente contra o peito coberto com seda. O rei olhou para sua Executora, a contrapartida feminina do casal, e sorriu timidamente de uma forma encantadora. Deu uma piscadinha cinza esverdeada, com seus rasgos patrícios características amenizados pela travessura.

- Isso é apenas um conto de fadas, - explicou suavemente, fechando o pequeno livro em suas mãos antes de colocar no chão, perto do joelho. Ele tocou a menina, esfregando com as pontas dos dedos de maneira calma e suave. Com aquele suave toque, a filha de Isabella lentamente começou a girar e sua carne e sangue se fundiram em uma suave e delimitada nuvem de fumaça. A jovem mãe prendeu a respiração enquanto Noah manipulava a pequena nuvem para o berço e com a facilidade de experiência, ela voltou ao seu peso normal.

Isabella tinha visto Noah fazer dezenas de transformações semelhantes vezes, inclusive nela mesma. Ele era um mestre dos elementos do fogo, e ela realmente confiava nele implicitamente. Ela sabia por experiência que este era um truque inofensivo, levou apenas uma fração de sua enorme habilidade para operá-lo.

Como mãe, porém, uma mãe que até três anos tinha sido demasiada humana e como todo o ser humano ignorantes destas elementares ações não pôde evitar a preocupação de que repetia através de seu estômago, contendo informações que sua filha estava sendo manipulada a nível molecular. Um momento depois riu de suas tolas ansiedades. Noah era poderoso e muito especialista, era o mínimo que sua raça esperava de um rei eleito. Tudo sobre ele exalava um destino para o qual nasceu. Havia sido gerado dentro de uma linhagem poderosa de Demônios, forjado e temperado com incrível paciência, sabedoria e educação necessária em um grande líder.

Mesmo quando sentado, não havia nenhuma dúvida de sua grandeza, nem uma escultura em forma física artisticamente como era sua mente. Ele não era um guerreiro por natureza, mas não ficava a margem em um trono acolchoado e macio, enquanto outros lutavam em seu nome. Isabella havia lutado ao seu lado e sabia o quão forte ele era, quão inteligente e, acima de tudo, quanto poderia ser impiedoso quando enfrenta um inimigo que ameaçava tudo o que era querido para ele.

No entanto, ela considerou que ele sabia melhor que esta faceta, abraçando a sua filha no papel do tio adotivo provavelmente tinha passado tanto tempo com sua

filha como seus pais biológicos. Bella só tinha dado à luz quando se tornou claro que Noah e Liah iam ser inseparáveis na sua adoração para com o outro. Protegeu a criança com amor, atenção e favoritismo ostensivo. Tudo isso apesar do fato de que já teve mais e sobrinhos e sobrinhas de seu próprio sangue do que Isabella poderia dizer.

Bella não examinou de perto a grande fortuna desta adulação que o rei tinha por sua filha. Como em tudo, tinha escondido em todas as camadas, a maior parte de tudo, emoções enviadas por um homem em uma posição poder, já que esse tipo de soberania pode levar a grande solidão. Tudo o que Bella poderia ver neste momento era que Liah era diminuta nos braços de Noah, de qualquer maneira já não parecia estar crescendo demasiadamente rápido e independente, justo como ela tinha se queixado para o pai de sua filha justamente na mesma noite.

Leah não estava realmente em mais perigo com o rei que quando estava seu pai Demônio da Terra, jogando, separados da gravidade e enviados para cima guinchando e rindo no ar com apenas um pensamento fugaz. Isabella sabia que ela ainda estava propensa a fraqueza humana ocasionando medo, uma reação mais do que tudo foi apenas um ato reflexo normal. No entanto, sempre foi capaz de ultrapassar rapidamente as suas agitações. Tudo que eu tinha a fazer era pensar sobre seu marido Demônio, de natureza altamente moral, no seu forte senso de justiça e o fato de que era uma intensa bússola de Demônios, levando a ocupar uma das muitas altas posições em sua sociedade, uma categoria aplicada até mesmo para Noah. Ele era responsável por servir de exemplo para outros seguirem.

- Bem, seu conto de fadas parece ter sido um sucesso, - sussurrou Isabella, inclinando-se para pegar o livro com curiosidade óbvia.

Noah voltou-se subitamente, pegou seu pulso e tomou o livro habilmente de seu agarre.

- Obrigado, - disse ele, empurrando o volume protetoramente no bolso de dentro de sua jaqueta.

Isabella franziu um pouco a testa, esfregando o pulso onde tinha travado com bastante entusiasmo, esquecendo-se claramente a sua própria força. Ele realmente não foi nada para ela. Afinal não era mais humana. Bem, não completamente. Era um híbrido genético dos antigos druidas e os seres humanos, e desde primeiro ano tinham desenvolvido uma força significativa, juntamente com outras capacidades, apenas lhe causaria danos a falta de cuidado do rei. De qualquer maneira se fosse

totalmente humana, aquele aperto teria quebrado seu pulso, não era próprio de Noah ser tão descuidado.

- É hora de eu ir embora, - disse Noah, subindo e se aproximando rapidamente para dar um beijo na bochecha.

Com uma volta, o demônio do fogo tornou-se uma coluna de fumaça. A coluna entrou em colapso e se dispersou no chão resvalando para as rachaduras e buracos que condiziam para fora de casa.

Ele tinha ido apenas um segundo antes de uma tempestade de poeira ter violentamente atingido na sala, em torno da figura pequena Isabella. Que de repente se materializou na forma de seu marido, e com os braços enrolado em torno dela e segurando-lhe o pulso, a fim de inspecioná-lo imediatamente.

- Que diabos aconteceu? - Jacob gritou com o tom e a expressão de desgosto com quão brusco o rei tinha tratado sua companheira.

Desde que Isabella havia se tornado sua companheira há apenas três anos, Jacob havia se encontrado com pouca tolerância a que outros homens a tocassem, não importava que causasse o menor dano. Seu temperamento possessivo era parte da natureza do vínculo.

Até que Bella veio e o envolveu profundamente na tapeçaria da alma de Jacob e de sua própria existência, a ligação tinha sido tão rara que apenas uma vez havia sido mencionado como parte de um conto de fadas Demônio, como o que Noah estava lendo Leah. Para o Executor do sexo masculino, conhecer a intensidade deste raro tesouro o tornou um super-protetor irracional, às vezes excessivamente. Ainda assim, era melhor agora do que no início de seu relacionamento. Claro que, face à exasperação e frustração de sua esposa após cada incidente tinha julgado ser papel importante.

- Eu não sei, - sussurrou Isabella, em resposta ao que ele queria que fosse pergunta retórica. - Jacob - disse de repente, voltando-se para abraçá-lo e envolvendo os dedos ansiosamente sobre a trama frouxa da camisa de cor Borgonha que penetrou através da cintura fina. - Eu tenho medo, - colocou sua cabeça de cabelos negros contra o peito, escondendo o rosto bonito contra sua camisa até que ele podia sentir o calor radiante contra seu rosto. - Temo que um dia nossa estreita amizade com Noah seja testada da pior maneira possível.

Jacob franziu o cenho de maneira ainda mais misteriosa, com o rosto totalmente obscuro de intensas e nubladas emoções. Nuvens de preocupação deslizaram sobre o seu coração também.

Ele fingiu não entender. Era um Executor. Tinha sido bem mais de quatro séculos, havia decidido junto ao rei Demônio manter a lei rigorosamente. Sempre que as sagradas luas do Samhain ou Beltane próximas e passadas haviam tentado qualquer Demônio sem companheiro Vinculado a atacar os seres humanos fracos ou outros grupos vulneráveis na corrida. Estes criaturas inocentes não poderiam sobreviver à paixão de um Demônio tentando satisfazer seus desejos mais escuros, que eram tão fundamentais como a necessidade de comida, água e ar.

A intensidade dos efeitos só estava piorando a cada ano que passava. A cada lua sagrada via-se o seu progresso, não importava quão fortes e disciplinados fossem, se voltavam cruéis e regressavam a natureza selvagem do antepassados Demônios. Quando esse tipo de caos florescia, era o dever de um Executor garantir que não houvesse inocentes prejudicados e se isto ocorria, o infrator era punindo severamente.

Bella e Jacob eram os únicos Executores. Isto significava que os comportamentos da loucura sempre terminavam em um confronto com um ou ambos, um confronto com a loucura temporária do Demônios que haviam perdido toda a lucidez, a ordem dos executores eram identificá-los e capturá-los.

Depois havia o terrível castigo a infligir. Esta obrigação caía exclusivamente nas mãos de Jacob. Isabella não tinha desenvolvido o condicionamento e a blindagem no coração era necessária para implementar o castigo, e ele esperava que ela nunca precisasse. Era uma responsabilidade que tinha aceitado de bom grado, porque ele preferia manter o seu doce coração, sem qualquer peso sobre ele. O castigo para os Demônios envolvidos era uma humilhação indescritível, e para a pessoa que a sofreu era um estigma que durava muito tempo depois.

No final, significava que nenhum deles poderia fingir que não viam os sinais de um demônio que estava sendo empurrado para a beira da sanidade, a fase crescente da lua corrompia o sentido de civilização e da sutileza primária da moralidade. Havia pequenos detalhes, que provocavam uma aura vibrante de tensão crescente, ou a presença de comportamentos aberrantes apesar de serem leves, os advertia que um demônio estava lutando com sua própria natureza volátil.

Estas eram as faíscas que indicavam um curto-circuito e alertava sobre a proximidade de uma possível explosão.

Aparentemente Isabella via esses sinais no comportamento do rei Demônio. Se ele fosse sincero, Jacob teria que concordar, embora a mesma idéia remexesse o estômago. Se eles fossem forçados a lutar com um homem tão respeitado e poderoso, um amigo tão querido...

Isabella olhou para ele com um olhar triste, com olhos de compreensão. Ela era sua alma gêmea e, como tal, tinha acesso a todos os seus pensamentos, mas mesmo se ela não tivesse sido capaz de ler os seus pensamentos, saberia pelo que Jacob rezava.

Que Noah encontrasse sua companheira o quanto antes.

Era a única coisa que evitava o confronto inevitável que estava acontecendo entre o rei e seus Executores. O destino, que todos os Demônios reverenciavam tanto por seu progresso diligente, assim como seu humor caprichoso e irônico, visto que a vinculação fora da salvação da raça Demônio. Jacob nunca temeria outra vez a possibilidade de ter sua própria loucura durante as luas Sagradas. Aquela possibilidade tinha sido afastada quando Bella e a profecia Demônio sobre Druidas como ela havia caído em seu colo. Foi quando todos tinham ouvido falar que era possível encontrar uma alma gêmea nos Druidas que permaneciam intactos e ocultos na sociedade humana. Isto poderia levantar uma espécie ancestral que oscila à beira da loucura.

Isto teve também o potencial de reduzir as obrigações dos Executores. Algum dia, o cuidado levaria mais tempo do que a caça e a aplicação dos castigos. No entanto houve muito poucos conflitos nos três últimos anos, o que certamente não compensavam os séculos de ausência total de uma vinculação. A relação de Bella e Jacob era uma pequena gota de fortuna no mar enorme confusão em que os Demônios nadavam em cada estação sagrada.

Jacob se inclinou sobre sua pequena esposa e seus lábios tocaram suavemente o interior do seu pulso ligeiramente danificado. Como Druida, o ferimento era curado com rapidez suficiente para que de manhã não houvesse nada, mas como companheiro vinculado, Jacob sentia fortemente o acontecido, inclusive o mínimo de dor era difícil esquecer facilmente. E ele sabia o seu pensamento de forma clara, mesmo assim tentou acalmar seu coração.

- Eu acho que você se preocupa demais, - delicadamente repreendeu, rindo quando ela passou os dedos distraidamente na percepção do beijo na bochecha. - Noah está tenso, eu concordo, mas você pode ver claramente que ele compreende o que vai acontecer se fica descontrolado. Ele sobreviveu seis séculos e muitas luas sagradas sem perder o controle. Noah precisa apenas de uma coisa pequena como você, com apenas três décadas de idade, tentando ser uma boa mãe.

Seus olhos violetas se ampliaram com o insulto, e abriu a boca antes de se recuperar um pouco, seus olhos brilharam com a compreensão.

- Você está tentando me insultar com a intenção de que eu não me preocupe, - contestou ela. Os cílios escuros ensombream seu olhar e se inclinou sobre ele para pressionar o rosto contra o batimento do seu coração. - Eu te amo por isso, - disse, suspirando profundamente e suavemente.

A mão de Jacob acariciou a cortina preta de seu cabelo, aprofundando a carícia sobre a cabeça, sabendo que ele iria acalmá-la e assim por diante. Ela relaxou contra ele, fazendo um pequeno som de prazer.

- Nós dois vemos uma rachadura dentro do espírito de Noah, florzinha, - disse ele com ternura infinita, - mas nós cuidamos há muito tempo da nossa amizade com o Rei e esperava não ter que destruí-la.

Isabella assentiu gravemente e em seguida, aproximou-se para colocar os lábios contra seu marido, como ele estava cavando seus dedos suavemente no calor negro e chocolate de cabelos coloridos e arrastando seu pescoço contra seu forte peito. - Você está certo, - ela suspirou, o beijando novamente com ternura. - Você está absolutamente certo.

O cheiro era doce, como algodão doce em feiras quando fica girando no ar. A inocência dela retirou a esmagadora sensação madura de calor e entusiasmo animal que o inundou. Era uma vontade que ele conhecia, e ainda assim nunca chegou a conhecer a fundo. Estava cego por ela, como se seu corpo inteiro fora um só músculo flexionado preparado e alerta.

Ela o havia enfrentado em todos os momentos. Sempre havia feito. Às vezes ele pensava que o fazia apenas para aborrecê-lo, mas acima de tudo ele podia sentir sua hostilidade, em parte porque era uma luta de poder em que ela sentia que tinha de vencer, independentemente do custo. Pensava que ela era uma criança muito jovem para estar tão cansada, mas ainda assim suas chegadas eram sempre boas-vindas, e

isso era sempre contraditório. Era algo que podia sentir, além do cheiro de algodão doce e seu longo cabelo platino.

Mas ela foi feita para ele, escolhida pelo destino, se queria ou não. Toda esta resistência emocional passiva acabaria por anular, enquanto ela estava sobrecarregada com outros sentimentos que ditou a sua alma sobre a educação e fortes barreiras mentais. Ele aproveitou sem piedade, cancelando seu entusiasmo para competir com ela pelo poder, até que ela fora capaz de compreender que a relação era uma força contra a qual nenhum deles poderia enfrentar.

Seus dedos e mãos em torno das curvas do corpo feminino que tinha uma textura sobrenatural. Parecia com as pétalas de uma flor, mas também tão sedosa como vital. Ela superava o adjetivo "suave" de uma centena de maneiras diferentes. No entanto, não havia dúvida da força sob a sua pele delicada. Como ela fazia para ser tão forte? O que ela pensaria quando em guerra sensual e emocional fora forçada a uma inevitável rendição?

Longe de respostas a tudo isto quando ouviu a respiração dela, direta e frustrante, lenta e grossa sobre a sua pele e nervos, como a névoa densa de Louisiana em pleno verão. Ele sentiu seu cabelo, uma cascata de seda forte que se espalhou de forma aleatória sobre a sua pele muito quente, de tal maneira que se sentia atado pelo mesmo.

Apesar de tentar com todas as suas forças, tão poderoso quanto poderia ser não podia ver seu rosto. Tentou perguntar seu nome, mas era mudo. A paralisação de suas cordas vocais se esticava de vez em quando por seus membros. Podia sentir, mas não tocar. Poderia tocar, mas não receber sua resposta. Poderia olhar, mas não ver realmente. Apenas existia o infinito brilho do cabelo vermelho. Ele rangeu os dentes em indecifrável frustração, lutando contra a mística vinculação que lhe convertia em prisioneiro.

Tudo o que queria no mundo era ver seu rosto.

Noah acordou de repente, sentado e tomando ar rapidamente.

Sentou-se entrando com súbita violência na realidade, seus largos e firmes dedos emaranhados firmemente em torno de suas pernas e quadris sem roupas. Tentativa introduzir oxigênio com jatos grandes e afiados. O suor deslizava por seu nariz aristocrático, pingando pela ponta. Fazendo companhia ao resto do suor que

ocupava quase toda a superfície de sua pele. Seu cabelo preto estava encharcado. Quando o suor chegava ao final dos cachos ele caía idêntico a chuva em um telhado.

Quando conseguiu acordar o rei Demônio levou uma toalha em direção ao seu rosto para remover a umidade que o deixou quase cego. Então percebeu que o tecido estava carbonizado e duro, como se alguém tivesse deixado cair um ferro quente por muito tempo.

E esta, apesar de estar queimada, ainda tinha o cheiro de algodão doce.

 CAPÍTULO DOIS

Corrine olhou para cima quando ouviu alguém bater educadamente na porta da casa que dividia com seu marido, Kane. Levantou as sobrancelhas e balançou a cabeça. Deixou o livro que eu estava lendo, descruzou suas longas e finas pernas e levantou lentamente.

Era incomum que as pessoas com quem convivia se dessem ao trabalho de uma cortesia tão banal como uma chamada. A sociedade Demônio a qual o seu marido pertencia não tinha noção de privacidade que os humanos tinham. Dado que os amigos e parentes do marido eram quase as únicas pessoas que eles tinham contato atualmente, a chamada era surpreendente.

Era preocupante.

Havia perigos que levavam em tais circunstâncias. Coisas que pareciam terrivelmente comuns, mesmo as que estivessem fora do comum, às vezes anunciavam perigos igualmente únicos.

Os Demônios estavam agora, como haviam sido no passado, contra uma seita de seres humanos que os caçavam usando a força da magia negra. O grupo tomou o lado pessoal do mundo Nightwalker de todas as raças, vampiros, licântropos, Demônios, Shadowdweller... E que, mesmo que provavelmente poderia acrescentar à lista a delicada raça Mistral que chegaram a saber sobre eles. Tudo parecia importar para esses 'tipos' era que todas essas raças tinham um poder que eles não tinham.

E lhes temiam.

E o medo sempre levou a ações desastrosas. Ela própria era antes humana, assim Corrine sabia muito bem onde levava o ser humano em sua crueldade e brutalidade para satisfazer as diferenças e o desconhecido. Para piorar a situação,

cerca de dois anos atrás, uma poderosa Demônio chamado Ruth tinha mandado embora a moralidade e o sentido e se juntou às fileiras destes auto-proclamados carnicheiros. Tinha-lhes proporcionado informações sobre a maior vulnerabilidade da raça Demônio. Ruth não se importava com nada, especialmente desde a morte de sua amada filha, a qual culpava a Noah e a todos os altos cargos do poder.

Corrine tremeu com o frio que passou por sua cabeça quando lembrou o ataque que sua irmã Isabella tinha sofrido ao qual quase a matou e ao bebê que estava esperando na época. Corrine mesma tinha sido vítima dessa seita uma vez, dentro de sua própria casa. Adicionando alguns dos horríveis relatos que Kane havia discutido com ela, ficou claro que ninguém estava realmente seguro até Ruth e sua comitiva fosse neutralizada.

A vingança de Ruth começou como uma simples batida na porta. Kane constantemente a avisava que antes de abrir a porta ela pensasse em como se mover em qualquer direção que não estivesse fora do seu círculo de proteção. Agora, embora ele estivesse sempre perto dela em espírito e sempre podia usar seus poderes como demônio da mente de teletransporte ao seu lado em uma batida de coração, todavia tinha muito medo de ficar sozinha com o desconhecido.

- Corrine?

A fraca pergunta provocou nela uma onda de alívio, forçando um suspiro involuntário quando a sentiu. Correu para a porta depois ouvir a voz familiar que vinha do outro lado. Com um suspiro abriu a porta da entrada, sorrindo quando a voz se juntou com o bonito rosto do Rei Demônio. Sua expressão de boas-vindas combateu o impulso de brigar com ele por provocá-la com uma ansiedade clara.

Noah sorriu para a esbelta ruiva, percebendo, como sempre, um cabelo crespo abundante que era a primeira coisa que se observava nela. Era mais alta que sua irmã Isabella, mais esbelta e com pernas longas, mais que sua pequena Executora, que decididamente tinha uma figura mais compacta e curvilínea. Na verdade, se não por suas atitudes e os acentos do Bronx, Noah não poderia sugerir qualquer semelhança entre eles.

Noah percebeu a nota de ansiedade em seu rosto, no entanto, sentiu a energia cinética de medo residual como uma brisa morna. Foi então, que se deu conta que a tinha dado um susto, e repreendeu-se por não considerar antes suas ações.

- Desculpe, - disse ele baixinho, mantendo as mãos no lastro da porta, tentando transmitir calma com sua voz. - Assustei-te?

- Me alterei um pouco, - disse marcando o sotaque Bronx, devido à sua calma agitada. - Desde quando é que um Demônio bate na porta?

- Desde que os Druidas, que fazem parte dos humanos, com fraquezas humanas, começaram a se juntar à nossa sociedade, - disse com um sorriso, curvando-se corajosamente para colocar um reconfortante beijo no dorso da mão que balançou.

- Eu estou tentando me comportar corretamente.

- Seus esforços são apreciados, - elogiou Corrine, apartando o sorriso do rosto com exasperação, - mas da próxima vez, deixe-me saber antes de ter um comportamento incomum em um Demônio. Tinha uma visão que uns furiosos Usuários de Magia vinham atrás de mim. Ou pior.

Ela finalmente desistiu de seu medo, oferecendo uma amostra de tranqüilo afeto, abraçando-o em um acolhimento caloroso e familiar. Ele transmitiu energia calmante e ternura com o abraço, de modo que a velocidade da batida de seu coração, devido à agitação do medo, foi reduzida. Ele tinha vindo para buscar conforto, liberar-se de uma tortura que já durava muito tempo. Não pensou que a sua vinda iria assustá-la de morte.

- Está com bom aspecto, - disse ele quase ao mesmo tempo, que ela pensou que ele não parecia o mesmo.

Mesmo nas piores circunstâncias ou coação, Noah sempre transmitia todo o poder que tinha. Como um demônio do fogo, seus recursos energéticos eram virtualmente ilimitados. Poderia emprestar energia ou força de vida a qualquer coisa viva para revitalizar-se. Corrine suspeitava de que apesar da compulsão letárgica do sol que todos os Demônios sofriam Noah não precisa dormir para repor a força gasta durante o dia.

Mas isso não era segredo para Corrine, ou qualquer pessoa que teve a menor familiaridade com a natureza geralmente tolerante do Rei Demônio, mas esse Noah que se via estava um pouco tenso.

- Bem, - disse Corrine, desta vez se sentindo infinitamente mais relaxada. - O que o traz ao nosso pequeno canto do mundo?

- Oh, eu estava apenas visitando, - o rei disse baixinho, apertando as mãos atrás de suas costas enquanto ela ficava de lado para permitir a entrada de sua casa. - Kane não está aqui - observou.

- Não, está visitando Jacob neste exato momento.

Percebeu o sorriso do rei ampliasse automaticamente a menção do nome do seu cunhado. Corrine pensou, com certa diversão, que o afeto do rei para com Jacob era óbvio. Ao contrário dos seres humanos, os Demônios não estavam sujeitos aos confusos rituais que antecediavam a revelação dos sentimentos de uma pessoa por outra. Na verdade, pode-se dizer com confiança que mostravam seus corações em suas mangas, bordado em um vermelho vivo, com sinais sugestivos de neon, diziam categoricamente o valor que uma pessoa tinha dentro de seu coração.

Foi uma daquelas coisas em sua cultura complexa que ela tinha chegado a apreciar e desfrutar. No entanto, Corrine se divertiu com a maneira de Noah fazer seu favoritismo claro de Jacob. Noah e Jacob tinham um tipo muito especial de amizade que só era possível entre dois homens que possuíam diferentes tipos de personalidades e poder.

No entanto, ela estanhava porque Noah tinha ido a sua casa. É verdade que a sua irmã e cunhado tinham uma relação muito estreita com Noah e seu afeto, naturalmente, estendida por associação familiar. Mas para dizer que Kane e o Rei eram amigos especiais teria sido um exagero. Ah, claro que eram amados por Noah como qualquer outro membro da sociedade Demônio, mas era raro que o rei teria vindo sem ter um propósito por trás.

Corrine observava com curiosidade enquanto caminhava confortavelmente ao redor da casa enquanto decidia o que poderia dizer. Havia estado lá antes, uma vez, mas não em circunstâncias que teriam permitido perceber o calor e decoração, as bijuterias femininas Corrine haviam colocado. No entanto, não questionava a motivação do rei, e até agora Corrine estava satisfeita com sua visita e deixaria que ele a abordasse em seu devido tempo.

- Porque não visita a sua irmã, enquanto Kane visita a Jacob? - Perguntou o Rei iniciando a conversa, o acento rico era mais denso e mais maduro do que o seu marido. Noah tinha mais de meio milênio que Kane. As modulações verbais de Kane vinham do Inglês, das modulações Inglesas de Jacob para ser mais precisa. Mas, como ambos os sotaques elegantes de Jacob e de Noah procediam da antiga língua dos Demônios que veio antes do Inglês ser introduzido no dialeto.

- Eu a vejo muitas vezes, - Ela assegurou inclinando-se ligeiramente sob o arco elevado da sala que Noah observava com singular fascínio. - Eu realmente preciso ter um dia de folga de ver a minha sobrinha linda. Leah é uma versão terrível de Demônio e Druida, e acredite em mim, eu mereço algum tempo para mim.

Especialmente com Samhain ao virar a esquina. Uma vez que os Executores estarão ocupados, eu terei muito tempo para me preocupar com a menina.

- Verdade, - Noah concordou, soando um pouco mais a sério, sem que fosse ciente disso. – Acho que Leah é um demônio. Embora também parte Druida e parte humana quando você olha para a sua linhagem, os seus filhos... as crianças nascidas de um Demônio e de um Druida só podem ser um ou outro. É porque as raças foram capazes de se manterem independentes de geração em geração. Claro, não podemos saber ao certo até que entre o poder como Demônio e permaneça inativa como um druida... Mas a profecia fala que Leah será uma nova raça de demônio. - Noah fez uma pausa, estimulando ainda mais a curiosidade de Corrine que se movia como uma figura pequena, de forma que estava totalmente fora de lugar em comparação ao caráter imperturbável do rei. - Sua irmã estará ocupada nestas próximas noites. Gostaria de saber quem confiar o cuidado de Leah, considerando que os demônios nunca são totalmente confiáveis perto do Samhain e...

Ele parou mais uma vez imerso em sua intensa luta interna. Era Claro, Corrine estava muito familiarizada com os inconvenientes que acometiam os Demônios no dia de Samhain em suas fases lunares. Assim como estava familiarizada com seus benefícios.

Tinha sido uma lua cheia de Samhain que ela tinha se juntado com Kane, em uma vida feliz, cheia de paixão e amor. Entretanto, a maioria do tempo de espera no processo tinha causado a sua destruição quase total. Corrine poderia insinuar-se com a agitação de Noah. Além disso, o rei não era casado, ou Vinculado, como eram chamados os demônios, por isso era tudo mais difícil para ele. Corrine não havia notado nenhum sinal da perda de controle de Noah, mas não era uma especialista neste domínio. O que ela percebeu foi uma empolgação momentânea.

O autocontrole de Noah era lendário e sem precedentes e seu caráter era sempre sereno. Somente se agitava quando sua família era ameaçada. Mesmo uma ameaça à sua sociedade inteira poderia perturbar a profundidade esperado nas circunstâncias. Assim, vê-lo alterado em alguns situações causava preocupação e curiosidade.

Apesar da advertência leve na parte traseira de sua mente, Corrine com paciência suspirou e disse:

- Noah, posso fazer alguma coisa para te ajudar?

Noah olhou para cima como se estivesse contemplando uma estatua distraído, com os olhos cor de jade com pintas cinza encontrou os olhos dela de uma forma que somente alguém da realeza ou em uma grande posição social poderia fazer. Noah não era um rei cruel ou demasiado rigoroso, mas era um homem que utilizava dos privilégios que acompanhavam a sua posição, uma posição que tinha ganhado de modo mais árduo. Os Demônios selecionavam seu rei por méritos próprios, não se baseavam em ascendência ou nascimento.

- Vamos, - disse delicadamente persuadido ao rei, e se deslocava ao redor da sala transmitindo o calor do seu corpo enquanto invadia seu espaço pessoal. Era um truque que aprendeu com Kane. A melhor maneira de acalmar o caráter às vezes volátil de um demônio do fogo, a tinha dito, era enviar o calor da energia e boas intenções perto deles, pois tinham um efeito calmante. - Sei que te preocupas por mim e Kane, mas não tem o hábito de vir nos visitar. Você ama minha irmã para isso, não a mim.

Noah olhou para seus pés e riu baixinho, um som curto seguido de um aceno triste. - Estou envergonhado, - ele sussurrou. - Eu nunca pensei que mostrava o meu favoritismo tão obviamente.

- Honestamente, eu prefiro ser pouco favorecida. - Pegou os cabelos com um sorriso bonito e coquete. - Quando você ama alguém, Noah, elevas essas pessoas para uma posição significativa dentro de seu círculo de assessores ou em seu exército defensores. Como eu digo Noah, ama a minha irmã e me deixa em paz!

Por fim, Noah realmente riu. Jogou sua cabeça para trás, os reflexos vermelhos da lâmpada a gás fizeram brilhar o seu espesso cabelo cor de ébano. O som da sua gargalhada era contagiante, e isso fez Corrine rir para acompanhá-lo. Ele a aliviou um pouco, bem como aumentou a gravidade do que estava em sua mente.

- Eu informo, que você pode apenas frustrar o seu próprio esforço, Corrine. Até agora, eu realmente aprendi a apreciar o calor do espírito e coração que tem a sua família. Eu assisti a sua irmã. Portanto, eu peço perdão. - Ele deu uma reverência graciosa e cordial, afastou-se dela com um sorriso.

- Maldito seja se eu me tornar um membro do Conselho ou algo assim, Kane vai ficar louco! - Ela brincou.

- Sinto muito, só é permitido aos anciões no Grande Conselho.

- Explique-me sobre minha irmã! – Exigiu recordando que Isabella tinha apenas trinta anos e a idade mínima era de três séculos.

- Bom isso é diferente. Ela é uma Executora.

- Sim, sim. – Corrine falou com o sarcasmo que uma irmã menor quando fala sobre uma irmã maior. – Não me acuse de mudar de novo de assunto, Noah.

- Nem pensar, - assegurou ele, seus olhos se tornaram sérios em um só batimento cardíaco após dizer as palavras. Desta vez, ela tomou um par de minutos para organizar seus graves pensamentos. Tomou-me muito tempo para decidir vir até você, Corrine, - comentou no último.

O rei ficou longe dela por breves instantes e em seguida, olhou-a novamente. Corrine viu como esfregava as mãos, como se fosse para proteger contra o frio. O conceito de Demônio do fogo pegar um resfriado era absurda. Ela mordeu o lábio para segurar sua língua, e de alguma forma não conseguiu se cansar.

- Desde que as encontramos a ti e Isabella, só fomos capazes de localizar outros três druidas. Pode me dizer por quê? O que você acha que pode ser a causa?

A questão estava fora do contexto, mas se Noah estava indo nesta direção ela suspeitava que não poderia ser tão ridícula.

- Tenho uma teoria, - ela respondeu de bom grado. – Não se sabia até recentemente a existência de nenhum Druida, todos pensavam que foram instintos na guerra ocorrida a mais de mil anos. – Corrine sabia que ele estava familiarizado com a história, pois não se espantou com o comentário. – Mas quando Jacob se uniu a Bella e Kane me tocou aquela noite pela primeira vez, provocando o surgimento do nosso DNA Druida latente, poderia ter ocorrido de maneira diferente.

- Uma dura lição, - comentou Noah.

- Sim. – Ela estava de acordo. Assentiu com um sorriso meio no canto da boca, as palavras pareciam mais divertidas do que irônicas. - Como você sabe, uma vez que a genética de um Druida é ativada, ele deve manter-se relativamente próximo do Demônio, que se tornará o seu parceiro vinculado. Quando Kane se separou logo após o nosso primeiro contato me privado de sua exclusiva energia eu sofri por isso.

- Com Bella, o poder da mudança foi quase instantâneo. Comigo a fome de energia Gideon comparou com danos cerebrais, demorou cerca de um ano antes que eu sequer soubesse que meu talento era a capacidade de busca de híbridos Druidas escondidos, especificamente destinadas a serem parceiros perfeitos para os Demônios. - Ele deu um sorriso irônico. - Deste modo a primeira parte da minha resposta centra-se do revés sofrido quando me tornei uma Druida, porque

realmente não havia outra maneira de determinar a genética latente Druida que está escondida entre os milhões de seres humanos.

Corrine exalou um profundo suspiro.

- O resto da culpa, no entanto, são dos próprios Demônios. – Disse. – Agora me encontro em plena potência Noah. Assim tem sido a maior parte do ano. Não tenho mantida oculta a minha habilidade Druida, no entanto tenho de esperar que teus Demônios venham até mim para encontrar seus companheiros. – Ela dedicou a Noah uma um olhar frustrado, uma vez ele era estava ali como único representante de seu povo. – Estão sendo extremamente furtivos, e ainda me pergunta por que só apareceram apenas três Druidas? Exatamente porque apenas três Demônios vieram me pedir ajuda. Não posso capturar Demônios e obrigá-los a me fazer buscar seus parceiros. Preciso que estejam abertos e dispostos para ajudar-me a ter êxito em minha busca. O que causou os três Demônios virem até mim? Eles estavam cheios de desespero mental e físico antes do Beltane e Samhain.

- Estou convencida de que só vieram para me ver apenas como um último esforço de evitar algo que atrairia a punição dos Executores. - Ela deu um curto e amargo sorriso. - Acho que sou vista como o menor dos males. Melhor ter um companheiro Druida que um executor sobre você. – Sacudiu a cabeça. – Não entendo!!! Na cultura humana, passamos a vida à procura de nossa alma gêmea, a maioria nunca encontra. Apesar da frustração e do cansaço procuramos uma e outra vez. Mas aqui, estas pessoas têm um caminho, através de mim, e mesmo assim me tratam como se fosse fazer-lhes um tratamento de canal ou como se eu fosse uma praga!!! Talvez você possa me explicar Noah, porque eu não entendo.

- Me equivoco se eu disser que todos vocês foram criados com histórias de contos das glórias da vinculação? - Ela percebeu que tinha batido em seu coração quando o Rei evitou os olhos e mudou o peso de seu corpo incomodado. – Se de repente, eu digo que histórias como Cinderela e Bela Adormecida são absolutamente verdade e tudo o que tenho a fazer é chamar certa porta para encontrar o meu príncipe encantado não hesitaria em fazê-lo. - Então ela sorriu e corou, sua mente tornou-se como uma nuvem de memórias de quando acordou e viu-se amarrada a um homem perfeito. Ela lembrou o desejo inegável de sua união com Kane. - Eu nunca tinha ouvido falar em vinculação, - disse ela com paixão. - Não fazia parte do meu folclore. Mas agora na minha vida eu aceito com muito prazer e gratidão. Por que seu povo não pode?

O rei não respondeu imediatamente à questão passional. Em resposta, olhou-a direito e finalmente tocou-lhe o queixo com dois dedos, fazendo com que seus olhos estivessem fixos nos dele. Ela sentia o jade de seus olhos e a fumaça de emoções quando ele a estudou por um momento longo e silencioso. Corrine de alguma forma conseguiu manter-se relaxada em baixo da desconcertante e fixa olhada. Não tinha idéia do que ele via, nem o que queria, mas ela suspeitava que fosse importante para ele encontrá-la antes de dar uma resposta.

- Tem levado muito bem na sua armadilha, né? – A acusou suavemente, mas sem malícia.

Corrine fingiu ignorância.

- Noah, és um rei sem companheira. Se não vem a mim, quando claramente em longo prazo será necessário, por que outros fariam o contrário?

- Eu fui tão óbvio? - Ele perguntou seu tom oprimido por sentimentos torturados sobre o assunto, a mão apertada ao redor de sua reflexível mandíbula.

- Devo dizer... Só a partir de teu capitão Guerrero casado com uma Rainha Licántropo. Era o último solteiro que se mantia perto de ti. Primeiro foi Jacob, depois de Gideon e sua irmã, e depois Elijah caiu no amor de Siena, não passou muito tempo para você começar a rosar ao redor do castelo.

- Maldita seja, - disse Noah suavemente, se sentido exposto.

Apartou-se dela passando a mão inquieta pelo cabelo.

Corrine foi consciente da presença telepática sempre alerta de seu marido. Protestava pelo modo que Noah há havia tratado, mas se manteve afastado dos dois, tentando manter-se fora de seus assuntos, pois sua discussão com Noah era privada. Kane saiu da cabeça dela com incrível velocidade, respeitando o seu desejo de respeitar o seu rei.

- Você tem que entender, - Noah disse olhando pela última vez uma janela próxima, - que por muito tempo nenhum de nós tem atenção para a grave questão da vinculação. Durante séculos tem sido tão raros como... como...

- Uma bola de neve no inferno? – Ofereceu Corrine em resposta.

- Inferno, - sorriu ele tristemente. – O conceito que os humanos têm do inferno é divertido, tendo em conta que os “demônios” têm a fama de serem seus principais inquilinos. Tenho que admitir que hoje haja alguma verdade nisso, Corrine. Eu adormeço a cada amanhecer, mas não tenho descanso. É porque eu visito o meu próprio inferno, onde uma beleza atormentadora está sempre fora do meu alcance

e um desejo de satisfazer minhas emoções fora do alcance de mão. Toda vez que eu fecho meus olhos, sonho com essa mulher que se destina a conhecer-me. Eu sonhei com ela todos os dias sem exceção por seis meses.

Corrine tremeu visivelmente quando ele transmitiu esta informação com uma dor tão evidente. Não tinha idéia que isso significasse tão horrível tortura. Sofrer um sonho distante de seu companheiro perfeito por um semestre deve ser semelhante a um inferno para uma espécie que sentia tão intensamente e profundamente como fazia Noah.

- Por que você não veio a mim antes? - Por fim perguntou, sabendo sem qualquer dúvida de que este foi o motivo que o levou a visitá-la.

- Porque eu sou o rei, pequena Druida. Provéns de uma cultura que não significa muito para nós, mas certamente ele vivendo com Kane lhe deu uma idéia melhor.

- Tenho sim. O suficiente para saber que um Demônio de tua raça não espera que sigas sozinho pelo bem de teu reino. - Corrine afastou os pés e colocou as mãos no quadril. - Na verdade, cada demônio se mofaria com essa idéia. Não culpo isso ao seu povo, Noah. Não conheço sua sociedade muito bem, mas sei que ficariam felizes em ver você colocar o seu coração nas mãos de uma companheira vinculada. Portanto, vamos nos permitir ir a questão do porque que você dormiu na cama, se torturando durante longos dias, em vez de vir e pedir a minha ajuda.

- Maldita seja mulher - gritou, batendo na moldura da janela com o punho rígido, sacudindo o vidro. - Seu marido não lhe ensinou como falar com alguém na minha posição?

- Oh, beije minha bunda - gritou Corrine honrando o seu famoso temperamento de família. - Se você estiver vindo para apresentar o protocolo e toda essa merda, então prefiro não perder meu tempo! - Ela deu um passo, apesar de que seu caráter tinha causado ar em torno dele esquentado consideravelmente. - Você não é do tipo de monarca, que deixa perder a oportunidade de dar o exemplo para um povo sofredor. E está sofrendo, Noah. Quanto mais tempo permanecer sem se vincular mais provável que seus instintos entrem colapso e você está quebrando as leis e pondo em perigo pessoas inocentes. Você é um líder notável e erudito. Onde está sua inteligência quando a isto? Kane me diz que você procurou por séculos, uma cura para o sofrimento de seu povo durante a noite santa. Bem, está aqui, Noah - disse com veemência, colocando os dedos no peito. - Ela está dentro de mim! Venha para mim. Faça-os virem a mim.

- Corrine...

- Que? Que desculpas têm agora? – Gritou ela.

- Não há desculpas – ele assegurou com um suspiro. - Só a confissão. A confissão da verdade por trás de todas as suas perguntas, perguntas que você tem direito a fazer.

- Quais são? – Perguntou.

- Medo – respondeu com um suspiro. – Puro e simples medo.

- Medo? – Corrine se afastou por um momento. – Homem de Deus, como é que tens medo da vinculação? Noah estais cego? Não vês o grande amor que te rodeia nestes três últimos anos?

- Sim, sim, - disse ele, impaciente quando olhou o passado. - Eu tenho os olhos e sint. Giram em torno de mim como pequenos planetas, profundamente imersos em seu próprio mundo, composto de seus olhares e pouco espaço entre seus corpos apaixonados. Tenho um ciúme cego de tudo isso Corrine!

- Noah, por favor... Perdoa-me. – Pediu ela com sinceridade franzindo o cenho confusa. – Não entendo, realmente quero entender mas não entendo. O que você tem medo? Por que ter ciúmes quando eu posso te dar a nossa felicidade? Você é tão brilhante, mas não vejo lógica aqui!

- Tenho medo... - Ele hesitou com o palavreado amargo por seu desconhecido gosto. - Tenho medo que seja tarde demais para mim.

- Noah...

- Ela está sofrendo. Ela passou por muita dor e eu não estava lá para ajudá-la - rapidamente confessou. - Eu não sei do que se trata, porque ela sofre, porque suas emoções são sempre voláteis. Eu tenho medo de atraí-la a mim, para empurrar essa minha existência. Ser minha rainha não seria uma vida fácil, Corrine. Estará em perigo, especialmente à luz dos recentes acontecimentos. Ela se tornaria um alvo. Sim, será aceita pela maioria, mas os que não a aceitam podem se tornarem brutais com suas opiniões, como sem dúvida você sabe pela experiência de sua irmã. Pergunto-te, como eu posso trazer em sã consciência uma alma torturada ao meu mundo para minhas necessidades egoístas, sabendo tudo isso?

- Noah. - Corrine disse suavemente com surpresa. - Noah irá trazê-la aqui para dar o seu amor. Não há dificuldades no mundo que não se pode lidar com o tipo de amor que envolve a vinculação! Você mesmo disse que não sabe se ela ainda sofre. Vai deixei-la continuar sofrendo, sabendo que pode ajudá-la?

Noah fez um som de angústia e seus olhos cinza ficaram ainda mais escuros. A idéia era inconcebível e perfurava-o como milhares de espinhos afiados. Em uma frase Corrine horivelmente mudou suas idéias preconcebidas e equivocadas de nobreza. De repente se sentiu oprimido pelo sentimento de que eu tinha perdido tempo. Agora ele percebeu que o tempo era um escuro inimigo e estava em uma corrida mortal com ele.

- Diga-me como, - exigiu ele, - Corrine me ajude.

A Princesa Miserável
um conto de fadas Demônio
Continuação...

Soavam muito bem as histórias de amor sobre a vinculação, mas a princesa Sara era mais prática. Ela sabia que seu pai estava à procura de um milagre, sabendo que enlouqueceria em seu desespero para realmente corrigir as probabilidades em seu favor. No momento estava destinado a mantê-la em seu belo trono, adornada e sendo exibida como um troféu a ser conquistado. Era como estar à tona em uma balsa em um mar de piranhas famintas, e Sarah não era estúpida o suficiente para colocar um só dedo na água, para não ser engolida e cuspidada de qualquer maneira. Então Sarah se empenhou a todo custo aparecer fria e desinteressada para que ninguém ousasse se aproximar dela.

Justo neste momento o Executor caminhou para o campo de justa.

Uma frieza imediata ondulou para fora do local onde ele entrou na arena atravessando os participantes e a multidão nas bancadas. Foi claramente visível como abalou a todos, cada adulto e criança, sopros zumbiam ao seu redor. Hostilidade e, sim, o ódio absoluto que todos tiveram deste homem de grande poder que reforçou as leis do rei aplicando humilhantes castigos a todos os que quebravam essas leis, era palpável.

Sarah estremeceu apesar de si mesma, quando o Executor estava atravessando o campo da justa, aparentemente inconsciente da turbulência emocional que estava causando em torno dele. Se fosse honesta, teria deixado de lado o medo e o preconceito, mas ainda se sentia intimidada por suas próprias façanhas. Se ele tivesse sido um mero guerreiro, provavelmente teria feito um nome glorioso na

batalha, mesmo em tais competições. Mas suas batalhas foram travadas contra seu próprio povo.

Tinha em sua frente à imagem de um verdadeiro vilão. Um vilão tolerado por seu Rei.

Seu nome era Ariel, para um homem tão infame tinha um nome demasiadamente angelical. Possuía barba e bigode, mas ambos estavam aparadas de forma perfeita. Escuras e espcas sobancelhas estavam esculpidas acima de seus olhos e seu cabelo era suficientemente grande para descansar na altura da nuca. O cabelo era de um tom escuro, elegante e com um brilho que demonstrava ser sedoso, com detalhes em azul marinho por causa dos reflexos brilhantes formados pela luz da lua.

Neste momento, a espessura dos fios escuros se separou de seu rosto revelando um olhar frio azul que tão facilmente aterrorizava quem enfrentava o Executor. Eles eram como o cristal, brilhando como gelo glacial, como o petróleo.

E olhavam diretamente para Sarah.

A princesa sentiu como se lhe percorria um calafrio, a emoção lhe deu arrepios. Esqueceu seu comportamento infantil imediatamente e se endireitou como uma altivez figura de uma mulher de sua idade. Ela não tinha certeza se o que via era um sorriso uma vez que os bigodes estavam em seu caminho, mas pode ver a diversão em seus olhos frios.

Ele caminhou corajosamente os degraus que conduziam à plataforma em que estava, inconsciente do medo dos poderosos Demônios que estavam abrindo caminho, à medida que iam se afastando com um passo atrás como medida de segurança. Princesa Sarah também teve medo, a batida do seu coração disparou descontroladamente e as palmas das suas mãos estavam umedecidas. Ainda assim, suas mãos suadas seguravam firmemente os braços do trono e forçou-se a sorrir, só para mostrar que ele não podia intimidá-la, embora nunca esteve tão perto dele quanto estaria em apenas um minuto...

A princípio, tudo que se podia ouvir era o toque baixa e estável da pulsação de seu coração.

Ela levantou o rosto, e sentiu o frescor fora do calor travesseiro. O batimento cardíaco se tornou ainda mais distante ao levantar a cabeça e piscou por causa da claridade.

Depois ela foi consciente de um cheiro que entorpecia seus sentidos. Toda vez que eu fechava os olhos estava lá. O cheiro tinha temperatura, se fosse possível. Calor, sem ser forte. Suave em alguns níveis, como um sutil almíscar de flerte. Em outros níveis era embriagador. Rico e amadeirado.

Sim, era muito bom.

Fumaça. De cedro ligeiramente queimado, brasa que ardia de doces madeiras de maçã. Aquele era o cheiro.

Era o mesmo cheiro que a tinha envolvido loucamente por meses sem fim. Ele a tinha atormentado constantemente, às vezes frustrantemente, impondo à sua maneira, e às vezes de uma forma apaixonada que provocava uma frustração que era introduzida lentamente sob sua pele.

Não gostava que ela ficasse longe dele, e ele mostrava com o movimento possessivo de suas mãos quando estava enrolado em seu cabelo. Ela sabia instintivamente que seu cabelo o fascinava. Ele sempre queria tocá-lo, segurava-o firmemente, esfregando seus lábios sobre ele.

Estava cansada demais para lutar com ele. Após seis meses de alegre e enlouquecedora tortura de suas persistentes mãos e natureza obstinada, tinha-se tornado muito dependente de maneira que mais cedo ou mais tarde, cederia à sua vontade... Antes que ele chegasse, estava orgulhosa do controle que exercia sobre seu próprio corpo. Ginástica, artes marciais e maratonas era seu entretenimento, e se destacou em todas as ocasiões de sua vida.

Mas tudo isto rapidamente a levava ao diabo em uma cesta no momento em que a ponta de seus dedos tocava sua pele e sua respiração sussurrava em seu ouvido. Ele falava, ela sabia, mas as palavras eram suprimidas em sussurros ininteligíveis e seu hálito quente cada vez a excitava mais.

Embora não a importava muito. Não podia ver os traços do seu rosto, assim poderia dizer que isto era apenas um produto da sua imaginação e, portanto, não havia perigo para se saciar.

Mais tarde lembrou que sua imaginação tinha uma fixação por este fascinante homem misterioso assim como seu cheiro atraente, cada vez que sentia, seu coração se acelerava quando reconhecida a um nível distante que isso era mais que apenas um sonho. Esse era o pensamento que sempre a aterrorizava quando lutava com ele. Uma tentativa de luta mesmo sabendo que era inútil. Ele nunca teve que forçar sua vontade, poderia fazê-lo apenas com suas habilidades e seu suave toque,

com a marca de seus lábios e boca quando a consumia lentamente com a força de seus beijos.

Kestra saiu do sono com um grunhido de desconforto, obrigando-se a acordar para fazer um som audível de protesto e rejeição. Ela se deitou nos lençóis suados, respirando com dificuldade e sentindo dor no peito devido aos golpes violentos do coração. Ela pressionou a palma da mão contra o peito.

- Maldito seja! - Maldição, mas não tinha certeza se estava amaldiçoando o homem do sonho, Deus, ou a ela mesma. Não importa quem era, jogava com sua cabeça quando estava dormindo e em seus momentos mais vulneráveis. Era desgastante para ela, causando estragos em sua concentração, força e equilíbrio, que eram suas principais ferramentas de trabalho. Quando James começou a perceber que ela perdeu o ritmo, em seguida realmente estava consciente de que tinha problemas. Necessitava Dormir, mas dormir não era atualmente a solução. Quando tentava ficar acordada, sempre fracassava vertiginosamente, caindo irremediavelmente na inconsciência e mais tarde na interminável inquietação...

Kestra deslizou para fora da cama, passeando com seu corpo quente e úmido através da fria habitação. Em um ritmo calmo, shorts curtos xadrez, apertado na cintura e ajustados no quadril e um top branco, tentando se livrar da ansiedade que sentia após o sono.

Necessitava de sexo urgente.

Isso era tudo que eu poderia supor para o momento. Tinha que ser por isso que ela estava curtindo as fantasias do sonho mais erótico que teve, só para acordar mais insatisfeita do que nunca. James teria rido da idéia de sua solução. Ele conhecia a bem o suficiente para saber que seu trabalho era sua melhor forma de libertação, não o sexo. Mas ela tinha explodido as lojas do cais na noite passada, e ainda lá estava ela novamente tendo sonhos profundos e intensos sexualmente inadequados.

- Não aguento mais, - murmurou para a sala fria e vazia. - Alguma coisa tem que mudar, e é o melhor que seja feita logo!

 CAPÍTULO TRÊS

-Kane, você é deveria ter se afastado, - disse Corrine de um ponto distante na sala acima.

- Quem se importa onde eu estou? - Kane disse obstinadamente mudando a voz imediatamente para impôr seu pensamento enquanto refletia. - Estou sempre com você de qualquer maneira. Eu vejo o que você vê e sente o que você se sente.

- Você é um demônio da mente, é mais capaz do que outros de distanciar-te da nossa ligação de vínculo. - Parou de gritar quando enfiou a cabeça para fora da escada, olhando para onde ele estava encostado no parapeito maciço com os braços firmemente cruzados sobre o peito atlético. – Já conversamos e discutimos sobre isso. Noah vai estar aqui muito em breve e quero que você tenha ido quando ele chegar.

- Noah não é o mesmo, - contestou Kane. – E não estou em absoluto satisfeito com a maneira que te tratou da última vez que esteve aqui. Não creio que houveste se sentido antes tão enfadada.

- Isso é porque, - falou ela enquanto descia as escadas, - o problema foi como uma ferida para mim muito tempo. Não era a forma como pensei acerca dele. Foi o meu temperamento forte, de repente ele veio, antes que eu pudesse preparar uma abordagem mais diplomática, - chegou à parte baixa da escada, depois se inclinou sobre ele calorosamente. - O resultado final é bastante satisfatório. Finalmente tenho a oportunidade que estava esperando, já que o meu poder trará pela primeira vez a luz. Você não vê Kane? Uma vez de fazer isso por Noah, encontrar a mulher Druida que ele está destinado, finalmente, outros virão voluntariamente a minha porta.

- Eu sei o quanto é importante para você, - Kane concordou pacificamente, embalando reverentemente o rosto de sua mulher com os dedos.

- Muito importante, - disse com veemência. - Tenho sido bastante inútil para seu povo ao longo dos últimos três anos. Me espera um destino como qualquer um de vocês e queria conhecê-lo.

- Eu sei, - ele murmurou inclinando-se para tocar seus lábios nos dele. - Eu sei como tem sido frustrante para você. Mas deixe-me pelo menos...

- Não, Kane. Por favor, - confessou ela empurrando uma mecha de cabelo que caía sobre a testa. - Respeite a minha vontade nesse sentido.

- Sabe, - suspirou fechando os olhos quando ela deu um beijo. - Quanto a você me sinto impotente.

- Não tem nada a ver comigo. Tem a ver com respeitar a Noah e dar-lhe a privacidade que precisa para manter seu orgulho. Deve acontecer assim o processo a ser seguido para encontrar sua companheira, você gostaria de audiência? Você gostaria de ter alguém vendo como se sente sobre mim?

- Nunca ocultei meu amor e minha necessidade por você Corrine.

- Você consegue imaginar por um momento, se você tivesse que mostrar para o mundo a perda de controle, e uma forte luxúria que te levou a ir atrás de mim, apesar da lei e o fato de que seu próprio irmão teria de puni-lo se tivesse sido pego?

- Corrine com os lábios macios tocou sua orelha e sussurrou: - Você lembra o que sentiu Kane, o que sentiu quando Jacob te pegou? A vergonha de assediar um ser humano inocente, enquanto estava sob a influência da Lua cheia Sagrada? Lembre-se de como se sentiu antes de perceber que era plausível me amar?

- Às vezes, - suspirou reservado, - me lembro como era a vida sem você - sorriu contra os lábios, tentando aliviar suas memórias nocivas em sua boca pequena. - Eu não posso abandoná-la se me beijar.

- "Mmm", - ela concordou, esfregando os lábios sedutoramente nos dele.

A pressão da boca de Kane, de repente desapareceu, juntamente com o apoio do resto do seu corpo, deixando-a cair contra o vazio deixado no parapeito, ela acenou freneticamente a nuvem de fumaça com odor de ácido sulfúrico que seu teletransporte subitamente deixou para trás. Tossiu, enquanto uma segunda nuvem de fumaça atravessava as rachaduras da porta da frente e se arrastava pelo chão.

Esta nuvem foi se juntado em um redemoinho e foi formando uma coluna alta, tomando a forma do Rei Demônio. Corrine imediatamente escondeu sua agitação colocando as mãos atrás das costas, sorrindo esperando Noah não perceber que o marido tinha percebido a sua chegada com apenas tempo suficiente para se retirar.

- Boa noite Noah.

- Boa noite Corrine, tem descansado bem?

- Muito bem, está pronto?

- Tão pronto como nenhuma vez poderia estar. – Assegurou-lhe.

Corrine aproximou para tomar-lhe a mão e levá-lo para dentro de casa. Há muito tempo ela tinha reservado um quarto para esta finalidade embora tivesse pouca utilidade para a procura de druidas, tinham freqüentemente usado para a meditação. Noah a seguiu com em silêncio e com uma forçada serenidade, mas não podia deixar de admirar o santuário que Corrine o havia trazido.

Estava coberto com um pano escuro, com luzes distantes vindas de velas que ela acendeu em cada superfície e em cada esquina. Cada vela protegida com um copo tulipa, enchendo a sala com reflexos multicoloridos que mudavam e dançaram ao longo de cada superfície. O chão estava coberto com travesseiros, todos com cores brilhantes de cetim e veludo.

As velas desprendiam uma grande variedade de aromas, do mais simples aos mais exóticos, mas também vinham das placas de metal que queimavam ervas. O quarto era inundado com uma névoa e um odor pungente, tão rico e puro como a própria Terra.

- Antes de começar... – O olhou.

- Sim? – Perguntou ele.

- Me falou que tens sonhado com ela.

- Sim.

- Tem algo específico que podes recordar e sentir, que pode ajudar a encontrá-la? - Ela sorriu quando ele deu-lhe um olhar perplexo. - Você é a primeira pessoa que sonha com sua parceira, Noah. Na minha experiência de modo muito limitado, as pessoas que pediram meus serviços sempre tinham uma memória singular, um gatilho que levava imediatamente a esse lugar para além do estado de sono, onde você encontra sua alma gêmea. Simon, por exemplo, sempre ouvia uma música quando sonhava com Tirana. "Fortuna, Imperatriz do mundo" para ser exato. Não é o que eu chamaria de romântico, mas não vou julgar.

- Qual seu objetivo para saber disso? - Perguntou o rei, com uma ponta fria no tom.

- Noah, se te fechas sobre esse simples detalhe não terá qualquer progresso. Só estamos perdendo tempo. Por favor, - disse ela tentando amenizar, enquanto tocava seu braço e se inclinando para aproximar o seu calor corporal. - Confie em mim. Nunca irei revelar a ninguém o que aconteceu aqui. Mesmo Kane está fazendo um esforço considerável para manter distância de mim. Você sabe que nunca iria sonhar em trair você.

- Não, - decidiu. – Não falarias a ninguém. Eu sei. Não quis te insultar.

- Vem me diga algo que possa te fazer pensar nessa mulher.

- Isto soa...

- Um pouco estranho? Sim eu sei. Os três antes de ti disseram o mesmo.

Noah riu sacudindo a cabeça com pesar.

- Deveria saber que esta não seria uma experiência agradável. Muito bem. - Ele limpou a garganta e virou seus olhos verdes acinzentados para ver sua expressão. – Açúcar, algodão doce para ser exato.

- Algodão doce? – Perguntou ela.

- Sim, este é o nome moderno.

- Certo - disse simplesmente. - Sabor de algodão doce.

- Não, não o sabor. É o odor. – Suspirou frustrado quando ela levantou uma sobrancelha. - Você já esteve perto de alguém, enquanto o açúcar estava girando? É um aroma em três dimensões. Você cheira o aroma que flutua no ar, mas também sente o sabor doce e sente sua viscosidade sobre a pele. - Noah parou de repente em sua descrição apaixonada, com um atípico rubor em sua pele quando percebeu que tinha seguido muito mais íntimo e revelador do que eu teria gostado em quaisquer outras circunstâncias.

- Entendo. – Corrine falou agarrando seu braço e o encaminhando pra o centro da sala.

Ajoelhou-se ao lado de um prato grande e profundo, com galhos e carvão dispostos no centro. Informou ela que ele deveria se sentar em sua frente e ele o fez, sentando-se no conforto das almofadas. As ervas e os incensos cobriram o Rei Demônio causando uma influência calmante.

- Acenda isso – ela dirigiu suavemente, tocando a borda da taça de metal com um dedo.

Ela inalou e exalou profundamente, fechando os olhos, enquanto se concentrava na tarefa fundamental no prato e deixava as questões abordadas cuidadosamente brilharem dentro.

Noah, de repente sentiu a mudança de energia na sala, rastejando com uma leve pressão, o que o forçou a relaxar mais ainda. A druida era apenas uma novata com o seu poder, era difícil manipular a energia de um Demônio do fogo sem sua permissão. Se não tivesse preparado para este estado centrado e calmo, a reação poderia ser difícil de resistir.

Corrine vinha praticando uma e outra vez para este momento. Havia se sentido fraca e inútil, quando deveria ter sentido completamente o oposto quando tinha um Demônio como seu companheiro. Ela passou os últimos três anos lutando com unhas e dentes para compensar isso. Tinha sido a sua melhor terapeuta Druida,

sempre se empurrando, querendo sempre alcançar aquilo que sentia que tinha sido roubada por uma cruel reviravolta do destino.

Nesse ponto, acenou com a mão vagamente na direção da porta que tinha deixado aberta, fechando com um clique maçante como o movimento das ondas. Isto surpreenderia o rei, se este tivesse prestando atenção. Em vez disso, seus olhos estavam fixos na familiar chama calmante. Era sempre capaz de encontrar conforto no coração de uma chama. Corrine sabia. Como todos sabiam que o tinham visto sentar-se por intermináveis horas para ver as chamas que tinham sempre na lareira do Grande Salão do castelo.

- Vamos começar. – Disse finalmente.

Kestra não estava mesmo ciente que tinha dormido só até umas fortes mãos pegarem-na pela cintura e a puxarem contra uma parede sólida de carne. Ele alcançou seu cabelo, passando os dedos como se tivesse todo o direito. Tentou olhar, mas não havia ninguém. Estava aqui, mas tudo que eu recebia era um turbilhão de cores. Relutante tentou tocar e dar-lhe uma forma com o toque da mão.

Ela prendeu a respiração quando percebeu que podia sentir a sombra de sua espessa barba com seu toque. O choque do sentimento inegável levou a seu coração a bater mais rápido e retirou a mão. Jogou-se para trás em uma tentativa de se libertar do confinamento, também podia ser que não tivesse se movido em absoluto.

- Diga-me quem és...

Kestra congelou ante ao som de sua voz, profunda, rica e com um assento exótico, como algo como das antigas culturas européias. Ela havia ido muito a estes países para reconhecer o assento quanto ouvisse alguma vez, só não podia situar a origem precisa de suas inflexões.

Percebeu que ele parecia satisfeito, antes da queda do perfeito muro mental que vinha subindo lentamente ao longo dos últimos seis meses.

Nem um tinha falado uma palavra em todos os meses de persistentes sonhos perturbadores. Ela se sentia fascinada e aterrorizada pelo acontecimento inesperado.

A tristeza tinha clareado um pouco e se aproximou mais, como se não houvesse qualquer resistência, com as mãos sob as costelas e os dedos firmemente apertando mais a sua pele enquanto neutralizava a sua resistência.

- Por que fazes isso? - Ela perguntou tentando lutar desesperadamente contra impulsos violentos que a inundavam, dizendo-a que doeria escapar de sua força.

Não seria justo machucá-lo quando ele nunca havia sido rude com ela. O ato mais ofensivo que tinha feito foi fazê-la sucumbir à ansiedade do seu próprio corpo, um ato que teve que admitir que foi mais gratificante do que prejudicial. No entanto odiava a facilidade com que ele a influenciava e manipulava.

- Porque você se recusa a deixar-me sozinho, - disse, suas palavras foram tensas como uma corda de piano muito apertada, assim como os rígidos músculos que a sujeitava.

- Deixe-me ir e terei prazer em deixá-lo sozinho - sibilou com os dentes cerrados. - É sua única opção. Eu prefiro dançar sobre nitroglicerina a dizer-lhe algo sobre mim!

Ele riu. Foi uma risada que a deixou atordoada, completamente irritante que causou a sua fúria. O desprezou quando não a levou a sério, ria como se fosse algum tipo de brincadeira!

- Diga-me onde está, - rosnou com respiração tranqüila. - Devo encontrar esta língua afiada ou morrer tentando.

De repente, seus dedos deslizaram pelo seu rosto. Ela afastou-se com um choque, mas apenas se separou quando sentiu o calor através do pescoço e da espinha dorsal, misteriosamente seguida pela cascata de seu hálito quente. Ele tinha uma forma, uma maneira só possível através de sonhos, para cercá-la deste modo. Com sensações e contrastes inesperados. Sensações que a percorriam através de cada nervo e acabavam com sua teimosa resistência como uma sensual guerra mental.

- Não... Eu não te deixarei me fazer isso de novo!

- Certamente, - disse ele, de repente sua voz se tornou macia. Seus dedos relaxados, seu hálito quente se acumulando a curva do pescoço, entre a garganta e o ombro. Ela sentiu a vibração através do corpo. Notava-se a contenção que tinha. Esqueceu-se de tudo, seus sonhos mais desenfreados ficaram em branco. - Realmente torna tudo mais difícil, - disse ele finalmente.

Kestra engoliu alto, virando a cabeça para um lado enquanto os seus olhos queimavam com emoções inexplicáveis. Ele acabou de expressar sentimentos e frustrações que ela mesma tinha manifestado antes. Claro que fazia. Era uma reconstrução de sua mente. Suas idéias foram as suas antes de dormir.

Mas não tinha lido em nenhum lugar, em que momento compreenderia que estava sonhando e o sonho perderia o seu impacto? Iria despertar logo depois? Se assim fosse, o que estava esperando? Estava esperando por seu maldito toque, muito parecido com magia e a luz das estrelas brilhantes, enquanto brincava com seu corpo sem vontade e rígido? Chamava-lhe apenas para lhe sentir? Até que sentisse que não seria capaz de acordar a tempo?

- Não, KIKILIA - murmurou suavemente contra a testa. - Desta vez, pode ser diferente. Diga-me quem você é e te mostrarei o que puder quando estiver acordada. Diga-me seu nome, te encontrarei para por um fim a essa mútua tortura de uma vez por todas.

O pedido fez com que ela tivesse vontade de rir na cara dele no início, mas este foi rapidamente seguido por uma onda de terror frio. Não havia muito no mundo que a assustava, mas esta oferta a golpeou com misterioso pânico. Foi preciso um grande esforço de concentração para se livrar da dormência e poder dizer uma palavra.

- Nunca.

- É preciso que ela diga Noah. Faça que ela diga, - insistiu Corrine, com sua respiração ofegante, enquanto sussurrou em seu ouvido. - Tenho chegado o mais perto que posso por agora. Faz ela dizer-lhe, Noah.

Kestra estava consciente de que algo havia mudado em sua intenção e emoção. De repente, ele estava impaciente, o sentimento de suavidade e bajulação se arrastava com sensualidade.

- Por que se opõe desta forma? Cada noite brigas até ficar fraca e não pode negar o que sente. Esta é uma dor que não tem que sofrer.

- Sim, se fosse mais feminina, gentil e dócil, talvez? Eu não sou uma dama? Bem, você está certo. Não é do meu jeito, eu não falo baixinho, e eu sou amigável. Seis meses você está me manipulando e ainda não sabe absolutamente nada sobre mim. Aposto que queria chamar a alguém mais complacente.

Mais uma vez aquele sorriso frustrante, como se aquele ordinário e grosseiro estivesse encantado com ela. A estava deixando louca!

- Até agora fui esperto o suficiente para encontrar meu caminho até teus pés, pequena ouriço, - de repente disse em voz baixa e amenizante. - Isso acontece todas as noites. De alguma forma, devo lembrar-lhe que isso vai doer, e continuará a ser inevitável.

Doeu. Ardendo como esfregar o suco de um limão em um corte. Kestra grunhiu de frustração até que ela baixou a cabeça e gritou. Ressentia-se porque uma parte de si mesma sucumbiu à sua sedução. Isso era um sonho? E porque não era capaz de construir um sonho agradável!

E porque ele a ressentia, ela o odiava.

- Tudo bem, - sussurrou com voz rouca. - Kestra. Kestra Irons. Agora venha e encontre-me, filho de puta. Encontre-me no mundo real e aprende aonde vai toda essa merda de charme europeu. Juro que se ponho os olhos em você no meu mundo real vai sentir durante séculos!

Ela estendeu a mão, oscilando para dar um soco na cara dele. Mas o golpe mudou no último minuto e realmente acabou com um pop alto no queixo quadrado.

Antes desta noite, tudo tinha sido sutil e etéreo, tão convincentemente doce e suave. O soco foi incrivelmente satisfatório e inesperadamente doloroso. Ela se afastou, amaldiçoando pela dor que se estendia pelos seus nódulos como se estivessem em chamas. Ela também ouviu uma maldição. E depois um cuspir. Sentiu que lhe olhava através da sua difusa presença, então riu suavemente e ela se sobressaltou.

- Pequena arisca. – Acusou-a.

De repente recebeu uma lição sobre o quão forte era seu adversário fantasmagórico. Ele agarrou-a pelos braços e levantou-a até que seus pés saíram do piso. Encontrou sua pouco disposta boca com sensibilidade mínima. Ela começou a perceber que sua fantasia podia até ter um gosto forte de sangue, ele beijou-a com possessão e determinação inabalável. Se ele realmente tivesse sido real teria a marcado com um poder que a apontava como dele.

Somente dele

De repente o aroma de algodão doce os afogou, como se fora aspirado na sala por um vórtice, Noah abriu os olhos abruptamente. Encontrou-se olhando grandes olhos verdes sobre os cachos separados de cabelo cor canela. Cabelo que sentia contra os lábios, preso entre as duas bocas.

Noah estava assustado, se apartou para longe com horror de Corrine, e passou parte posterior da mão sobre os lábios enquanto olhava freneticamente em torno do santuário buscando qualquer sinal da chegada de seu marido ciumento.

- Noah tudo bem, - disse ela rapidamente com carinho. - Isso acontece. Quando o espírito Druida é chamado, é uma possessão completa.

- Corrine...

- Noah ouça. É apenas um efeito colateral do processo. Nunca fui eu realmente que estava com vocês nesta sala. Eu sou uma médium. Um canal. Só transmito a mensagem. De nenhuma maneira sou parte da forma de entrega ou... - Ela sorriu docemente ao tocar o lábio dilacerado. - Ou recebidas.

Deixou cair à mão, movendo os dedos, um dos quais estava em uma posição estranha.

- Corrine, - Noah disse com um tom que refletia sua expressão horrorizada com perfeição, - você quebrou o dedo!

- Na verdade foi quando Kestra através de mim te deu um soco. E não acho que só foi o dedo - confessou tocando cuidadosamente os ossos da palma da mão que estavam começando a inchar. - Noah, sempre é tão zangada? Tão furiosa?

- Digamos que às vezes - admitiu. - Esta noite foi mais impressionante. Sem palavras, muitas vezes usa a linguagem corporal.

- Você deveria ter me avisado que era assim tão...

- Teimosa? - Noah dedicou um pequeno sorriso. - Tenho considerado como um dos seus encantos. Levou-me a gostar ao longo do tempo.

- O problema é que ela não pensa que um dia você irá aparecer em sua casa. Talvez você devesse primeiro discutir o assunto com Magdelegna. Sua irmã parece ter um dom especial com pessoas deste tipo.

- Talvez.

A Corrine não passou despercebida que o rei Demônio iria entrar em águas turbulentas. Refletiu sobre esses homens Demônios.

Quanto mais se lutava com eles, mais os encorajavam. Intelectualmente mais que fisicamente. Mas Corrine não podia deixar de sentir um pouco de medo. Por um curto período de tempo, tornara-se parte de Kestra. Não havia algo inteiramente satisfatório sobre ela. No entanto, Corrine não tinha suficientes informações para comentar. Esperava que, na próxima semana ao executar a próxima e última sessão

e depois de descansar do esforço de hoje, seria capaz de encontrar sentido na questão.

- Venha, - disse o Rei bruscamente, tomando a druida pela mão sem ferimentos ajudando-a a se levantar. - Devemos buscar um médico.

- É verdade que não se encarrega de pessoas?

Kestra estudou uma pintura a óleo encantadora, virou-se ligeiramente e olhou sobre seu ombro para olhar o belo homem sentado atrás dela com um terno de seda listrado, passando um lenço repetidamente pelas mãos.

Palmas suadas. Refletiu ela.

- Eu sou uma empresária Sr. Sands não uma assassina - Kestra finalmente saiu de onde estava assistindo ao caro trabalho de arte, jogando sua enorme trança branca sobre o ombro como fazia regularmente. - E não falarei aqui dos meus planos de trabalho. Faremos isso em meus termos em um local e na hora da minha escolha, - Sorriu baixinho, andando com uma graça natural pelo grosso tapete que cobria o chão do sótão. - Agora se realizará apagamento. Nada mais, nada menos.

Ele sorriu calorosamente enquanto ficava do lado da mesa de centro que antes estava em sua frente, ela se encontrava elegante com um vestido de seda simples e com um colar com somente uma fileira de pérolas ao redor da garganta. Mas quando abriu as pernas e inclinou ligeiramente os quadris, Sands podia sentir sua virilha tensa. Não havia dúvida de que estava sob a influência da sedução feminina.

- Bem, senhorita Irons, é para isto que está aqui - concordou amigavelmente.

Sands inclinou-se para colocar uma pequena caixa em cima da mesa vidro, usando dois dedos para deslizar. Esperou até que ele se sentasse novamente antes de chegar a levantar a tampa com a ponta dos dedos, revelando o dinheiro que estava lá dentro. Fechou-a rapidamente.

- Não irá contar? – Perguntou Sands.

Ela o olhou de cima a baixo através de cílios brancos como os cabelos, seus inteligentes olhos azuis quase translúcidos sobre ele.

- Necessito?

- Claro que não.

- Por que não? – Perguntou ela com indiferença.

Sands sorriu.

- Você está brincando? Alguém que te faz truques estaria louco.

- É por isso que eu nunca tenho que contá-lo, - disse pegando a caixa e colocando-a em sua bolsa.

Ela colocou a alça no ombro casualmente, como se dentro estivesse apenas um pente e um batom, e não um quarto de milhão de dólares em dinheiro.

- Te chamaremos – disse Sands cordialmente.

- Eu imagino.

Sands se levantou, enxugou a mão com o lenço e a ofereceu a ela. Kestra simplesmente sorriu educadamente e segurou as duas mãos na bolsa a tiracolo. Jim sempre a acusava de ter um sexto sentido que a fazia arrepiar-se. O frio que de repente corria através da sua coluna vertebral elevou-se até a base do pescoço, nunca tinha deixado de lhe avisar que algo não estava certo. Preferiu acreditar em seu subconsciente que reunia os sinais que sua mente não compreendia.

Abaixou suas espessas pestanas brancas uma vez que o diamante azul de sua íris escureceu. Ela olhou ao redor da sala de novo, como vinha fazendo desde que entrou em território desconhecido. Desta vez, notou uma sombra fraca no corredor atrás dela.

Suspirou longa e com pesar, abriu os olhos frios e dedicou um olhar gelado.

- Independente de tudo que está planejando - sibilou friamente, - deixe-me avisá-lo que não será uma boa idéia.

Então, sem esperar por uma resposta e segurando a alça da bolsa lançou-a com precisão na cabeça de Sands. Ele foi pego de surpresa e não estava preparado, caiu como uma árvore morta em uma floresta no inverno.

Kestra tirou os sapatos e correu como uma louca através da habitação. Se dirigir para a porta principal seria um erro, a deixaria muito exposta se a pessoa do lobby estivesse armada, então ela entrou na cozinha saltando pelo balcão para sair da mira. Infelizmente, a sua esquerda, era a única saída do sótão.

Colocou a mão na bolsa para tirar sua arma, caindo junto com tudo mais, pegou-a em suas mãos e colocou um dedo no gatilho. Todos os sinais estavam agora em sua mente, amaldiçoando-se por não vê-los mais cedo. As palmas das mãos suadas de Sands. Sua pergunta sobre se gostaria de matar por dinheiro. Ele tinha ficado nervoso e não tinha percebido os sinais de alerta. O que ele não tinha considerado é que não é considerado assassinato a autodefesa, e a ela não importava tomar a vida de ninguém que ameaçasse sua vida.

Ela olhou para Sands da entrada até a cozinha. Ele estava sangrando profusamente no tapete, perto de seus abandonados sapatos. Sua mente estava voltada para a questão de como muitos outros, possivelmente, se escondiam na suíte enorme. Não costumava receber o pagamento em um lugar privado e agora se lembrava da razão. Além disso, havia rejeitado a habitual vigilância de Jim em um veículo nas proximidades.

No entanto, agora não era hora de auto-recrimações, assim apartou-se de suas más decisões e se concentrou em sair da situação viva de preferencialmente ilesa.

Na verdade, estava em um barranco e sabia disso.

Uma realidade que foi aplicada em um segundo quando a parede perto de sua cabeça explodiu. Enquanto a alvenaria era lançada em todas as direções a partir do lado oposto. De repente veio uma rajada de fogo sobre ela. Tudo que eu podia fazer era estender-se no chão enquanto pedaços da parede de gesso e água de um cano rompido por uma bala, caíam em cima dela. Não tinha outra escolha, a não ser deixar o campo de tiro, avançou rapidamente para retornar à sala de estar.

Só tinha os dois joelhos no tapete quando uma mão grande agarrou sua malha e com um puxão abrupto a levantou.

Como muitas vezes acontece nestas situações, nunca teve a oportunidade de imaginar o porquê.

Ela sentiu a queimadura do cano quente contra sua cabeça um pouco antes do tiro.



CAPÍTULO QUATRO

Uma semana depois.

Na semana seguinte, Corrine abriu a porta depois de ouvir um toque suave de chamada. Ela olhou cautelosamente atrás da porta, abrindo a boca formando um O de espanto quando viu Noah. O Rei Demônio levava sobre o peito e ombro, obviamente a comatosa sobrinha de Corrine.

- O que você fez, aspirou sua energia dela? - Corrine o acusou com um sussurro acalorado. – Nunca a fiz dormir assim!!!

- Espero que não seja um incômodo, - sussurrou Noah por trás cachos negro azeviche característica óbvia da combinação de seus pais. - Pediram-me para ser baba de emergência.

- Você poderia rejeitar a oferta - Corrine riu. - Você já se recusou alguma vez?

- Por que iria rejeitar? - Ele perguntou, encolhendo o ombro que não estava ocupado com a cabeça de Leah.

- Bom ponto. Deve estar à vontade, vendo como está dormindo. Entra, devo pensar que você ainda não foi sido capaz de encontrar fisicamente Kestra?

- Não, ainda não. Além de seu nome, a cor do seu cabelo e do que me disse no verdadeiro estilo estadoudinense, tenho pouco para começar.

- Bem, esta noite teremos cuidado.

- Corrine?

- Sim?

O Rei Demônio oscilou quando ela se virou para olhá-lo com expectativa.

- Eu não sonho com ela por quase uma semana.

- Noah, - ela repreendeu suavemente, indo colocar a mão calorosamente no braço onde ele repousava sua sobrinha. - Pare de se preocupar. Quanto mais perto você estiver, menor haverá necessidade de sonhos para entrar em contato com ela.

- Tem certeza? Eu me sinto... eu sinto como se de repente estivesse vazio. Os sonhos me deixavam louco, mas agora eu teria gostado de não ter ficado sem eles.

- Relaxe. Coloque a menina no sofá e venha para o meu santuário. Vamos começar o ritual e acalmar sua mente.

Desta vez estavam tendo dificuldades quando, apesar da pouca experiência de Corrine, deveria ser mais fácil. A buscadora de Druidas suava no calor das chamas todos estavam a sua volta, para não mencionar o calor desprendido por Noah por causa de sua profunda concentração. Enquanto ele se concentrava exclusivamente na busca Kestra perdia a consciência sobre regular sua energia. Esta noite a chamada que a Druida fazia por Kestra parecia mais distante, embora a meditação conjunta poderia reduzir a distância para localizar a uns poucos quilômetros. O medo de Corrine incentivava o fracasso. Seu primeiro fracasso de todas as pessoas, não poderia ser com o Rei Demônio.

Na verdade, quem quer que fosse Kestra, tinha potencial para um enorme poder. Não havia dúvida. Mesmo para a leve experiência de Corrine, era evidente

que o poder atraia poder. Era a genética que ligava os Demônios e os Druidas, quando ocorria, era razoável que um homem poderoso como Noah se ajustasse com uma parceira a altura, com um talento incomensurável, uma vez que toque real "ativava" seu poder Druida.

Lembrou que Kestra tinha lutado com uma força de vontade enorme e determinação movida pelo medo. Corrine pensava que era ela que os mantinha a distância. Embora ela não poderia ter o controle consciente de seus poderes latentes, mas em um nível subconsciente, pode ser que estivesse empurrando-os com um toque clássico de "lutar ou fugir". Era evidente que desde a última reunião, Kestra foi muito cuidadosa Noah. Não importa que ela não sabia o seu nome ou rosto. Druidas possíveis devem sentir que Noah era mais do que um sonho, com o mais profundo instinto feminino que possuía. Se não, porque estava tão hostil e defensiva?

Corrine tinha evitado tocar ao Noah esta vez, sabendo o incômodo que ele havia sentido quando se encontrou beijando à companheira de outro Demônio. Era uma afronta a seu sentido profundamente enraizado de honra, não lhe importou o muito que lhe explicasse que realmente não beijava a ela, que era o receptáculo físico do intercâmbio. Sua alma tinha permanecido intacta. Se não fora assim, Kane nunca o perdoaria. Tampouco ela. Mas agora tinha medo de que estas debilidades e atos de decoro interferissem com o que tinha que fazer para ter êxito. E porque se negava a falhar em aplicar suas capacidades Druidas, deixou de lado o protocolo e a aprovação e alcançou Noah.

Ele se sobressaltou quando suas mãos, frias e úmidas a pesar do calor que lhes rodeava, embalaram seu rosto. Ambos com os olhos abertos, ela se inclinou por cima do fogo que tinham no meio de modo que suas frentes se tocaram e seus olhos se cravaram profundamente.

De repente o aroma de algodão de doce explodiu no ar, impondo-se ao de cada erva e nuvem de fumaça. Aquele foco de aroma durou um momento, então se dissipou ao redor para incluir outros. Aromas do lugar onde ela estava nesse instante. E isso era algo que ele queria. Queriam saber onde encontrá-la. Noah estava desesperado por localizá-la. Corrine desesperada por lhe conceder esse desejo.

—Ti No.

Corrine e Noah se sobressaltaram quando uma voz infantil se escutou por todas

e nenhuma parte. Suas cabeças se separaram para olhar a entrada, onde Leah ainda se agarrava ao trinco que incrivelmente tinha conseguido abrir para acessar a sua tia Corrine e seu “Ti No”.

A interrupção de sua concentração estalou no salão como uma supernova, uma rajada tangível de energia que arrojou fogo e aroma a algodão de doce. Corrine gritou, elevando as mãos para as chamas que foram em sua direção.

A chama passou inofensivamente por ela e Noah, mas com o intenso calor veio uma sensação de ser rasgados a um nível molecular. Um rasgo espetacular lacrimejou através deles com agonizante e retorcido dor.

E logo...

Silêncio e escuridão.

O gemido de um menino penetrou na mente do Noah, provocando a resposta autônoma de respirar. Ofegou, tossiu violentamente e lutou por incorporar-se para rapidamente cambalear-se sobre seus pés. Os olhos lhe ardiavam. Do que, era algo que não podia compreender.

Por instinto se aproximou do lamento da filha dos Executores, aproximando Leah para ele enquanto perdia o equilíbrio e caía sobre um joelho. Às cegas, mediu com as mãos o pequeno corpo quente a seu cargo, todo o momento esforçando-se por recuperar o ritmo normal da respiração. Percebeu que o pijama de Leah estava intacto, igualmente seu cabelo e pestanas, ambos teriam sido danificados se as inexplicáveis chamas que ele tinha visto ondear na habitação a tivessem chamuscado ou queimado.

Estava agradecido ao compreender que ela estava mais assustada que outra coisa abraçou-a estreitamente, consolando-a e influenciando nela enquanto tratava de esfregar a neblina dos ardentes olhos. Ele era imune ao fogo, mas o que não podia entender por que se sentia como se estivesse queimado. Nunca pensou que o ritual de encontrar sua companheira pudesse machucar a alguém. Era inconcebível. Ainda meditava sobre os possíveis motivos enquanto media na escuridão em busca de Corrine.

—Cala Leah, está a salvo. —Acariciou com ternura à menina, conseguindo de algum jeito soar mais convincente do que se sentia. De repente os dedos se enredaram em seus cabelos suaves e se inclinou para eles. Tudo lhe parecia tão ruidoso, que lhe doíam os ouvidos. Tudo cheirava mal e com sabor amargo. Mas

tudo pareceu acalmar-se quando por fim tocou a fria, e úmida pele do rosto da Corrine.

Ele escutou sua tosse e a sentiu agitar-se quando a tocou.

—Está bem — a tranqüilizou enquanto ela pigarreava e ofegava em busca de fôlego. Às cegas a atraiu para ele, abrangendo ambas as mulheres com o instinto protetor. Poderia estar cego e desorientado, mas que o condenassem se deixava a qualquer delas separar um milímetro de seu amparo.

Noah girou o rosto para a direita quando bruscamente compreendeu algo muito importante.

Luz do sol.

Era inconfundível a sensação que produzia o sol. Sobre tudo depois da grave situação que acabavam de sofrer, não podia haver outra causa para a estranha letargia, o que significava que a brilhante luz solar estava sobre eles.

—É o crepúsculo — disse ele em voz alta.

— É de noite!

Corrine ficou rígida contra ele quando compreendeu por que estava discrepando sobre esse tema.

—Ainda estamos abaixo do teto — sussurrou ela, arrastando as mãos pelo chão sob seus joelhos. Reconheceu com o tato os pequenos pedacinhos das coisas que eram de seu santuário, até que ela arrastou os dedos para a esquerda do Noah e tocou o inconfundível montão de almofadas.

Debaixo das almofadas o chão era somente madeira nua e polida.

Noah não podia permanecer sobre seus joelhos nem um momento mais. Arrastou ambas ao levantar-se, separando suas pernas para afiançar-se. Fechou os olhos para interromper a necessidade de visualizar seu entorno. Inspirou profundamente para vigorizar-se e reunir a energia que era o centro de seu ser. Lançou-a fora como uma rede, uma rede totalmente sensorial que cobriu toda a área. Percebeu a força da brilhante luz solar, a força vital de uns animais e uma população densa de humanos.

Kane e Corrine viviam isolados, seus vizinhos mais próximos, Demônios em sua Maior parte, estavam a muitos quilômetros de distância. Em princípio nada era diferente ao que normalmente sentia com facilidade e de uma maneira despreocupada, mas a informação que a energia do Noah lhe transmitia não tinha

sentido. Sentia-se como se ele estivesse a bordo de uma cidade. Uma cidade humana.

Nesse momento sua visão finalmente decidiu cooperar e unir-se aos seus outros sentidos. Ainda não tinha compreendido que tinha aberto os olhos até que eles se enfocaram em algo que tinha diante.

Uma habitação, grande e extensa, com um tapete da parede às janelas. Janelas que davam a uma enorme cidade. Tomou só um instante o reconhecer que os edifícios eram de Chicago.

E ainda...

Quando girou a cabeça para a direita, ainda estava no santuário particularmente desenhado pela Corrine. Enfocou-se em seus pés, tentando procurar um sentido ao truque de seus olhos.

Ali, estava a junção, a linha onde os dois diferentes espaços se encontravam drasticamente e se fundiam, o carvalho gentil e as pilhas de almofadas que se reuniam com o luxuoso tapete e a esterilidade antiga. Estava de pé entre esta engrenagem impossível de habitações, um pé em cada lugar. A sua direita, Corrine estava na habitação que conhecia, e Leah à esquerda, no espaço que era totalmente desconhecido para ele.

Durante um instante, sentiu-se como se estivesse congelado em meio de uma teletransportação de sua irmã. Quando um Demônio da Mente teletransportava a alguém de um ponto a outro, aqueles dois pontos pareciam combinar-se, como se pudesse ser a origem e o destino em um instante. Entretanto, Noah sabia que este não era o caso. Quando os dois lugares de uma teletransportação se juntavam, distorciam-se os sons e as formas visuais. Nada era claramente definível até que completava o passo em uma direção ou outra e o efeito desaparecia pouco depois.

Mas de que maneira se uniram estes dois lugares? Suíte a grande altura que dava a uma moderna cidade, com um lugar isolado e pacífico da Inglaterra rural?

Ele não tinha tempo de avançar mais longe. Um som de vozes apagadas lhe envolveu lentamente, ressonando por toda parte, incoerente enquanto procurava às pessoas que o provocava. Instintivamente, o Rei Demônio deu um passo para o lado da fenda que o melhor conhecia, apartando-se da que evidentemente poderia ameaçar sua segurança. Quando o fez, uns reflexos estranhos de luz solar pareceram oscilar na estranha habitação. Olhou para as grandes janelas. Ofegou

fortemente quando observou como o tempo e as nuvens trocavam, assim como a posição do sol.

Mais especificamente, parecia funcionar ao contrário, do oeste ao leste através do céu. Demorou somente vinte segundos para parar-se em um ponto que parecia estar pouco antes da alvorada. Enquanto a luz quente e brilhante do sol se atenuava formando farrapos de rosa e violeta, as vozes estavam mais perto e a pessoa causadora de repente tomou lugar na habitação.

Uma mulher e um homem, a pessoa sentada sobre um sofá, o outro de pé quase ao alcance da mão do Noah enquanto ela olhava apreciativamente uma pintura pendurada da parede. Mas a pintura estava parcialmente coberta devido à divisão das duas habitações, Noah chegou à conclusão de que estava vendo aqueles que tinham causado este efeito.

O que, certamente, significava nada assim que a mulher falou claramente pela primeira vez e o reconhecimento lhe golpeava.

O fôlego do Noah se obstruiu enquanto ela se afastava, apartando-se da contemplação da pintura, lhe oferecendo a imagem de sua alta, atlética e curvilínea figura que ele conhecia de cor, assim como a insolente oscilação de uma trança de branco puro.

Ela cruzou a habitação com movimentos elegantes, um passo adquirido com a prática, que se estendia por todo seu corpo de forma natural enquanto ele observava a linha de suas costas e seus quadris. Noah logo que ouvia sua conversação com o homem cujo nervosismo captava seu poder. Estava muito surpreso, dando-se conta de que realmente tinha encontrado o rosto e a figura da mulher com a que tinha sonhado tão incessantemente.

—Wow.

Corrine sussurrou a palavra com uma mescla de medo e um verdadeiro sentimento de lucro. Aproximou-se para tocar a barreira invisível que delimitava os lugares, mas Noah a deteve com uma mão firme em seu pulso. Não parecia ser perigoso enquanto ele estava escarranchado entre os dois mundos, mas então o que aconteceria se a outra habitação desaparecia de repente e a mão da curiosa Corrine junto a ele?

Noah não tinha tempo de preocupar-se por isso. Em sua visão periférica, viu Kestra balançar sua bolsa, para golpear seu acompanhante duramente na cabeça.

Corrine ofegou quando o viu também, e juntos viram como a loira fez um inexplicável giro para correr pela habitação e lançar-se sobre o balcão à cozinha. Pouco tempo depois, houve uma série de distintas explosões. Noah nem sequer teve tempo de reagir. Ao mesmo tempo um segundo homem aparecia do corredor cortando a distância, para reunir-se com Kestra que se sacudia e saía da cozinha sobre suas mãos e joelhos.

Agarrou à companheira de Noah pela trança e rapidamente lhe dava um tiro na cabeça.

—Não! —gritou o Rei Demônio em estado de choque pelo desespero de ver como os últimos segundos chegavam a seu fim com uma demonstração horrorosa de sangue e perda inegável de vida.

Ele se cambaleou para diante, em um ato reflito de proteger.

Mas era muito tarde.

Aquela estranha distorção visual afligiu ao Rei Demônio uma vez mais. Tudo se desvaneceu e retorceu, uma sensação o traspassou como se lhe rasgassem célula a célula. Em todas as vezes que tinha ajustado sua forma a um nível molecular, nunca tinha experimentado tal agonia e tal carência de controle. Tentou respirar, mas não tinha pulmões para fazê-lo. Não neste momento.

Imediatamente se permitiu, e a inspiração profunda que realizou lhe levou ao sufocante aroma de velas e ervas que se queimavam. Por um momento se desorientou, mas imediatamente foi consciente que os três caíam com força sobre as almofadas aveludadas que cobriam o chão do santuário de Corrine.

Corrine tossia fortemente, e logo ele sentiu seu agarre na manga de sua camisa, claramente tão cega como estava ele outra vez.

—Que diabos passou? — ela conseguiu dizer com voz rouca.

Noah estava longe de dar uma resposta ao Corrine, embora tivesse mais da conta. Finalmente encontrou a Leah, embalando-a perto de seu peito outra vez enquanto seu corpinho era sacudido pela tosse. Esfregou violentamente os olhos, tentando esclarecer a visão. Não conseguiu nada, assim tomou assento, com Leah em seu regaço e Corrine inclinada pesadamente contra ele à espera de recuperar a vista.

Justo então houve uma forte distorção do ar a seu redor, seguido pelo inconfundível aroma de enxofre e fumaça que se impôs sobre o das ervas.

—Kane — gritou Corrine o nome de seu marido, ao perceber sua chegada

apesar de que não podia lhe ver.

—Corr! Noah! Que diabos passou?

Noah sentiu que a presença de Corrine e seu calor tinham sido afastados dele. Piscou na direção de sua energia e de repente o característico cobre avermelhado de seu cabelo entrou em seu foco impreciso. Ele imediatamente girou sua atenção a Leah, seguia piscando tentando afastar a debilidade de seus olhos enquanto tratava de examinar as feridas da menina.

—Kane estão feridas? —perguntou ao Demônio mais jovem.

—Não — lhe assegurou Kane enquanto se ajoelhava para examinar Leah.

— Estão cobertas de fuligem, mas de outra maneira, não levam nada pior. Você está bem?

Noah não sabia como poderia responder aquela pergunta. Relevado de sua premente preocupação por Leah e Corrine, a completa implicação do que tinha acontecido pelo que acabava de testemunhar, pesava nele com uma devastação repentina e deslumbrante e que só recordava ter sentido no pior dos momentos de sua larga vida. Mas isto era de algum jeito muito mais agudo. Fatiou através da carne e do osso e diretamente até o mais profundo de sua alma.

Deixou que Kane agarrasse Leah e logo tropeçou com as imprecisas almofadas e as velas até que pôde tocar a parede. Pressionou os dedos no aveludado revestimento da madeira. Esmagando-o com um murro.

—Noah!

Ele sentiu as mãos de Corrine sobre as costas, com evidente empatia pela ternura de seu toque. Noah não estava cômodo. Não queria ser consolado. Encolheu os ombros com bastante força para apartá-la.

—Ela está morta — disse o tom de voz muito mais áspero do que lhe teria gostado devido à emoção. Acariciou para baixo seu sujo rosto, concentrado diretamente em seguir adiante até que a realidade lhe golpeou. A verdade de suas palavras era devastadora em todos os níveis. Ele sorriu tristemente da caprichosa natureza do destino.

— Agora sei por que não sonhei com ela há uma semana. Aqueles sonhos eram... — tragou com força, tentando esmagar a emoção muito violenta para expressá-la ante os amigos.

— Eram uma conexão que necessita de ambos os lados para realizar-se. E agora não voltará a acontecer, eu estou sozinho aqui! — girou-se bruscamente para olhar

à pequena Druida.

— Tinha razão. Fui um estúpido. Perdi seis meses. Se tivesse vindo quando isto começou, teria podido protegê-la quando mais me necessitou!

Corrine fechou os olhos, lutando por controla as lágrimas.

—Eu mesma não entendo nada disto, Noah. Não pode estar seguro.

—Estou malditamente seguro, Corr. Olhou pelas janelas? O céu retrocedeu do meio-dia ao amanhecer, o tempo se moveu para trás no momento que tudo isto aconteceu. Para trás no que eu acredito foi faz uma semana, até o dia que deixei de sonhar com ela. E não me diga que não poderia ter feito nada para trocá-lo. Senti o tapete sob meu pé! Eu poderia... deveria ter feito algo! Pude perceber a diferença entre esta sala e a outra. Senti a energia de uma grande cidade mais à frente. Nesse momento, aquele lugar no tempo era tão real como este o é agora.

O monarca finalmente jogou uma boa olhada atentamente à ruiva, apesar da imundície, emanava um grande poder. Ela tinha feito uma coisa potente e assombrosa, uma façanha que superava as expectativas de suas capacidades e a seqüela se mostrava no poderoso brilho de seus olhos verdes e uma auréola que resplandecia como uma árvore de natal.

—Pensa-o — disse ele, esta vez mais cuidadosamente.

—Como sofreria Kane e Isabella se a tivessem encontrado muito tarde, Corrine? Tenho direito de me lamentar por esta perda! — a declaração pôs ponto final à discussão. A habitação vibrou com dor e tensão, o silêncio quebrado pela tosse esporádica da sobrinha de Corrine.

—Puaj! —exclamou a menina. Lambeu-se a mão e a esfregou sobre sua roupa com a intenção de limpar a palma manchada. Leah era muito exigente com a limpeza, embora evidentemente não com os germes.

Silenciosamente, Noah avançou até o Kane e recolheu a preciosa carga dos braços do tio de sangue, levando-lhe através da habitação. Sustentou à menina contra seu peito com uma maciça mão e ela imediatamente enganchou suas perninhas à cintura, deixando cair a cabeça sobre seu ombro com a alegria e a segurança de que seu tio Noah a protegeria. Entretanto, a maneira em que ele a retinha, chegou-lhe ao coração de Corrine. Leah ia enganchada ao redor dele como se ela fora algum tipo de colete antibalas, protegendo completamente o coração muito vulnerável.

Kane se moveu para deter os loucos pensamentos e emoções que afetavam a sua esposa e que se chocava contra ele como um trem descarrilado. Ele seguiu seu olhar, que estava posta na porta da habitação como se Noah estivesse ali em pé e não tivesse saído pela soleira da porta.

—Shh, doçura — a acalmou brandamente, inclinando-se para beijar a bochecha raiada pela sujeira com compreensão.

— Já verá. Ele estará bem dentro de pouco. Como qualquer morte, será chorada e logo será esquecida.

—Infelizmente não posso acreditar nisso — sussurrou Corrine com a respiração acelerada, nervosa.

— A última vez que alguém perdeu a seu companheiro Druida pela morte, ela se voltou louca.

—Mary? Foi Ruth quem voltou louca a Mary, Corrine. No momento que a menina nasceu e durante toda sua vida foi consentida, protegida e guiada por Ruth além do justificável. A mãe foi a culpada das ações da filha, por ter descuidado da educação de Mary. Isso não acontecerá nunca ao Noah. A educação do Noah vem de um lugar difícil de explicar e com palavras singelas para que possa começar a entendê-lo — Kane sacudiu a cabeça quando viu sua perplexa expressão.

— Não de um lugar físico. Um metafísico, Noah nasceu com algo que nenhum de nós possui. É pelo que ele, por cima de outros, é o Rei.

—É por isso que ele, por cima dos outros, merece uma Rainha que o complementa—respondeu Corrine.

Noah de algum jeito sabia que a menina a que olhava jogar alegremente diante da chaminé era responsável pelo que tinha passado.

A Profecia tinha sido clara e inequívoca. Os Executores dariam a vida ao menino que seria o primeiro de sua classe com o poder de manipular o elemento do Tempo. Embora ela tivesse só um pouco mais de dois anos, Leah claramente tinha mostrado os primeiros indícios de sua capacidade, um acontecimento assombroso inclusive se tivesse sido de um elemento conhecido como a Água ou o Vento. Seu próprio e poderoso poder não se manifestou a uma idade tão curta.

Certamente, ela não tinha nem idéia do que tinha feito ou a importância do papel que tinha desempenhado. De repente certas coisas começaram a ter sentido. Ele passava grande quantidade de tempo com esta menina tão especial. Embora ela

não tivesse tido nenhum controle consciente de que o fazia de algum modo Leah tinha formado aquele caminho no tempo para ele. Possivelmente isto tinha ocorrido simplesmente pelo desejo subconsciente de uma menina em lhe ajudar. Leah amava seu tio Noah com uma devoção incrível. Ela se esforçava por fazer coisas que lhe satisfaziam. Acrescentando seu poder e a vontade de Corrine de obter o êxito na busca, criou-se o catalisador perfeito para que o poder de uma menina se ativasse nada mais porque queria lhe dar o que ele queria. O que necessitava.

E durante um momento terrível, Noah quis usá-la precisamente por essa razão. O Rei era um erudito, por isso sabia perfeitamente as implicações de jogar com o Tempo e a presença de uma pessoa nele. Entretanto, durante um segundo comprido lhe trouxe sem cuidado o pensamento auto-indulgente.

Noah se levantou precipitadamente, dirigindo seus passos para a menina que jogava inclinada ante a chaminé. A proximidade ao intenso calor normalmente o recortava, mas esta vez não foi assim.

Ele queria queimar-se. É óbvio, era imune a qualquer forma de chama ou fogo fundido que o mundo natural pudesse oferecer não se referia a isso. Em seus sonhos, ela o teria feito arder. Kestra Irons. Ele riu pela ironia do sobrenome. O ferro metálico era tóxico para a raça Demônio. O contato com ele lhes queimava. Justo como Kestra.

O fogo da paixão não era estranho para ele, manipulava-o bem e com uma habilidade arrogante e tinha tido mais de uma amante em sua vida que daria um suspiro de saudade. A mulher que tinha penetrado em seu mundo onírico estava acima de tudo isto. Era uma conexão transitiva e escassa, e ainda assim de algum modo muito real. Agora ele sabia que este fato irreal e inevitável estava fora do alcance para sempre.

A não ser que...

Noah tremeu. Não estava habituado a pensamentos egoístas. Era um homem que vivia cada momento de sua existência dedicando-se prioritariamente ao bem-estar de outros. Família. Quando não era a família, o Conselho. Quando não era a família e o Conselho, eram todos aqueles que dependiam dele. Era a essência de um bom monarca. Todos estavam em primeiro lugar, especialmente os que mais amava.

Neste momento, o único ele queria era ficar em primeiro.

Independentemente do custo.

Não importava quem tivesse que pagar.

Isabella entrou no castelo do Rei sem incomodar-se em chamar. Não era tanto que ela tivesse adquirido os costumes da sociedade Demônio, mas sim para o Noah o conceito de intimidade lhe era desconhecido, se não impossível. Eram dúzias as pessoas que entravam e saíam durante a noite, e esperava que o fizessem assim.

Já que Noah ainda estava cuidando da filha de Bela até março, ela tinha ainda mais motivos para não avisar. Ela deu a volta na esquina do vestíbulo, entrando no Grande Salão e dirigindo-se automaticamente para a enorme chaminé onde Leah estava constantemente diante, independentemente da estação do ano em que ficasse com ele. Seus passos se amorteceram pelo tapete turco, em tão bom estado apesar dos anos e dos meninos que tinham jogado em cima, havia brinquedos dispersos e abandonados sobre ele.

Ela não estava preocupada, só surpreendida. Cruzou os braços, os dedos tamborilavam na curva de sua cintura durante um momento. Era uma guerreira como seu marido e tudo o que tinha que fazer era sossegar sua mente e concentrar-se em seu objetivo. Encontrá-los-ia em qualquer parte da enorme casa onde estivessem escondidos sem necessidade de gritar ou procurar pelas habitações. Filtrando o aroma e os restos do calor, foi capaz de identificar que pertenciam a sua filha e a seu vassalo.

Para sua contínua surpresa, isto a conduzia à casa do Noah. Deixou-a perplexa porque se aproximava a alvorada. A alvorada e a luz do sol eram coisas que evitavam a raça dos Nightwalkers, com a exceção dos Anciões. E embora essa descrição se podia aplicar a Noah, sua filha era uma questão à parte. Embora Demônio e Druida se mesclavam na menina e que era uma criatura única, não havia nenhuma garantia de que a parte humana herdada da mãe a fizesse imune ao sol. Aos meninos Demônio o sol debilitava e lhes adoecia. Inclusive tinha o potencial de matar aos meninos vulneráveis que não tinham alcançado seu poder. Dormiam e simplesmente nunca despertavam. Isabella e Jacob nunca tinham desejado provar a tolerância de sua filha à luz solar. Esperariam até que fora maior antes de fazer tal tentativa.

Era excepcionalmente irresponsável que Noah levasse à menina a outra parte quando a luz do dia estava tão perto, sobre tudo porque Isabella ou Jacob sempre vinham recolhê-la uma hora antes da alvorada. De todos os modos a jovem mãe não

se preocupou ou assustou. Depois de tudo Leah estava com o Noah. O Rei preferia morrer que expô-la a qualquer perigo. Ele provavelmente já estaria em casa ou a ponto de chegar.

Portanto, Isabella se deixou cair no assento mais próximo ao fogo, suspirando de felicidade enquanto estirava seu corpo totalmente cansado depois de uma larga noite de trabalho. Quanto mais próximo estava Samhain e a Lua cheia, mais forçados se viam ela e Jacob a perseguir os Demônios que perdiam o controle de seus temperamentos luzidos e normais. Depois de uma noite como a que eles acabavam de ter, ela sempre estava muito cansada e encantada de poder recostar-se.

Não teria que preocupar-se de outro Demônio fora de controle até o crepúsculo do dia seguinte.

Corrine se deitou na cama com alívio, sentindo-se esgotada mental e emocionalmente, tinha todos os músculos do corpo e os ossos doloridos. Kane estava já na cama esperando que chegasse a letargia que acompanhava o amanhecer. Ela tinha tomado banho para tirar a fuligem e os efeitos do ocorrido, apartou-se com o braço o cabelo ainda úmido que caiu como em um leque de cachos escuros por detrás do travesseiro. Uma coreografia de pensamentos chegou facilmente através do vínculo telepático de seu companheiro. Kane deu a volta para ela e amoldou firmemente suas cálidas curva contra a forquilha de seu corpo.

—Dorme — murmurou ele com delicadeza.

— A noite é muito larga para suas preocupações obsessivas.

—Sei. Logo que posso deixar de sentir que não deveríamos deixar Noah dirigir este assunto só — lhe respondeu em outro sussurro.

—Estou de acordo. Mas chega o dia e ele dormirá como o resto de nós. Atendê-lo, será o primeiro que faremos quando despertarmos.

—Obrigada — disse ela, abraçando os braços que a rodeavam.

—Não tenho feito nada — sorriu ele, esfregando a bochecha contra a sua.

—Durma. Dir-te-ei o porquê é tão maravilhoso pela tarde — particularizou Corrine com um bocejo, fechou os olhos e rapidamente dormiu, ainda sorrindo-lhe para seu marido.



CAPÍTULO CINCO

Algo perturbou o sonho de Corrine o suficiente para fazer que franzisse o cenho. Agitou a cabeça sem descanso, mas de repente parou quando uma mão brusca sobre sua boca deteve o movimento e empurrou sua cabeça para o travesseiro fazendo força pesadamente.

Apesar do profundo do sonho, os olhos de Corrine se abriram como pratos. Por um momento sacudiu o pânico, mas depois se deu conta de que reconhecia o homem que se inclinava sobre ela na habitação fracamente iluminada. Exalou aliviada olhando os olhos cinza esverdeado do Noah.

O alívio durou pouco. Enquanto olhava ao Rei, Corrine se viu afligida por uma poderosa intuição de que algo ia mal. Em primeiro lugar, Noah nunca lhe teria aproximado dessa maneira tão brusca. Não importava o quão desesperadamente necessitasse sua ajuda, nunca despertaria a costas de seu marido. Ou, como era o caso, não lhe deixaria seguir dormindo a seu lado sem que se inteirasse. O coração de Corrine começou a pulsar com rápida cadência enquanto o Rei se inclinava mais sobre ela e cravava o olhar no seu tão profundamente que sentiu como se estivesse escavando em seus pensamentos com irada claridade.

—Se tenta despertá-lo verei forçado a drenar sua energia mais do que já o tenho feito-sussurrou Noah e a gentileza de sua voz e suas maneiras lhe produziram calafrios porque, claramente, eram justamente o contrário a seus atos.

— Se o fizer, deixar-lhe-ei bastante débil e vulnerável ante o dia. Ainda é jovem, Corrine, e não sei o que isso lhe faria.

Corrine desviou o olhar temeroso do Noah para seu marido. Não podia controlar o pânico que sentia assim fechou os olhos e rezou brevemente para que as manipulações do Noah e a letargia diurna fossem suficientes para evitar que Kane detectasse seu alarme. A conexão que tinha crescido entre eles era agora tão forte que havia poucas garantias de que acontecesse. Pela primeira vez, desejou estar no nível baixo, que a princípio, fazia que lhes resultasse muito difícil comunicar-se telepaticamente. Não tinha nem idéia de por que Noah estava inclinado sobre ela, ameaçando-a junto a seu marido à luz do dia, mas o instinto lhe gritava que não era somente Noah que estava olhando-a.

Abriu os olhos outra vez assentindo com a cabeça. Não tinha sentido enfrentá-lo. E não só porque não tinha poderes para fazê-lo, mas sim porque,

inclusive se os tivesse, ele a ultrapassaria com facilidade.

Quanto invejava neste momento a habilidade de sua irmã para drenar os poderes. Bem, é certo que ela tinha sua versão, todos os Druidas a tinham. Mas na versão de híbrido de humano e Druida, tendia a limitar-se somente a seu Companheiro Vinculado. Era parte do equilíbrio que ajudava a acalmar a alma de um Demônio e controlar seu poder nos momentos em que menos se podia controlar. Com Bela, o truque era que terminava com o poder. Era esta habilidade e também o entretecido emocional das almas o que salvava aos Demônios da loucura. E também era outra razão pela que uma companheira ou companheiro Vinculado eram mais preciosos para os Demônio que os diamantes.

Noah a tirava da cama com uma mão atado em seu braço dolorosamente quando estes pensamentos e todas suas implicações se abriram passo na consciência de Corrine. Aproximava-se Samhain, a Lua cada vez era mais cheia, a pressão de sua influência pesava cada vez mais sobre os Demônios, inclusive nos mais poderosos. A compreensão alterou a percepção do que estava passando. Entretanto, não podia protestar de nenhuma forma. O agarre de Noah era como ferro, sujeitava-a contra seu corpo lhe impondo silêncio. O corpo do Rei Demônio estava quente, coisa bastante estranha dado que a temperatura corporal dos Demônios era alguns graus menor que as dos humanos. Seus dedos nus escaldavam seus lábios e suas bochechas, como um chá que está muito quente. Tirou-a da habitação e fechou a porta atrás deles. Só a soltou quando a empurrou para as escadas.

Corrine nem sequer lhe olhou. Baixou a cabeça e obedeceu a sua ordem em silêncio. Precedeu-lhe escada abaixo enquanto tentava forçar-se a pensar. Se tentava despertar Kane, Noah reconheceria a energia em seguida. Nem sequer estava segura de poder despertar a seu marido sendo ainda tão cedo do dia e depois de que Noah lhe tivesse manipulado com seu poder. Noah tinha razão. Kane era muito jovem para ter se quer um sedimento de esperança de poder enfrentar aos poderes do Rei. E Corrine estava ainda mais em desvantagem.

Ao chegar ao primeiro piso se deu conta com crescente temor de que não era o único objetivo do Noah. Leah, que estava enroscada no sofá dormindo chupando o polegar com entusiasmo, também estava envolta. Corrine estava assustada e confundida enquanto se precipitava para sua sobrinha. Agarrou à menina e a

apertou contra seu peito, protetora, procurando algum dano.

—Que caralho passa contigo? — gritou olhando irada ao Rei Demônio com o infame temperamento que corria pelo sangue de sua família.

Noah sorriu e isso gelou o sangue ao Corrine mais do que o tivesse feito sua ira. Aproximou-se dela e de Leah, inclinando-se ligeiramente para encontrar seus olhos grandes e verdes.

—Sua irmã e seu marido chegarão logo. Nem sequer minhas faculdades são suficientes para lhes distrair muito tempo.

Essa foi sua resposta. Só havia uma coisa que podia fazer evitar aos Executores e confirmou o que Corrine tinha chegado a compreender.

Noah tinha sucumbido à loucura da lua do Samhain.

Corrine sentiu como uma punhalada no coração e se deu conta de que ela o tinha causado, em parte. A compreensão de que seu par destinado tinha morrido e o tinha feito de maneira violenta, que poderia haver-se evitado se tivesse atuado antes, poderia ter sido o catalisador que tinha feito que se rendesse à lua Maldita. Ela e Kane tinham cometido um terrível engano ao lhe deixar sozinho com sua pena.

—Noah, seja o que seja o que está pensando fazer, tem que saber que te porá em conflito com aqueles aos que amas. Forçará ao Jacob e a Isabella a que...

—Podem tentá-lo. Entretanto, duvido que estejam muito desejosos de fazê-lo contigo e com sua filha na linha de fogo. Assim deixa de procurar evasivas e te coloque na habitação detrás. Quanto mais te demore mais incrementa a possibilidade de que realmente tomem parte na confrontação que tanto teme.

Em silêncio, dolorosamente, apartou a vista dele e obedeceu. As implicações da situação em que se encontrava eram quase muito atroz para suportá-las. Até agora não tinha procurado muitas companheiras, mas nunca tinha abrigado a idéia de que poderia haver conseqüências negativas. Se tivesse tomado a moléstia de pensá-lo, teria entendido que um incidente como esse poderia muito bem afastar aos Demônios em massa. Inclusive mais do que já o estavam.

Estava ocupada com estes pensamentos quando se viu empurrada violentamente à habitação que utilizava para meditar, quão mesma tinha contemplado só fazia umas quantas horas tão trágicas revelações. Caiu de joelhos sobre a confusão de travesseiros sujos e ervas caídas, pois Kane a tinha convencido para deixar a limpeza até manhã. A habitação ainda cheirava a ervas queimadas, ao

carvão do fogo e inclusive havia traços daquele momento no tempo em Chicago.

—Acorda à menina — ordenou Noah com tom gelado, endireitando algumas velas e as acendendo, prendendo também os restos de ervas do braseiro com um simples pensamento.

—Impossível. Não a estas horas do dia.

—Eu te ajudarei — disse roçando-a outra vez com esse sorriso molesto.

Nesse momento, Leah se revolveu em seus braços com um irado protesto e um gemido. Corrine a embalou enquanto olhava com apreensão a Noah que manipulava os arredores do lugar que ela considerava sagrado.

—Noah, por favor, que esperas que eu faça? Nem sequer sei o que é que tenho feito.

—Só faz o que faz sempre — disse com serenidade.

— Foi Leah a que a trouxe até mim. Você simplesmente lhe indicou o caminho.

Corrine se deu conta da verdade com um suspiro que lhe parou o coração. Pois claro! Conhecia a profecia do nascimento da Leah como todos. Como não se deu conta antes? O incidente se produziu no momento em que Leah se intrometeu no ritual. E, claramente, Noah esperava que o efeito voltasse a produzir-se. Mas, com que fim?

—Não a deixarei morrer, Corrine.

—Ai, Meu deus! Quer trazê-la ao presente! —Corrine ofegou, horrorizando quer tentar salvá-la e trazê-la aqui. Meu Deus, Noah tem idéia das ramificações que podem derivar-se de jogar com o destino? Você e seus Demônios reverenciam o Destino. É sua religião! E nem sequer sabe se é possível...

—O que sei é que se posso fazê-lo, salvar-lhe-ei a vida — a interrompeu com frieza.

— E isso é o único que me importa.

É obvio que seria tão simples para alguém em seu estado mental. Isabella lhe havia dito uma vez que ninguém podia raciocinar com um Demônio na agonia da compulsão da Lua Sagrada, salvo, possivelmente, os Executores. Sua só presença tendia a ter um poderoso efeito de sufocação. De todas as maneiras, Corrine estava começando a duvidar que o mero ato de que os Executores se materializassem ante ele tivesse algum efeito sobre Noah. Sabia o que queria e era evidente que estava disposto a fazer o que fora para consegui-lo. Tal qual estavam às coisas, sentir-se-ia devastado quando voltasse para seu ser tão ordenado.

As lágrimas encheram os olhos da jovem Druida quando o pensou. A única coisa pela que podia estar agradecida era que Leah era muito pequena para compreender o que estava passando e provavelmente não o pensaria duas vezes para tratar a seu tio Noah como sempre tinha tratado. Corrine sabia que ela não seria capaz de fazer o mesmo embora tudo terminasse nesse mesmo momento.

—Noah, não pode ter a segurança de poder fazê-lo. Pode ser que esteja arriscando as vidas de todos nós por uma vida que terminou faz uma semana. Por favor! Por favor, não...

Engasgou-lhe a seguinte palavra quão a mão do Rei se fechou como um torno brutal sobre a parte de atrás de seu pescoço. Agarrou-lhe o cabelo no punho e atirou de sua cabeça para trás para que pudesse lhe olhar aos olhos. Frios, cinzas e sem vida, irradiavam a distância de sua mente racional.

—Sugiro-te que comece a te concentrar em sua tarefa.

Jacob se materializou em uma nuvem de pó só uns segundos depois de sua mulher. Ela estava já vários metros por diante procurando com todos seus sentidos qualquer traço de sua menina.

—Não o entendo — soltou com se desesperada frustração —. É a segunda vez que nos equivocamos de caminho, Jacob.

—O que eu não entendo é por que Noah levou ao Leah. Possivelmente o fez contra sua vontade? Não imagino como pode ser possível, mas a confusão de energia que seguimos nos encontrando...

—É como se nos estivessem enganando de propósito — sua mulher completou o pensamento agarrando o lábio inferior entre os dentes. Estremeceu-se violentamente, abraçando-se como se tentasse consolar-se.

— Devia ter sabido que algo ia mal quando encontramos o castelo vazio. E em vez disso, esperei durante uma hora, desperdiçando um tempo precioso pensando que em qualquer momento Noah ia materializar-se com nossa menina nos braços.

Jacob se aproximou rapidamente da sua turvada companheira, atraindo-a a um abraço que a confortou. Lutou contra o impulso de enredar-se de suas emoções, sabendo muito bem que ao menos um deles devia conservar a cabeça serena. Esperaria até encontrar Noah antes de fazer algo violento. A verdade da questão era que tinha uma inexplicável necessidade de estrangular o monarca, tanto se podia ter impedido tudo isto ou não.

E ainda assim, tentava não seguir essa linha específica de pensamentos que pululavam ominosamente como fantasmas no fundo de sua mente. Se ficava na pior só preocuparia mais a Bela. Era quase impossível ocultar os pensamentos a alguém que estava tão familiarizado com sua mente como estava ela, mas tentaria embora só fosse por seu bem. Entretanto, era totalmente consciente da lua do Samhain que era inusualmente poderosa este ano, que era a razão pela que se viram forçados a ter a alguém fazendo de babá para sua filha até o amanhecer, noite detrás noite. Isso, unido ao feito de que a conduta do Noah estava sendo um pouco errática ultimamente, tinha criado um coquetel do mais estremeceador.

Embora ninguém tivesse sabido nunca de um Demônio que fizesse mal a um menino na agonia da loucura da Lua Sagrada.

—Sempre há uma primeira vez para tudo — sussurrou Isabella com suavidade.

Jacob amaldiçoou entre dentes. Não tinha tido intenção de perder-se totalmente em seus pensamentos.

— Pode ser que tenha deixado Leah em qualquer lugar e o que estamos perseguindo seja ao Noah utilizando qualquer truque que cria necessário para nos atrasar enquanto se ocupa da animação que queira que seja. Não posso acreditar nem por um momento que Noah possa fazer mal a Leah.

—E por que agora? É de dia. Como pode estar gastando tal quantidade de energia? O que é o que lhe está impulsionando com tanta força contra seu próprio sentido do bem e do mal quando nem sequer saiu à lua?

—Já saiu amor. A lua sempre está. Nunca parte. Não é como o sol que bloqueia a terra ciclicamente todos os dias a nossa vista e nossos sentidos. Quando a lua entra em uma de suas fases, permanece nela de dia e de noite. E acredito que ambos sabemos que Noah é muito capitalista e hábil com seus poderes para ter que preocupar-se de repor cada ápice de energia que utiliza, sem importar a hora do dia.

—E... — lhe urgiu.

—E te digo que deixe de jogar carrossel e pense no lugar mais razoável onde creia que Noah deixaria Leah se tivesse que abandoná-la aos cuidados de algum outro. Utiliza o que necessite de meu poder para chegar até ali e me faça saber o que averiguaste. Enquanto isso vou pôr em claro este jogo de pistas e vou caçar a nosso monarca antes que faça algo que tenha que lamentar dolorosamente.

—Está bem — concordou.

Beijou-lhe rápido na boca. Fechou os olhos, mas não se entreteve em desfrutar

do íntimo da carícia. Concentrou-se em si mesma no lugar onde albergava a habilidade de drenar os poderes dos Nightwalkers. Não duvidou em arrancar uma grande parte dos poderes do Jacob para si. Ele o substituiria facilmente uma vez que ela estivesse fora de seu alcance, utilizando os recursos da Terra a seu redor. Os poderes emprestados, entretanto, estavam limitados ao que tinha roubado e à quantidade de tempo em que pudesse mantê-los em seu poder. Tinha-lhe levado bastante prática ocupar-se inclusive da mais rudimentar forma de habilidade. Esta, entretanto estava, mas bem na fila das monumentais.

Enquanto ela voava em uma frenética nuvem de pó, Jacob soltou o fôlego e se sentou no duro chão. Com uma repentina debilidade, só pôde vê-la partir. Mas não passaria muito tempo antes que ficasse de pé e começasse a desembaraçar o teia de aranha de enganos que seu senhor lhe tinha tecido.

- Não irá contar? – Perguntou Sands.

Ela o olhou de cima a baixo através de cílios brancos como os cabelos, seus inteligentes olhos azuis quase translúcidos sobre ele.

- Necessito?

- Claro que não.

- Por que não? – Perguntou ela com indiferença.

Sands sorriu.

- Você está brincando? Alguém que te faz truques estaria louco.

- É por isso que eu nunca tenho que contá-lo, - disse pegando a caixa e colocando-a em sua bolsa.

Ela colocou a alça no ombro casualmente, como se dentro estivesse apenas um pente e um batom, e não um quarto de milhão de dólares em dinheiro.

- Te chamaremos – disse Sands cordialmente.

- Eu imagino.

Sands ficou de pé, limpando-as mãos com o lenço e lhe tendeu a direita. Kestra logo que sorriu com educação e manteve ambas as mãos no fechamento da bolsa. Com ou sem lenço, não ia enlodar-se nem ia dar a oportunidade de lhe agarrar a mão.

O frio que de repente corria através da sua coluna vertebral elevou-se até a base do pescoço, nunca tinha deixado de lhe avisar que algo não estava certo.

Preferiu acreditar em seu subconsciente que reunia os sinais que sua mente não compreendia.

Abaixou suas espessas pestanas brancas uma vez que o diamante azul de sua íris escureceu. Ela olhou ao redor da sala de novo, como vinha fazendo desde que entrou em território desconhecido. Desta vez, notou uma sombra fraca no corredor atrás dela.

Suspirou longa e com pesar, abriu os olhos frios e dedicou um olhar gelado.

- Independente de tudo que está planejando - sibilou friamente, - deixe-me avisá-lo que não será uma boa idéia.

Então, sem esperar por uma resposta e segurando a alça da bolsa lançou-a com precisão na cabeça de Sands. Ele foi pego de surpresa e não estava preparado, caiu como uma árvore morta em uma floresta no inverno.

Kestra tirou os sapatos e correu como uma louca através da habitação. Se dirigir para a porta principal seria um erro, a deixaria muito exposta se a pessoa do lobby estivesse armada, então ela entrou na cozinha saltando pelo balcão para sair da mira. Infelizmente, a sua esquerda, era a única saída da cobertura.

Procurou sua arma na bolsa, deixando cair tudo o resto ao agarrá-la entre as mãos pondo o dedo no gatilho. Todos os indícios de problemas se desdobravam agora em sua mente, fazendo que se amaldiçoasse por não haver se dado conta desde o começo. Olhou para o Sands enquanto se recostava na entrada da cozinha. Estava quieto como um morto e sangrando profusamente sobre o antes antigo tapete, justo ao lado de seus abandonados sapatos. A pergunta que tinha na cabeça era quantos mais poderiam haver se escondido na enorme suíte.

Estava fodida e sabia. Um segundo depois, a parede atrás de sua cabeça explodiu. Gritou enquanto a alvenaria voava por toda parte e em rápida sucessão quando alguém disparava do lado da frente. Tudo o que pôde fazer foi atirar-se ao chão enquanto destroçavam a parede por cima de sua cabeça, enchendo-a de gesso e de água. Quando o rego de buracos da parede começou a descender para seu corpo, não ficou mais opção que sair da linha de tiro o mais rápido possível. Revolveu-se contra os ladrilhos italianos, suas meias escorregavam no chão enquanto se apoiava nas mãos. Agarrou o tapete e os dedos da mão direita se agarraram forte às fibras grossas de cabelo. Logo que havia posto ambos os joelhos no tapete uma mão grande a agarrou pela trança do espesso cabelo dourado e atirou para cima até pô-la em pé.

Sentiu a queimadura da boca quente de uma pistola apertando-se em sua têmpora.

Houve um som de carne contra carne um segundo antes que a pistola disparasse perto de seu ouvido. Kestra se atirou ao chão e, milagrosamente, encontrou-se com a cabeça intacta. O ouvido lhe ressonava dolorosamente, mas seu atacante tinha falhado. Olhou para cima e descobriu por que.

Um homem alto e de cabelo negro com a constituição de um rufião tinha ao atirador pego pelo braço e estava fazendo exatamente o que ela teria feito se tivesse tido a oportunidade. Tinha-lhe quebrado o braço pela metade, limpamente. Agarrou ao valentão que chiava pelo pescoço da camisa e lhe estrelou o rosto contra a parede, tão forte que Kestra pôde imaginar sem dificuldade o ruído de um par de ossos mais rompendo-se embora, a estas alturas, teria sorte se o tivesse podido ouvir espirrar.

Mas a sua vista não acontecia nada.

Viu como o homem deixava cair a seus pés ao atacante sem sequer um ápice de preocupação por sua vida, uma atitude de desprezo que estava muito inclinada a compartilhar. Então viu outro homem, sem dúvida o que tinha estado praticando o tiro ao pombinho com ela na parede, que corria pela sala de detrás.

—Cuidado!

O aviso parecia desnecessário. E também a olhada que desencapou quando de repente recordou sua arma. O recém-chegado deixou atrás dele a sua primeira vítima e ficou no caminho do que vinha. Parecia como se não lhe preocupasse absolutamente que os homens estivessem armados. Às vezes a tinham acusado de ter desejo de morrer. Aparentemente, este homem que estava no processo de lhe salvar a vida, era essa idéia em pessoa. Era incrivelmente rápido. Em um segundo, tinha uma pistola lhe apontando à cara e no segundo seguinte tinha pegado o braço do homem, o tinha torcido quase completamente e lhe tinha golpeado no rosto com uma velocidade que parecia irreal para alguém de seu tamanho. Reconhecia um lutador perito quando o via, mas este estava fora de seu alcance inclusive com sua experiência. Não houve intercâmbio de golpes, só a eliminação com uma facilidade superficial.

Voltou-se enquanto o segundo atirador caía e a ela lhe abriram os olhos como pratos ante sua presença imponente. Os braços fortes separados, as mãos meio

fechadas em punhos. Os olhos verde cinzentados acesos com a febre da luta. Tudo isto em um traje que só podia qualificar como antiquado. Levava umas calças de montar ajustados e uma camisa de seda solta e ondeante colocada por dentro da cintura estreita; parecia como se tivesse saído de um velho navio pirata. Das botas extremamente lustradas até o acréscimo que se sujeitava com uma singela tira de couro negro ou um pouco parecido.

—Vêem comigo.

Estendeu a mão enquanto lhe olhava.

—Sim, claro! — exclamou ficando de pé depressa e apartando-se dele.

— Obrigado pela ajuda, mas me vou daqui.

Levantou sua arma lhe olhando para que pudesse tomá-la a sério. Logo que tinha dado o primeiro passo quando a agarrou pelo braço com dedos de aço, desarmando-a com uma rapidez e uma facilidade embaraçosas e a voltou para ele aproximando-se tanto que seus corpos chocaram.

—Vem voluntariamente ou a força, deixo-o a sua eleição. Mas vem.

Durante um instante, Kestra sentiu quão bem casavam seus corpos tensos, ao estar tão perto que suas respirações se enredavam. Acelerou-lhe o palpitar do coração quando a afligiu a sensação de que, de alguma forma, conhecia-lhe. Sem saber por que, reconhecia instantaneamente seu porte e sua calidez e inclusive sua atitude autoritária. Reconhecia-o, mas não o identificava.

—Pois escolher não ir — soltou.

Moveu-se com velocidade ligeira, mas determinada, soltando o braço de seu agarre com rapidez enquanto retrocedia para lhe golpear. Evitou pelos cabelos que lhe golpeasse no nariz com a palma da mão. Desatou-se sobre ele com violência rápida, lhe acertando só com a metade dos golpes que lhe lançava e aprendia enquanto isso a melhor maneira de fintar e orquestrar suas respostas. E Kestra lutava com suas emoções neste caso, provavelmente sem saber se quer o por que. A verdadeira vantagem que tinha era que ele se negava a lhe devolver os golpes.

Havia sido humano.

Mas Noah não era humano e tampouco é que tivesse muita paciência nesses momentos. Grande ingrata que era, pensou rindo para si mesmo. De repente Kestra se encontrou enfrentando o ar. E depois sentiu um braço a seu redor por trás. Levantou-a limpamente do chão e a apertou contra seu corpo, pressionando com

força suas costas e seu traseiro contra os contornos duros como pedras de seus músculos sob as delicadas malhas que vestia. Kestra ofegou quando lhe cruzou os peitos com o braço livre, apanhando-a sob as palmas de suas mãos poderosas.

—Boa noite, Kikilia — sussurrou com fôlego quente em seu ouvido.

Kestra abriu a boca para lhe esfolar, mas quão seguinte soube foi que lhe drenavam a energia do corpo tão rapidamente que de repente se aterrorizou pensando que não teria suficiente para tomar o seguinte fôlego que tanto necessitava. Caiu no poder de seu abraço com a escuridão abatendo-se sobre ela.

Isabella tomou forma com um ruído agudo na sala de estar de Corrine. Não tinha sentido que Corrine levou Leah sem mandar Kane para advertir-lhe. Inclusive embora tivesse sido terrivelmente perto do amanhecer, Corrine teria sabido que estaria louca de preocupação e teria encontrado a forma de fazê-la saber que sua filha estava a salvo em seu cuidado. E, além disso, Kane estava limitado a transportasse só a lugares que conhecesse ou onde tivesse estado antes. Com dois Executores correndo daqui para lá como tinham estado fazendo, localizá-lo teria sido impossível para Kane.

Bela esfregou as mãos com ansiedade enquanto se orientava no que a rodeava. Imediatamente, seus sentidos de guerreira cobraram vida avisando-a da presença, não só de sua filha, mas também de sua irmã e o evasivo Rei Demônio. E imediatamente na esteira dessa presença estava a aura de algo mais... algo capitalista e distorcido... e uma capa de medo subjacente que o cobria que era tão potente que a pequena Druida quase podia saboreá-la.

Tudo o que sentia se transmitiu diretamente à consciência de seu marido, mas ignorou a voz que gritava em sua cabeça lhe advertindo enquanto corria pela habitação por volta do quarto de meditação de Corrine. Lançou-se à porta que se abriu de repente pela velocidade de seu peso.

A habitação girava com uma energia horripilante e estranha, uma névoa de fumaça e uma rede de raios ricocheteando que corria pelo teto. A quebra de onda de ar que se penetrou na habitação com a abertura da porta empurrou-a para trás do centro da nuvem de fumaça com um redemoinho irritado. As ondas se abriram com violência abrupta, revelando a imponente figura do Rei Demônio que se erguia em seu interior.

Tinha nos braços a figura murcha de uma mulher humana.

Isabella ofegou consternada sem importar o muito que os pensamentos de Jacob a tivessem avisado de que poderia encontrar algo exatamente como isto.

—Bela!

Isabella se voltou para o som da voz de sua irmã, encontrando imediatamente a figura acurrucada de Corrine e o fato de que apertava desesperadamente a sua filha nos braços.

—Tome cuidado! Tornou-se louco!

Isabella desviou sua atenção para Noah. Instintivamente firmou os pés enquanto notava o abrupto avanço para ela com a humana inconsciente ainda firmemente em seus braços poderosos.

—Noah — lhe falou com rapidez e suavidade—, o que está fazendo?

—Arrumando as coisas — respondeu como se isso o explicasse tudo.

— Ela é minha.

—Poderia muito bem sê-lo – disse com presteza, cruzando-se em seu caminho a propósito quando fez o gesto de rodeá-la.

Noah poderia ter trocado sua forma em um segundo, mas também sabia o que isso a forçaria a fazer. Se havia uma pessoa em toda a comunidade Demônio que pudesse levar isto a um final rápido, essa era Bela. Mas terei que pagar um preço quando lhe arrebatava o poder a alguém; assim se podia evitá-lo, faria-o. Já lhe tinha arrebatado seu poder do Rei uma vez, com conseqüências desastrosas que quase haviam levado várias vidas, incluída a sua própria. Não era algo que queria repetir, especialmente com sua família vulnerável e tão perto.

—Noah — continuou com a voz armada de calma e gentileza.

— Se for sua companheira destinada ninguém poderá te separar dela. Entretanto, não é esta a maneira de trazer a mulher a nosso mundo. Não é nossa maneira nem a maneira que mandam nossas leis.

Bela baixou os olhos para a mulher em questão, olhando-a melhor. A cabeça lhe pendurava lassa sobre o braço esquerdo do Rei com uma trança de cabelo branco puro ondeando o ar carregado de fumaça. Estava pálida, claramente lhe tinha drenado a maior parte da energia vital, um estado com o que Bela estava o suficientemente familiarizada para saber quem o tinha começado. Posto que Noah tinha cometido seus crimes em presença de Corrine com aparente propósito, parecia que esta mulher era sua companheira destinada. Entretanto, também poderia ser uma inocente ao final das emoções voláteis e má conduzidas do Rei. De

qualquer forma, Noah não estava em condições de dispor do destino de uma vulnerável fêmea humana.

— Parece que está fraco — disse Isabella brandamente.

— Deixe-me te ajudar.

— Retrocede Executora. Não me arrebatará isso.

— Não hei dito que ia fazê-lo — adicionou rápida.

— Mas se nos forças a brigar, Noah, pode ser que todos nesta habitação acabem feridos. Leah, Corrine... e esta fêmea também. É tão capitalista que teria que debilitar seu poder com cada grama de minha força. Não haveria lugar para delicadezas, Noah. Quão jovem sujeitas não poderia suportar tal drenagem de sua energia.

— Como diz, Leah está na habitação. Poderia suportar uma menina tão pequena o impacto do poder de sua mãe? — perguntou com frieza.

— Possivelmente não. Mas te posso garantir que você não sobreviveria à ira de seu pai se algo acontecer com ela ou a qualquer um de sua família.

Noah olhou por cima da pequena Druida que bloqueava seu caminho para encontrar o olhar negro de seu Executor macho. Deu-se conta então de que Isabella tinha estado lhe entretendo enquanto esperava a chegada de seu marido.

Ao final, o monarca duvidou visivelmente. Um Executor. Possivelmente poderia sair bem com a vantagem em tal batalha. Entretanto, o casal era algo totalmente distinto.

Foi esse momento de vacilação que sempre é o arauto de uma mudança nas dinâmicas de uma situação de força. Jacob estava muito familiarizado com isso depois de todos esses séculos. A vacilação sem dúvida estava motivada pelo egoísmo, quão mesmo todo o resto que o Rei tinha feito nas passadas horas. Mas também era o primeiro passo para um raciocínio lógico. Dava-se conta de quão inútil era esta situação, estaria no caminho de reconhecer as demais faltas de seu comportamento incontrolado.

Jacob pôs a mão na cintura de sua mulher, empurrando-a brandamente em direção a sua filha. Quando Bela se apressou a examinar e proteger a sua irmã e a sua menina, Jacob se quadrou ante seu velho amigo.

Durante um rápido instante observou cada detalhe da linguagem corporal do Noah, do firme apoio de seus pés até o férreo agarre pela mulher loira que pendurava desmaiada em seus braços. Teria seus bons cardeais ao final da noite,

mas Jacob estava decidido a conseguir que esses fossem os maiores males. Preocupava-lhe que sua respiração fora tão superficial e que estivesse tão profundamente inconsciente, embora seus sentidos, tão agudos nos de sua natureza, indicavam-lhe que Noah não tinha tido tempo de lhe deixar outras marcas ou lhe haver causado mais danos.

—Não permitirei que ninguém me tire isso. Já não me importa que sacrifícios que terei que fazer. Farei-os para conservá-la. Entende-me?

Jacob compreendia-o perfeitamente. Nesse momento, o Rei passaria por cima de qualquer ser vivente na habitação, em toda sua comunidade, para conservar seu prêmio. Inclusive ele tinha ameaçado uma vez a Noah quando o obrigaram a afastar-se de Bela depois de seu intenso primeiro encontro. Tinha-lhe esmigalhado a alma e a prudência de uma forma que não acreditava poder voltar a suportar. Não sem converter-se em puro instinto e puro animal, quase exatamente igual ao Demônio que tinha ante si.

—Compreendo-o. Mas a única maneira de conservá-la é obedecer a lei e seus protocolos. Compreende-o verdade?

Noah vacilou de novo, tomando um momento para trocar o peso de sua carga um pouco mais por cima de seu peito. Jacob viu que o Rei fechava os olhos por um momento e aproximava um pouco mais o rosto à mulher. Soou forte na habitação o som de sua respiração onde todo mundo continha a sua.

—Muito bem.

Jacob e Bela soltaram o fôlego com precaução. Corrine foi menos capaz de controlar suas emoções e estalou em lágrimas de alívio recostando-se em sua irmã. Bela não teve mais opção que afastá-la. A ordem de seu marido ressonava em sua cabeça e se ergueu para obedecer. Aproximou-se do Noah com cuidado, esfregando-as mãos úmidas com os jeans.

—Deixa que a sustente, Noah — assinalou com um meio sorriso e toda a convicção feminina que pôde reunir.

Se tivesse sido Jacob quem se aproximasse da posse de Noah, não teria havido maneira de dizer que reação volátil tivesse podido desencadear. Até esse mesmo dia, Jacob tinha problemas quando outros homens tocavam ou tentavam tocar a Isabella. Por isso era altamente suscetível sobre quem deveria fazer o movimento necessário para recuperar à futura companheira do Rei. A mulher inconsciente era quinze centímetros mais alta e pesava quatorze quilogramas mais que a pequena Executora,

mas Bela era mais forte do que parecia. Jacob olhava como executava sua magia suave e tranquilizadora sobre o Rei Demônio, a mão cobrindo calidamente a que tinha no ombro de sua cativa.

—Está... está esgotada — lhe advertiu e claramente resistente a deixar-lhe a qualquer.

—Já sei. Já o vejo. Voltará em si muito em breve — lhe assegurou.

—Só eu posso anulá-lo. Em geral posso alimentá-la com energia. Mas ela será minha verdadeira companheira. É minha energia a que desejará quando se converter em Druida. Deve estar perto de mim.

Bela olhou a Corrine quando captou seu gesto de assentimento pela extremidade do olho.

—Então estará perto de você. Só deixa que a agarre. Você... — Bela vacilou durante um segundo comprido e doloroso que refletiu um temor que somente seu marido compreendia totalmente. Falou antes que ele pudesse detê-la.

— Assustaste a Leah. Vá e consola-a. Sabe que sempre deixa de chorar contigo.

Isabella sabia que seu marido se havia posto vermelho de desconfiança e logo que podia conter a fúria ante a idéia de que Noah tocasse a sua filha depois de haver-se comportado de tão má maneira e com tão pouca consideração por sua segurança, especialmente porque nenhum dos dois tinha a certeza de que Noah tivesse superado sua situação. Entretanto, Isabella sabia que Noah nunca renunciaria à mulher sem concentrar-se em outra coisa.

Ao final acessou depois de um comprido momento, depositando sua carga nos braços de Bela com uma ternura que desmentia todos seus atos dos passados minutos.

—Não se preocupe — lhe sussurrou Bela.

Noah assentiu, retirando-se devagar. Parou-se durante vários pulsados antes de voltar-se para Leah. Terminou enfrentando a expressão de medo que nenhuma das mulheres que se acurrucavam juntas tinham tido tempo de reprimir embora tivessem tido todo o tempo do mundo para fazê-lo. Era a evidência da crueldade de suas ações o que finalmente entendeu. Noah soltou o fôlego agudamente, comocionado e com uma dor que lhe tirava a respiração quando a consciência lhe golpeou por todos os lados. Estava rodeado por um montão de pessoa a que amava e aos que tinha traído. Manteve-se de força e poder emprestados durante horas,

queimando-os tão rápido como podia substituí-los na velocidade de sua loucura. Quando a demência lhe abandonou, também o fez sua força e igual de subitamente. Noah se deixou cair de joelhos e só alcançou a alargar a mão para evitar cair de bruços sobre o chão coberto de escombros.

Com as emoções e lembranças valiosas da infância, Leah se largou dos braços de sua tia e se apressou a ajudar a seu tio. Suas mãozinhas lhe agarraram o rosto um momento e depois lhe abraçou a cabeça fazendo os ruiditos suaves e calmantes que sua mãe e sua tia utilizavam para consolá-la quando lhe doía algo ou estava preocupada.

Aquilo desarmou completamente ao Rei Demônio. Cegamente, agarrou à menina em seus braços, soluçando em seu pescoço com uma dor incrível antes de ceder completamente a suas emoções diante de todos os presente.



CAPÍTULO SEIS

A princesa miserável um conto de fada Demônio Continuação...

Sarah podia ouvir o sussurro coletivo que trocava como uma onda por todo o mirante enquanto o Executor se plantava ante ela. Olhou para cima, sentindo-se pequena e vulnerável ante a esteira de sua figura alta e imponente. Era feito de músculo e nervo como uma escultura de mármore. As calosidades de suas mãos eram visíveis, assim como a cicatriz que corria para baixo da têmpora esquerda. O pai de Sarah a tinha contado que o tinham esfaqueado uma vez com uma folha de ferro. Quando pensava como devia ter sentido já que o metal era letal para os *Demônios* queimando como ácido e atravessando a pele e o osso, perguntava-se como tinha conservado a visão do olho esquerdo. Tinha sorte de que tudo o que lhe tivesse causado fora só uma cicatriz.

—Boa tarde, Sarah — a saudou com sua voz profunda e surpreendentemente suave.

—Executor — respondeu, assentindo com a cabeça com suas melhores maneiras de realeza.

—Ariel — a corrigiu com um sorriso divertido jogado em seus lábios e em seus olhos cintilantes.

Sarah se encolheu de ombros, a fazendo ver que lhe dava igual uma coisa ou a outra.

—Que assim seja — disse Ariel brandamente.

— Acredito que deve saber que pretendo ganhar a competição e que te reclamarei como prêmio.

Sarah ofegou consternada e se ruborizou de raiva.

—Como te atreve a falar dessa maneira!

—te acostume Kikilia — disse com tranqüila determinação—, porque logo estará em minha casa, atendendo meu coração e já não será Princesa.

—Antes prefiro que me inundem em azeite fervendo que me converter em companheira do Executor — respondeu e o ácido de sua voz ardia feroz.

Pensava que tinha um valor incrível para pensar sequer tal coisa. Nenhuma Princesa que se apreciasse abandonaria a casa de seu pai e seu título para viver com o estigma de ser a esposa do homem que humilhava e castigava a sua própria gente. De acordo, alguém tinha que fazê-lo e seu pai lhe respeitava muito, mas ela não estava disposta a converter-se na esposa de alguém como ele e não importava o que pensasse.

Ariel riu entre dentes ante sua resposta, mas ela não entendia o que tinha de divertido.

—Queria me dar um objeto, minha senhora? Assim, todos saberiam de sua estima por mim quando a levar no campo de batalha — disse.

Ofegou horrorizada ante seu puro descaramento.

—Nunca!

—Muito bem. Não tem importância. Antes do amanhecer me pertencerá.

Ariel se aproximou com rapidez, tomando-a liberdade de lhe acariciar o cabelo e percorrer com o dedo, a propósito, toda a longitude do pescoço que se escondia debaixo. Zangou-se, embora não estava totalmente iracunda. Seu tato queimava como o fogo sobre sua pele e em seguida se estendeu por todo seu corpo. Quando se voltou e partiu, Sarah ficou intumescida e sem fala com um descontrole de emoções e reações que percorriam seu corpo. Pele e fôlego, coração e sangue, tudo. Era como se tivessem acendido uma vela brilhante em seu interior e que em qualquer momento enviaria labaredas de luz amarela através de cada poro de sua

pele.

Sarah compreendeu de repente o que eram o pânico e o terror puros. Como Princesa, nunca tinha necessitado ter medo de nada. Tinha vivido uma vida protegida e sempre tinha estado a salvo de qualquer temor por pequeno que fora.

Agora, entretanto, estava aprendendo com rapidez uma lição sobre todas essas emoções assustadoras. O Executor a havia tocado e agora seu corpo inteiro estava agudamente dolorido com luz apanhada e sufocante energia. Havia uma só e única condição capaz de provocar uma reação emocional tão violenta em um corpo sem causa nem razão aparente.

A Vinculação.

O que significava que estava destinada a ser exatamente o que ele queria que fora. Sua companheira. Seu casal para todos os séculos de sua vida.

E não havia nada que pudesse fazer para trocá-lo.

Exceto uma coisa. Poderia não lhe negar seu corpo nem a necessidade que poderia chegar a ter depois de viver perto dele, mas tinha o poder interior de lhe rechaçar em seu coração. Podia escolher lhe negar inclusive a menor quantidade de amor. Se lhe negava isso, não poderia conquistá-la.

O coração de Sarah começou a pulsar ante as possibilidades de desafiar a alguém tão poderoso e mortal. E então foi quando decidiu que, ao menos, deveria tentar fugir. Esconder-se não podia fazer mal. Assim, o que importava que fora o melhor rastreador entre todos eles, habilidade que era direito divino de todos os Executores? Ela era uma Demônio Corpórea. Tinha muitos truques ao seu dispor.

Primeiro deveria lhe enganar e depois poderia fugir e esconder-se. Nada ia fazer a cometer essa coisa terrível. Ninguém ia fazer que amasse a um macho tão pouco amoroso.

Syreena estava de pé ante a janela de dobradiças com as mãos magras apoiadas sobre a pedra Lisa e fria. A brisa do inverno antecipado da Rumania soprava sobre os picos da montanha e gelava os lagos antes de bater duramente nos muros do edifício de torres que se converteu em seu lar, alcançando por fim sua exposta posição. A mordente geada e a pressão poderosa arremeteram contra a janela e contra seu corpo, sacudindo o pesado cetim do vestido solto até que se esmagou contra ela como uma pele branca e brilhante e o resto da malha se sacudia atrás de seu corpo como se fora uma bandeira de trégua.

Quando a mão de um homem se deslizou na curva de sua cintura, a calidez fez que lhe pusesse arrepiada e o rubor encheu seu ventre e seus peitos. Voltou-se para olhá-la com um sorriso que estava cheio de deleite e malícia. Alargou a mão fria como uma pedra para lhe acariciar o rosto com os dedos.

Depois saltou da janela.

Damien, Príncipe dos Vampiros e marido da mulher que se inundava no vazio, aproximou-se da janela que ela acabava de abandonar e se inclinou rapidamente para ver no que se converteria sua esposa.

Pôs os braços aos flancos e se lançou de cabeça para as pontas agudas da base da casa familiar. O vestido solto ondeava e se inchava e a malha se estendia para trás até que se separou completamente de seu corpo esbelto sacudindo-se em um emplastro de branco que girava enquanto seguia dirigindo-se para as rochas.

Embora Syreena não chegaria. Com um brilho trocou de forma, de uma formosa mulher humana a um pequeno falcão peregrino que descendia girando veloz. Fê-lo bem a tempo de evitar as rochas afiadas de abaixo. E embora era famosa por sua licantropia “voadora”, ainda era capaz de tirar o fôlego de seu marido com esse truquinho depois de fazer que contivera o fôlego em um momento de temerosa dúvida. Não era que Damien duvidasse das habilidades de sua dotada esposa. Era a Licántropo viva mais hábil. Era porque ainda tinha momentos nos que não acreditava que tivesse tanta sorte para ser o primeiro e único Vampiro em séculos que tinha conhecido o que realmente era o amor eterno. Era o único Vampiro vivo que tinha contraído matrimônio, e com uma estrangeira, nada menos. Tinha quebrado grande quantidade de regras e mais de uma antiga lei para tomá-la como esposa.

Isso tinha sido fazia pouco mais de nove meses e muito tinha passado desde que tinham feito pública sua relação. Os resultados eram uma mescla. Uns bons e outros maus. Tinha sido um dos maus os que tinha levado a sua esposa a saltar da janela da torre mais alta do castelo.

Não tinha que esforçar-se muito para imaginar o que tinha passado para que tivesse utilizado sua habilidade para voar como falcão para liberar-se e escapar. Era o Príncipe da raça do Nightwalkers mais fria e problemática que existia.

E, embora o respeito, o civismo e a lei dos Vampiros os mantinham a raia a maior parte do tempo, o matrimônio de Damien com Syreena tinha dado aos membros mais indisciplinados de sua sociedade uma desculpa para começar a criar

problemas. Problemas que tinham adotado toda classe de formas, mas era o último o que lhe tinha chegado ao fundo a Syreena. Damien a olhou enquanto se cambaleava para o lago, voando como um cometa rápido, marrom e negro, trocando de uma corrente de ar a outra com uma destreza que sempre lhe impressionava. O Vampiro não estava tão seguro de suas habilidades na mudança de forma como sua esposa. Trocou e se converteu em um corvo grande e negro enquanto estava ainda seguro no bordo da janela. Levava só um ano com a habilidade de converter-se em corvo. Enquanto que tinha pirado toda sua vida com forma de homem, uma habilidade que todos os Vampiros adquiriam a certa idade, não tinha sido até que não se alimentou de sua noiva que foi capaz de transformar-se em corvo. Agora, enquanto voava atrás dela, estava claro o que os meses que tinham passado da última vez tinham feito a sua destreza. Ainda assim, preferia ser precavido enquanto praticava. Seria uma tolice terminar uma vida de mil anos esmagando-se torpemente contra as rochas de abaixo. Seria um fim do mais ignominioso para o Príncipe mais poderoso e que tinha reinado durante mais tempo na história dos Vampiros.

Damien perseguiu a sua esposa com determinação. Traiu-se a si mesmo e podia ouvir seus pensamentos preocupados. Antes de casar-se com ele, era Princesa por direito próprio, herdeira ao trono dos Licántropos e conselheira da atual Rainha, sua irmã Siena. Assim, não lhe eram desconhecidas as maquinacões políticas e os resultados às vezes não desejados que produziam. Mas isso não fazia que o fora mais fácil suportá-lo. Não quando a afetavam de forma tão pessoal.

Syreena se dirigia para a superfície cristalina de um dos lagos da montanha. Foi então quando Damien se deu conta de que sabia que a seguia. Transformaria-se de novo a propósito, sabendo quanto odiava Damien o abraço frio da água no inverno. Isso, mais que o mergulho suicida de antes, poderia ter êxito em lhe dissuadir de segui-la.

Trocou de pássaro a golfinho uns dois metros por cima da água enquanto se dirigia para ela. Cortou a água limpamente, tão só uma onda produzida pela cauda quando deixava ver o ponto de entrada. Damien não a seguiu.

Posou-se sobre uma rocha e trocou a sua forma masculina, cruzando as largas pernas despreocupadamente e posando uma mão sobre a coxa enquanto esperava que emergisse.

Não era que não soubesse nadar. Era que a temperatura corporal de um

Vampiro permanecia quente só enquanto permanecia quente o sangue de sua última comida. Não tinha circulação sangüínea propriamente dita, assim perdia calor progressivamente voltando-se mais frio quanto mais tempo fazia que se alimentou. Se seguisse a sua esposa à água, esta drenaria seu calor imediatamente e não se permitiria tocá-la ou beijá-la até que se alimentasse de novo para esquentar sua carne gelada. Um atraso como esse lhe impediria o desejo de consolá-la quando terminasse com sua ardente fuga.

O objeto de seus pensamentos emergiu em metade do lago, esta vez com sua própria forma. Ao menos, o que se via por cima da água. Por debaixo, estava seguro que pareceria uma sereia em vez de humana, com uma cauda em lugar de pernas para mantê-la a flutuação. Com todas estas mudanças, só havia uma forma que não tinha tirado de tudo o repertório de que era capaz, a mulher alada a que gostava de chamar “a arpia.” Isto lhe outorgava cinco formas, duas mais que qualquer Licántropo normal. Era uma mutação, uma criatura única entre sua pessoa. Entre todos os Nightwalkers. Mas com ou sem formas extras, Damien o tinha sabido.

Finalmente, Syreena começou a nadar para ele.

Uma vez tomada a decisão de ir para ele, fê-lo a toda velocidade. A poderosa cauda sob a água a impulsionava com rapidez. Fez a transição de água a terra com a mesma suavidade com a que tinha feito todas as anteriores, sacudindo o cabelo para trás salpicando de gotas brilhantes a todo o ar a seu redor. Ele descruzou as pernas lhe abrindo os braços e Syreena se deslizou neles enquanto se ajoelhava ante a rocha que o fazia de improvisado assento. Damien suspirou ao uníssonos com ela enquanto aceitava seu forte consolo. Depositou uma linha de beijos suaves por sua frente e para debaixo da orelha, lhe falando com suavidade.

—Se fizer que se sinta melhor, posso lhe mandar ao Noah a Jasmine em vez de ir eu.

Syreena soltou o fôlego, o que refletiu o muito que preferia essa solução.

—Mas disse que, como amostra de protocolo e respeito, deveria ser você quem lhe levasse a má notícia. E, odeio dizê-lo, mas estou de acordo em que seria a melhor opção. Jasmine pode ser... boa, é sua conselheira não um de seus diplomáticos. Embora aceitasse, seria melhor a outra solução.

Damien riu entre dentes ante o educadamente que tinha definido o temperamento tão freqüentemente volátil do Jasmine.

—É certo, mas apesar de tudo, sempre me foi perfeitamente leal. Nunca poria em risco minhas cuidadosamente cultivadas relações com o Noah e a pessoa dos Demônios. Sabe quão importante é a paz entre os clãs Nighwalkers se tiver que haver um futuro para todos - fez uma pausa pensativa.

— Agora que o penso, Jasmine poderia ficar até que resolva tudo. Entre ela e Horatio serão mais capazes de perceber qualquer ameaça desta natureza.

—Mmm, além disso, é seu irmão. Teriam oportunidade de ver-se.

—E eu poderia ficar aqui contigo.

—Vale, isso é uma vantagem definitiva — riu.

— E, é obvio que Jasmine esteja a centenas de quilômetros aporrinhando nos salões de outro é um benefício especial.

—É muito presunçosa — a repreendeu.

— Pensava que vocês duas haviam resolvido suas diferenças a estas alturas. Faz quase um ano já.

—Sim, bom... — sorriu brevemente antes de inclinar-se para lhe beijar, ficando com seu sabor na língua com fome um momento muito comprido antes de lhe soltar e lambe os lábios úmidos.

As mãos dele se deslizaram por suas costas úmidas e sua carne nua estava fria, embora, de alguma forma, estava mais quente que a sua em algumas partes.

—De acordo, então — murmurou suave contra sua boca preparando-se para beijá-la de novo.

— Jasmine irá em meu lugar e avisará a Noah. Ficaremos aqui com o Stephan e tentaremos resolver a situação desde este lado. Possivelmente, tudo isto resolva com rapidez e não dê em nada. Enquanto isso, eu estarei em casa com minha esposa, mantendo-a quente, cômoda e...

—E te aproveitando de seu zelo tentando fazer que fique grávida — terminou por ele aliviada.

— Damien, esperei tanto tempo para começar uma família. Se te partir durante meu zelo, não acredito que possa suportar a solidão e o saber que cada dia que está fora seria uma oportunidade desperdiçada. Não falamos de outra coisa durante os últimos três meses, desde que decidimos que estávamos preparados e que era o melhor para unir nossas desatinadas origens. Possivelmente, se tiver um herdeiro comigo, os Vampiros cessarão todas essas lutas internas e começarão a aceitar a

eleição que fez comigo.

—Carinho, já falamos que isto — a repreendeu brandamente passando uma mão grande e elegante por toda a longitude de seu cabelo úmido.

— O faremos por nós e só por nós. Como com as bodas, é seu dever adaptar-se a nós e aqueles que não se adaptem ou que se atrevam a me desafiar que venham se se atrevem.

—Damien — respirava nervosa, passando os dedos entre seu cabelo, lhe sujeitando para sua boca e seu beijo desesperado.

Sabia de seus temores muito bem para formulá-los em palavras. Inclusive sem a telepatia, tinha chegado a conhecê-la melhor do que se conhecia a si mesmo. Estava mais emotiva que o normal, mais temerosa à medida que se aproxima o ciclo reprodutor e o iminente futuro de ambos estava cada vez mais exposto ao escrutínio.

Syreena tinha dois ciclos de zelo ao ano. Na primavera e no outono, próximos à lua do Beltane e a do Samhain. Essas poucas semanas ao ano eram quando unicamente podia conceber sem importar a freqüência com que fizessem o amor em qualquer outro tempo. A primavera passada, tinha sido uma experiência sem igual para o Damien com sua larga vida de tratar com mulheres. Ela tinha estado agressiva e insaciável. Tinha-lhe provocado e incitado e lhe tinha usado até a extenuação quase cada minuto do dia desde o começo ao fim do ciclo.

Não tinham decidido ainda se estavam preparados ou não para ter filhos quando o ciclo da primavera passada a teve, mas uma vez que começou, nem sequer tinham sido capazes de fazer o esforço de tomar precauções.

Apesar de sua imprudência, entretanto, Syreena não tinha concebido.

Isso a tinha devastado. Teria tido que ser impossível que não concebesse. Nunca tinham sabido de um zelo que não produzira instantaneamente um filho se não era por falta de química ou por havê-lo evitado. Assim, automaticamente assumiu que, primeiro, algo mau lhe acontecia ou, segundo, que um Vampiro e uma Licántropo não podiam conceber um filho. Embora havia trexos nos textos antigos de que diziam ser possível, não havia nada escrito nem nenhuma prova vivente disso. Ainda assim, era ilógico que se culpasse a si mesmo. Para começar, a concepção nos Vampiros era bastante baixa. Além disso, se se via forçado a deixá-la durante o próximo ciclo para ocupar-se dos assuntos na corte Demônio, ela ia sofrer

muitíssimo e, muito provavelmente, não seria possível viver com isso. Se pensava que a atmosfera em sua casa agora era hostil, depois de três semanas com a Syreena em estado de farrá emocional em meio de uma reunião de Vampiros que, para começar, não a passavam, teria um montão de ramificações com as que lutar.

E tampouco podiam ir-se juntos. Stephan e Jasmine poderiam proteger suas propriedades, mas com a guerra civil, não seria sábio que os dois deixassem o castelo familiar desatendido. Quanto mais o pensava, melhor lhe parecia que mandar a Jasmine era a melhor solução para todos. É obvio que pareceria que Damien estava satisfazendo os caprichos de sua esposa, um fato que muitos dos de sua espécie considerariam uma debilidade.

Mas ao Damien não preocupavam as aparências nesta situação em particular. Não podia deixar a Syreena para que lutasse com oposição tão penosa quando sua mera presença podia evitá-lo. Ao parecer não se deu conta porque se não, não teria subido à torre depois de lhe ouvir discutir sobre a viagem a corte do Noah. Entretanto, conservava a paciência. Ela estava aprendendo, quão mesmo ele, e não seria bom para nenhum dos dois perder a tolerância ante a incompreensão dos outros.

Por agora Syreena tinha um ataque de calafrios e estaria melhor dentro dos muros da cidadela. Levantou-a facilmente abraçando-a enquanto seus pés se levantavam do chão. Voou com ela até a mesma janela da que se lançou antes, levando-adentro para que pudesse esquentar-se e descansar com ele enquanto o amanhecer se aproximava iminente.

Quando o Rei Demônio entrou na câmara do Conselho um pouco depois, o silêncio baixou sobre os Anciões reunidos ao redor da mesa triangular. Noah se deteve um momento, avaliando a energia da habitação. Os fofoqueiros entre os Demônios, advertiu, eram as criaturas mais rápidas do mundo. Não lhe cabia dúvida de que todos os que estavam a seu redor sabiam, ao menos parcialmente, o que tinha acontecido recentemente.

Não se deteve muito, dito a que não tomassem por resistente a enfrentar a seus pares. Colocou a grande cadeira em um dos três ângulos da mesa que indicava aos membros de mais alta fila. Os outros dois ângulos estavam ocupados por Gideon, o marido de sua irmã e o único Ancião de sua classe e por Jacob, o Executor, que estendeu a mão para cobrir a mão menor de sua esposa, sentada a seu lado.

—Convoquei esta reunião do Conselho com um só propósito – disse direto e sua voz enchia o salão de pedra e ricocheteava para ele do teto abovedado.

— É hora de que troquemos a lei Demônio, Conselheiros, para adaptá-la às grandes mudanças que nossa sociedade experimentou desde que descobrimos ao primeiro Druida e o aceitamos em nossa cultura.

Não olhou a Isabella ao referir-se a ela, muito duro para ele nesse momento tão óbvio. Enfrentaria esse julgamento depois, quando não tivessem tantas testemunhas.

—Vi passar os séculos igual a muitos de vós e todos sabemos muito bem o preço que pagamos cada Samhain e Beltane porque está em nossos gens que assim seja. Glorifiquei-me no passado como estudioso dedicado a encontrar a solução às cruéis pressões que suportamos durante as Luas Sagradas — Noah fez uma pausa para deixar uma mão sobre a suave superfície de madeira da mesa do Concílio, inclinando-se para frente para poder centrar toda a atenção nele.

—Gritamos nossas súplicas, gritamos nossa loucura quando o Executor nos colocou em vereda e gritamos simplesmente porque às vezes a agonia era muita para que a alma a suportasse.

O Rei Demônio se ergueu e a palmada que deu na mesa ressonou na habitação.

—E lhes digo que não sinto salvo vergonha de mim mesmo, de todos nós, por adotar tão bem o papel de vítimas. Tivemos três anos para iniciar as mudanças e logo que temos feitos esforços para fazê-lo. E se pensarem que é minha recente transgressão o que me faz lhes dizer isto, estarão certos. Mas inclusive antes desse incidente, a Druida Corrine tinha começado a abrir meus olhos ante nossa indolência. A isto chegamos: temos os meios para pôr fim a esta tragédia e irei a fazer uma lei para isso. Tal como estão às coisas, os Executores são um mal necessário e estão envilecidos por representar a possibilidade daquilo no que poderíamos nos converter. Isto termina neste momento — Noah ouviu a Isabella fazer um som de surpresa, um chiado apanhado na garganta, e curvou o extremo da boca enquanto a olhava diretamente.

— O que digo é lei. Cada membro sem emparelhar da sociedade Demônio que tenha a idade de um Ancião utilizará as habilidades de Corrine para encontrar a seu companheiro Druida para emparelhar-se. Só isto curará a nossa cultura de sua loucura e assim se fará. No futuro, ampliarei a lei para incluir os adultos. É óbvio, todos são livres de fazê-lo no momento que queiram ou à idade que queiram se

assim o desejam. A única razão para não fazer que seja obrigatório para todos é porque não quero sobrecarregar a nossa Druida, que de agora em diante será conhecida como nossa Casamenteira. Custa muito trabalho, agora me dou conta, ser uma varinha mágica.

Deteve-se para tomar fôlego, devagar e com calma.

—Uma vez, disse que Isabella era a primeira nota na chamada a nos salvar de nós mesmos. Agora me dou conta de que assim como ela é a nota, sua irmã é a sinfonia. É responsabilidade de cada membro deste Conselho dar exemplo sendo dos primeiros em ir à Casamenteira para este fim.

Por fim se rompeu o silêncio, quase toda a mesa irrompeu em protestos grandes e pequenos.

—Noah, não pode fazer isto — protestou Peter, o Demônio Corpóreo que derrubou a cadeira ruidosamente ao levantar-se.

— Não tem direito a nos mandar fazer algo que deveria ser uma eleição pessoal de cada criatura vivente do mundo. Nenhum ser intelectual deveria ser forçado a emparelhar-se!

—Todos os seres estão forçados a emparelhar — Ihe contradisse Noah brusco, a mordida de sua resposta foi como uma bofetada no rosto.

— Você nunca cruzou a linha da loucura, Peter, assim não sabe do que falo. Deixe-me te assegurar que cada criatura do mundo leva a estampagem do instinto de encontrar a perfeição no casal. Está codificado em cada fibra de nosso ser. E é porque tomamos o rumo antinatural da solidão que os Demônios são forçados por natureza, por essas luas Sagradas e sua loucura a seguir nosso relógio interno para nossos casais predestinados não importa a que custo. Acredite-me, Peter, não quereria pagar o preço que eu paguei. Caminhei pelo mundo tão insensível às necessidades de minha alma e meu corpo que falhei em meu Destino perfeito e despachei a minha companheira para sua morte. Nego-me a ver como acontece o mesmo a outro dos nossos. Sou o regente desta raça e imporei meu mandato. E como com qualquer outra lei, aqueles que não a obedecem se enfrentarão a meus Executores. E forçarei o assunto com ramificações tão severas que ultrapassarão as penas que já existem. E agora devo sofrer o castigo que se acrescentará à dor que, se pudesse compartilhar... — Ihe quebrou a voz e tragou visivelmente embora negando-se a romper o contato com a dúzia de pares de olhos que Ihe olhavam com fôlego débil.

— Poderia me perdoar isso se quisesse mas que classe de líder seria se não seguisse as leis que eu mesmo impus a outros?

—Noah, nenhum de nós espera que sofra a humilhação de...

—Por favor — cortou o Rei com voz rouca e dolorida.

— Aqueles de vós aqui reunidos que se chamam meus amigos, não me tentarão mais sobre este assunto. Jacob e Isabella se ocuparão de que pague justamente por minha transgressão. Para ser franco, ninguém o merece mais que eles. Levanta-se a sessão.

Não houve mais argumentos e, felizmente, nem um som de debate ou especulação. Noah se voltou e se dirigiu para a porta. Deteve-se antes de passar e voltou a cabeça para aqueles que estavam atrás dele.

—Bela, Jacob... vocês me assistirão.

O Rei fechou os olhos quando, depois de uma pausa, ouviu o som de duas cadeiras que se tornavam para trás pelo chão de mármore. Finalmente cruzou a soleira negando-a necessidade de olhar para trás.

—Noah, suplico-te que o reconsidere — argumentava Jacob calmadamente quando o último membro do Conselho lhes teve deixado a sós na Grande Sala do castelo do Noah.

Enquanto pressionava ao monarca, Jacob observou a sua esposa pela extremidade do olho, tentando apanhar um pingo de seus pensamentos e seus sentimentos. Fechou-se a ele com uma força inusitada, entretanto, trocando a conexão telepática. Era um nível de destreza que não se deu conta que tinha. Embora não compreendia por que tinha decidido usá-lo contra ele em um momento tão sensível e crucial. Poderia ter usado sua contribuição, seu suporte e sua reação. O que fora que queria lhe oferecer.

Seguiu olhando enquanto sua esposa se movia em uma direção e Noah na outra para aproximar-se do fogo.

—Jacob, é sua obrigação não só sustentar a lei, mas também deter os responsáveis por rompê-la. Eu não sou a exceção a essa regra e, como já deixei dito, não vou escutar nenhum argumento contra.

—Pois sim que vai ouvi-lo — disse Jacob bruscamente avançando por volta de seu soberano.

—Fui seu Executor durante quatro séculos e ninguém sabe melhor que eu quando terá que aplicar a lei. O castigo que está procurando pretende evitar que se

dêem futuras debilidades. Está pensado para evitar a tentação para inocentes que cairiam vítimas do perigo potencial de um Demônio fora de controle. Este decreto não quer desaprovar a aqueles que se esforçam só por encontrar ao companheiro de sua vida. Especialmente tomando em consideração que, uma vez que te emparelha com essa pessoa, já não existe a ameaça de que a loucura te possua. Por nossas leis e tradições, tem o direito de reclamar o que reclamaste. Leis que eu te ajudei a redigir, deveria acrescentar.

—Ninguém tem o direito de fazê-lo de forma que ponha em perigo aos inocentes a seu redor — respondeu Noah.

—Então, preocupa-se pela Kestra se não se preocupar por você mesmo — disse Jacob, sombrio. Sua voz ressonava na habitação de pedra.

— Se passas pelo procedimento padrão, ficará devastado física e emocionalmente. Castigar-te, significa castigar a esta inocente. Agora se converteu em uma Druida. Sabe o que isso significa. Precisarás alimentar-se de sua energia. Necessitarás de toda sua força se tiver que sobreviver a tão onerosa alteração de seu código genético e de seu ser físico. Ninguém sabe o que pode lhe fazer esta mudança, a ela e a você também, se insistir nestes roteiros.

—Não — murmurou Noah.

— Não. Não posso me apartar de tudo isto sem ser responsável por minhas ações. Se não poder sofrer o castigo padrão, terá que idear algo em seu lugar. Exijo sua submissão nesta matéria, Jacob.

—Muito bem.

Ambos os homens levantaram a vista quando, por fim, Bela falou. Sua voz suave, normalmente vibrante e cheia de humor, soava gelada e morta quando caiu sobre eles. Tinha os braços cruzados sobre a cintura enquanto avançava por volta do Rei Demônio e o ar de seus passos alertou a seu marido muito tarde.

—Eu te castigarei — vaiou para o Rei Demônio e sua mão voou de repente para o rosto do Noah, lhe golpeando tão forte que a bofetada reverberou nos ossos do Jacob.

Podia imaginar-se como se teria sentido Noah sabendo quão poderosa era Bela apesar de sua pequena aparência. Mas, enquanto Noah retrocedia ante a surpresa do golpe, o Executor sabia que a psicologia que se encerrava depois do golpe era o que lhe feriria no mais vivo.

—Nunca mais te aproximará de minha filha! Entendido? — Isabella cuspiu o

mandato atrás dos dentes apertados, toda a fúria e a raiva de todas aquelas horas, finalmente se enfocavam no primeiro alvo sólido. Era algo brutal, tangível.

— Nunca! Nem sequer a olhará! Está-me escutando? Confiei em você! Confiei em você com sua vida e sua segurança como nunca antes tinha crido em ninguém e me traiu. Traiu a ela e a utilizou em um experimento selvagem que poderia haver...

— Bela se afogava em suas emoções e as lágrimas por fim se derramavam enquanto lutava para encontrar sua voz.

— Como pôde? Como pôs a minha menina em um perigo tão horrível? Ela te quer! Eu te queria!

Levantou a mão para golpear outra vez ao pasmado Rei, mas seu marido a agarrou pelo pulso e deteve o movimento de seu corpo. Noah lhes deu as costas a ambos, alargando a mão para estabilizar-se contra a pedra da chaminé enquanto o Executor envolvia a sua violenta esposa no inflexível marco de seu corpo.

— Já basta — sussurrou Jacob contra o negro cabelo acetinado enquanto apertava a boca contra seu ouvido.

— Já basta, meu amor.

— Nunca vai bastar — disse Bela com voz áspera e rouca.

— Nunca vou te perdoar isto, Noah! Quando penso em todas as coisas que poderiam ter ido mal, entram-me vontades de gritar. Tive que ficar ali de pé, te falando com lindezas, te mimando, enquanto minha menina e minha irmã se agachavam em um rincão aterrorizadas! Põe-me doente!

Para então, sua companheira estava gritando tão violentamente que Jacob não se surpreendeu quando a mão do Gideon apareceu de um nada e se posou sobre o ombro da Isabella. O médico Ancião não lhe deu oportunidade de resistir, embora tivesse tido poder suficiente para tentar drenar suas faculdades. Tão histérica como estava, com as emoções de que só era capaz uma mãe em defesa de seu filho, nunca poderia ter sido capaz de concentrar-se.

Assim Gideon fez que a química de seu corpo se balançasse, enganando-a para que pensasse que estava desesperada por dormir. A ordem de dormir golpeou como uma tonelada de tijolos e Isabella se derrubou contra Jacob em meio da acusação. Jacob sentiu passar a Magdelegna, apressando-se a aproximar-se de seu irmão com a compaixão que era parte intrínseca de sua natureza.

Noah sentiu que lhe tocava e se sacudiu tão forte que ela deu vários tropeços para trás.

— Não me console, Legna! Te afaste de mim! — grunhiu grosseiramente.

— Fora! Todos! Seus deveres terminaram.

Noah terminou a ordem transformando-se em um feroz frenesi de chamas que ardiam fortes e brilhantes, fazendo que todos se encolhessem e se protegessem os olhos.

Quando lhes esclareceu a visão, o Rei se foi.

 CAPÍTULO SETE

Kestra despertou a seguinte tarde com um suspiro.

Piscando meio abriu os olhos azuis claros e baixou sentindo os lençóis suaves e um suave colchão de plumas. Fez um inevitável som de prazer. Os travesseiros e o edredom que se estendia sobre ela pareciam do mesmo material suave que os de baixo. Então se deu conta que tinha sido a primeira noite em meses que tinha dormido. Não houve nenhum sonho de um amante enigmático, arrogante que a atormentasse com suas desumanas brincadeiras e toques, despertando-a com um suor.

Deu uma volta, elevando a vista para o tecido branco escarpado que entrecruzava o pavilhão da enorme cama, até o centro do X ancorado no teto muito por cima dos postes do real leito. A débil luz corria em quase todas as direções, mas atenuava todas as cores chapeadas, o artesoadado do teto, as cortinas de cama e o comprido pavilhão. Seus olhos examinaram a escuridão para a fonte, encontrou dois bancos de janelas que se uniam sobre a parede da esquina, as quais eram vidraças. A maior parte formadas por uma coleção aleatória de formas e cores, quebradas e aparentemente unidas ao azar sobre a janela. Os dois tinham desenhos intrincados, mais definidos, adornos formosos no cristal colorido, em um de um bosque e no outro de um povo com casinhas de campo.

Kestra pôs as mãos sobre o colchão e começou a deslizar-se para levantar-se e poder ver melhor seu entorno, tratando de desfazer-se da neblina do sonho que não a deixava recordar em que país estava e que antigo hotel teria uma habitação tão fabulosa.

Entretanto, congelou-se no meio caminho quando espionou uma cadeira de respaldo alto junto à cama, enfrentando-a como se alguém tivesse estado observando-a durante largas horas. Rapidamente explodiu a habitação, tomando

nota de cada sombra dançante devido ao fogo rugente da chaminé em uma esquina do quarto. Sacudiu-a um sentimento ineludível de que havia alguém ali, olhando-a, ainda quando não visse nada no negrume.

O mistério chegou a seu fim bruscamente. A pessoa fez um movimento decidido, fazendo-a consciente de sua localização e da silhueta imponente, meio iluminada. A reação instintiva de Kestra foi de hostilidade e defensiva, as palavras borbulharam para seus lábios.

E ali se congelaram.

Quando ele girou a cabeça ligeiramente e se sentiu avaliada ainda através da escuridão e sombras, alagaram-na de repente as lembranças, o instinto e a emoção. Abriu a boca, mas não podia falar. A informação e as perguntas sobrecarregaram todos seus neurônios.

Noah não disse nada, o único som no enorme dormitório era o crepitar do fogo e sua agitada respiração. Apartou seus olhos dela por um doloroso momento. Afastou-se um instante antes que ela despertasse, seus poderes lhe advertiram que sua energia estava despertando. Entretanto, antes desse retiro ele regularmente tinha ocupado a cadeira que ela tinha visto.

Ele tinha sentado nela, olhando-a respirar e tentando por todos os meios reconciliar todas as emoções que havia em seu coração, assim como os pensamentos e lembranças que infestavam sua mente. Noah não havia dito nada a ninguém de seu primeiro encontro real com Kestra. Além dele e de sua companheira, só Corrine o tinha testemunhado.

Como tinha chegado Kestra a esta situação? Quem era ela? Por que uma fêmea humana, aparentemente sem poder, podia-se pôr em perigo? Ela sabia lutar, claramente sabia usar uma arma e mostrava uma carência absoluta do medo de um ser mortal, mas...

O que era o que tinha estado fazendo pelo que merecesse a pena morrer? Era consciente do perto que tinha estado da morte? O que se não fora por ele, a morte a teria reclamado um segundo ou dois mais tarde? Tinha-a visto, a imagem do sucesso cintilando violentamente em sua mente, ainda aterrador mesmo que tudo se acabou e não houvesse mais ameaça a sua segurança e sua vida. Estava segura. Dentro de seu alcance. Aqui.

Por fim.

Deveria lhe dizer algo, sabia, mas se encontrou que não podia pensar em uma

só palavra apropriada para este tipo de situação extraordinária. Como que ele tivesse imposto sua chegada fora um acontecimento banal em sua vida, não era nada assombroso que ela tivesse lutado com ele tão desesperadamente em seus sonhos. Como poderia uma mulher que vivia de um modo tão perigoso confiar em alguém alguma vez? Riu em sua própria cabeça da ironia. Ele tinha sido despótico e arrogante, sempre empurrando para conseguir seu objetivo, e parecia que ia ser recompensado por isso muito amargamente. Tinha esbanjado o tempo jogando e lutando com ela pela supremacia durante os sonhos que eles compartilharam. Agora ela estava aqui, em sua cama, lhe olhando com receio nos olhos, e ele compreendeu que tinha esbanjado centenas de possibilidades para que isto fosse mais fácil. Se só tivesse reconhecido a importância disso durante os meses de sonhos, possivelmente não lhe olharia de uma maneira tão hostil.

Agora que estava aqui, o que pensava dele em realidade?

Facilmente poderia imaginar a resposta a isso.

A dor devastadora do ódio ferido de Isabella lhe encheu com a culpa, tinha sido mais que suficiente justiça kármica, e o Rei pensava que não poderia confrontar mais recriminações desta mulher que, supunha-se, era o presente mais precioso que alguma vez receberia.

Entretanto, não estava acostumado a ter um comportamento que refletisse um certo nível de medo ou covardia, por isso se obrigou a avançar para demonstrar-se a si mesmo que não temia encontrar-se com seu destino, independentemente do resultado. Moveu-se pela luz e a sombra até alcançar o respaldo da cadeira que tinha ocupado durante as últimas doze horas, mantendo-se tão perto dela como foi possível, alimentando seu corpo com sua energia enquanto ela alimentava sua consumida alma com sua mera presença e cercania.

Enquanto se aproximava dela, rodeando a cadeira, ele entrou dentro da luz da solitária vela que estava sobre a mesinha de noite. Quando a luz incidiu em sua altura e seus rasgos pela primeira vez, Kestra fez um som de medo. Os olhos do Noah enfocaram imediatamente nos seus, os grandes lagos de surpreendente azul gelado refletiam sua comoção e temor. Sua respiração se acelerou e ele pôde sentir que toda a energia de seu corpo se enfocava nos reflexos de tensionar os músculos, preparando-se para reagir se surgia a necessidade.

A parte disso, ela se sentou perfeitamente sem que seus olhos nunca piscassem enquanto os mantinha sobre ele.

Pouco a pouco, Noah tomou assento. Inclinou-se para trás, aparentando de algum jeito estar depravado, apesar das ondas de emoção que se retorciam dentro de seu estômago e mente.

Nunca tinha esperado que fora tão impressionantemente formosa. Isto apenas lhe tinha cruzado pela mente, deu-se conta, exceto quando chegou a ver e sentir seu cabelo. Comprido, branco como o doce, recolhido reto, e grosso chegando ao centro das costas, seus tênues movimentos provocavam alguma curvatura. Recolhido em uma trança, alta e apertada, ainda tão limpa como tinha estado ao princípio, apesar de que ela tivesse dormido em cima durante tanto tempo.

De ser possível, a cor de seus olhos era ainda mais notável que seu cabelo. Suas pupilas eram de um assombroso azul claro, quase como o cristal ligeiramente tingido, com a aparência de um diamante excepcionalmente gentil. Pestanas brancas e sobrancelhas loiras davam um toque misteriosamente formoso a seu penetrante olhar. Tinha um rosto realmente magnífico, com a pele impecável, maçãs do rosto brandamente definidas, e uma boca que parecia duas vezes mais deliciosa do que havia sentido quando se beijaram nos sonhos. Possivelmente era a inocência rosada de sua cor o que o fazia pensar assim.

Quanto mais em silêncio ele permanecia sentado, não fazendo nenhum movimento ou declaração para satisfazer qualquer das interrogantes das que ela devia estar cheia, mais permitia a ela relaxar seus músculos. Deslizou-se para cima contra a cabeceira muito lentamente, até que seus ombros estiveram situados com segurança contra ele e lhe enfrentou. Noah se precaveu do que fazia. Ela guardava suas costas. Inclinação contra a cabeceira, podia sentir-se um pouco mais cômoda e enfocar sua vigilância sobre ele.

Ele supunha, não era mais ou menos perigoso que os homens que tinham tido êxito no assassinato dela fazia uma semana.

—Acredito que é melhor me dizer quem é e por que estava no apartamento de cobertura do Sands. É uma espécie de polícia?

—Por que pensa isso? — perguntou ele com curiosidade.

—Não sei. Não te ouvi entrar, por isso pensei que já estava ali. Já que não parecia dos tipos maus, acreditei que trabalhava em segredo, e tinha... bem, se for um policial, simplesmente não podia ficar de braços cruzados e deixar que me matassem.

—Uma lógica excelente — disse ele.

—Ah!

—Mas não sou um policial.

—OH — entortou os olhos sobre ele com evidente confusão.

— Tenho que te fazer vinte perguntas ou me vais explicar isso?

—Já vejo que não me reconhece — comentou ele com cuidado.

— Te disse que tinha que te encontrar.

Fez uma pausa e ficou tensa contra a cabeceira. Os olhos da Kestra lhe percorreram com assombro enquanto tratava de entender porquê deveria lhe conhecer. Nunca esquecia um rosto. Considerando a multidão de pessoa que encontrou em suas viagens, realmente significava algo. Mas estava convencida de que nunca tinha posto os olhos sobre ele em toda sua vida. Recordaria um rosto assim: escura e bronzeada, sério, ainda assim com sinais evidentes de ser propenso à diversão e a risada quando as rugas perto das comissuras de seus olhos se marcavam.

A parte de tudo isto, a pessoa poderosa e segura sempre fazia trinca nela. Inclusive sentado na luz suave da vela e dos raios tênues de cor que se abriam passo pelas janelas, podia ver e sentir que ele era um homem formidável. Poder. Uma posição que de algum modo ou maneira tinha importância no mundo. Um líder. Algo do que via até agora lhe dizia que ele era capaz de conquistar. Ele certamente não tinha mostrado nenhuma vacilação ou medo quando tinha chegado para ajudá-la.

Maldição se isto não a tirava de sua casinha. Não era precisamente o tipo de mulher que desfrutava jogando à loira necessitada enquanto o Sr. Salvador vinha a resgatá-la. Em um princípio era uma má impressão. Embora havia algo a respeito dele. Além de todo o resto, sentia como se ele tivesse razão sobre sua pontualização. Realmente lhe conhecia de algo.

Sua voz.

O que era mais importante seu acento. Profundo, ressonante, uma enunciação cuidadosa de certas consonantes e certa entonação estrangeira. Kestra sentiu que seu peito se apertava de repente enquanto tudo o sangue ameaçava chegando precipitadamente a seu cérebro.

—Merda de encanto europeu.

A identificação feita em voz alta lhe fez rir, o brusco latido de humor fez que seu reconhecimento repentino tomasse um salto adiante.

—Que... isto é... — balbuciou ela.

— Não. Não, não, não, não, não! Isto é uma tolice!

Ele era um sonho. Só um sonho! O que era pior, ele atuava como se soubesse tudo sobre esses sonhos! Como se realmente tivesse estado ali todas aquelas vezes quando ela tinha... quando eles tinham...

Kestra colocou ambas as mãos nas têmporas, apertando sua cabeça com força como se a imaginação desenfreada fora a sair de seu cérebro com um estalo. Então saltou fora da enorme cama, afiançando-se no chão no lado oposto de onde ele estava sentado, caminhando de um lado ao outro sobre o piso de madeira levemente frio. Pela extremidade do olho lhe viu levantar-se e se apartou instintivamente dois passos dele, para continuar seu curto e agitado caminhar.

—Não me vai fazer acreditar que é algum tipo de sonho que se faz realidade. Não sou uma menina e não acredito em histórias de fadas sem mais!

—Creste alguma vez nos contos de fadas? — perguntou ele, soando sinceramente interessado.

—Isso não importa! — estalou Kestra.

—Diga-me que está ocorrendo aqui, ou juro que... eu...

—Fará que o lamente durante séculos?

—Sim — ofegou com horror.

—Não! Como fez...?

—Porque estava ali — disse ele, seu tom baixo e suave era espantoso por ser real.

Kestra de repente se derrubou, as engrenagens de sua criação finalmente encaixavam, enquanto ela alcançava aquele nível de pânico que sempre pulsava com uma fria calma. Era um reflexo emocional e físico que sempre tinha tido desde... bem, muito tempo. Toda emoção era eliminada, ficavam só a lógica e o instinto enquanto confrontava as partes que de repente a ultrapassavam e que inesperadamente encontrava de algum jeito ameaçador

—Já vejo — murmurou ela brandamente.

E Noah também. Observou que sua auréola de energia sofreu uma mudança radical justo ante seus olhos, algo que ele tinha visto antes, mas com diferença, em muito menor escala. Era como se ela tivesse apagado um interruptor e tivesse acendido de novo. O halo suave que podia ver ao redor dela revoou de rosado e branco com um toque de vermelho, a um azul quase uniforme com uma sensação

de resolução e enfoque. O Rei Demônio teve uma sensação de formigamento misterioso que percorreu suas costas de um ombro ao outro, causando um picor na nuca como advertência.

— Escuta, Kestra, não estou aqui para te fazer dano — disse tão sinceramente como pôde, oferecendo-a uma mão.

— Há muito tempo para explicações no...

— Em realidade, agora é um tempo perfeito para as explicações — disse ela brandamente, devagar começou a caminhar para o pé da cama, finalmente aproximando-se dele.

— Conheci a homens capazes de todas as classes de engano em minha vida, mas confesso que estou confuza quanto a como você é capaz de levar isto a cabo. Deveria sabê-lo. A mente humana não funciona deste modo sem uma espécie de ajuda psico-farmacêutica. — Kestra rodeou a segunda esquina da cama, agora só uns poucos passos longe dele.

— Cada dia durante seis meses. Dúzias de países, hotéis, penetrando... como o fez?

— Não é assim. Admito que, em grande parte, sou responsável pelos sonhos, mas...

— Admite-o? Que magnânimo és.

— Mas você é tão culpada quanto eu — terminou ele bruscamente.

— Cada vez que ia dormir me estiveste atormentando com sua natureza volúvel, e essa necessidade que tem sempre de ter o controle.

— Eu? — Ela riu secamente.

— Nunca pedi isto! Por que queria alguém um filho de puta arrogante que se burla de mim e anda constantemente me apalpando como um adolescente brincalhão?

— Hey! Você não é nada imparcial — encaixou a pressão nela.

— E não é como se tivesse eleição sobre o assunto. Tanto se sim como se não, estas feita para mim.

— Eu estou... — ela ofegou com ultraje por sua audácia.

— Devo ter omitido a parte onde me distanciei a tempo. Poderia estar mais cheio de testosterona barbárica? Feita para você? Bem, agradece a Deus que me encontrasse, assim finalmente poderá obter um objetivo no mundo!

— Não é o que quis dizer — grunhiu ele, sua frustração muito clara quando deu

um passo para aproximá-lo bastante para estar nariz contra nariz, de ter sido da mesma altura. Apesar de seu temperamento aceso, era consciente dos eflúvios de seu doce aroma de algodão doce deslizando-se ao redor de seus vorazes sentidos.

— Não pode me medir comomede a outros homens. Confia em mim quando digo que todas as regras às que está acostumada trocaram, e seguirão fazendo durante muito tempo depois.

—Confiar em você? Um estrangeiro arrogante? Ainda não confio nas pessoas que estou acostumada a considerar amigos! Você chega abruptamente com toda esta misteriosa parafernália estrangeira e crê que devo agitar minhas pestanas, que me debilitem os joelhos e esteja muito agradecida de que você tome o tempo para te fixar em mim?

—Se tiver sido misterioso — replicou ele fortemente—, foi puramente accidental. Não penso que deva ser qualquer outra coisa com exceção da mulher que já é. Embora, considerando uma opção, suprimiria o esnobismo sarcástico e o tiro de bala em sua cabeça, mas não tenho opção. Você não tem opção. Os Destinos decidem, e eles não aceitam sugestões.

—OH, sempre há eleição. A isto lhe chama livre-arbítrio, carinho. Nasci com isso e vou exercer-lo. Começando agora mesmo.

Kestra lhe esquivou, caminhou ao redor dele e se dirigiu à porta mais próxima. Atirou fortemente nela, mas apenas se abriu um centímetro antes que o peso de uma mão sobre ela a fechasse de repente outra vez. Encontrou-se apanhada entre a porta e ele quando surgiu misteriosamente sobre ela, girou rapidamente limitado o espaço.

—É livre de partir se o desejar, mas terei que insistir em umas coisas primeiro — disse ele, sua voz baixa e áspera com o que ela suspeitava era uma emoção profundamente reprimida.

—Como quais? — realmente foi tudo o que ela podia dizer ou fazer. Já tinha tratado antes lhe atacar uma vez. Era muito forte e perito, até para sua impressionante habilidade com as artes marciais. Não merecia a pena gastar a energia em uma causa perdida. Ela simplesmente teria que lhe enganar.

Ele se tomou um momento enquanto ela pensava, usando-o para deslizar os olhos sobre seu comprido corpo, bem constituído. Inclusive com os pés separados afiançados com força e suas mãos fechadas em punhos, ele a encontrava extraordinária. Provavelmente também devido a isso. Acesa pelo caráter, uma

condição que podia admirar mesmo que isto lhe irritava também. O elemento no que ele tinha nascido era o epitome da volatilidade. Se ela tivesse sido manejável, conformista, e muito dócil, ela não teria sido capaz de golpear a pederneira contra o aço. Isto era apenas uma das muitas facetas que ela tinha que lhe provocava que o corpo inteiro se endureceu pela antecipação e seu coração tamborilasse incontrolavelmente pelo estímulo. Seu corpo estava quente devido a seu caráter aceso e aquele cálido aroma adocicado era embriagador.

—Primeiro, informo-te que meu nome é Noah, ainda quando não tiver ocorrido perguntar.

Ela cruzou os braços sob seus seios e lhe dedicou um bufo zombador para lhe recordar quão pouco a importava.

—Em segundo lugar —continuou brandamente.

— Você não pode partir sem mais. Não tem identificação ou documentação. Necessitaria minha ajuda ou a de minha pessoa.

A declaração a acalmou, sua cólera se apaziguou o suficiente para fazê-la entender as partes chaves de seu discurso. Por que necessitaria a identificação ou documentação para viajar? Estava fora das fronteiras americanas? Chicago estava perto do Canadá. De todos os modos cruzar a fronteira canadense não era um dos lucros mais difíceis do mundo. Deu-lhe a pista, e o fato de ter em conta a estrutura geral de seu acento, teve o terrível sentimento que de algum jeito tinha terminado na Europa. Para levar de qualquer jeito uma mulher inconsciente, teria que ser um homem poderoso. Um homem bastante autoritário para referir-se a outros como “minha pessoa”. Esse término fácil sobre seus lábios lhe deu a pista maior de todas. Ele era o que ela esperou que fora, e ao parece muito mais.

Kestra de repente compreendeu que seria uma idéia muito boa manter a calma um pouco melhor e lhe emprestar mais atenção. A última coisa que precisava era outro inimigo influente. É mais, ela viajou por círculos extremamente bem colocados de europeus, tão legais como ilegais, e nunca tinha ouvido uma só referência sobre um homem de tão evidente calibre com o nome do Noah.

—Há algo mais? —perguntou ela, seu tom mais comedido.

—Sim —respondeu ele brandamente, aproximando-se mais perto a seu ouvido enquanto dizia.

— Preferiria por muito que não partisse. Desejaria... desejo te convidar a ficar, como minha convidada.

Simplesmente por trocar o tom de sua voz, ele tinha conseguido trocar toda a atmosfera entre eles. Kestra de repente foi consciente de tantos pequenos detalhes que imediatamente ficou levemente sem fôlego. Ele era incrivelmente quente, ainda quando ele não a tocava. Aquele aroma terroso de madeira torrada a rodeou como seu quente fôlego passava roçando o ouvido e pescoço.

Isto foi o que a recordou verdadeiramente a potente química que tinham compartilhado realmente nos sonhos. Seu coração pareceu palpitar como resposta simplesmente a sua proximidade. Ele ainda não a havia deixado meio doida e foi igualmente capaz como sempre de manipular suas respostas. Mas este era um momento revelador, ele não era alguma entidade anônima, anônima em um sonho. Era algum tipo de resposta Pavloviana, motivada por meses e meses de condicionamento?

—Não passarei um momento mais de meu tempo perto de você —declarou com o desafio quente de tudo o que pensava e sentia. Desafiou-lhe ao elevar a vista para ele diretamente e sua resposta sorridente a enfureceu.

—Já vejo. Tem-me medo.

—Não, estou farta de você. Depois do meio ano de seus jogos e manipulações, tive mais que suficiente!

—Um jogo que jogou com muita destreza, Kikilia. Com a habilidade de eclipsar o meu.

—Não me chame assim! —grunhiu ela, o apodo que solidificava suas reclamações sobre seus sonhos e a lembrança de sua parte neles.

Noah entendia seu ressentimento provavelmente melhor que o fazia ela. Por isso serviu para que momentaneamente se sentisse mais fascinado. Ela estava acostumada a manter o controle, usá-lo para ser ela a que ditasse as condições. Estava escrito em tudo o que dizia e em todas suas ações. Um rasgo de sua personalidade com o que ele poderia identificar-se completamente. Um rasgo que encontrou incrivelmente intrigante.

—Facilmente poderia te recordar as recompensas aos jogos que estivemos jogando em nosso sonho, Kestra — disse ele com incrível arrogância o que chiou sobre ela. Só, que de algum modo, em realidade suportável ao estar tão perto dele, não o sentiu tão crispada como ela esperaria. Estendeu a mão entre a distância curta que havia entre seu corpo para pôr a palma sobre seu peito, com a intenção de lhe empurrar fora de seu espaço pessoal. Tinha que respirar, tinha que pensar

sem seu calor e sua presença magnética fazendo estragos em seus sentidos eletrificados.

As gemas de seus dedos e a palma se deslizaram por seu peito, acomodando-se firmemente no espaço sob o arco de suas costelas. Pelo tecido de sua camisa, folgada, de cetim azul marinho muito escuro e tão suave que ela não podia sentir um sozinho ponto na costura, sentiu as proeminências dos impressionantes músculos que discorriam sob a longitude de sua mão, com ajuda do calor que a penetrava pensou que ele estava em uma forma física incrivelmente boa. Mas não sabia já isto?

Sim e não. Sonhar era uma coisa, na realidade claramente era outra.

Kestra sentiu um momento de pânico imediato quando compreendeu o que seu toque fazia a seus sentidos e sua resolução. Ele ainda não tinha feito nada, e ela já contemplava coisas que não deveria e não podia pensar absolutamente.

—Tiveste mais que sua parte de diversão, te colocando dentro de minha cabeça —disse ela brandamente.

—Por que simplesmente não pode deixá-lo assim e me deixar em paz? Você é muito forte para mim, e claramente predominante de uma dúzia de outras maneiras. Poderia aceitar uma vitória gentilmente e simplesmente deixar ir?

—Crê que isto se trata de tudo isso? Algum tipo de competição? — perguntou ele.

— Nunca foi essa minha intenção.

—E qual foi exatamente sua intenção? —exigiu ela, encontrando a insólita cor cinza tinta de jade de seus brilhantes olhos.

— Por que é tão importante para você me humilhar assim?

—Se se sente humilhada, Kestra, é puramente por seu próprio engano. Não há nada para que você te envergonhe, por que deveria te sentir envergonhada?

—Detém isso. Só deixa de falar assim, como se nós fôssemos... como se nos conhecêssemos um ao outro! Não te conheço. É um completo estranho para mim.

—Mas não é assim como a pessoa como você e eu se relacionam melhor quando chegam as intimidades com o sexo oposto? Ao menos a melhor conhecida? Corpos apaixonados sem a reserva e inibições, enquanto nossas mentes e nossos corações permanecem seguros escondidos em seu lugar?

Estava muito perto da verdade para comodidade da Kestra. Ele sabia quanto a ultrapassava. Isto fez que se ruborizasse inusitadamente.

—É isso o que quer? Tudo isto é pela realização de um sonho? Uma transa rápida em sua cama te fará me deixar voltar para meus assuntos?

—Rápida? —ele riu em silêncio, o profundo som ressonou através de seu pescoço, perto de onde sua cabeça se abatia.

— Começo a me perguntar se você prestou alguma atenção durante estes últimos seis meses.

A insinuação deu no branco alvo previsto, provocando uma explosão de fria excitação a bailar sobre toda a superfície da pele. Possivelmente isto era uma resposta a uma lembrança, porque ela recordou totalmente a natureza de sua participação. Nos sonhos, ele nunca havia...

Sonhos!

Isto era simplesmente um sonho! Não havia nenhuma realidade nisso! Nos sonhos, um corpo podia fazer algo que quisesse. Ninguém poderia ter a resistência que ele tinha demonstrado durante as largas noites em que eles tinham passado entrelaçados em sua mente. Nenhum homem poderia ser tão paciente e perito. Nenhum homem alguma vez seria tão sensível às necessidades do corpo de uma fêmea.

Kestra arremeteu contra ele com força, uniu a outra mão a que já tinha sobre ele e o apartou com toda a força e todo o alavancamento que podia exercer sobre a porta que tinha a suas costas.

—Te afaste de mim! — Apesar de todo seu esforço, ele apenas se distanciou. Estava tão perto como antes.

— Juro por Deus, farei-te mal se tiver que fazê-lo! — ameaçou-lhe, seu corpo inteiro tremia de fúria e frustração.

Inclusive embora ele soubesse que ela realmente não podia lhe causar mal algum. Noah decidiu que o melhor era tornar-se atrás no momento. Distanciou-se outra vez, dando-a espaço para respirar. Ela exalou com força, relaxando-se contra a porta como se acabasse de gastar mais que seu limite de força e energia. Provavelmente o tinha feito. Suas emoções correram tão quentes como as suas, ela pelo geral só as ocultava sob uma aparência de diplomacia, e a cultura do rápido-pensamento e a lógica. Exatamente como ele o fazia. Era uma coisa extraordinária, observar uma versão feminina da maioria das partes mais essenciais dele. Isto lhe fez perguntar se passaria quando ela comesse a trocar. Que tipo de Druida seria ela? O que poder estaria a disposição da mulher se queria ser a

companheira de um Rei Demônio?

Noah sabia que deveria adverti-la de todas as coisas que ela começaria a experimentar. Sabia que realmente não podia prometer que a deixaria partir sozinha, ao menos não durante um tempo. Ela estaria em perigo de adoecer muito em breve durante a transformação de humana a Druida se estivesse longe dos recursos que a energia dele a outorgava.

Mas ela era uma mulher acostumada a sua liberdade, e ele não tinha o coração de repente tirar-lhe completamente. Ele encontraria o caminho para deixá-la ir e cuidá-la ele mesmo, se o tivesse. Ele esperava poder pensar em um modo de enrolá-la para que ficasse. Lamentava que em todo esse tempo ele não tivesse aprendido algo mais útil sobre ela que todo o entorno de seu incrível corpo. De todos os modos era impossível lamentar um só momento daquele tempo ou pensar nisso como esbanjado.

—Vou partir — disse ela, sua respiração rápida e profunda enquanto lhe avisava de sua decisão.

— Te agradeço o amável convite, mas temo que seja impossível para eu ficar.

Noah lhe arqueou uma sobrancelha, e ela se deu conta um momento muito tarde o que tinha feito. Fora do costume, tinha jogado mão a suas maneiras da última escola, e ao fazê-lo assim, tinha dado uma informação importante sobre ela. Se ele decidia procurá-la, persegui-la no futuro, seria-lhe mais fácil encontrá-la. Ninguém podia realmente cortar com seu passado. Ela tinha uma verdadeira debilidade e acabava de lhe dar munição para explorá-la.

—Farei que alguém faça a reserva em um hotel perto do aeroporto local. Chegará ao Heathrow, mas a partir daí estará por sua conta, no que o passaporte e outras coisas que precise. Não terá que preocupar-se pelo dinheiro. Pedirei uma habitação em seu nome e é livre de carregar o que necessitar nessa conta. Tomarei cuidado disso.

—Não necessito sua caridade. Sou...

—Bastante capaz de cuidar de você mesma, sei. Mas posso dizer por sua expressão que não esperava estar sem casa nem recursos. Já que é por minha culpa, é correto que o corrija. Espera aqui. Enviarei a alguém dentro de pouco.

Tomou pelo cotovelo, apartando-a com cuidado da porta para poder passar. Ela rapidamente a fechou seguindo sua esteira, apoiando-se sobre ela e exalando como se não o tivesse feito durante dias.

Noah se sentou ante a chaminé do Grande Salão.

Durante sessenta segundos completos.

Então se levantou e começou a passear com o passar do largo da grande chaminé. O fogo dentro lhe dava pouca tranqüilidade. Sentia como se sua pele gritasse, como se queria abandonar seu corpo e escapar se pudesse.

Ele em realidade se dirigiu para deixá-la ir.

Verdadeiramente, isto só tinha sido fazia umas horas, mas ele estava duro, mais tenso do que alguma vez tivesse pensado que poderia estar. Neste momento, não era porque não pudesse controlar as ânsias de seu corpo, embora a batalha fora mais intensa que nunca agora que eles tinham estado de pé em presença do outro. Isto era pelo entendimento de que ele a havia tocado justo para começar a aparição de seu Druida, e que ela era completamente ignorante quanto como terrível seriam as próximas duas semanas ao distanciar-se da energia dele.

Noah não tinha pensado estar longe muito tempo, inclusive se ele pudesse. Infelizmente, o tempo estava contra ele. Tal como tinha estado quando ela tinha morrido no mesmo momento que tinha estado finalmente a milímetros de seu alcance. Além de suas necessidades durante sua transformação física, Samhain era iminente. Quando a Lua cheia do Samhain chegava, os casais Vinculados não podia estar separadas, nem o mais mínimo, durante nenhum momento. Aquela festa, assim como a lua cheia do Beltane na primavera, incitava seus instintos básicos. Isto conduzia aos braços um do outro como se fora o último dia que passariam sobre a terra juntos. Era violento e quente e carinhoso até o ponto de fazer que a alma se rasgasse pelas lágrimas de sorte e atormentando-se pela necessidade.

Ele tinha que persuadi-la antes que isto passasse.

Mas Samhain era dentro de quatro dias e com uma mulher como Kestra, confiança e consentimento não chegariam com facilidade.

Noah se sentou outra vez, esfregando sua têmpora direita enquanto franzia o cenho, a luz da lua que aprofundou no olhar escuro enquanto isto o iluminou. Ele teria que ser agora mais criativo do que alguma vez que tinha sido em sua vida.

 CAPÍTULO OITO

Kestra se sentou com um suspiro de alívio que simplesmente não pôde evitar.

Passou ambas as mãos por sobre sua Lisa juba, molhada, alisando-a para trás até que as grandes gotinhas de água repicaram escorregando por suas costas, seus ombros, e a toalha felpuda branca com a que se envolveu.

Agora se sentia melhor, embora isso lhe tivesse tomado uma sauna e uma ducha para obtê-lo.

Ou ao menos estava decidida a sentir-se melhor.

Alegrava-se de estar livre outra vez, não podia negar. Ao mesmo tempo, tinha sido fácil partir, coisa que em princípio a confundiu completamente. Ainda não podia entender a logística que a tinha feito terminar na Inglaterra rural, em um autêntico castelo, com um homem autenticamente impressionante em toda sua atitude do “senhor do universo” para satisfazê-la.

Por sua conta, tinha consumido a metade de suas nove vidas em um só dia. Era um milagre que tivesse saído sem um arranhão, o pior prejuízo era ter acabado entupida na Europa sem roupa, dinheiro ou passaporte. Tudo o qual se podia arrumar antes que seu cabelo secasse.

Agarrou o telefone e marcou rapidamente.

—Sim?

—Ah, James. Sempre posso contar contigo para uma saudação educada.

—Kes! Onde infernos está? Estive meio louco!

Kestra escutou que algo se estrelava ao outro lado da linha Telefônica e riu pela familiaridade disso. Ouvir algo tão habitual quanto ele saltasse de sua cadeira com tanto entusiasmo para que esta caísse, fez que seus sentidos estivessem mais conectados ao chão.

—James, se tivesse perdido a última metade de sua mente, ficaria com o crânio vazio e poderia começar a recolher penugens dentro.

—Kes — grunhiu com impaciência.

— Estiveste em todos os noticiários durante dias. O fogo no hotel, na mesma suíte a que te enviei faz uma semana. Ali encontraram aos homens enrugados e em trocinhos, foi alucinante! Pensei que estava no cárcere ou morta ou algo assim.

Uma semana?

—Em realidade, estou na Inglaterra — disse ela distraídamente, tratando de compreender como tinha perdido uma semana inteira.

Tinha-lhe parecido um dia, dois no máximo. Podia uma pessoa dormir a maior

parte de uma semana sem despertar? Talvez outros podiam, mas ela nunca o faria.

James estava em silencio ao final da linha, tanto que pensou que podia ouvir seus batimentos do coração através do receptor.

—Inglaterra?

—Sim, resumo a larga história? Sim, tive um dia muito mau ontem, ummm, a semana passada, e estou ainda viva e bem. Quando chegar em casa tentarei te explicar o da Inglaterra, mas não prometo nada. Neste momento, necessito dinheiro e meu passaporte, e te agradeceria que abrisse as contas pessoais nos lugares habituais.

—De acordo, espera um minuto... — James fez um grunhido meio risonho;

- Como infernos entrou na Inglaterra sem passaporte? Na realidade, por que viajaste sem dinheiro durante toda uma semana? Por que o fez? Tudo o que tinha que fazer era agarrar o maldito telefone. — Fez uma pausa.

— Espera. Sei. É uma larga história, correto? — Jim suspirou pelo silêncio do outro lado da linha.

— Muito bem, considere-o entregue já que aqui são nove da manhã. Terei o dinheiro e as contas abertas quando pendurar. Ao menos estará pronta a tempo para preparar nossa seguinte missão?

—Sempre estou. Obrigado por sua ajuda, companheiro. Nunca poderia sobreviver sem você.

—Sim. Uh... Kes... uma coisa mais?

—Mmmm?

—Pagaram-nos antes que o trato se danificasse?

A respiração da Kestra se entupiu em sua garganta. Pegou a mão na frente e fez um pequeno som de frustração.

—Sabia que me esquecia algo.

Noah entrou no quarto de banho. Passou-se distraidamente uma toalha pelo cabelo enquanto se dirigia ao grande guarda-roupa situado no lado esquerdo da cama onde Kestra tinha dormido extraíndo sua energia. O Rei Demônio retirou uma calça de montar suave de pelica do armário, assim como botas para caçar e uma simples camisa de seda de manga solta.

Não deixou de pensar nela enquanto se vestia. Mais que isso, constantemente, porque não podia remediar a óbvia preocupação sobre a perigosa situação que corria ao redor do mundo sem ele. O que é mais, finalmente o fazia perguntar-se em

primeiro lugar que infernos tinha ocorrido realmente em sua vida que tinha terminado no extremo do canhão de uma pistola. Não importava o perigo potencial que corria sua saúde devido a sua separação, que perigos estavam aí que não tinham nada que ver com ele?

Estava preocupado. O coração lhe pesava no peito, por esse medo terrível de que não tinha feito as coisas corretamente. Era bastante mau que não a tivesse pego naquele tempo e lugar antes que tivesse sido assassinada a primeira vez. Tinha-a arrojado de rabo em busca de uma liberdade que só conseguiria matá-la outra vez? E esta vez, não havia nenhum modo de arrumá-lo. Esta vez, depois de ter começado o processo de atá-la a ele e ele a ela, não seria capaz de continuar sem ela. Já seria emocionalmente incapaz. Possivelmente o tinha sido durante meses.

Noah teve que apartar seus pensamentos longe desse tema no momento. Apesar de havê-la gasto e recuperado, como a lua do Samhain se aproximava, estava ainda em um estado de ânimo delicado. Não podia ajudar-se. Apesar de recuperar um pinga de controle, de outra maneira, não poderia suportar quando pensava em sua vulnerabilidade. Quanto mais pensava nisso, mais queria recuperá-la e exigir que ficasse a seu lado para sempre. Que, com toda honestidade, era o que supunha que iria fazer. Ela ainda não era consciente que tinha sido generoso lhe dando de presente a liberdade.

Noah sabia que simplesmente mantinha uma ilusão para tratar de aliviar o choque do que ia passar.

Noah suspirou pesadamente enquanto finalmente se sentava na cadeira que tinha ocupado todo o tempo enquanto ela dormia. Colocou as botas ao lado de seus pés e se inclinou para trás, fechando seus olhos cansados. Podia renovar sua energia uma e outra vez se quisesse, uma bênção de seu poder que lhe tinha permitido evitar o sono durante compridos períodos no passado, inclusive quando enfrentava à letargia que o sol induzia aos de sua raça. Entretanto, não havia nenhum substituto verdadeiramente mais cômodo que o sono. O corpo se curava e se repunha dos esforços da larga noite enquanto dormia, mandando a passeio as toxinas e outros subprodutos motivados por um estilo de vida ativo enquanto o descanso e os sonhos acalmavam a psique.

Com toda honestidade, entretanto, tinha medo de sonhar.

Ela estava tão próxima agora.

Seriam mais fortes seus sonhos, mais capitalistas do que alguma vez foram?

Inclusive mais irresistíveis e tormentosos? Logo que tinha sobrevivido aquelas infinitas noites de prazer imaginado sua finalização, despertando de repente cada tarde contudo fora de seu alcance, aparentemente tinham jogado, mas tinha recordado o aroma de seu corpo e a desesperada palpitação do coração. De algum jeito, já tinha feito amor com ela muitas vezes e ainda assim agora estava longe, mais longe dela que se eles fossem uns completos estranhos.

Eram estranhos, ou eram amantes? O que pensou e sentiu quando o viu? Um pouco parecido à luta que ele atualmente sofria? Se era assim, como poderia começar a aplainar o caminho sem permitir que suas próprias necessidades egoístas se interpor?

Era impossível. Sobre tudo quando a lua crescente e a festividade sagrada se aproximavam. O Rei Demônio seria incapaz de resistir à necessidade de estar com ela, em sua cama e dentro de seu corpo, que tão perfeitamente tinha sido desenhado para ele. A fome e a atração por ela era um instinto antigo, que ninguém se atreveu a tentar evitar; os que o fizeram jamais tiveram êxito. Com a Lua Cheia a quatro noites, Noah sabia que tinha que encontrar uma solução. Tinha só uma possibilidade para fazê-la entender que o futuro era uma bênção e não uma caça cheia de armadilhas. Sacrificaria algo para fazer que acontecesse.

O Rei Demônio se sacudiu com impaciência na cadeira, levantou-se com as mãos fortemente fechadas sobre seus quadris. Tomou três largos passeios de frustração antes que ouvisse o golpe em sua porta.

—Não quero ser incomodado — ladrou a quem quer que estivesse ao outro lado.

—Meu senhor, sua convidada voltou — foi a indecisa resposta.

Noah parou em seco suas pegadas.

—Isola-a, John, em uma das salas privadas. Estarei ali em um momento.

Por que ela voltou atrás?

Ao parecer esse detalhe não importou a ele. O corpo inteiro se acelerou com a alegria e a necessidade de pôr os olhos de novo sobre ela. Só tinha sido meio-dia desde que partiu, e lhe pareceu meio ano.

Noah foi recolher suas botas.

Kestra passeava pela habitação com grande impaciência. Tinha decidido tomar uma aproximação direta e perguntar a seu antigo anfitrião se tinha pego seu dinheiro antes de trazê-la a Inglaterra. Não era provável que tivesse sabido que

estava em sua bolsa, a não ser que tivesse procurado sua documentação. Era também possível que não se incomodou em recolher a bolsa. Tinha-lhe advertido antes que carecia do DNA. Já que ela não levava identificação diante daquele tipo de duvidosas circunstâncias, podia ser uma coisa ou a outra. Sua primeira opção era tragar o orgulho e perguntar. Não parecia que precisasse roubar seu dinheiro, quando a magnitude do tamanho e a opulência de sua propriedade se tinham em conta, mas para alguns, o dinheiro era o dinheiro não importava quanto tivessem.

Dessas possibilidades podia tirar uma conclusão. Se suspeitava que mentia, voltaria mais tarde e tentaria uma aproximação mais cautelosa. Não era uma boa opção, considerando a quantidade de pessoas que se movia pelo castelo e o fato de que não conhecia a planta do edifício somente a parte que tinha visto. Sem o respaldo, e nenhum dos jogos tecnológicos do James para dirigi-la. Mas não seria a primeira vez que se moveria sigilosamente ao redor de espaços desconhecidos e corretamente. Sinceramente, considerando seu recente nível de nervosismo, podia ser divertido o provar e forçar algo sobre o bastardo arrogante.

Kestra girou bruscamente quando a porta se abriu atrás dela.

Tinha visto durante sua vida a muitas pessoas e lugares, então por que lhe via tão excepcional e vital enquanto fechava a porta e cruzava a sala em sua direção? Sua roupa era simples, limpa e engomada, mas tinha um corte incrível sobre seu corpo. Parecia que estava a ponto de ir cavalgar. A única coisa que faltava a seu traje era a vara e o casaco. Outra vez as botas que levava eram negras e curtidas de um profissional da caça, o que a dizia que era um cavaleiro excelente e que provavelmente caçava por esporte. Esse era um passatempo comum inglês, embora claramente ele não fosse da Inglaterra.

Era estranho encontrar-se em seu negócio com homens bastante mais altos que ela. Tinha que medir mais de dois metros de altura porque a fazia sentir-se menor que de costume. Certamente isso não a ajudou quando tratou de lhe apartar e tinha tido tanta sorte como se tivesse lutado com um muro de blocos de cimento.

Se não andava com rodeios, teria que admitir que nada disso era o que fazia que seu coração se acelerasse com a agitação e o impulso repentino de fugir para as colinas. Apesar de todo o resto, Noah era cem por cento magnético. Eletromagnético e totalmente carregado. Kestra tinha medo de que se não reconhecia seu potencial como macho, daria-lhe um certo poder sobre ela. Mas como podia fazê-lo e seguir negando o modo em que se sentia responder a esse

atração? Ainda não podia esperar que não se desse conta disso. Nem que eles realmente se encontraram em todos aqueles sonhos acalorados, voláteis.

É mais, parecia que essa vez era ainda mais capitalista que qualquer outro, toda ela cantarolava pela atração. Desviou sua atenção enquanto ele se aproximava, fazendo um esforço muito consciente para manter a respiração e sua atitude estritamente normais.

—Sinto te incomodar — disse ela, esperando que seu frio tratamento lhe conduzisse a parar onde ele estava.

Não o fez.

—Não é nenhuma moléstia receber sua companhia, Kestra. Embora admita que estou surpreso de ver-te aqui outra vez tão cedo. Tinha a impressão que desejava estar tão longe daqui como lhe fora possível.

—Em realidade tenho um assunto de negócios que queria tratar contigo.

Levantou uma sobrancelha escura com surpresa e curiosidade evidente.

—Tenho mais que suficientes sócios no negócio, Kestra. Não estou interessado na aquisição de ninguém mais.

—Quão último quero é uma sociedade contigo — replicou.

— Minha bolsa estava no chão da suíte. Recuperou-o?

Isso era tudo?

Noah não pôde responder em seguida. Tinha uma luta encarniçada com seu muito volátil caráter. Apertou os dentes como se tratasse de controlar uma erupção de impulsos temperamentais. Pelo geral tinha melhor controle sobre as paixões infames de um Demônio do Fogo, mas sua decepção sobre as motivações que a tinham feito voltar lhe provocou como muito poucas coisas o fariam. Certamente não tinha esperado que fora fácil. Era um monarca e como era de esperar tais coisas requeriam tempo e delicadeza para que ocorressem. Entretanto, parecia como se o pensamento racional não se detivera muito tempo quando se referia a Kestra.

Só o passeio da porta e vê-la parada em sua casa lhe tinha causado de novo um impacto enorme, como se não tivesse passado uma vez. Seu cabelo estava solto agora, comprido e cheio desse branco brilhante e bastante faiscante. Trocou o vestido de desenhista e as pérolas com as que a tinha encontrado, entregando-os como parte do pagamento por um vestido curto verde azulado sem um só acessório. Era de manga curta, de lycra em tubo começando ligeiramente sobre seus ombros e terminando justo por cima da metade das coxas, aderindo-se a cada curva como

uma segunda pele. Por conseguinte, parecia ser só um par de larguíssimas pernas incrustadas em uns ridículos saltos altos agulha. Ainda assim estava perfeitamente equilibrada e claramente com controle sobre cada músculo de seu corpo. Tudo o qual era evidente com um percurso rápido da vista, sinceramente, pernas bronzeadas que não se incomodou em cobrir com meias.

Kestra sentiu que sua garganta se fechava e sua boca se secava quando percebeu como a sinistra cor cinza se nublava em suas pupilas de jade. Ele não o mostrava em sua expressão, ou inclusive na postura relaxada de seu corpo enquanto estava de pé diante dela, mas estava convencida que bulia de emoção. Cólera? Hostilidade? Não podia estar segura, mas estava aí. Cada instinto de seu corpo a exigia que o reconhecesse, e requeria que entendesse quão realmente perigoso que era esse homem.

—Não — respondeu por fim, seu tom mais morto que neutro,.

— No momento estava mais preocupado por sua segurança.

—Maldição.

Acreditava-lhe. De novo, tinha suposto muito antes de começar. Isso queria dizer que os policiais tinham seu dinheiro, ou o que era o mesmo tinham o dinheiro do Jim. Por não mencionar sua arma e seus rastros digitais. Estaria já anunciada nos pôsteres da INTERPOL e o FBI. Isso faria sua saída da Inglaterra um pouco mais complicado.

—Obrigado. Sinto te haver incomodado.

—Não foi nenhuma moléstia — murmurou, estreitando seus olhos pensativamente sobre ela quando se moveu arrastando-se por diante dele.

— Suponho que você não gostaria de me contar por que foi apanhada em meio de uma situação como em que te encontrei, verdade?

Kestra se girou e lhe enfrentou, apenas ao meio metro dele.

—Suponho que não querará me dizer como me encontrou em meio daquela situação, verdade? — respondeu.

—É como disse. Fui te buscar.

—Agora soa como um policial. Ou um detetive privado. — Fez a acusação com um estreitamento de seus cristalinos olhos azuis.

—Por quê? Tem freqüentemente problemas com os policiais ou detetives?

—Claro. Como que lhe diria isso se os tivesse?

—Posso esperar — disse simplesmente.

— Tenho curiosidade sobre esta mulher com a que me encontro comprometido.

—Comprometido? — espetou brusca, com uma risada incrédula.

— Não estamos, tampouco estaremos implicados nunca. Tudo em minha vida é meu trabalho, não você ou outros. Depois de que saia por aquela porta, farei tudo o possível para não voltar a pôr nunca os olhos sobre você outra vez.

—Temo que isso será impossível.

Seu tom era tão normal como sinistro, mas por algum motivo, muito mais ameaçador devido a isso. Parecia tão seguro. Seguro de si mesmo, sim, mas não com a arrogância que lhe tinha atribuído antes. Então, Kestra compreendeu que tinha estado confusa com essa avaliação. A arrogância implicava certo grau de insensibilidade e egoísmo. O que percebia nele não tinha nada que ver com esses rasgos.

Deveria ter encontrado o comentário ultrajante por sua audácia, mas de improviso se viu afligida com uma sensação de medo diferente ao sentimento ao que estava acostumada. Seu coração esmurrava sem piedade, a uma velocidade dez vezes superior a que tinha tido quando por acaso terminou tombada sobre os encanamentos enquanto um guarda de segurança caminhava por baixo dela. Quando um homem que apareceu de repente a pegou um tiro. Ao menos sabia o que uma pessoa exposta a uma arma sentia depois.

—É... — Inusitadamente lutou por encontrar as palavras enquanto seus olhos nunca se separaram dos seus, voltando-se mais jade por momentos enquanto lhe observava.

— Não é nada para mim — sussurrou, chiando os dentes quando a carência de convicção chegou com suavidade a sua voz.

—Sou tudo para você — disse em troca, seu tom igual de suave, mas de maneira nenhuma deficiente em convicção.

Ele deu só um passo mais perto, o leve chiar do couro de suas botas pareceu terrivelmente ruidoso, de algum modo afogava o som de seu próprio corpo quando seu coração esmurrou e seu fôlego se acelerou caoticamente. Noah alargou a mão, e a vista de seus dedos desdobrados lhe mostrando as gemas dos dedos e a palma quando se aproximaram dela, fez-a reagir. Seu corpo inteiro girou com uma palmada com a que queria lhe golpear para se afastar de qualquer parte dela que

fora seu objetivo.

Com um instinto extraordinário, a outra mão se lançou até agarrar o outro pulso quando se moveu, rápida como a piscada de uma chama, quando quis substituir a que ela já tinha desalentado. Kestra se sentiu tão surpreendida como ele se via, se podia chamar o levantamento de sobrancelhas uma expressão de surpresa. Era rápida, sabia, mas pelo geral tomava um tempo registrar o movimento revelador ou algo que justificasse qualquer reação. A questão era que normalmente não era o bastante rápida para fazer o que ela acabava de fazer. Era realista sobre suas próprias limitações, e em princípio com todo seu corpo comprometido pela inatividade...

—Cheia de surpresas, ummm?

Kestra ofegou. Era como se lesse sua mente.

Liberou-a bruscamente. Distanciando-se, querendo dá-la volta e controlar-se, só seu orgulho a impediu de fazê-lo.

—Não sei quem é o que quer, ou como tem feito as coisas que faz — assobiou com ira—, mas você nunca te aproximará de mim outra vez. Entende-me?

—Cada palavra — concordou.

Mentira. Isso era mentira. Podia vê-lo no olhar predador de seus olhos, sentiu-o com cada fibra de seu ser quando deu um passo para ela uma e outra vez. Caçava-a. Espreitando. Kestra não sabia por que a ameaçava tão facilmente, mas encontrou que percebia a ameaça da única maneira que ela conhecia.

Noah se deteve o meio passo quando, precedido por um movimento que foi quase muito rápido para que seus sentidos sobrenaturais o percebesse, escutou o estalo distintivo de uma arma sendo martelada e se encontrou pontudo diretamente entre os olhos.

—Juro Por Deus, farei-o — chiou roucamente.

— Não faça que mate ao homem que me salvou-me o rabo. Ódeio me sentir culpada com coisas como essa.

A observação era quase singela, e isso divertiu ao Rei Demônio. Não tinha nem idéia que a pequena arma era mais uma ameaça para ela que para ele, ainda sob as melhores circunstâncias. Isso não evitava a encantada pergunta de onde tinha ocultado exatamente a arma levando um vestido tão apertado.

Noah sabia que não tinha reagido ao arrasto de uma arma sobre ele do modo que ela esperaria que um macho humano reagisse. O aumento do tremor no braço

estendido e a mão fortemente apertada lhe dava claros indícios desse fato. De todos os modos, teria que averiguar algum dia que ele não era nenhum macho humano normal e não ficava nenhuma paciência dentro para esperar a que lhe conhecesse um pouco melhor.

Essa vez foi o Rei Demônio quem se moveu mais rápido que a percepção, sua mão esquerda agarrou seu pulso e tirou o perigo da arma entre eles. Seu braço direito se enroscou ao redor de sua cintura tão rápido como o relâmpago, elevando-a por cima de seus talões e adiantando-a para a curva de seu corpo. Era tão alta e magra, tão humanamente cálida ao toque, ainda através de suas roupas, enquanto a acoplava contra ele. Encaixavam-se como uma fechadura e sua única chave. Ela deslizou seu quadril no dele, coxa contra coxa, peito contra peito, como se tivessem nascido assim e tivessem sido separados depois. Agora, finalmente, estavam completos uma vez mais. Noah fez um som baixo e violento de satisfação que reverberou como um suspiro liberado enquanto a agonia se acalmava ao fim.

Kestra se sacudiu até a cabeça pela proximidade com raiva e apreensão e quem sabia que mais, mas nada disso importou a ele. Tudo o que importava era que a tocava, que estava o suficientemente perto para tomar realmente aquele aroma insólito de algodão doce que irradiava em ondas quentes, deliciosas. Logo que era consciente do que fazia quando seu nariz foi à deriva sobre sua bochecha, seu cabelo, seu pescoço. Tinha esperado toda sua vida para estar assim perto dela, e passaria o resto trazendo-a ainda mais perto.

Quando seus lábios tocaram a garganta sempre muito ligeiramente, o final do ato mais estranho de agressão do que alguma vez tivesse sido vítima, todos os músculos da Kestra se apertaram com um agudo espasmo. De todos os modos ela logo que escutou o estalo da pequena 22 que sustentava enquanto liberava o disparador esquecido no extremo do dedo. A arma chocou ruidosamente no chão, embora estava segura que não a soltou. Era como se passasse diretamente através de sua mão e dedos, como se não fossem mais que ar.

Não lhe dedicou outro pensamento. Estava muito impressionada pela resposta que transbordava através de todo seu corpo, quando seus lábios remontaram por cima da artéria lateral de seu pescoço. Inundação era a única palavra para isso, porque era como se todo o sangue tivesse ultrapassado os limites de suas veias, como uma cascata acalorada sob sua pele, estrelando-se para deter-se em lugares que não se atrevia a reconhecer.

Deveria estar gritando como protesto, lutando a sangue e fortemente por sua liberdade... ao menos dar patadas no idota.

Mas não podia.

Estava paralisada. Paralisada pelos sentimentos e uns pensamentos acelerados que nunca deveria ter tido. Tudo porque lhe havia tocado a lateral do pescoço com os lábios. Mas apesar dessa paralisia tratou de lhe culpar por sua passividade, sua cabeça inclinada ligeiramente, como se lhe desse um melhor acesso, sua mão aberta contra os músculos estirados por cima de suas costelas inferiores.

Compreendeu o que estava fazendo, entendia que embora tudo isso era novo, havia certa experiência habitual. Isso era por aqueles malditos sonhos. Como se tivessem sido reais, como se tivessem sido finalmente amantes cem vezes, respondeu quando ele abusou de seu conhecimento sobre a sensibilidade e preferências de seu corpo.

Kestra voltou a sacudir-se violentamente, tratando evitar sua armadilha bem saltada. Teve total êxito durante uma pausa, e logo a seguiu e se aproximou outra vez. De novo se jogou contra ela, deu um passo com ela enquanto ela retrocedia através da habitação, seu corpo forte e quente contra o seu por cada milímetro que se moveu, como um companheiro perito em um perfeito tango. Não tinha nenhum espaço para respirar, tudo em seus movimentos era muito mais mortal e erótico do que tinha sido quando tinha descansado sobre ele.

—Detenha-se — lhe pediu justo antes que se movesse para trás contra uma barreira sólida. Soava sem fôlego e excitada ainda a seus próprios ouvidos e seu rosto acalorado com uma combinação de fúria e mortificação.

— Deixe ir.

É obvio Noah não podia obrigá-la. Tinha esperado muito e durante muito tempo para sustentá-la assim no mundo real, estava sendo influenciado por excessivas emoções e necessidades que estavam longe do alcance de seu entendimento. Podia sentir plenamente a cercania da lua lhe esquentando através das janelas justo a suas costas, alternativamente lhe esfriando e lhe acendendo com uma fome tão espantosa para ele como era para ela. Era o ponto mais difícil de sacudir-se de todos eles.

—Ainda não. — Opôs-se contra seus ofegos rápidos, acalorados.

—Ainda não.

Kestra lançou sua cabeça para trás, puramente por instinto de conservação,

quando ele insinuou para sua boca. Tudo o que ganhou por seu esforço foi uma mão atrás de seu pescoço que a sustentou perfeitamente. Sentiu a coceira das lágrimas em seus olhos enquanto que o alarme e o desconcerto guerrearam dentro dela. Gritou um grunhido frustrado que se converteu em um protesto. Lutou inclusive mais duramente, mas era como ser uma mosca pega com cola, e não fazia nenhum progresso e nenhuma impressão sobre ele. Pior ainda, afetou inclusive menos às reações que provocava em seu próprio corpo.

Finalmente, Noah foi capaz de tocar sua boca com a sua.

Sua resistência e repulsa não eram nada novo para ele. Em todos aqueles meses de interação, converteu-se em uma espécie de jogo sexual entre eles. Sabia que ela podia aceitar seus próprios sentimentos só depois de que se convencesse de que tinha feito tudo o possível por lhe rechaçar. No instante em que seus lábios se tocaram, o suave som que ela fez comunicou seus desejos verdadeiros, pelo menos esses do corpo que tinha tentado tão arduamente lhe esconder. Era suficiente. Esperançosamente sua mente seguiria mais adiante.

Não havia tempo para a ternura entre eles. Nunca tinha sido assim. Tinham sempre acoplamentos duros, e agora não era diferente. Logo que tinha tido um sorvo de seus lábios quando sua boca se separou sob a sua, exigindo uma velocidade e uma agressão que foi dolorosamente fácil para ele cair. Tão suave e formosa como era, sempre existia a dureza e a força sob seu delicado exterior. Em algum nível entendia que era porque ela não podia suportar lhe mostrar a vulnerabilidade, que associava com essas coisas que ocultava dentro de si mesma.

Todos esses detalhes finitos não queriam dizer nada nesse momento. Deixou-a entrar em seu jogo tal e como lhe deixou entrar em sua boca. Beijou-a, degustando o profundo antagonismo em sua língua, o doce refinado no calor e a umidade de sua boca enquanto o resto dela irradiava ondas doces e fragrantas. Respirava com tanta dificuldade como ele, os ritmos secos eram tudo o que qualquer um deles podia perceber por cima do retumbar do batimento do coração de seus corações.

Jasmine aterrissou brandamente de pé, suas botas se arrastaram ligeiramente sobre o asfalto.

A fêmea Vampiro deu uma longa e preguiçoso olhada ao redor dela, logo levantou a cabeça para a brisa fria de outono. Podia cheirar aos Demônios no vento,

tal como podia sentir a cada criatura, Nightwalker ou não. Pelo aroma ou sua visão sensível ao calor, sabia da existência de alguém dentro de uma certa proximidade. Vida e poder, todas essas coisas faziam cócegas sobre seus sentidos de uma ou outra maneira, cinco séculos de experiência lhe outorgavam a habilidade de revisar a informação com destreza. Tudo o que tinha que fazer era um movimento rápido para baixo das membranas nictantes de seus olhos, e em uma olhada podia classificar uma reunião de Nightwalker pelo nível de calor que emitiam. Cada um deles era único, mas para ela isso era parecido a recitar o alfabeto. Sabia completamente adormecida.

Voltou-se para a longínqua brisa enquanto selecionava, fazendo possível que se levantasse o enredado cabelo negro já arrastado pelo vento. O cetim frouxo de sua camisa negra revoou contra seu atlético corpo, as abas se levantavam até expor seu liso ventre, revelando o brilho de um aro de diamante com o passar do bordo do umbigo, de onde partia uma cadeia fina de ouro que se ajustava ao redor de sua magra cintura. Agarrou as abas e os atou firmemente com um nó, justo por debaixo de seus peitos. O nó original se desfez durante o vôo, mas agora podia recompor-se.

Aproximou-se da estrada, suas atrativas pernas largas a levaram rapidamente do asfalto ao cascalho, depois por fim a um comprido caminho de pedra. Não havia nenhum veículo no passeio, como era de esperar, porque os Demônios não podiam empregar mais tecnologia que os Vampiros. Isso lhes forçava a viver obsoletamente, mas Jasmine não via nenhuma perda real na incapacidade de usar corretamente a tecnologia. Via tudo como algo mais que uma dor no traseiro. Por outra parte, só podia ser porque sua química de Nightwalker freqüentemente fazia que todas essas bagatelas humanas lhe explodissem no rosto. Isso ou o fato de que a maioria dos Nightwalkers nasciam com todas as possibilidades de obter a comodidade na vida. A tecnologia era supérflua para muitos Nightwalkers, francamente primitiva para outros se o compararmos com o que podiam fazer de forma natural com seu poder.

Dez minutos depois, a Vampira que tinha sido atribuída tão precipitadamente à tarefa de ser a mensageira de sua Princesa se encontrou refrescando seus pés no grande corredor do lar do Rei Demônio. Depois de quinhentos anos no planeta, e por abandono porque ela era um Vampiro, Jasmine nunca se tomava muito tempo para estar completamente aborrecida. Não era do tipo que podia estar quieta durante mais de dois minutos seguidos. Tampouco estava muito interessada em todo o protocolo.

A Vampira começou lentamente a inspecionar seu entorno, caminhando com facilidade por toda a extensão da planta baixa da propriedade do Rei Demônio. O pessoal foi avisado da chegada de um forasteiro, seu líder deu ampla liberdade a seu convidado, por isso não foi interrogada por seu passeio.

É obvio, ser uma Vampira maior e bastante perita na ação de fazer-se parte das sombras que a rodeavam, encontrou quase muito fácil escapulir-se por diante dos sentinelas que estavam colocados aqui e ali. Jasmine tinha acreditado que os guardas de Noah teriam mais experiência para descobrir sua presença a essas alturas, com Ruth a maior traidora Demônio e o Vampiro vagabundo que a seguia. Teriam assumido que Ruth e Nico, seu compatriota Vampiro e um velho inimigo do Damien tinham sobrevivido à última batalha com o Príncipe Vampiro e sua recente esposa Licántropo. Batalha a que Jasmine assistiu. Se esses renegados Nightwalkers tinham sobrevivido a essa classe de devastação, então eram realmente inimigos temíveis.

Jasmine abandonou as sombras à medida que seguia explorando. Tudo a seu redor estava construído em pedra inglesa minuciosamente colocada. Cada habitação feita com uma piçarra uniforme ou de cor cinza escura. Cada tapete e cortina grossa eram tão elegantemente detalhados e igual de incongruentes que o resto do lugar.

Era igual à cidadela na qual vivia como conselheira de seu Príncipe. Já que Damien só tinha aberto o tribunal e a residência no princípio de ano, não houve tempo ainda para cobrir suas nuas paredes ou acrescentar toques que a converteriam em um lar. Aqui era óbvio que uma geração familiar tinha vivido no labirinto de habitações.

Comparado a essas habitações personalizadas e elegantemente decoradas, a cidadela do Damien estava adornada como um claustro. Não tinha melhorado provavelmente muito durante os últimos nove meses porque sua nova senhora tinha vivido toda sua vida em um monastério. Ao menos Syreena podia fazer o intento e ser como outros Licántropos. Pelo menos sabiam o que significava desfrutar das comodidades mais ricas do mundo. É obvio, os aposentos de Jasmine foram adornados com todas estas comodidades elegantes e pecaminosas imagináveis. Se estivesse encarregada de...

Jasmine parou o pensamento infrutífero.

Nunca seria a senhora da casa do Damien outra vez. A não ser que algum

desafortunado acidente acontecesse à Princesa. Por outra parte, não podia evitar o prazer de contemplar as possibilidades. Damien estava apaixonado pela Syreena, e se lhe acontecesse algo alguma vez, destruiria-lhe. Jasmine não queria presenciá-lo nunca, não importava o muito que essa mulher alterasse seus nervos. Não fazendo caso de seus sentimentos pessoais mais profundos sobre o assunto, enfocou-se unicamente no fato que se Damien devia morrer próximo, ela com muitas probabilidades terminaria por tomar seu lugar só para impedir que sua raça fora controlada por algum idiota arrogante.

Francamente, não era a Vampira mais apropriada para representar o papel, e já que não podia pensar em ninguém melhor, preferia ajudar a manter o status. Damien tinha governado durante séculos, e veria que seguia fazendo-o assim com tanta alegria como pudesse.

Jasmine parou em seco seus pensamentos e seus passos quando sentiu perto algo fora de seu lugar. Curioso, girou-se para uma porta próxima e agarrou o trinco brandamente.

Humano.

Não havia nenhuma dúvida o calor e o aroma de um humano, ainda através da porta. Não era habitual que os Demônio e as pessoas se relacionassem. Não pessoa completamente humana, ao menos. Jasmine começava já a detectar geralmente a diferença entre os seres humanos e os Druidas que ressurgiam repentinamente na sociedade Demônio. Podia estar confundida, pois o talento era novo, mas podia jurar que não havia nada de Nightwalker no ser humano que percebia além da porta. Era algo mais, não era simplesmente mortal.

Agora, isto é interessante, pensou Jasmine com prazer.

Durante um minuto importou quem e o que eram, no seguinte não. Imediatamente entrou em ação a química, o desejo, e o agarre, a privação de alimentar as necessidades que tinham desejado essa conexão durante muito tempo. O momento onde o Destino exigia obediência.

Os dedos da Kestra se deslizaram na encrespada juba, frisando o cabelo no pescoço de Noah. Não podia evitá-lo. Tinha sonhado com ele tão freqüentemente como ele tinha sonhado com ela. Tanto se admitisse suas necessidades ou não, ansiava a realidade dele. Sentir seu espesso cabelo frisar-se entre os dedos era uma realidade maravilhosa. Passou a mão em um roce rápido e quente sobre sua roupa em busca de sensações muito mais carnis. Kestra o moldou com os dedos e a mão,

descendo por seu peito, sobre suas costelas e ao redor de suas costas, uma exploração cuidadosa da musculatura lateral.

O Rei Demônio respondeu, igual a suas amplas mãos vivas e ativas sobre sua silhueta larga, sensual e em forma. Seu corpo era realmente atlético, firme sob o tato de sua mão, mas era bastante fácil encontrar a suavidade das curvas femininas, que eram generosas e deliciosas. Suas enormes mãos cavaram seus quadris e traseiro, acariciando-a e fazendo-a encaixar em seu corpo, certificando-se de que ela sentia seu ajuste perfeito. Viajou para cima, à curvatura de sua cintura.

As mãos do Noah subiram por debaixo de seus braços, só seus polegares abriam uma brecha na curva de seu peito, deslizando-se para seus seios. Kestra estava apoiada entre seu corpo e uma parede igualmente sólida. Levantou o salto de agulha do chão, seu joelho se deslizou devagar por cima das suaves calças de montar que ele levava. O resto dele se parecia com o granito esquentado ao sol, fortemente imovível e incrivelmente quente.

No momento em que entraram na mesma habitação eram o silix e o aço, com o toque de seus corpos provocando faíscas. Uma vez que a abandonou e a beijou, realmente foi como se a incendiasse. Só um beijo. Tal como a beijava agora, quente e perito, sua língua agarrando a sua uma e outra vez até que ela ardia da cabeça até a ponta do pé com apenas o fogo de sua boca.

Tinha necessitado isso durante muito tempo. Essa selvageria, calor e perigo. Uma aventura trepidante que desafiava à morte, e não digamos a afeição de procurar a emoção da que a maioria dos homens se espantariam, e nenhum deles a tinha sacudido, tinha-a agitado, ou a tinham levado a entender o verdadeiro perigo.

Agora estava ali, em todo seu entorno, invadindo cada poro e alagando-a com a adrenalina que bombeou por todas suas veias. Sabia que isso era o perigo em sua forma mais crua, esse homem, e todos os lugares dentro dela que ele tinha o potencial de alcançar. Sabia a partir da primeira vez que dormiu e logo no sonho tinha caído em suas decididas mãos.

As mãos que agora se deslizavam por seu corpo com uma intenção feroz.

Sentiu a carícia de seus polegares na parte inferior de seus seios com uma sensibilidade assombrosa. Ele se separou de sua boca, usando seu agarre sob seus braços para elevá-la entre seu corpo e a parede. Imediatamente seus lábios deixaram um rastro ardente, descendo por sua garganta. Um torvelinho de emoções fluía através dela. Não sabia como tinha levado uma vida sem o calor de sua boca,

mãos e o corpo que se apertava contra o seu. O pensamento era surpreendentemente dependente para a natureza ferozmente independente de sua alma.

Noah a tinha estudado em sonhos, tinha aprendido como em qualquer de seus entesourados. Mas isso era parecido a um novo idioma. Suave sob suas mãos, quente contra seu corpo, delicioso contra sua língua. Ainda lhe sabia como o caramelo, que se derrete docemente em sua boca enquanto a acariciava com a língua por cima do peito exposto pelo decote.

Roupa que de repente parecia excessiva e que dificultava torpemente.

Kestra abruptamente cobrou vida, capturou sua escura cabeça com as mãos e lhe arrastou para poder devorar sua boca. Necessitava o rico, masculino sabor contra seus lábios e língua. Estava morta de fome de realidade. Inclusive começou a atirar de sua roupa. Noah alargou a mão para conseguir um apoio em algo muito mais estável que ele, seus dedos se fecharam ao redor da esquina da parede de pedra. Ela conseguiu liberar uma das abas de sua camisa pela cintura de suas calças e com impaciência procurou com a mão a pele nua por debaixo. Ele se separou de sua boca e ofegou, incapaz de ajudar-se. Nada podia lhe queimar, e ainda assim seu toque se parecia com o fogo que fazia erupção sobre toda sua pele, e essa vez sua alma se sentiu chamuscada profundamente por isso.

Noah estava realmente quente por seu toque. Era apenas uma metáfora dizer que chamuscou suas palmas quando sua mão esquerda se uniu diretamente à incursão sob sua camisa. O instinto de Kestra deveria ter feito que se apartasse, atirando para trás tal como se houvesse tocado uma estufa quente. O mero instinto, entretanto, não teve a oportunidade ante o puxão básico evolutivo que agora os tinha enganchados a ambos.

—Meses... — resmungou ele contra seu ouvido, depois um gemido emotivo enquanto seus fortes dedos se deslizaram por cima de seu traseiro sob a camisa, sobre seus ombros, para voltar a retroceder.

Meses, Kestra sabia o que queria dizer. Havia um mundo de tortura e frustração, atormentador naquelas palavras, um mundo com o que estava familiarizada. Como amantes que ao final se reuniam depois de uma separação muito longa. Cada um empurrando qualquer passado com todas as necessidades simplistas. Haveria tempo para tudo isso mais tarde, possivelmente. As sutilezas não eram necessárias ou

queridas.

A mão do Noah atirava da prega de seu vestido enquanto a sua caía sobre seu cinturão e braguilha. Alternativamente se beijavam e ofegavam. Noah encontrou a pistolera de sua pequena arma atada com uma correia ao redor de sua coxa e deu um puxão do centro de suas pernas, o som suave da abertura das sujeições de velcro tão satisfatório como o que fez a capa de couro quando caiu ao chão.

Noah escutou sua risada brevemente ante suas ações, o humor intercalado por murmúrios improvisados de prazer e estímulo. De todos os modos isso impactou sobre ele, deslizando-se por cada artéria principal de seu corpo, lhe alagando com um renovado ardor e necessidade, embora as emoções iniciais nunca tivessem decaído.

—Não te detenha - escutou sua demanda.

Usando a parede que tinha a suas costas para alavancar-se, Kestra se assegurou que sentisse cada polegada de seu ardente corpo, difundindo a mensagem de sua fome. O efeito se parecia com um enfarte, agitando o ritmo sincopado e roubando a respiração.

Lançou um passo bastante grande para lhe permitir trocar suas posições contra a parede. Uma parte de pedra em suas costas nua, fez-lhe compreender que o tinha liberado completamente de sua camisa. Não lhe dedicou outro pensamento, embora, ela passou suas mãos as deslizando por diante de seu corpo, procurando os detalhes do desenho de seu corpo com dedos valentes, eficientes. Noah apertou-a enquanto ela provava sua paciência e sua prudência. Não era tímida ou vacilante, exatamente como teria esperado, em troca se deslizava para baixo por toda a longitude de seu corpo enquanto a investigação exaustiva lhe excitava. Suas primeiras mãos, depois sua pequena boca brincalhona deixando um rastro de fogo espectador.

Uma necessidade se aferrou a ele, feroz e violenta em sua antecipação. Ela abraçou sua cintura para poder lamber e morder seu ventre. Era rápida e cuidadosa, com intenção de lhe provocar e obtendo-o às mil maravilhas. Suas mãos fechadas na seda branca de seu cabelo, os fios agarrados em seus punhos. Fechou os olhos porque lhe era insuportável olhá-la. Não podia manter a prudência se a observava.

As mãos da Kestra se deslizaram para baixo, para seus quadris, e sem vacilação procurou a ereção que estirava o tecido de suas calças. A sensação de suas mãos

seguras, fortes, estava levantando-o com a força de uma erupção vulcânica quando ela tomou sua forma e calor, os dedos moldaram sua grossa dureza. Manteve-a curiosa, lhe acariciando com as mãos, mas se elevou até sua altura. Alcançou sua boca, lambendo seu lábio inferior com um golpe lento, sensual, até conseguir que abrisse os olhos. Ela fez um som profundo, apreciativo, enquanto notava a fome que ele não podia ocultar na profundidade de seu olhar fixo.

—Sinto-te tão bem — sussurrou ela contra sua boca, fazendo-o gemer em resposta a sua observação e toque.

Kestra podia sentir o sutil tremor que lhe estremeceu todo o corpo. Gostou de ter o poder de lhe provocar. Sempre gostava. Empurrou só um pouco mais longe. Espera. Desejo.

Kestra deslizou os dedos sobre o fechamento de sua braguilha, lhe liberando do confinamento do apertado tecido. Fechou os dedos ao redor dele. Seu calor chamuscava, incrivelmente com força, e podia sentir como um pulso se incrementava nele. Deu um passo mais longe, com o polegar acariciou a sensível ponta.

Perigo.

Sentiu-o explodir através dele como um fogo nuclear. Ofegou quando ele fechou os dedos ao redor de seus pulsos, apartando suas brincalhonas mãos, para logo elevá-la. De repente ambas as mãos a agarraram dolorosamente forte enquanto a elevava sobre seus pés. Sua figura atlética e flexível parecia flutuar pela facilidade que tomou juntar seus corpos, sexo contra sexo, uma massagem ardente de duas pélvis que transmitiam a promessa da realização de uma necessidade.

A mão da Kestra voou, contra a fresca parede perto de sua cabeça enquanto girava a sua em um grito silencioso de antecipação ardente.

Tinha-a agarrada os quadris inclusive quando ela enroscou as pernas ao redor dele. Estava malditamente seguro que ela podia sentir o calor e a enfurecida dureza que ela tinha provocado.

A tanga que usava se soltou quando ele a arrancou de seu corpo. Imediatamente a buscou uma vez que foi exposta, sua mão escorregou entre os corpos que se retorciam. Gritou quando sentiu o choque de seus dedos deslizando-se sobre ela, encontrando a umidade e o calor. Noah apanhou aquele grito contra sua boca. Kestra sentiu o movimento rápido de um polegar brincalhão,

procurando lentamente a entrada a seu corpo com um dedo. Kestra se estremeceu com o inesperado prazer, e porque facilmente excitava seus sentidos.

Deslizou um segundo dedo nela, ao mesmo tempo que seus dentes se fechavam com delicadeza ao redor de seu mamilo, por cima do tecido de seu vestido.

—OH! — exclamou ela ofegante

Então seus olhos se travaram nos seus, sua boca se abateu dolorosamente sobre a dela.

—Em todos estes meses — disse sem fôlego—, uma das coisas que mais quis era ouvir meu nome em seus lábios.

Mas não o pediu. Simplesmente indicou o desejo e a deixou decidir que fazer com ele—. Estou encantado de que esteja pronta para mim, Kikilia — murmurou contra seus lábios enquanto fazia pequenos círculos pressionando ao redor de seus clitóris com o polegar, fazendo que gemesse e que se arqueasse contra ele.

Noah retirou bruscamente seu toque e ela gritou um pouco parecido a uma recriminação. Compensou a privação quando a arrastou contra ele, umedecendo seu duro pênis contra a superfície escorregadia de seu impaciente corpo, e infalivelmente encontrou o portal que tinha querido cruzar durante muito tempo. Não havia paciência, nenhum cuidado e nenhum sentimento exceto a paixão que exigia o fogo que tinha dentro. Ela tinha aceso o detonante, e agora sentiria a explosão.

Noah investiu dentro dela com um movimento que chamuscava, obrigando a seus quadris a um arrasto tórrido e empalando-a sobre ele com uma violência logo que controlada de necessidade. Estava incrivelmente quente quando lhe rodeou. Como era possível que lhe queimasse com tanta ferocidade? Seu corpo lhe deu boas-vindas, lhe agarrando fortemente e lhe sugando com o movimento de seus músculos interiores. Isso era o céu e o inferno, um alívio e uma tortura. Logo que podia respirar pelo ataque de sensações e emoções ante a conexão tida saudades de seus corpos.

Kestra inalava tão forte que pensou que seus pulmões arrebentariam. Estava dentro dela ao fim e ao cabo. Depois de meses e meses de despertar com o sentimento vácuo de seu corpo oco, por fim estava cheia de satisfação. Seu corpo inteiro arqueado pela sensação esmagante de plenitude, suas coxas e seus joelhos apertando seus quadris como uma agressiva e sinuosa jibóia. Suas poderosas mãos a

sustentavam suspensa contra ele enquanto se empapava com o início de seu prazer.

Então elevou a cabeça, lhe regando com os fios de prata enquanto sua agressiva boca lhe buscava e começou a mover-se com um ritmo sensual em suas mãos e sobre seu corpo.

—Meses... — repetiu ela com um ofego sobre sua boca enquanto se movia devagar e duramente sobre seu corpo superaquecido e endurecido.

Outra vez, foi entendido tudo. Mas tão quente e erótico como a posse dela estava sendo, sentia que faltava algo sem suas mãos livres. Aproximou-se para agarrar sua coxa e elevá-lo mais acima de seu quadril, fazendo que sua respiração se obstruísse quando a abriu mais profundamente. Também liberou a outra mão, para poder percorrer com as gemas dos dedos para cima de sua coxa, seu quadril, seu ventre e peito por cima do tecido ajustado de seu vestido. A juba caía por detrás da lycra azul esverdeada, um pouco parecido à fita para abrir um presente, até expor seus seios, seu engrossado mamilo escuro e tirante pelo entusiasmo. Noah embalou seu peito na mão, jogando com o grosso mamilo rígido com dedos peritos, lhe enrolando para que crescesse ainda mais quente, banhando-se com a sensível resposta de seu toque. Todo o momento, seu ágil corpo se retorcia e se movia contra ele.

O Rei Demônio não podia aguentar mais. Tinha-a necessitado durante muito tempo e seu corpo esmurrado com masculinos impulsos primitivos. Afiçou seu agarre sobre ela, girando e dando um passo com ela até que estivesse perto de seu objetivo.

Kestra sentiu em seu traseiro o roce de uma superfície sólida, embora estivesse coberta com algum tipo de encaixe. Compreendeu que a tinha colocado sobre uma enorme mesa antiga que antes tinha visto enquanto lhe esperava. Só tomou um instante entender por que.

Despojou-a do vestido com um rápido movimento, completamente carente de suavidade enquanto o fazia. Kestra inclusive nem o notou para preocupar-se. Inclinou-a de costas ao longo da mesa, para poder permitir-se estar de pé entre suas coxas. Suas mãos foram aos quadris, agarrando-a fortemente enquanto se afundava profundamente nela com essa ancestral necessidade que possuíam todos os machos dominantes. Repetiu o impulso, introduzindo-se mais e mais fundo, como se ainda não estivesse satisfeito com a profundidade obtida.

Kestra podia fazer pouco mais que agarrar com as mãos seu quadril. Elevou o olhar para os olhos vigilantes, cinza escuro enquanto ele procurava cada resposta, esquadrinhando cada movimento que lhe dava prazer. Embora fora metade selvagem, confinando o abusivo, enquanto investia violentamente em seu corpo disposto, procurava satisfazê-la.

Kestra permitiu essa imposição a seu corpo porque o fazê-lo assim era o êxtase puro. Arqueou-se, gritou e sentiu que ondas duras de êxtase puro começavam a envolvê-la e afligi-la. Antes que pudesse inclusive reconhecer sua aproximação, voou em um severo orgasmo, seu ser inteiro travado em cima de tão apertado, dentro e para fora, era incompreensível.

Noah sussurrou um pequeno palavrão em sua língua natal. Teve que parar-se quando ela gritou e chegou ao clímax. Aferrava-se tão forte a ele, lhe banhando com seu calor, derretendo o doce, negou-se a segui-la. Quando ela finalmente se liberou, ofegando e tentando abrir seus olhos aturdidos, começou outra vez a mover-se dentro dela.

Kestra estava tão extremamente sensibilizada que pensou que voaria longe quando tomou aquele primeiro golpe comprido dele profundamente em seu pulsante corpo. Sentiu-se imediatamente apertada, pronta e necessitada.

— Aguenta, neném — lhe advertiu com incrível confiança masculina.

Ela não podia lamentar sua arrogância nessa situação. Inclina-se sobre ela, seu corpo mágico enquanto se inundava lenta e profundamente essa vez. Sua boca roçando-se para cima pelas costelas e procurando seu endurecido mamilo. Absorveu-a profundamente em sua boca e enviou rios de fogo que baixaram precipitadamente por seu corpo. Fez um pequeno som, meio com antecipação, meio com medo e ele olhou para cima para vê-la alargar os olhos. Sentiu a chegada da tensão, notou como começava a tremer.

Sentiu-a resistir.

Atraiu-a para seu peito, aproximando a boca a seu ouvido para poder lhe sussurrar brandamente enquanto começava a acelerar o ritmo de suas estocadas.

— Não tenha medo — lhe disse, sua voz fumegante que se envolvia ao redor dela como uma névoa sensual.

— Deixe ir.

Ela sacudiu a cabeça. Talvez não se tratava de medo e sim de incredulidade. Era

quase doloroso, a tensão que enviava como uma espiral através de seu corpo. Como podia fazer isso? Só através dos sonhos podia saber como tocá-la tão profundamente. Nenhum estranho podia fazer isso. Ninguém poderia. Nunca.

—Kikilia — sussurrou, sua voz insultantemente zombadora.

— Te ajudarei se quiser.

Kestra ofegou, seu coração esmurrava enquanto tratava de entender que mais podia lhe fazer.

Deixou-a cair com cuidado sobre a mesa, agarrando seu quadril outra vez, deslizando-se sem piedade sobre seu tenso corpo. Então Noah chegou onde seus corpos se juntavam, passou um polegar através da umidade, entre os cachos de cor branca, e a tocou.

Kestra chiou. Não pôde evitá-lo. Era o único som que podia escapar de seu corpo enquanto a tensão subiu até a décima potencia e mais à frente. As cores se formaram redemoinhos ao redor de sua visão, as lágrimas realmente se abriram caminho para suas pestanas.

Então detonou.

Noah absorveu seu tenso poder com certa agonia e uma fome implacável. Ela gritou, e devorou o som com cobiça e prazer. Era tão formosa, cálida, respondia endiabradamente, e era dele. Lambeu seu corpo como uma chama viva e definitivamente se queimou.

Espera. Espera.

Era brutal, o sussurro exigente em sua mente, lhe forçando a conter-se ainda quando ela ameaçasse sua prudência com seu voraz corpo e capacidade para o prazer. Assim que se sujeitou enquanto ela chegava outra vez. Não lhe permitiria outra pausa. Tinha a necessidade. Tinha fome. Como o fogo e a chama, seria implacável. E agora nada lhe pararia. Veio-lhe ferozmente, como o voraz fogo em um edifício. Não era nem a quarta parte, impulsionando-se dentro antes que voltasse de seu último orgasmo. Dois golpes dilaceradores e ela se ondulou pela culminação de novo. Ela tomou sua necessidade e sua fome com igual apetite. Com a mesma força com a que a possuía, tão brutal como sua capacidade de lhe dar prazer, não podia esgotá-la. Agora se escorregava com cada impulso em seu corpo enquanto a toalha da mesa aliviava a fricção, lhe permitindo manipulá-la até que pensou que desmaiaria pelo prazer.

Quanto mais a fazia gozar, mais gritava, e mais implacável era seu ritmo. Seu

toque estava por toda parte, jovial com ela, brincalhão, fazendo-a estalar até que foi cegada pelo êxtase. Justo quando alcançou aquele portal tão pessoal, escutou-lhe fazer um ruído baixo, depredador, viu a intensidade de seus tormentosos olhos, sentiu a grossura crescente e o calor profundamente dentro dela até que pensou que era como o fogo. Noah de repente agarrou seus ombros e a levantou procurando sua boca. Sentiu o roce de seu corpo suarento por todo o seu, enquanto que as ondas dentro dela se faziam frenéticas. Desmoronou-se completamente, seu corpo se sacudia com os espasmos de prazer que parecia afiançar-se mais profundamente nela com cada estocada. Estava quase inconsciente quando ele se impulsionou violentamente por última vez, sucumbindo a uma explosão de liberação que verteu fogo líquido dentro dela uma e outra vez. Vocalizou, um grunhido cru, masculino de intensa satisfação, com as mãos apertadas ao redor de seu pescoço e coxa enquanto se estremecia violentamente pelas seqüelas.

Era, com muito, a mais selvagem e a maior experiência sexual satisfatória da vida da Kestra. Compreendeu-o ainda antes de poder recuperar a respiração. Cada músculo de seu corpo estava machucado pela tensão do prazer capturado e liberado. Noah fazia o impossível. Tinha-a feito sentir o inimaginável. Kestra não podia entender, e uma parte dela não queria tentá-lo.

Mas nesse mesmo instante se deu conta que acabava de cometer o engano maior de sua vida. Ainda não podia começar a catalogar cada equívoco de tudo isso. Não era do tipo que se lamentava de suas relações sexuais, mas instintivamente sabia que aqui havia mais em jogo que o bem-estar de seu corpo.

OH Deus.

Nem sequer tinham utilizado camisinha.

O coração da Kestra palpitava já a sua velocidade máxima, tanto que inclusive o lapso espantoso no amparo de seu corpo não podia aumentar o ritmo. Estava protegida contra a gravidez, de modo que não estava preocupada por isso. Eram o milhão de outras variáveis que deveriam lhe concernir... mas não o fizeram. Agora que o pensava, deu-se conta de que não se tratava dele, tampouco.

Noah ainda não tinha dado um passo longe dela, inclusive não a tinha liberado de maneira nenhuma, e podia sentir já o zumbido de seus pensamentos apenas inconscientemente. Facilmente podia imaginá-lo que alguém com sua personalidade pensaria em um momento como esse. Sobre tudo porque ainda não entendia que

não havia sexo eventual entre eles, e que nunca o haveria. Mas podia deixá-la com seus pensamentos naquele momento. O fato de que pudesse detectar o veloz embarulhamento deles era a primeira amostra de que a Vinculação tinha começado a sério. Trocaria mais rapidamente agora, agora que eles eram companheiros.

Quando elevou a vista para a parede, a mesa e a toda a desordem de roupa ao redor deles, pôde observar as queimaduras e abrasões que se provocaram por sua carência de concentração em nada que não fora Kestra. A marca de uma mão na pedra. Queimaduras sobre a mesa. As tapeçarias torradas e roupa chamuscada. Por sorte, tinha-a aproximado para protegê-la naqueles últimos momentos, porque uma olhada para o teto revelou os remanescentes de sua perda total de controle, uma enegrecida e ondulante forma, como se a chama tivesse sido lançada sobre eles em uma nuvem irritante.

Como tinha ocorrido, esperava que suas capacidades curativas como Druida despertassem, ou ia sentir realmente o dano que tinha ocasionado a seu corpo. Estava avermelhada em todos os lugares por onde a havia tocado, embora nenhum era mais grave que uma queimadura do sol. Entretanto, estaria incômoda. Com o tempo não voltaria a ocorrer, porque estava desenhada para acalmar aquelas ondas de poder. Logo, nunca voltaria a queimar nada por acidente.

Ao menos, não quando estivesse com ela.

—Wow. Isto se parece com uma sauna.

Noah e Kestra quase chocaram seus narizes, ambos giraram suas cabeças para ver quem tinha falado.

A alta morena terminou de entrar na habitação e se deixou cair na poltrona mais próxima, elevando seus pés até apoiá-los com os tornozelos cruzados sobre o respaldo que tinha diante.

—Pelo resto, eu gosto desta sala. Tem um toque mais feminino que a maioria das outras. Adivinho que sua irmã deve ter tido algo que ver.

Kestra se surpreendeu pela audácia que tinha essa mulher ao caminhar em uma habitação onde duas pessoas não estavam claramente disponíveis, não importava a forma acidentalmente demais de foder com a qual tomou assento. Ainda tinha ao Noah entre os joelhos, em seu corpo, seus peitos nus um contra o outro, e seus braços ainda envoltos apertadamente um sobre o outro.

Noah liberou primeiro a Kestra, antes de alcançar a toalha de encaixe e

utilizá-lo como casaco para cobri-la. Deu-se conta ao tocá-la que o tecido ardia, tomou uma respiração profunda em um intento de esfriar seu insuspeitado temperamento. Não foi tanto porque Jasmine tivesse sido grosseira, em qualquer caso. Jasmine era um Vampiro. As relações sexuais públicas eram moeda corrente em sua raça. Esse tipo de indiscrição realmente não significava nada para ela se por acaso se topava com elas. Entretanto, Noah estava seguro que intencionalmente tinha sido maliciosa. Não havia nenhuma maneira que alguém de seus anos e habilidades pudesse ter feito uma entrada inoportuna inconscientemente.

De todos os modos não havia nenhum motivo para que soubesse profundamente que acabava de danificar sua vida. Certamente, não significava que não pudesse encontrar a forma de castigá-la por sua descarada intervenção.

—Jasmine — a saudou secamente, afastando a Kestra por fim e dedicando-se à tarefa de endireitar sua roupa e lhe dar a sua companheira a sua.

 CAPÍTULO NOVE

Kestra estava quase em estado de choque pelo que tinha feito, sem mencionar os aproximadamente mil pensamentos e emoções que a seguiam. Este homem era um completo estranho para ela, compreendeu com uma sensação de pânico repentino que lhe introduzia lentamente sob a pele. Por tudo o que sabia, poderia estar casado com a morena que tinha entrado vexatoriamente na casa.

No que estava pensando?

Esse pensamento tinha chegado até o Noah alto e claro, provavelmente impulsionado pela emoção que havia detrás. Também percebeu a defesa emocional que se fechou de repente sobre ela. Sem dúvida podia sentir a mudança pelo cabelo que lhe tinha posto de ponta na nuca.

—Jasmine, espero que haja uma boa razão para invadir minha privacidade — disse friamente, em seus olhos um mundo infestado com promessas de ameaças.

—Perdão, meu Senhor? — Respondeu, o tom de sua palavra bastante longe do respeito. Era evidente que se estava divertindo a gostos.

— Não tinha fixado que tinha adotado a inclinação dos humanos pela vida privada.

Os olhos do Noah trocaram de lugar para jogar uma olhada a Kestra por debaixo de suas pestanas. Alguém tão perspicaz como ela não podia perder-se por acaso a

terminologia da Jasmine incluso sob as melhores circunstâncias. Suspirou com força, passando uma mão rapidamente, com zango através do cabelo enquanto olhava airadamente a Jasmine.

—Nenhuma palavra mais, Jas. Espere-me no Grande Salão. Estarei ali dentro de um momento.

Podia dizer que ela estava pensando em alargar um pouco mais a diversão, mas felizmente se deu conta do seriamente zangado que estava. Como sempre, sem nenhum arrependimento, embora deixou cair suas botas, fez uma pausa bastante larga para ajustar a fina corrente que tinha ao redor de sua estreita cintura, e logo finalmente se levantou. Seus olhos escuros se posaram sobre eles com diversão durante uns instantes, e logo abandonou a habitação, surpreendentemente obedecendo sua ordem de manter-se calada.

Noah colocou as mãos sobre os quadris, inclinando a cabeça brevemente para esfriar seu caráter e pôr em ordem suas idéias. Sentiu a Kestra deslizar-se da mesa e dar um passo atrás afastando-se dele, foi para o resto de seus dispersos pertences. Quando detectou que estava vestida até um ponto decente, deu-se a volta para olhá-la. Para sua surpresa, aproximava-se abertamente com sua camisa nas mãos.

—Obrigado — disse ele, agarrando-a.

—Tenho que ir — se desculpou rapidamente, justificando-se.

Alcançou sua cartucheira para colocar-lhe e Noah se precaveu de que se tornou de costas para fazê-lo.

—Jasmine é embaixatriz de outra cultura — disse em voz baixa.

— Terei que lhe recordar certas cortesias habituais.

—É-me indiferente — indicou através da queda de seu cabelo.

— Não é a primeira vez que me pilharam durante uma indiscrição.

Ao Noah lhe encolheram as tripas, mas tinha peixes maiores com os que lutar que sua terminologia. Não tinha tampouco tempo que perder ante a foto instantânea labareda de ciúmes que lhe inspiraram suas palavras.

—Kestra...

—Olhe — lhe interrompeu a toda pressa, girando-se para ele com uma pose perfeita e um ar perito de indiferença—, não sou frágil nem propensa às palpações e não necessito promessas ou boas maneiras depois de ter feito algo assim. Isto foi prazer enquanto durou, vamos deixar o tal qual.

Kestra começou a procurar sua arma, outra desculpa conveniente para lhe dar

as costas. Noah não estava acostumado às pessoas pouco comunicativas que ocultava suas emoções e rechaçava qualquer amostra delas. Durante um momento ficou perplexo, tratando de recorrer a suas experiências com as que conhecia que provinham da cultura humana. Em que pese a todo, Corrine e Isabella não eram exemplos muito bons. Eram tão abertas como incrivelmente reguláveis para sua raça. Quase nunca ocultavam suas emoções e suas opiniões.

Kestra encontrou sua arma, mas quando se inclinou para recuperá-la, deu-se conta que estava derretida, inclusive as partes que eram de puro aço, em um bola de materiais embaralhados. Era como se tivesse sofrido uma explosão ou um fogo extremamente intenso, mas havia visto muitas armas encontradas depois de tais circunstâncias e nunca tinha visto algo similar. Entretanto, ainda não podia começar a lhe formular uma boa pergunta, assim não se incomodou.

Noah, enquanto isso estava sendo golpeado com a esmagante sensação de que tinha feito tudo mal. Era uma compreensão dura e lhe encheu de um medo como muito poucas coisas poderiam. Não tinha lido aquele conto de fadas dúzias de vezes durante anos aos meninos de sua família e a outros? As palavras na mente de Sarah quando tinha compreendido que foi Vinculada a um homem que desdenhava quase completamente, começaram a repetir-se em seu cérebro.

Ela poderia guardar seu coração dele.

Amantes mas estranhos. Para sempre.

Tudo o que tinha que fazer era meter-se na mente dela, compartimentar suas emoções. Era estranho, mas não inédito. Nos casos excepcionais, conduzia a uma perversa espécie de loucura, um destino pior que a morte. Especialmente se um membro do casal estava apaixonado e o outro não.

Kestra sentiu seus dedos rodeando-a o braço, arrastando-a até aproximá-la a seus pés e fazendo-a girar bruscamente para seu corpo como se em primeiro lugar nunca tivessem dado um passo para separar-se um do outro. A sensação abstraída de chegar a casa quando se colocou contra ele a fez zangar, frustrada ante a má reação de seu corpo quando tinha dedicado toda sua vida a prepará-lo como uma arma para o ter sob um completo controle. Reagiu assegurando as mãos contra seu peito e empurrando fortemente para separar-se.

Esta vez Noah não a deixou ir, usando sua enorme força em seu contrário. O que era mais foi capaz de fazê-lo com um só braço ao redor de sua cintura, permitindo que a mão livre subisse e apartasse seu cabelo, deixando ao fim livre seu

ouvido, ele sussurrou calidamente:

—Não sei o que pensa fazer, mas posso te assegurar que nunca será capaz de escapar de mim só por deixar minha casa. Estive dentro de ti, Kikilia. Não só hoje, mas também durante meses. Nossos corações dançaram ao ritmo da música desta química entre nós durante muito tempo. Realmente pensa que a distância sortirá mais efeito agora do que o fez quando estava a um oceano de distância?

Kestra abriu a boca, mas sua audácia a deixou sem palavras. Pior ainda, a possível verdade de suas hipóteses era terrível. Entretanto, não a conhecia tão bem como ele acreditava, pensava enquanto um rubor familiar de entusiasmo muito explícito a percorria. Era uma reação que reconhecia muito bem.

Acabava de lhe lançar uma provocação. E mais, tratava-se de uma mortal. Sabia com tanta segurança como sabia conectar os cabos nos alto-falantes de som. Era perigoso, admitia-o. Provavelmente sabia desde o começo, e possivelmente era pelo que havia sentido uma atração tão esmagante por ele.

Deixe-o construir sua melhor ratoeira, pensou ela com quase perversa satisfação e confiança. Não há jaula feita pelo homem que me possa reter.

Kestra baixou o queixo, piscou até levantar as pestanas brancas como a neve para que ele pudesse ver muito claramente o perigo em seus olhos e a inclinação sossegada dos lábios repentinamente sorridentes.

—Quer fazer uma aposta sobre isso? — murmurou, lhe percorrendo com o olhar azul diamante para baixo por toda a longitude de seu corpo, claramente tomando medida e se deu conta que obviamente apenas sem ameaça.

Entretanto, não contava com a risada selvagem que lhe dedicou em troca.

—Tenho todo o dinheiro e o tempo do mundo para poder ganhar essa aposta, Kikilia — sussurrou.

— Tanto se souber como se não, agora me necessita. Sempre me necessitará.

Kestra riu, duro e áspero, um som zombador que teria intimidado a qualquer homem normal. Já começava a entender que ele não era nenhum homem normal, por isso não lhe subestimou por isso.

—Escuta — disse baixinho—, pode ameaçar e enrolar tudo o que queira, inclusive pode me seduzir até que os peixes criem cabelo e acabemos os dois esgotados, mas nunca, nunca me possuirá. A menos que tenha algo melhor que ameaças vácuas, minha mente sempre será minha, e minha vida também. Não há nada que possa fazer para trocar isto. Agora deixe ir ou juro...

—Já o fiz, embora honestamente nunca quis trocar a essência de seu ser. Não sou quem pensa que sou, Kestra.

—Não penso nada. Não me importa quem é. É tão estranho para mim como sempre foi! É rico? Bem, eu também. É forte e claramente poderoso? Ainda não escavaste na superfície de minha força e meu poder. Não me importa quantas putas patéticas aqui lhe chamem meu senhor, ou o que seja, porque não me impressiono com facilidade. Não me desafie. Arrependerá-te. Agora, me deixe!

Noah finalmente o fez assim, obviamente mais rápido do que ela esperava porque tropeçou para trás pela brusca liberdade.

—Kestra, não tem nem idéia do que vai fazer se partir.

Ela riu, um som que soprava incredulidade.

—Meu Deus, está alucinando não? Sobrevivi bem sem você toda minha vida, e vou seguir fazendo-o perfeitamente. Foi um comichão, Noah, e acaba de ser arranhado. Assim, isto foi supremo, mas realmente devo ir.

Seu sarcasmo arrogante era uma arte aprendida, e o usava muito bem. Seus dedos se curvaram em punhos apertados enquanto ela se girava sobre seus calcanhares e partia da habitação com um bom golpe da porta. Tomou tudo o que tinha dentro dele para poder controlar a quebra de onda temperamental, manter seus pés plantados firmemente no chão e não pegar-se a ela como um colegial babando pela animadora principal. Poderia lhe haver ensinado o significado do poder da palavra, poderia havê-la atraído a seu mundo em um batimento do coração e um redemoinho de fumaça e cinzas. Infernos, poderia fazer estalar um país inteiro só para lhe demonstrar quão envoltos estavam gostasse ou não.

Mas eram palavras de seu caráter sinistro. Não poderia lhe fazer mais machuco a um inocente que...

Noah sacudiu os punhos e exalou fortemente. Já tinha prejudicado a inocentes em sua busca. Repentinamente lhe veio à memória a indignação de Bela tão nitidamente como a lembrança de sua bofetada. Kestra saberia alguma vez o preço que tinha estado disposto a pagar só para salvar sua vida? Teria o sangue-frio de lhe lançar esse conhecimento à cara?

Paciência, disse-se, usando a palavra como um mantra para acalmar seu temperamental caráter. Paciência. O tempo obraria a seu favor. Não tinha mentido sobre isto. Entretanto, se aproveitava, ela ia pagar um preço muito alto. Tudo o que tinha que fazer era esperar, dava-a três, possivelmente quatro dias. Então ela

entenderia o que significava estar sem ele. Só ficaria mais débil, doente, cedo ou tarde não confrontaria nenhum futuro, até morrer, a não ser que voltasse para ele.

Não podia suportar a idéia.

Tinha que encontrar uma solução melhor.

A princesa miserável
um conto de fada Demônio
Continuação...

Ariel cumpriu sua promessa.

Sarah sentada olhava com desdém como ele derrotava a um oponente atrás de outro nos exaustivos jogos. Estava convencida que de algum modo fazia armadilhas, especialmente quando foi capaz de derrotar ao Capitão Guerreiro, o mais perito de todos os lutadores Demônio. Talvez se devia a que era um Executor. Que emitia um manto de temor frente a si mesmo ao entrar na zona. Provavelmente tinha até o último deles tremendo dentro de suas botas e se deixavam ganhar quase com a esperança de que se os encontrava em uma noite sagrada transgredindo, fora amável com eles. Mas não havia bondade nele. A Sarah não importava se só estava fazendo seu trabalho, um posto atribuído e respeitado por seu próprio pai. Inclusive seu pai empalideceria ante a idéia de ter ao Executor como genro.

la ganhar, e o via vir. Sarah rechaçou estar simplesmente sentada ali como um cordeiro no matadouro. Não lhe importava que requeressem que estivesse com o ganhador no banquete do jantar. Não lhe preocupava que sua ausência pusesse em apuro a seu pai e ao Executor, possivelmente inclusive se enfurecessem os dois. Levantou-se e afastou-se quanto antes de seu pai que estava distraído em outra coisa.

Correu para os estábulos.

Escapou montada sobre o corcel mais rápido e mais querido para ela. Inclusive não trocou e usou a cadeira de uma dama, dando um puxão se levantou as saias e montou como um homem assim poderia conseguir a velocidade que queria e que a besta abaixo ela merecia. Parecia um fantasma na noite, sua magra silhueta, formosa e com os cabelos claros recebendo o brilho da luz da lua, a seda e a gaze de seu vestido que derramava cores detrás dela como um estandarte. Quilômetros e

quilômetros de distância sob os cascos do cavalo e a cadência ensurdecidora golpeavam com alegria através de seu corpo. Já não pertencia ao mundo Demônio e suas tradições, a todas suas expectativas. Era livre. Podia respirar. Não havia nenhum futuro iminente com o asfixiante encarceramento a um homem que todos desprezavam.

E logo, como convocado pelo pensamento, o Executor se materializou entre as névoas da noite, fazendo-se sólido diretamente no caminho do cavalo que corria. O animal deu sacudidas para deter toda sua potência, com a intenção de retroceder pelo terror, mas antes que acontecesse, Sarah foi lançada por cima da cabeça do animal, as rédeas caíram desamparadamente de suas mãos enquanto saía voando. Teria se estrellado contra o Executor, algo que ao menos teria encontrado momentaneamente satisfatório, mas o covarde se desmaterializou. Mas então foi recolhida por um espesso colchão de névoa e umidade, a sensação era suave e aprazível enquanto reduzia a velocidade até parar.

Em um batimento do coração, encontrou-se embalada nos braços do Executor, as palpitações de seu centro como se fossem arrebentar-lhe o peito. A metade de seus sentimentos eram de medo pela queda, mas a outra metade era de medo ante o entusiasmo que a alagou quando aqueles olhos frios caíram sobre ela. Sua crua necessidade refletida neles. Foi uma sensação incrível saber que a queria o homem mais temido, o mais capitalista em seu mundo. Não importava que fora uma Princesa. Tinha nascido sendo-o, não tinha ganhado meritos para seguir sendo-o. Mas ele tinha nascido Executor, e também tinha demonstrado durante séculos que era digno de sê-lo, embora houvesse outras opções entre sua linha de sangue que poderiam ter competido pelo direito.

Lutou para liberar-se de seu afeto, e Ariel a deixou ir, colocando seus pés sobre o chão e deixando que tentasse outra vez pôr uma grande distancia entre eles, embora em realidade só foram uns poucos passos.

—Vamos, vamos — se burlou brandamente.

— O justo é o justo. Deve manter sua parte do trato.

—Não fiz nenhum trato — gritou com desafio.

— Me expuseram como a uma égua para criar, e ninguém me pediu permissão!

—Não estou aqui por uma égua, embora a cria ocupe um lugar entre as coisas que eu gostaria. Quero a ti, Sarah, e todas suas possibilidades. Soube durante

décadas que seria reclamada por mim, mas me forcei a te dar tempo para viver, crescer e te fazer independente como desejava fazer. Vi-te maturar em beleza e com uma personalidade tão cheia de luz e bondade que me intimida quando penso que brilhará sobre mim.

—Não! Nunca te vi!

—Nunca te toquei tampouco — disse, seu tom como nuvens suaves em um céu do verão.

— Até hoje. Seu pai te torturava com seus esforços para te empurrar a outros, e eu não podia deixar que seguisse. Embora deva dizer, que pôs em evidência esse fogo em seu caráter que encontro tão intrigante.

A mão de Sarah foi a sua garganta em um ancestral gesto feminino de defesa, demonstrando seu medo e sua vulnerabilidade. Viu a verdade em tudo o que ele disse. Ariel lhe tinha outorgado um tempo para deixá-la crescer, considerando lhe dar o espaço que inclusive seu pai se negou a lhe proporcionar. Como devia ter sido para ele deixá-la livre, sabendo durante todo esse comprido período que estava destinada a estar em seus braços? Ela tinha vivido em uma ditosa ignorância, mas Ariel o tinha sabido durante muito tempo – décadas, havia dito- e tinha esperado. Esperando e olhado. Durante muitos dias, muitos anos perto ao serviço do Rei, ali nas salas do Conselho cada dia, salas pelas que ela caminhou.

Banquetes e celebrações.

Samhain e Beltane.

Os olhos de Sarah se alargaram com horror, quando de repente compreendeu a tortura que devia ter sofrido cada Lua Sagrada, forçado a fazer seu dever, forçado a manter sua prudência, a tentação só a um fôlego de distância, a satisfação só a um toque de distância.

Seu sacrifício a comoveu como nada mais poderia fazê-lo no mundo.

Para o tempo em que Noah se havia recomposto, tanto física como mentalmente, soube que Kestra tinha saído fazia muito de sua casa. Ainda podia sentir o poderoso rastro de sua energia enquanto o seguia fora da sala até o Grande Salão, em busca da outra mulher que se acrescentava a sua lista de confusões penosas. Começava a perder a conta de quantas mulheres tinha tratado

incorretamente só durante as últimas vinte e quatro horas. O Rei Demônio calculou que provavelmente teria que acrescentar a Jasmine naquela lista cada vez mais larga.

Deu um passo no Grande Salão e se parou em seco com justificável surpresa. Jasmine estava tratando com aproximadamente meia dúzia de machos Demônios, suas mãos e atenção sobre várias partes de sua magra figura enquanto ela paquerava descaradamente com eles. Florescia pela atenção que os Demônios lhe davam em abundância, uma generosidade alimentada pelas condições da noite e da Lua do verão.

Posto que era uma Nightwalker, Jasmine o consideraria atualmente como um bom jogo. Possivelmente não poderia formular nenhuma queixa, inclusive se pudesse encontrar uma razão lógica. Era melhor que sua atenção recaísse nela. Pelo menos manteria a um ou dois deles fora das trajetórias dos Executores, se decidia satisfazer as promessas coquetes que claramente fazia com cada polegada de seu corpo extremamente sensual.

O problema era, que estava bastante seguro que Jasmine era uma criatura extremamente preconceituosa, e que jogaria com uma espécie que considerava inferior à sua.

—Jasmine!

Jasmine girou a cabeça, olhando indiferente enquanto confrontava a óbvia desaprovação do Rei Demônio. Dedicou-lhe um sorriso cativante, e se levantou da cadeira enquanto se dirigia para ela. Se ele fosse uma nuvem, refletiu enquanto observava sua aproximação, poderia ter arrojado um relâmpago diretamente para sua cabeça. Sem dúvida foi capaz de limpar o salão simplesmente ao aproximar-se e com sua expressão, os outros Demônios a abandonaram a toda velocidade.

—Boa noite, Noah. Me alegro de ver-te. Tenho uma mensagem do Damien — disse, como se não tivesse sido com ela a reprimenda.

Foi sociável e fleumática, voltou a sentar-se com eventual naturalidade ante a chaminé como se estivesse em sua casa.

—No futuro, Jasmine, espero que limite às zonas comuns do castelo. Lamentaria que cometesse o engano de cruzar a soleira incorreta e o encontrasse percebendo-o como... um convite aberto para os problemas.

Agora, isso era uma ameaça, refletiu Jasmine. Ou isso, ou se tratava de um incentivo. Em qualquer caso, nenhum final alegrava a fêmea Vampiro. Noah era tão

inteligente como um gato, e acabava de colocar-se por cima do buraco do camundongo, só esperando que ela cometesse o engano de roubar a parte de queijo incorreto.

—Terei-o presente — prometeu, a expressão de seu rosto e o óbvio movimento de seu sensual corpo transmitiam a intenção de divertir-se lhe provocando.

Noah fechou os olhos brevemente, sacudiu uma vez a cabeça com a intenção de refrescar seu caráter que bulia perigosamente antes de finalmente olhá-la iradamente.

—Basta, Jasmine — exalou, tentando acalmá-lo suficiente para não erupcionar e fazer algo. Algo na linha de estrangulá-la com suas próprias mãos. Isso começaria uma guerra com os Vampiros, e já tinha muitos problemas em sua vida.

— Põe na casa do Damien as patas acima com regularidade, ou guarda a honra para mim sozinho?

—Prometo-te — respondeu simplesmente—, que faço meu melhor esforço para causar problemas em qualquer lugar que vou — se aproximou para tomar a mão que lhe oferecia, e a atraiu a seu lado enquanto começava a caminhar para os jardins onde teriam maior intimidade.

Depois de tudo, o negócio era o negócio, e tinha vindo por alguma razão.

—Bem me diga o que posso fazer pelo Príncipe dos Vampiros.

—Em realidade, o assunto é o que ele pode fazer por você. Venho com uma advertência.

Noah se parou, girando-se para olhá-la com uma grave expressão.

—Te explique.

—Realmente é justo o que Damien esteve esperando que acontecesse. Uma pequena facção de Vampiros se tomou as bodas recente do Príncipe como uma desculpa para separar-se das leis que lhes governam. Sei que tem muitas preocupações com Ruth e o Vampiro Nicodemous desaparecidos depois de nossa batalha com eles no inverno passado, mas até que apareçam, Damien te pede que prestes atenção para este grupo perigoso de Vampiros. Agora que os Vampiros sabem que beber o sangue dos Nightwalkers pode impregnar os dos poderes de outras raças Nightwalkers, ninguém está a salvo de um grupo que publicamente desacata as regras e a lei do Damien. Certamente, Damien faz todo o possível por lhes manter dentro da lei —prosseguiu ela.

— Entretanto, já que sua gente está em mais perigo devido à variedade que

têm de poderes elementares, sentiu que deveria ser avisado imediatamente. Também me solicitou que permaneça perto de você até que sejam apanhados. Entre o Horatio e eu, seremos mais capazes de sentir se um Vampiro se aproxima da corte. Se o fizerem, estaremos em posição de rastrear e tratar com eles.

—Avaliação a advertência. Entretanto, sou capaz de proteger minha própria corte. Embora sempre é bem-vinda, estou seguro que Damien te necessita mais que eu.

—Não queria te insultar, Noah — disse firmemente.

— Mas acredito que está em um engano. Só vivem três Demônios do Fogo, dois deles são de sua família. Posto que é o único macho e em grande medida o mais poderoso, estará no centro do alvo. Você e eu sabemos que é uma loucura apontar sobre o Rei Demônio, é obvio, mas a avareza faz ridícula a valentia. E quem sabe quanto poder terão adquirido estas uvas sem semente antes que venham atrás de você? Que é exatamente o que farão, e sabe. Procurarão tanto poder como podem conseguir, compilando-os em seu interior como um ramo mal intencionado. Então, quando for superado e excedido em número, virão por você.

—Que é pelo que uma vez proibiram aos Vampiros beber o sangue do Nightwalkers —disse amargamente.

— O sinto. Acredito que não invejo a felicidade do Damien com a Syreena. Também permiti publicamente umas mudanças de nossas leis para facilitar a introdução de híbridos humanos em nossa raça, mas quando um Demônio e um Druida se emparelham, não há nenhuma oportunidade de machucar aos estrangeiros.

—Umm, já vejo —refletiu ela.

— Então a ressurreição dos conteúdos Druidas que podem roubar o poder aos Nightwalkers não nos afeta aos estrangeiros? Melhor ainda, aquela específica Druida, Isabella, que usa o poder que rouba... não é nenhum perigo para nós?

—De acordo — coincidiu com gravidade.

— Suponho que, como sempre, depende do caráter de indivíduo que o conte, não importa muito o julgamento que façamos.

—Não me interprete mal — adicionou Jasmine.

—Longe de mim defender a atual carência de prudência do Damien. Francamente, quanto mais tempo passa, mais convencida estou que este matrimônio é uma má idéia e piorará com o tempo. As coisas eram muito melhores

e tranqüilas antes que a Licántropo cruzasse seu caminho — Jasmine rebateu a mordacidade da declaração com um brilhante sorriso falso.

— Mas se dermos bastante tempo estamos seguros que à larga estaremos às mil maravilhas.

— Bastante tempo para que? — Perguntou ele sabendo.

— Para que Damien se aborreça dela. Ou possivelmente um desgraçado parto. Quem sabe? — sacudiu-se a expressão de desaprovação que poderia ser interpretada como uma de traição — por agora prefiro tratar com um problema de uma vez. Esta semana, meu problema é manter a você e aos teus protegidos. Não lamentará a ajuda do Damien, espero. Se passasse algo inclusive remotamente perto de você, tomaria muito mal.

A maneira em que fez a observação deteve o Noah como se não tivesse outra opção.

— Muito bem — disse brandamente.

— Se insistir, darei bem-vinda a sua ajuda. Só recorda, enquanto que esteja aqui, espero que cumpra com nossas leis igual faz seu irmão ou qualquer outro dignatário de visita.

— Lutarei com isso — disse ela secamente.

— Jasmine...

— Prometo-o, permanecerei dentro das leis. Sei me controlar.

— Apesar das evidências do contrário?

— Hey, você tem sua cultura, e eu tenho a minha. Além disso, o que é a vida sem sentir a diversão nos dedos do pé?

— Meus dedos do pé se exercitam apropriadamente sem sua ajuda, Jasmine.

Ela sorriu e se girou para lhe deixar sozinho, já que era o mais importante.

— E, Jasmine?

— Mmmm? — voltou-se e arqueou uma escura sobancelha para ele.

— Sei realmente amável de te abster de divertir tentando meus homens. Sei que não tem nenhuma intenção de terminá-lo, inclusive se eles não o descobrem. E me desgostaria seriamente se suas ações provocarem que um deles transpasse a linha — centrou seu olhar fixo sobre ela para que visse sua seriedade.

— Sabe o que significa Samhain para nós, e é cruel que tente sem intenção de aliviar. É um Vampiro, e como tal tem uma sensualidade que é notavelmente poderosa e impressionante. Que o Destino te ajude se se revoga em você. Ou pior

ainda, se for um inocente.

A Vampira considerou seriamente a advertência, todos os sinais de diversão abandonaram seus escuros olhos. De todos os modos como não estava nela pedir perdão, deveria contentar-se com a sutil reverência de sua cabeça em reconhecimento.

Damien entrou na cidadela pela torre que conduzia a seus aposentos privados. Usavam a pequena torre como um salão privado, a estrutura circular das janelas proporcionava uma vista excelente das montanhas da Rumania de noite. Embora, devido a isso, tinha que ser enclausurada e selada durante o dia para evitar que inclusive o mais leve toque do sol perturbasse seu descanso.

Ruborizado pela recente caça, pelo vento que lhe açoitou durante a ronda que tinha feito em torno dos limites de sua propriedade, explorando qualquer possível problema ou ameaça. Uma vez que a ameaça violasse seu território, ele saberia instantaneamente. Já que a propriedade era tão enorme, tinha que controlar as fronteiras fisicamente se queria escanear mais à frente. Realmente, havia segurança por parte dos Vampiros leais, mas seria um novato se pensasse confiar sua segurança a outros e definitivamente impossível aceitar que a segurança de sua companheira dependesse de outros.

Tal e como o pensamento lhe veio à cabeça, ela entrou pela porta do salão. Havia sentido sua iminente chegada, ainda quando ele não tivesse tido nenhum contato telepático. Sempre lhe tinha impressionado a maneira em que era capaz de fazê-lo. O que lhe maravilhou mais foi o traje quase transparente que usava. Damien sentiu imediatamente um fogo em seu interior, devorou seu pequeno e formoso corpo com os olhos azul meia-noite.

Seja o que for o traje, parecia-se com um salto de cama. Arrastava-se pelo chão e tinha umas largas mangas parecidas com as asas de um anjo. Ajustava-se a seu corpo com dois simples botões, era feito de fios de seda branca completamente transparente e não levava absolutamente nada debaixo. Enquanto se aproximava, o traje se arrastou atrás dela, abrindo-se até os botões que o mantinha fechado à altura de seus peitos.

Damien sentiu como se lhe tivessem pegado com cimento no lugar. Era o único modo de descrever a dura, pesada sensação que lhe percorreu quando sua pequena e atrativa esposa se aproximou dele com tão claras intenções. Se tivesse esquecido

o que ocorreu durante seu último ciclo reprodutor, recordou-o completamente quando começou a jogar pela frente de sua roupa para procurar o contato com a pele. Seus olhos escuros como o carvão, com bolinhas multicoloridas, estavam famintos e eram avaros. Queria-lhe. Necessitava-lhe. E se assegurou de que o visse, e agora se asseguraria que pudesse senti-lo.

—Damien — sussurrou, sua respiração rápida e quente contra seu sensível pescoço.

OH, que bem me conhece. Conhecia cada lugar sensível de seu corpo e como usá-lo. Sua língua estalou contra sua garganta, burlando-se enquanto ria contra seu pescoço, o som tão atrativo e estimulante que enviou ondas de desejo por todo seu corpo. Foi intensificado pela rápida busca de suas mãos sobre a pele.

—É esta sua idéia de um olá? — Perguntou, seu tom brincalhão interrompido pelo som de um inegável prazer quando suas mãos descenderam com segurança por ele.

—Preferiria um apertão de mãos? — Bisbilhotou com acanhamento, seus dedos que lhe rodearam em um apertão sedoso em um lugar que não tinha nada que ver com a mão.

—Syreena!

Encolheu-se de ombros, toda inocência enquanto se dedicava rapidamente a liberá-lo de sua roupa, embora não liberou seu agarre.

—Bem, então — se acalmou.

— Vejo que prefere saudações orais. - A mão do Damien se fechou em um punho ao apoiá-la contra o marco da janela quando sua esposa se deslizou para baixo de seu corpo.

Kestra não utilizou o próximo aeroporto que Noah lhe tinha sugerido. Não podia passar pelo Heathrow, ainda quando sua identificação tinha chegado um dia depois como estava previsto. Inclusive depois de uma semana, seu rosto seria muito reconhecível em público. Decidiu que a coisa mais segura seria passar outra semana pela Europa, embora a fodesse estar no mesmo lado do oceano onde estava Noah...

OH, Deus, ainda não sei seu sobrenome.

Assim que o pensamento entrou em sua mente, automaticamente o anulou.

Rechaçou gastar mais energia pensando no enorme engano. Estava feito... no passado. Agora estava de caminho ao norte do País, tão longe do Sul como fora possível, onde tinha alugado uma agradável casinha de campo para uma semana sob a identidade que James a tinha enviado.

Podia liberar uma semana. Tinha uma missão acertada e tinha que examiná-la uma vez mais com o Jim, mas não ajudaria se a pilhavam no aeroporto porque se moveu muito cedo. Tinha a opção de ficar a passar o inverno se o necessitava. O trabalho podia ser atrasado. Poderia ficar escondida aqui, ou mover-se por Monte Carlo em uma mescla de negócios e conexões sociais com certas pessoas. Poderia sentir e ver tudo.

Era bem a entrada a noite quando chegou ao pequeno e formoso aluguel, um pequeno edifício eduardiano à direita de uma propriedade da Inglaterra. A casa principal estava detrás além de quilômetros de jardins e lagos, ou ao menos o parecia com simples vista, e tinha também seu próprio parque privado amuralhado. Tinha estado antes aqui, como convidada de alguém, e sempre quis agarrar o lugar para si mesma quando dispusera de tempo. Ao menos podia agradecer-lhe a sua precária fortuna.

Tirou de seu carro todas as provisões que tinha considerado necessárias, embora se precaveu no momento em que entrou no lugar que outros a tinham precedido com o fim de repor e limpar o lugar. Já havia um fogo na grande chaminé. Os armários estavam cheios. Os chãos de madeira tinham sido extremamente polidos, como os trilhos de cobre e os adornos de mármore. A parte que adorava era o completo ginásio no centro da casa, evidentemente construído pela mente de uma mulher. Uma ginasta. Um mural de parede a parede, um espelho que cobria três paredes, e tinha de tudo de uma barra de baile a uma parede para escalar.

Kestra não perdeu mais tempo com nenhum outro detalhe. Tinha estado ociosa durante uma semana, ao parecer, e era inaceitável para ela. Trocou-se com um prendedor esportivo vermelho e calças curtas de ciclista e se esquentou. De todos os modos não parecia que tivesse estado desconectada durante esse tempo. Sentia-se preparada e assim atuou, e não como se tivesse estado inativa e dormindo durante todo aquele período. Estava ativa e em uma forma ótima, mas ninguém podia manter esse ritmo naquelas condições. Não sua classe de ritmo.

Ou talvez não era mais que tinha perdido o que ficava de sua mente. Depois de tudo, tinha que estar louca para ter tido relações sexuais com um total

desconhecido. Era a única explicação. Nunca tinha feito algo assim em sua vida. Nunca. Fale e brincadeiras à parte, honestamente não tinha tempo ou inclinação para uma vida sexual. Embora realmente as que tinha eram breves e distanciadas, pelo geral conhecia muito bem à pessoa. De fato, tinha um dom para destruir as amizades masculinas dessa maneira.

Como aqueles caras ameaçaram surgindo sobre ela, girou-se lhes dando as costas e optou em troca pelas luvas e amassar um saco. Fazer kickboxing era muito bom para o coração, e definitivamente estava no estado de ânimo para começar a suar. Odiava ter todas estas turbulentas emoções gotejando repentinamente por sua mente. Eliminaría-o embora fora a última coisa que fizesse.

Golpeou o saco, lhe deixando balançar fazendo-o um objeto móvel. Imaginou que tinha vida. Inclusive lhe pôs um rosto. Um rosto sinistro, arrogante de olhos verdes que era muito formoso para sua maldita prudência. Conseguiu um chute girado que arrancou um grunhido de satisfação. Isto lhe ensinaria a tocá-la. OH, e apostaria que era em todo seu orgulho. Tinha-lhe tomado umas poucas horas meter-se nas calças dela. Provavelmente não registrasse o acontecimento. Só se parecia com aquele tipo.

— Realmente pensa que a distância funcionará melhor agora do que o fez todo o tempo que estava a um oceano de distância? — Imitou-lhe, fazendo-o soar ainda mais arrogante.

— Bem, agora está funcionando, amigo!

Kestra golpeou com gana o saco. Quando se esgotou e gotejava de suor, tirou as luvas e se tornou pesadamente sobre as esteiras. Pelo geral não se cansava com facilidade, por isso tinha que admitir que talvez fora porque tinha estado fora da circulação durante uma semana. Era a única explicação.

Levantou-se, arrastando sua garrafa de suco enquanto caminhava arrastando os pés para a ducha. Tirou a roupa úmida pelo suor e com o resto de sua força girou os grifos para que arrojasse água em três direções distintas para aliviar o calor. Fechou os olhos enquanto se inclinava contra a parede e apoiava os braços, frescor. A água estava brutalmente quente, mas a sentiu divina, embora inexplicavelmente tinha recebido queimaduras em certas partes de seu corpo enquanto não tinha estado prestando atenção. Suas palmas, coxas, seios... todos estavam vermelhos torrados. De todos os modos isto se desvanecia rapidamente e não doía.

Se não tivesse medo de dormir, aproveitaria a sauna. Mas estando sozinha e

cansada, era perigoso. Então seria a ducha. Quão pior poderia conseguir aqui eram os dedos dos pés como passas. Enquanto isso, a água a golpeava não importava aonde se girasse, o vapor lhe encheu os pulmões, fazendo cada respiração pesada. O calor entrava por cada poro, e sentiu como se ansiasse mais. Fechou os olhos e a água fria completamente. Kestra ofegou pela queimadura, mas um batimento do coração mais tarde o fez com um grande alívio. Se pudesse dormir de pé escaldada por esta cascata, o teria feito encantada.

 CAPÍTULO DEZ

— Parece cansado.

Noah olhou mais à frente do crepitar estável do fogo e jogou uma olhada.

— Estou — estive de acordo, sabendo que seria inútil mentir a um Demônio da Mente, e não digamos a sua ardilosa irmã.

— Tem que dormir, recarregar sua energia corretamente. É mais, tem que voltar a trazer a Kestra aqui e começar a lhe dizer...

Legna se interrompeu quando Noah girou para olhar o fogo, fazendo um som lóbrego de conformidade que claramente não tinha nada que ver com o que estava dizendo.

— Mas... você não, não está Noah?

— O que? — perguntou ele com impaciência.

— Dormindo! Você não dorme.

— Magdelegna — disse em advertência, com o tom de irmão maior que ela conhecia tão bem.

— Não me diga “Magdelegna” — soprou.

— Posso entender que não deseje falar disto comigo, mas me faça o favor de reconhecer que tenho razão e que algo te transtorna.

— Certamente que o faz, Legna! Minha companheira foge de mim a toda velocidade, com muitas possibilidades para uma situação onde alguém lhe dará um tiro em sua pequena cabeça loira! — estalou.

— Tem toda a maldita razão, isto me inquieta!

— Referia a sua capacidade para dormir, Noah. Seu transtorno para dormir — disse tranqüilamente à vista de seu explosivo arranque.

Noah se conteve imediatamente. Ofereceu-lhe uma mão a modo de desculpa,

que ela tomou facilmente. Não havia nada que pudesse fazer que sua carinhosa irmã não perdoasse, e por isso estava eternamente agradecido. Estava rodeado destas mulheres, por isso seria sua graça redentora, sabia.

—Peço-te desculpas. Meu temperamento...

—É escasso, já que está esgotado — disse com suave urgência, já que rapidamente se transladou para ajoelhar-se ante sua cadeira, envolvendo sua mão entre a suas.

— depois de tanto tempo só pode recarregar energia das fontes externas. O que é pior, Kestra necessita sua energia. Energia pura, saudável. Necessita-te e sei que você a necessita. Noah, não entendo isto. Deixou-a ir livremente e logo não a segue. Ficará doente, inclusive pensar nisso te altera. Não vais dormir...

—Está louca, Legna? Sonhar? — riu tão amargamente que provocou que as lágrimas chegassem a seus olhos. Este não era o irmão despreocupado, contente e o ver assim sacudia sua alma.

— Ela está muito perto de mim. Era bastante difícil quando estava a um oceano de distância, mas agora que está em meu sangue, seu aroma por todas as partes de meu corpo e fisicamente dentro... de meu alcance — sacudiu a cabeça, o motivo de sua insônia a impactou.

—Coração — murmurou ela com carinho e compreensão, passando os dedos calmantes, elegantes por seu cabelo.

— O que posso fazer?

—Nada.

—Querido...

—Legna, não quero discutir isto.

Magdelegna conhecia o suficientemente bem a seu irmão depois de dois séculos e meio de vida para saber quando retirar-se. Ficou de pé e se separou dele, seu coração pulsava de forma acelerada, com sinais de preocupação.

Legna se afastou, seus pensamentos eram um caos enquanto esfregava uma mão contra a outra. Logo que acabava de dar um passo no jardim quando uma luz prata brilhante irrompeu em seu caminho, era a forma astral de seu marido, Gideon. Ele se aproximou e ela entrou no forte e reconfortante abraço.

—Neliss — sussurrou brandamente no cabelo cor café perto de seu ouvido, o apodo que por si só era calmante. Seus pensamentos eram os seus. Inclusive através de milhares de quilômetros, compartilhavam cada raciocínio e emoção, como se

eles fossem uma só mente. E porque a amava, nunca poderia ignorar o clamor de seu coração quando obviamente sofria tal angústia.

—Onde está Seth? — perguntou automaticamente.

—Nosso filho está no regaço de uma Rainha Licântropo bastante confundida neste momento.

—De todas as opções que há, por que sempre escolhe a ela? Não sabe distinguir a parte superior da inferior de um menino.

—Siena só pretende ser terrível com os meninos assim pode desculpar-se para não ter nenhum. E é como você ao esquivar um tema — a repreendeu brandamente.

Legna olhou dentro dos chapeados olhos de seu marido, sua brilhante cor era o presente que tinha recebido quando se vincularam completamente, convertendo seus olhos em um fiel reflexo dos seus. Recordava como se alterou Noah a princípio, quando sua cor trocou já não foram da cor cinza esverdeada de antes.

—Ele não verá o motivo. Pode ser tão teimoso — disse ela com frustração.

— O que pensa fazer? Abandoná-la até que ela caia doente sem ele? Viu o que ocorreu a Corrine. Bela e sua irmã foram capazes de adaptar-se a uma inesperada vida nova e Kestra também poderá. Acredito que se está castigando a si mesmo devido ao que fez para recuperar Kestra.

—Não discutirei isso. É uma mulher inteligente e uma irmã ainda mais inteligente. Vê a verdade do assunto — Gideon acariciou o comprido e suave cabelo com uma mão.

— Mas acredito que também está zangado com ele mesmo por seu primeiro acoplamento. Noah está passado de moda. Tinha idéias muito concretas de como trataria a sua companheira em caso de que alguma vez tivesse a sorte de contar com a Vinculação.

—Ele não tem em conta a pressão da Lua Sagrada e a instabilidade de sua natureza elemental! — Legna se separou das tentativas de seu marido de acalmá-la e começou a passear.

— Agora todos somos forçados além de nossas condutas naturais. Por exemplo, você e eu somos um casal muito sensível, aprazível, ainda assim chegamos a ser... agressivos... durante a Luas Sagradas.

—Sensíveis e aprazíveis? — Gideon levantou sua cabeça chapeada e riu para as estrelas, fazendo que o rosto dela se ruborizasse pela consternação.

—Gideon!

—Devo te pedir perdão, Neliss, porque ao parecer estive dormindo estes dois últimos anos com uma mulher totalmente diferente a que conheci — seus olhos brilharam com faíscas de diversão.

— Sensíveis e apazíveis, sim, somos, mas acredito que tenho que te recordar alguns lugares, vezes e atos que não tiveram nada que ver com as Luas Sagradas.

O rubor da Legna se fez mais pronunciado enquanto sua mente foi alagada com aquelas lembranças, seu marido as empurrava para ela para confirmar suas palavras. Não tinha compreendido quão bons eram as lembranças de seu tempo juntos. Ele inclusive recordava o que ela tinha posto a primeira vez, quando menos. Para o momento no que ele liberou sua mente, ambos respiravam rapidamente e se olhavam fixamente um ao outro com os famintos olhos chapeados.

—Trata de me distrair — disse ela efusivamente enquanto ele dava um passo até envolvê-la em seus braços.

—É quase Samhain. Inclusive sem a Lua Sagrada te quero mais com cada hora que passa — sussurrou ele.

— Mas é impossível resistir quando está tão próximo a nós.

—Gideon, tem que fazer algo. Prometa-me isso devemos lhe ajudar de algum jeito.

—Shhh, silêncio, doce — a acalmou, atraindo-a perto do quente brilho de sua energia que emanava de seu corpo de forma habitual.

— Procuraei Jacob. Se alguém pode ajudar, será ele.

Jacob conhecia sua mulher desde fazia exatamente três anos, o próximo Samhain. Em todo esse tempo, Isabella tinha demonstrado uma adaptabilidade notável quando entrou em sua cultura. Ela era como um Demônio na medida que um forasteiro poderia sê-lo.

Enfrentava os Demônios que transgrediam a lei em cada Lua Sagrada, inclusive fez retroceder aos seres com a moral mais estritamente anárquica. Era uma Executora e era seu dever. Bela tinha tratado a cada um deles com diplomacia, suavidade e compaixão. Assim o entendia. Tinha ajudado a lhes devolver a prudência com seu óbvio perdão e sua carência de comportamento sentencioso.

Mais tarde, depois de que os castigos tinham sido impostos, fazia o que Jacob nunca tinha pensado fazer. Tinha visitado todas e cada uma das casas, cada noite, para lhes demonstrar que ela os via da mesma maneira que antes, sem vergonha,

sem reservas. Em sua mente, sua sentença foi repartida, assunto terminado, e era otimista, da única maneira que o coração de Isabella podia esperar, acreditando que aqueles Demônios nunca passariam por isso outra vez. Assegurou-se que compreendessem que tinha fé neles.

Mas tão tenaz como se mostrava naquelas situações de indulgência, Jacob compreendia que ela podia ser igual de insuperável com os sentimentos negativos. A tinha visto afiançar-se ante outros assuntos, assim que lhe eram absolutamente familiares os sinais, mas nunca tinha pensado que Noah fora formar parte do assunto.

Ela tinha fechado a comunicação mental com Jacob, lhe sobressaltando de novo por sua capacidade de fazê-lo assim. Nunca tinha experimentado tal coisa e ela nunca tinha tentado fazê-lo. Tinham estado compartilhando cada pensamento e ação, conversando de tudo do momento em que tinham falado a primeira vez com orações telepáticas completas. Agora não havia nada mais que um oco morto, como se a metade de seu cérebro tivesse sido extraído cirurgicamente. Estava perdido e às vezes indisposto, sentindo-se desequilibrado sem sua outra metade dentro dele. A dor era inexprimível. Isabella deliberadamente tratava de lhe fazer danifico, e o estava conseguindo.

Pela primeira vez, não se comunicavam. Ela não tinha forças para falar inclusive do mais mundano dos assuntos. Não lhe falava, nem com Leah nem ninguém. Nenhuma palavra, seus lábios selados como se tivesse medo de romper o silêncio. Jacob suspeitava que era porque temia que se comesse, não pararia até que tivesse perdoado tudo e estava determinada a que não ocorresse.

Jacob não estava excessivamente preocupado. Bela só era forte e simplesmente obstinada. Por agora poderia lhe deixar fora tudo o que quisesse, lhe negando, negando suas necessidades como casal. Isto duraria exatamente não mais de dois dias. Então o Samhain cairia sobre eles lhes dando uma trégua. Em qualquer caso, não lhe importava a intimidade sexual. Eram as emoções que ela não seria capaz de conter quando se visse forçada a sentir alegria e prazer sob seu toque. Simplesmente romperiam o gelo, e logo chegaria o resto. Sabia porque a conhecia. Era a outra metade de seu coração, de seu espírito.

Enquanto isso, mantinha-se ocupado, como sempre, com suas obrigações enquanto a fase da lua aumentava os casos de insubordinação entre os Demônios. Isabella permanecia em casa com sua filha, agora não estava predisposta a deixá-la

nem com alguém conhecido. Não queria nenhum Demônio perto de seu bebê, no caso de passar algo mais. Nenhum Demônio, Vinculado ou não.

Era irracional. Preconceituoso. Inquietante.

Jacob sentiu a chegada do Gideon ainda antes que o Antigo Médico chegasse ao meio da sala de estar com uma explosão de ar deslocado pela teletransportação, que era sem dúvida, uma cortesia a sua companheira. Gideon nunca justificava suas entradas ao que Isabella considerava intrusões a sua intimidade, por isso quando ela olhou fora da cozinha para ver o que era a perturbação, o fulgor ácido que lhe jogou ao médico aparentemente não lhe desconcertou de maneira nenhuma. Bela rapidamente retrocedeu a seu esconderijo, deixando os Demônios sozinhos enquanto ela tratava com sua última quebra de onda de sentimento reprovável.

—Tenho que falar contigo.

—Ao menos alguém o faz — disse Jacob, levantando-se e apartando o livro que tinha sobre seu regaço aberto na mesma página desde fazia mais de meia hora.

— Acredito que seria melhor se fôssemos à outra parte.

Evidentemente a Gideon era indiferente. Deixaram a casa de Jacob, mas Gideon não esperou muito além da porta antes que terminasse a perseguição, como fazia sempre.

—Necessito que me ajude com Noah.

Jacob exalou profundamente, alcançando a esfregar as têmporas em previsão da dor de cabeça que isto estava a ponto de lhe causar.

—Os sentimentos de minha esposa não contam, suponho?

—Deve aprender a aceitar as coisas que fazemos se pretende abraçar esta cultura. O fato feito está e não pode ser trocado. O resultado é o que é, e Leah está a salvo. Não vejo nenhuma razão para não falar extensamente sobre isso.

—Isabella parece discrepar. Ao menos isso acredito. Teria que dirigir-se a mim para estar seguro.

—Como se sente sobre o comportamento do Rei com sua companheira?

—Refere-te a que Noah retenha Kestra? — Jacob deixou cair a risonha ironia até que percebeu a expressão severa do Ancião.

— Andou pelo inferno e o tempo para consegui-la, e agora quer manter-se longe dela? Espera um minuto. Não pode manter-se longe dela. Ela começará a passar fome pela carência de sua energia. Esta primeira semana é crítica. Ele sabe.

—Mmmm, é presumível, já que é um erudito entre nós — refletiu Gideon de

forma significativa.

—Onde está ela?

—Não acredito que ele saiba.

—Não sabe... — Jacob estava horrorizado.

— Quando a deixou ir? Doce Destino, Gideon, se algo acontecesse com ela, nós lhe perderíamos! Tocou-a! Esteve com ela. A Vinculação parece.

—Sei.

Jacob olhou ao Ancião como se tivesse perdido a cabeça.

—Por que ninguém faz nada sobre isto? Alguém tem que lhe obrigar a procurá-la. Alguém tem que lhe colocar algum sentido na cabeça!

—Sei. Por isso estou aqui.

—Crer que me escutará? — Jacob riu duramente.

— E sua esposa? Sempre esteve unida a ele.

—Tentou-o e falhou. Acreditam que Noah está de algum jeito auto castigando-se. Obviamente não tem as idéias claras — o olhar chapeado do Antigo estalou alarmante sobre o Executor.

— Está bastante confuso, sua necessidade luta com seu sentido equivocado de honra. Nega algo que sempre soube em seus momentos mais cordatos. Disse isso a você e a Elijah. A Vinculação é uma lei por si mesma e não pode ser negada. Isto substitui todo o resto. Acredito que deveria fazer simplesmente isto. Faz cumprir a lei. Embora não acredito que possa influir nele você sozinho. Mas tenho uma idéia do que fará.

—OH? — disse Jacob com cautela.

—Por que tenho a impressão de que não vou gostar disso?

Jacob deu a volta para enfrentar-se a seu Rei enquanto Noah descia pela última curva das escadas. Noah lhe tinha outorgado o cargo fazia quatrocentos anos, e agora vinha para saber de que humor estava ele. O apoio dos pés do Jacob no chão de mármore era o de um eterno sentinela, estabelecido pelo Destino para proteger os intuitos. Ainda mais inquietante era a maneira de apertar os braços sobre seu peito e a implacável expressão que utilizou quando apartou as emoções em altares do dever.

Seu primeiro pensamento foi que Jacob tinha vindo para reparar publicamente o concernente a Leah ou Bela. Isto era quão único Noah podia pensar que pudesse

afetar o de tal maneira.

Mas então ele falou.

—Necessita-me, meu Rei?

Noah guardou silêncio durante um momento enquanto sua mente assimilava a seriedade de protocolo que tinha usado Jacob. Por que acreditava Jacob que lhe necessitava neste momento?

—Antecipaste-te, Executor. Não enviei por você.

—Antecipação sugere simplesmente que me adiantei, não que seja desnecessário.

Jacob observou a seu monarca pensar sobre isso durante um momento.

—Jacob —disse com irritação — estou muito cansado para adivinhações. Podemos ir ao ponto?

—Buscas o castigo, meu Senhor, e sou o que executa. Portanto, estou a seu serviço.

Noah ficou em guarda ante seu Executor, encontrando seus olhos quase negros.

—Então decidiste cumprir com seu dever depois de tudo — refletiu brandamente.

—É meu dever fazer cumprir a lei Demônio, inclusive se a aplicação suporta tocar a porta do Demônio que me nomeou — Jacob tomou um fôlego lento, pensando.

— Profanas ativamente este decreto, embora seja o Rei sábio e temperado que eu conhecia no passado, sempre foste o defensor mais forte desta lei universal. Há uma lei, e só uma, que estas rompendo. É a lei que não está escrita.

—Jacob — O Rei franziu o cenho.

— Do que vai isto?

—A execução da pena, Noah — disse, abrandando sua postura só ligeiramente.

— Profana a lei da Vinculação. A última bênção. O último presente. A Vinculação é tudo e deve honrar por cima de tudo. Machuca a sua companheira Druida, nega-lhe a saúde, a paz e o destino quando é seu dever dar-lhe todo o poder que tenha. Juro-o pelo Destino, Noah, que não permitirei isso. E por minha esposa e filha da alma, teria jurado que nunca veria o dia no que fosse tão egoísta. Tão cruel.

—Jacob...

—Como sempre —interrompeu, seus escuros olhos brilhavam com inevitável dureza—, meu objetivo pretende te convencer e discutir sua forma de te apartar da

verdade.

—Condenado seja, Jacob! — explodiu Noah, seu caráter se lançou como uma vara.

— O que passa com Leah? Com Corrine? Abusei delas, ainda não reclama justiça por elas. Se você não for fazer, então o farei eu mesmo!

—Não a custa da segurança e o bem-estar de outro, não o fará!

Noah começou a ficar em marcha quando o grito ultrajado de Corrine penetrou no corredor. Chegava das sombras, fazendo que Noah compreendesse quão cansado realmente devia estar que não a havia sentido ali. A ruiva se aproximava com fúria, chegando inclusive a empurrar um dedo indignado em seu peito uma vez que lhe alcançou.

—Como te atreve a usar meu nome em uma desculpa que fará que uma Druida sofra da mesma maneira em que eu fiz? Crê que o que está fazendo é nobre e cheio de abnegação? Privá-la de alimentação? Descuidá-la? Bastardo egoísta — grunhiu.

— Não sabe nada sobre mim se pensar que isto me faria acreditar que a justiça está sendo servida. - Dito isto, Corrine tomou um fôlego comprido e refreou sua indignação. sustentava-se rigidamente, mas se abrandou, assumindo que sua conduta faria rastro em sua afligida mente.

—Noah — disse brandamente, chegando a posar uma suave mão em seu antebraço—, está paralisado. É incapaz de te mover, pensar ou dormir. Não faz nada porque tem medo de que se atua causará mais dor. Entendo seu medo, Noah. Fez machucar aqueles que quer, e é muito difícil para um homem de honra agüentá-lo. Mas tem que fazê-lo. Sei imperfeito, tenha em conta seus enganos. Deixa de lado o passado e olhe para o futuro que tem entre suas mãos. Não só por Kestra, por todos nós. Quanto tempo sobreviverá nosso Rei sem sua companheira? Não quero pensar que vais sacrificar uma raça inteira por seus compreensíveis atos de desespero. Simplesmente vá com ela. Faz tudo o que possa. Seja inteligente, paciente e carinhoso e seja seu guia em nosso mundo — de repente Corrine lhe dedicou um sinuoso sorriso.

— E se isso não bastar, amarra a manta à cabeça, tomba-a e arrasta-a pelos cabelos.

—Corrine! — Noah estalou em risadas quando ela pôs um rosto travesso de luxúria pela escandalosa sugestão.

Jacob suspirou fortemente, pondo os olhos em branco. Algumas coisas, pensou,

só se podem fazer em família.

— Até faz um segundo ela o fazia tão bem — disse ele secamente.

— Caralho, Noah. Se posso te perdoar, então você pode fazer o mesmo — o impulsionou Corrine, evidentemente não fazendo caso de Jacob.

— Ao menos entendo o que aconteceu e o porquê. Mas Kestra não o faz. Necessita-te para que lhe explique por que isto lhe está acontecendo e ajudá-la em uma transição segura e saudável.

Noah estava acostumado à humilhação. Tinha duas irmãs que tinham feito toda uma arte pela forma de lhe cuidar para lhe manter conectado à terra. Entretanto, Corrine lhe golpeou a consciência como ninguém mais poderia fazê-lo. Tinha-lhe corrigido sem tentar lhe humilhar, limpando a esgotada mente pela primeira vez desde fazia dias. Tanto se ele se perdoava pelos comportamentos passados ou não, ela tinha razão sobre Kestra. Era uma questão completamente à parte e era negligente com suas necessidades.

— Tem razão. Tem dupla razão — disse ele por fim, liberando um sorriso irônico enquanto alcançava a colocar um dedo na tersa bochecha de Corrine deslizando-o carinhosamente.

— Não tenho nem idéia de no que estava pensando — sacudiu a cabeça com perplexidade ante seu próprio comportamento.

— Tenho que encontrá-la — buscou o Demônio da Terra que sabia era o melhor rastreador de seu mundo.

— Jacob, causaria um conflito em sua família se te pedisse ajuda?

— Por favor — Jacob sorriu ironicamente.

— Bela possivelmente não possa estar nem um pouco mais zangada comigo do que já está.

— Farei uma aposta sobre isso — disse a irmã de Bela com um sorrisinho.

Noah levantou com cuidado do queixo de sua Casamenteira, as palavras de gratidão silenciosas no sorriso de prazer. Logo, rapidamente se transformou em fumaça para seguir a corrente de pó que se dirigia para a janela que tinha diante.

— Cygnus?

— Né?

No reduzido grupo de Vampiros, o Maior deu a volta para enfrentar o mais jovem, que também resultava ser seu irmão. Quando Cygnus se moveu, foi com a cautela natural de sua raça. Seu rosto era jovem e severamente formoso. Tinha uma

grossa mecha castanho escura que caía em um cacho encantador sobre sua frente. Possuía a beleza sensual e a figura estilizada de sua gente e a elegância de séculos de vida. Também tinha a auréola indiferente de aborrecimento que afetava a tantos de seus irmãos. Aparentava tudo o que era: jovem, apto e atrativo.

Exceto a fria crueldade de seus olhos negros e o rictus de mesquinharia de seus lábios. Sua frente se enrugou sinistramente em um cenho irritado enquanto confrontava ao outro Vampiro, o irmão que não se parecia em nada com ele.

Meio-irmão, em realidade. Mas era uma distinção que poucas vezes faziam os Vampiros porque era insólito ter um verdadeiro irmão puro-sangue. Os Vampiros tinham uma natureza volúvel, suas inconsistências era a única coisa constante neles. No caso dos irmãos, era algo que tinham em comum. Por outra parte, tinham diferentes pais e séculos de diferença infinita entre seus nascimentos. O irmão menor mantinha claramente certo desprezo pelo maior e o sentimento se refletia na aspereza de seus escuros olhos enquanto avaliava seu irmão.

Cygnus tolerava pouco ao Quinton, com seu corpo ossudo, o frágil queixo e o matagal rebelde de cabelo cheio de sujeira. Inclusive seus olhos eram aquosos, com a cor opaca da água turva, marrons como se tivessem tido preguiça e não pudessem aspirar a ser dourados.

—Queremos caçar — declarou Quinton com fria determinação.

Já que Quinton não era conhecido por ser um pilar, Cygnus só podia assumir que seu temperamento aumentou pelas demandas dos outros que assentiram em um acordo silencioso a suas costas. Este acordo tácito acovardou ao irmão do Cygnus. Tinha esperado que seus partidários fossem mais faladores, em lugar de lhe abandonar para que fora a única voz que se enfrentasse a ele.

Esta era a razão pela que Cygnus tinha sido honrado com o título de líder, pensou doído com a provocação. O resto deles eram simples e condenadamente estúpidos. Pelo geral, também, careciam de iniciativa. Mas o grupo estava animado e incentivado para seguir adiante para seus seguintes objetivos.

—Em território Demônio? —replicou Cygnus burlonamente.

— Até que escolhamos um objetivo, não seria uma idéia inteligente — percebeu que, ante o acontecimento, os impulsos de desafiar sua lógica lhes reagrupava. Nem sequer usou sua habilidade telepática para saber que nestes momentos queriam seriamente conspirar contra ele. Sobre tudo seu irmão, com seus delírios de grandeza que nunca teria o poder ou a inteligência para consegui-lo.

— Alertaria aos Demônios de nossa presença. Quero observar e fazer um plano distinto de ação antes que comecemos a golpear sobre os objetivos que escolhemos. Se desejam caçar, vão a uma zona menos povoada pelos Demônios e escolham alvos humanos.

—Ora! Os humanos não têm nenhum poder que obter. Já que provamos aquele pequeno doce Mistral semana passada, encontro que anseio o sabor do poder — discutiu Quinton, desprezando a sugestão do Cygnus com impaciência.

—Os Mistrais são objetivos fáceis. Agarre-lhes os suficientemente jovens e logo que poderão dirigir uma defesa. Nublar a mente com essa voz musical não funciona muito bem sobre os Vampiros mais antigos. Nossos resgates telepáticos são pequenos jogos recreativos. Entretanto, os Demônios são inteiramente outra coisa. Estão inatamente à ofensiva. Sobre tudo, alguns dos que escolhemos como potenciais vítimas.

—Então digo que saltemos essas opções mais arriscadas e vamos pelos mais jovens.

—Uma idéia que demonstra a todos o porquê não está a cargo — estalou Cygnus, de repente perdendo a paciência. Incorporou-se na cadeira, levantando-se com um baixo e apaixonado grunhido de advertência.

— Sou dois bons séculos mais velho que qualquer um de vós e meu poder diminui ao mais poderoso. É livre de me desafiar se pensar que é mais competente como dirigente que eu —houve silêncio enquanto olhava iradamente um por um a cada membro do grupo. Seu irmão era o único que parecia ansioso por protestar, mas Cygnus estava acostumado a isso.

— Muito bem, então. Partam e cacem dentro do território apropriado e alimentem-se, voltem a dormir até o crepúsculo e lhes prometo que, amanhã a noite, começaremos a selecionar entre as jóias que nos rodeiam.

Cygnus girou para apartar a vista de seu irmão.

Quinton o amaldiçoou silenciosamente e logo, com uma explosão escura de luz, trocou a forma para a de um mirlo, o poder que tinha ganhado da Mistral do que se alimentaram. O Vampiro maior olhou como outros saíram pelas portas e janelas, pensando cuidadosamente sobre como devia proceder para manter os outros nas posições que se mereciam.

Kestra se estremeceu enquanto olhava abaixo, para o fundo da piscina. Não

podia entender sua repentina aversão a um de seus esportes favoritos, mas a idéia de saltar à água lhe provocou um arrepiou pela pele. A água está quente, tratou de recordar-lhe enquanto tomava um gole da garrafa que tinha chegado a estar onipresente em sua mão a tarde. Entretanto, ainda quando a piscina estava acristalada, o frio de finais de outubro penetrava por todos os lados. Suspirou, arrastando uma mão para trás por seu cabelo. Aparentemente, encontrou um motivo conveniente para não fazê-lo.

Girou para trás para olhar a casa, mordendo o lábio pensativamente. Havia uma Jacuzzi junto à piscina mas, por alguma razão, era a sauna a que realmente a chamava. Haveria uma norma sobre quantas saunas poderia tomar uma em um só dia? Ou mais bem noite. Logo que tinha visto a luz do dia desde que tinha chegado a Inglaterra. Seus dias de dormir pareciam longínquos. E a noite parecia estar reservada para a sauna. Se voltava para a sala superaquecida, seria a terceira vez este dia. Não era nada assombroso que bebesse água como um demônio. Provavelmente seria pela desidratação.

Talvez era pelo que ultimamente lhe parecia que se arrastava a cada passo. Talvez tinha pego um vírus e instintivamente o expulsava suando. Em tal caso, uma terceira sauna era possivelmente uma idéia muito boa.

Esta lógica convincente era tudo o que necessitava. Virtualmente saltou para encaminhar-se à habitação principal e ao adjacente banho e sauna. Kestra tirou o traje, envolveu-se os quadris com uma grossa toalha branca e deu um passo no cubículo laminado de cedro, que já tinha bastante vapor, porque o tinha deixado preparado inconscientemente. Deixou a garrafa no banco detrás de sua cabeça, enquanto se estirava com um suspiro feliz.

O calor era opressivo, premente sobre ela, enchendo seus pulmões e expulsando toxinas por seus poros. Passou as mãos pelo rosto, as arrastando por seu cabelo assegurando-o detrás, deixando-se simplesmente relaxar e que o vapor fizesse seu trabalho. Custava-lhe respirar, mas realmente não lhe importava muito. Sua pele se cobriu de umidade, gotas reluziam sobre seus seios nus, escorrendo do pescoço, onde os pequenos caminhos faziam cócegas enquanto percorriam seu corpo.

As gemas dos dedos foram à deriva até a parte baixa de sua garganta, arrastando-se sobre a escorregadia superfície por cima da clavícula. Encontrou-se inquieta sem querer quando as imagens do Noah flutuaram em sua mente. Tinha

obtido não sonhar com ele durante um pequeno período de dias, pelo qual estava agradecida, mas não podia evitar as lembranças de sua história de amor frenética, explosiva, o amor que superava seus pensamentos. Nunca havia sentido nada igual, em qualquer caso, nunca tinha se considerado capaz da paixão que ele tinha conseguido de seu corpo com tanta facilidade.

Gemeu brandamente, apoiando o braço sobre os olhos já que cada centímetro de sua pele parecia cobrar vida em seu corpo só pela lembrança. Talvez fora a razão pela que se permitiu ser tão imprudente. Tinha sido acusada de ser fria, controlada, e inclusive frígida nas poucas ocasiões das que tinha permitido a um homem tocá-la. Sempre esperava que fosse diferente, mas não era. Havia muitas cicatrizes, muita bagagem que agüentava e manteve fortemente atada a capacidade de ser desinibida. Nem sequer tinha tido a vaga idéia a respeito do que era verdadeiramente um orgasmo até que faz seis meses o sentiu quando supostamente tinha sonhado a primeira vez com tanta intensidade e realismo.

Mas ainda isso empalideceu ante o fato real. Feitos. OH, Deus, alguma vez tivesse suspeitado alguma vez... Como era possível? Como podia manipular seu obstinado corpo com tanta facilidade? Ele tinha mais experiência que outros? Como seria, perguntava-se, se ele se tomasse seu tempo em vez de deixar-se levar pelas tórridas necessidades do momento? Como seria ela?

Kestra arrastou uma mão por seu corpo, tirando a água e a transpiração, suas gemas dos dedos se deslizavam sobre o peito e seu estômago. Sentiu o calor e a opressão, mas era dentro de seu corpo e não tinha nada que ver com a pressão do vapor que a rodeava.

Tinha uma memória impressionante para o detalhe e era capaz de memorizar inclusive a menor matiz com apenas uma piscada. Recordava cada faceta de seus estranhos olhos jade-e-fumaça-colorida, cada ângulo duro de suas afiadas facções e cada contato de seu vital corpo contra e dentro do dela.

Kestra se sentou incorporando-se rapidamente, agarrando o banco de madeira com ferocidade enquanto em sua cabeça giravam as imagens e o calor. Era impossível! Tudo isto. Tinha que apartar isto de sua mente antes de voltar-se louca. Tinha uma vida perigosa e não havia nada de tempo ou espaço nela para um amante, não importava quanto fogo a provocasse. Além disso, conhecia os de seu tipo, conhecia homens poderosos como ele e as demandas que acreditavam que podiam fazer. Preferiria um buraco de disparo na cabeça que deixar tudo pelo que tinha

trabalhado tão arduamente durante toda sua vida.

Levantou-se e se dirigiu para a porta.

Kestra tropeçou, compreendendo muito tarde que se incorporou sobre seus pés muito rápido. Foi afligida pela vertigem, o mundo desapareceu. Caiu ao chão, amaldiçoando-se por sua estupidez. Não obstante, não compreendeu realmente que tinha um problema até que tratou de incorporar-se e se encontrou que não tinha forças.

Repentinamente o calor e o vapor pareciam afligi-la, pressionando-a e asfixiando-a como se tratasse de aspirar a água.

Ofegou uma vez. Duas vezes.

Caiu diretamente na escuridão.

Noah se moveu através do alpendre inclusive enquanto detectava que Jacob deixava a área. Jacob poderia rastrear algo, e Kestra não tinha sido nenhuma exceção. Agora Noah podia detectá-la e cheirá-la. Estava por toda parte nesta casa, e seu coração saltou com a antecipação de vê-la outra vez. Sabia que não seria bem-vindo a princípio, sabia que ela seria tão hostil como nunca, mas não importava. Tinha que estar aqui por seu bem-estar. Tinha que vê-la. Tinha que tocá-la desesperadamente. Preocuparia-se das delicadezas de seu coração e como ganhá-lo depois de que visse que estava bem e segura. Ainda não era capaz de superar a visão dela sendo abatida em sua mente e pensava que não seria capaz de fazê-lo durante bastante tempo.

Noah explodiu procurando seus padrões de energia, penetrando cada parede e móvel da casa. Ao princípio pensou que ela não estava ali, ou que seu esgotamento turvava sua sensibilidade, mas de repente sentiu a inata advertência que soou em sua psique. Era o mesmo aviso ao que não tinha feito caso quando de forma inexplicável tinha deixado de sonhar com ela. Um sentimento esmagante de pânico se precipitou sobre ele. Tinham sido só dois dias e três noites. Como máximo ela estaria tão cansada como ele estava, ou não?

Doce Destino, fui um idiota.

Entrou na casa, formou-se uma nuvem escura de poder quando utilizou toda a energia elétrica que sortia a casa de campo, para reabastecer-se enquanto se movia. As lâmpadas começaram a explodir pelas quebras de onda de poder. Os arcos visíveis de eletricidade lhe alcançavam como se lhe caíssem raios, como os abajures

feitos pelo homem que tocá-los lançavam arcos, aferravam-se até mesclar-se em uma cegadora cor branca e azul, que prolongava o contato com ele até que era absorvida por seu corpo com um estalo.

Isto seguiu seu avanço pela casa, e logo depois de todas as lâmpadas e os aparelhos eletrônicos estalaram como pequenas bombas. Uma vez explodiu o transformador, tudo foi escuridão e silêncio. Todas as energias residuais se perderam ou foram absorvidas por seu corpo. Virtualmente brilhava com o crepitar da energia através dele.

Assim foi como viu a única outra fonte de energia que ficava no edifício. Fraca no chão, estendida sobre ele e Noah compreendeu com toda clareza que era Kestra e que estava em problemas. Em um instante se moveu, um deus do assalto retratado com uma auréola azul brilhante enquanto se precipitava pela casa, seu coração palpitava com medo e fúria, seus olhos cegados a tudo exceto a débil energia de seu corpo. Irrompeu no quarto de banho, procurando, olhando e compreendendo. Arrancou a porta da sauna diretamente das dobradiças e olhou para o chão inclusive enquanto a lançava longe com um golpe. Kestra estava tombada, sua cabeça e rosto ocultas pelo brilho úmido de seu cabelo branco.

Quanto tempo levava assim? Perguntou-se com terror, seu coração esmurrava com velocidade seu peito. Agachou-se sobre sua cabeça, tomou os ombros com cuidado e a inclinou contra o braço. Respirava, embora fora levemente, ofegando porque se alimentava com vapor sem oxigênio. Noah tirou a quente e empapada toalha ao redor de seus quadris, então a recolheu elevando-a e a arrastou pela habitação tão rapidamente como pôde. Seus braços penduravam estendidos e murchos, seus horríveis ofegos lhe estremeciam.

—Bem, neném, bem — murmurou brandamente, com um tom de tranquilidade apesar de que quão único sentia era terror. Cruzou de uma pernada o dormitório, atravessando a casa, e saindo ao alpendre.

Noah foi direito à piscina, sem vacilar inclusive, quando apressadamente deu um passo na água e descendo pelas escadas pouco profundas. Rapidamente a afundou até o queixo na água fria, deixando-a flutuar enquanto lhe sujeitava a cabeça para trás e, também, molhava-lhe o cabelo. Seu rosto estava de cor vermelha brilhante, e embora a tinha submerso do intenso calor ao intenso frio, não reagia inclusive a um nível subconsciente.

Não o fez até um minuto ou duas mais tarde.

Kestra retornou com um surpreendente ofego, movendo-se com sacudidas pelo choque, seus vivazes olhos abertos e olhando para cima aos seus. Suas mãos se elevaram e se aferraram a seu braço, seus dedos escavando seus músculos flexionados.

—Agora está bem — a acalmou brandamente, o silêncio da água que os rodeava inquietante, já que sua voz ecoou e sua respiração era rápida e mais fácil.

— Está a salvo agora.

Kestra tentou unir os pensamentos e as imagens em sua cabeça, mas a cabeça lhe palpitava de dor e lhe custava ver outra coisa que não fora seu rosto. Enfocou-se, entendia suas palavras, e tomou ao pé da letra. Independentemente do que tinha passado, agora estava a salvo. Não tinha nenhuma outra opção, só lhe acreditar, lhe permitir que fosse seu protetor se ele decidisse sê-lo. Ela compreendeu que não era algo tão difícil de fazer, havia uma dura honestidade nesses rasgos escuros. Encontrando consolo ao saber que nunca, nem uma vez, pensou que ele a mentiria, independentemente de tudo o que tinha pensado dele.

—Como me encontrou? —tremeu enquanto fazia a única pergunta que podia expor, enroscando rapidamente seu corpo frio mais perto do calor dele.

—Agora, o que te direi — disse com um humor agudo, um sorriso tocava seus lábios.

Entretanto, ela podia ver que não alcançava os olhos. Seus olhos sustentavam algo mais dentro deles. Algo escuro e primitivo.

Medo.

Compreendeu-o imediatamente, embora não soubesse. Ele tinha tido medo por ela.

Não.

Tinha estado aterrorizado. O terror era o único termo que encaixava com a crua dor e a piscada de pânico na fumaça de seus olhos. A compreensão lhe tirou o fôlego, apertando seu peito com uma emoção inexplicável. Por que lhe importava o que lhe passasse? Ela sabia que não era simplesmente um assunto de bondade humana e o impulso de salvar a vida de outro que vinha de uma boa consciência. Kestra viu mais. Sentiu-o nas palpitações do coração que tinha detrás das costelas, o febril solto e afrouxo de seus dedos enquanto a agarrava, e as linhas de preocupação profundamente marcadas no belo rosto que de outra maneira era de suaves ângulos.

Nenhuma só vez alguém se preocupou por ela. Apesar do que Jim disse, enquanto que não houvesse um corpo que tivesse que recolher no necrotério, realmente nunca se preocuparia com ela. Certamente nunca temeu por ela.

Kestra não podia entender porque ver a emoção deste virtual estranho por ela, a fazia sentir...

Não sabia o que a fazia sentir, estava muito fraca e confusa para entendê-lo. Kestra relaxou em seu abraço, permitindo seu corpo flutuar na água fresca. Fechou os olhos, jogando mão de seus outros sentidos. Ouviu o chapinho da água contra sua pele e as bordas da piscina. Inundava os ouvidos sob a água, escutava sua própria respiração acelerada e a cadência igualmente rápida dele. Girou a cabeça e lhe olhou. Realmente lhe observou. Estava totalmente centrado nela, mantendo sua cabeça sobre a água e seu corpo debaixo dele. Estava completamente vestido, sentiu o tecido molhado de sua camisa sob seus dedos e contra sua pele nua. Evidentemente não lhe preocupava. Sua concentração estava completamente sobre ela. Olhava-a fixamente, como se olhasse uma bomba que fizesse tic-tac.

Estava completamente nua em seus braços, seus tentadores peitos por cima da água, o tremor do frio provocava que seus mamilos se engrossassem quase com muita dor. Como estava flutuando, sentiu que havia uma estranha sensualidade na percepção de contrastes. Água fria, quente corpo masculino. Mulher nua, homem vestido. Ele era tão poderoso e forte enquanto a sujeitava na cama aquosa, e ela estava tão débil e flácida como um macarrão.

Arrastou o olhar até a sua fixa e viu, afligida, uma expressão preocupada durante um breve momento antes que ele a ocultasse sob uma tranqüila inclinação para cima de seus lábios. Fechou os olhos, em realidade os escondeu com suas pestanas, lhe deixando pensar que não tinha observado nele enquanto as emoções fizeram tic-tac através de seus rasgos. De repente, ela compreendeu sua expressão escura quando seus olhos foram à deriva por seu exposto corpo, seus peitos, suas pernas e os cachos em seu entreperna. Fechou os olhos e apertou a mandíbula até que pensou que se romperia um dente. Não cabia dúvida de que ele deveria receber um bate-papo muito intenso sobre os pensamentos inapropriados durante um salvamento.

Kestra só sorriu. Seu estado ligeiramente imaterial enquanto flutuava na água lhe permitiu liberar-se e confessar. Floresceu em sua ânsia, reconhecia-o. Emocionou-a, deixou-a sem fôlego, e não tinha a força para ofender-se consigo

mesma pelas coisas mais corriqueiras, como o momento e as circunstâncias. Alegrava-se de que não tivesse sido uma simples transa para ele. Queria que ele seguisse desejando-a. Parecia tranqüilo e ainda isto a excitou. Mais sentimentos que não entendia, provavelmente devido a sua inexperiência com os sentimentos das recentes relações interpessoais.

Ela de repente tremeu, e embora o tentasse com forças, não pôde parar. Sentiu o tremor profundamente nos ossos, o tremor se transmitiu a ele lhe bamboleando. Se alagaram as náuseas, a sensação a fez ofegar e imediatamente tentou ficar em pé. Em troca, ele a sustentou fortemente.

—De acordo, neném, tempo de te secar.

Balançou-a para cima contra ele enquanto se girava e caminhavam pelo fundo da piscina arrastando-a sem muito esforço.

—Vou vomitar —lhe advertiu.

Ele não respondeu. Caminhou diretamente pela casa, para a cozinha e deixou cair seus pés bem a tempo para que ela se agarrasse à pia e vomitasse. Enquanto a sujeitava no braço, apartou com uma mão o cabelo de seu rosto enquanto ela se estremecia inteira pelas arcadas. Sua boca se posou na parte de atrás de sua cabeça e lhe murmurou brandamente. E soou como uma desculpa.

Depois de uns minutos foi capaz de agarrar fôlego e enxaguar a boca. Uma vez que começou, deu-se conta de que incrivelmente tinha sede, e tratou de recolher punhados de água doce para apagá-la.

—Não — a negou com cuidado.

Apartando a mão da água, atraiu-a mais perto de seu corpo quente, úmido e fechou o grifo. Ele se inclinou para a geladeira e, por um momento, olhou-a como se a fosse morder. Logo, abriu a porta e se dedicou a procurar nas prateleiras. Só tomou um instante encontrar as garrafas de bebida isotônicas que os esportistas estavam acostumados a ter armazenadas. Ela apenas se deu conta de que não havia energia e não havia luz. Estava ocupada tratando de esquentar-se.

Entretanto, ele tinha razão. A bebida para equilibrar seus eletrólitos seria a melhor opção, no momento. Deu-lhe a garrafa e ela a embalou contra seu corpo enquanto ele a encaixava contra seu peito e caminhava pelo vestíbulo para a habitação principal. Ela escutou um som muito forte de passos enquanto iam, o ruído chiava em sua cabeça e olhou para baixo. Riu quando viu a água que cuspiam suas botas enquanto ele caminhava.

—Não tive tempo de tirar, - explicou isso, seu genuíno sorriso como pagamento a sua risada.

Ela ficou perplexa imediatamente. Não tinha acreditado que fora do tipo que ria de si mesmo.

—Estás pondo a casa perdida de água.

—É simplesmente água — disse encolhendo-se de ombros.

Tinha razão. Ela tinha coisas muito maiores de que preocupar. Sua cabeça palpitava e ainda tinha náuseas. Tinha a pele arrepiada e tinha cãibras nas mãos e os pés que a estavam voltando louca. A Levou a cama e a estendeu cuidadosamente no centro da mesma. Colocou-lhe um travesseiro debaixo da cabeça antes de se afastar e começar tirar-lhe a camisa gotejante. Uma vez que esteve seguro de que não molharia mais a cama, alcançou o pesado edredom e o passou sobre suas pernas, cobrindo seus quadris.

—Fica quieta — ordenou com severidade, como se fora um cachorrinho.

Dado que não se sentia mais forte que uma cria, não pôde discutir com ele. Só sustentou sua bebida e tratou de averiguar como conseguir levantar o plástico até enquanto lhe via cruzar por volta do quarto de banho.

Parecia tão grande comparado com tudo, especialmente quando se movia no entorno como se o conhecesse. Tinha uma boa linha de visão do quarto de banho e lhe viu como se inclinava para atirar de uma pilha de toalhas dispostas em uma prateleira. Logo se sentou na banqueta e tirou as botas. Teve que rir quando a água fluíu para os ladrilhos. Ele jogou uma olhada em sua direção, o jade cintilava debaixo de suas largas pestanas escuras. O olhar de censura pretendia ser algum tipo de repreensão. Mas Kestra viu o humor refletido ao redor de seus lábios e nas finas rugas nas esquinas de seus olhos. Ela tinha tido razão. Ele era habitualmente risonho.

Sua risada de resposta morreu quando ele se levantou e tirou o cinturão. Noah se girou lhe dando as costas, mas compreendeu que não era porque ele tivesse posto qualquer pensamento nisso. Despojou-se das calças e ficou de pé nu, poderoso e terrivelmente masculino. Tinha aquelas vigorosas pernas e coxas com os que ele tinha suportado seu peso combinado contra a parede da habitação. Quando Deus tinha repartido os tendões e os músculos, tinha tomado um especial cuidado em esculpir Noah. Para cúmulo, Noah tinha a parte traseira com o melhor aspecto que tinha visto jamais. Trocou o ângulo de sua postura e ela conteve o fôlego sem

que nada tivesse que ver sentindo-se doente. Havia uma diferença entre sentir e ver, compreendeu enquanto olhava fixamente seu forte pênis. Apesar da água fria, era poderoso e impressionante. Distraídamente lambeu seus lábios enquanto Noah agarrava uma toalha e a envolveu apertadamente em seus quadris.

Não foi até que exalou que Kestra compreendeu que tinha contido um fôlego excitado e o tinha sujeito. Tampouco podia repreender-se por isso. Ele era pecaminosamente magnífico, esculpido como um Deus, e inclusive perfeitamente bronzeado da cabeça aos pés. Alto, escuro e megaperigoso. Maravilhosamente perigoso.

Como saltar-de-um-avião de perigoso.

Maldito.

Fechou os olhos quando ele se deu a volta para aproximar-se dela, seus braços carregados de toalhas. Deixou-as cair sobre a cama com um plaf e lhe beliscou o nariz.

—Mmm?

—Abre a boca.

Enquanto está de pé e a coxa ao nível da cama com nada mais que uma toalha?

Seus olhos se abriram. Sorriu um pouco quando viu um pequeno termômetro em sua mão. Obedeceu seu mandato e lhe deixou tomar a temperatura. Tinha sorte que fisicamente se sentisse como uma merda, porque de outro modo nunca tivesse passado por toda esta intromissão e todo o concernente “às mentiras que rondam sobre uma flor murcha”.

Sua mente ainda era aguda e alinhavada, maldição, não é verdade? Sua imaginação estava definitivamente funcionando. OH, e não tinha que preocupar-se a respeito de sua libido. Estava-o fazendo bastante bem.

Noah se encontrou Sorrindo. Não podia ler sua mente ainda, mas seus olhos eram mais que bastante expressivos. Sua ironia e consternação acentuadas pela impressionante caricatura de seu lábio inferior ao redor da pequena barra de cristal do termômetro, refletia seus sentimentos claramente. Não gostava de estar necessitada diante dele. Estaria mais disposta que nunca a demonstrar sua capacidade de controlar seu mundo depois de encontrar-se fraca ante ele. Mas isso seria então, e isto era agora.

Ele retirou o edredom e agarrou uma toalha de cima. A partir de suas pernas, começou a secá-la vigorosamente. Viu o doloroso amontamento de seus pés e

imediatamente compreendeu o que não lhe dizia. Ignorou-o no momento e continuou secando sua pele. Não foi até que alcançou a zona dos quadris que ela ofegou ao redor do termômetro lançou as mãos vacilantes a seus pulsos. Estavam tão duras como seus pés, mas isto era apenas um inconveniente.

—Kes, não estou aqui para te fazer dano — disse com um suave tom tranquilizador que se derramou sobre ela. Ele tinha toda a intenção de guardar sob chave a paixão em seu tom e ela não podia por menos que senti-lo.

— Nunca te faria mal. Nunca te trataria com falta de respeito. Quero que creia em mim.

Uma vez mais, ela se relaxou visivelmente, mas fechou os olhos quando ele secou a umidade de seus quadris e a parte inferior, entre suas pernas, desde seus cachos brancos até o umbigo, e do umbigo para trás. Era tão incrivelmente apazível e meticoloso, como se estivesse decidido a apanhar cada gota de água.

Apesar de sua dor de cabeça e o resto, Kestra tinha contido muitas vezes o fôlego durante todo o tempo que o dedicou a seu corpo, o momento mais intenso foi quando tinha rodeado a parte superior de sua coxa com os fortes dedos, para levantar a perna para seu rosto e poder inclinar o joelho para fora para expô-la a seus cuidados. A fricção da toalha tinha sido uma sensação vertiginosa, mas nada em comparação com o roce accidental de seus nódulos contra a umidade que não era de todo pela piscina.

Depois de ter terminado com a secagem, ignorante da facilidade com a que a estava afetando, alcançou uma nova toalha e levantou sua cabeça para poder envolvê-la ao redor de seu cabelo. Uma vez que a massa úmida esteve envolta, arrastou um travesseiro fresco e seco sob sua cabeça e encontrou um ligeiro lençol para cobrir a metade de seu corpo. O algodão era fresco e revigorante, o que permitiu que o excesso de calor saísse de seu corpo, mas mantendo o frio fora.

Noah comprovou a temperatura de seu corpo só a simples vista. O termômetro era estritamente para seu benefício. Ela franziu o cenho quando lhe olhou.

—Poderia ter sido muito pior. É muito afortunada de que seja um homem persistente —disse reservadamente.

Havia um fio na observação e ela o sentiu agudamente. Havia pesar e ironia para ele na declaração. Kestra se surpreendeu de poder lhe ler tão bem. Estava acostumado a perder esses pequenos matizes em outras pessoas às que permitiu construir uma base para formar amizades. Geralmente quando olhava a indivíduos

via ameaças. Só via o potencial para danificar ou ser perigosa, e uma vez que essa avaliação parecia, outras sutilezas nunca pareciam importar. Noah de algum modo era diferente. Nele via mais. Por alguma razão ela estava tomando o tempo para deter-se e fazer uma nova observação, apesar de que sabia que era perigoso para seu bem-estar geral. Isso o fazia diferente, ou a fazia muito, muito estúpida?

Ele era extremamente franco, mas estava muito claro que era uma honestidade seletiva. Conseguiria certa informação dele, só se fizesse a pergunta correta. Tinha um código de honra, um que tinha visto somente com poderio. Certamente, o suficiente para assombrá-la. Era forte, além de tenro. Completamente seguro de si mesmo, o bastante persistente para encantar a uma mulher metendo-se dentro de sua vida, bastante resolvido a persegui-la depois quando a citada mulher escapou como um frango. Ou mas bem como uma avestruz. Entretanto, sua cabeça saía da areia. Odiar-lhe não trocava sua atração por ele. Nenhum poderia negá-lo. Não importa quanto queria sufocá-lo, era o que era e certamente não se acabaria em um período curto.

Ela se perguntou que profissão teria. Como tinha ganho seu dinheiro? Não pegava como herdeiro mimado, e estava claro que tinha uma grande estima por sua família em geral. Agora que pensava nisso, havia algumas coisas que tinham ocorrido que foram um pouco...

—Hey! — disse ele de repente, chamando sua atenção. Inclinou-se sobre ela, olhando diretamente abaixo para seus olhos.

— Para o carrossel — aconselhou, dando um toque com a ponta do dedo sobre sua têmpora.

— Sei que deve ter uma dor infernal de cabeça. Tudo o que tem que fazer é beber a sorvos a bebida, fechar seus olhos, e não pensar em mil coisas sobre as que possivelmente não possa fazer nada no momento.

De novo, tinha razão. Estava se fazendo um hábito molesto, mas sua sabedoria tinha seus encantos também. Fez o que lhe havia dito, relaxando-se e não pensando, inclusive quando agarrou o pé e começou a massagear ferozmente os músculos duros.

—Descansa — respirou, o timbre baixo de sua voz rico e calmante.

— Deixa seu corpo curar-se. Amanhã será outro dia. Tem muito tempo para me gritar, te irritar e me odiar. Esta noite só descansa.

—Não te odeio — discutiu ela brandamente, jogando indiferentemente com

sua garrafa.

—Bem, é agradável sabê-lo — disse.

Tratou de parecer neutro sobre isso, mas ela podia dizer que estava contente e alegre.

Ela também estava contente. Suas mãos sobre os pés obraram magia. Aos poucos minutos os músculos se liberaram, um agradável formigamento seguia às gemas de seus dedos e palmas. Ele deslizou as mãos por toda sua pantorrilha, poderia dizer-se que estava comprovando se havia endurecimento aí. Então subiu a mão mais perto dele e com cuidado esfregou o polegar na palma dela. Com um movimento suave, circular o comichão começava outra vez, como pequenas chispadas de corrente elétrica. O calor se estendeu pela mão quando ele escorregou seus dedos sobre os seus, entrelaçando suas mãos e as liberando para poder continuar a massagem. Kes o olhou cuidadosamente, observando como ele estudava sua mão com uma quantidade quase singular de atenção. Poderia ser que ele procurasse a melhor maneira de aliviar suas câibras, mas ela não acreditava. Se ela tivesse que aventurar uma conjectura, diria que a estava memorizando.

Noah remontou cada dedo, cada impressão digital, marcas e cicatrizes que se formavam redemoinhos em sua pele e que lhe fascinavam. Ela tinha calos em cada ponto possível do contato, inclusive alguns estranhos por si mesmos entre os nódulos, embora não fossem grossos como outros. Suas mãos eram as de alguém que trabalhava duramente, mas tinham a elegância de alguém que as exercitava para levar a cabo um trabalho específico. Colocado. Preparado. Girou-lhe a mão para lhe olhar o pulso. Pôde ver o tamborilar de seu pulso, mas também viu uma incoerência. Quase o omitiu, mas quando olhou mais atentamente, viu a pequena tatuagem da silhueta de uma bailarina. Estava feito em uma cor parecida à rosa suave e quase harmonizava com a pele. Mas estava claro que ela a levava com muito orgulho.

—Cyd Charisse — ela o disse antes de dar-se conta, abriu os olhos sonolentos para procurar seu fixo olhar curioso.

— Era uma bailarina do tempo dos musicais do Metro Goldwyn Mayer. Disseram-lhe que era muito alta... mas não o era. Foi a bailarina mais estupenda que vi. A silhueta é a dela.

—Uma modelo a imitar para uma moça alta que quis dançar —disse ele olhando seu formoso rosto com os olhos de repente pormenorizados.

—Querida fazer tudo. Dança, ginástica, o que pudesse tentar. Exceto basquete. Todo mundo quer meter-se no basquete quando se é alto — rodou os olhos com franca exasperação.

— Querida balé. Exercícios de chão. Escalada em rocha. Kickboxing. Ioga.

—E estou disposto a apostar que conseguiu até o último deles.

—Sim — disse ela, claramente vitoriosa.

— Ainda estou estudando todo o tempo novas matérias. O ano passado foi o rapel.

- Este ano... — se encolheu de ombros.

— Quem sabe? Ainda não o decidi.

—Estou seguro de que algo passará — disse.

E ela soube imediatamente que havia uma coisa velada detrás da observação aparentemente inocente. Estava realmente muito cansada para inspecioná-lo, por isso deixou acontecer o momento.

—É sua única tatuagem? —perguntou.

—Sim. Que pode ver. Além disso, não tenho outras marcas de identificação.

Noah não reagiu, mas encontrou intrigante os motivos dela para fazer-lhe. Armazenou-o profundamente. Inteirou-se de algo mais além de seu conhecimento sexual. Ainda assim, sentiu como se tivesse que conhecê-la melhor. Querida mais. Ansiava mais. Tanto do corpo como da alma.

—Tem uma cicatriz. Tem muitas cicatrizes — ela alcançou até indicar duas delas, tocando as manchas sobre a parte superior de seu braço e ombro esquerdos onde tinha recebido um disparo de pregos de ferro na batalha. As gemas de seus dedos passaram quase roçando o peito até a terceira cicatriz nas costelas e logo à quarta justo em cima do quadril. Tratou de não excitar-se por seu tato, mas o roce de sua mão era tão suave e tão claramente sensual, que foi uma luta contra uma batalha perdida. A acumulação do sangue que se dirigia a seus quadris não tinha absolutamente nenhuma consciência quando se tratava dela.

— A pior está em suas costas — deslizou a mão por sua lateral e tocou os bordos da feia cicatriz deixada por uma adaga de ferro que tinha sido deslizada por sua carne. Ao fazer isto, inclinou-se e se aproximou, roçando os peitos contra seu ventre, as pontas rígidas desenharam um par de excitantes linhas sobre sua pele tensa. Ele tomou uma respiração profunda enquanto sentiu as demandas de seu corpo completamente acalorado e crescente por debaixo da toalha.

—É muito observadora — murmurou, alcançado por trás a mão e apartando-a de sua ardente pele, colocando-a com cuidado entre sua palmas durante um momento enquanto ela finalmente se recostava no travesseiro.

Notou que ela não perguntou como tinha conseguido suas insígnias de batalha.

—Você tem duas cicatrizes — lhe devolveu, alcançando para deslizar o lençol de algodão por cima de sua perna. Ela tinha uma larga linha branca, aproximadamente de doze centímetros e meio, na parte posterior de sua coxa.

— Uma... — contou, percorrendo brevemente com os dedos o bordo da mesma. Então vacilou antes de descansar a mão sobre seu ventre onde a segunda cicatriz se ocultava sob o lençol. Em realidade esperava a mão que lhe sujeitou defensivamente.

— Dois — terminou, respeitando seus sentimentos, sem remontar a cicatriz branca da navalhada horizontal justo por cima de seu osso púbico.

Olhou-lhe com os olhos totalmente abertos, vulneráveis durante um comprido minuto.

—Ninguém jamais a tinha notado — soou como se não soubesse se sentir-se impressionada ou alterada.

Possivelmente era um poquinho de ambas. Noah sabia que esperava que ele fizesse perguntas, mas não estava nas regras do jogo. Tinha posto aquele limite bastante claramente e ele o respeitaria.

Ele deslizou a mão por debaixo da sua, devolvida ao primeiro ponto que tinha posto, seguindo ausentemente com os dedos a textura irregular da mesma.

—Conheço alguém que tem uma cicatriz linear que vai da parte posterior de sua cabeça, até quase a parte inferior de suas costas.

—De verdade? — ela virtualmente tinha inveja e Noah suprimiu o impulso de sorrir.

— Como lhe ocorreu?

—Alguém lhe assaltou por trás com uma espada.

—Uma espada? Quem vai por aí com uma espada?

—Um louco. Meu amigo teve sorte de sobreviver.

—Posso imaginar, entretanto... - tomou a notificação do ato de violência com calma. Era evidente que para nenhum deles era algo anormal.

— Conheço alguém que conseguiu um corte na garganta de orelha a orelha. Hoje em dia passeia por aí com a cicatriz.

—Ouch — Noah teve que estremecer-se.

—Por sorte, o tipo que o fez tinha visto muitos filmes.

—O que significa isso?

Ela sorriu, com brilho em seus claros olhos azuis por seu conhecimento.

—Isto quer dizer que se supõe que não deve jogar da cabeça de alguém atrás quando cortas sua garganta. Se levantar seu queixo, todas as estruturas vitais, as veias e artérias, incrustam-se mais profundamente no pescoço. Assim desaparecem. Além de brinco a brinco... — ela riscou a rota sob seu queixo.

— Quão pior golpeará é a laringe.

—É muito educativo — comentou Noah, seus lábios se levantaram com humor.

— Talvez amanhã possamos intercambiar técnicas para a asfixia. Encontro estes temas excelentes para falar com um homem estranho quando estou absolutamente só na casa com ele.

—Não tenho medo de você — replicou ela com elegância, levantando o queixo.

— Em todo caso, vigia suas costas quando estiver comigo.

—Se não me tiver medo, então por que escapou?

Noah não conservou ou retirou a pergunta. Necessitava da pergunta e da resposta. Olhou-a com muito cuidado quando ela a assimilou e formulou a resposta.

—Bem — respirou, atirando distraidamente do lençol para cobrir seus peitos em um gesto claro de amparo.

— Suponho que é uma pergunta justa.

—Sim... se minha intensidade te atemorizou, não tenho nenhuma desculpa para isso — ofereceu, sem apartar seus olhos dela enquanto falava.

— Eu sei o que pensa de mim, Kestra, mas te equivocas. Não te estava utilizando e não estava procurando outra conquista. Se pudesse fazê-lo de novo...

—Passaria da mesma maneira — lhe disse brandamente. Kestra se moveu lentamente para sentar-se, incorporando-se até ele para assim estar mais intimamente próximos.

— Eu sei o que te motivou, Noah. Sei bem porque me motivou também. Depois de todos aqueles meses de promessas vãs, assombra-me que não acontecesse em seu dormitório no minuto em que despertei. Simplesmente somos pessoas e qual ser humano não quer realizar suas fantasias ao menos uma vez? Sinto ter sido uma cadela. Francamente me impressiona que não fizesse caso à cadela rainha e viesse

atrás de mim. Atuei como se não significasse nada, como se te tivesse usado e fora fácil para mim me afastar. Posso ser muito desagradável quando me proponho a isso, e não vou prometer que não vá voltar a ocorrer, porque te asseguro que ocorrerá.

—Sem dúvida — sorriu ele.

— Mas também posso entender porque te alterou tanto. Tenho um ponto muito forte em certas situações. Eu não podia... não fui muito considerado.

—OH, não diria tal coisa — disse ela, levantou uma sobrancelha loira brincalhona enquanto sorria.

Noah estava desconcertado e confundido, e isto provocou sua risada.

—Sabe, depois do outro dia, tive visões te desejando me golpear endemoniadamente. Não esperava ingenuidade ou estar à altura neste assunto.

—Bem — Kes sorriu quando recordou sua sessão com o saco de boxe.

—Tive um pouco de tempo para pensar e trabalhar com minhas emoções — se evadiu.

— E me sinto sossegada, já que salvou minha vida de novo. Além de que tem feito que minha dor de cabeça e minhas cãibras desaparecessem. Bom, em sua maioria.

—Isso é pelo líquido e a perda do calor — lhe disse, a diversão brilhante em seus defumados olhos.

Agarrou-a pela nuca, seus dedos se deslizaram sobre ela até que encontrou a tensão. Com cuidado começou uma massagem como o que tinha feito a suas mãos, e outra vez ela sentiu o calor e a magia que a alagava como um poderoso bálsamo. Suspirou contente, sem preocupação pela vulnerabilidade, já que deixou cair a cabeça para frente. Continuou a massagem até que se balançou e se elevou, procurando sonolenta os olhos dele.

—É seguro dormir? — perguntou.

—Sim. Vigiarei-te e despertarei-te dentro de uma hora para que reponha mais fluídos —Noah jogou uma olhada ao redor para ver as enormes janelas e sua potencial exposição ao sol. Ela estaria a salvo, mas tão esgotada como ele, o toque direto do sol poderia lhe deixar em coma.

— Vou cobrir estas janelas assim o sol não te esquentará. Seria contra-indicado para o golpe de calor. Sabe, é muito afortunada de não ter nenhum golpe na cabeça.

—Acredito que realmente me machuquei — bocejou e se tombou,

encolhendo-se na cama.

— De outra maneira, provavelmente te estaria golpeando, em vez de ser agradável. Nunca sou encantadora.

— Bem, então me perdoará se não correr para conseguir um médico que te cure.

— Mmm, só terá que esperar até que me sinta melhor.

— Esperarei com o coração em um punho, Kikilia.

— Disse-te que não me dissesse isso.

— Sim. Não te fiz conta. Agora dorme.

 CAPÍTULO ONZE

Jacob fazia algumas coisas bastante desalentadoras em sua vida, inclusive sobreviver em uma batalha com um claramente alterado pela lua e capitalista Gideon ao mesmo tempo, mas nada se podia comparar a isso, se inclusive a menor coisa fosse mal.

E nada se compararia com isso inclusive se tudo saía bem.

O Executor se deslizou para debaixo da terra, alterando o efeito de gravidade sobre seu peso com tal habilidade que se sentia mais leve que uma pluma. Deteve-se ante sua soleira, ainda não acostumado ao silêncio dos pensamentos e saudações que estaria obtendo. Leah estaria na cama nesse momento e apesar de que a amava, inclusive sua alegria enquanto caminhava através da porta, não podiam comparar a tenra e amorosa calidez de sua mãe enquanto o saudava com um beijo.

Amaldiçoou brandamente, trocando de idéia e permanecendo na luz crescente do sol enquanto avançavam as primeiras horas da manhã. Sentou-se sobre um reclinável, suas largas pernas cruzadas sobre a metade do caminho abaixo do par de escadas que se dirigiam para o caminho. As gramas e jardins a seu redor eram perfeitos, resplandecendo ante a luz do sol, enquanto o rocío da fria noite lentamente se desvanecia. Esse era um dos benefícios de ser um Demônio da Terra, vegetação e flores em qualquer momento que desejasse. Mas Bela tinha debilidade pelo outono, estadias que cada ano tomava a cor da estação, era parte de crescer em Nova Iorque. Era devido a isso que esses velhos carvalhos e dúzias de outras frondosas árvores rodeavam a casa que alguma vez tinha tendido uma clara vista da

rocha.

O chão estava cheio com fragmentos de folhas, as cores brilhantes e fascinantes, e débeis e pequenas pilhas estavam dedilhando aqui e lá. Podia havê-lo limpo tudo imediatamente com um só pensamento, mas Bela insistia em rastelar em pilhas, as quais ela e Leah imediatamente destruíam saltando sobre elas.

Jogavam esse jogo na escuridão, é obvio.

Jacob sabia que ela desejava que sua filha pudesse ver com segurança as coisas que se iluminavam sob a luz do sol, mas isso era o que ela chamava um “suave remorso”. Um que pudesse desvanecer-se no tempo, talvez quando Leah crescesse o suficiente para fazer justo isso.

E era essa adaptabilidade que o fazia tão difícil entender porque Isabella estava tão impenetravelmente zangada com o Noah. E com ele.

—Porque só por uma vez desejaria que não fosse eu quem tivesse que adaptar-se.

Jacob não a tinha escutado falar em tantos dias que, quando se voltou a olhá-la, seu coração se sentiu como se tivesse dado um tombo por completo em seu peito.

—Bela —murmurou...

Ela saiu do pórtico e baixou os degraus até que tomou assento junto a ele. Usava um grosso suéter tecido, mas ainda assim tinha que encolher-se profundamente nele para permanecer cálida.

—Mas então olhei a essas árvores e joguei nas folhas com nossa filha e me precavi que tem feito sua parte para te adaptar igual a mim.

Jacob olhou enquanto ela esfregava seus olhos com as pontas de seus dedos rapidamente, um desses estranhos hábitos humanos dirigidos a esconder as emoções quando de fato chamavam a atenção para isso.

—Fazer crescer as árvores não é nada para mim. É natural. Uma parte do que sou, pequena flor — lhe disse brandamente.

— Tanto como é natural para ti estar zangada com alguém que ponha em perigo a sua filha.

—Ela é sua filha também. O qual aplica que seus costumes se aplicam a ela. Mas por seus costumes e cultura, quanto mais cedo um menino mostre e use seus poderes, é mais respeitada e respirada a usá-los. Por esse ponto posso entender porque ninguém está de acordo com minha coragem. Mas o que tem que minha cultura? O que tenho que dizer a respeito dos costumes humanos que estariam

lívidos com Noah pelo que fez? Que um pai deveria varrer o pó se alguém explorasse seu filho para seus próprios propósitos? — Riu cortadamente, sacudindo sua cabeça.

— A única pessoa que parece me entender e estar de acordo comigo é Noah pelo amor de Deus!

—Sei — disse Jacob brandamente.

— E está certa. O que fez Noah foi mau e perigoso...

—Mas?

—Mas o ama e tem que perdoá-lo.

Bela assentiu uma vez e estalou em pranto.

Kestra se estirou e com precaução abriu os olhos a tempo que a lacerante dor que se disparou através dela e sua cabeça. Desvanecia-se enquanto enfocava, lentamente, e suspirou brandamente em alívio, esperando um momento antes de se atrever a mover uma polegada. Enquanto descansava, fez-se consciente do peso descansando sobre suas costas.

Estava descansando sobre seu estômago e a habitação estava completamente escura, entretanto tinha boa visão noturna assim realmente não lhe importava tanto. Mas usualmente havia uma porção de luz em alguma parte, inclusive se era da rua ou a luz exterior de um alpendre. Não havia sequer um só raio de luz de lua.

O peso sobre suas costas se moveu, retornando sua atenção a isso. Realmente chamou sua atenção quando uns dedos se deslizaram brandamente sobre sua coluna por uns poucos centímetros, enquanto seu dono se estirava prazerosamente a seu lado. Esperou-o, esperou que se acalmasse e lentamente girou sua cabeça para olhar no lado oposto. Conteve sua respiração e foi algo bom, porque repentinamente esteve frente a ele, nariz contra nariz. Ele estava apagado ao igual ao resto das luzes, então cuidadosamente exalou e se permitiu a si mesma respirar. Nunca tinha dormido junto a ninguém antes, sua incapacidade para confiar o fazia uma impossibilidade. Precaveu-se que não tinha sido tão perturbador descobrir que o tinha feito, ou o fato de que tinha sido com esse homem em particular.

Podia vê-lo com surpreendente claridade apesar da escuridão. Suas formas eram mais impressionantes enquanto dormia. Inclusive em repouso, fluía em autoridade e força, os planos de seu rosto e as rebeldes curvas de seu cabelo negro o faziam parecer atormentado e selvagem. Não havia nada inocente ou infantil nele,

inclusive quando estava totalmente depravado. As linhas de sorriso em seu rosto se desvaneciam enquanto dormia, até se não estavam aí para suavizá-lo. Estava bem, apesar disso, considerava ela. Era positivamente arrasador e as escuras pestanas e sua brandamente desenhada boca era incrivelmente sensual. Fechou seus olhos brevemente, recordando sua boca, seu sabor. Essa lembrança rapidamente deu passo a outros e abriu totalmente seus olhos antes que se desviasse.

Só para encontrar uns tempestuosos olhos verdes e cinzas olhando para ela.

Esteve de repente sem fôlego, totalmente sem poder falar e tampouco podia fazer muito por piscar. O que dizia a um homem em sua cama? Não era como se pudesse mascará-lo com uma classe de etiqueta. Já lhe tinha agradecido por salvar sua vida não? Franziu o cenho com consternação e se disse a si mesma que não tinha permitido fazê-lo de novo. Quase obter que a matassem era um mau hábito. Necessitar que alguém a resgatasse era ainda pior.

—Estiveste consciente durante cinco minutos e já tem algo pelo que franzir o cenho?

Não era uma crítica. Podia sentir que era honesto nisso. Entretanto era divertido para ela. Não tinha pensado que tivesse uma disposição alegre por si mesmo. Talvez era como se via. Ou talvez era porque sempre brigavam. Não lhe tinha dado exatamente uma oportunidade de mostrar suas cores verdadeiras. Além disso, só assumia o pior de todos e depois seguia. Era mais fácil dessa maneira. Isso significava não surpresas. E ninguém a desiludia.

Entretanto, tinha que admitir, ele estava cheio de surpresas até o momento.

Certamente tinha causado que se surpreendesse a si mesmo.

O pensamento fez que seu corpo inteiro se ruborizasse e não pudesse manter contato ocular. Temia que ele pudesse ler de repente seus pensamentos carnis.

Ele riu brandamente.

—Isto é definitivamente uma melhoria — lhe brincou, sua voz baixa e cheia de especulação.

Imediatamente o olhou, o fogo nascendo em seus olhos cristalinos.

—Melhor não incomode a primeira hora da manhã. Não quisesse ver-me franzir o cenho ou algo —lhe advertiu.

Era claro por seu sexy e entristecedor sorriso masculino que lhe tinha sem cuidado.

—Antes de mais nada, é tarde —lhe corrigiu.

— Segundo, é meu desejo mais profundo não te incomodar de novo.

Disse-o com tal sinceridade, tanta seriedade em seus olhos cor névoa, que não pôde mais que sorrir e rir brandamente. Mordeu-se o lábio contra a brincadeira, tratando de parecer ameaçadora e inclusive se aproximou para lhe dar um empurrão.

— Não te atreva a utilizar esse encanto Eurolixo em mim, senhor. Não funcionará.

Estava surpreendida de que seu empurrão não parecesse ter efeito na parede de seu corpo absolutamente. Não se moveu nem um milímetro. Inclusive sua mão permanecia em suas costas. Ela sentiu seus dedos mover-se, as pontas movendo-se sobre sua pele para cima antes que sua palma baixasse de novo.

De repente se precaveu que a mais ligeira das carícias era uma necessidade, uma que ele não podia controlar apesar de seus esforços de fazê-lo. Estava lutando por evitar realmente tocá-la, tratando de satisfazer-se a si mesmo com esses pequenos toques. Era algo muito excitante se soubesse. A idéia que ainda quando, apesar de estar tão acostumado a controlar seu comportamento como o fazia ela, não podia manter esse controle perfeito a seu redor.

— Nunca trataria de te encantar. Não te insultaria dessa maneira.

Noah estava completamente fascinado. Ela tinha os pensamentos mais cambiantes, expressões e humor, que tinha visto alguma vez. Tão rápidos que apenas se podia seguir seu rastro. Desejava que seu contato mental o levasse ao certo. Morria por saber o que pensava. Deslizou indiscretos dedos sobre suas costas de novo, amaldiçoando-se pela pequena carícia, mas incapaz de evitá-la. Sua pele era incrivelmente suave, como seda fina sob a ponta de seus dedos. Era tão cálida, sua humanidade a tinha feito tão naturalmente cálida como era ele e encontrava esse calor aditivo. Desejava revisá-la, ver como estava funcionando depois da próxima chamada do dia de ontem, mas não podia deixar de fazer outra coisa que não fora a oportunidade de seguir tocando-a.

Isso era tudo o que necessitava. Justo isso. Estar tombados falando e gentilmente tocando-a. Podia ser muito feliz assim.

— De onde é de todas maneiras? — perguntou de repente.

— Sei que não é originário da Inglaterra. Não tem essa molesta coisa Britânica em absoluto, entretanto, acredito que estiveste aqui o suficiente para ter aprendido seu inglês.

—Tem bom ouvido — disse, honestamente impressionado.

— Claramente não é estranha na Europa. Não fala como Americana.

—E sabe muito de Americanos?

—Conheço um pouco. Encontro o acento de Nova Iorque particularmente encantador.

Ela riu ante isso. Só um Europeu poderia encontrar esse acento "encantador".

—Hey... distraiu-me — disse ela de repente, levantando sua cabeça do travesseiro para poder lhe lançar um olhar acusador.

Noah esteve de repente em risco de perder o contato com ela. Pressionou seus dedos contra suas ondulantes costas e rapidamente retificou a situação.

—Desculpo-me. É um velho hábito. Minha gente passou muito anos passados, e obtive o hábito de ser impessoal e distrair a atenção para ganhar informação. Minha família é de uma região na República Tcheca. Muita de minha gente tem raízes aí, apesar de que foram exilados e agora estão concentrados aqui na Inglaterra em grupos pequenos. É mais pacífico aqui, menos problemático em conto a terras e fronteira.

—Contínuas dizendo "minha gente" Que pessoa?

—Minha cultura, sou o líder de minha cultura, e a pessoa toma como guia e as tradições que definem nossa cultura. — Sorriu-lhe.

— E o que tem você? É americana sem acento Americano. Sua fala é refinada, quase como se a propósito eliminasse qualquer pista de seu acento.

Ela sentiu um estremecimento descer por suas costas desde seu pescoço. Ele estava aterradoramente no correto com sua asseveração. Nunca tinha conhecido a ninguém com tanto entendimento a detalhe, e ela se movia em pequenos círculos. Seu primeiro instinto foi lhe dar a mesma história de cobertura que dava a todo mundo. Nunca dizia verdades sobre si mesma. Fazia uma história e a tinha feito uma verdade ante seus olhos. Não era honesta como ele era.

—Fui a um internato Canadense desde muito menina. Uma escola para pequenas damas de cultura. Fomos treinadas para falar perfeito Francês e para falar com perfeita dicção. Aprendemos a caminhar e a atuar com precisão e graça para se sobressair em maneiras e etiqueta. Suponho que retive alguma habilidade desses anos. — E isso era verdade. Sentiu a seu coração pulsar com o instantâneo palpite de medo dado pela exposição.

Noah sentiu a repentina alta de temerosa emoção. Percorreu-o com

surpreendente claridade, instantaneamente, fazendo que seu coração corresse até alcançar o ritmo dela. Conteve seu fôlego por um momento, quase muito excitado para focar-se. Ao fim, um sinal de suas mentes começando a abrir-se uma à outra. Deixou que o sentimento se derramasse sobre ele, saboreando a conexão. Depois de um momento, deslizou suas mãos para cima de sua coluna, para sua nuca e lentamente começou a esfregar o ponto sensitivo.

—E viajaste muito — alcançou a dizer, com um tom de voz, totalmente mostrando seu prazer.

—E como sabe?

—Dirigi através da Inglaterra como uma viajante profissional. Só a pessoa que viveu em uma grande variedade de lugares tem essa confiança.

—Sabe — murmurou—, tem que ser o homem mais ardiloso que conheci.

—Bom, quando tem minha idade, tende a adquirir um pouco de sabedoria.

—Seguro, é um sábio regular. Não deveria estar sentado em uma montanha em algum lugar cultivando uma larga barba branca esperando que os buscadores de conhecimento cheguem a você?

—Mencionei que o sarcasmo tem o potencial de ser prejudicial para a beleza natural de seu rosto? — perguntou-lhe.

Ela riu, mas brevemente, porque a adulação tinha chegado a ela de forma tão casual e de uma maneira tão especial, que não o tinha reconhecido a princípio. Tinha aprendido a agradecer graciosamente por essas coisas, mas essa vez ficou sem palavras. Sua mão continuava movendo-se gentilmente contra seu pescoço, relaxando toda a tensão e cada pedaço de ansiedade que sua conversação pudesse criar. Também estava deixando o calor de seus dedos e palma impressos para sempre em sua pele, essa mágica faísca de energia disseminando-se sobre a inteira extensão de suas costas, ombros e inclusive seu couro cabeludo e rosto. Esperava saber como era capaz de fazer isso. No momento, desejava que não parasse.

—Tratarei de me abster no futuro — disse silenciosamente.

—É uma promessa? Se o for, espero que se afeire a ela.

—Disse tratarei — apontou.

— Prometo tratar.

—Penso que deverei ficar satisfeito com isso — disse ele com humor brilhando em seus formosos olhos.

—Sim, deveria — se burlou com uma expressão agressiva.

Rindo quando ele o fez. Tinha uma formosa e fácil risada, rica e masculina de acima a baixo. Era bastante contagiosa, mostrava essas pequenas rugas na esquina de seus olhos que lhe fascinavam, fazendo que suas pupilas brilhassem com luzes de jade e misteriosa névoa.

Noah quase saltou fora de sua pele quando ela inexplicavelmente se elevou e tocou seu rosto. As pontas de seus dedos foram à esquina de seu olho direito, alisando a pele enquanto ela florescia com um sorriso assustador que se mostrou profundamente em seus claros olhos azuis. Fechou seus olhos, incapaz de deter-se e a seus famintos sentidos a memorizar a suavidade de seu toque, a doce essência de sua pele enquanto roçava seu nariz e lábios. Custou-lhe toda sua força de vontade não tomar essa formosa mão e colocar um beijo ou dois na palma. Não desejava fazer nada que pudesse incomodá-la enquanto estava tão repentinamente receptiva por uma mudança.

—Noah?

Seu nome em seus lábios fez que abrisse instantaneamente os olhos. Ela desenhou seu lábio inferior entre seus dentes por um momento, enquanto analisava seu rosto.

—Por que está fazendo isso?

—Fazer o que? — perguntou incapaz de controlar o rouco tom desço de sua voz.

—Te deter. Todo. Um minuto está rindo ou triste ou falando, então de repente seus olhos se fecham e fica quieto.

Só a olhou por algumas batidas do coração, a princípio tratando de formular uma explicação plausível, mas era um péssimo mentiroso e odiava a idéia de ser desonesto com ela de qualquer maneira.

—Suponho que o faço como um gesto defensivo ou de amparo porque estou experimentando algo fora de contexto ou inapropriado para uma situação específica.

—Vá, vá, essas sem dúvidas são elegantes palavras, senhor — disse afetada, com um acento caipira. Imediatamente trocou a sua usual doce entonação.

— Poderia pôr isso em termos cristãos para aqueles de nós a que quer afligir?

—Não estou tratando de te afligir. — Suspirou quando ela arqueou uma sobrancelha contradizendo-o.

— Maldição, é a mais...

—Irritante observadora mulher em todo mundo? — subministrou quando ele se viu perdido.

—Sim, algo muito parecido a isso — concedeu com um suspiro.

Noah rodou afastando-se dela, levantando-se de repente da cama. Correu ambas as mãos através das largas e selvagens ondas de seu cabelo enquanto tratava de unificar seus pensamentos. Kestra franziu o cenho, sentindo nele a perda de seu notável toque calmo. Também lamentando haver dito uma coisa obviamente molesta. Afastou-se dela saindo da habitação. Ela se voltou imediatamente, agarrando o lençol e envolvendo-o a seu redor. Sentou-se e logo se levantou, mas a habitação tomou uma queda em fígada maciça e ofegou pela comoção. Caiu de costas, cruzada sobre a cama, fechou os olhos, cobriu seus olhos com as mãos e começou a dar sermões a seu estômago sobre as alegrias de não ter náuseas.

—Hey, está louca? — uma severa repreensão masculino lhe chegou alguns momentos depois quando a encontrou jazendo nessa mesma posição.

Era óbvio que tinha tratado de levantar-se. Sentou-se em seu lado na cama, inclinando-se sobre ela de maneira que podia sentir seu quente fôlego contra suas mãos. Ela suspirou, sentindo o calor de seu corpo e encontrando-o de algum jeito reconfortante.

—Sentimo-nos um pouco enjoados, não é assim?

Bom, não tinha que soar tão presumido. Ela franziu o cenho e apartou as mãos. Abriu audazmente um olho, dando-se conta que era muito melhor com seus olhos abertos depois de tudo.

—Entendo que tem esta fixação a Mulher Maravilha — refletiu ele, acariciando com seu polegar debaixo de cada um de seus olhos, de algum jeito fazendo-a dar-se conta do que ele fazia—, mas duvido que deva estar dando voltas por aí esta noite.

—Não sou uma inválida — grunhiu, fazendo uma careta com seu rosto.

— Só me dê um minuto, algo do que me sustentar e estarei bem.

Ele riu, a energia e o som disso a fez sorrir a seu pesar ante sua situação, e o golpeou no peito em castigo enquanto a fazia rir com ele.

—Não é gracioso! — insistiu irritadamente.

—Não. Sua enfermidade não é graciosa, mas você é. Nunca te ocorreu que seus ácidos comentários pudessem usar-se para o bem.

—Maldade do mundo, tome cuidado — anunciou desanimadamente com um punho no alto que terminou com seu braço caindo sobre seus olhos. Fez um

comprido e grave som de frustração.

— Odeio isto. Detesto-o muito.

—Sei, neném — disse brandamente, aproximando-se de acariciar seu cabelo em simpatia.

— Mas te prometo, que em poucos dias estará mais recuperada do que estava antes.

—Pode apostar seu rabo que o estarei. Não acostume a esta questão de super homem em brilhante armadura.

—Sei. Sei. Não é nenhuma moça em desgraça.

—Exatamente! — Levantou o braço para olhá-lo direto no rosto.

— O captou bastante rápido para ser... — deixou a frase no ar, mordendo o lábio pela conotação da observação discriminatória.

—Um homem? Outra promessa para você, Kestra. Não sou como qualquer outro homem que conheça. Assim que esse insulto não me incomoda no mínimo.

Levantou-se da cama e saiu de sua vista de novo.

Noah se inclinou sobre o balcão da cozinha, tendo chegado aí com a desculpa de ir buscar uma dessas bebidas esportivas para Kestra para que continuasse com sua reidratação.

O fato era que, estava correndo fora de tempo. Em muitas maneiras. Ela já estava fazendo perguntas que requeriam cuidadosas respostas para assim não lhe mentir. Quando perguntasse por uma luz, teria que lhe explicar como tudo na casa chegava a fritar-se eletricamente, porque os telefones não podiam funcionar, coisas como essas. Ele, possivelmente, sairia com algo inteligente, mas cada vez estava mais cansado por evadir-se. Teria que lhe dizer a verdade, teria que vir de uma maneira que a ajudasse a aceitá-la e a ele, e só tinha vinte e quatro horas para fazê-lo. Samhain estava lhe pisando os calcanhares, podia senti-lo em cada fibra de seu ser; cada músculo e célula de seu sangue palpitavam com o ritmo da lua cheia escondida detrás das pesadas cortinas que penduravam das janelas e a tormenta que se preparava fora. Mas nada disso poderia ajudá-lo amanhã. Nem sequer estava seguro de se poderia ajudá-la. Estaria o suficientemente dentro da mudança para ser afetada como ele o seria?

Nem sequer sabia se sua enfermidade era por motivo do calor do cansaço ou se algo disso tinha que ver com sua irrefletida ausência nesse par de dias que tinha lutado com a indecisão. Necessitava de um plano e não tinha nenhum. Não estava

dentro de sua natureza trabalhar fora de um. Os líderes planejavam. Recebiam conselhos e assessoramento e pensavam as coisas meticulosamente. Sua última impulsiva ação possivelmente teria destruído sua amizade com a Isabella para sempre.

Não era que estivesse acostumado a tanta indecisão. Corrine tinha razão, estava paralisado. Nada em sua vida lhe tinha dado tal sensação de medo como quando pensava em perder Kestra através de seus enganos por suas ações e inação.

Teria que morder a bala, como se estava acostumado a dizer. Não podia mantê-lo em segredo, ela era, definitivamente, o suficientemente preparada para começar a figurar as coisas por sua conta. Não se sentia bem tocando-a de novo sem uma explicação de no que se estava colocando, e o Destino sabia que morria por tocá-la outra vez. Sua psique inteira gritava por fazê-lo. Quase não tinha haver com seu corpo absolutamente. Seria mais singelo se não pudesse recordar como ela se sentia, como sabia... como soava. Seus gritos apaixonados faziam alto eco dentro dele, fazendo-o uivar no mais profundo de sua alma. Não era estranho a seu lado selvagem, mas esse possessivo desejo estava totalmente fora de seu campo de experiência.

Empurrou-se do balcão, tomando uma ou duas pausas antes de retornar à habitação, tendo afetado seu faminto corpo com os pensamentos e lembranças da mulher que era muito real e próxima do que sua sã mente podia dirigir nesse momento. Precisava abstrair-se de um completamente poço de necessidade. A necessidade de conhecê-la, de aprender dela e, mais que tudo, a necessidade de ganhar seu respeito e confiança.

Ao menos tinha tido o bom sentido de colocar as calças. De algum jeito se sentia mais seguro que sua temporária alternativa da noite anterior. O tecido estava empapado e frio, mas se figurava que não merecia algo melhor e podia ajudar no caminho. Mas então...

Entrou na habitação, sua aguda visão a enfocou em uma posição de joelhos e mãos no centro da cama com muita facilidade. O lençol ao redor de seu corpo não estava tão a seu redor, mas bem metade e metade. Ela estava registrando na gaveta da mesa de noite em busca de algo. Infelizmente, era o lado da cama no outro lado da habitação, o lado que o enfrentava. Supôs que ela o escutaria aproximar-se, mas ele, fora de hábito, não fez nenhum movimento quando se moveu. Os Demônios eram criaturas da noite, caçadores naturais por nascimento e mover-se com sigilo

era inato a eles, como respirar.

O rosto da Kestra estava coberto por uma cortina de cabelo platino, quase iridescente na escuridão, ao menos para seus olhos. Podia ver cada curva de seu corpo, desde seus seios a seu ventre plano, até a silueta do espaço entre suas coxas. O lençol estava drapeado sobre suas costas e traseiro, por isso deixava o resto exposto enquanto ela procurava, claramente tendo pouco êxito porque se balançava vertiginosamente e tratava de não fazê-lo. Via-se incrivelmente tentadora, pelo resto deliciosa e adoravelmente obstinada. Noah quase deu meia volta de volta à cozinha para assim poder respirar outra vez.

Mas, pensou com um suspiro, inclusive um Rei era assim de forte.

—Procurando algo?

Ela não se agitou nem reagiu com nenhuma classe de comoção. Arrojou seu cabelo para trás e depois de um momento de enjôo que lhe fez lamentar a ação, soprou uma mecha e lhe arqueou uma sobrancelha. Noah estava ridiculamente agradado que não se apressasse a cobrir-se.

Agradado era o menos volátil dos adjetivos nesse momento.

—Sim. Estou procurando minha lanterna. Nenhuma das luzes parece funcionar.

—Sim. Acredito que o transformador se sobrecarregou ontem à noite. A maioria das luzes explodiu, assim como o resto. — Encolheu-se de ombros.

— Acredito que ainda não restabeleceram o serviço.

—OH — suspirou.

— Bom, considerando a área rural que é isto, não me surpreenderia passar o resto da semana sumida na escuridão. Estraguem!. —Tirou o pequeno cilindro de metal que tinha estado procurando, arrastou o lençol sobre si mesma e se sentou.

A forte e pequena luz flamejou à vida e a dirigiu para ele, fazendo brilhar seus olhos. Ele ocultou um sorriso e caminhou para a cama.

Com um violento pop, a lâmpada da lanterna explodiu.

—Grrrr! Não é isto má sorte?

—Sim. Estava tão à espera de correr pelos arredores na escuridão com um pequeno raio de luz que me ensinasse o caminho. Toma, bebe isto.

Ela tomou a garrafa distraidamente, sacudindo a lanterna como se a pudesse fazer funcionar de novo. Suspirou.

—Tem razão. Não é como se tivesse podido esquentar a água. Deus, odeio as duchas frias.

—Sim, eu também — disse ele brandamente. Olhou-o e ele pôde ver com facilidade seus olhos entrecerados.

— Embora, se se sentir melhor depois de beber isso, sempre poderíamos retornar a minhas propriedades. Muita luz, muita água quente. Acredito que inclusive tenho uma banheira que minha irmã clama que todas as mulheres consideram uma divindade na terra.

—Vendido! Ao homem de brilhante armadura! —riu ela.

— Muito para a Mulher Maravilha. Ela, que odeia estar sem comodidades. E um ginásio.

—Mmm... o melhor que posso oferecer aí são os pátios de treinamento. Muitas pessoas violentas e suarentas. Curiosamente, posso ver-te em meio delas.

—Huuuurra! —riu, agarrou-se a cabeça e se deslizou a uma reclinada posição.

— Bom, talvez só o huuu... o rra terá que esperar alguns dias.

—Estou inclinado a concordar.

—Assim que isto significa que você conduzirá.

Noah ficou muito quieto.

—Está-te detendo de novo — notou imediatamente.

—Não. Meus olhos estão bem abertos.

—Bom, está escuro.

—Está bem.

—Mas algo te está incomodando. Posso senti-lo. Sua energia se pôs toda Espinhosa.

Agora estava definitivamente detendo-se, e não podia evitá-lo se ela o notava. Fechou seus olhos com uma ansiosa, mas ainda assim hilariante inquietação de emoções que o alagaram. Não era muito provável que um ser humano meio pudesse detectar mudanças em energia, não diga “espinhosas” mudanças de energia. Dava-se conta do que estava dizendo? Talvez, marcava-o por seus extremamente impressionantes instintos e intuição, mas era muito casual para que seja isso. Energia. Calor. Poder. Esses eram parte dele. Estariam se agora convertendo em parte dela? Que classe de Druida ia ser ela, exatamente? Não tinham maneira que soubesse. Estava afligido pela urgência de descobri-lo, inclusive como queria atrasá-lo todo um pouco mais.

—Maldita seja.

—O que? — perguntou ela rapidamente.

—Nada. — Logo suspirou e se esfregou a frente, justo sobre seu nariz.

— Não, espera. Desculpo-me. O que queria dizer é que, não é nada do que deva preocupar-se. Só um montão de idéias correndo furiosamente e tratando ao melhor de me dar uma dor de cabeça.

—Já vejo. Bom, não espere compaixão de mim. Não vou estar impressionada até que ao menos tenha um pouco de náusea... ou sangue saindo de seus olhos ou algo.

Noah a olhou com total incredulidade.

—Viu muito disso em sua vida?

—Sabe, algumas perguntas são melhores as deixar sem resposta.

A alarmante parte de sua resposta era que não pensava que estivesse brincando. Noah retrocedeu imediatamente ao primeiro momento que a tinha visto na realidade, e a forma em que tinha terminado segundos depois.

—Tenho um plano — disse distraidamente, empurrando atrás essas preocupações mais urgentes.

— Vamos para que te vista e logo possa descansar um momento enquanto preparo nossa viagem. Considerando como se sente, não estaria surpreso se dormisse todo o caminho—. Olhou a propósito à distância, tratando de encontrar alguma roupa para ela.

—Estaria surpreendida se o fizesse. Eu não gosto de dormir enquanto conduzo.

—Em realidade, estava pensando, mas bem em ir voando.

—Voando? Rápido, mas, sem prévio aviso?

—Tenho meios de transporte privados — disse, vagamente a propósito, outra vez.

Tirou um breve vestido de algodão dentre a série de vestidos que não pareciam passar o meio da coxa. Ela era, claramente, uma garota moderna que adorava alardear sua feminilidade e seu bem tonificado corpo. Cada vestido era elegante e leve, não conservador, mas tampouco gritão. Tinha uma pequena seleção de muito sofisticados vestidos de noite, alguns de reconhecidos desenhistas, confirmando suas suspeitas que possuía sua justa cota de recursos. Não estava seguro que o breve vestido fora apropriado para o Outubro Inglês, mas tinha usado um que já tinha visto e não parecia incomodá-la.

—Em realidade, tenho um vestido de veludo vermelho aí. Preferiria esse — disse antes que pudesse voltar-se e lhe mostrar sua eleição. Parecia uma coisa

doméstica para ele, escolher algo para que vestisse.

— Se é que pode vê-lo na escuridão.

Já o tinha em mão enquanto ela dizia isso. Estendeu-o sobre a cama e logo se dirigiu ao único vestidor da habitação. Selecionou um sutian e calcinha com o justo cuidado para fazê-la ruborizar atípicamente. Kestra se disse que era porque não gostava de estar doente e inativa. Logo disse que era uma covarde e que se ruborizou porque gostou de suas eleições, que eram sexys e que as tinha comprado depois que tinham feito amor, provavelmente com a tentação em seu subconsciente.

Sexo. Tivemos sexo. Não fizemos amor, corrigiu-se apressadamente.

— Não estava usando calcinha o outro dia...?

Ele deixou pendurando a tácita pergunta, as lembranças desse tórrido encontro amontoando-se entre eles. Kestra se elevou entre os lençóis, o tecido, de repente, muito estimulante sobre sua pele. Casualmente cruzou um braço sobre seus seios em um intento de ocultar o repentino endurecimento de seus mamilos.

— Eu... usava cinta e meias, mas não encontrei nenhuma que eu goste ainda — as arrumou para dizer em um tom passável.

— OH, esqueci que tinha que comprar...

Deteve-se de novo.

Ela observou seus olhos fechar-se e esteve fortemente tentada a lhe chamar a atenção, lhe perguntar o que estava pensando nesse mesmo segundo. Depois de um momento, olhou-a e sorriu de uma maneira que não chegava até seus olhos.

— Não vamos deixar suas roupas jogadas esta vez.

— Barneys e Saks se sentirão muito doídos de escutar isso — brincou ela.

Era evidente que não havia entusiasmo atrás disso, mas ele sorriu de toda maneira.

Noah se moveu para a cama, chegando a seu lado e sentando-se, de tal maneira que seu quadril fez contato com a dela quando ficou frente a ela. Aproximou-se para apartar uma mecha de cabelo enquanto encontrava e sustentava seu olhar. Kestra pôde observar a seriedade em seus olhos e sentiu sua garganta contrair-se com uma ansiedade que não podia entender.

— Quando estivermos assentados em meu lar, estaria muito agradecido se me permitisse conversar de certos assuntos... incomuns entre nós.

— Assuntos incomuns? — via-se perplexa.

— Não acredito jamais ter escutado pôr-lo dessa maneira antes.

— Me acredite, nunca tiveste uma conversação como esta antes.

— Desejaria que não tivesse feito isso — disse com um suspiro frustrado.

Olhou-a com uma confusão sem disfarce.

— Agora passarei todo o tempo de lá para cá me preocupando e me perguntando o que é o que quer me dizer que é incomum — clarificou ela.

— Preocupando-se? Não acredito que preocupar-se seja obrigatório. A respeito de perguntar, não terá êxito, assim não deve nem tentá-lo.

— Simplesmente assim, né? Crê que por me dizer que não me preocupe ou não pergunte vais obter que aconteça?

— Estou apelando a sua lógica — disse, já com um sorriso aparecendo sobre seus lábios.

— Mas está começando a soar suspeita como uma mulher.

— Oooh. — Entrecerrou os olhos e enrugou o nariz, enquanto agitava um dedo de repreensão para ele.

— Só diz isso porque quase fiz esse comentário masculino.

— Disse-lhe isso, esse comentário masculino não me aplica.

— Ah ah — Claramente não estava de acordo.

— Vêem. Te veste — ordenou.

— A menos que necessite assistência.

— Não! — Arrebatou-lhe a roupa, combatendo uma onda de náusea pelo rápido movimento.

— Você leve essas mãos letais a outro lugar — mandou sem pensar no que dizia.

— Mãos letais? — ecoou seu tom, de repente, cauteloso.

— Sim. Letais — disse de frente.

— Mortais. Perigosas. De outro modo, é imprudente estar perto delas.

— Já vejo.

— Pode-te retirar, para que possa me vestir?

— Sim.

— Bom, posso dizer que é uma muito lenta saída?

Noah se levantou e saiu da habitação. Terminou de volta no balcão da cozinha. Estava Sorrindo, incapaz de evitá-lo.



CAPÍTULO DOZE

Banda correu por sua vida.

Tinham-no apanhado na cidade. Não tinha nenhuma outra opção a seguir, por cada sombra havia luz. Sentia que vinham, escapulia-se na sombra como sombra que era, com tal habilidade, tinham que ser mais que capitalistas para lhe buscar. Não entendia o que queriam dele. Seus inimigos não eram sua gente. Banda não tinha causado nenhum dano de nenhuma classe.

Enquanto corria a toda velocidade entre as luzes sentia o resplendor tocar sua pele com irritante coceira, somente tocava seu braço, mas percorria todo seu sistema nervoso, sempre que ficava sem as sombras ao cruzar o caminho da espantosa luz, a bendita luz que criou o santuário da sombra assim como representava a iminente morte.

Ao jovem Shadowdweller lhe custava respirar, corria muito rápido. Além disso do sapateio de seus pés sobre o pavimento, tudo o que podia ouvir era a aspereza e violência de sua própria respiração enquanto entrava e saía de seu corpo. Os Vampiros eram mais rápidos que ele e a luz não os fazia nenhum dano, a não ser que fora a luz solar, que Banda muito provavelmente encontraria a estas horas. Melhor ainda. Preferiria ser pego pelos ameaçadores Vampiros que ser pilhado pelo mortal sol.

Eram muitíssimos para lutar, e seus poderes eram muito inexperientes para lançá-los contra aqueles que eram tão evidentemente poderosos. Sua única esperança seria ficar em contato com um Shadowdweller mais desenvolvido, um mais capitalista que ele, mais capitalista que os Vampiros. As probabilidades de encontrar um na cidade eram muito escassas, mas era melhor tentar que não. O assunto era que ainda não podia fazer o intento enquanto avançava correndo às cegas e estremecendo-se da cabeça aos pés pelo medo.

Banda teve que deter-se, sem nenhuma outra razão que a dor surda de seu corpo devido à corrida e os duros golpes de luz que lhe queimavam. Tentou controlar sua respiração enquanto caminhava de novo para o mais profundo das sombras tratando de esconder-se. Mescloou-se, por fases, e devido a seu desespero, encontrou o poder de converter-se em uma sombra perfeita, indistinguível contra as sombras do edifício de tijolo cinza e rosa.

Cygnus parou a uma quadra de sua presa quando o escorregadio jovem Dweller

desapareceu. As explorações superficiais não serviram para lhe localizar, o pequeno camaleão se superou esta vez. Mas Cygnus e seus colegas sabiam que o Dweller tinha estado diante só uns minutos antes e que havia muito poucos lugares nos que pudesse ocultar-se. Sobre tudo se se aproximavam o suficiente. Os Dwellers não podiam enganar aos Vampiros durante muito tempo quando eram tão jovens como este. E Cygnus lhe tinha visto e deliberadamente caçava a este jovem. Enquanto os Vampiros já tinham a capacidade de mesclar-se nas sombras sem ser vistos, empanando a mente dos transeuntes para que não lhes notassem, Cygnus sabia que os Dwellers tinham outras habilidades, poderes que não proclamavam. Sabia porque os tinha visto.

Tinha sido aproximadamente fazia um século. Ironicamente, ocorreu quando tinha saído a caçar com Damien. Caça do Shadowdwellers. Um pequeno grupo que se havia aficionado a causar problemas aos Vampiros ao longo das fronteiras de alguns de seus territórios. Este pequeno grupo tinha sido muito pouco sensato ao bicar nas terras de caça de Damien. Os Dwellers provocavam a qualquer Vampiro que encontravam na área, afugentando as presas ao as assustar ou jogando com truques poltergeist.

Os Dwellers também se burlavam dos humanos. Embora não tomassem o sangue, Damien não apreciava os remanescentes do errante grupo para que as autoridades fizessem perguntas, fazendo mais difícil para o Damien caçar e para os Nightwalkers em geral permanecerem no anonimato. Por sorte, os humanos têm um modo de procurar justificação para as coisas que não podem explicar, e Damien tinha pegado rapidamente ao grupo e dado um contundente golpe que os tinha enviado de volta a Nova Zelândia... ou Alaska. Qualquer em que fora a época do ano em que houvesse escuridão a maior parte do dia e da noite.

Mas antes que isto tivesse passado, Cygnus tinha estado rastreando a um perdido, um Dweller que de algum jeito se separou do grupo. Tinha-lhe açoitado, exatamente da mesma maneira que perseguia a este. Só que naquele tempo, quando tinha encontrado à pequena arpía, tinha-lhe olhado, diretamente a sua alma, e lhe tinha retorcido algo dentro das tripas. Havia-lhe flanco três dias recuperar seus sentidos. Três dias para recordar o que tinha passado. Nunca contou a Damien o que lhe passou, figurava-se que a informação poderia ser útil algum dia. Nunca tinha esperado ter razão. Estava muito interessado em observar o que era exatamente o que adquiriria quando roubasse esta faceta do jovem Dweller.

De repente Cygnus se deteve, seus sentidos brotaram quando se aproximou de um edifício de tijolos. Agora que sabia que o Dweller estava ali, o truque estava em lhe separar do resto das sombras.

Banda conteve a respiração. Poderia-a sustentar por um período de até seis minutos se fosse necessário. Mas a liberaria e voltaria a contê-la sempre que a audição do Vampiro estivesse o bastante longe. Que não era freqüente, porque o Vampiro podia ouvir muito bem. Então as tropas do líder lhe alcançaram, piorando-o. As probabilidades de Banda caíram a chumbo enquanto rodeavam. Estavam centrados no edifício contra o que se ocultava, por isso sabiam que estava perto. Tudo o que tinha que fazer era manter uma perfeita concentração e estaria a salvo, talvez o tempo suficiente para que se cansassem da perseguição. Entretanto, duvidava. Os Vampiros eram tenazes, como caçadores podiam ser extremamente pacientes.

O Vampiro líder passou uma quarta vez perto de Banda, e o Dweller teve que dominar o medo que subia por sua garganta. Tratou de manter sua sombra. Tentando endiabradamente enfocar-se. De repente o Vampiro girou para ele, colocando a mão em um nada com as garras desenvainadas e agarrando a Banda pelo rosto. Enquanto Banda tropeçava ao sair das sombras, sentiu que essas unhas se incrustavam em cinco buracos separados em suas bochechas e frente. O Vampiro recolocou seu agarre, provocando cinco buracos completamente diferentes. Arrastou ao novato Shadowdweller contra seu peito, rindo e fazendo rir a seus companheiros também.

O Vampiro atirou da cabeça de Banda para trás com excessiva violência, quase decapitando ao moço pela força exercida contra a ligeira estrutura dos ossos. Banda fez um som estrangulado de protesto ou medo, sentindo a ardente pressão de garras outra vez quando o Vampiro rasgou o pescoço de sua camisa até o ombro. A palma da mão do líder impediu que gritasse, em realidade lhe asfixiava no processo, lhe forçando a reter o fôlego outra vez. Sentiu a língua fria, viscosa e o fôlego quente, lambendo inecesariamente por cima do pescoço, e se estremeceu com repugnância. De repente a língua se deteve, e Banda pôde sentir seu pulso pulsar contra essa coisa úmida que lhe buscou enquanto o medo bombeava através dele.

Cygnus se tornou para trás e golpeou com a velocidade de uma serpente, somente que ele não perfurou e se apartou como todos os de sua raça faziam. Usou as presas para rasgar o flanco da garganta do Dweller, o sangue salpicou e bastante

por toda parte de sua boca e roupa enquanto bebia avidamente, drogando-se com os poderosos goles, o medo paralisante no sangue do Nightwalker.

Os outros pressionavam para diante procurando seu turno.

—Doce...

—Mmm?

—Realmente tenho que patrulhar a fronteira. Com esses rebeldes por aí, não posso me sentir a salvo a não ser que o faça.

Syreena olhou a seu marido desde sua posição, tombada sobre seu corpo nu. Tinha estado beijando seu peito e pescoço languidamente, acrescentando pequenas lambidas pecaminosos contra seu pescoço e que sabia que lhe conduziam ao bordo da loucura.

—Damien, sabe que não virão aqui. É uma morte segura. Contigo, Stephan e Jasmine na mesma casa? O pessoal da casa é em si mesmo um exército. Mencionei a todos os guardas e as meticulosas medidas de segurança que Stephan e você planejaram?

—Jasmine não está aqui — indicou, alcançando-a para esfregar seu irresistível ombro, a pálida linha tão cheia de graça e elegância.

Damien sabia que tendia a ver-se mais como uma lutadora, fiel e firme em seu apoio em lugar de alguém de grande beleza feminina. Sempre insistiu em que a sedutora era sua irmã Siena, a sexy Rainha dos Licántropos, tinha herdado todos os gens femininos junto com seu aspecto de gato Montes. Ele tinha opiniões muito diferentes sobre o assunto.

—OH sim — Syreena suspirou com felicidade e se aconchegou para voltar a beijar seu pescoço com uma risada alegre.

— Estava desfrutando de tantíssima paz que quase o tinha esquecido. Mencionei alguma vez...?

Damien gemeu e de repente se moveu, apartando-a de seu corpo e ficando de pé. Ele não fez caso de sua risada.

—Seja o que seja, preferiria que não continuasse — a advertiu, uma tormenta de seriedade varrendo seus escuros rasgos.

A continuação da risada tola da Syreena lhe disse que não estava desconcertada por sua advertência enquanto se estendia sobre a cama com a cabeça pendurando do bordo, frente a ele, o carvão de seu cabelo serpenteava pelo colchão ao redor

dela como mil pequenas serpentes. Já que seu cabelo estava vivo, com fluxo de sangue e sensibilidade da raiz até as pontas, o quadro se completou quando as suaves ondas se levantaram para não tocar o frio chão.

- Damien —cantorolou enquanto lhe olhava ao reverso desde sua posição.

— Deve ter notado que ela tem o inoportuno hábito de preparar situações urgentes que sempre parecem coincidir com nossos interlúdios amorosos.

Damien sabia que traria isso a colação. Por que não ela? Jasmine tinha sido sutil ao princípio, mas era evidente que se estava fazendo mais audaz e menos pormenorizada sobre conseguir diversão. Jasmine tinha a singular intenção de causar dor a Syreena e jogar um jogo de poder com ela.

O Príncipe Vampiro olhou a sua esposa, demorando a resposta por um momento à vista de seu irresistível corpo estendido como o sacrifício de uma virgem sobre a enrugada roupa de cama. Também se perguntava se ela era consciente que distraidamente se passava as mãos sobre o corpo enquanto falavam. Não podia ver um propósito de sedução nos movimentos, além das ânsias de estimulação que incluía sua atual situação de zelo. Fez um suave som predatório da parte posterior de sua garganta enquanto seu corpo respondia imediatamente com relâmpagos duros de calor e a necessidade de fundir-se que sabia nunca seria satisfeita, inclusive depois de ter estado juntos durante séculos. Amava-a. Tudo sobre ela. Seus defeitos e suas virtudes eram insoportavelmente deliciosa para ele. E ainda não a descrevia fisicamente, embora confessava que não seria equânime durante as poucas semanas próximas.

Viu seu sorriso, sabendo que seus olhos estavam plenamente sobre seu corpo, que estava satisfeita por sua forma de reagir quando a olhava. Ela levantou um braço e moveu o dedo mindinho brincalhão para ele outra vez, lhe chamando, sabendo que iria e o conhecimento disso brilhando com completa satisfação sobre todo seu ser. Lambeu os lábios deliberadamente e Damien de repente foi consciente de suas atuais posições e todas as intrigantes possibilidades, se só desse uns quantos passos para diante.

—Quando retornar, terei um bate-papo com ela — disse antes de dar esses poucos passos e esquecendo-se outra vez de todo o relativo à vigilância de suas fronteiras.

Kestra começou a despertar, sentou-se e piscou pela luz mortíça enquanto

tratava de adaptar-se.

Luz.

A importância da luz foi substituída imediatamente pelo aroma de sabão e vapor. Então viu o Noah mover-se na habitação ao outro lado da porta, com uma toalha envolta em seus quadris e outra nas mãos enquanto secava os cachos gotejantes. Encontrou-se retendo o fôlego enquanto o observava mover-se. Era muito gracioso para alguém de sua constituição, tampouco se podia negar que era muito formoso. Seus músculos se flexionavam e moviam sob a pele com esse poder reprimido que recordava a uma pantera quando espreitava lentamente seu objetivo em seu hábitat natural.

Comparar-lhe com um predador era simplesmente normal. Era igual educado e brilhante com ela, mas como mulher tinha mais êxito tentando ocultar sua periculosidade e seu aspecto mortífero. Simplesmente, ninguém esperava que uma doce garota de cabelo loiro expusesse nenhum perigo. Mas para um macho com um físico de seu calibre seria ao contrário, prejudicaria-lhe ser tão masculino e agressivo e com toda probabilidade capaz de violência, tal como sua constituição refletia. Mas estava aprendendo que havia muito mais neste homem que sua óbvia virilidade, uma profundidade que imediatamente enviou uma sensação de advertência que se arrastou da parte de trás de sua mente. Acomodou-se muito. Ele começava a lhe gostar. Não podia permitir-se apegos ou, ainda pior, enredos. Olhando com que facilidade o poder espreitava na habitação, compreendeu que ela podia estar dentro de sua cabeça, e se este homem decidia que a desejava, não havia nenhum lugar onde pudesse ocultar-se.

O problema era que sabia do primeiro momento que tinha posto os olhos sobre ele. A peça conflitiva da equação estava em que era consciente de que já era muito tarde para sair do caminho que escorava tão freneticamente em sua direção.

De acordo, perfeito, raciocinou. Podia ser divertido. Tinha grande potencial. Era condenadamente atrativo, um amante incrível apesar da muito breve amostra, e não um idiota que provocasse lágrimas de aborrecimento. Sentia-se atraída. Bem. Correção. Estava quente. E tinha esse agradável sentido da honra e moralidade vigente sobre isso, sim ela queria pressionar para fazer que tudo se detivera estrepitosamente, simplesmente poderia lhe dizer o que tinha feito por uma “vida”. Sim, isto o afugentaria malditamente rápido.

Tudo o que tinha que fazer era não fazer algo estúpido. Como apaixonar-se por

ele. Em realidade, em seu caso, o melhor era provavelmente reservar-se de todas as emoções. Porque apesar de todo seu tamanho físico e aura de poder, o perigo no Noah vinha da ameaça que expor para um coração faminto inclusive de um pequeno sentido de cercania, algo além da camaradagem que compartilhava com a única pessoa que considerava próxima: James. E era quase um desdobramento de criatividade em muitas ocasiões.

—Hey, está consciente.

A brincalhona observação chamou sua atenção para Noah enquanto ele se movia para o guarda-roupa perto da cama. Como terminava sempre em sua cama ou em um quarto com um ou ambos estando ao meio vestir ou nus? Simplesmente sua sorte, supôs. A questão era, era boa ou má sorte?

Boa. Viu-lhe mover-se e conteve um suspiro. Definitivamente boa. O homem era um pecado andante à espreita. Depois de tudo, ela já tinha pecado e se queimou toda ao mesmo tempo. Seguiu queimando-se. Podia sentir a dor física aumentando em seu corpo à medida que se aproximava. Sua libido sexual lhe reconheceu ao lhe ver. Sua mente também o fez. Se pudesse manter seu coração e alma fora da equação, um mais um poderia ser igual a duas pessoas felizmente orgásmicas.

Sabia que a queria. Ela também sabia que era ficar curta. Havia uma fome indiscutível em seus olhos, embora tratava de ocultá-lo detrás das nuvens de cor cinza fumaça e de suas maneiras refinadas. Kestra brincou com o decote de seu vestido enquanto fixava seus olhos sobre seu objetivo e não apartava a vista. Gotas de água sobre sua pele bronzeada, rodando para baixo por seu peito, braços e costas com uma tentadora lentidão. Sua forma muscular fazia trabalhar à gravidade em sua reclamação das claras gotinhas líquidas. Kestra se lambeu ausentemente os lábios quando pensou em recolher a gota que se deslizava por seu abdômen para o umbigo.

Naturalmente isto fez que sua atenção se enfocasse na trajetória do pêlo negro que se introduzia pelo bordo da toalha, tecido que danificou sua diversão e a forçou a saltar mais abaixo. O pêlo negro sobre suas coxas estava molhado, escorregadio sobre sua pele. Tinha que reconhecer a debilidade pelo mero poder e masculinidade que parecia refletir-se na firme rocha das tirantes coxas. Kes trocou, o calor se propagava por todo seu corpo enquanto pensava em ter a oportunidade de tocar, provar... cheirar o sensual aroma da masculinidade e da madeira doce que arde lentamente.

Não, não seria tão mal desfrutar dele durante um tempo se compartilhasse suas despreocupadas intenções. Ansiou o que tinha provocado em seus sentidos. Com toda honestidade, tinha fome disso. Em parte, temeu que o do salão tivesse sido por sorte que tivesse chegado somente pelo calor do momento desejado desde fazia muito tempo. Tinha medo de não sentir nunca essa intensidade outra vez, essa liberação. Deus, como necessitava essa liberação. Isto se revolveu dentro dela tão avidamente que um brilho fino de transpiração estalou através de sua pele. Teve que sacudir-se, respirar para esfriar-se antes que lhe saltasse em cima como uma louca maníaca do sexo.

Isto era tão atípico nela. Por que pensava desta maneira? Por que se sentia dessa forma? Estava excitada e seu corpo lhe buscava ainda quando ele fora ignorante de tudo enquanto se movia com facilidade ao redor de seu dormitório. Se se tomasse um momento para olhá-la, ver o brilho de sua pele e o impulso de seus mamilos que estiravam o veludo vermelho, o que faria ela? Lhe derrubar? Lhe convidar a cheirar o oco entre suas pernas que tinha abandonado quando se retirou a última vez? Seria um crime?

Noah abriu a porta do armário e saiu de seu campo de visão, ocultando cuidadosamente sua expressão e convincentemente aplainando as quebras de onda de emoção e necessidade que se retorciam por ele como uma tormenta. Inclinou a cabeça e tratou de respirar, tratou de esfriar a furiosa corrente de sangue quente que o endurecia como o ferro até lhe fazer palpitar com muitíssima dor. Inclusive se não tivesse visto a óbvia sensualidade que percorria seu corpo, inclusive se tivesse descartado o rubor desenfreado da temperatura crescente de seu corpo, conhecia seus sentimentos. Eram tão capitalistas que tinham transpassado os limites de sua mente e tinham se chocado contra a sua. Sem palavras ou frases, mas com as impressões de seu audaz desejou por ele, de suas ânsias e demandas que seu corpo queria fazer ao dele.

Estava acostumado a receber os pensamentos e impressões de sua irmã Legna. Como um Demônio da Mente, ela sempre compartilhava impressões emocionais e experiências com ele de forma habitual e só porque era uma resposta refletiva de sua estreita relação de irmãos.

Mas tudo isso era uma mera sombra comparada com o poder de ler os selvagens pensamentos de sua companheira Vinculada. Para sentir e saber de seu apetite por ele, entender com clareza inegável o que queria a um nível básico, era

intoxicante. Entretanto, não sabia que era capaz de ler seus pensamentos, ou que ela possivelmente poderia ler os seus também. Tinha que ser cuidadoso. Com sua inexperiência, ela poderia confundir suas próprias necessidades. Sem querer poderia refletir seus próprios desejos selvagens se interceptava o que ele tanto tentava reprimir. Tinha fortes paixões encerradas dentro de si mesmo, Kestra pôs em perigo seu controle como nada podia fazê-lo. Embora muitas daquelas paixões podiam ser intensamente agradáveis, eram potencialmente perigosas também.

Noah não acreditava que inclusive os Demônios compreendessem plenamente as emoções que acompanhavam o elemento do Fogo. Pensavam que as emoções eram atribuíveis às fêmeas e portanto, menos perigosas. Pensavam que era sobre toda matéria, fogo e energia. As emoções eram para a Hannah, sua irmã e fêmea Demônio do Fogo.

Mas nunca havia absolutos quando a energia Demônio chegava a certa idade, ou possivelmente inclusive com certa combinação genética. Enquanto que o tempo fazia tic—tac mais perto de fazer um Antigo, sua energia crescia, mas, além disso, suas emoções se fizeram cada vez mais voláteis. Somente por seus estudos e as responsabilidades, tinha-as guardado sob um férreo controle até o momento. Ciúmes. Cólera. Raiva. Ódio. Paixão. Amor. Devoção. Pena. Lealdade. Alegria. Êxtase. O conteúdo era assombroso. Quantas vezes os outros tinham pensado que ele tinha perdido o controle? Eles nem suspeitavam que em realidade ainda estava controlando a metade nesses momentos de transbordamento imprevisível, que realmente não se aventurava como um louco em dispensar emoções. Não havia uma verdadeira liberação para ele, e não acreditava que alguma vez a houvesse. Ainda assim, a metade vencida de seu controle tinha feito algumas demonstrações bastante impressionantes e prejudiciais. Não queria pensar no que seria capaz de fazer se alguma vez perdia completamente o agarre sobre sua serenidade interior. Tinha estado muito perto antes que tivesse chegado Kestra, antes que finalmente a tocasse e cheirasse sua doce e suave disponibilidade.

O que aconteceria alguém tão verde e tão incauto como Kestra chegasse a trocar de forma acidental naquela volatilidade? Sem formação e sem base? Noah tinha que prepará-la. Acabava-lhe o tempo, e o amanhecer chegaria em só umas poucas horas. O que poderia ocorrer potencialmente entre eles na noite da Lua Sagrada? Ninguém sabia. Sua Espécie era uma raridade, seu poder extraordinário e insólito nesta idade e nível.

E se ela ainda não estava o suficientemente forte para amortecer os aumentos repentinos de energia que poderia desprender no calor de um momento dado? Já sabia que não podia manter o controle ao redor dela. Sua capacidade de proteger a alguém que estivesse perto de seu corpo a protegeria do fogo, mas a um castelo cheio de ajudantes e visitantes? Funcionários e amigos? Em realidade, no Samhain provavelmente estivessem em outra parte, por tradição lhes dispensava férias de suas funções, mas os que não tinham nada que fazer ou tinha medo de suas próprias necessidades eram sempre bem-vindos a ficar.

Noah massageou a tensão na têmpora. Estava lhe provocando dor de cabeça com todos estes pensamentos e preocupações. Havia muito por fazer e nenhum tempo para fazê-lo corretamente. Isto incluía ter a sua formosa companheira na cama da forma que se merecia, com nada mais que honestidade, verdade e o total descobrimento entre eles. A tensão explodiu dentro de sua cabeça com um amontoamento doloroso em espiral que baixava da nuca até os ombros.

—Não posso acreditar que dormí todo o caminho até aqui — disse Kestra por fim quando se cansou de tentar lhe olhar fixamente pela porta do guarda-roupa.

— Como é possível? Carro a avião a carro e todo o caminho de ascensão pelas escadas? Nunca durmo assim. Devo ter sido uma companhia muito aborrecida.

—Estava esgotada e te recuperei — respondeu, olhando devagar sua roupa antes de decidir-se por umas calças modernas e uma camisa negra fazendo jogo.

Ela supunha que tinha que aceitá-lo. Tinha que confessar que não recordava ter estado nunca tão casada, tão esgotada de energia.

A frente da Kestra se enrugou e esfregou a têmpora quando uma labareda inesperada de tensão dolorosa a atravessou e desceu por seu pescoço. A dor de cabeça era devido a uma imediata tensão, mas não podia entender qual era a fonte repentina. Tinha estado muito tranqüila desde que tinha sido resgatada do apartamento da praia. Noah colocava a roupa detrás da porta do guarda-roupa, por isso foi capaz de apartar a dor e compor um sorriso meio decente, antes que surgisse totalmente vestido. Caminhou ao redor da cama e uma vez mais estava perto de seu quadril, enfrentando-a. Já que estava sentada em cima, isto lhes atraiu mais perto e pôde ver que as rugas nas esquinas de seus olhos não eram de tudo devidas a sua alegria. Tinha uma careta posto de tensão em seus lábios. Alcançou-lhe para suavizar as rugas com um gentil toque.

—Hey — disse brandamente, seu coração de repente se sacudiu com confusão

ou com entusiasmo, à medida que tentava decidir-se pela ansiedade ou pela excitação.

—Olá — retornou ele, seu encantador sorriso chegou ao jade atrás da fumaça de seus olhos.

—vamos ter “o bate-papo” agora?

Ao parecer, o aviso lhe inquietava. Tocou a têmpora, massageando o ponto fortemente com o polegar. Ao menos ela não era a única alterada com tudo isto, pensou com diversão.

—Kes... É feliz com sua vida?

O fôlego da Kestra se deteve a meia exalação quando a pergunta a impactou. Sua resposta instintiva foi lhe dizer que realmente era endiadradamente feliz com sua vida, muito obrigado, te perca. Sabia porque a perguntava. Seu coração esmurrou fazendo mal a suas costelas porque perguntava.

—Às vezes — era tudo o que poderia forçar de seu obstruído sistema respiratório. Isto era uma resposta agarre! Supunha-se que deveria adotar uma postura firme! O que estava mal nela?

—Tenho a impressão de que é do tipo que leva uma vida completa e ocupada.

—Faço-o — conveio com mais facilidade. Seu reconhecimento compensava tudo o que não lhe tinha feito compreender.

— E uma incomum. Tanto o trabalho como o prazer me levam por todo mundo. Vejo e faço coisas que fazem minha vida não muito... normal e certa.

—Posso entendê-lo. Minha vida não é normal e certa, tampouco.

Ela não acreditava. Tinha raízes aqui, em seu grande castelo anacrônico. Intuíra que tinha o apoio de uma ampla rede de amigos. Era simplesmente do tipo que engendraria esse tipo de lealdade. Tudo o que tinha que fazer era recordar-se da facilidade com a que ele tinha sorteado suas defesas muitos espinhasas sem que chegasse a compreender como. Essa habilidade da pessoa, francamente a invejava. Era uma habilidade que produzia laços e vínculos, entretanto, por isso fazia muito tinha decidido que era melhor estar sem ela. Podia ver que não fazia inimigos facilmente e embora ela não tentava, quase invariavelmente a ocorria.

Havia dito que era líder de uma cultura, que, embora podia significar algo, implicava responsabilidades de caráter político. Claramente era uma espécie de ponto de encontro para sua gente. Tinha que sê-lo. Só a pessoa com essa classe de poder e devoção usava o término “minha gente” com tão tranqüila facilidade.

—Não acredito que sua vida se aproxime da selvageria da minha. Tenho algumas afeições que põem bastante os cabelos de ponta.

—Quais? —respirou ele.

—Rafting descendendo por águas bravas, rapel, me lançar em picado à água de um escarpado, salto de uma base com pára-quedas... — se interrompeu porque estava vendo sua expressão pétrea. Não zangada, sem raiva ou irritada. Só quieto.

— Noah — disse com cuidado, detendo a decepção—, não me faça perguntas se não poder dirigir as respostas. Trato de ser sincera e não sou por natureza uma pessoa verdadeira.

Noah piscou ante a recriminação, pelo suave que foi. Ela tinha razão. Tinha usado também sua intuição realçada para ver através da máscara com a que ele tratava de cobrir suas reações ante a lista de passatempos que desafiavam à morte. Como poderia lhe explicar quão aterrador era o pensamento para ele de que sua impetuosidade a ferisse ou a matasse? Não poderia suportar a vida sem ela. Vinculados ou não, não poderia viver em um mundo sem tocar seu suave cabelo, provando sua doce boca, rendo-se com seu mordaz humor.

Estava demonstrando ser sábia, estirando seus limites para comunicar-se com ele, demonstrava sua capacidade de adaptar-se e ser receptiva se queria sê-lo. Ele sabia que havia dor, que todos os passatempos e os perigos aos que se submetia a si mesma eram um intento de acabar com o medo que não podia tratar sem importar quão arduamente tentasse. Quanto mais perto de sua mente estava à sua, mais convencido estava disso.

Entretanto, não tinha direito a julgar ou pô-la limitações. Não tinha tido ainda a cortesia de lhe dizer que sua vida trocaria.

Mas o faria.

—Kes. Se buscas coisas perigosas, estamos muito mais perto do que poderia pensar — lhe disse brandamente, aproximando-se outra vez para tocar seu cabelo.

—Nasceste para ser grande. Nasceu para estar em uma posição que sempre será perigosa.

—Já sei — disse ela, lhe olhando com a surpresa e confusão em guerra sobre seus rasgos.

— Só que não sei como você sabe isso.

Nasceu para ser minha.

Noah olhou impassível seus olhos azul-gelo e empurrou o pensamento em sua

mente com toda a força mental, com cada truque que Legna alguma vez lhe tinha ensinado para lhe ajudar a ler sua mente.

Kestra sentiu as rajadas de um calafrio feroz sobre a pele, sua dor de cabeça faiscou, e logo...

As palavras entraram em sua mente com um grunhido de permanência, impossível que fossem próprias porque tinha a voz, alta e clara, rica e atrativa dele. Impossível de confundi-la, e não havia nenhuma dúvida que o olhar em seus olhos repetiam a frase uma e outra vez.

Nasceu para ser minha.

—Não — sussurrou ela, imediatamente negando com a cabeça e tratando de tirar sua mão do cabelo ao mesmo tempo.

Ele só afiançou seu agarre e a atraiu mais perto, tanto que quase colocou sua boca contra a sua, seus quentes fôlegos em atacadas rápidas contra suas caras.

—Me escute com muito cuidado, Kestra. Examina meus olhos e recorda só uma coisa. Confia em você mesma. Confie em você mesma se não confiar em mim. Você ri ante o medo, recorda? Está em tudo o que faz pelo que vi e ouvi. Preciso-te para que seja valorosa por mim, só durante um momento, o suficiente para que me escute até o final. Não escape de mim sem me deixar explicar.

Os olhos da Kestra se ampliaram, seu fôlego era acelerado, mas honestamente não podia ter medo quando examinou seus olhos. Não medo dele. OH, estava aterrorizada do que aquele pensamento que flutuava em sua mente fazia a seus sentidos. Gritava por aquele medo que subia e baixava. Mas não tinha nada que ver com sua crença de que ela tinha nascido para ser dele, e tudo com o fato de que lhe tinha acreditado.

Com toda sua alma. Ele trocou o agarre por sua cabeça, a mão se deslizou para agarrá-la ao redor da nuca, aquele afeto calmante, protetor que a desarmou muito, relaxou-a. Deus, seu toque parecia magia. Era mágico. Agora estava convencida disso. Era algum tipo de mago e estava a ponto de tirar um filhote de coelhos do chapéu.

Riu, não lhe preocupou que parecesse um pouco histérica.

—De acordo — disse um pouco ofegante—, te explique. Diga-me todos seus segredos e prometo não correr gritando até depois, se a corrida e o grito são merecidos.

—Carinho — soprou contra seus lábios, comunicando com aquela simples

palavra quanto ansiava beijá-la, mas não o faria assim até que sentisse que era um ato honorável.

— Te juro que nunca poderei fazer nada para te fazer dano. Preciso que entenda isto. É impossível. Encontros sexuais hiperativos à parte, nunca te danificarei de bom grau. Acredita?

— Encontros sexuais hiperativos? — encontrou-se Sorrindo abertamente apesar da guerra civil que todas as emoções sustentavam dentro dela. Como fazia ele? Provocar seu sorriso quando estava na pior situação de desvantagem com ele?

— É um termo muito bom para isso. Elegante, de bom gosto, inclusive honesto.

— Obrigado — disse, os olhos brilhantes.

— De nada.

— Mas tenho que saber que me crê.

O fazia, mas não pôde falar durante um minuto. Tentava juntar os pedaços de algo em sua cabeça. Por que tinha mencionado seu encontro sexual como se lhe tivesse feito mal? Tinham sido bastante selvagens, muito intensos, mas realmente não lhe tinha feito mal. Era mais resistente que tudo isso. Possivelmente era o que estava pensando. O ego masculino podia ser uma grande coisa.

Então recordou suas queimaduras. Toalha de mesa queimada? Não, nada de envolver toalhas de mesa. Como tinha queimado ela? Não tinha estado ao sol, certamente não nua em outubro, que é o que teria que ter feito para queimar-se assim...

Noah não podia ajudar a si mesmo. Vendo seus pensamentos e sua luta por ocultar suas expressões foi dolorosamente comovedoras, e se via tão malditamente formosa que doía. Antes de poder frear o impulso, tocou sua boca com a sua.

Relâmpago.

Foi uma imediata reconecção, fome, reconhecimento, e a surra ardente de uma necessidade que não gostava de ser controlada por todos lados. Tivesse-lhe gostado de tranquilizá-la, expressar de algum jeito sua solidariedade e fé em sua capacidade de adaptar-se. Noah não tinha pensado na conflagração foto instantânea que chegou com o beijo a Kestra. Por que não? Quando a tinha beijado sem estes níveis de paixão que surgiam como um fogo arrasador?

Kestra fez um som puro de desejo, suas mãos entraram em seu cabelo para lhe aproximar mais, empurrou a língua em sua boca porque tinha que lhe provar. Estava tão quente como o fogo, tinha sabor de paixões defumadas profundamente

reprimidas, esperando para ser liberadas. Sentiu o tremor por todo seu corpo naquelas partes que estavam em contato com ele.

Kestra se fazia exatamente a mesma pergunta. Por que o tinha deixado? Não podia recordá-lo. Que loucura, afastar-se de tanto sentimento. Enquanto se adaptava em seu regaço com impaciência, sentiu como inclusive um simples beijo a excitava, a evidência a tinha aproximado a sua parte inferior. Deus, gostou de saber isto.

—Não!

Noah de repente se levantou sobre seus pés, empurrando-a para trás para sentar-se na cama e esforçando-se em manter-se afastado dela. Fechou os olhos para poder recompor-se sem necessidade de ver o rubor da paixão sobre sua boca e a necessidade que se retorcia em seu sensual corpo. Sobre tudo, era a confusão que confinava à dor em seus olhos o que lhe estava matando.

—Acredito... — esclareceu garganta, amaldiçoando violentamente em sua cabeça à lua que alterava e a todas suas influências. Podia controlar-se. Sabia que podia. Tinha que fazê-lo—. Kestra, tão miseravelmente como necessito... A conversa deve ser primeiro — a declaração teve o efeito desejado. A dor foi substituída pelo entendimento, e inclusive viu uma respeitosa gratidão também. Viu ou sentiu. Sua conexão se fazia mais forte com cada toque. Com cada momento.

—Obrigada — disse ela brandamente, suas mãos alisando a saia.

— Não muitos homens... — se interrompeu, sabendo que ele já entendia.

—Kes — disse, seu nome ardendo em seus lábios enquanto acrescentava o gesto apaixonado de lhe agarrar as mãos e ajoelhar-se ante seus pés.

— Não sou o homem que pensa que sou. Não em termos físicos — incrivelmente ela arqueou petulantemente uma pequena sobrancelha, com cumplicidade frente a ele e lhe fez rir.

— Não é disso do que estou falando — a repreendeu, apertando as mãos como se fora um castigo.

—Então, por favor, te explique.

—Não sou humano, Kestra.

De acordo, não me esperava isto.

O pensamento lhe atravessou alto e claro.

O que esperava?

Kestra abriu desmesuradamente os olhos, suas brancas pestanas piscaram pelo

choque.

—OH Deus, pode ler minha mente!

Kestra escapou fora de seu agarre e alcance, tropeçou através da habitação quando um enjôo feitiço ameaçou levando ao chão. Rechaçou-o o suficiente para lhe fulminar longamente com o olhar.

—Para agora mesmo! Nenhuma leitura mental! Quanto tempo estiveste...? — Se interrompeu, recordando todas as coisas que tinha estado pensando desde que ele tinha vindo em seu resgate.

—Te relaxe, Kes, acabo de sincronizar desta maneira com seus pensamentos a última meia hora mais ou menos. Só capto o impacto. Nossa conexão não é forte ainda.

—OH. Está bem. Sinto-me muito melhor agora — não poderia ter sido mais sarcástica se pagasse a outros para ajudá-la. Isto o marcava tão ferozmente como o fazia sua paixão.

—A conexão de nossas mentes é uma evolução natural de duas almas extremamente complementares, Kes. Você pode ler minha mente, também.

Isto pareceu acalmá-la. Começou imediatamente a concentrar-se, tentando claramente ler seus atuais pensamentos. Suas pestanas piscaram com força um instante.

—Pensa que sou sarcástica e obstinada — lhe acusou.

Noah a dedicou um meio sorriso encantador.

—Vê? Disse-te que podia ler minha mente — se levantou em toda sua altura e se aproximou dela, alargando a mão para agarrar seu braço quando a ação de inclinar sua cabeça para trás para manter o contato visual com ele causou estragos em seu equilíbrio.

— Chegou à parte onde penso que é formosa que quase dói te olhar? O que toma cada onça de minha vontade não te tocar? Beijar-te? E não posso parar de te necessitar. Uma necessidade profunda da alma, Kes.

Kestra instantaneamente caiu no suave verde cinzento de necessidade que refletiam seus olhos. Não podia entender por que queria tanto isto, ser necessitada como ele dizia que a necessitava. Nunca o tinha querido antes, estava convencida que não era parte de seu caráter. As palavras “te necessito” as tivesse rechaçado desde o começo.

Ela piscou.

Fez-o até que as escutou a última vez.

Noah sentiu a velocidade das negras lembranças e o medo explodir nela como uma malevolência violenta. Havia sentido sua necessidade de responder um momento antes, mas então tinha tomado um giro a um lugar escuro, um lugar onde o mal estava à espreita em sua mente, formando uma cicatriz que pensava que nunca se curaria. Isto, compreendeu, era a medula de sua necessidade de combater o medo com as perigosas afeições e provavelmente o trabalho perigoso.

— Não te preciso — disse com voz rouca, tratando de liberar seu braço.

— Não necessito a ninguém, e me incomoda que me necessitem para algo. Não tem nem idéia de quem sou. Não tem nem idéia de quão patético é! Não te conheço! Inclusive não sei quem é!

— Sou muitas coisas, Kes — respondeu com calma.

— Sou um Rei. Sou um Nighthwalker imortal chamado Demônio. Sou o Fogo. Sou um irmão, um tio e um amigo. Sobre tudo, sou seu companheiro de alma. Nascemos neste universo que simboliza a avaliação de um pelo outro. Você é minha e eu sou teu. Seu medo não trocará isso. Sabe quem é? Está segura? — Pressionou antes que pudesse falar.

— Você é uma Druida, Kestra. Já não é uma simples humana. O dia que nos reunimos, o dia que entramos em contato, fez-te mais que humana. Seu poder crescerá, embora não sei como, e será imortal.

— O dia que não reunimos? — Perguntou fracamente.

— Quando nasceu, fez-o com um código genético específico. Esse código está sintonizado com o meu. Como o meu com o teu. É por isso que nos buscamos um ao outro, como nos encontramos um ao outro em nossos sonhos. Uma vez que entendi que estava em algum lugar aí fora para mim, devia haver aberto minha mente. Então, quando nossos corpos entraram em contato, quando te toquei pela primeira vez, provocou uma mudança torrencial em sua genética, seu poder nasceu, te preparando para ser minha outra metade, nos unindo na vida e na morte para sempre.

— Está louco — ofegou Kestra, esta vez conseguiu liberar-se com um puxão e se afastou dele.

— Está louco! — Gritou, o histerismo afiava sua voz.

— Não, não o estou. Olhe-me! — Exigiu friamente, estalando severamente.

— Te pareço enlouquecido ou maníaco? Atuei precipitadamente e com

intenção de te danificar?

—Não, mas o está! Sei! — Ofegava, agarrando-se aos móveis.

—OH Deus, que estúpida fui! Crê que nasci para você? Crê que estamos destinados a estarmos juntos para sempre? Crê que estas promessas são poéticas?

—Kestra, não o entende, carinho. Por favor te tranquilize...

—Não! Realmente o entendo! — Kes conteve o fôlego, ofegando e encurvando-se em si mesma como um animal ferido, agarrando o peito pela agonia.

— Está mau. Isto não se detém. E não posso... — se estremeceu e tremeu com tanta força que não pôde terminar de falar.

Seu rosto se voltou um vermelho escarlata e se derrubou sobre seus joelhos e mãos, tratando de respirar e sustentar-se ao mesmo tempo. Noah estava ali imediatamente, arrastando-a para seu corpo, finalmente compreendendo que isto não era devido à histeria ou a incredulidade normal ante o incrível. Compreendeu que tinha uma violenta crise de pânico.

Sua Kes. Sua intrépida Kes.

E de repente ele compreendeu.

Sustentou-a enquanto ela se sacudia em busca de fôlego, ofegando, agarrando o peito pela incrível dor, lágrimas de agonia se derramavam por seu rosto.

—Calma, neném, calma — a tranquilizou com um sussurrou rápido, tratando de penetrar o grito de sua mente.

— Não é o que pensa. Shhh. Juro que não o é. Eu não sabia, Kikilia. Não sabia. Teria encontrado outra maneira de lhe dizer isso se o tivesse sabido. Sinto-o tanto. Shh. Respira, neném, respira.

Não podia. Não quando pensava que era como o outro de seu passado. Que lhe tinha causado as feias cicatrizes em seu interior. Que tinha provocado o medo que tentava tão arduamente afastar.

A pessoa que a tinha machucado em nome de seu amor por ela.

Como poderia fazer acreditar que isto não era o mesmo? Que esta era a verdade e ela saberia se só escutasse a seu próprio espírito? Como fazer acreditar que isto não era obsessão, mas sim o Destino?

Como poderia fazê-la respirar?

Por todo seu poder —energia, Fogo, e a força ele poderia obrigá-la— não podia obrigá-la a respirar!

Noah fechou os olhos liberando ligeiramente esse poder, sua alma inteira

gritando para expulsar o medo e a fúria enquanto Kestra perdia o conhecimento em seus braços e ficava mortalmente quieta.

Cada Anciã Demônio em um raio de duzentos quilômetros sentiu a furiosa tortura de seu Rei. Inclusive alguns adultos o bastante sensíveis puderam ouvir o grito. Mas não era uma chamada para que respondessem. Estava destinado para que um único Demônio se inteirasse, e os que estavam ao tanto do funcionamento da corte temeram que ela estivesse muito longe para receber a mensagem.

CAPÍTULO TREZE

Legna se inclinou sobre seu filho, seu cabelo incrivelmente comprido caía como uma cortina protetora ao redor dele enquanto se aproximava para lhe dar um beijo em sua barriga, lhe fazendo chiar de risada. A formosa mãe Demônio brilhava de amor e paciência inclusive quando seu filho de dezesseis meses agarrou seu cabelo e se aferrou a seu prêmio como se o fora a vida.

—Tem as mesmas inclinações que seu pai — refletiu Gideon, olhando de uma cadeira muito próxima onde eles estavam no chão. Inclinou-se para frente e acariciou amorosamente com os dedos sua cascata de cabelo cor café. Ele levava um colar feito com suas mechas, a única jóia que alguma vez tinha levado em sua Anciã vida. Tinha sido um presente dela justo depois de que eles se casaram. O dia em que tinham sabido que vinha seu filho.

Legna extraiu seu cabelo do apertão mortal de Seth, apoiando-se sobre seus calcanhares e rindo de seu marido quando sua mão permaneceu em suas costas.

—Isso está muito bem e é bom, mas acredito que vou ter o cabelo amarrado durante os próximos anos. É um pouco duro para meu pobre couro cabeludo.

Gideon reagiu imediatamente. Alcançou com suas poderosas capacidades de cura o nascimento de seu maltratado cabelo, aliviando a dor. Que se tinha ido rapidamente, e ela se aproximou e lhe beijou em agradecimento.

Ela nunca chegou. Ante o choque de Gideon, de repente sua esposa foi arrancada de seu agarre. Ela voou para trás através da habitação – três metros completos - antes que ela me chocasse contra a parede, como se fora uma boneca de trapo lançada por um menino malcriado que tinha uma raiva temperamental, e se deslizou ao chão languidamente. Gideon imediatamente moveu-se, mas ela ainda estava no ar e justo em metade do quarto antes que o contragolpe em sua mente

alcançasse a seu companheiro Vinculado.

Gideon rugiu pela dor que explodiu em sua cabeça. Escutou o grito de resposta, a tortura, sentiu o caminho que formou o arco do irmão à irmã, transbordando-se para o marido. O cérebro do curador, tão poderoso e sofisticado como era, não estava feito para o suplício. Os corpos sangüíneos se arrebentaram e seu nariz começou a sangrar profundamente. Que não perdesse a consciência era um tributo a seus poderes de cura, que conseguisse evitar as centenas de golpes que passavam por sua cabeça com potencial devastação.

Não podia sucumbir. Se sofresse só o contragolpe, sua esposa estava sendo esmurrada a morte. Gideon ofegou enquanto ficava em pé, lutando por passar sobre seu filho sem cair sobre ele. Cambaleou-se para sua esposa, curando-se internamente todo o tempo com uma tranqüilidade que se perdeu ao ver sua querida companheira inconsciente no chão, o sangue escapava de seu nariz, ouvidos e olhos.

Nunca em toda sua vida teria suspeitado que Noah fora capaz de tal poder. Já que Gideon sabia que Noah nunca machucaria a sua irmã conscientemente, duvidava que Noah mesmo soubesse. Gideon pôs as mãos sobre sua esposa, curando-a rapidamente, enfocando-se completamente nela, desprezando sua própria dor e feridas. Disse uma reza rápida de agradecimento por ter estado ali, que tivesse estado com a Legna quando isto tinha passado. Se ele tivesse estado no estrangeiro por alguma diligência? Não havia nenhum curador Demônio na corte Licântropo além dele. Com a liberação do medo e a fúria, Noah inconscientemente teria matado a sua adorada irmã.

Com cuidado Gideon limpou seu sangue com as gemas dos dedos enquanto ela se revolia. Ele se inclinou a beijar sua frente, capaz finalmente de respirar outra vez agora que se movia de maneira eficaz.

—Está bem, Neliss — a acalmou.

—Tenho que ir com o Noah.

—Não. Espera. — Ela limpou sua garganta, tentando liberar a debilidade.

—Não o diga.

Gideon entendeu.

—Se não o digo e o faz outra vez, poderia te matar se não estou contigo. Quase o fez apesar de minha presença.

—Isto lhe destruirá se se inteira — seus queridos olhos solicitavam, embora ela

sabia que ele faria sempre algo para assegurar sua felicidade.

— Advirta-lhe. E conte pouco. Só o justo. Simplesmente não lhe diga isto.

— Como deseja, meu amor — sussurrou ele.

— Pode teletransportar-me?

Ela se sentou incorporando-se com sua ajuda, mas cambaleou.

— Pedirei a Elijah que cuide de Seth. Você descansará.

Não lhe deu nem um só argumento.

Gideon entrou no dormitório de Noah com uma pequena explosão de ar severamente deslocado. Gideon viu que o Rei agarrava a sua companheira, seu rosto estava devastado pelo pânico. Tinha perdido a consciência e agora estava pálida e flácida nos braços do Noah, que ofegava a pequenos puxões. Seus lábios estavam azuis.

— Ela teve uma crise de pânico. Pensei que ao perder a consciência melhoraria mas... — ao Noah lhe fez um nó, a explicação era desnecessária para o grande curador.

Silenciosamente Gideon se aproximou da Kestra, seus dedos tocaram sua garganta enquanto fechava os olhos e se introduzia no corpo que lutava, procurando todos os sinais e advertências que conduziriam às respostas. Pelo geral ela tinha um corpo muito são, o que facilitou classificar os focos de enfermidade leves dos graves. Quando o corpo entrou em crise, reuniu todos os recursos e lhes enviou gritando à área de alarme. Gideon foi limpando com o passar do processo.

— Asma. Tem asma, disparou-se por seu pânico. Seus pulmões estão completamente fechados.

Quando examinou a Kestra, o curador também chegou a tocar Noah sobre o ombro. Fez-o parecer um gesto de apoio masculino, um apertão consolador de tranqüilidade, mas era muito consciente da volatilidade das emoções de Noah nestes momentos. Encobertamente, com cuidado, manipulou as substâncias químicas que bombeavam muita adrenalina no corpo do Rei Demônio.

Imediatamente Noah começou a tranqüilizar-se, a recuperar a calma. Não tinha nenhum motivo para duvidar das habilidades médicas do Gideon, recordou. O poder do Gideon podia curar milagrosamente e rapidamente. O curador tinha conseguido lhe salvar da morte uma vez, só um da dúzia de milagres que Noah lhe tinha visto obter durante anos.

Quando Kestra tomou seu primeiro fôlego completo, um ofego comprido

desigual que ressonou na habitação, Noah em realidade soluçou pelo alívio, incapaz de evitá-lo. Outro fôlego áspero, o oxigênio tão necessário chegava com isso, e sua cor começou a voltar. Noah arrastou Kestra para seu peito o que forçou Gideon a encontrar um novo ponto de toque para acessar ao corpo de sua paciente. O ponto mais próximo era seu quadril, por isso ele permitiu ao Rei expulsar suas emoções e simplesmente tocou com dois dedos o suave veludo vermelho que cobria a pélvis da Kestra.

Tecnicamente, Noah não deveria abraçá-la, já que isto restringia sua respiração, mas dado que outro minuto, não teria muita importância, o curador não disse nada. Curaria-a completamente de sua crise. Enquanto ela abria os olhos e ofegava em fôlegos profundos, Gideon também a aliviou os remanescentes do golpe de calor em seu corpo. Havia algum pequeno dano e debilidade pelo retiro temporário da energia do Noah muito ao começo da transformação em Druida, mas se curaria bastante rápido apesar da impossibilidade de Gideon de ajudá-la neste sentido.

Gideon não podia explicar porque, mas de repente estava seguro que era o centro de atenção da companheira do Noah. Procurou e encontrou seus olhos, um olhar fixo pálido e brilhante, como o corte das gemas em azul glacial do gelo. Ela não falou, tampouco havia nenhum rastro do pânico inicial. Gideon tinha acalmado a química de seu corpo em um equilíbrio perfeito, mas isto não significava que ela não arruinasse seu trabalho com pensamentos caóticos.

Não obstante, não foi esse conhecimento o que permitiu que uma sensação estranha descendesse desde seu pescoço para suas costas. Esta se agarrou, capturando todos os impulsos nervosos e separando seu cérebro de sua espinha dorsal até que ele esteve deprimado por uma paralisia que encontrou fascinante e inclusive um pouco aterradora. Ele provavelmente poderia haver se separado dela, mas não o fez, a curiosidade científica do Corpo venceu.

Em seus olhos ele viu a clareza e o entendimento. Não houve nem uma piscada na expressão calculadora. Sua compreensão foi foto instantânea. Ele entendeu que ela sabia quem era ele. Ela sabia que era Demônio e tudo o que isto significava. Ela realizou em sua mente um plano de suas capacidades, seus picos de poder e, sobretudo, seus lugares débeis.

Noah finalmente se precaveu que, tanto Kestra como Gideon, olhavam-se fixamente um ao outro e inclusive permaneciam como estátuas enquanto o faziam. Seu agarre sobre Kes se afrouxou, e isto a permitiu sentar-se para frente. Ela tocou o

rosto do Gideon, até o bordo de seus olhos chapeados. Pôs a mão contra o lado de sua bochecha e continuaram olhando-se fixamente um ao outro como se estivessem enfeitiçados. Noah começava a entender que isto não tinha nada que ver com uma curiosidade normal, que havia uma corrente oculta de algo mais.

Isso que havia era poder.

Sentiu-o de repente, embora isto tivesse estado cultivando-se durante todo o tempo em que Gideon e Kestra tinham estado unidos e enroscadas seus olhares fixamente. Seu coração saltou um batimento do coração, só para palpitar mais duro para compensá-lo. Não sabia o que fazer e não entendia o que estava passando exatamente. Não tinha precisamente medo pelo Gideon, porque inclusive Bela com sua impressionante capacidade para roubar as capacidades de outros, não podia lhe afetar. Deixou que o intercâmbio continuasse, firme e à espera.

Gideon percebeu seu plano de ação, sua destreza e o cálculo mental como se ela estivesse familiarizada com a leitura e a interpretação dos esquemas complexos. Sentiu seu traçado dentro dele como uma fria luz de safira, um pequeno círculo concentrado de cor e energia riscando cada caminho para o poder, através de todos os pontos de acesso a seus dons, examinando-os um por um, com insaciável curiosidade.

—Projeção astral — disseram eles brandamente em harmonia, alarmando ao Rei Demônio, embora não o demonstrou nem permitiu que os perturbasse.

Falaram com unísono porque a mente da Kestra agora controlava todo o sistema nervoso autônomo e voluntário de Gideon. Suas cordas vocais agarraram o sinal de seu cérebro quando ela enviou o desejo de falar com seu próprio sistema.

Kestra continuou, o círculo de safira inquisitiva que examina sua capacidade para a projeção astral, medindo-o, admirando seu alcance e todas as coisas que ele podia fazer com isso que ninguém sabia que ele pudesse fazer. Então ela foi um pouco mais longe e remontou levemente a energia do futuro, rastreando os potenciais que ele ainda não tinha alcançado ou não tinha descoberto, e viu o que ele não podia fazer, mas que um dia dominaria.

—A cura astral — disseram eles quando entenderam que potencial esse era. A voz baixa de Gideon mesclada com a forte feminina e parecia quase musical, uma sinfonia que ela dirigia. Gideon sempre suspeitou que algum dia seria capaz de curar em sua forma astral, e inclusive tinha experiente com as possibilidades. Tinha estado a bordo, sabia que era possível, e entretanto não tinha obtido um espionista de

êxito. Agora sabia que o faria. De repente sabia como poder encontrar o caminho.

Porque ela o tinha mostrado.

Instintivamente, ele rompeu o controle sobre suas habilidades motoras, sua mão liberada passou para rodear o pulso da mão sobre seu rosto. Não era uma restrição, mas uma amostra de gratidão. Gideon era também consciente da queima de poder que tomava perseguir suas investigações dentro dele, que estava tão fascinada para seguir até ter examinado até o último poder e seu potencial. Ela arderia para fora muito antes de concluir, seu inexperiente poder não estava até preparado ou treinado para que fora mais longe sem que em última instância a danificasse.

—Kestra — disse tranqüilamente, firmemente.

—Libere-te de sua tarefa. Se retire para sua própria energia, localiza-a dentro de seu próprio corpo. Sei que tem curiosidade, mas tem todo o tempo nesta vida eternamente jovem para descobrir mais.

—Kes — disse Noah brandamente em seu ouvido, acrescentando a familiaridade de sua voz à chamada—, sei que isto é estimulante e novo, mas também sei que é uma buscadora de emoção, não uma que tem desejos de morrer. Sabe a diferença entre a utilização de medidas de segurança e ser imprudente. Se salve agora. Se proteja disto. Falemos um momento disso e planejemos sua seguinte aventura.

Ela piscou. Gideon suspirou e se sentou de novo com a liberação, soltando sua mão, mas instintivamente mantendo seu toque de cura contra seu quadril, embora sua concentração tinha rechaçado qualquer cura, enquanto Kes o tinha estudado tão estreitamente.

Kestra olhou para Noah, encontrando seus olhos, mas ele passou a mão com cuidado sobre seu fixo olhar.

—Não, Kikilia. Conheço seus pensamentos. Conheço-te. O conhecimento tira o medo e você crê que me conhecendo, saberá de meu poder, então aprenderá a não me temer. Embora isto é plausível, não é seguro para você fazê-lo agora. Mas te prometo — acrescentou com uma grande intensidade de emoção que demonstrou sua sinceridade.

— Te prometo que vamos fazer isto juntos e me conhecerá como ninguém me conhece. É o processo da Vinculação entre companheiros, e não tenho medo dela. Não contigo.

De repente, Kestra entendeu a enorme responsabilidade e a confiança que se requeria para algo assim. Inclusive o curador de olhar chapeado lhe tinha permitido o acesso sem precedentes, sem pensar nenhuma só vez em expulsá-la, sem desconfiar dela. Agora sabia que era um ser muito poderoso, um que não punha de manifesto suas debilidades a ninguém. Mas agora ela as conhecia todas. Ela mesma poderia aproveitar-se disso só com seu talento humano, outras não poderia as dirigir nunca, mas logo cobiçaria os que havia por aí que se poderia. Havia toda uma rede de seres gigantescos que exerciam o poder igual a estes dois homens. Não só uma raça, mas também várias raças diferentes.

—Os Nightwalkers — a sussurrou Noah, fazendo-a consciente uma vez mais que ele estava em sua mente.

—Então — fez uma pausa para limpar garganta.

— Então, não falava metaforicamente sobre tudo isto?

A forma em que seus olhos posaram nele, seus lábios que se elevavam em um sorriso sardônico, fez-lhe rir em silêncio baixo e suave, lhe aliviando tanto que ele se atreveu a pressionar os lábios sobre sua têmpora.

—Não sou do tipo metafórico, neném — a informou.

Os olhos do Kes giraram para o médico.

—Obrigado. Por isso que fez. Não tive um ataque de asma há muitíssimo tempo.

—Foi provocado pelo pânico e o vício a te expor ao calor que parece ter tido — Gideon ainda não olhava ao Noah, mas o Rei sentiu sua reprimenda de todos os modos. Gideon pensava que ela deveria ter ido a um médico imediatamente.

— Mas me sinto feliz de te informar que está com muitas probabilidades será o último que experimentasse. Entre minhas habilidades e as mudanças de seu corpo, já não será suscetível. Seu corpo sanará a maior parte de suas debilidades e velhas feridas quando te completar como Druida. Sua capacidade de te curar é mais forte já, embora uma fração do que logo será.

Gideon completou sua sentença, mas se percebia uma expressão sobre seu rosto, ela poderia captar o final abrupto de um pensamento enquanto outro se estava formando. Sua cabeça e olhos se moveram quase imperceptivelmente, mas foi a disposição de seus dedos do quadril à parte baixa de seu ventre o que a fizeram entender. Seus dedos procuravam a cicatriz, e seu coração deu sacudidas com mil sentimentos. Outra vez medo. Temor. Dor e perda. Mas o pior foi o repentino broto

de esperança, um aumento selvagem do que nem sequer sabia que era capaz. Ela lutou por jogá-lo abaixo, girando seu rosto para o peito do Noah, com as mãos agarrando o tecido de sua camisa.

—Não.

Ela choramingou a palavra, sua dor causou uma foto instantânea agonia no Noah. Viu o seguimento das gemas dos dedos do Gideon e lutou com impulsos cegadores. O toque era muito íntimo. Ciúmes. Isto fazia machuco a Kestra. Protetor. Isto liberou a lembrança do trauma e aquela insídia que cobriu suas mentes unidas com uma grossa escuridão que asfixiava. Ressentimento. Fúria. A necessidade cegadora de jogar as costas atrás, para lutar, para destruir a fonte para sempre.

—Não.

Esta vez foi Gideon quem disse a palavra. Foi duro e áspero, uma advertência ao Rei e seu torvelinho de emoções incontroladas, e um rechaço para a mão que se estendeu e sujeitou como uma braçadeira ao redor do pulso do Gideon. Em sua onda de emoção, Noah esmagaria os ossos do Gideon até fazê-los pó se assim punha fim ao dano de sua companheira.

—Que tipo de acidente causou isto? — Gideon dirigiu a pergunta a Kestra, que já estava agitando a cabeça em uma negativa.

— Esta ferida é muito antiga. Devia ser muito jovem. Reparou-se o útero, mas perdeu um ovário. Assim mesmo, este nível de cicatrização faz impossível que tenha um menino.

Kestra soluçou quando Gideon arejou seus trapos sujos. O apertão mortal do Noah sobre o pulso de Gideon desapareceu como o pó no vento. Kestra se lamentava, um terrível som de pena e dor que não se assemelhava a nada que ele tivesse ouvido antes. Rasgava-lhe como milhares de agulhas, lhe chamuscando com agonia, como se estivesse de pé sobre uma superfície ao sol. Abraçou-a ainda mais forte, lacrando-a contra a palpitação do coração enquanto embalava sua cabeça na mão. Sentia suas lágrimas quentes tocar a pele do pescoço. Então ela riu uma risada ligeiramente selvagem contra o pescoço do Noah.

—Agora está disposto para o para sempre? — perguntou em um quente sussurro.

— Está disposto a ser um Rei sem herdeiro? Um homem sem esperança de um filho? Agora, verá-me com toda a beleza, com a paixão sem sentido? Ou me verá como o resto, quebrada e defeituosa?

—Kestra — disse com suavidade, apartando a dor.

— Estou preparado para uma só coisa, e é para você. É perfeito para mim. É perfeita para mim—. Noah levantou com força os olhos para o médico, mas Gideon se movia para fazer sua retirada. Legna estava já em sua mente e lhe arrancou da habitação com um pop de teletransportação.

- Olhe em minha mente, neném e me entenderá — insistiu brandamente Noah a Kestra—Eu sempre pensei em ter um filho algum dia, mas vivi mais de seis séculos sem um e não hei sentido nenhuma grande perda, porque minha casa literalmente esta lotada de meninos adotivos e de família muito próxima que deixa muitos brinquedos ao redor. Há só uma coisa que alguma vez ansiei com todo meu coração e alma. A partir da primeira vez que vi meus pais se beijarem e olharem um ao outro com amor ilimitado que só chega com a perfeição de almas gêmeas, ansiei a minha companheira de alma. A que seria Vinculada a mim para sempre. Não aspirei a nada tanto como desejei isso. Nem meu trono, nem meu poder, nem minha sabedoria. Nada me importou com tanta intensidade como quis a que olharia aos olhos com aquele nível de amor e devoção que vi nos olhares fixamente entrelaçados de meus pais, que desejasse o mesmo de mim Uma. A única.

-Finalmente te encontrei, neném, e nada mais que o próprio Destino te pode arrebatara de mim. Nada que possa me dizer te separara de mim. Nada. Entende-o? Será meu amor. Rezo por ser o teu. Rezo por ser bastante digno para ganhar o seu.

—Por que eu? — perguntou, enormes lágrimas refratavam como cristal o azul de seus olhos enquanto fixava um olhar cansado no dele.

— Por que desperdiçar isto em uma mulher que nenhuma vez soube o que é amor? Quem inclusive não pode estar segura de senti-lo? Uma mulher estéril. Uma mulher que não tem medo de nada exceto desta coisa que pede de mim. Oferece devoção, obsessão, séculos onde creio que não te cansará de mim? Não sou ingênua, Noah.

—Por que segue usando essa palavra? Obsessão? Segue usando-a, como um talismã para me rechaçar. Sinto e sei que cicatrizou um lugar dentro de você, e não tem nada que ver com seu útero, Kestra. Fale-me do que te atormenta — exigiu com ferocidade. - Este quem te faz ter medo de ser amada e adorada por mim. Que escureceu para sempre essas palavras para você, as convertendo em uma maldição em vez da bênção que em realidade são.

—Que me amou tanto que me mataria antes de deixar que alguém mais me

tivesse? —estremeceu-se.

— O que não podia aceitar que jamais lhe amei e nunca o faria. Fez-o tudo tão docemente a princípio. Suas palavras eram como poesia, e era tão encantador como você, mas o ciúmes e a posesividade se encabritaram e se fez feio. Então a fealdade se retirou de novo pelo encanto quando ele pediu perdão. Perdoei-lhe uma vez, mas nunca outra vez depois daquilo. Afastei-me das bonitas palavras e o engatusamento e ri de mim. Dia e noite, me seguindo a cada passo, cada movimento meu era interpretado como um convite, cada rechaço, cada um de seus defeitos era minha culpa. Durante dois anos me atormentou. Espreitou-me. Caçou-me como a um animal e vivi com medo. Eu tinha quinze anos quando lhe conheci, e tinha dezessete quando tudo o que o amor e a obsessão finalmente se converteram em ódio e raiva. Tinha dezessete anos quando cheguei a casa depois do colégio e encontrei a minha mãe apunhalada até a morte no quarto de banho, a meu pai morto na garagem...

Aqui ela soluçou uma vez, duro, as lembranças a alagavam, alagando a Noah e ele lutou para conter a violenta reação. Ele sabia o que aconteceria. Como uma gigantesca onda, era inevitável.

—Me conte — conseguiu arrancar, seus braços apertados ao redor dela, beijando seu cabelo.

—Nunca me ocorreu que ele ainda estivesse ali. Eu... eu não podia partir embora o tivesse feito. Deixar a minha mãe? A meu pai? O que acontece se seguiam com vida? — Sua lembrança de estar coberta pelo sangue de seus pais alagou a ele, suas vans tentativas de conter o fluxo das punhaladas mortais das feridas do decote e a garganta de sua mãe. O sangue sobre suas mãos. Sangue sobre o uniforme de animadora.

E logo as mãos em seu cabelo.

Noah o viu sem sua declaração, e ela sabia que ele podia vê-lo. As mãos em seu cabelo, arrastando-a a um novo ponto de massacre. Os punhos contra seu rosto e corpo, com uma dor insuportável com uma raiva que não merecia que se desatasse nela. Agora seu sangue, dentes quebrados, costelas fraturadas, braços e mãos quebradas enquanto tratava de parar os golpes. Com um golpe lhe separou de seu corpo. Girando-se, avançou lentamente.

Alarido, dor ardente enquanto a faca atravessava violentamente a parte posterior de sua coxa, rasgando a carne, a ponta se desprende contra seu fêmur.

E logo ele estava sobre ela, golpeando-a outra vez, mas a ditosa escuridão foi

negada, assim esteve acordada durante tudo o que durou a violação. A polícia chegou enquanto ele estava dentro dela, tratando de conseguir de novo o prazer causando-a dor. Em sua fúria final, ele inundou a faca despontada sob seu ventre, uma tentativa útil de ser o último em usá-la como uma mulher completa.

Inclusive enquanto ela estava em choque, pedindo misericórdia a Deus, pela morte, ou ao menos a inconsciência, viu-lhes pegar um tiro a seu atacante em sua própria sala de estar. Era o final do mal, mas não importou. Agora ele não morreria nunca. Sempre estaria aí. Enterrado profundamente dentro dela como a faca.

Entretanto, ela jamais derramou uma lágrima. Não podia. Ele ganharia sempre que o fizesse. E ela jurou que a partir daquele dia nunca o faria. Nunca seria uma vítima outra vez, e nunca amaria a ninguém por medo...

Por medo.

E nunca o fez. Até Noah. Havia lhe tocado. Trouxe com ele a insistência que ela encontrou que não podia resistir. Ressuscitou desejos e necessidades que tinham morrido quando a faca a atravessou quando tão somente tinha dezessete anos. Ela usou o sexo para controlar, como um instrumento. Os homens que se colocaram muito perto foram utilizados e desprezados friamente, assegurando o final da amizade e o carinho. Precisamente o que tinha tratado com ele.

Exceto nenhum a havia tocado como ele fazia. Nenhum a tinha feito arder, iluminando fogos e desejos proibidos. Mas Noah a tinha dado prazer como nenhum. Tinha pensado que o sexo agradável era uma mentira ou um conto de fadas, tinha acreditado que o jogo amoroso era impossível. Noah tinha chegado e tinha trocado tudo, tinha avançado lentamente transpassando suas defesas, e o terror se apoderou dela até que sentiu como se estivesse uma vez mais necessitada em estado de choque, esperando para ver que horror ocorreria depois.

Ela poderia lutar com algo, poderia fazer explodir o globo inteiro, arruinar aos homens mais capitalistas do mundo e lhes ajoelhar com a feminilidade e as bombas. Era mortal, cada passo que dava era um perigo para outros.

Com tudo Noah a tinha despojado de seu poder, igual às mudanças em torno dele que certamente a dariam uns novos. O Demônio que demandava ser seu companheiro Vinculado, exigindo a dependência a ela para sempre, com poesia que prometia as possibilidades de um profundo amor com diferença de qualquer que ela tivesse conhecido.

Mas um que ele tinha conhecido.

De repente Kestra correu por suas lembranças, tinha que ver desesperadamente o que ele conhecia. Não houve nenhuma pausa quando ela se precipitou por eles como um microfilme, passando rapidamente ao que ela queria.

Sarah e Ariel.

Seus pais. Vinculados. O amor, os toques, a necessidade. Necessidade infinita, formosa. Não obsessão, a não ser equilíbrio na vida. Ariel tinha sido tão diferente de Sarah. O tinha transpassado sua posição de Executor a seu irmão para casar-se com ela. Transformou-se em um guerreiro distinto, só por ela. Ainda um lutador para sua gente, só que agora era diferente. Tinha constituição atlética, tão escuro como luminosa era Sarah. Os olhos do azul do gelo como os de Kestra, só que muito mais escuros. Cabelo tão negro como a noite, Sarah era loira e resplandecente, delicada em seu conjunto e miúda contra a altura de seu companheiro. Ele era agressivo e falava sentenciando, ela era mais temperada, querendo ver todos os aspectos, e disposta a enrolar a seu companheiro para que os visse ele também. Ela mediava quando ele saltava. Ela repreendia e ele a provocava até a frustração. Ela desfrutava montando a cavalo durante a noite, por isso ele comprou e criou os formosos animais para que o fizesse. Ele se preocupava de que ela perdesse seus direitos na vida, sabendo que ele chegaria rigorosamente a ser Rei. Ela se preocupou de não poder lhe dar um filho que ele queria desesperadamente. Mas por cima de tudo eles tinham amado. Ritmo, movimento, e pensamento, toda uma sinfonia harmoniosa de duas almas separadas unidas para fazer uma. Uma em amor. Uma em entendimento. Uma que permitia separar deles essas coisas que se necessitam para manter uma identidade individual.

Ariel e Sarah. Hanna, Noah e Magdelegna, os tesouros de uma maravilhosa união que tinha durado séculos. Sarah tinha dado um filho a Ariel. Ariel tinha dado um Rei a Sarah. Kestra os viu ambos em Noah. Agressão e excesso de desejos e emoções, restringidos pela moderação e a diplomacia. Um erudito como sua mãe, um guerreiro como seu pai. A beleza escura de Ariel, o apazível e carinhoso coração de Sarah.

Então viu a tragédia de suas mortes, tão pouco curado como sua própria dor, tão horroroso como o que ela tinha sofrido.

—OH Deus... — ela ofegou, elevando os braços para lhe rodear a cabeça, lhe sustentando apertadamente e lhe aproximando.

— OH, Noah...

O Rei reviveu a dor enquanto ela se deslizava em suas lembranças daquele dia, o dia que ele e Gideon tinham encontrado Sarah esfolada, estripada e violada por um dos seus. O mesmo horror que Kestra tinha sofrido. Só que isto tinha sido um ato arbitrário surto de um nada em lugar de uma tortura calculada, em vez de uma bomba relógio à espera de explodir. A infantil Magdelegna, com tão somente uns poucos anos, procurando a sua mãe e encontrando-a antes que eles pudessem protegê-la da cena. Como viver com a expressão da menina? Que opções tinham? De repente ser o chefe da casa quando o companheiro de Sarah caiu no desespero? Ele havia sentido cada pensamento, cada momento de tortura e dor antes que ela tivesse morrido. Muito longe... muito longe dela para detê-lo. Falhando por ela. Falhando a seus filhos. A falta de seu coração e a alma enquanto as metades de ambos eram separadas. Muito longe para que seu filho lhe encontrasse. Muito longe para evitar que Legna visse o que nenhum menino deveria ver nunca.

Tinha perdido ambos os pais essa noite. A devastação do Ariel não podia ser aliviada, nenhum companheiro Vinculado poderia sobreviver à pena de tal perda. Eles sabiam que ele iria antes de um ano, de uma ou outra maneira, e não havia nada que eles pudessem fazer. Não quiseram fazer nada. Eles queriam indulgência para ele, para que se fora e estivesse com sua mãe além desta vida. Mas inclusive a dignidade de sua própria morte negou a Ariel. Foi Convocado um pouco depois, pego pela magia negra e Transformado em um horroroso monstro. E Noah, que então era o Rei e o orgulho de seus pais, teve que enviar um Executor, repartindo o golpe de graça que salvaria o mundo de seu perdido pai. Jacob. Jacob, nunca saberia quanta gratidão e amor tinha sentido Noah por ele ao fazer aquele serviço, por liberar seu pai da tortura.

E assim terminou um conto de fadas. Um amor incorruptível.

—Não... — sussurrou Noah contra seu ouvido quando ouviu o som amargo daquele pensamento.

— Tem que entender que o final da história não tem importância, Kestra. Todas as histórias terminam. Toda vida acaba. A natureza é assim. E sabe que pode ser pacífica ou pode ser violenta e cruel, mas não é o final que importa. É tudo o que acontece o último minuto o que é importante. — Acariciou com os dedos seu cabelo, sabendo que ela escutava enquanto lhe sustentava forte e respirava contra seu pescoço.

— Sei que entende este conceito mais provavelmente que qualquer dos que

conheço. Tinha dois caminhos antes que algo terrível te acontecesse. — Eles apertaram seus braços mais ao redor um ao outro em um apoio impulsivo.

— Ser sempre uma vítima, ou algo e tudo o que o pensamento brutal dele pudesse te tirar. OH, faz-me ter muita mais razão agora — respirou ele, fazendo-a rir, o tom baixo com lágrimas derramadas.

—Não seja presunçoso. Não sabe nem a metade das coisas sobre mim que crê que sabe —se burlou ela fracamente.

—Vivo em sua mente — a recordou em um sussurro íntimo.

— Eu vejo o fogo. Conheço o Fogo, Kestra. Vêem ver o meu, olhe as coisas que tenho feito, justamente e injustamente, parte tudo de uma aprendizagem através de minha vida. Vejo a fúria que tenta expressar com explosivos. Sinto o anseio da paixão profundamente ardente que trata de encher com o perigo. É conhecida? Uma mercenária? Isto deve me supor um choque ou me impressionar? Quero, por favor, que me faça saber isso.

—É como o chapeleiro louco, sei que o é não? — suspirou a frase, mas não havia nenhum rancor nela, nenhum poder e estava relaxada completamente entre seus braços. Seus dedos se deslizaram frouxos por seu cabelo, os cachos ainda úmidos pela ducha. Ela os acariciou devagar, a sensação cantou através de Noah, como se golpeasse um diapasão. A vibração viajou das gemas dos dedos diretamente para os dedos do pé com algumas pausas interessante no meio.

— Nightwalkers, mmm?

—Sim — disse ele com cuidado, inseguro da disponibilidade de sua mente apesar de seu novo acesso a ela.

— Demônios... minha raça. Vampiros. Licântropos, Mistral, Shadowdwellers, e mais recentemente Druidas como você. Embora, sua combinação de DNA humano faz possível que viva sob o sol, enquanto que nós não podemos.

—Por isso o término do Nightwalkers — disse ela secamente.

— Soa como um argumento para um jogo de computador ou algo assim — fez uma pausa.

—Por que não pode estar ao sol? Quero dizer, o que te passaria? Converteria-te em pó com um "poof" ou isso só acontece com os Vampiros?

—Cada espécie tem uma debilidade ao sol, cada um reage de maneira diferente. Para os Demônios isto se parece com um passeio pela câmara do sonho. Tudo está desenhado para nos fazer entrar em um profundo sonho. A tênue luz, ou à luz

colorida pelo cristal tinto, o efeito é maravilhoso e consolador. Dormimos maravilhosamente durante o dia quando o sol se filtra através deles. — Deslizou uma mão sob seu cabelo até colocar a palma contra seu pescoço. Simplesmente se sentia melhor quando a tocava, lhe acalmando de algum modo enquanto falava de coisas selvagens e estranhas.

— A luz solar direta, para os jovens, é mortal. Podem morrer se forem expostos durante muito tempo. Os adultos sentirão a letargia debilitante, lhes fazendo impossível mover-se ou defender-se. Os Maiores o sentem também, mas aqueles de nós que somos mais capitalistas podemos derrotar os efeitos durante um período de tempo manipulando o poder com truques e coisas pelo estilo.

—É muito poderoso.

Não foi uma pergunta. Sobre tudo não para um que claramente podia observar a alguém e calibrar exatamente isso. Além disso, ela tinha acesso a todos seus pensamentos e lembranças agora. Alguns, quando fossem tocados, mostrariam uma conflagração de poder e tormenta de fogo.

—Você também será — disse. Não queria dizer para tratá-la com condescendência. Isto era uma dura realidade. Tinha que ser capitalista para amortecer sua fúria apaixonada. Muito capitalista.

— Te desenvolverá mais rapidamente agora que está perto de mim. O poder do Druida provém do contato com sua alma gêmea. Os Druidas precisam alimentar-se da energia do Demônio com o fim de recarregarem a si mesmos.

—Alimento? — parecia momentaneamente horrorizada enquanto ficava tensa contra ele.

—Mmm. Como uma bateria. Um brinquedo se alimenta da bateria para funcionar. Em nosso caso, quer dizer estar em presença de cada um. Estando perto. Com o tempo, não será uma simbiose tão restritiva. Mas sempre teremos que permanecer em contato.

Kestra se deslizou de seu regaço, ajoelhando-se para lhe enfrentar e se apoiou sobre seus talões. Noah arrastou seus dedos por seu pescoço, claramente resistente a deixá-la ir. Ela agitou seu doce cabelo, o resultado foi uma queda selvagem ao redor de seus ombros. Seus audazes olhos lhe observaram durante um momento.

—Eu não gosto da idéia de ser dependente de alguém.

—Não é uma dependência, Kestra. É uma simbiose. Provejo-te e você me provê. Isto é a Vinculação. Eu não poderia sobreviver sem você mais do que você

poderia fazê-lo sem mim. Examina minha mente. Olhe o que foi para mim. Olhe as noites das Luas Sagradas em torno das semanas de suas cheias e minguantes.

Ele as mostrou. Kes foi golpeada imediatamente com as lembranças daquelas noites. Impulsos escuros e apasionantes. Principalmente impulsos de ceder ante a natureza elementar de seu, poder. Parecia-se com um sussurro infinito, crescendo mais forte com a lua cheia, lhe pedindo responder, obedecer. Era um grito para o fogo e a travessura. Chama e paixão. O corpo ardendo pela necessidade, uma violenta dor que inclusive uma matilha de mulheres selvagens não podia saciar, apesar disso ele tinha deixado de tentá-lo. Até agora não tinha tomado a uma mulher em sua cama durante o Samhain ou Beltane durante séculos. Tinha sofrido sozinho, queimou-se sozinho. Desde fazia séculos tinha sido salvo pela presença carinhosa de sua irmã enquanto o poder da Mente cresceu nela. Seu humor e sabedoria, sua capacidade de aliviar suas emoções só com o poder da voz. Não era uma cura, mas era suficiente para que mantivesse a prudência.

Mas ele tinha tido tanto medo quando ela tinha deixado sua casa para estar com seu companheiro Gideon. E tinha tido razão ao estar temeroso. Não por ele. Não. Realmente ele nunca pensou em si mesmo. Pensava em outros. Nos inocentes. Estava seguro que se perdia o controle, destruiria a cada um dos que queria. Tinha estado a bordo, cada ano era pior que o anterior, mas nunca o mostrou. Nunca mostrando sua tortura, para ser uma ajuda para a prudência daqueles que procuravam uma figura em que apoiar-se.

Os últimos anos tinham sido um inferno. Sem a influência calmante da Legna, tinha sofrido e tinha gritado e se havia empolado. Esperava até saber que estava sozinho, então ia a uma cova que tinha encontrado uns quilômetros mais longe. A caverna inteira estava queimada e enegrecida pela liberação que tinha encontrado. Tinha queimado tudo. Rajadas, explosões e labaredas; seu corpo coberto de suor, fuligem e fumaça, seu poder se prendia fogo até que perdia o conhecimento por esgotamento. Despertava um pouco depois porque era energia, e seu corpo regenerava facilmente. Então voltava para o salão para tratar de estudar, ou se perdia no sonho.

E então, no último Beltane, tinha sonhado com ela. Estava na cova, esgotou-se e perdido o sentido, e tinha sonhado com ela. Seu fogo e sua luta, sua paixão lhe marcou para sempre, o fogo entre eles mais forte que o que ele pudesse crer, feliz além de algo que se imaginou. Despertou-se nesse momento e depois gritou pela

necessidade, seu corpo dolorido, pesado, duro até que foi uma insondável dor. Tão vazia como ela se havia sentido, igual de frustrado se sentiu ele.

E logo...

Perda.

Encontrou-a em um segundo, e ao seguinte foi a perda. Kestra viu o que ele tinha visto, viu a morte que ela tinha tido. A seqüela era uma conflagração de raiva e devastação cega. Mas a tinha resgatado. Tinha encontrado um caminho. Um caminho através do inferno. Um passeio pela traição a tudo o que acreditava, em tudo o que considerava moralmente mais prezado, o amor e sua alma.

Uma vez mais, perda. O controle perdido, os amigos perdidos, o respeito perdido. Amor e confiança perdidos possivelmente além de recuperá-los. E enquanto Samhain se aproximava, o tempo se esgotava enquanto tratava desesperadamente de trazê-la a seu mundo tão delicadamente como podia. Enquanto tratava de conhecê-la e dar-se a conhecer. Seu encontro na sala ainda não tinha começado a lhe satisfazer, satisfazê-la. Era um impulso físico, o emocional era um elemento essencial. Ele necessitava sua alma e seu coração para acalmar à besta do Fogo dentro dele. Era seu poder feminino, que controlaria o fogo, deteria-lhe e sempre lhe impediria de causar dano ou uma destruição incontrolável. A paixão de seus corpos era simplesmente uma explosão simbólica de sua simbiose, talvez um dia de amor, e definitivamente uma saída para o Fogo dentro de ambos. Um que não lhes causaria nenhum mau ou a outros quando sua relação simbiótica estalasse à posição perfeita.

Kestra se levantou com grande dificuldade, consciente de que ele seguia cada um de seus movimentos, mas sem tocá-la, sabendo que estava afligida outra vez e necessitava só respirar e pensar. Ela se sentou sobre a cama e tomou respirações profundas, sem lhe olhar, mas sentindo abater-se aos pés da cama olhando-a, provavelmente lendo sua mente. Era uma responsabilidade tão descomunal! Seria responsável pela prudência do Rei, a prudência de um ser de tão enorme poder, um poder que se supunha estava contido por sua presença parasitária.

Mas tão aterrador como era, não tinha medo ao que se enfrentava. Sentiu dentro de si mesmo esse reconhecimento de igualdade cada vez maior. De repente entendeu que tinha escaneado o poder de um antigo e poderoso ser, inclusive lhe tinha tomado por surpresa. Tinha-lhe mostrado um caminho que tinha estado procurando durante séculos. Em um batimento do coração lhe tinha iniciado na

direção do poder que inclusive sua enorme sabedoria tinha sido incapaz de encontrar.

Seu corpo ganhava força. Seria capaz de curar-se rapidamente, o haviam dito. Sim, ela era mais que capaz de dirigir isto. Adorava a força, abraçou a emoção de um futuro por descobrir que teria como um ser de poder e as responsabilidades que suportava.

Olhou a Noah, entendendo que lhe ajudar a diminuir seu Fogo ia ser sua principal prioridade. Isto significaria a paixão além de suas expectativas mais selvagens. Isto fez que seu coração se acelerasse, mas não havia nenhum medo. Havia fome. Não. Inanição. Tinha trinta e dois anos. Em todo esse tempo, tinha sido nada mais que uma existência frígida, cinza onde seu corpo só se sentiu vivo ante o perigo.

Mas aqui havia um banquete de potenciais sentimentos, estendido ante ela na forma de um homem formoso, um amante magnífico, e uma alma boa. Ele poderia queimar seu corpo de mil maneiras, e ela pôde vê-lo na rapidez em que seus olhos se nublavam. Noah estava em sua mente, por isso sabia seus pensamentos. Sua mão estava arranca-rabo ao redor de um poste da cama, seus nódulos brancos e lábios franzidos pela contenção. Honra. Nobreza mais extrema.

Encontra o medo, Kestra, pensou para si mesma. Do que deve ter medo? Onde está o perigo? Não caminhe sem conhecer o perigo.

Ela tinha medo de não poder lhe amar como merecia. Estava aterrorizada do perigo que causaria a ela e a outros. Ele tinha demonstrado que seu corpo não era frígido. Poderia fazer o mesmo com seu inexperiente e resistente coração?

Noah rodeou a cama aproximando-se e tomou seu queixo entre seus dedos. Inclinou-a para cima até que seus olhos se encontraram.

—Nisto te peço que confie em mim. Posso te mostrar o caminho. Cria que é incapaz de amar, mas também é como se trata de que não tenha tido nenhuma vida antes que tivesse dezoito anos. Apartaste o amor de seus pais, seus amigos e o resto de sua família. Mas esteve uma vez ali, Kes. Realmente amou.

—E eles sofreram por isso. Sofri por isso — disse com muita frieza.

— Não é só perder o carinho. Que tal se...

—Não — a cortou imediatamente.

— Não vá por aí. Não te corresponde. Nunca questiona a posteriori, nunca duvida. Só te prepara, assegura-te, pratica, aprende o acréscimo em suas

habilidades. Estes foram seus preceitos durante sua vida adulta. Decidiu viver sem medo a nada exceto do amor. Aplica esses princípios ao que mais te assusta agora. Examina seu coração, e vê suas necessidades, vê sua inclinação por mim, e tudo o que vê é perigo. — Inclinou-se mais perto dela, sua sensual boca com um sorriso ligeiro enquanto se aproximava da sua.

— Salta, Kes. Só salta e confia em todos seus sistemas de segurança. Salta, abre os braços e sente a rajada. É incrível, e vale a pena cada segundo disso.



CAPÍTULO CATORZE

—Agora, o truque com os Demônios — conferenciava Cygnus, como se fora um professor de Cambridge — está em conhecer seu elemento. O ideal seria lhes agarrar de dia, quando eles dormem, mas assim é muito doloroso.

Outros riram silenciosamente, exceto o irmão de Cygnus. Quinton não se divertia. Ele a contra gosto teve que admitir que Cygnus realmente estava caçando muito bem aos Shadowsweller. Cada um deles tinha uma característica Mistral e Shadowdweller além de suas habilidades de Vampiro. Estavam seguros de poder capturar a alguns dos Demônios menores. Um adulto. As mulheres não eram poderosas e não valiam a pena, por isso tinham que ser homens.

—Entretanto, existe uma vantagem que não devemos passar por cima. Samhain — Cygnus sorriu abertamente.

— É amanhã. Tenho algo bom planejado para amanhã, mas esta noite é bastante capitalista por si mesma e, bom... vamos dizer que haverá um montão de Demônios brincalhões por aí. Capturar a um enquanto esta em zelo, e nunca terá nenhuma possibilidade. Capturando o poder de um Demônio para nós, sem necessidade de nenhuma Convocação — riu em silêncio com outros.

— A questão é, que elemento escolher?

—Não necessitamos a telepatia ou a cura.

—Não exclua a Mente e o Corpo. Os Demônios de Mente têm a teletransportação e os Demônios do Corpo têm também poderes para a projeção astral. Entretanto, por ambos motivos, correríamos o risco de nos expor se tiverem a oportunidade de advertir a outros. Eu diria que um Demônio da Água. Ou do Vento. Ambos têm poderes meteorológicos. Manipular a névoa ou o vento seria muito vantajoso. Os Demônio de Terra são perigosos, inclusive a uma idade

temprana.

—Nenhum do Fogo?

—O Fogo — Cygnus refletiu. Fez o espetáculo de dar-se golpezinhos no queixo pensativamente, e logo sorriu perversamente.

— Isso nos economizará o Samhain. Só há um Demônio macho do Fogo. O Rei Demônio. Será o melhor momento. Estará sozinho. O castelo se desaloja por férias depois das festividades. Acredito que se tivermos água e vento essa noite, não será capaz de lutar com seu Fogo.

—Seria sábio esperar. Praticar com as capacidades não provadas — sustentou Quinton.

— Há tempo para o Beltane.

—Possivelmente. Veremos que passa esta noite. Tenho também outras idéias. Teremos uma época gloriosa por um ou outro caminho. Siga-me, acredito que vejo nosso primeiro candidato.

Caiu das sombras por detrás de um incauto Demônio jovem de sexo masculino.

Noah a beijou então, sentindo como seus corações pulsavam ao mesmo ritmo selvagem. Sua boca a acariciou brandamente, provando com cuidado seus lábios, pequenos sorvos daquela doçura natural que ele simplesmente não podia averiguar a origem. Tinha que acreditar que era somente Kes, só Kes. Sua Kes.

—Minha Kes — disseram juntos, contra a boca de cada um. Noah sorriu enquanto lhe alcançava para um beijo mais profundo, e ela sorriu contra sua boca justo antes que suas línguas se tocassem.

—Realmente meu sabor é como o doce? — perguntou entre fôlegos e beijos.

—Averigua você mesma — a animou, de algum modo o convite soava sensual e proibido. Ela se retirou, lhe olhando curiosamente, tomando um momento para pensar. Ele acariciou a franja com um dedo solitário, completamente enfeitiçado olhando-a pensar em tantas coisas, sentindo sua luta com as pequenas quebras de onda de cautela e temor.

Ele encontrou seus olhos com determinação, baixando para tocar sua boca, roçando com a língua brincalhona seu lábio inferior. Ele fez um som apreciativo, lambendo o sabor de seus lábios, os olhos brilhavam com um desafio defumado.

Kestra lhe sujeitou pela parte de trás de sua cabeça, enlaçando os dedos em seu

cabelo para lhe afiançar. Ela sustentou seu olhar, procurando em seus olhos durante um momento, e logo ele sentiu a oscilação por seus sentidos, durante um momento a sentiu adaptar-se a estar detrás de seus olhos, enfocando-se em si mesmo e como ele via sua forma de ser.

—Você é formoso — disseram de uma vez, cada vez que ela se fundia tão perfeitamente com sua mente falhava com os impulsos de falar por sua conta.

Noah deixou os olhos abertos, querendo que visse e sentisse tudo o que podia proporcionar, querendo que soubesse a bênção que era para ele tê-la. Ele tomou sua boca brandamente, fazendo caso omissa do convite de seus lábios separados por um momento para que ela pudesse emprestar atenção ao efeito completo. Ele inalou devagar e profundamente, captando seu aroma, trazendo-o profundamente para seus pulmões onde suscitou as lembranças sensoriais de mais de cem sonhos com o algodão doce. Fizeram um som enfermo de prazer à medida que estes pequenos retalhos de dados enviaram punhaladas de calor que sulcavam como centenas de pequenas bolas de fogo através de seu corpo.

Quando finalmente empurrou brandamente contra sua boca, saboreando-a amplamente com sua língua, ela pôde sentir seus batimentos de coração acelerados, pôde sentir sua excitação, como se fora dela, tão incrivelmente densa, uma tensão de necessidade por ela, inclusive pelo mais leve detalhe dela. Ela provou o doce. Pelo menos ela o fez por ele. Impressionou-a encontrar que era verdade, embora realmente não tivesse duvidado dele. Seus sentidos eram tão diferentes aos seus, mais agudos, tão enfocados e poderosos. Podia ouvir seu próprio batimento do coração através de seus ouvidos, podia cheirar o tentador aroma de sua própria excitação.

Kestra ofegou, retrocedendo e entrando em sua própria mente, os olhos abertos amplamente com admiração e suas bochechas tintas com um ridículo rubor.

—Eu não-não sabia... — gaguejou brandamente, pressionando as mãos sobre o rosto.

— Seus sentidos são tão-tão fortes — riu.

— Tenho o impulso mais estranho e desesperado de tomar uma ducha.

— Não necessita uma — disse.

— Mas algumas vezes sou um amável anfitrião.

Agarrou-a pela mão e a elevou com um puxão da cama, contra seu corpo. Assegurou-a com um forte braço ao redor de sua cintura, encaixando-a a cada

detalhe de seu perfil incrivelmente robusto. Seus olhos cor cinza esverdeado se obscureceram com patente desejo por ela. Estava hipnotizada e não podia apartar a vista. Ele mantinha seus pés logo que tocando o chão, avançando, conduzindo-a através da habitação, outra vez com aquele tango debilitante que destruía seu equilíbrio e qualquer outro pensamento que não tivesse nada que ver com ele. Ele se centrou em atraí-la completamente, corpo e alma, fazendo-a sentir seu corpo, seus olhos mostrando-a sua alma.

Sempre.

Ela o viu. Talvez o escutou. Mas sobre tudo o sentiu. Sentiu a certeza disso, e sabia que isto era verdade. Ele nunca se cansaria dela, nunca seria capaz de fazê-la dano, não podia traí-la e poderia proteger a ambos de todos os perigos que ela pudesse imaginar e aqueles que ainda não conhecia. Isto não era um absoluto. A vida e a morte são absolutas por si mesmas, e ninguém podia trocar isso.

Exceto ele as tinha desafiado. Tinha enganado à morte por ela. Quem alguma vez poderia lhe dar tal presente? Além disso, quem alguma vez necessitaria tanto? A necessidade, mas a liberação quando ela requeria uma paz individual. Brigar mais com motivo. Comunicação embora muda.

Entraram no quarto de banho, luzes de gás que flamejaram intensamente ao acender-se embora ele não tocasse nenhum interruptor. As mechas das velas prenderam, logo baixaram a uma débil suavidade. Moveu-a, seu corpo masculino se ondulava podendo e graça contra ela a cada passo. Cheirava tão bem que ela se inclinou para respirar o aroma defumado de sua essência. Ele parou seu avanço, simplesmente sentindo as sensações que lhe atravessaram quando ela fez isso, sabendo que obtinha prazer ao fazê-lo tal e como ele conseguia prazer com a fragrância dela.

—Tomou banho, mas ainda cheira como eu — assinalou com um sussurro sob seu ouvido.

—Possivelmente nem me lavando com mil duchas poderia te tirar, neném — disse, a intensidade a provocou um tremor encantador.

— É uma parte de mim agora.

—Por que quando me chama «neném» não quero te amassar quando geralmente o quero fazer quando outros homens acreditam que podem me chamar assim?

—Mmm, tenho uma resposta para isso, mas mantereí minha opinião sobre isso

um pouquinho mais. — Ela levantou a cabeça e estreitou seus olhos azuis claro sobre ele. Cobriu o olhar deslumbrante com uma mão, rindo.

— Não é justo com os meus pensamentos. Não sobre algo que considero meio privado. Não tem nenhum escrúpulo.

— Confesso que não os tenho. Bem, realmente tenho o importante — olhou como ele colocava a mão na ducha e abria os grifos. Uma expulsão de água se derramava no enorme cubículo desde todos os lados.

— Simplesmente acredito que se tiver um recurso, deveria ser utilizado.

— Possivelmente troque de opinião quando te encontrar em um salão cheio de telépatas e empáticos — provou a temperatura da água com a ponta dos dedos. Quando o encontrou satisfatório, ele examinou seus olhos.

Kestra sentiu que seu fôlego se obstruía na garganta quando leu o flagrante desejo em seu olhar. As mãos foram para seus bíceps instintivamente, aferrando-se a ele enquanto esperava com o coração martelando seu próximo movimento. Ele o fez, distanciando-se dela, embora seus olhos nunca abandonaram seu rosto e corpo enquanto olhava a queda de vapor da ducha, criando nuvens opacas ao redor dela.

— Te dispa para mim, Kestra — a instruiu com um mandato baixo, masculino, sua voz retumbando com a sensualidade escarpada de um objetivo.

Kestra se tornou para trás apoiando-se contra o biombo da ducha ficou sem respiração durante um minuto, seu coração palpitava dolorosamente em seu peito. Devagar, agarrou a prega do vestido de veludo vermelho.

— Não. De outra forma, Kes — a repreendeu com voz rouca, seus olhos que titilavam com a intensidade das gemas de jade.

Ela entendeu. O decote do vestido era tão amplo que facilmente poderia sair por aí. Agarrou os ombros deslizando o vestido para baixo. Tinha uma sensualidade natural que fazia cada movimento sexy e fascinante. Sentiu-a dentro de si mesmo, mas agora, sob o faminto olhar fixo, intensificou-se. O atlético corpo sempre se posicionava mostrando uma curva perfeita nas costas e os ombros jogados para trás, mas o desejo de ser tentadora acrescentou um movimento provocador a sua espinha dorsal e uma oscilação na curva de seus ombros. Os braços serpentearam dentro das mangas curtas do vestido, depois de acima o deslizou devagar para baixo.

Noah observava com total posesividade, acolhendo com aprazimento a imediata necessidade aderindo e abrindo caminho através dele nesse momento.

Recordou o sustento que tinha escolhido antes, um de meia taça de cetim negro e escarlate do Jacquard, de finos suspensórios negros que faziam mais bem pouco por conter tão suave e atraente carne. Ela enganchou os polegares no vestido e devagar o deslizava para baixo, revelando o sustento e toda a viçosa beleza de sua pele e curvas. O fôlego do Noah lhe abandonou com uma violenta exalação de ar. Era mais formosa do que poderia suportar. Sua pele era tão perfeita, rosto, cabelo e corpo tudo tão impecável e tão incrivelmente tentador. Possivelmente estava cegado pelos prejuízos, mas se assim fora, então dava bem-vinda a sua ignorância com os braços abertos e um corpo desejoso que ela tinha transformado em aço. Queria aprender-se cada polegada dela, pensava enquanto deslizava o vestido pela curva de sua cintura e pela elevação de seus quadris.

Kestra viu como as mãos de Noah se encrespavam em punhos sólidos como uma rocha, sua postura se fazia visivelmente mais rígida, sua mandíbula se apertava de maneira perceptível. Um sorriso de satisfação feminina floresceu em sua mente quando lhe olhou. Deliberadamente moveu as pernas, deslizando uma coxa contra a outra, causando uma ondulação suave de seus quadris enquanto baixava mais o vestido. Inclinou a cabeça para baixo para poder lhe olhar com chamas azuis em seus olhos, lhe olhando fixamente com atenção através de suas pestanas. Olhou-lhe como um rapaz, excitado, como se soubesse exatamente o que queria e isto não era nenhuma ilusão. Solto o vestido e este caiu a seus tornozelos. Tão somente deu um passo lateral, ampliando sua postura. Emprestando atenção. Vigilante.

Noah estava aceso na teia de sua própria criação. Viu como ela flamejava à vida erótica, quando trocou as voltas de seu próprio jogo contra ele com uma facilidade dolorosamente engenhosa. Ela deslizou as mãos por cima de seus quadris, estendendo as palmas sobre o ventre tocando-se como se quisesse que ele a tocassem assim. Desviou os olhos travesamente para ele enquanto suas mãos escorregavam para cima até as costelas, depois a seus peitos. A psique inteira do Noah gritava por um desejo voraz. Teve que alargar energeticamente a seguinte respiração, embora não fez nada por oxigenar o sangue que se reunia em um lugar específico de seu corpo. Sentia como se estivesse duro da cabeça aos dedos do pé. Sua roupa lhe estrangulava. Deliberadamente lhe olhou por debaixo do cinturão, com um atrativo sorrisinho de satisfação enquanto abria a frente do sustian e o separava de sua pele. Seus magníficos seios e seus mamilos escuros se adiantaram enquanto encolhia seus ombros para trás e permitia que o sustian se deslizasse

facilmente por seus braços.

Kestra enganchou os polegares nas bordas de sua diminuta calcinha, mas esta vez não jogou enquanto as tirava as deslizando por suas atrativas pernas. Seus olhos ainda estavam sobre ele, a fome que pulsava com uma necessidade dolorosa, que bombeava com uma necessidade crescente com cada passo que ela dava para ele. Topou com ele em um abrir e fechar de olhos, já que ele não se foi longe, e pressionou seu corpo nu ao seu vestido.

—Me beije — exigiu ela com um sopro quente, rouco.

Ele o fez. Com todo o fogo e desejo que rabiavam por todo seu ser. Deslizou-se ajustando-se mais e mais contra ele, lhe fazendo gemer enquanto sentia o calor de sua pele contra sua roupa, o roce sensual das curvas de seu corpo. Ela agarrou as mãos dele e elevou suas palmas até seu próprio peito, gemendo em sua boca com alívio e prazer quando a cavou fortemente em sua mão. Ele foi um pouco tosco, fazendo-a dano com sua excitação, mas não lhe importou. De fato, não era suficiente para ela. Liberou-lhe uma vez que tinha seu contato e deslizou a mão para baixo por seu peito, sobre seu ventre e fivela, encontrando o inchaço que estirava a cremalheira com um toque firme, seguro.

Noah cambaleou, incapaz de impedir de levantar-se contra a poderosa tentação de sua palma, pouco disposto a passar por cima o prazer de seus dedos fortes e seguros. Com a mão livre agarrou a sua, sustentando-a apertadamente contra ele enquanto amassava para diante nesse tato tortuoso.

Ela riu dele, um som gutural e excitado pelo poder que tinha sobre o que o fazia sentir. Atuando apaixonadamente, Noah de repente a apartou. Ela deu um tropeção para trás, seus peitos se balançaram. Ainda ria dele enquanto lambia descaradamente o sabor de seus beijos nos lábios. Ele se arrancou de um puxão a camisa com um só movimento, lançando-a a seu rosto enquanto ela seguia rindo silenciosamente com os olhos tão obviamente cheios de pensamentos atrevidos, e transmitindo os pensamentos de maneira flagrante à mente dele para que os interpretasse e conhecesse.

Ela pareceu recordar bruscamente que a ducha estava correndo quando ele agarrou seu cinturão. Distanciou-se dois passos, os necessários para entrar no torrencial rocio. A água a golpeou como mil estrelas, gotas e rios de luz de um prisma de cristal que brilhavam sobre seu rosto, pestanas, seios e largas pernas, pernas rompe corações. Ela suspirou pelo prazer, apoiando-se com as mãos no

biombo e nos azulejos respectivamente para afiançar-se. Somente abriu os olhos quando sentiu chegar seu corpo finalmente perto do dele. Conteve a respiração enquanto lhe olhava, com uma extensa e atenta valoração.

—Noah — murmurou, seu tom suave e sensual, a antítese da fome que assolava seus olhos e o tremor impaciente das mãos quando as aproximou dele. Disse seu nome duas vezes mais, em voz baixa, como um mantra privado enquanto as palmas e as pontas das mãos se deslizavam sobre o vigamento de músculos de seu peito, ombros e braços. Seus olhos viajaram sobre ele sem piedade, por fim estabelecendo-se no avultamento evidente que provava sua voraz necessidade dela.

“Está tão quente”. Sua voz era um sussurro sedutor em sua mente enquanto sua língua lambia a água de seu pescoço no lugar onde estava o pulso. Pensou em termos de sexualidade, não de temperatura.

‘Né? “

“Sim. Pensei que necessitava a elucidação, já que entra em questão seu elemento. Embora, te tocando, pode-se aplicar aqui também o quente. “

Ele riu, divertido com os elogios de sua declaração, inclusive enquanto nele surgia um prazer ao saber que lhe encontrava atrativo. Ao mesmo tempo foi alagado por seu próprio calor elementar enquanto suas mãos e agora sua boca viajavam sobre ele. Ela evitou suas tentativas de tocá-la, rindo em silêncio contra sua pele enquanto lhe obrigava a conformar-se com seu cabelo empapado. Ela descendeu pouco a pouco por seu corpo, suas mãos trabalhavam em excesso por ripar descaradamente sua pele molhada, sua boca revoava como uma fada a seu passo. De vez em quando sentia o beliscão de seus dentes, lhe fazendo sacudir ante o choque de uma fluida descarga elétrica que se vertia pesadamente em seu já atrozmente espectador corpo.

“Vais me matar.”

Ele gemeu em voz alta para particularizar a acusação, o som atormentado ressonou nas paredes gotejantes. A risada de Kestra se atenuou contra a pele de seu ventre e escorregou ambas as mãos abrigando seus quadris, lhe encontrando impaciente pelo toque de suas entusiastas mãos. Deslizou os dedos sobre ele, fechando-se ao redor de seu grosso pênis, saboreando os aumentos repentinos de calor e dureza que seu incrível toque insistiam nele. Depois ficou sobre um joelho, arrastando sua boca ao jogo. A resposta do Noah foi ruidosa enquanto a língua escorregava sobre a ponta de sua ereção, uma piscada de excitação que destruiu

seu controle, depois de lhe desenhar lhe chupando brandamente, seus lábios se fecharam em torno dele e lhe introduziu no calor de sua boca. Seu apertão sobre seu cabelo era feroz, os sons de prazer que lhe escapavam eram transtornados e primitivos. Kestra o bebeu todo: sua resposta, seu sabor, e a maneira desamparada com a que empurrava em sua ambiciosa boca.

Ela sabia que podia lhe dar este tipo de prazer, que podia levar seu completo sentido do controle e cavalheirismo. Podia lhe fazer esquecer tudo sobre os prazeres que ele acreditava que necessitava ela, se só durante um momento vibrasse violentamente. Não importaria. A satisfação dele seria igual ao êxtase dela. Cada som que ele fazia, cada contração e estremecimento que não podia evitar, o aço de sua necessidade que agora estava em sua boca, tudo isto era o que nublava sua mente enquanto lhe excitava.

“Kes!”

Era uma poderosa exigência mental, junto com o puxão para cima de seu cabelo em suas mãos. Ela não teve mais remédio que lhe seguir, lhe liberando enquanto ela se aproximava de encontrar-se com seus olhos. Então ela se aproximou um passo, permitindo que as pontas rígidas de seus peitos acariciassem provocativamente contra o dele, sua ereção agora se acomodava contra a parte inferior de seu ventre. Ele pôde sentir o comichão dos cachos úmidos contra si, o erótico toque foi muito doloroso porque lhe tinha deixado brutalmente sensível.

Kestra fez caso omissa da acalorada acusação nos olhos do Noah enquanto alcançava a pastilha de sabão. Seu sabão. Manteve seu olhar fixamente enquanto cheirava a limpeza, o aroma masculino do mesmo, um complemento perfeito para o fragrante aroma de madeira queimada que sempre parecia aderir-se a ele. Kestra começou a esfregar o sabão em suas mãos, mas logo se deteve enquanto arqueava uma sobrancelha com humor e malícia, o arco loiro platino irritantemente travesso.

—OH, espera, já tomaste banho — lhe arrojou o sabão para que ele o agarrasse e rapidamente se deu meia volta.

— Faz-o por mim, bebê — disse provocativamente aproximando a parte inferior à dura longitude de seu mastro, acoplado-se fortemente em seus quadris.

Noah quase deixou cair o sabão, seu instinto foi agarrar à pequena perua pelos quadris e terminar o jogo com um selvagem impulso. Em troca, apertou os dentes e permitiu que ela ganhasse com o imparável gemido que lhe arrancou, assim como a quebra de onda de calor pulsando contra a parte inferior dela. Tirou rapidamente

espuma com o sabão, e logo agarrou uma mecha de cabelo com um punho, atirando da molhada massa até curvar suas costas, os ombros contataram com seu peito e sua boca se plantou firmemente no lateral do pescoço.

Com a mão livre, Noah a rodeou alcançando a parte dianteira de seu corpo e alcançando o peito. Melada de sabão, um esbanjamento de sensações se arrastou sob o varrido ardente de sua mão. Seu peito se encheu de espuma enquanto ele amassava sua carne, torturou-a com o esfregar de seus dedos enquanto se deslizavam rapidamente sobre seus duros mamilos. Ele acrescentou a outra mão à tarefa, fazendo-a gemer, seu corpo pressionou para trás sensualmente. Ele deslizou ambas as palmas por seus seios, seus mamilos tão duros que ele não pôde evitar pressioná-los entre os dedos inclusive quando seus gritos lhe advertiram de quão sensíveis os tinha.

Quando ele quis mais, deslizou as mãos por seu ventre e quadris. Agarrou-a pelos quadris, mantendo-a contra ele com um provocador impulso de sua pélvis enquanto ele a inclinava para poder lavar suas costas. O sabão se deslizou para baixo entre eles, na conexão que eles tinham para provocar o um ao outro fazendo a superfície escorregadia e deslizante.

Kestra gemeu comprido e profundo, incapaz de controlar o serpenteio de alívio ante o roce. Ele se deslizou diretamente entre suas pernas, diretamente pelo calor mais forte que o do vapor quente da ducha, a lubrificação escorregadia muito mais eficaz que a do sabão.

Ouviu-lhe amaldiçoar violentamente, sentiu-lhe agarrar seus quadris, e logo escutou o ruído do sabão ao golpear os azulejos. Quis lhe falar, mas ofegava por lhe sentir, tão perto como estava. Até que ela recordou sua nova maneira de falar.

“Tome, Noah. Assim. Agora.”

Sua resposta em voz e mente foi um grunhido básico de demanda. Ele a encontrou, penetrou-a e empurrou com tanta força e tão profundamente como pôde. Teriam caído se ela não se afiançou contra as paredes quando havia sentido o crescente inchaço de sorte.

Mas ao final ele estava aí.

—Noah — raspou quando suas mãos arrastaram seus quadris ainda mais apertadamente contra ele. Sentiu-lhe uns centímetros mais profundo dentro dela, estirando-a para acomodar sua grossura, chamuscando-a com um cegador e intenso calor. Noah sacudiu para trás a cabeça molhada depois de ter a satisfação de tê-la

tão ajustadamente ao redor dele outra vez. Era um estrangulamento fantástico, como se lhe abraçasse com mel e calor.

“O que farei agora...? “

Ele a tentou com a contemplação, embora Kes pudesse perceber a tensão de prazer que tinha ele. Ela respondeu contraindo os músculos internos ao redor dele com evidente sugestão, rindo quando ele jurou outra vez.

“Assim é como sei que te seduzo. Juras como um marinheiro com permissão. “

“Moça insolente. “

Noah se retirou e golpeou profundo ao retornar, elevando-a nas pontas dos pés com a colisão de seus quadris. Seu grito fez estremecer a todo seu corpo e ele o sentiu nas ondulações de resposta dentro de sua mente e corpo. Ele decidiu deixar as tentações para outra ocasião. Sua necessidade era tão grande, como a dela. Podia sentir o que ela, a crueldade e a ansiedade. E a fome que perseguia sua satisfação. Ele sentiu a chamada do Samhain dentro dela pela primeira vez, o poder da compulsão podia cegar a um novato. Seria uma tortura para ele lhe negar a necessidade doentia. Agarrou-a ao redor da cintura e a girou para encará-la contra uma só parede, ambos apoiaram as mãos contra o azulejo. Inclusive esses simples movimentos parecera conduzir a à loucura. Agarrou-a em suas mãos firmemente e lentamente aplicou um golpe profundo nela. Moveu-se com ele, usando de alavanca a parede para empurrar para trás até que ele a golpeava com um toque rítmico, mágico. Ele soube que chegaria imediatamente, inclusive sem sua repentina cadeia de ofegos e suplica de ânimo que acompanharam cada impulso em seu corpo. Chamou-lhe com sua mente, uma cadência de seu nome que lhe voltou louco.

—Goza para mim, neném — disse asperamente.— Chega, Kikilia, posso senti-lo fazer. - Sentia a tensão, o agarre, seus impulsos frenéticos contra ele para aumentar a profundidade, e seus gritos mais fortes e ruidosos para ele.

Seu orgasmo foi fenomenal, uma explosão dilaceradora e uma perda de controle diferente de qualquer coisa ele tivesse experimentado. Teve que agarrar-la enquanto ela se ocupava de seu prazer, seu corpo ferozmente exigia o dele, lhe agarrando com uma violência aveludada até que ele não pôde suportar mais. Arrebatou-lhe todas suas intenções, todo o controle, lhe forçando a cumprir. Não parou até que ele rugiu com a liberação, bombeou com veemência nela até que lhe esgotou completamente.

Derrubaram-se ofegando contra a parede, o corpo esmagado pelo dele, sua

bochecha apertada contra o azulejo. Ela tratava de não chorar, mas era muito fácil passar do ofego ao soluço. Noah sabia porque chorava, e sentia que tinha direito a uma alegria que se materializava nas lágrimas. Sabia que ela ainda não podia compreender a existência de tanto prazer, ou que seu corpo, que ela acreditava que conhecia tão bem, fora capaz de brindar-lhe e render-lhe

Moveu-se nela, só para girá-la para ele. Balançou seu corpo saturado sob a água, sustentando-a com um só braço enquanto a lavava com cuidado, sem tratar de estimulá-la de nenhuma forma, deixando-a recuperar-se silenciosamente enquanto a cuidava. Ela ofegou quando a lavou em lugares que zumbiam, mas a sensação de suas mãos suaves a encheu de calor. Depois de que ele se assegurou que seu corpo estava limpo, lavou o cabelo, ensaboando-o luxuosamente e atrasando-se nos largos fios de seda molhada. Quando se sentiu satisfeito com a limpeza, de repente a inclinou ao longo de um só braço, flexionando-a de costas para inundá-la no jorro de água, enxaguando o sabão do cabelo enquanto ela ria. Quando terminou, beijou-a detrás da orelha e fechou os grifos. Enrolou-a em toalhas, cobriu o cabelo e transladaram-se ao dormitório.

Repentinamente Kestra ofegou quando elevou o olhar para a janela.

—Chega a luz do dia.

—Sim — esteve de acordo ele.

—Não tem que dormir agora?

—Apesar de que é uma prática geralmente aceita para os Demônios — falava arrastando as palavras enquanto a conduzia para cama—, eu tinha pensado fazer o amor contigo durante as próximas duas horas. Embora não falta muito tempo — Ele encurralou seu corpo com o seu até que ela caiu sobre a cama e ele a seguiu.

— Tenho a sensação que vai ser exaustivo chegar ao Samhain.

—Mmm — ela contemplou como ele se deslizava entre suas coxas e apartava a toalha para poder começar a lambar a água de sua pele.

— É possível — esteve educadamente de acordo.

— Estou em uma condição física excelente. Estou necessitada de sexo, como bem sabe. E me encontro que estou bastante brincalhona. Portanto, eu diria que as condições são favoráveis.

—Brincalhona? — Ele riu até que lhe beliscou o ombro.

—Sim. Estou quente por seu corpo, maior idiota. Mas se quer rir a minha custa, poderia encontrar um congelador e me sentar baixo zero em seu lugar. Depois de

tudo, Samhain só dura vinte e quatro largas horas, largas, intermináveis largas horas — suspirou com um efeito dramático.

—Acredito que os dias de te congelar estão a muito terminados — disse enquanto a lambia uma larga linha dos cachos, ao umbigo até o decote.

—Mmm. Seria agradável — levantou um ombro, para empurrar o mamilo até sua atrativa boca, virtualmente ronronando quando habilmente a manipulou até que esteve molhada uma vez mais pela necessidade.

— E a luz do dia? — ofegou.

—Em vinte ou trinta minutos, o sol entrara pelas janelas do Leste — disse, fazendo uma pausa sobre seu corpo para indicá-lo.

— O cristal tinto recolherá a luz e banhará seu corpo com um caleidoscópio de cores. Já que eu gosto da luz tingida, não posso fazer menos que te adorar integralmente com beijos reverentes de minha boca.

Ela tragou convulsivamente ante o pensamento, seu pulso pulsava expresivamente em seu pescoço.

—Vinte ou trinta minutos? — perguntou.

— O que faremos até então?

—Praticar certamente.

Ele se deslizou para baixo pelo corpo da Kestra, sua boca se arrastava com veemência sobre a pele em um pendente direto a seus jardins de prática.

Noah despertou, sentindo a estranha desorientação e a letargia que a luz do dia produzia, ainda antes que abrisse os olhos e visse o rocio de cores que ainda coloriam a habitação. Sem entender porque despertou, rodou para sentir Kestra, que tinha dormido enroscada a suas costas jogando com seu cabelo, penteando seus dedos através das ondas e cachos tão ritmicamente que ele logo que havia sentido quando seus dedos se acalmaram antes que ele mesmo se entregou ao descanso.

Ela não estava a seu lado e seu coração saltou um batimento do coração. Incorporou-se, com olhos penetrantes percorreu a habitação. Exalou com força pelo alívio quando a viu de pé ante uma das janelas que iam do chão ao teto, remontando o desenho colorido com um minucioso interesse, pensativa. Seu coração literalmente doeu por ela quando viu seu corpo salpicado de cor, envolta em um lençol de místico colorido, seu lábio inferior firmemente entre os dentes. Deu-se conta de que ainda era meio-dia, o enfoque da luz sobre as janelas do Leste

ainda muito forte para estar em um lugar mais longínquo. Ficou de pé silenciosamente, encaminhando-se para ela e descansando as mãos sobre seus ombros. Ela se recostou contra ele com um pequeno suspiro que parecia muito triste e muito preocupado para sua paz mental. Deslizou os dedos por sua clavícula e por cima de seu comprido pescoço, um gesto calmante enquanto lutava para guardar as perguntas. Não devia apressá-la, nunca poderia esperar que se conformasse com ele e com tudo o que a tinha revelado sem uma dúvida e sem lhe dedicar muita reflexão.

—É tão inteligente — comentou brandamente, rompendo de repente o silêncio e lhe avisando de que era consciente de seus pensamentos, assim como de suas lutas.

— Acredito mais que nada que sua sabedoria e sua segura confiança tiveram um efeito em mim — deslizou um dedo pelo dorso da mão que descansava contra sua garganta.

— Me perguntava como ia explicar-te que isto não está resolvido entre nós, e desperta repentinamente e já está em seus pensamentos a compreensão.

Kestra finalmente girou, elevando o olhar a seus olhos, sua suave expressão ainda séria. Imediatamente ele cavou seu pescoço entre suas mãos, seus polegares acariciavam para trás ao longo da linha de sua mandíbula.

—Não sou tão nobre quando se trata deste assunto e temo cada pingo de sua independência, Kes, mas sou um homem bastante honorável para saber que nunca poderia te reter sem ela. Entende que não espero tudo imediatamente? Só necessito que fique perto, enquanto trato de... — vacilou, revisando suas seguintes palavras.

—Tentar me convencer de que tem razão? — dedicou-lhe um pequeno sorriso sarcástico.

— Há uma linha possessiva dentro de você.

—Isto... — fez um som de frustração, não acostumado a que questionassem a posteriori cada palavra que dizia.

— Quase disse que isto é porque é certo em todos os companheiros Vinculados, mas seria uma verdade pela metade. Tem razão. Sempre fui possessivo e protetor sobre o que considero meu. Estou acostumado a que essas qualidades sejam necessárias em minha vida e meu reinado. Como pode um Rei não sê-lo pelo bem de sua gente? Sim, preocupo-me muito profundamente, e se isto é um defeito, não

posso lamentá-lo. A apatia é a maldição dos que vivem uma vida muito larga, e não descuidarei minhas responsabilidades. Acredito que assim é como uma nação cai no abandono, quando um monarca ou líder já não se preocupa em proteger seu povo como se fora sua família.

—Em realidade posso entender isso. Não te condeno por isso, Noah. Simplesmente não estou acostumada.

—Acredito que devo te advertir, Kes — sussurrou brandamente, inclinando-se para tocar frente com frente, fechando os olhos brevemente.

— A noite do Samhain é esta noite, e é uma noite de extremos com diferença a algo que tenha experimentado, ou provavelmente alguma vez experimentasse. Tem um modo de ampliar tudo o que é maravilhoso, e tudo o que é volátil, em nossas emoções.

—Sei, Noah. Vi suas lembranças. Senti sua dor e sua necessidade.

—Necessidade — riu, mas sem alegria.

— Esta noite aprenderá uma nova definição para essa palavra. Assim duvidarei. - Não disse rapidamente quando sentiu o repentino aumento do batimento do coração. — Tenta não ter medo. Abrace-lhe, faz teu meu poder, então não sentirá medo.

—Um pouco parecido a partir costa abaixo por uma colina nevada e escorregar-se no gelo? O que importa como consegue chegar a baixo? Iria fazer de todos os modos.

Ele riu, beijando seus lábios com cuidado em tributo a seu maravilhoso humor.

—Exatamente algo assim. Esta diferença em uns poucos golpes e machucados no caminho. Mas tratarei de não verte ferida, Kes. Prometi-te não te fazer dano, mas se alguma vez houvesse tal possibilidade no sentido físico, será esta noite. Sou de Fogo, e há coisas muito perigosas dentro de mim.

—Não me assusta o perigo — lhe recordou com um sussurrou enquanto se movia para lhe beijar com doçura.

— E não tenho medo de você. Não fisicamente, ao menos.

—Bem, deveria ter — disse, endireitando-se um pouco com dureza e dando-a uma pequena sacudida.

— Atua tão confidencialmente em questões das que eu não estou tão seguro. Não me subestime. Não esta noite. É a primeira noite, entende-o? É a primeira lua Sagrada que terei contigo, minha verdadeira companheira, e entro nela com uma

consciência penetrante e dolorosa de que seu coração não é meu e que tem medo de me dar isso. - Sentiu que suas mãos rodeavam seus fortes pulsos e olhou além dela, tomando uma profunda aspiração com a tentativa de controlar sua crescente ansiedade.

— Eu sinto. Sonha como se te culpasse, mas não é assim. Entendo suas necessidades, realmente o faço. Só desejo te fazer consciente do que serei.

—Noah, sei quais serão suas necessidades. Mas pode ser tão volátil como você gosta e isto não trocará a essência de quem é. Seu sentido de honra é notável, a diferença de nada que tenha conhecido nunca. Simplesmente não desaparecerá.

—Tem mais fé nisso que eu — disse com uma sincera amargura.

— Teria estado de acordo contigo faz cinco, não... seis dias. Mas depois do que tenho feito recentemente, não posso estar segura.

Kestra sentiu a frase como uma palmada aguda. Não era sua intenção culpá-la, mas ela se sentiu absolutamente igual de responsável. As circunstâncias lhe tinham colocado em desacordo com todos os queridos valores que sustentava. Ele não se sentia culpado, porque não podia lamentar suas decisões, mas realmente sentia o remorso pelas conseqüências de suas ações. Ela o lamentava também, porque suas negligentes ações lhe tinham posto em uma posição insustentável.

—Noah, acaba de me dizer que tinha que abraçar o desconhecido que experimentarei esta noite. Não é igualmente certo para você? Seus próprios medos são os que estão fazendo isto tão difícil para você. — Passou as mãos com doçura ao longo de seus antebraços.

— Não fechei minha mente. De fato, deveria te animar pelo fato de que... — exalou de maneira vacilante, rendia-se porque não estava acostumada a pensar com o coração.

— O fato de que estou disposta a permanecer contigo e aprender se puder... se posso ter o valor que necessitarei para...

—Para me amar, Kestra — disse com impaciência.

— Ainda não pode falar da idéia! — Amaldiçoou baixinho logo que as palavras passaram por seus lábios, liberando-a para assim poder passar as mãos agitadamente pelo cabelo e sufocar a crescente emoção não desejada que lhe atravessava.

— Há um modelo de lógica e honra para você — disse com amargo sarcasmo—, e a escuridão ainda tem horas para jogá-los a rivalidade. — Suspirou quando viu que

ela tinha fixado o nível com respeito a ele.

— Independentemente de tudo que crê em mim durante as horas que se aproximam, Kes, acredita que entendo suas limitações neste caso e realmente me proponho ser tão sensível como necessita que seja para te ajudar a lutar com isso.

— Isto não significa que tenha que ser feliz com a situação, Noah. Não seja tão irracional contigo mesmo. Não há nada de mal em querer a alguém para que te ame. Só sinto que tenha eleito querer a alguém que sente muito pânico quando está frente a um indivíduo que quer seu amor.

Seu pesar era atrozmente agudo em seus olhos e ele sentiu a dor que se entupia em sua garganta. Aproximou-se dela, envolvendo-a em seus braços e abraçando-a tão forte como se atrevia ao amparo de seu corpo. Imediatamente Kestra se sentiu protegida, a sensação a divertiu tanto que riu.

Ela era a que lhe protegia neste momento. Provavelmente seria assim o resto do dia e a noite. Protegendo-lhe destas ondas de poder das que ela não tinha nem idéia, mas como supunha, era naturalmente capaz de conquistar. Ela não tinha medo do desafio. O que viria depois seria o mais difícil.

Kestra tinha aprendido para muito que quando se tratava de coisas comprometidas, uma vida perigosa, o melhor era ficar enfocado no momento e não deixar-se distrair por detalhes incontroláveis. Ela não gostava da idéia de não ter uma opção real no assunto, mas sim também se deu conta de que uma raiva não ia trocar os fatos. Além disso, tinha que confessar que tinha cada vez mais curiosidade sobre esta noite que um ser tão capitalista como Noah parecia temer, adorar e ansiar de repente. Era uma combinação fascinante de expectativas. E sempre se perguntou o que terei que fazer para passar um dia na cama com um grande amante e fazer amor como os coelhos.

Noah estalou em gargalhadas, de repente recordou que ele se escondia ao redor de seu cérebro. Lançou-se para lhe beliscar, mas ele agarrou seus dedos com a mão e os desviou para seus quentes lábios para beijá-los.

— Especula com a mais incrível combinação de pensamentos — disse ele.

— Um minuto extraordinariamente desafiante e filosófica, o seguinte irreverente e raiando a adolescência.

— Mmm, bem, não acredito que queira me criticar pelos pensamentos adolescentes - comentou com um tom bem educado de arrogância. Não deixou trasluzir completamente a calidez que se filtrava subindo por seu braço enquanto

sua boca se esfregava sobre seus dedos e palma. Realmente se aconchegou um poquinho mais intimamente contra ele.

—Estou sob a influência das grandes forças cósmicas - se desculpou ele, com um brilhante brilho de malícia nos olhos.

Contemplou-lhe durante um momento através de suas pestanas, lhe deixando que se distraísse com seu sabor e aroma, sentindo quando isto liberou um calor que gotejou por ele quando percebeu a essência que durante seu ato sexual tinha sido gravado à água forte sobre ambos tão profundamente que quase era permanente. Ela fez igual, inalou a fragrância combinada de sua pele, lenta e profunda, enchendo seus pulmões do aroma embriagador e estimulante. Ela entendia que seus sentidos se aguçavam e excitavam, mas nem pela metade tanto como lhe cheirando em sua própria pele. Não entendia o porquê, só notava como seus sentidos emprestavam atenção. Sentiu que a memória sensorial jogava truques sobre seu corpo, esquentando e zumbindo em lugares profundo quando o aroma trouxe para a memória uma certa carícia, o perfeito golpe de seu corpo dentro dela, seu beijo e língua jogando com malícia em lugares sensíveis.

Começou a perguntar-se se isto era normal ou se ela estava sob a influência de forças cósmicas. Então se questionou por que demônios se preocupava com isso. O que importava?

Ela sorriu em cima dele, elevando uma mão para lhe acariciar ao longo das costelas e a cintura. Estava fascinada pela sensação e a força de sua carne. Seu calor e poder a deixaram invejosa e sem fôlego. Kes moveu pouco a pouco seu corpo para trás para poder deslizar a mão sobre a firmeza de seu ventre. Sentia como seus músculos se contraíam sob seu toque e um repentino beliscão de dentes contra a mão que ele tinha estado beijando. Levantou uma só sobrancelha enquanto elevava a vista para o com intenção maliciosa. Soube que a expressão lhe conduziu à loucura.

—Kestra, realmente preciso dormir em algum momento — a recordou de forma significativa.

— Queimo energia simplesmente falando contigo a esta hora.

—Então, por todos os meios vamos colocar-te na cama - murmurou brandamente contra a forte coluna de seu pescoço, enquanto lhe beijava aparentemente com toda inocência. Ele assentiu, a sombra de sua mandíbula raspou sua bochecha e capturou mechas soltas de seu cabelo.

Noah deixou que lhe agarrasse da mão e lhe conduzisse à cama. Fez-lhe deitar-se e a seguir se luziu ao dar um puxão do lençol que a agasalhava do centro de seus peitos, de repente o tecido verde claro ondeou sem seu impressionante corpo. Colocou um joelho sobre a cama perto de seu quadril e balançou uma de suas extraordinárias pernas sobre ele. Durante um breve momento de êxtase, sentou-se escarranchado sobre ele, assentando o centro de seu corpo contra ele para que estivesse de repente alinhado contra o calor abrasador e os úmidos segredos femininos. Ele poderia jurar que a pequena maliciosa inclusive se esfregava contra ele antes de seguir subindo sobre ele até seu lado da cama. Ela se deslizou sob o cobertor e se aconchegou perfeitamente disposta a obedecer a demanda de sono.

Enquanto isso, seu pequeno baile erótico através de seu corpo quase tinha estabelecido um bom recorde de velocidade em todos os tempos para inspirar um estado completamente rígido de excitação. Nada que pudesse superar ou dirigir facilmente, Noah enfrentava um dilema. Não tomou muito tempo decidir que, neste caso, poderia aceitar a manipulação e não ser vencido. Embora ele quase trocou de opinião quando escutou seu intento de amortecer uma risada feminina de vitória.

Ele cedeu, alcançando-a à velocidade do relâmpago, movendo-a de um puxão sobre suas costas e rodando em cima de seu acolhedor corpo e acomodando-se diretamente na forquilha de suas coxas. Fez-o o suficientemente rápido para ganhar um ofego satisfatório de surpresa ante sua provocação. Em um batimento do coração ele respirava brandamente contra seus lábios e devolvia a carícia deslizante de intimidade com uma mortal precisão na ondulação de seus quadris. Seu ofego foi muito mais poderoso e extremamente satisfatório esta vez, como foi a vazante de calor e o néctar de seu corpo espectador.

—O sol — a exortou brandamente, o timbre baixo de sua voz contra seus lábios, a suavidade se viu empanada por um grunhido leve de prazer—, embora esteja a uma grande distancia da Terra, emite radiação suficiente para alcançar o planeta, banhando-a com o que chamamos luz solar — se moveu descendo por seu pescoço enquanto falava, embora deslizou o engrossamento de sua excitação rapidamente contra ela ao final da frase.

— A radiação é uma das formas mais puras de energia disponível neste planeta.

—OH? — conseguiu dizer ela, depois gemeu quando seus quadris se moveram de novo e a boca baixava deixando um fôlego quente que caía como uma cascata

até seu peito e seu já dolorido e rígido mamilo.

— Enquanto esta energia é melhor absorvida quando um Demônio dorme — seguiu ele, usando uma pausa significativa para colocar seu mamilo na boca, chupando com força e com uma evidente fome antes de liberá-lo. Sentiu sua resposta no som de prazer e a inundação de um calor úmido que se filtrava de seu corpo.

— Para um Demônio de Fogo, macho sobre tudo — acentuou ele, lançando-a um olhar que a fez lançar a cabeça para trás e soltar uma risada gutural.

— Não é do todo impossível para os machos — o acentuou a palavra macho com outro brincalhão escorregão das partes muito masculinas e uma lambida de sua língua— Demônio do Fogo utilizar a radiação do sol para manter um estado acordado — escorregou para acentuar, rápida e feroz chupada, antes que ele trocasse o peso sobre seus braços para estar em cima do peito oposto— durante o dia.

— Isso — ofegou ela—, é fascinante. — As mãos da Kestra por volta de muito tempo que tinham agarrado seus amplos ombros e até agora ela simplesmente acolhia desamparadamente seu discurso e castigo como se fora uma moça muito boa.

— Ele também pode manter um estado de energia mediante o uso desta mesma fonte - disse, sua voz com uma inflexão um pouco áspera antes de assistir ao seio que esperava. Kestra logo que teve um momento para sentir seu sorriso contra sua pele.

— Entretanto — ele penetrou nela com um só golpe, selvagem, forçando-a a inalar profundamente, ofegando pela surpresa. Agarrou-a pelo quadril, inclinando sua pélvis para assim estar totalmente dentro dela. Seu discurso apenas se perdeu pelo impulso.

— Apesar de que esta energia pode ser uma fonte satisfatória de fornecimento necessário... — Noah alcançou seu mamilo quando se esfregou ligeiramente nela outra vez, sentindo prazer com seus grunhidos. Ela estava tão quente como uma forja quando lhe rodeou, e ele facilmente pôde perder-se no êxtase que lhe provocava se não estivesse tão determinado em conseguir seu objetivo. Levantou a cabeça e a sorriu abertamente.

— É melhor para o estado de ânimo de um Demônio e sua saúde recarregá-la utilizando os recursos naturais do sono — uma vez mais se abateu contra seus lábios,

olhando profundamente em seus olhos, que tão abertamente irradiavam satisfação corporal.

— Sobre tudo no dia antes da noite do Samhain. Agora, somente quero me assegurar que me expliquei, Kes.

Kestra assentiu silenciosamente enquanto ele agarrava um ritmo excepcionalmente profundo em seu escorregadio calor.

—Está segura? — suas palavras caíram sobre um gemido quando o hábil ritmo dentro dela encontrou um grupo de músculos flexíveis internos.

— Porque tenho métodos para te ensinar — sorriu momentaneamente destruindo sua concentração quando ela riu histéricamente. Seu corpo se sacudia com cada risada escandalosa, lhe rodeando com um apertão que lhe fez desejar ser um homem muito mais gracioso.

— Minha Kes — sussurrou brandamente antes de apanhar suas últimas risadas tolas com seus beijos.

Suas mãos se deslizaram por seus ombros e em seu cabelo.

—Então, acredito — deu ela com um sorriso— que isto deveria ser rápido.

—Que é o que quiseste desde o começo — observou ele, o olhar recriminador a fez rir outra vez. Ele fechou seus olhos e saboreou a sensação que ondulava sobre ele, fazendo uma pausa em seus impulsos para desfrutá-lo.

—Escutei só um discurso, não uma queixa — precisou ela.

—A queixa virá depois — tirou o sarro, lhe mostrando a mão por detrás e por diante deliberadamente antes de colocá-la sobre seu peito e arrastá-la para baixo por suas costelas e ventre. Ele se deslizou pelos cachos úmidos em busca da carne sensível para jogar, no processo se deslizou em seu corpo, lhe provocando um tremor erótico por sua espinha dorsal.

— Aqui temos — disse sedosamente enquanto encontrava o ponto central que ele procurava e começava a esfregá-lo ligeiramente com dedos seguros—, a raiz do problema.

Kestra corcoveou abaixo dele enquanto um juramento silencioso se estremeceu através dela junto com uma ondulação cegadora de sensações que ele criava. Ao final, tudo soou como se fora uma exalação profunda que rompeu desde sua garganta. Ela procurou um pouco desamparadamente seu fixo olhar, sabendo que estaria aí porque gostava de olhar ao rosto quando a dava prazer.

—Você gosta assim? — perguntou sabendo, apartando seu cabelo umedecido

pelo suor. Ela cabeceou com fúria, logo ofegou quando ele a golpeou com um duplo roce mágico, tão por dentro como por fora. Ele gemeu, quase como se tivesse dor, mas nunca rompeu a cadência de seu robusto corpo. Ela se apertava a seu redor com as chicotadas de tensão e era uma sensação incrível.

— É isto o bastante rápido para você, neném? — um pergunta importante considerando que lhe estava voltando louco. Ela usava suas assombrosas pernas para encontrar cada impulso de seu corpo, chegando com ele em ondas cada vez mais profundas e unidas. Eles foram um todo, uma culminação, quando se uniram em uma viagem de sorte mútua.

—Sim — disse ela ofegando, ensimismada a palavra expressava meia dúzia de sons de alegria.

— Acelera... por favor...

Isto definitivamente não era um problema para ele. Sentiu-a preparada e ele se queimava com sua iminente liberação. Inchou-se dentro dela até que a sensação lhe afligiu. Ele gozou primeiro, uma onda que se estrelou e jogou para frente, só que estava tão quente que ele pensou que a queimaria. Sentiu-lhe explodir como se fora dinamite em seu interior, escutou seus gritos e sentiu os impulsos necessitados de seus quadris quando ele gozou. A culminação de sua pequena manobra a golpeou como uma porrada. Ela não podia respirar, não podia mover-se e logo que podia ver. Arqueou-se para cima, encontrando seus golpes finais e logo realmente gritou quando a crescente maré de sua liberação se arrastou nela com a violência de uns rápidos, partindo-a em dois primeiro com uma, e depois com outra.

Noah se sustentou como pôde em cima dela enquanto o apertão de seu corpo tomava tudo o que ele tinha. Finalmente caiu sobre ela, entre os braços que lhe esperavam, emparelhando seus ofegos enquanto seus corações se estrelavam juntos na união de seus peitos. Ele não era capaz de terminar a brincadeira entre eles, com a formalidade de abraçá-la e dar as boa noite como se eles somente tivessem estado falando do tempo. Ele era absolutamente incapaz de abandoná-la, nem inclusive para liberá-la de seu peso. Mas ela não se queixava. Sustentava-lhe, suas mãos ou em seu cabelo ou acariciando suas costas. Suas pernas ao redor das suas. Enterrado dentro dela ainda, era um abraço tão completo e forte como era mutuamente possível.

Então o Rei Demônio entendeu o poder verdadeiro de um companheiro para sua alma, e porque a natureza eterna de uma Vinculação era tão necessária. Ele se

incorporou sobre seus cotovelos, um alívio de seu peso sobre ela e um modo de olhar abaixo para seus olhos enquanto acariciava seu cabelo com as mãos. Não havia nada como a culminação completa e a alegria sem compartilhá-la com alguém. Todas as coisas mais valiosas da vida eram tão maravilhosas que queria as compartilhar, e se sentiria vazio se ele não pudesse fazê-lo. Bodas. Nascimentos. Mortes. Lucros. Conhecimento. Família. Frustrações. Inclusive as dolorosas amarguras eram coisas essencialmente maravilhosas, dignas de respeito e a coisa mais honorável para ser compartilhada.

“Quero compartilhar minha vida contigo.”

O pensamento estava entre eles antes que ele pudesse censurá-lo. Conteve o fôlego, ficando por fora de expectativas ou desculpas ou qualquer bagagem de lamentos que pudesse ter acompanhado a uma confissão tão profundamente sentida. Temeu havê-la pressionado para que lhe deixasse ou lhe enviasse fora devido ao pânico.

—Noah, estive lendo seus pensamentos durante os últimos cinco minutos — lhe repreendeu brandamente.

— É o pensamento mais belo que nunca ninguém compartilhou comigo — piscou, uma lágrima solitária abandonou seus brilhantes olhos.

— Tem uma alma incrível. Não pode me assustar com tanta honestidade e pureza de sentimentos.

Noah sentiu como seu coração se espremia pela emoção, e se dobrou para agarrar a lágrima sobre seus lábios, entesourando com toda sua alma a aceitação que a tinha provocado. Finalmente, ele rodou com ela, tomando seu peso e calor em seu corpo e assim poder abraçá-la. Queria que ficasse dormindo assim, cobrindo seu corpo, seu formoso cabelo como um lençol suave de linho branco através de seu peito e braço. Ela levantou a cabeça para lhe olhar, silenciosamente procurando seus olhos durante um minuto.

—Então adivinho que isto quer dizer que está... cansado — suspirou com pesar, seus olhos se deslizaram sobre ele um pouco muito sugestivamente.

—Se me está desafiando a fazer o que sei que está pensando, vou ter que...

—me exortar outra vez? — perguntou esperançada.

—Kes! — riu de sua falta de vergonha, sentindo seus lábios sobre o peito enquanto ela tratava de deslizar-se discretamente mais abaixo sobre ele.

— Kestra, tem que pensar a longo prazo — se queixou, embora claramente

indiferente. Ela arqueou uma sobrancelha terrivelmente travessa para ele e ele compreendeu que a exortaria outra vez.

— Kes, vou estar morto antes do anoitecer se não te controlar!

— me controlar? — fez a pergunta lhe acariciando com a gema do dedo que de algum modo se colocou entre seus corpos.

Ele gemeu brandamente, fechando os olhos e cobrindo-lhe com ambas as mãos durante um momento.

— As fêmeas humanas alcançam seu apogeu sexual ao redor dos trinta ou trinta e cinco anos — começou ele, fazendo que ela risse vitoriosamente.

CAPÍTULO QUINZE

Kestra despertou várias horas mais tarde, compreendendo que a escuridão tinha caído e que estava sozinha na cama do Noah. A presença de um par de novas toalhas, muito provavelmente umedecidas, sobre o pé da cama de seu lado, testemunhava que ele já se tomou banho e tinha começado a caminhar através da noite.

Bem, depois de tudo, ele era um Rei. Provavelmente teria muito que fazer. Entretanto, Kes não entendia porque não a tinha despertado. Ou para o caso, porque não seguia dormindo a seu lado, depois de lhe haver devotado o largo bate-papo a respeito da importância do sono para ele. De todos os modos, segundo o que via e sentia, era muito depois do crepúsculo. Provavelmente tinha sido considerado, deixando-a recuperar-se de seus muito duros atos amorosos da manhã.

“E princípios da tarde. “

A recriminação do comentário flutuou dentro de sua consciência, foi incrivelmente bem-vindo e ela riu outra vez. Com todo o ânimo aliviado saltou da cama.

“Acreditava que te tinha abandonado, Kikilia? “

“Momentaneamente,” confessou, rapidamente cruzou a habitação até o quarto de banho e ofegou quando as luzes de gás flamejaram à vida, apesar de que não tinha feito nada para as acender.

Compreendeu que Noah a esperava e as tinha posto a arder por ela. Sentindo-se inexplicavelmente contente, começou a dirigir-se para a ducha.

“Minhas desculpas. Tive um assunto urgente que atender. As festividades do Samhain começarão em breve e queria deixar tudo preparado. De outra maneira, não há nada que tivesse querido mais que despertar a seu lado, como fiz a outra noite. “

Kestra recordou o suave despertar, tendidos juntos, falando, sua mão lhe tocando brandamente as costas, nada na mente dele, exceto sua comodidade e seu cuidado. De repente sentiu a risada que soou luxuriosamente em sua cabeça.

“ Cre isso se você quiser, mas não fui completamente inocente. “

“Agora, acredito nisso. “

Certificou-se de que o pensamento mantivera um tom do mais arrogante. Sentia a quebra de onda de diversão embora ele não risse. Essa conexão era tão notável, pensou com súbita apreciação. De improviso se sentiu afortunada. Quantas mulheres tinham essa vantagem? A oportunidade de ver diretamente na mente de um homem? De conhecer o que realmente estava pensando, sentindo... saber se mentia ou dizia a verdade? Qualquer outra situação em que a tivessem abandonado podia haver-se sentido incômoda e um pouco relegada ao despertar sozinha. Nessa, introduziu-se em sua mente para aliviá-la. E mais, Noah a tinha procurado. Tinha mantido uma parte de seus pensamentos dedicados a ela, indagando em suas necessidades quando despertou. Não havia ainda procurado a resposta dentro de sua mente quando sentiu a incerteza, mas a possibilidade estava aí.

“Neném, os companheiros Vinculados não podem mentir o um ao outro. Nem sequer se sentem obrigados a fazê-lo. A união de nossas mentes é uma das preciosas bênçãos que nos ajudam a nos comunicar facilmente, com amor e menos mal-entendidos. Neste caso, devo te dizer que tome banho e se una a mim no Grande Salão quando tiver vontade. Que no momento devo me centrar em meu trabalho.”

“É obvio. Obrigado por pensar em mim. “

“Sempre estou pensando em você”.

O pensamento era tão incrivelmente agradável que a esquentou durante toda a ducha. Surpreendeu-se ao encontrar todos seus artigos de asseio colocados convenientemente com o passar da penteadeira, ao lado da ducha. Possivelmente surpreendida era uma palavra inadequada. Era justo como todo o resto que ele fazia. Considerado, sutil ao fazer as coisas por sua comodidade, era uma prioridade para ele. Era estranho ter alguém que sempre tinha em conta suas necessidades,

inclusive antes que ela mesma pudesse considerar quais eram. Não estava acostumada às ter em conta. Não estava habituada a preocupar-se com elas.

Era evidente que Noah se preocupava muito por ela.

A idéia a deixou um pouco sem fôlego devido a uma combinação de excitantes emoções. Era bastante parecido a saltar desde, se não havia outra base fixa, um edifício com pára-quedas, e chegar a terra antes que as autoridades te apanhasse. Por outra parte, tinha-o feito duas vezes e nunca se havia sentido tão viva como se sentia nesses momentos. Estava sentada na penteadeira, secando o cabelo com uma toalha, quando se deu conta de que não havia secador. Em realidade, não havia tira de eletricidade. Por outra parte, isso era um castelo. Ainda tinha um sistema de iluminação por gás. Mas a água estava sempre quente. Tinha que ser de algum modo. E a água não funcionava com bombas elétricas?

Sem dar-se conta, tinha tirado as respostas a suas perguntas do cérebro do Noah. Saltou a seus pés, golpeando o assento da penteadeira.

“Nada de eletricidade... jamais? “

Houve um silêncio de vários pulsados e começou a dar toques com o pé em expectativa, as mãos apoiadas nos quadris com impaciência, ainda agarrando a toalha em uma delas enquanto olhava iradamente seu próprio reflexo como se lhe estivesse olhando iradamente a ele.

“Kes, necessito que ponha algo e venha aqui. Agora, por favor. “

A petição era nada menos que uma ordem, não importava que estivesse expressa com suaves palavras. Normalmente, isso a encheria o saco em um estalo, mas havia algo em seu tom que lhe dizia nesse ponto atrás de seu cérebro, que prestasse muita atenção aos detalhes da situação, e deixasse de lado sua reação emocional. Esqueceu seus protestos sobre a falta de tecnologia moderna e se apressou por volta de um de seus vestidos mais singelos, um chinês curto de algodão azul e branco, que lhe dava um ar adolescente, mas era o mais informal, o conjunto melhor conservado que possuía. Cruzou a habitação com os pés descalços, arrojando para trás seu comprido cabelo, em um esforço por colocar-lhe sentindo como imediatamente empapava seu vestido. Seus pés voaram pelo formoso tapete persa que embelezava o corredor do terceiro andar e seguia escada abaixo. Tomou os tortuosos degraus de pedra de dois e três de uma vez, um pendente que se precipitava em vários giros antes que a escada terminasse no salão principal do primeiro andar. Sem um corrimão para agarrar-se, teria saído disparada depois do

último degrau antes de efetuar uma parada. Mas tão logo tocou o chão de mármore, um poderoso braço se estendeu e uma mão a agarrou, detendo imediatamente seu voo com uma oscilação que absorveu a velocidade de seu duro corpo.

—Uh, Noah... acredito que omitiu algo.

Kes elevou o olhar, de um modo impressionante, era um homem loiro gigante cujo cabelo era tão puramente dourado como o seu, puro doce branco. Seu alegre, penetrante olhar verde a avaliou durante um minuto enquanto a afiançava sobre seus pés. Kes o teria agradecido, mas suas mãos sem querer tinham estado sobre seus bíceps enquanto a sujeitava e teve que tomar um minuto para assimilar o maravilhoso e monstruoso tamanho dos músculos. Não era para nada assombroso que a tivesse pego no ar como se não fora mais que uma bolinha de pó. Era enorme.

—Meu agradecimento, Elijah — disse uma voz familiar perto de seu ouvido enquanto Noah lhe acoplava as costas contra seu corpo.

Kestra sacudiu a cabeça com perplexidade. Nunca tinha sido recolhida e sacudida tanto em toda sua vida. Era uma coisa tão extranhamente feminina, ser levantada pelos homens que nunca dedicavam um segundo so a pensar se tinham direito de fazê-lo. Só assumiam que era um privilégio natural.

Kes sentiu o braço do Noah ao redor de sua cintura, mantendo as costas contra seu corpo, a sensação de estar em casa quando se recostou contra ele era tão esmagante que levantou uma mão em uma sacudida explosiva, ocultando o rubor nervoso que ardeu em suas bochechas que nunca se ruborizavam. Foi quando compreendeu que havia mais gente na sala.

Mais bem, mais homens.

Reconheceu imediatamente ao curador. Como podia não fazê-lo? Seus olhos chapeados e as excepcionais cãs nos laterais de seu cabelo. O que era mais importante, parecia ser capaz de ver uma auréola a seu redor agora. Uma névoa de lavanda todo ao redor dele, dedilhada com faíscas de cor como salpicaduras arbitrárias pintadas com aerossol. Uma olhada rápida a outros que a rodeavam e viu que os via normais a todos.

Outro homem, que era mais magro e ainda quase tão alto e amplo nos ombros como Noah, mantinha-se a distância ligeiramente à direita do curador. Apoiava um ombro descuidadamente contra a parede de pedra mais próxima, seus braços estavam dobrados sobre seu peito. Tinha o cabelo negro, marrom ou negro, os olhos faziam jogo. Custava-lhe distinguir a íris de suas pupilas. Tinha um ar de

confiança que insinuava poder justo sob seu tranqüilo exterior.

Em duas palavras, estava em uma sala que era diminuída pelos quatro homens maiores sobre os que alguma vez tinha posto seus olhos. Isso apesar de que ela era de uma altura significativa para uma mulher. De repente se sentiu em uma extrema desvantagem, abraçada por Noah como uma espécie de troféu a loira explosiva e luzindo a peça em seu ridículo vestidinho. Kestra sentiu que o braço de Noah lhe soltava de improviso a cintura e dava um passo rodeando-a. Percebeu uma coceira sobre a pele que começava a reconhecer o que era. Um transbordamento de energia. Um que Noah emitia quando algo lhe incomodava.

De algum jeito lhe tinha transtornado. Sabia sem dúvida nenhuma, embora não entendia como, cruzou os braços por debaixo de seus peitos defensivamente enquanto ele caminhava para o centro do meio círculo que eles tinham formado.

—Kestra, este é Jacob, meu Executor. Detrás de você está Elijah, meu Capitão Guerreiro. Já conhece o Gideon, nosso curador. Cavalheiros, esta é Kestra, minha, nossa última Druida em unir-se a nossas vidas.

—Saudações, Kestra — disse Jacob, apartando-se da parede e aproximando-se para lhe dar a mão em uma saudação que a fez sentir abruptamente em igualdade de condições.

— Um Executor é o que pode ser que chame... polícia. Sou responsável por vigiar aos nossos.

Elijah a deu um toque no ombro e introduziu sua mão entre as suas com entusiasmo.

—Hey, aqui. Tenho que dizer, sinto-me muito contente de te conhecer. Informarei-te, também — acrescentou rapidamente quando viu o cenho de advertência do Noah por cima do ombro dela.

— Capitão Guerreiro quer dizer que sou o chefe de nossas forças armadas, como referir-se a nosso amparo contra os estrangeiros.

—Estrangeiros? — perguntou ela com cuidado, seu olhar atento rapidamente se deslizou para o Noah. Estava de pé rigidamente, não ajudava no mais mínimo.

— Refere a outros Nightwalkers?

—Às vezes. É complicado. Temos uma paz relativamente boa com todas as demais raças neste momento, mas como em qualquer sociedade, nem sempre foi assim. E, certamente, há sempre outras ameaças.

Imediatamente a fez a luz e cuspiu em um tom amargo:

—Humanos.

—Temo que sim — disse com honesto pesar.

—Não me surpreende — disse ela.

— Topei freqüentemente com o lado mais sórdido da humanidade. Não te culpo por tomar medidas de precaução ou ações para te proteger.

—Hey, Noah. Realmente eu gosto! — exclamou Elijah com um sorriso, golpeando-a o ombro com a suficiente força para distanciá-la apesar de que tinha os pés afiançados.

Kestra simplesmente cabeceou para o Gideon enquanto contemplava essa nova informação. Nunca lhe tinha ocorrido que os Demônios considerassem os humanos como inimigos. Instintivamente foi aos arquivos na mente de Noah para a informação, mas se encontrou sentindo-o como se fora uma invasão, já que parecia pouco receptivo nesse momento. Em troca ficou com as únicas lembranças que tinha das interações de Noah com outros humanos. O encontro no apartamento de cobertura da praia. Tinha matado a esses dois homens sem pestanejar. É obvio, também tinham estado enormemente armados com a intenção de matá-la e estaria morta se não...

O pensamento terminou bruscamente e olhou para cima para encontrar-se com os olhos de Noah. Seu olhar fixo era imensamente mais suave essa vez e viu o sutil gesto da mão perto da coxa. Uma calmante pressão de sua mão para baixo. Um sinal de aliviar seus pensamentos e centrar-se no momento. As explicações e a informação podiam vir mais tarde. Precisava-a... queria que permanecesse nesse momento e que não se enredasse em tentar entender as motivações do Demônio.

O grupo se moveu para o escritório que franqueava umas colossais estantes, com igualmente enormes volúmes encadernados em couro empilhados nelas. Duas cadeiras diante do escritório e outra atrás. Simplesmente tinha que olhar a grande comodidade e a madeira antiga da cadeira que havia depois do escritório para imaginar Noah sentado nela durante horas e horas. Os apoios de braço brilhavam como ouro amarelado onde os anos e suas mãos tinham polido a madeira de carvalho maciço. As almofadas, tecido de veludo de púrpura real, tinham a suave palidez do desgaste pelo emprego freqüente.

Noah não rodeou o escritório para tomar o familiar lugar, optou por apoiar-se contra a frente do escritório. Jacob tomou assento despreocupadamente ante ele. O resto se aproximou e ficou de pé como sentinelas, que esperavam que Noah

começasse. O instinto a envolveu, e se moveu para o escritório e se sentou em cima dele, seu quadril perto da mão de Noah. Intercambiaram um olhar, mas nenhum pensamento. A coceira tinha cessado e pôde sentir que ele se acalmou.

—Muito bem, cavalheiros, vamos ver se conseguimos terminar com isto. Todos temos... lugares onde estar e assuntos pessoais. — Noah não tinha querido vacilar a meia frase, como se fora uma espécie de insinuação lasciva entre homens.

Maldita seja. Tinha que dirigir a palavra a sua companheira, a propósito, para que Kes não se sentisse pressionada ante outros. Ainda assim, ela tinha aberto uma greta sobre o de “loira explosiva” nessa dura cabeça dela. Realmente lhe chateou. Em realidade, enfureceu-lhe excepcionalmente. Ao final, depois de uns minutos de ferver, deu-se conta que o carinho sem reservas entre companheiros era uma diferença cultural a que não estava acostumada. Os Demônios eram mais diretos sobre seus companheiros e sua importância. O carinho, e inclusive o terminante reconhecimento sobre onde acabaria tudo depois da celebração do Samhain, era normal. Se Bela ou sua irmã tivessem estado presentes, tivesse-lhes gostado a cada uma ter amor e intimidade de forma mais evidente com seu homólogo masculino que um simples braço ao redor da cintura. Simplesmente era desse modo. Uma maneira, que tentava fazer realidade, e que era virtualmente um conceito alheio para Kestra. Não estava acostumada ao carinho de nenhuma classe. Tinha percorrido uma grande distancia em muito pouco tempo durante seus momentos privados, e tinha que reconhecê-lo.

—Temos o relatório dos Vampiros rebeldes — começou Elijah logo que teve a atenção total, seu tom sensato intimidando bruscamente como conseqüência da personalidade agradável, quase jovial de fazia uns momentos. Kes foi imediatamente consciente que o título de Capitão Guerreiro em contrapartida ocupava uma posição, digamos, de um general americano de quatro estrelas.

— Tristan mandou comunicar a Siena a morte de um jovem Shadowdwellers. Foi encontrado com a garganta destrocada em uma cidade humana. Tristan disse que a investigação subsequente e a autópsia é um desastre. Os canalhas têm exposto aos Dwellers aos humanos de um modo que ninguém alguma vez tinha feito antes.

—Necessita Tristan ajuda para controlar os danos?

—Seu emissário disse que o tinham controlado, mas sabe como vão estas coisas. Quando os inocentes estão implicados, simplesmente não se pode matar a cada um

que conseguiu uma brisa de informação proibida.

— Alguns Demônio da Mente poderiam ajudar — insistiu Noah.

— Apagariam algumas lembranças a curto prazo.

— Tristan disse que o deixava coberto. — O gigante encolheu um enorme ombro.

— Embora, pode oferecê-lo.

— Shala se foi para casa de férias — refletiu Noah, falando do Embaixador Shadowdweller.

— Farei a oferta através dela quando voltar amanhã. Com a esperança de que não seja muito tarde para que seja eficaz para então. — Noah girou para o Jacob.

— Como vai a caça?

Kestra podia dizer que havia uma dor algo sardônico atrás daquela declaração. Essa vez não se opôs a seu impulso. Afundou-se nos pensamentos de Noah e averiguou porque, o lado mais sinistro das Luas Sagradas. O lado onde as cavernas foram bastantes queimadas, pelo controle perdido, leis abandonadas e moralidades desprezadas, e o Executor enviado a cumprir a lei contra sua própria gente. Às vezes, combatendo com eles, o Executor arriscaria sua própria vida em nome do amparo de inocentes, as leis de seu Rei, e os Demônios que transgrediam contra eles mesmos. E depois o castigo retribuído que os Demônios consideravam inexprimíveis. Só tinha vislumbrado essas impressionantes responsabilidades nas sondagens anteriores das lembranças das preocupações do Noah durante as Luas Sagradas dos últimos anos e os mesmos problemas tangíveis que faziam as ações do Executor tão necessárias.

Ainda havia mais informação, um elo de entendimento na remota morte de seu pai, mas sabia que ele voltava a viver cada lembrança e pensamento que tocava nele. Já que não se movia tão silenciosamente por sua mente como ele fazia na sua, não queria incomodar sua calma. A mão de Noah deixou o escritório e a moveu para unir os dedos com os seus. Kestra sentiu a gratidão silenciosa, por isso não podia sentir-se envergonhada pelo pequeno gesto de afeto.

— Não tenho a certeza neste momento, mas tenho uns poucos sinais. Como já sabe, não posso dizer quem é até que seja quase muito tarde. Notei alguns movimentos nervosos e estarei vigiando.

Elijah soprou pela risada.

— Quem cuidará da pequena marota para que você e Bela possam... ah...

mover-se a puxões esta noite?

Os olhos da Kestra se ampliaram e mordeu os lábios em um intento de conter a gargalhada enquanto seu olhar se movia para o austero Executor.

—E suponho que seu pequeno bichano não vai levar a melhor parte esta noite?

— retrucou Jacob, o comentário em parte uma espécie de trocadilho que fora dirigidas sobre a cabeça de Kestra, mas conseguiu agarrar o significado bastante bem.

Olhou com espera ao Elijah.

—Cavalheiros — demandou Noah aos competidores.

— Todos temos múltiplas responsabilidades esta noite. Eu gostaria de tratar de administrá-las com um mínimo de maturidade. Gideon, algo que acrescentar?

—Só isto. Os rebeldes estão matando, não só por alimentação. Não terá que dizer como isto afetará seus poderes. Acredito que deveríamos colocar uma séria advertência ao longo da rede.

—Enviarei a Jasmine para começar a cadeia — disse Noah.

— Algo mais?

Os três homens negaram com a cabeça.

—Fenomenal. Veremo-nos nas festividades. Vamos tratar de desfrutar desta festa.

Kestra sentiu como lhe espremia a mão. Apenas lhe sorriu, entretanto, um corpulento braço a arrastou do escritório e a impulsionou através da sala para a chaminé. Logo que tocava o piso enquanto seguia Elijah. Verdadeiramente não tinha outra opção.

—Então, me conte tudo a respeito de você. É valente, correto? Língua afiada? Está em boa forma para ser uma humana... err... Druida acredito. Isto é um elogio, assim espero que lhe tome assim.

Antes que Kestra se desse conta, estava sentada ante um fogo acolhedor e Elijah tinha arrastado uma cadeira frente a ela de modo que só estava a meio metro de distância. Procurou com o olhar ao Noah, mas estava falando com o Gideon.

—Sempre faz tantas perguntas? — conseguiu finalmente lançar.

—Só em circunstâncias especiais. — Os olhos do Elijah brilharam com humor e era muito contagioso. Sorriu abertamente enquanto ele se inclinava com cumplicidade para frente.

— Minha companheira me deu instruções específicas para averiguar tudo sobre

você, e tenho que dizer que eu mesmo tenho curiosidade. Não te importa verdade? Esperamos todos muito tempo sua chegada.

—Em realidade, sou uma pessoa extraordinariamente reservada — evitou.

De novo seu olhar passou a Noah. Sua expressão escurecida fez que se perguntasse a respeito do que estava falando com o curador.

—Noah, a próxima ocasião que requeira meus serviços, peço-te que atenuie a chamada. Legna encontrou o poder... excessivo. Doloroso. — Gideon tratou de abordar o tema que não tinha tido a oportunidade de debater antes com tanta delicadeza como podia reunir. Uma suavidade que não tinha existido nele e não existiria se não tivesse sido por sua companheira.

Toda a atenção de Noah se voltou para o curador, seus olhos finalmente abandonaram a figura de sua companheira, que estava sendo encurralada do outro lado da sala por Elijah.

—Doloroso? — Tomou um momento para que o Rei Demônio assimilasse a informação.

— Foi machucada? — exigiu saber.

Conhecia o sensível que se tornaram os poderes de sua irmã desde que era companheira de Gideon. Era um capitalista Antigo, e a infusão de seu poder tinha avançado sua capacidade além de seus anos. Até agora, nunca lhe tinha ocorrido que sua dor pudesse machucar a sua irmã enquanto estava em uma longínqua província russa.

—Não foi nada que não pudesse curar. — Gideon de repente fez uma pausa e Noah teve a sensação que o Antigo estava revisando seus seguintes pensamentos. Não era normal que procedesse assim. Gideon era muito franco e contundente. Se se refreava, Legna estava atrás dele.

— Foi verdadeiramente uma façanha para um que não é telépata alcançar essa distância e com tanta... clareza, Noah.

—Legna é um Demônio da Mente. Somos irmãos. Sempre tivemos uma conexão muito forte. Embora admita que estou impressionado também. Ainda não sei quais foram minhas intenções então, Gideon. Atuava por puro instinto.

—E seus instintos são como nada que qualquer de nós possa imaginar — disse o curador.

— Incluso você não entende o completo alcance de suas capacidades. Fostes

Rei em uma idade muito temprana. Vivestes uma vida de refreamento, como requer sua posição. Possivelmente... — De novo uma significativa pausa.

— Estou agradecido de que tenha encontrado sua companheira, mas acredito que seria sábio para você que realmente examinasse o alcance de seu poder, Noah. A sujeição de suas emoções é muito forte, o potencial para machucar a outros é muito grande, se não examinar e te ajustar ao modo em que seu poder cresceu. Durante muito tempo te preocupaste muito de outras coisas alheias a você. Toma este tempo de ajuste a sua companheira para averiguar sua própria intensidade. Só então pode realmente controlá-los.

—Gideon, soa extranhamente a meu Siddah — disse Noah em voz baixa, sem nenhum humor na declaração.

—Sou seu Siddah. Serei seu Siddah até o dia que deixe este plano de existência. Não importa quantos séculos passem, este vínculo nunca se romperá. Quando vejo meus meninos adotivos confusos, não me importa sua idade ou sua posição nesta sociedade. Ensinei-te a abraçar seu poder, sempre sondando suas profundidades para melhorar suas capacidades, e você sempre o fez assim... acredito que até o momento em que seu próprio poder começou a te intimidar.

Os olhos do Noah se nublaram com uma sinistra escuridão, sua expressão e postura se voltaram de pedra.

—Kes está aqui agora, se estivesse intimidado, como diz, então sabe que deixarei de está-lo com o equilíbrio que ela me trará. Perde tempo com conjeturas e preocupando-se por mim, Antigo.

—Faço-o? — Gideon levantou uma sobrancelha chapeada.

— Diga-me, Noah. Quando seu poder incontrolado golpeie a sua companheira Druida, que consequência supõe que terá? — Gideon se transladou de maneira que foi ao lado do Rei Demônio, contra o bordo do escritório. Inclinou-se para falar em voz baixa com ele.

— Tenho um completo controle sobre todas as matizes de meu próprio poder, Noah. Isto só me faz o Demônio mais capitalista na história. E o cargo inclui a forma pela qual minhas capacidades se vinculam a minhas emoções.

- Viu como sua irmã foi afetada pela conexão que temos. Passaram mais de dois anos desde que estamos plenamente Vinculados. Ainda cresce a saltos, ainda luta para compensar este crescimento. Isabella — citou a alguém mais longínquo, não tendo em conta o evidente estremecimento que percorreu ao Rei—, converteu-se

em uma Druida incrível sob o imenso poder de Jacob, mas inclusive agora não pode controlá-lo totalmente. Ao princípio foi esmurrada por suas capacidades. Tomará décadas o compreender só a maneira de atenuar suas premonições.

- Quando sua companheira examinou meus olhos o outro dia, revolveu por toda minha essência em um batimento do coração do coração, sem saber que o estava fazendo. Foi puro instinto. O que seguiu depois de seu primeiro compêndio foi uma capacidade que nunca vi antes, e me surpreenderia bastante se alguma o visse outra vez. Você e seu Fogo podem fazer uso do poder e a energia, pode inclusive tomar a medida quantitativa na leitura de uma aura de energia, mas não pode riscar um esquema preciso dos poderes e debilidades de outro ser como agora pode fazer Kestra. Inexperiente, poderia acrescentar, em todo caso ainda com pleno conhecimento do que ela estuda. O que é mais, sua recente companheira de pleno direito chegou a descobrir dentro de mim o caminho necessário para poder curar a outros na forma astral. Mostrou-me isso, e já comecei a examiná-lo. Não só foi certa, mas também tão arrepiante para um que só tinha sabido de nossa existência muito pouco antes. Assumo que a informação, foi a responsável por sua crise de pânico.

—Não — disse Noah entumecidamente.

— Foi algo mais. Embora possivelmente isto fora em parte o fator que a agravou - admitiu. Então se enfocou totalmente no Antigo.

— Sabia que algo estava passando entre vocês. Inclusive entendi que ficou apanhada no uso abstraído de seu novo poder, e que a tira da medida de um poder é uma parte dessa capacidade. Mas nunca suspeitei nada como este talento de te conduzir inclusive a você a um recurso que não tivesse descoberto. — O Rei olhou para Kestra.,

— Não podia tocar sua mente enquanto procurava tão profundamente dentro de você.

—A comunicação entre vocês é ainda recente. Assumo que já é mais forte do que era então. E aqui voltamos para meu argumento — indicou Gideon em voz baixa.

— Um grande poder requer mais que só um grande controle, Noah. Requer o entendimento e a orientação. Poria um plugue de cortiça na boca de um vulcão e esperaria que a pressão alguma vez se liberasse? Deixa simplesmente de controlar o que teme em você. Faz-o antes que perca a oportunidade de te dirigir com o conhecimento e a mesma sabedoria que usa em todas as outras coisas. Tenha em

conta que isto é inevitável. Agora tem uma companheira a que ajudar, e ela ajudará a você também, mas não lhe permita chegar ao ponto em que possa tocar uma parte de você que não pode ajudá-la a entender porque...

—Porque não o entendo eu mesmo — terminou Noah brandamente por ele. O monarca esfregou a parte de trás do pescoço enquanto acalmava a tensão reunida ali, em um retorcimento doloroso de músculos duros. Olhou para Kestra e Elijah, e encontrou seus impressionantes olhos azuis fixos diretamente sobre ele, a preocupação evidente sobre seu rosto, um pequeno cenho sobre seus bonitos lábios enquanto lançava cautelosos olhares avaliando Gideon. Pela segunda vez nesse dia se encontrou relaxando sob o bálsamo de sua preocupação e o sorriso que lhe dedicou para lhe acalmar. Noah examinou o olhar fixo espectador de Gideon.

— Obrigado, Siddah — disse, inclinando a cabeça em uma reverência bastante formal de respeito para seu velho mentor. O Rei teve um pensamento repentino que enviou sombras sobre seus rasgos.

— Gideon, há algo que não me está dizendo? Algo que deveria saber?

Gideon sabia que não podia vacilar e parecer verídico. Não estava acostumado a mentir, e nunca trairia a petição considerada de Legna de economizar Noah a verdade sobre o dano que lhe tinha causado. Então deu à pergunta sua própria interpretação para satisfazer todas as condições.

—Acredito que te hei dito tudo o que tinha que te oferecer — disse facilmente—. Agora, se me perdoar, sua irmã é bastante inflexível solicitando minha assistência, assim como a do Capitão, nas festividades de Siena para esta noite.

—Te sentirei falta daqui este ano — se encontrou dizendo de repente, Noah. Imediatamente se repreendeu por isso. As férias tinham empalidecido para ele, já que seus amigos e familiares mais próximos estavam dispersos através do mundo para cumprir com seus deveres como companheiros e embaixadores, deveres que freqüentemente tinha pedido que tomassem como seu Rei. Estava determinado para não mostrar nunca seus sentimentos pessoais sobre esse tema, por isso não faria que outros se sentissem em conflito com suas vidas.

— Mas o ano que vem — acrescentou rapidamente com facilidade—, Seth será muito Maior e possivelmente farei um Samhain ou Beltane multicultural, trazendo para todos meus emissários afastados de casa e a seus amigos estrangeiros e suas cortes com eles.

—É uma idéia magnífica — esteve de acordo Gideon.

— Embora duvide que xenófobos Mistrals acudam, não vejo porque os outros Nightwalkers se negariam.

Suspeito que é o momento de participar deste tipo de reuniões. Que a paz e o Destino esteja contigo esta noite, Noah — se despediu, aproximando-se para abraçar Rei.

— Legna e eu estamos contentes de ver sua futura felicidade assegurada com esta mulher — disse, cabeceando para Kestra.

— É forte e inteligente. Uma companheira apta para você. Entretanto, tem enormes cicatrizes emocionais. Será um passo difícil para ambos e lhe desejamos sorte, assim como lhe oferecemos qualquer ajuda que possa necessitar.

—Obrigado, amigo. Dá a Legna e Seth meu amor mais profundo e meu maior desejo de vê-los muito em breve.

—Depois de que a Lua tenha diminuído o bastante. — Gideon sorriu sugestivamente com incomum humor.

— Não acredito que devamos nos atrever a vir até que você e Kestra se conheceram apropriadamente.

Noah riu e sujeitando seu ombro, mandou o curador através da sala para ir procurar Elijah.

Kestra se havia sentido dividida entre as duas conversações, nenhuma das quais requeria uma grande parte de sua participação. Elijah conversava em quantidade de divertidas declarações que compreendeu que se tratavam de brincadeiras dirigidas a Noah a respeito de sua presença e o efeito que prometia ter sobre o estilo de vida de solteiro do Rei. Ao parecer, Noah tinha tomado grandes alegrias em mandar a trabalhar a seus agregados anexos recém aparentados pelas mudanças em seus comportamentos ao ter tomado a suas mulheres em suas vidas. Ou isso é o que sentia Elijah. Ela gostava bastante da maneira de ser aberta do guerreiro, mas não podia desfrutar totalmente disso enquanto estivesse preocupada sobre o que incomodava Noah enquanto conversava com o curador. Sentia-a atirar de sua pele e no sangue, seu coração e espírito, a insistência que de algum jeito ela formava parte de algo ao que lhe preocupava enfrentar-se.

Tinha estado pensando o porquê lhe tinha urgido a baixar antes. Tinha acreditado que algo não ia bem, mas agora entendeu que tinha feito isso para tê-la a seu lado enquanto confrontava notícias potencialmente inquietantes de seus comandantes. Tinha querido que se implicasse, embora só fora para começar a

aprender como funcionava sua monarquia. Embora só fora para conhecer esses homens que significavam muito para ele.

Inclinou-se para frente, utilizando toda sua graça e maneiras para pôr uma cálida e elegante mão no braço do Elijah.

—Sinto te interromper, mas poderia me informar destes rebeldes, estes que mataram ao Shadowdweller?

—Sim, certamente — disse o guerreiro, ainda sem pestanejar, antes que se lançasse a uma explicação a respeito dos Vampiros fora da lei que matavam a outros Nightwalkers para acumular poder bebendo seu sangue.

—Já conheci a Jasmine brevemente, mas qual é seu papel nisto?

—É a conselheira do Damien. Um Vampiro — disse, em caso de que não soubesse—. Recentemente criamos uma rede do Nightwalkers, Vampiros sobre tudo e a estendemos pelo mundo para poder agarrar a qualquer Vampiro que pensasse que era uma diversão ampliar seus poderes. É uma rede recente, não está completa ainda. Nós tínhamos esperado completá-la antes que alguém tivesse bastante tempo para pensar em fazer esta coisa que uma vez esteve proibida.

—Proibida?

—Até recentemente, estava proibido para um Vampiro beber o sangue de um Nightwalker. Era sobre tudo um fator místico, o folclore dos horrores do que passaria a um Vampiro se fizesse tal coisa. Sabiamente, é um método de impedir que esta coisa ocorresse.

—O que trocou?

—Damien tomou como esposa a uma Licântropo e tomou seu sangue. Isto e que nós encontramos uma Biblioteca esconde com grandes e antigas obras que mostravam que os Vampiros tinham feito matrimônios interracialis uma vez, com intercâmbios de sangue incluídos. Parece ser que se sabotaram eles sozinhos em matéria de amor e aos companheiros a alma no processo de frear a ameaça, ao igual fizemos nos Demônios quando sacrificamos aos Druidas faz mil anos.

Kes fez uma pausa de um só pulsado antes que seus olhos se iluminassem com a compreensão.

—Os Druidas estão destinados para ser Vinculados com os Demônios. Destruíram a seus próprios companheiros de alma?

—Sim. Penso que nossos antepassados não eram muito inteligentes.

—Barbáricos é uma palavra melhor. Mas — levantou uma mão—, entendo que

devia ter sido um tempo de barbárie. Então diz que os Vampiros cortaram o acesso a seus próprios companheiros de alma quando criaram o tabu sobre tomar o sangue dos Nightwalkers. Damien fez uma eleição, tomar a sua companheira de alma ou deixar o tabu intacto, correto?

—E escolheu a Syreena, sua companheira — assentiu Elijah e olhou com prazer.

— Todos nos temos desfeito de um montão de tolos prejuízos durante os últimos anos.

—Mas a um enorme preço — assinalou Kes.

—Algo que valha a pena merece que se pague um enorme preço.

—Tenho que estar de acordo.

Ela deu golpezinhos com o pé em uma estranha revelação de suas próprias emoções sobre o assunto. Jogar uma comprida olhada em Noah a fez igualmente legível. Era inconsciente do genuíno prazer que brilhou nos olhos de Elijah. Era o mesmo para todos eles, a alegria quase dilaceradora que sentiram ao saber que Noah por fim tinha encontrado a quem lhe salvaria de si mesmo, quão única realmente podia proteger a seu Rei agonizante de uma vida de solidão e potencialmente de uma vergonha e dor infinitas.

—É uma soldado? — perguntou-lhe de repente, surpreso.

—Por que pergunta isso ? —perguntou ela.

Elijah tocou uma vez o lado de seu nariz.

—Oleo de arma, para começar. A forma de seu corpo é extraordinária para uma mulher humana, posso-o ver. E sei reconhecer a um companheiro guerreiro quando o vejo. A forma em que seus olhos vão à deriva para as saídas com regularidade, a forma em que está sentada para poder observar a todos da sala, e não está sentada relaxadamente para trás, está no bordo do assento como se fosses sair voando no instante em que tivesse que fazê-lo.

—Em realidade, fui marinha uma vez — confessou, outra vez surpreendida por sua honestidade.

—Pareceu-me o curso natural para mim depois... depois de uma infância e uma corrida universitária cheia de atletismo. Fui a Annapolis.

—De verdade? Uma oficial, né?

—Sim. Fui diretamente da escola secundária. Meus pais tinham morrido, por isso pude me comprometer totalmente. Pode ir muito longe se dedicar a você mesmo.

—Por que decidiu sair?

—Vamos, quem diz que escolhi sair? — perguntou com um sorriso.

—Por como te encontrou Noah, Kes. Todos estamos informados disso. Que nesse momento não tinha uniforme.

—Certo — esteve de acordo.

Cada vez estava mais incômoda com sua lógica e sua linha de interrogatório. Por sorte, viu Noah e Gideon apartar-se e encabeçar-se em sua direção. Imediatamente ficou de pé, limpando a mão na minissaia, antes de tomar a que Noah estava oferecendo.

—Nossas desculpas, Kes, mas devemos ir e não nos veremos no festival — disse Gideon gentilmente, inclinando a neblina lavanda de sua cabeça para ela.

Rápido, olhe para meus olhos.

Sentiu Noah olhá-la, mas ela não apartou o olhar de Gideon. Só procurou mantê-la um momento ou dois mais para dar tempo a Noah para abrir caminho para a parte frontal de sua mente.

—Estou muito contente de haver conhecido ambos — disse ela, alargando a mão para sacudir para de cada um deles outra vez, assegurando-se de olhar indistintamente a cada homem antes de liberar.

Kestra ofegou quando ambos deixaram de existir explosivamente ante seus olhos. Noah riu brandamente por sua surpresa.

—É a teletransportação. Minha irmã é capaz de teletransportar-se ela mesma e a outros com o pensamento. Está claro que estava esperando o sinal.

—Viu o Gideon? O que era essa neblina ao redor dele?

—Chama-se aura de poder. Posso vê-la, também. Todos os Demônio do Fogo podem. Ao parecer você também pode.

—Por que ele e ninguém mais? — perguntou, dando-se na coxa com a mão pela frustração.

—Diria que é porque riscou um mapa de seu poder ontem à noite, Kes. Relaxe-te. Assim será durante algum tempo. Felizmente, posso explicar isto.

—Isto? — Rodou os olhos.

— Mas você não vê todos assim, verdade? Porque pessoalmente, conseguiria fadiga visual.

—Posso controlá-lo. Portanto você também pode. Provaremos esta capacidade em outro momento. Necessita da energia para esta noite, e jogar com as

capacidades te desgastará.

—OH, não me diga? — Sua atenção esteve imediatamente sobre ele enquanto a abraçava fortemente a seu lado.

—Mencionei quão condenadamente adorável e atrativa que está com esse vestido?

—Não mencionou nada disso — disse, permitindo-se sinuosamente a si mesma enroscando contra sua dura armadura até que esteve satisfeita e cômoda.

— De fato, estiveste bastante silencioso desde que baixei aqui.

—Tinha trabalho que atender primeiro — lhe recordou.

—Sim, mas não pode evitar sentir que te tinha feito algo que desgostou — disse particularizando.

Não se incomodou no mais mínimo em negá-lo.

—Nesse momento pensava que estava de pé entre nós como se fosse meu troféu loiro. Incomoda-me que tenha estado em minha mente e ainda não te dê conta de que esse comportamento não é parte de meu caráter.

—OH — disse, começando a compreender fazendo-a olhar mais à frente.

— Eu sinto. Foi injusto, sei. — Suspirou brandamente, lhe tocando para rascar um padrão com seus dedos sobre o tecido de seu peito.

— Ainda tenho que te conhecer, mas não é uma desculpa justa. Nunca me destes motivos para te acreditar capaz desse tipo de chovinismo. — Fez uma pausa, absorvendo o calor dele com as gemas dos dedos, que bebiam a pequenos sorvos como se fossem pequenas paletas famintas. Estava tão quente. Sempre lhe sentia assim de malditamente bom. Era quase aditivo.

— Agora também compreendo que tenho que pensar em mim como uma pessoa conectada a você, e me senti um pequeno ponto nulo entre estranhos tão capitalistas ao redor de mim.

—Para ser justa comigo — acrescentou—, tampouco estou acostumada que alguém fiscalize cada um de meus insensíveis pensamentos. Posso ter uma mente muito cínica, às vezes amarga. Um mecanismo defensivo suponho. Adverti-te que não era uma pessoa normalmente agradável.

—E ainda assim expôs umas maneiras e protocolo impecáveis com Elijah nesse momento — respondeu, atraindo-a para frente para roçar seus lábios através de sua franja.

— É um pouco contraditória, não?

—Não estou de acordo. Tudo o que faço é exposto para conseguir algo que quero ou necessito. Sou uma mercenária, recorda? Necessitava a informação de Elijah, e quis fazer uma boa impressão agradável de modo que não percebesse como uma ameaça. Sou uma garota dura, mas não sou o suficientemente resistente para enfrentar a seu próprio Golias pessoal.

Noah se afogou com a risada.

—Ele pode intimidar a primeira vista.

—Intimidar? Assim é como o chama? — soprou sem nenhuma delicadeza.

— É um pit-bull. Compreendeu em segundos que estava treinada por militares, cinco segundos depois tenazmente fez um resumo completo de mim.

—É por isso que é o responsável por meus combatentes. — A Kestra não passou por cima o orgulho sob o humor de Noah.

— Me avise se tenta te recrutar.

—Será o primeiro em sabê-lo assegurou. Sorriu-lhe enquanto deslizava os dedos brandamente ao redor do cinturão de couro de suas calças de montar, eram de piratas tingido de negro fazendo jogo com a camisa de seda negra. Suas botas curtidas e negras tinham sido substituídas por um tecido aniagem completamente negras também.

— Esta noite parece muito ao Príncipe Godo — comentou.

— O cabelo lustroso recolhido em um acréscimo. — Em brincadeira alcançou seu cabelo e ele esquivou seus brincalhões dedos. Ela então beijou a bochecha e esfregou seus lábios ao longo da linha de sua mandíbula, murmurando— Mmm, recém barbeado e loção. Uma sensação da mais suave e um aroma bastante bom. — Riu quando ele colocou uma mão sobre seu rosto e tratou de apartá-la, mas já tinha deslizado suas mãos nos bolsos dianteiros, assegurando-se a seu forte corpo. Derrotado, teve que deslizar as mãos por seu rosto, detendo-se quando lhe beliscou possessivamente o polegar com seus lábios. Ele começou a esfregar seu lábio inferior com um brilho de especulação em seus olhos.

— Alguém pensaria que tem um encontro quente esta noite.

—Realmente tenho um encontro quente esta noite — esteve de acordo.

— Esperam que faça uma aparição no festival.

—Já vejo. Na profundidade de um escuro bosque Inglês — refletiu ela.

— Onde os casais pulam detrás de cada arbusto e árvore.

—Não — a repreendeu, logo lhe sorriu.

—Disse-lhe isso, a brincadeira vem depois do festival.

Kestra fez um pequeno ajuste de suas mãos, procurando através do suave tecido de suas calças enquanto lhe lambia os lábios e, depois seu polegar se aproximou e tocou, seus olhos brilhavam com malícia.

—Toda brincadeira?

Noah olhava a sexy estampa do deslizamento de sua língua enquanto o toque de suas mãos parecia sair de nenhuma parte. Ofegou brandamente, surpreso enquanto os dedos lhe esfregavam desde seus esconderijos. Uma risada silenciosa soou na garganta dela enquanto olhava como se nublava misteriosamente a cor cinza de seus olhos.

—Quero que saiba — disse com dificuldade, fazendo uma pausa para fechar os olhos, quando capturou seu polegar com a boca e devagar o lambeu com a língua, sugou-o com uma sexy provocação. Todo seu corpo entrou em um completo colapso enquanto jogava com ele. Logo que conseguiu completar seu argumento— que requeria que fizesse ato de presença.

Kes deslizou a mão fora do bolso para poder lhe cavar completamente por cima da cremalheira. Fez um suave som de admiração enquanto ele se endurecia sob sua insistente carícia. Suas mãos tinham dado a volta por seus ombros e a apertavam o bastante para machucá-la. Contatou com sua boca e ele imediatamente se aproveitou.

Nesse momento ele esteve ao cargo da agressão. Esmagou com os lábios os seu em um assalto em toda regra. Aprofundou em sua boca violentamente, uma recompensa e um reflexo do fogo que ela tinha aceso com um simples jogo. Ela agarrou sua língua, sugando-a sugestivamente enquanto com a palma fazia pressão na quente ereção sob seu toque.

Noah grunhiu fortemente, incapaz de controlar-se já que lhe arrancou o som por seu hábil jogo. Sentiu-a dar um passo e automaticamente se distanciou sob a pressão de seu corpo. Antes que se desse conta, tinha-lhe apoiado em seu escritório e se enroscou ao redor dele como uma serpente, aceitando seus beijos selvagens com risadas encantadas de estímulo, lhe colocando a mão no traseiro. Podia sentir a prega do disparatadamente curto vestido com a ponta dos dedos. Deslizou a mão por baixo do magro tecido e sentiu o impacto da carne feminina completamente nua que enchia sua mão calorosamente.

—Doce Destino, Kes — ofegou—, não leva nada debaixo deste vestido!

A pequena maliciosa encolheu-se de ombros e pestanejou para ele.

—Tinha pressa.

Escutou-lhe amaldiçoar rotundamente, e irrompeu em gargalhadas ainda quando ele trocou suas posições contra o escritório, assentando-a sobre o bordo e agarrava ambas as coxas para assentá-los nos quadris. Beijou-a ferozmente até que ela ficou sem fôlego para rir, suas mãos se deslizavam por debaixo do vestido com calor e impaciência. Comportava-se como se não a houvesse tocado durante semanas, em lugar de horas e se deleitou com a força de sua avidez por ela. Suas mãos riscaram caminhos ardentes por cima de seus quadris, alguém se acomodou no oco sensível de suas costas, a outra continuou até que agarrou seu peito, amassando a carne com bastante paixão para lhe arquear as costas sobre a mão que a sujeitava.

Noah não queria nada mais que arrancar de seu corpo com um puxão o que ela chamava vestido e devorar cada polegada de sua pele. Não podia acreditar que tivesse suportado uma conversação em uma habitação cheia de homens com o que equivaleria a nada mais que... bem, não podia pensar em uma metáfora nesses momentos. Suas mãos o conduziam à distração.

Em que pese a todo, o Rei Demônio não era nenhum idiota. Era muito consciente dos benefícios do impudico vestuário. Deslizou a mão por debaixo de seu peito, acariciando-a sobre seu ventre até que os dedos se arrastaram entre suas coxas, jogando um jogo retributivo de giros enquanto procurava a sensível e úmida carne.

—Vá, vá, vá — murmurou contra seu ouvido enquanto acariciava as dobras ricas e melosas.

— Alguém esteve pensando em algumas ideias muito excitantes.

—Você saberá — ofegou, sua voz tão baixa e atrativa que fez que o calor se agarrasse a sua virilha como resposta.

Tudo o que fazia parecia desenhado para lhe inchar além de uma capacidade razoável, e lhe doeu com a agradável dor que provocava. Sem mais preâmbulos. Noah deslizou um dedo dentro dela. Ela estremeceu, e elea sentiu de dentro para fora de seu corpo.

—Sabe o que? — disse de repente, tirando seu toque e fazendo-a exclamar com consternação pela privação inesperada.

— Perdoará-me por minha impaciência, neném — sussurrou com veemência

enquanto tirava as calças—, mas escolhe endemoninhados momentos e os piores lugares.

Sua resposta foi assentir energicamente com a cabeça pelo entendimento. Agarrou-a, cavou suas nádegas nas mãos e a arrastou até o mesmo bordo do escritório. Colocou sua palpitante longitude contra ela, fazendo-a ofegar pela sensação desse primeiro toque, com antecipação e excitação tudo ao mesmo tempo. Suas mãos instintivamente se mergulharam no cabelo de sua nuca, seus dedos deram forma a sua cabeça enquanto ele colocou a boca na linha de seu pescoço como se o fora a devorá-la inclusive quando a reclamou. Deslizou-se como o aço fundido contra ela e todo seu corpo tremeu enquanto línguas de fogo a lambiam para dentro desde esse ponto de contato. Sentiu-lhe equilibrar-se contra sua entrada, indevidamente a fazendo cócegas.

Kestra o sentiu vacilar. Conter-se. Fez um som de choramingo como queixa, seu corpo tremia pela apreensão enquanto lhe negava suas necessidades. Então sentiu seu cabelo percorrer sua bochecha quando elevou a cabeça e todo seu corpo com uma quietude mortal. Podia sentir os cabelos da nuca encrespar-se sob seus sensíveis dedos. Retirou-se para lhe olhar o rosto, para saber o motivo de tudo, seu coração se acelerou bruscamente quando viu a expressão de obscurecimento em seu rosto.

—O que ocorre? — perguntou com cautela.

—Problemas. — Olhou-a e embalou sua cabeça entre as mãos, beijou-a com pesar.

— O lamento, neném, mas teremos que terminar isto mais tarde.

—Certamente. — Imediatamente lhe soltou, lhe deixando que se afastasse para recolocar a roupa.

Saltou do escritório, facilitando que seu vestido se deslizasse até seu lugar. Timidamente se esfregou uma mão sobre os lábios machucados, mas era a agitação de seu corpo necessitado o que ao parecer não podia ocultar.

—Kikilia, faz-me o favor de te colocar diante de mim durante um minuto ou dois?

Ela riu, agradecida pela liberação de sua tensão nervosa enquanto se apoiava contra o escritório e puxava dela contra ele.

—Jogando com o troféu loiro? — perguntou.

—Mas bem é ao escudo humano — disse secamente.

— E não meneie o traseiro ou então me ajude...

— Farei tudo o que possa — prometeu.

— E isto é o escudo de Druida — corrigiu rapidamente com um sussurro.

— Como poderia esquecê-lo? — disse brandamente, incapaz de lutar com os sentimentos que lhe rodeavam pela observação que indicava sua aceitação de quem se estava convertendo, em contraposição à parede de terror e raiva torrencial que se aproximava deles do exterior.

Noah não era nenhum empático, mas a energia dessas emoções era algo que conhecia muito bem.

Ambos olhavam para cima quando uma poeirada caiu ao corredor através de uma placa aberta em uma das altas janelas. Jacob se materializou com uma contorção de moléculas de pó, seus escuros olhos abertos com ultraje e os punhos apertados ainda antes que começasse a falar.

— Noah, Benjamim o artesão foi assassinado.

— O que? — o tom de Noah era tão baixo e tão sinistro que de repente Kestra sentiu um frio glacial descer por sua espinha dorsal, ainda quando seu fôlego estivesse quente detrás de seu pescoço.

Apoiada contra ele como estava, sentiu cada músculo de seu corpo em apreensão em uma demonstração de fúria.

— A garganta rasgada, entre outras sádicas feridas. Vi o corpo eu mesmo. — E pelo geral estável Executor em realidade se estremeceu ligeiramente.

— Realmente, foi por acidente, encontrei-o por acaso. Por ser Samhain, mantenho uma vigilância para captar na natureza algo fora de seu lugar, pois a maioria dos Demônios deixam rastros de suas lutas inclusive quando conseguem encobrir-se de mim de outras maneiras. Vi que os pássaros carniceiro e... a matança era recente. Apostaria que foi ontem à noite, justo ante da alvorada.

— Os Vampiros rebeldes — disse Kestra.

— Simplesmente inteligente golpear à alvorada desse modo, quando o Demônio provavelmente estava mais centrado em chegar a sua casa para deitar-se. Iria um pouco descuidado, não prestando verdadeira atenção enquanto marcava o passo contra o sol nascente.

— É exatamente o que pensei — esteve de acordo Jacob.

Kestra tomou nota que o Executor aceitou sua observação como a de um igual, nenhuma indireta do absurdo ego masculino com que geralmente tinha tratado na

sociedade humana.

—Jacob, tem um rastro?

—Para ser honesto, Noah, ainda não me incomodei em investigar. Vim diretamente aqui. Benjamim era um Demônio da Água. Adulto, de nível médio.

—Sabiam que era o bastante capitalista para ter valor, mas como um artesão provavelmente era inexperiente em táticas de combate — refletiu Kestra. Quando ambos os homens a olharam com surpresa, encolheu-se de ombros e lhes dedicou um sorriso sardônico.

— O que? É o que eu faria.

Jacob abriu a boca para falar, mas a fechou com um estalo silencioso.

—É uma larga história, amigo — lhe ofereceu Noah com cuidado.

Apartou a sua companheira, deixando-a a seu lado para assim poder vê-la enquanto ela contribuía na conversação.

—Isto quer dizer que estão sobre nosso território, Noah, durante o Samhain, nosso momento mais débil, mais vulnerável ao igual no Beltane.

- E odeio dizê-lo, mas posso pensar em um só motivo pelo que escolheram a Água.

—Para anular o Fogo, é obvio. — O trio olhou para cima para ver Jasmine de pé no que Kestra tinha que classificar como uma postura de superheroína clássica. Pés cobertos com botas de salto cor borgonha que subia até o meio coxa, calças em tom granada, rodeados e curtos era dizer muito. E um suéter rosa entalhado que deixava descoberto o estômago, de manga larga em uma chocante tentativa de modéstia. As mãos estavam sobre os quadris que se inclinavam para um lado, causando que as gemas e a prata enlaçadas na cintura e unidas ao anel do umbigo captassem o brilho da luz.

— Ou isso é o que gostariam que pensasse. Embora, realmente seu poder não é todo do Fogo não é assim? — meditava em voz alta, ainda quando fora claramente retórico.

— Manipula a energia. Montões de energia. Poderia aplicar um lote sobre eles para dormir assim tal qual! — Estalou duro, o som ecoou na sala.

— Teriam que estar loucos para realizar uma façanha parecida indo atrás de você.

—Não sei, Jas. Se houver um momento que se possa tentar, é no Samhain. Mais a carga suplementar da nova companheira — indicou Jacob.

— Faz-lhe muito vulnerável. — Imediatamente levantou uma mão para Kestra.

— Sem ofender.

— Não... ofensa é do que se trata exatamente isto — respondeu Kestra.

— Querem um objetivo que seja poderoso, inclusive vulnerável. Um a quem podem golpear de maneira agressiva que oponha a mínima resistência ou defesa. A prova está nas vítimas escolhidas até agora. Jovens. Não combatentes. Isto não descreve a Noah, com ou sem mim. Quer saber o que suspeito?

Noah arqueou uma sobrancelha para sua companheira e, apesar da gravidade da situação, permitiu que o prazer e o orgulho crescessem nele, com a esperança de que estivesse lhe lendo a mente nesse momento. Ela fez uma pausa para sorrir ligeiramente antes de continuar, para lhe revelar a resposta a isso.

— Eu gostaria de saber porque o corpo foi abandonado ao ar livre. Sabendo que os pássaros carniceiros estão na região? Conscientes que se um Demônio que faltasse seria procurado? Perdoem-me um minuto se isto parecer insensível com seu amigo morto, mas... por que não lhe queimar? Por que não lhe enterrar? Por que deixaria alguém a matança fresca estendida no caminho?

— Uma armadilha. A armadilha de um caçador. A matança fresca atrai a presa — disse Jacob.

— Acredito que isto é mais que um chamariz — falou de repente Jasmine, encontrando os olhos da Kestra, então Kes pôde ver que começava a entender.

— OH, olhe o que nos encontramos aqui. Zumbir... zumbir... abelhas ocupadas que tratam de entender o que acontece. Enquanto isso, deixou-se um restante saboroso com alguma droga sobre uma parte de carne para que engordemos e afrouxemos enquanto todo o inferno se desata em outra parte.

— E nossos rabos terminam afastados do verdadeiro jogo. — Kes olhou totalmente a Noah.

— Usei este estratagema centenas de vezes. É uma tática clássica de distração. Inclusive os melhores treinados caíram nela pelo menos durante bastante tempo antes de dar-se conta do ocorrido. Olhe o que fez Jacob, por exemplo. Veio direito a você, para levantar um revôo. Sem ofender. — Girou de novo a ele para lhe fazer uma piscada.

— Não o faço — disse, olhando a Noah com uma expressão de puro regozijo.

— Não te ocorre nem por um momento jogar sem esconder suas cartas, independentemente das razões de protocolo, experiência e indignação, se o inimigo

souber o suficiente de você, pode predizê-lo.

—Se houver uma coisa que nós os Vampiros sabemos, é como vingativos são os Demônios ante a morte de um deles — precisou Jasmine.

— O aprendemos durante as guerras.

—Sim, lembro-me que o aprendeu à força de insipidezes — assinalou Jacob com um brilho de arrogância e uma forte injeção com o suficiente humor para acalmar qualquer insulto que a Vampiro pudesse ter percebido.

Subestimou seu humor, embora ela soltou uma risada afogada com bastante facilidade.

—De acordo, então não correremos por toda parte como frangos sem cabeça. Mas como saberemos o verdadeiro objetivo? — perguntou Noah.

—Errôneo — disse Jasmine de repente, cabeceando e sapateando agilmente contra o duro chão de mármore enquanto se aproximava.

— Em realidade, tem que enviar uma grande multidão de frangos. — Sacudiu a escura cabeça ante suas expressões em branco.

— Os Vampiros são telépatas. Se isto for uma armadilha, terão deixado a alguém para que lhes mantenha informados. Se não haver uma reação pelo corpo, cancelarão o assalto.

—Bem, talvez seja a melhor ideia.

—Sim, até a próxima vez quando não tivermos nenhuma advertência absolutamente —rebateu Noah.

— Ao menos esta noite temos uma leve vantagem.

—Não senti a nenhum Vampiro. Saberá — disse Jacob.

—Faria-o? Com todos os poderes dos que se apropriaram, Jacob, saberia? — Jasmine fez uma pausa tamborilando com os dedos sobre a coxa enquanto ordenava seus pensamentos, claramente consciente de que Jacob aceitava seu argumento.

— Algo a respeito disto fede. Conheço os Vampiros. Acreditam que tratar de assediar o inimigo é ilógico. Esta vez não é outra simples matança.

—Isto é um jogo — vislumbrou Kes.

— Apanhe-me se puder. Modus operandi dos assassinos em série.

—Quer dizer que tudo se apóia no gozo por nossa dor e nosso medo — compreendeu Noah, sua mandíbula se apertou brevemente pela cólera quando se precaveu da sádica intenção.

— Jas, que fazemos? São seus irmãos, entenderá-os melhor.

—Técnica de distração. — A morena começou a marcar em seus dedos.

— Conhecimento do inimigo, provocando dor e medo, acreditando eles mesmos mais inteligentes que todo o resto de nós...

—O objetivo menos provável — disse Kes de repente.

— Jas, se fosse um... vale... uh... quero dizer, um Vampiro — se corrigiu, fazendo que todos sorrissem liberando a crescente tensão—, qual seria a última pessoa que alguma vez desafiaria a lutar?

—Refere a parte de Damien e eu mesma? — perguntou com um brilho de ameaça em seus olhos.

— Teria que dizer a Noah.

—É no que pensei em primeiro lugar — disse Jacob com exasperação.

—Espera! Espera. — As mãos da Kestra se agitaram para parar a oratória de outros, o tom de voz autoritário para chamar a atenção.

— Além de quem? - Disse

—A parte de mim, Damien. O Príncipe.

—Por que não lhe perseguiriam eles? — demandou Kes.

—Morte iminente e destruição? — Jasmine soprou.

— Isso e que os Vampiros não ganham poder quando se alimentam de sua raça. Não haveria nenhum motivo. Exceto ganhar a monarquia.

—Seria um motivo, Jas — indicou Jacob secamente.

—Então me explique isto: por que Samhain? Não tem nenhum sentido fazê-lo no Samhain. Os Vampiros não se sentem debilitados por isso. Por que não esperar e juntar mais poder se perseguirem a coroa do Damien? Também temos uma celebração esta noite. O primeiro festival para o Samhain desde que Damien voltou para país. O lugar estará repleto de Vampiros. Seria um suicídio.

—Ou a cobertura perfeita para a tentativa de assassinato — refletiu Kes.

— Conquista ao inimigo em seu território.

—Não. Damien conhece estes descarados. É muito cuidadoso. Assegurou-me isso. Podia sentir Cygnus e a seu grupo em um batimento do coração se entravam no castelo.

—Está segura? Inclusive com todo o poder reunido? — rebateu Noah de volta.

—É Damien, Noah. Damien pode sentir a cada um dos Nighthwalker sobre o planeta. — Fez um som de desgosto pelo menosprezo que percebia sobre as capacidades de seu Príncipe.

Forçou a Kes a perguntar-se se não estaria muito influenciada para ver a verdade.

“Não, tem razão. Damien não é do tipo que se possa evitar quando está alerta.”

—A condição de que esteja em guarda — discutiu em voz alta com Noah, seu pensamento tão irritável que esqueceu tudo sobre a telepatia.

Pela extremidade do olho, Kestra viu Jasmine ficar rígida de repente. Girou a cabeça com força para ela quando apanhou a reveladora reação. Os homens também a notaram, e Jasmine de repente teve todos os olhos sobre ela enquanto seu rosto empalidecia ainda mais do que naturalmente a tinha.

—Ah não. Ah, maldição!

—Jas! — Estalou Noah quando ela fez um movimento como se fora separar.

Deu-lhe as costas, a explosão de fúria em seus olhos escuros, enquanto expunha as presas para o Rei Demônio.

—Sabem que estou aqui e Damien está desprotegido sem mim.

—Acaba de dizer... — protestou Jacob.

—Quadra. Samhain deixa acesso ao castelo, Damien pensa que os descarados estão aqui. Eu mesma lhe pus sobre aviso e lhe fiz que me promettesse que seria precavido! — Jasmine grunhiu, negras chamas ferozes saltavam de seus olhos.

—Jasmine — disse Noah impotentemente —, não entendo seu argumento.

—Sabia que a puta Licántropo seria sua morte! — disse a Vampiro entre dentes com fúria.

— É pela que vão depois do Noah. Pouca ofensiva. Pouca defesa, você disse verdade? — Jasmine se enfrentou a Kestra.

— Fazer ruído em território Demônio e manter afastada a Jasmine do Damien. Mata a Licántropo, obtém seus poderes extraordinários, e são extraordinários inclusive entre sua própria espécie, e tem um dois por um. Damien não sobreviveria à angústia se algo acontecesse a...

—Sua alma gêmea. — sussurrou Kestra.



CAPÍTULO DEZASSEIS

Damien nem sequer quis agarrar ar para suspirar pelo alívio que sentiu quando Syreena finalmente caiu totalmente esgotada pelo sono. Levitou com cuidado sobre a cama, flutuando sobre ela para recuperar um pouco de roupa além da habitação,

com todo o poder, que possivelmente ficava. Tinha estado antes em um dos ciclos de zelo da Syreena, mas esta vez parecia que a incentivava até o limite de sua capacidade. Sinceramente, não podia recordar que a vez passada o corpo lhe doesse tanto. Ela se bastava para desgastar inclusive a um Antigo como ele, pensou com um sorriso carinhoso e uma diversão reprimida brilhou em seus olhos.

Deslizou-se nas calças. Syreena se conduzia por múltiplos incentivos: medo, necessidade e desejo. O desejo era por ele, nem mais nem menos que o que havia sempre entre eles, possivelmente simplesmente com mais frequência. Sua necessidade era por um filho. Um filho de seu amor, um herdeiro para ambos, para cada uma das linhas ao trono de sua raça. Um menino que tinha desejado, e até que eles se encontraram ela tinha acreditado que nunca teria o privilégio de conhecer tal alegria. Ao igual nunca tinha pensado conseguir seu sonho de amar a um companheiro e casar-se.

E o medo era o mais óbvio de todos. Estava aterrorizada de não ter a compatibilidade química que necessitavam. Ele começava a entender que não era o que não fora compatível com ela, mas sim ela fora incompatível com ele. Tinha medo de que sua singular genética, a mutação que tinha sofrido durante sua infância, a impedisse de conceber. Temia ser estéril.

Damien colocou uma camisa de linho e a remeteu pela cintura enquanto jogava um largo olhar a sua adormecida esposa. Compreendeu que muito bem poderia ter razão, e teria que aceitá-lo se era certo. Mas a diferença dela, não sentia a pressão de descobrir a verdade. Amava-a. Queria filhos, estaria bem que fora logo, mas se não era assim estava igual de bem. Não lhe preocupava e não entendia porque ela mesma ficava sob tanta pressão por um zelo fracassado. Não era completamente inaudito, apesar do que queria lhe fazer acreditar. Tinha estado no mundo dos Licântropos o suficiente para sabê-lo.

No momento, entretanto, tinha-a esgotado pelo que esperava fora um par de horas. Era mais que tempo suficiente para fazer uma ronda pelas fronteiras de seu território e depois fazer uma quase aceitável atuação no festival do Samhain na planta baixa, que graças a sua grande audição sabia que estava bastante adiantado. Estaria extremamente zangada com ele quando despertasse e visse que se foi. Mas tão logo lhe encontrasse, poderia levar-lhe longe e atenderia qualquer necessidade que pudesse ter, com todo o amor e atenção para acalmar inclusive seu caráter um pouco arisco.

Também precisava caçar. Isto significava abandonar o território Vampiro e procurar nos assentamentos humanos. Damien procurou calcular o tempo, enquanto colocava os sapatos e se apertava o cinturão. Ainda era cedo e seria capaz de encontrar facilmente uma presa. Então, enquanto se passava os dedos pelo cabelo explodiu o interior da cidadela para procurar fontes de energias específicas. Como esperava, não havia entidades hostis. Haveria as sentido imediatamente, não importavam as férias ou a influência de Vampiros. Por outra parte, a ameaça que não se esperava sempre era a mais perigosa. Para isso tinha Stephan. O líder da Vanguarda estava vigiando os corredores e a celebração da planta baixa com sua meticulosidade habitual. Embora a defesa do lar estivesse pelo geral a cargo de Jasmine, estava muito mais disposta que ele a cercar uma luta com um dos seus, Stephan era mais capaz de fazer frente a qualquer ameaça custasse o que lhe custasse. Damien enviou uma breve advertência telepática a Stephan de que abandonava os aposentos e Syreena necessitava um guarda em sua porta até que voltasse. Uma vez que teve a confirmação de Stephan, deslizou-se na habitação da torre e saiu pela janela.

Para o Stephan nada era mais importante naquele momento que ocupar-se do amparo da mulher do Príncipe. Sabia muito bem que para o Príncipe era crucial seu bem-estar e a segurança de Damien era sempre sua maior prioridade, tanto como o era para Jasmine. O Vampiro de quase dois metros fazia o percurso lentamente entre a multidão, enquanto enviava uma ordem telepática a um de seus tenentes de mais confiança na Vanguarda.

Atraía a atenção como sempre o fazia. Entre seu tamanho e o brilho de seu cabelo loiro, era uma anomalia entre sua própria raça. Por alguma razão desconhecida eles poucas vezes engendravam loiros e a curiosidade atraía a uns e o atrativo a outros. O mais notável era seu tamanho. Ele, como Damien, não tinha essa magreza e quase gasta constituição que era de esperar em sua raça. Era amplo de ombros e peito, sua cintura era musculosa e as pernas eram largas e fortes como os troncos das árvores. Preferia que lhe percebesse por isso. Seu tamanho era esmagante às vezes era toda a força dissuasiva que necessitava quando tratava com aqueles com que lutava.

Por isso não lhe pilhava de surpresa que custasse o que custasse se abrisse um caminho por ali por onde ia, não importava quão apertada estivesse a multidão nos

terrenos comunais da cidadela. Pensou em mandar um segundo guarda aos aposentos da Syreena. Havia muitos Vampiros apinhados, uma grande parte de uma população muito poderosa. Como era de esperar, também havia Demônios e Licântropos mais ou menos pululando. Não muitos, mas mais estrangeiros do que outras vezes tinham assistido às celebrações passadas do Samhain. Suspeitava que era por uma combinação de fatores: os recentes intercâmbios de embaixadores por haver-se aberto as culturas entre si, e o afrouxamento das restrições culturais Demônio que procuravam a novidade extremamente promíscua que acompanhava o Vampiro a que não tinham estado antes expostos. Stephan supunha que, depois de séculos vendo os mesmos rostos repetidamente, seria a causa definitiva para procurar fora a novos.

Sinceramente, se podia julgar por algo a Syreena, os Licântropos tinham um bom instinto sexual entre eles. Igual a dos Vampiros, se não nunca teria pensado em dizer tal coisa os superavam. Não tinha visto o cabelo do Demônio nos últimos quatro dias. Em todo esse tempo, o contato telepático foi a conversação mais larga que tinha tido com ele, à exceção de uma rápida instrução prescrita para que se fizesse cargo da vigilância das fronteiras territoriais até contra-ordem. Supunha que aproveitavam a ausência de Jasmine. A mulher atuava claramente sobre como se sentia sobre o matrimônio de Damien e criava um sem fim de problemas, Jasmine culpava a Syreena por tudo, enquanto que Stephan se inclinava mais por jogar a maioria da culpa em Damien.

De todos os modos não podia queixar-se. Tinha estado bastante aborrecido até o matrimônio de Damien, ainda considerando que tinha ido à terra em três ocasiões durante sua vida até que uma época mais emocionante chegasse. Com toda honestidade, todo o relativo a esta paz era mau para a disposição e a atenção de um soldado. Certamente poderia treinar-se, aprender várias formas de luta, executar os exercícios e tudo isso, mas tinha seiscentos e trinta e três anos. Exatamente quanto pode dedicar uma pessoa a fazer o mesmo, e por quanto tempo, sem ninguém nem nada sobre que exercer as habilidades? Às vezes sentia saudades as épocas de graves guerras. As guerras humanas eram divertidas, Damien sempre tinha desfrutado de uma boa guerra humana e sempre tomava parte da festa do dia. Mas depois de mil anos, Damien se tinha cansado de perder seus companheiros nos campos de batalha e se feito pacifista.

A melhor tinha sido a guerra com os Demônios. Tinha sido um século

maravilhoso para a batalha. Os Demônios eram lutadores extraordinários e uns ardilosos estrategistas. Sua habilidade mais aguda sempre foi a habilidade de discernir os movimentos de seu inimigo e seu plano de ação, um truque impressionante quando os Vampiros eram totalmente telepáticos e os Demônios da Mente logo que tinham começado a surgir então.

Sim, tinha desfrutado na guerra com os Demônios. Só tinha duzentos anos então, um soldado raso na Vanguarda, mas foi assim como ele tinha começado a fazer um nome desde aqueles dias.

A segurança interna dos espetáculos não era seu ambiente. Este era o território de Jasmine, vigiando Damien desde atrás. Ela se parecia com um gato, capaz de sentar-se e observar a sua presa durante horas, só esperando um pestanejo para saltar. Ele o encontrava aborrecido, fazer o mesmo uma e outra vez. Desejava estar fora da rede. Certo, que isto queria dizer caçar independentemente, mas uma batalha era uma batalha, um inimigo um inimigo. Custasse o que custasse, sempre seria leal a Damien. Sua área de especialização era a defesa e a ofensiva contra aqueles com poderes do Nightwalker, e se os Vampiros infringiam a lei começariam a acumular estes poderes para si, ele e a Vanguarda, eram com muito, a melhor solução.

Decidiu enviar um guarda o exterior da torre para proteger o acesso aos aposentos da Família Real até que vissem ou sentissem a volta de Damien. Sentiu-se imensamente melhor saber que agora havia amparo suplementar para a Princesa, e girou sua atenção a outra parte.

Cygnus recebeu a mensagem do momento em que Damien cruzou a fronteira de seu território, para dirigir-se em busca de caça. O Príncipe Vampiro não terminaria o percurso das fronteiras até que se restabeleceu com uma presa, habitualmente decidia não enfrentar-se a qualquer perigo potencial sem primeiro fortalecer-se com o alimento. Era o que qualquer Vampiro faria. E aí tinha sua vantagem.

Esconder-se da Vanguarda não tinha sido nenhuma artimanha fácil, mas verdadeiramente Damien era o único curinga. Nenhum Vampiro poderia reclamar uma habilidade igual em detectar uma ameaça como Damien. Com a exceção talvez de Jasmine. Ela tinha uma estranha intuição, utilizava-a. Mas de todas as maneiras estava em território Demônio, dando tombos sobre a cena do assassinato do

Demônio com o resto que tinha ido investigá-lo e tratar de rastrear a ele e sua equipe. Seu espião nas terras de Noah lhe tinha telepáticamente ao tanto, e sabia que logo iam estar sobre seus passos.

O único risco significativo na Cidadela agora que Damien se foi era Stephan. Inclusive embora o líder da Vanguarda estivesse situado nos primeiros níveis da cidadela pela celebração, estaria em alerta e imediatamente seria consciente de qualquer intrusão. Entretanto, os companheiros do Cygnus estavam preparados para causar uma distração que atrairia Stephan a outra parte. Então ocorreria o ataque, completamente indetectável, antes inclusive de que Damien se ruborizasse com o calor de sua presa.

—Não o entendo! — Kestra jogava fumaça, seguindo seus passos, correndo para seguir precipitadamente Noah, que devorava terreno com pernadas.

—É precisamente o que assinalo, Kes. Não entende. Se compreendesse o poder das criaturas às que nós íamos enfrentar, não te atreveria a expor uma sugestão tão descabelada!

—Detenha e me olhe! — gritou-lhe, ofegando ligeiramente depois do terceiro percurso da escada ao segundo piso e volta atrás. Embora fosse mais por estar furiosa com ele que por agarrar fôlego.

A exigência parou Noah no meio lance da escada, olhando seu rosto, embora não totalmente os olhos, já que seu fixo olhar se nublou com a sombra da longitude de suas grosas pestanas. Terminou tirando a diminuta faca que levava dentro da capa de couro no pulso, enquanto a esperava com impaciência para continuar.

—Obrigada — conseguiu dizer, ainda quando não fora completamente a atenção que tinha querido.

De repente se deu conta que Noah podia ocultar seus pensamentos quando queria. Sua idade, poder e experiência com um Demônio da Mente como sua irmã lhe tinham dado uma vantagem sobre ela. Agora inclusive não podia lhe forçar a revelar seus verdadeiros sentimentos.

—Noah acredito que estive profundamente em sua mente o suficiente para saber exatamente o que te vem em cima. Eu não sou...

—A leitura de uma lembrança e a aceitação de um conceito não é nada como a sensação do ataque, a sensação do poder sobrenatural de um ser comparando-o com o de um ser humano, que, recordo-te, você hereditariamente sempre

compartilhará cinquenta por cento —deu um passo para ela e finalmente fez contato com seus olhos, seu ardente temperamento como uma impressionante parede de emoções quentes que podia sentir contra sua pele e o couro cabeludo.

— Não vem, Kestra, e é minha última palavra sobre o assunto.

Para seu choque e ultraje, girou-se de costas para seguir baixando a escada.

—Sua última palavra? — Seguiu-lhe impetuosamente, a fúria congestionava seus rasgos.

— Isto se parece com as malditas Cruzadas para você? — Exigiu-lhe.

— Crê que vou sentar aqui fazendo... fazendo bordado ou o que seja enquanto faz a guerra, rezando para que volte para casa cabeçudo, pedaço de chovinista?

Deteve-se em seco quando girou para enfrentá-la bruscamente.

—Nem te atreva a me etiquetar de tal maneira! — Rugiu em seu rosto, a rajada de emoções se manifestou em uma explosão quente de ar que a apartou o cabelo e a roupa violentamente para trás.

— Não há mulher entre minha gente que se atreva, ou tenha motivos, para pronunciar tal coisa! Como vou pensar que tem a menor ideia dos inimigos aos que vamos enfrentar quando não pode dominar o entendimento mais simples da personalidade de seu companheiro?

—OH, não sei! — bufou sarcásticamente, as mãos nos quadris, a cabeça inclinada.

— Talvez... mmm... caramba, talvez porque só estive em sua magnífica presença um total de três dias máximo? Dos quais só a pessoa tive acesso a seu duro crânio! Nem sequer me escuta!

—Escutei-te, Kestra. Sua contribuição e sua lógica foram inestimáveis para mim esta noite, e lhe agradeço isso com todo meu coração — ao menos isto o disse com sinceridade, mas não trocou o gesto obstinado de sua boca.

— Mas não virá conosco para combater contra Vampiros bêbados de poder. Não tem modo de te defender, sem ofender, e basicamente seria pouco mais que um fornecimento de sangue andante! Não presenciarei como lhe rasgam a garganta, e não vou banhar-me com o sangue de minha companheira Vinculada!

Em realidade, procurava esta última declaração, e Kestra suspirou quando finalmente o confessou. Alargou uma mão para deslizá-la ao redor de seu musculoso braço, aproximando-se sem fazer caso ao calor que desprendia pelo transbordamento de seu temperamento.

—Noah — disse brandamente, fazendo que ele girasse imediatamente os olhos preocupado, enquanto os olhava diretamente do degrau superior a que ocupava sobre a escada.

— Se for por medo a minha morte ou a que resulte ferida o que motiva suas ações ou raciocínio, então agradeço suas manifestações, mais que menospreza minhas capacidades de confrontar e entender a meus inimigos.

Ele examinou aqueles impressionantes olhos azuis enquanto um delicado tremor percorria seu corpo contra o seu. A agitação e o terror abasteceram de combustível o tremor. Tinha estado fazendo muitas indagações desde que se aproximou dela, já que tinha começado a compartilhar sua mente. Recentemente tinha sido alagado de lembranças de muitas mulheres amadas que tinham sido vítimas da violência. Cada vez que lhe suplicava que a levasse com ele, sentia terror de perdê-la, de encontrar seu antigo cabelo branco esparsos em muito sangue. Então estava o horrível momento, a lembrança que não podia desterrar de sua morte. O canhão de uma arma contra sua cabeça, arrancando a alma de seu corpo enquanto ela mancava e caía sem vida sobre o chão do apartamento de cobertura. Pior ainda, a visão de um violador empurrando uma faca de açougueiro em sua matriz.

Tanto dor e abuso, tanto horror, e não podia enviá-la deliberadamente para expô-la a mais. Expô-la aos seres de um corrupto poder e sua propensão a jogar perversamente com seu alimento antes de matar? Não.

Nunca.

Noah sabia que não era justo que a detivesse responsabilizando de sua incapacidade para fazer frente ao temor de que fora danificada. Depois de tudo, tinha sobrevivido muito tempo, a maior parte ilesa, como uma marinheira, uma mercenária, e uma fanática dos esportes de risco. Tinha recolhido tanta informação em tão pouco tempo, tinha dirigido sem muitos problemas com a disposição mental de um militar inteligente, capaz de entender as forças e as debilidades dos Nightwalkers o suficiente para alcançar os altos níveis de conceptualização e raciocínio.

Tinha razão. Sabia muito bem que estava o suficientemente versada nas formas e meios dos Nightwalkers, capazes de riscar planos inteligentes para e contra eles, decifrando e perfilando sua lógica. Era plenamente consciente do que se enfrentaria se devia terminar rosto a rosto com qualquer Nightwalkers com intenções de inimizades. Mas ainda assim não compreendia plenamente ao que teria que

enfrentar-se esta noite, a imprevisibilidade de quão canalhas fazia esta aventura excepcionalmente perigosa.

A compreensão que tinha de seus inimigos não era a questão, e tinha razão ao denominá-lo atropelo por tratar de obtê-lo. Mas era mais que simplesmente o medo a que resultasse ferida, embora de por si já era bastante para lhe obrigar a encerrá-la como o chovinista que acabava de lhe acusar de ser.

Noah era um ser que procurava a paz por cima de todo o resto. Esta missão era sobre amparo e resgate. Era sobre eliminar uma ameaça. Uma tarefa inoportuna e desagradável, mas necessária.

Kestra estava simplesmente ávida de conflito. Sim, entendia a moralidade da situação e estava no lado correto da questão. Entretanto, embora sua moralidade podia ser firme, suas motivações eram distorcidas. Ela tinha só o pensamento de uma mulher em perigo à mão de uns homens e a possibilidade de vingar-se. Desejava desempenhar o papel de um anjo vingador. Não se dava conta de suas próprias motivações, ou o perigoso que seria dar o gosto.

—Kes — trouxe com força, procurando as palavras que pelo geral lhe acudiam tão facilmente. Onde estava sua fluida diplomacia quando a necessitava tão miseravelmente para aliviar o mal-entendido? Verdade. Era tão difícil dizer a verdade.

— Sim, temo por você — alargou a palma para sua nuca para atrai-la e colocar a frente contra a sua. Suspirou profundamente pelo contato, por alguma razão sentiu alívio.

— Temo que resulte ferida. Desaprovo seus vingativos motivos para querer formar parte disto. E apesar de sua indisputável inteligência e maravilhosas habilidades, não está preparada. Inclusive eu não estou seguro de quantas pessoas escaparão deste conflito com vida.

Ficou silenciosa durante um comprido minuto e levantou a cabeça para poder olhá-la aos olhos. Sua boca tinha um rictus severo, seus olhos separados dele, um músculo se estirava tenso em sua mandíbula. Então seus olhos agudos e tranquilos giraram até encontrar seu fixo olhar e viu a aceitação assentada firmemente dentro das impressionantes tonalidades.

—Estes são argumentos que posso aceitar e entender, Noah. Não me faz feliz que sinta a necessidade de me isolar do perigo, mas posso entendê-lo e também posso trabalhar contigo para superá-lo, quanto ao resto seus motivos são corretos e

lógicos. Só lamento que não tivesse sido honesto para começar e nos tivesse economizado a discussão e o mal-entendido.

—Devo te pedir perdão, Kikilia — disse brandamente—, por meu comportamento. Meus sentimentos têm que melhorar ultimamente.

—Sei — disse com cuidado, enlaçando seus braços ao redor de seu pescoço e colocando-se contra ele. Automaticamente a alcançou para assentá-la comodamente contra ele, embebendo-se de seu aroma e vitalidade.

— Trato de recordá-lo. Tudo é tão volátil ultimamente. Minha cabeça chocalha com tudo isto.

Sua boca baixo à deriva e todo seu corpo se estremeceu com entusiasmo inclusive antes que sentisse seus lábios. O calor avançou lentamente desde seu pescoço ao rosto, esquentando ambas as bocas enquanto ele encontrava seu beijo com um enredo de sabores como de línguas. Isto suspirou ele, é o que deveria fazer hoje. É Samhain e não deveria fazer nada mais que embeber-se devagar nos sabores e o calor de sua companheira.

—Sou Fogo, Kes — disse com um feroz sussurro contra seus lábios—, e estamos no Samhain. É o pior momento inclusive para mim para expor uma batalha. Preferiria estar aqui, enfocando estas paixões dentro de mim para te fazer amor toda a noite até que pedisse que me detivesse. Mas não posso fazê-lo.

—Bem, é obvio que não. Nunca te pediria que te detivesse — respondeu, lambendo seus lábios brincalhonamente enquanto ele ria dela. Entretanto, limpou-se brandamente encontrando seus turbulentos olhos.

— Nunca poderia desfrutar de uma coisa sabendo de que outro homem poderia perder a sua esposa porque egoístamente mantive a meu lado. Não sou esse tipo de mulher. Não te pedirei que não te arrisque.

—Nunca pensei que o fizesse — lhe assegurou.

— Só queria advertir que com a volatilidade do Samhain sobre mim e meu elemento, serei capaz de uns sentimentos e uma brutalidade que nenhum de meus parentes e amigos viram jamais. Mas tenho uma âncora neste mundo para sujeitar meus sentidos e manter meu código de honra que é tudo para mim, e é você. Necessito-te aqui, conectada a mim e dentro de minha mente — se tocou a frente brevemente e com o dedo e deu golpes nela.

— Sua clareza, sua lógica e seu intelecto me guiarão de volta a minha paz mental se ultrapassar minhas emoções — sua mão se inundou na parte de trás de

sua cabeça e a aproximou até que seu ouvido esteve sob seus lábios.

— Você — respirou brandamente em seu cabelo—, é minha ancora a este mundo agora. Esperei-te durante centenas de anos, rezando ao destino para que uma mulher com força e coragem algum dia aplacasse minha alma, aliviasse meu caminho neste mundo e finalmente respondeu a minhas preces.

Kestra se esticou brevemente de seu agarre, mas ao final suspirou com aceitação e absorveu seus febris sentimentos. Tinha tal fé nela, que não era capaz de rompê-la, não importavam os temores que tivesse.

—Sei que teme depender de mim — Noah, riu fracamente em sua garganta e escutou o áspero sarcasmo da ironia.

— A verdade é que sou eu o que depende de você, Kestra. Espero que não seja uma fonte acrescentada a seu medo. Sei que é uma árdua responsabilidade.

—Não tenho medo de você — murmurou brandamente em seu ouvido.

— Pode seguir tentando-o mas não o obterá.

—Mas tenho medo de mim — disse acaloradamente.

— De mim sem você. Não teria agüentado muitas mais Luas Sagradas sem me destruir, carinho. Sei tão certeira como sei quão docemente cheira, sabe e te sinto. Minha vida era uma meia vida antes que entrasse nela — tomou uma profunda inalação estremecendo-se.

— E agora que está Vinculada a mim, minha vida terminará um batimento do coração depois do teu. Aceita-o, Kestra, porque nada nem ninguém poderia suportar a violência de minha dor, se ocorresse. Entende-o, Kikilia?

O coração da Kestra se alojou tão fortemente na garganta que só pôde cabecear contra sua bochecha. Sentiu como se o peito fora arrebentar. Absorvia com gula o ambiente acalorado de suas ferventes emoções. Apertou-a contra seu corpo em um abraço confortável que os selou juntos.

—Simplesmente o diz porque sou boa na cama — ela afogou uma risada emocional.

Noah riu brandamente pelo humor que desativou a tensão, só a abraçou mais estreitamente, obtendo um grunhido de satisfação enquanto o ar saía precipitadamente de seu corpo.

—Logo que tenho suficiente informação para confirma a hipótese — se burlou discretamente.

— Quando voltar trabalharemos sobre isso.

Apartou-se, jogando uma olhada para baixo ao pequeno grupo do primeiro piso que esperava para agradar a seu Rei. Voltou o olhar para ele, alargando as suaves mãos para emoldurar seu rosto.

—Não posso acreditar que vá beijar-te e te enviar à luta como uma heroína romântica antes de uma guerra — suspirou quando ele sorriu, e se inclinou para diante para lhe beijar brandamente.

Noah imediatamente a atraiu mais perto, precisando tomar profundamente o sabor de sua boca, para arrastá-lo a seus sentidos, levá-la com ele, recordar por que estava lutando, e sobre todo porque tinha que retornar.

Quando ela finalmente retrocedeu, ruborizada e sem fôlego, tocou-lhe a frente.

—Toc, toc — sussurrou ela.

Imediatamente, Noah lhe abriu a mente, lhes conectando tão firmemente como pôde. Compartilhando tudo para que pudesse estar com ele totalmente em espírito. Então se girou e baixou o resto da escada, para reunir-se com seus companheiros nesta missão.

Stephan se enfocava com muita dificuldade. E podia dizer porque começava a sentir-se afligido por toda a presença e energia sobre a cidadela. Tudo se convertia em um zumbido constante, indistinguível, sem definição ou clareza. Deu instruções telepáticas aos guardas dos pisos inferiores e rapidamente se moveu para a saída mais próxima. No momento que pôs um pé na fria noite romena, na escuridão e a atmosfera de sua pátria, desfez-se de toda a sensação interior e fez uma respiração profunda de refrescante limpeza.

Afastou-se a passos largos do alvoroço da celebração. Tudo estava bem dentro, tudo protegido, e de todos os modos tinha que explodir o exterior. Tinha que confessar que tinha uma disposição para este lado de suas obrigações. Ar. Escuridão. As estrelas e as montanhas insuflavam vida nele. Sobre tudo, se apartava longe da corte, do castelo e todas as tolices sociais, ali na solidão tinha paz.

E a convulsão de uma entrada sem autorização.

A tensão do Stephan se encaixou a pressão nas cervicais enquanto que girava e se agachava. Havia um intruso no território do Príncipe. Um que considerou inimigo. O redemoinho de poder daninho e corrompido revooou sobre ele como as asas de um enxame de libélulas. O Vampiro se lançou ao ar, voando com uma feroz velocidade longe da cidadela, transmitindo advertências suaves, mas firmes aos

guardas que deixava atrás.

Era um só ser, um que Stephan era mais que capaz de derrotar sozinho, mas não passava nada mau se alertava a outros do problema. O Vampiro loiro correu para o inimigo com uma enorme quebra de onda de entusiasmo que lhe transitava ante a perspectiva da batalha. Assaltou-lhe a vitalidade, a igual poder. Viu seu objetivo imediatamente, escondido nas sombras. O truque de um menino. Stephan aterrisou abertamente com audácia.

—Loiro — impôs, sua voz ressonava e cheia de medo com o convencimento que todos na Vanguarda podiam projetar, mas nenhum tão bem como Stephan.

— Te Adiante covarde e confronta seu destino — Stephan logo que tinha terminado a declaração quando um aroma nauseabundo lhe chegou brevemente pelo frio ar. Era o fedor da corrupção.

Viu agitar as sombras e estreitou os brilhantes olhos, procurando mutretas, mas sem preocupá-lo suficiente por ocultar-se do Loiro. Pensou que o Vampiro mais fraco que tinha desafiado ao trono e as leis de sua gente viria arrastando-se para ele.

—Haverá ordem em nosso mundo — disse Stephan, com tom de voz baixo, compelindo, em busca das debilidades na espinha dorsal do inimigo.

— Sua corrupção deve ser eliminada — fez gestos brandamente, como um sacerdote a um menino penitente.

— Vêem e te limpe.

Houve um assobio e um rangido de arbustos e Loiro tropeçou saindo das sombras. A compulsão nas ordens do Stephan tinha resultado muito forte para ele. Enquanto Loiro dava um passo mais perto, um pequeno bando de pássaros assustados voaram por cima da separação dos dois Vampiros e logo posaram em algum lugar mais à frente do campo de batalha.

—Crêr que é tão especial, tão capitalista — grunhiu Loiro, lutando por acalmar o medo e a compulsão de dobrar-se ante a condenação do destino.

— Incluso a Vanguarda pode cair! — declarou.

—A Vanguarda nunca cairá — entooou Stephan.

—Golpeie-me até a morte e outro florescerá e crescerá, usando meu sangue para alimentar sua alma para a caça — era o lema da Vanguarda, sabia de cor desde fazia séculos e provavelmente quão único realmente sentia apaixonadamente.

—Me alegre que pense assim.

Stephan girou comocionado pela repentina voz a suas costas. Um Vampiro, a quem não havia sentido ali. De repente, apareceu outro e outro, até uma meia dúzia lhe rodearam.

Os pássaros, compreendeu Stephan.

Loiro tinha sido a ceva, e as aves a camuflagem para fazer saltar os dentes da armadilha.

—Assim seja — sussurrou antes que os seis saltassem sobre ele.

CAPÍTULO DEZASSETE

Syreena se achava no pântano do profundo sonho. Tinha passado o primeiro século de sua vida crescendo em um monastério, onde cada qual se ia à cama tarde depois de uma noite de árduo trabalho, e despertava cedo para saudar o crepúsculo. Tinha aprendido a dormir rápido e com força. Damien freqüentemente tirava sarro por sua capacidade de permanecer quase em coma uma vez que se propunha dormir. Tinha-a ameaçado vendo se em realidade podia fazer amor com ela enquanto dormia. Até agora, tinha fracassado.

Assim quando de repente se sentiu sendo arrastada para a consciência, resistiu só parcialmente. É obvio, Syreena estava confundida. Damien claramente necessitava uma boa caça e tendia a separar-se de sua insaciável necessidade sempre que se apresentasse a ocasião. Compreendia-lhe totalmente. Não era de sua raça e não se sentia atraído de maneira entristecedora nesses momentos como o era ela. Embora ele não tivesse nenhum problema em manter o ritmo, também desfrutava dos intervalos quando se apresentava a oportunidade.

Syreena estava de barriga para baixo na cama, a pesada manta de cachemira logo que atirada em cima de seu traseiro. Tinha frio, na torre de sua suíte havia correntes de ar como em outras pelas entradas e as saídas. Destruindo os briosos esforços do fogo que Damien gostava de manter ardendo. Entretanto, não estava o suficientemente fria para suportar o contato gelado que caiu sobre suas costas e traseira com um audaz roce, e que a comocionou desvelando-a com um ofego. Esse era um dos truques mais rasteiros no arsenal de Damien com o que estava acostumado a despertá-la, o frio de suas mãos antes de caçar sobre sua pele naturalmente quente do Licántropo.

Mas inclusive enquanto despertava moveu de um puxão e rodou para apartar a

ofensiva mão, um pequeno som metálico apagado de advertência lhe chegou da parte posterior de sua cabeça. Conhecía qual era o tato de Damien. Conhecía-o como sabia respirar e esse não era o correto. Conseguiu abrir as pesadas pálpebras só um segundo antes de uma pesada mão se afundasse em seu cabelo, recolhendo-lhe em um punho tão apertado que os sensíveis fios se abateram e gritou de dor. Uma segunda mão se deslizou sobre sua boca e teve a sensação de ser violentamente amarrada à cama, mãos e pés, até que não pôde mover-se, logo que podia respirar, e o agarre em seu cabelo a forçava a uma gama visual de uma só direção.

Seu coração lutou com o pânico. Estava desamparada. Com seu cabelo agarrado, suas formas de Licántropo tinham desaparecido. Pela restrição em quatro pontos, sua capacidade de luta era pouca, a não ser inexistente. Quão único tinha era sua jovem disposição de lançar a impressão... a Damien, em qualquer lugar que estivesse. Foi capaz de baixar o olhar para a mão sobre o lado direito, comocionada ao ver que a sujeitava algum tipo de espessa névoa. De fato, todo o chão estava coberto com uma densa névoa. Esse era um fenômeno que tinha visto realizar o marido de sua irmã. Como Demônio do Vento, Elijah tinha o controle de todas as formas climáticas.

Era improvável que ele lançasse um truque tão desumano. Sabia como se sentia sobre estar atada e necessitada, depois de que a Demônio Ruth tinha utilizado a Syreena como meio para vingar-se de Siena e Elijah. Enquanto tratava de formular uma hipótese lógica, sentiu o calor de um fétido fôlego percorrendo-a, brincando em seu pescoço. Seu coração deu um salto quando os caninos raspam sua pele. Tinha sido mordida por Damien mais de uma vez, e sempre tinha sido uma experiência apoteótica, mas essa foi uma sensação tão repugnante que o terror percorreu lentamente por sua pele. Em uma piscada entendeu. Sabia o porquê este atacante tinha vindo.

Queria o que Damien tinha. Queriam o poder de seu sangue.

— Uma moça tão inteligente — sussurrou uma voz em seu ouvido, derramando mais daquele fétido fôlego que percebia seu olfato.

— Uma das coisas pelas que isto resultou tão fácil é por não ter telepatia. Nem sequer pode lhe chamar, verdade? — riu indiferentemente.

— Uma companheira tão apta para nosso Príncipe. Não tem já importância. E

tanto como eu gostaria de jogar, Princesa, devemos ir.

Onde estavam os guardas? Stephan? Como era possível que esse inimigo tivesse sido capaz de entrar na Cidadela, sem importar que pusessem as mãos sobre ela?

—Morto, Princesa. Todos mortos. E embora estivessem vivos já não nos sentiriam a não ser que o desejássemos. Vamos. É hora de dar um pequeno passeio.

Uma aterradora sensação circulou por cima da Syreena lhe pondo arrepiada, como se fosse desfazer-se fisicamente, convertendo-se em uma parte da névoa que a apanhava. Houve uma explosão, depois outra, uma forte entidade que soprou brevemente o ar, logo uma absorção seguida de um estalo que enviou a névoa da habitação em redemoinhos enlouquecidos. Viu repentinamente umas poderosas pernas firmemente diante de seus olhos e procurou com o passar do corpo até que pôde ver o rosto do Rei Demônio.

Ele não disse nada, só lhe jogou uma breve olhada para tranquilizá-la antes que uma bola de fogo estalasse em sua mão, um projétil redondo com a capacidade de um caos meteórico no centro.

—Te afaste dela imediatamente — ordenou, sua voz tão fria como era quente o fogo que sustentava em sua mão.

Noah ficou horrorizado ao ver como o Vampiro estava entre uma fase metade dentro e metade fora de uma forma nebulosa. De todas formas, estava a um fôlego de distância da exposta garganta da Princesa. A névoa a mantinha paralisada e a mão do Vampiro lhe tinha sujeitado fortemente seu cabelo. O Vampiro escolheu uma forma, voltando para um estado sólido, sabendo que se Noah queria podia lhe danificar em qualquer dos estados, mas que poderia nessa forma propulsar-se facilmente para danificar melhor à Princesa.

“Arrancarei sua garganta se piscar, Rei Demônio. “

A voz telepática soou através do cérebro do Noah chiando, e lhe enfureceu que o Vampiro lhe invadissem tão facilmente. Esse era um Antigo. Um que tinha um puro poder Vampiro de grande maturidade. Agora mais que nunca o poder ruborizava a palidez de seu corpo ao ter recolhido as capacidades de outros desafortunados.

Para remarcar seu argumento, o Vampiro se inclinou um milímetro mais perto de Syreena, seus caninos perfuraram sua pele o suficiente para provocar que duas gotas de escuro sangue rodassem lentamente por seu pescoço. Syreena fechou os olhos, uma tentativa inútil de ocultar o agonizante medo quando duas grandes

lágrimas transpassaram suas pálpebras. Noah virtualmente saboreou sua fúria impotente. Essa se incrementou com dimensões vulcânicas quando ela sentiu a revoadada da língua do Vampiro sobre seu sangue, um importante presente só para seu companheiro, agora poluído pela violação.

Para Noah foi como se de repente dançasse sobre uma antiga e profunda questão dentro de seu dolorido coração. O que teria feito se tivesse estado ali, naquele quarto, quando o assassino tinha agarrado a sua mãe primeiro? Como tivesse atirado o castigo se sua frágil vida tivesse pendurado do apertão de uma mente desequilibrada? Aqui o destino lhe dava o que desejava em mãos, e agora tudo o que desejava era rechaçá-lo por algo que apagasse a angústia escrita nas facções da Princesa.

—Entregarei-te à justiça, ou te entregarei ao inferno — advertiu Noah uma vez mais, a rouquidão em sua voz dizia o suficiente para que a Princesa abrisse os olhos e lhe olhasse com as pupilas cinza escuro dilatadas.

Na agonia interminável, viu o perdão cintilar naqueles olhos. Syreena lhe eximia em caso de que falhasse.

—Não pode me tocar — cuspiu o Vampiro.

E assim, desapareceu, a Princesa com ele, de repente a névoa se dissipou ao redor dos tornozelos do Rei. Apertou o punho, rompendo e absorvendo de novo a bola de fogo enquanto rapidamente procurava o ardil. Sua mente e pensamentos davam voltas através da informação e a experiência. Imediatamente foi como tratar com uma meia dúzia de Nightwalkers, um capitalista e frustrante quebra-cabeças. Ao menos com uma só raça havia uma só expectativa, um sistema de regras específico pelas quais esses jogos deviam ser jogados. Esse Vampiro e os que como ele tinham decidido corromper-se eram desenfreados curingas.

Noah procurou na energia, de algum modo estava seguro de que o que não percebia era um encantamento, que ambos se encontravam ainda na habitação apesar de sua incapacidade de vê-los. Viu a impressão do calor do corpo da Princesa sobre a cama abandonada. Inclusive viu a sombra da energia do Vampiro enquanto se inclinava. Mas esses eram os fantasmas do passado e não havia nenhuma sombra no presente. Procurou o calor, a energia e não havia nada no escuro quarto, nem sequer uma luz que indicasse poder.

Jacob se materializou fora do pó, finalmente tomou a forma dentro da habitação onde estava Noah. Haviam-se teletransportado em lados opostos, Jacob

manteve uma forma desagregada para poder ter a vantagem da surpresa se se apresentava a ocasião e também para reduzir ao mínimo o desconcerto por aparecer de repente no aposento do Príncipe Vampiro que poderia ser uma situação muito embaraçosa, embora a tivessem esperado.

Ao ver Noah desconcertado, soube que tinha que renunciar à solidez. Noah cabeceou para o Executor, um sinal silencioso e o Demônio de Terra fechou os olhos, colocou sua alma brandamente no centro de seu corpo, enfocou-se apartando-se dos limites de todas as coisas artificiais e alcançando a beleza natural. Estendeu essa consciência na habitação e na natureza que rodeava a torre na Cidadela, devagar foi ampliando o raio e a intensidade.

De repente lançou um olhar a Noah.

—Rápido. Ilumina a habitação. Com muita luz.

Noah reagiu sem pensar, todo seu corpo irrompeu em chamas tão brilhantes que nenhuma esquina do quarto foi deixada na escuridão, forçando a Jacob a elevar a mão para proteger-se e apesar de tudo se estremeceu. Houve um grito de dor e Jacob e Noah viram como era arrancado do amparo das sombras o Vampiro que tinha arrastado à mulher cativa ao bordo mesmo de um batente, só o cristal profundamente tingido acautelava a fuga. Tinha estado usando o poder roubado de um Shadowdweller de fazer-se, junto com a Princesa, parte das sombras que obscureciam a habitação. Infelizmente para o diabo, também a luz lhe provocava uma extraordinária dor. Tinha absorvido a debilidade com a capacidade. Era uma informação útil da que os dois Demônios tomaram nota.

Noah acendeu todas as tochas que havia no quarto, dispersando as chamas ao redor de seu corpo, roubando do Vampiro qualquer sombra útil. A fila de agudos dentes bicudos agora estavam totalmente sobre a pele da garganta da Syreena, como se o Vampiro fora alimentar-se, inclusive a risco de ficar apanhado ou vencido. Seus olhos completamente abertos passavam com cautela de um Demônio a outro. Noah escutou como o cristal se rachava enquanto o Vampiro apoiava todo seu peso contra ele.

Ameaças à parte, Noah não podia queimar a vil criatura enquanto sustentara a Syreena tão perto. Seria gravemente queimada. A não ser que de algum modo pudesse aproximar-se mais dela, não podia proteger das chamas a um e destruir a outro ao mesmo tempo. Seu primeiro instinto era impedir que o Vampiro ganhasse o ar, de abandonar a habitação, mas se encontrassem uma saída tomando terra, a

capacidade de Jacob entraria em jogo e podia forjar uma grande diferença. O Demônio de Terra podia manipular a gravidade, fazendo que Syreena fora muito pesada para levantá-la, mas isso só enfureceria a seu captor.

Noah se sentiu estendendo-se para contatar com o toque consolador dos pensamentos de Kestra. Tinha um pensamento tão inflexível como Jacob e ele, trabalhando sobre ainda menos informação que a que tinham eles e ela não tinha nada a oferecer. Conformou-se lhe enviando pensamento de apoio e confiança de que ele prevaleceria.

Jacob, estava entupido no mesmo dilema, examinava o inimigo mais estreitamente, com sentidos totalmente diferentes. O Vampiro emprestava, um fedor que os Nightwalkers associavam com as almas corrompidas, pestilentos para aqueles com espíritos limpos. Era o sinal de ter ido contra as leis naturais de sua raça, assassinando a sua presa... assassinando os Nightwalkers para conseguir poder. A classe de corrupção a que Jacob era sensível. Jacob sabia que Noah podia cheirá-lo e como um caçador, sabia que facilitaria a perseguição do Vampiro em caso de que escapasse da habitação.

Um pequeno painel de cristal descolorido saltou de seu marco chumbado quando o Vampiro se inclinou mais e mais forte contra ele. As cores escuras estavam destinadas a bloquear a luz, mas agora faltava o painel, e a luz chapeada da lua cheia se pulverizou podendo ser vista. Jacob contemplava a decomposição molecular do inimigo ou do refém e sabia que sem o benefício do contato, a transformação seria muito larga para evitar qualquer dano que o Vampiro pudesse provocar em breve.

De repente o Vampiro grunhiu e sujeitou grampeando com selvageria os dentes na garganta da Princesa. Ela gritou por debaixo da mão que tampava sua boca. Então, como se ela tivesse estado planejando, esperando o momento oportuno, arrastou seu peso para diante o justo para tocar o chão com os pés... e logo se lançou para trás com toda a força de sua esbelta figura.

Syreena empurrou só o suficiente para enviar seu peso combinado para a janela detrás dela, rompendo o cristal e o chumbo e enviando-se ela mesma e ao ambicioso Vampiro sobre o batente e caindo a chumbo abaixo sobre o afloramento de rochas na base da Cidadela. Noah e Jacob arrancaram detrás deles da habitação, apressando-se para ver a luta do Vampiro durante um minuto por manter seu prêmio antes que compreendesse que era uma loucura. Em um abrir e fechar de

olhos o Vampiro se converteu em um pássaro, sobressaltando aos Demônios com a transformação.

—Mistral — gritou Jacob a seu Rei, e compreenderam que tinha havido outro assassinato sobre o que ainda não se inteiraram.

Só um Mistral podia trocar a um pássaro desse modo, tão rápido, exceto o muito mesmo Príncipe dos Vampiros, que tinha ganhado a agilidade com o sangue de sua querida esposa Licántropo.

Noah se separou de Jacob e foi em perseguição do escuro corvo que passou rapidamente pela coberta dos bosques das montanhas romenas. Jacob se lançou para a desabada Licántropo. Caía como um raio tão rápido e longe dele que não podia agarrá-la, mas ainda assim chegou a modificar sua conexão com a gravidade, seu cabelo agora liberado se derramava por sua pele, finalmente livre a seu movimento natural, e ela estalou na forma de um falcão quase muito rápido para que o Executor a percebesse. Desceu em picada, desafiando à morte escarpada por meras polegadas, mas imediatamente Jacob soube que o perigo não tinha passado. O majestoso pássaro, caiu, e golpeou rodando pelo chão. No momento em que parou, a Princesa estava na forma humana, tombada atravessada sobre o terreno de piçarra ofegando sem fôlego, o sangue bombeava da ferida de sua garganta.

Jacob aterrissou ao lado dela com um derrapagem de suas botas, ajoelhando-se rapidamente para pressionar as mãos sobre o pescoço em uma tentativa de conter o fluxo de sangue.

Kestra estava sentada ante o fogo do Grande Salão, com os pés abaixo dela. Todo seu enfoque estava dirigido para dentro, olhando desamparadamente a luta de Noah por encontrar a vantagem em uma situação insustentável. Sentia cada momento de sua agonia, o pulso doloroso das lembranças de sua mãe que palpitavam em sua garganta e ventre. Era a primeira vez que tinha ouvido antes essas duas palavras entrar em seus pensamentos ou suas ações.

E se...?

E se deu conta de quanta razão tinha ele. Era melhor não tomar esse caminho, porque tudo o que suportava eram intermináveis curvas e giros que não conduziam a nenhum lugar, para voltar ao princípio. Ele preferia viver com o pesar de uma decisão apressada que viver com perguntas de como trocar o inevitável. Sabia devido a sua experiência, agora se entendia, porque tinha permitido que um simples

“e se” lhe acozasse durante mais de dois séculos.

O coração de Kestra se dobrava com um terrível medo. OH, era um homem muito bom. Muito nobre. Muito sábio. Muito inteligente. Muito capaz de amar facilmente a alguém que considerasse digno. Portanto, muito dor pela perda pessoal ao longo de tantos séculos. Fazia eleições que punham fim à vida. Os anos de inútil busca da paz. E, entretanto, amava. Como podia dar de presente de bom grau os pedaços de seu coração, sabendo que podiam ser arrojados longe violentamente? Isso, durante mais de seis séculos de vida?

Quando ela não tinha sobrevivido a duas décadas com a capacidade de amar intacta.

Kestra girou o olhar para as ardentes chamas da chaminé, deixando que o fulgor queimasse suas retinas e a cegasse. A destruição desse sentido a enviou de retorno ao dilema que confrontava Noah. Gritou quando o cristal se rompeu e os corpos caíram, sentiu como a raiva do Rei Demônio se elevava enquanto se lançava à perseguição.

—Me ocorreu que há uma maioria com mais sangue dos Nightwalker que recordar. Assim que me alegro de ver que está facilmente disponível.

A voz veio de perto, não estava nos pensamentos de Noah. Saltou a seus pés, e instintivamente cortou e se distanciou de Noah, enquanto ele se enfocava em sua presa. Para ela não foi diferente que fechar um microfone para ocultar sua posição.

Estava cega pelas enormes manchas de cores que dançavam no centro de sua visão, um efeito de olhar fixamente com muita força o fogo. Mas escutou o suave deslizamento de um sapateio sobre o mármore, o bufo de um fôlego impaciente pelo triunfo, e inclusive o rangido da roupa.

Kestra de repente compreendeu que não tinham seguido a lógica bastante longe. Não tinham considerado um assalto a duas bandas. Não tinham compreendido que havia múltiplos objetivos e ela era um deles. Mas como tinham averiguado os vagabundos Vampiros sua existência?

—Em realidade, querida, foi só casual. Procurava um objetivo ao azar. Mas uma Druida... vamos, isto realmente é um prêmio.

Kes sentiu como o coração se apertava e se estrangulava, martelando dentro de seu peito com uma sensação de desamparo familiar que a atravessava percorrendo-a. Os Vampiros tinham telepatia. Ele tinha uma linha direta a sua alma.

Não! Já tinha sido uma vítima durante muito tempo! Aquela moça tinha morrido fazia mais de uma década! Tinha pago suas dívidas com a carência de amor e afeto, sem que ninguém a tocasse e sem que ninguém se preocupasse se vivia ou morria. Ela mesma se tinha impregnado de óleo para as armas e vivido em barracões de água estancada cheio dos homens mais terríveis do planeta, só para demonstrar que não lhes temia, e não temeria de novo. Tinha sacrificado os pompons e o baile de fim de curso, amigas e amor.

E fazer amor.

Fazer amor. Um ensino simplesmente iniciado, sob as grandes mãos que dirigiam o fogo de muitas maneiras, com tudo isso expressando mais ternura da que alguma vez realmente tinha tido.

Não. Nightwalker ou não, não seria vítima de ninguém. Era hora de pregar com o exemplo. Havia dito a Noah que conhecia seu inimigo, e o demonstraria.

—Então chegaste a assediar o castelo do Rei Demônio? — perguntou brandamente, piscando para que sua visão se esclarecesse o mais rapidamente possível.

— É intrépido, concedo-lhe isso.

Seu adversário riu, e como se usasse um radar o dirigiu sobre ele, o lugar e a posição. A três metros ao nordeste do salão, em frente, levemente afastado enquanto ele examinava seu entorno, o eco de sua voz foi revelador nas esquinas superiores do teto.

—Sua mente é incomum. Desvanece-se e se afasta de minha percepção — refletiu como se se tratasse de um pouco divertido para ele.

— É jovem, apenas um pintinho — acusou e para então Kestra pôde ver sua considerável careta.

Juvenil, magro e muito formoso, era um artifício enganoso de beleza. Entretanto, podia ver a cobiça em seus olhos e sabia que em sua magra figura se ocultava uma grande força. Tinha o cabelo castanho sedoso, uma mecha caía livremente sobre sua frente. Seus olhos a apanharam, e foi outra vez golpeada pela luxuriosa avidez dentro deles. Estava acostumada a isso. Havia-o sentido muitas vezes nos homens que se sobressaíam por algum tipo de poder.

Conhecia essa avidez.

Inclinou um quadril, unindo os braços à costas como se estivesse atada. Foi submissa, e isso permitiu que a plenitude de seus peitos empurrassem fortemente

no vestido infantil. Caminhava com ele enquanto ele se movia para examinar os pertences de Noah, mantendo a mesma distância entre eles quando se movia ou girava, de vez em quando olhando-a como se fora uma fascinante sobremesa sobre uma bandeja. Se era seu sangue ou sua sexualidade o que lhe tentava, não lhe preocupava. De todos os modos balançava brandamente os quadris com cada passo.

—Não me tem medo — notou com surpresa.

—Por que é assim?

—Por causa de quem sou — disse, encolhendo-se de ombros despreocupadamente.

Nesse mesmo momento viu o movimento rápido de seus olhos para a ascensão da prega de seu vestido quando ela fez o gesto.

—E quem é? Quem te abandona aqui desprotegida durante uma noite tão perigosa como Samhain?

—Posso me proteger

Olhou-a outra vez, silencioso e ela se imaginou que tratava de saquear sua mente em busca de informação. A consternação se refletia sobre seu rosto.

—Qual é seu poder?

Boa pergunta, refletiu ela. Não tinha nem idéia de qual era seu poder ou qual seria.

Mas lhe agradeceu que a fizesse recordar.

Fechou sua mente às penetrações esporádicas em seus pensamentos, movendo-se correntemente ao redor do salão até que esteve no escritório de Noah. Casualmente se deslizou em cima, seu traseiro no ponto exato onde Noah tinha começado a fazer o amor com ela. Apoiou as mãos para trás, deixando que as lembranças fossem quão único ocupassem sua mente enquanto deslizava as mãos para trás, foi fechando brandamente a ponta dos dedos sobre um abrecartas de prata.

—Ah! É a mulher do Rei! — Seu acompanhante repentinamente riu com satisfação enquanto abria explosivamente o achado de sua mente.

—Sim. Desde aí minha falta de medo. — E a razão pela que repetia de novo a lembrança de seu interlúdio.

—Mmm, verdadeiramente... deve ter um grande poder para ser a mulher do Rei Demônio.

Kestra cruzou as pernas, subindo-a saia junto com a comissura de seus lábios.

Ele se aproximava, e ela pensava no que teria que fazer depois.

Noah perseguia o corvo duas vezes maldito como uma bola de pura chama, um meteorito cruzava o céu, chamuscando os ramos das árvores e algo em seu caminho. Ia queimar as plumas do bastardo uma por uma. Cuspiria no centro do miserável cadáver e acenderia um fogo para lhe calcinar. O sol do meio-dia pareceria balsâmico comparado com o fogo de sua fúria.

Dentro de uns minutos jogaria com o frenético Vampiro voador, literalmente estava pego a sua cauda. Agora não tinha nenhuma escapatória. Queimaria todo o bosque em um batimento do coração se fosse necessário.

O Vampiro pareceu compreender que estava derrotado na forma roubada do Mistral, e trocou torpemente a sua forma natural, estrelou-se contra a neve e a folhagem entre os onipresentes restos de piçarra rota da montanha romena. O Demônio de Fogo era o Rei dos Demônios possuidor de uma velocidade máxima e bonito também com uma parede de chamas que enjaulava aos dois em um perímetro tão reduzido que o Vampiro gritou e se equilibrou furiosamente sobre o Rei em um último esforço de escapar do calor.

—Por favor! Não me mate! Tenho... tenho informação!

Noah deixou pendurando aos lados as mãos cobertas de chamas, as mantendo acesas em todo momento, e como qualquer chama atraíram a atenção do Vampiro.

—Tenho toda a informação que preciso — disse Noah despreocupadamente, levantando as ardentes mãos.

—Não! Não a tem! Se a tivesse, não estaria aqui! Estaria protegendo sua casa!

A observação enviou um gelado terror através do Rei Demônio como nada mais poderia, bastante capitalista para apagar toda a capacidade incendiária em seu corpo e alma.

—Fala! — disse com a voz rouca. Depois com um rugido violento.

— Rápido!

Inclusive enquanto se dirigia em busca de Kestra, compreendeu de repente que lhe tinha abandonado. Como pôde não havê-lo notado? Estava tão cego pela sede de vingança? Tinha pedido sua ajuda, e sua volátil necessidade de satisfazer a raiva tinha afogado seus gritos?

—Meu irmão se infiltrou em seu castelo como eu me infiltrei no Damien. Buscava-te, ao grande Rei. Um adversário digno. Não esperava que viesse você

mesmo em ajuda de Damien.

—Idiota! — Noah cuspiu a palavra, inseguro da quem ia dirigida.

— Era o que tinham planejado todo o tempo! Idiota!

O bosque explodiu em coléricas chamas.

Jacob se tornou ao chão, apenas a tempo para cobrir à Princesa quando uma onda de fogo agitou a linha de árvores ao mesmo nível suas cabeças, sobre tudo para proteger seu cabelo e que não se chamuscasse. Havia sentido sua chegada e depois de que passou se jogou de cabeça para tratar de ver por que tal demonstração tinha ocorrido. O suor voou de seu cabelo enquanto ficava de joelhos, sentando-se escarranchado sobre a Princesa de maneira protetora. Sua mão ainda tapava as feridas, embora fazia um instante Noah quase tivesse cauterizado algo sangrento. O Demônio da Terra não podia ver nada, não sentia nada exceto a terra quando absorveu os gritos da vida na natureza que o rodeava. O abuso de Noah tinha causado um grande dano tanto à flora como à fauna, e Jacob estava o suficientemente afetado para sentir uma fúria contra Noah como não havia sentido antes.

Girou bruscamente a cabeça, enviando um rocio de transpiração em forma de arco como um halo líquido enquanto procurava entre os matagais ligeiramente queimados. Seus negros olhos se mantiveram em uma prometedor planta que Jacob imediatamente chamou a atenção, conduziu com força uma funda pela terra para assim não ter que deixar sua posição.

Os coagulantes naturais nas raízes da planta ajudariam a salvar a vida da Syreena. meteu-se várias na boca, mastigando os sujos bulbos até que extraiu o suco das raízes. Cuspiu o suspeito unguento na mão, depois cuspiu outra vez para livrar do asqueroso gosto que permanecia na boca, ainda quando lubrificava a mistura sobre a aberta carne do pescoço da Syreena. Como ela sobrevivia com tal ferida estava fora de sua compreensão. Inclusive agora vigiava que seus olhos estavam cada vez mais tempo fechados.

—Syreena, não feche os olhos. Se sucumbir, Damien nunca sobreviverá. Retorna! — Dava golpezinhos com a mão em seu rosto, arrancando-a para a consciencia. Ela tratou de falar, mas não podia, sua danificada garganta rechaçava o trabalho. Mas pelo fogo em seus olhos, adivinhou que lhe teria amaldiçoado de maneira bastante eficiente se tivesse tido voz. Durante os séculos de guerra entre

seus povos, alguns bons epítetos tinham provindo dos lábios dos Licántropos com respeito aos Demônios, e em realidade também ao reverso.

— Sim, sim. Sei — suspirou—, sou o repugnante filho de uma puta Demônio sacana.

Seu humor auto-depreciativo a fez rir, outro passo para a consciência apesar de ser um pouco mais que um fôlego ofegante e um brilho nos olhos.

—Estranho, estava a ponto de dizer mais ou menos o mesmo — deliberou uma voz profunda.

—Executor, importaria-te me dizer por que está sobre minha esposa nua?

Jacob e Syreena se moveram para olhar detrás de Jacob, cujo corpo bloqueava a Damien de ver no estado em que estava Syreena. Damien captou o doloroso alívio nos olhos do Demônio, e a seguir, a toda velocidade o sofrimento de sua mulher. Jacob voou com a força do Vampiro e lhe separou do caminho sem emprestar atenção a nada mais que salvar a Syreena. Damien a incorporou, um rouco som de fúria gorgotejou da garganta quando viu de perto as feridas de sua esposa.

—Doçura — sussurrou.

- OH, meu amor, o que lhe têm feito?

Era uma pergunta retórica. Já estava em sua mente, extraíndo as lembranças, informando-se da verdade. Os olhos se ampliaram, e ela soube que lhe custava um esforço monumental aplacar a necessidade de vocalizar e atuar pelo ultraje que cegava a todo o resto... se não lhe necessitasse tão gravemente. Ela acariciou fracamente com os dedos o lado prejudicado de seu pescoço, seus olhos diziam o que sua voz não podia.

—Não, Princesa, não deve. Está muito ferida. — Mas enquanto a detinha viu os preciosos rios de sangue descender por sua pele nua, encharcando-se e empapando o chão.

As ações de Jacob tinham aliviado o fluxo, mas havia um dano maciço na artéria. Tinha medo que o jorro se parou só porque não havia mais sangue para impulsionar para fora.

Tinha que parar o fluxo, mas não podia cair sobre o pescoço onde já tinha sido mordida. Consciente do Executor que lhe observava com olhos cautelosos, alertas, Damien escolheu o acesso mais próximo à artéria maior em seu corpo. Recostando-a para trás no chão com uma ternura infinita, colocou uma mão na parte traseira de seu joelho, levantou a perna enquanto se curvava para pressionar

um breve beijo como desculpa sobre a rótula. Seus dedos percorreram devagar a suave pele, a intimidade do ato golpeou a Jacob que girou a cabeça e os olhos para um lado. Damien apreciou o gesto quando se viu obrigado a levantar a pantorrilha de Syreena até seu ombro, até dobrar o joelho para enganchá-la a sua clavícula. Jogou uma olhada brevemente a seus olhos maravilhosamente confiados, o pintalgado multicolorido brilhava pelas lágrimas porque sabia que ele tinha medo de fazê-la dano.

Então mordeu na artéria femoral da coxa.

Seus caninos relampejaram acima e abaixo por sua carne, depois se introduziram profundamente no caminho crucial do sangue. Ela sangrou imediatamente, e ele não teve nenhuma opção, só pegar os lábios a sua pele e deixar que o doce calor de seu sangue lhe enchesse a boca. O que tentava fazer era provocar os ancestrais instintos do funcionamento de seu corpo. Só atacando e ingerindo era suficiente para que seu corpo produzira o impulso de golpear de novo. Quando se sentiu chegar a esse ponto, isso foi exatamente o que fez. Uma segunda dentada, igual de seguro e profundo, só que essa vez uma inundação de coagulantes e anticorpos de enfermidades inomináveis tinham sido bombardeados desde seus dentes como o veneno de uma serpente. Entrariam na corrente sanguínea, precipitando-se a todos os lugares onde a pele estava rasgada, e causariam que coagulasse imediatamente, selando todas as feridas de modo que não se perdesse mais sangue.

Jacob só olhou atrás para o casal, quando sua visão periférica captou ao Príncipe inclinando-se sobre sua esposa para poder lhe dar um beijo sobre os lábios extremamente pálidos.

—Necessita sangue e a um curador — disse Damien, a ordem não ofendeu a Jacob porque estava acostumado a majestuosidade da posição do Príncipe e a principal demanda de preocupar-se com sua companheira.

Conhecia o sentimento muito bem.

—Onde posso encontrar a seu melhor curador? — ofereceu-se Jacob.

—Não temos nenhum. Os Vampiros se curam a si mesmos. Que me condenem, deveria ter considerado isto! — Damien se amaldiçoou outra vez, desesperadamente tratando de manter a Syreena acordada percorrendo com a mão seu cabelo.

— Necessita um Monge da Manada. Necessita um curador da corte de sua irmã.

Kestra manteve o olhar sobre o Vampiro que se aproximava. Esperou, lhe querendo mais perto antes de lhe permitir que examinasse seus olhos. Escutou a suave compulsão em sua voz, tratando de acalmá-la e silenciá-la. Era a capa sob a capa, o evidente e o sedicioso. Tinha um pouco de experiência nisso. Sempre tinha recebido o sentido do sedicioso. O apartamento de cobertura tinha sido um exemplo, embora um exemplo pobre, porque esse dia não tinha feito caso a seus instintos.

Enquanto o Vampiro falava e tentava encantá-la como uma cobra em uma cesta, permitiu-se relaxar-se. Sua coação hipnótica não a afetava. Compreendeu que era um ponto forte. Druida ou humana, não tinha importância. Era uma vantagem e a usaria completamente. O porque era um pensamentos que eram melhor estacionar para mais tarde. Embora lhe desse voltas. Parecia ser que era o segundo poder que tinha usado sobre ela, e assim que foi consciente disso, fez-se cada vez mais difícil para ele usá-lo contra ela. Quando utilizou o primeiro, tinha lido sua mente em um estalo. Assim que tinha compreendido o que lhe estava fazendo, tinha tido dificuldades para seguir utilizando a habilidade. Inclusive agora podia ver sua frente franzida lutando por captar todas as idéias às que queria acessar tão vilmente.

Sim. É obvio. Era como estabelecer um ataque. Primeiro detecta a manutenção e logo golpeia. Uma vez que conhece o que sustenta tudo em seu lugar, converte-se em um objetivo fácil de destruir. De repente em uma parte inata dela isso teve sentido, destruiria todas as vantagens que usasse no ataque, uma por uma, debilitando sua posição de poder. Se seguia apagando seus apoios, cedo ou tarde sua vantagem se viria abaixo.

Estava chegando a seu alcance. Tratou de reconciliar esse formoso rosto com a que os Condes Vampiros enganavam aos humanos, embora não queria confiar em algo que não sabia como se fazia. Suspeitava que era capaz de maior velocidade, mas se movia tranquilo como se esperasse que o Rei Demônio nunca voltasse para casa. O pensamento enviou uma onda inexplicável de pânico através dela e teve o impulso de alcançar Noah, ver se estava vivo e a salvo. Calcou o impulso com todas suas forças, enfocando-se uma vez mais, dizendo-se que era ridículo preocupar-se de um ser com tão enormes aptidões como Noah.

O Vampiro se aproximou, e ela pôde lhe cheirar, algo pestilento, como se se tivesse derrubado em rançoso lixo. Tentou não enrugar o nariz pelo desagrado.

Aparecia relaxada, e sabia que se mantinha calma sua mente poderia conseguir uma possibilidade justa contra ele.

—Que tipo de homem, pergunto-me, permite a uma grande senhora estar aqui absolutamente sozinha e indefesa? — a interrogação na conversação era como se a pergunta em si mesma não fora uma ameaça.

—Acredito que havia abundantes guardas apostados fora.

—Refere aos que não estão no festival Samhain? Bem, um tinha a uma moça impaciente sobre os joelhos detrás de um arbusto longínquo. Poderiam ter terminado logo, embora ela parecia algo insaciável. — Olhou-a com lascívia no que ela supôs era uma tentativa remota de encanto.

— O resto foi facilmente enganado pelas sombras e outras coisas pelo estilo. Além disso, os Vampiros não são inimigos dos Demônios. Compartilhamos a festividade antes.

—Não sei muito sobre isso — disse, lançando um suspiro.

— Sinceramente, encontro tudo isto aborrecido. E posso te dizer que não me agrada que me deixem atrás como uma... uma amante mais ou menos sentada à espera de seu senhor e aos caprichos do amo de deixar cair. Alguém por aqui vive na Idade Escura — gesticulou de forma significativa abrangendo o castelo.

O Vampiro riu entre dentes, um som profundo, bonito, também cheio dessa compulsão lisonjeadora para relaxá-la.

Espera... Espera...

Aproximou-se e ela começou a levantar os olhos, dizendo para si mesma toda classe de pequenas preces.

Contato.

Seus olhos se enfrentaram, o brilhante resplendor de suas pupilas abrasaram ao crédulo Vampiro rapidamente, lhe provocando uma impactante imobilidade. Justo nesse momento Kestra sentiu renascer a labareda furiosa de Noah dentro de sua mente. Não fez conta, por medo de causar a ruptura da leve paralisia que mantinha sobre seu objetivo. Funcionava tal e como tinha funcionado com o médico. Imediatamente sua auréola flamejou em sua visão, e logo seus poderes se revelaram por separado. Não entendia de tudo o como e os pequenos detalhes desse poder que ela dirigia, e sabia que era perigoso dirigir armas sem ter experiência, mas não tinha outra opção. Inclusive não entendia totalmente o mapa mental das capacidades do Vampiro, mas nesse momento em realidade não estava

interessada nesses detalhes. Era a paralisia em si o que a interessava.

Sabia pela única experiência com Gideon que depois viriam os defeitos do Vampiro, as debilidades e as portas traseiras, para evitar cada uma de suas habilidades. Então sentiria o impulso de riscar um mapa de cada poder com a precisão dos melhores cartógrafos. Isso foi o que rapidamente a tinha esgotado e não queria que acontecesse. Necessitaria toda sua força, cada onça dela. Teria que interpretar, assentar-se rapidamente de novo em sua própria mente e corpo, e tomar medidas antes que saísse de sua paralisia.

Debilidades. Estava armada com a mitologia humana como o estaria qualquer que tivesse visto uma meia dúzia de filmes sobre Vampiros, mas não havia uma imediata morte por estaca no coração para os de sua espécie. Inclusive o sol não lhes matava a toda pressa. Queimava-lhes e ardiam sem chama, como um forno a baixa temperatura, tomando-se horas antes que finalmente isso os reduziria a cinzas.

Mas podia forçar aos Vampiros a uma letargia. Requeria uma perda maciça de sangue em um período curto de tempo. Se um Vampiro perdia muito sangue e muito rapidamente, teria que avançar lentamente sob a segurança da terra para restaurar sua saúde, um sono forçado de morte que lhe permitia com o tempo curar-se das feridas mortais.

Também, a decapitação e cortar em pedaços o coração bastariam para matar a um Vampiro. Mas já que não encontraria uma faca de açougueiro a tempo, duvidava que fora a encontrar solução em qualquer dessas rotas. Acreditava que teria somente um único tiro, enquanto estivesse inconsciente e nesse estupor. A certo nível sabia que uma vez que a dor entrasse em ação, o Vampiro se liberaria de seu cativeiro. Sentia a Noah, uma pequena presença mas de grande alcance, esperando e olhando, seguindo seus pensamentos e contendo a respiração.

Kestra saltou do escritório e se estrelou contra o Vampiro em um só movimento, arrastando ao aturdido Nightwalker ao chão de mármore. Sua cabeça se rachou nos azulejos com um ruído surdo e repugnante. Logo que tinha tido uma indicação do que ia passar quando viu o brilho da luz da luz sobre o abrecartas prateado que ela levantou bruscamente no ar. Ele pensou, algo bobamente, que a prata era uma debilidade Licántropo. A não ser que...

A não ser que o afiado objeto fora empurrado com infalível exatidão e força lhe impactando no suave abdômen para cortar a aorta que discorria pelo centro de seu

corpo. Era uma manobra muito eficaz. Não se sangraria até a morte em um minuto ou dois como o faria um humano normal, porque a sua idade não havia nenhum batimento de coração nele que apressasse o processo, mas cedo ou tarde terminaria fazendo-o.

A vaza de Kestra estava em permanecer a salvo até então.

O Vampiro não gritou até que ela já esteve incorporada e o dano mortal feito. Correu como se os sabujos do inferno a perseguissem, irrompendo fora do castelo e nos jardins, sentindo-se de repente desorientada.

“Agora vai à direita, reto, à esquerda... direito.”

Pensava que as instruções eram diretas e autoritárias, um pouco ofegantes como reflexo do medo de Noah. Não lhe culpava. Também estava assustada de morte.

De repente sentiu ao Vampiro sobre seus calcanhares, perseguindo-a, sem preocupar-se de que o exercício lhe forçaria a sangrar pelo ventre. Sua velocidade era imbatível, mas tinha que tentá-lo. Lançou-se perfeitamente roçando os arbustos e golpeando diretamente a grama.

Repentinamente sentiu umas mãos como garras que a agarravam grosseiramente dos ombros, e umas pernas que se fecharam ao redor de sua cintura. Elevou-se para cima um segundo mais tarde e teve que reprimir os gritos de medo que se elevavam em seu interior, meramente porque não queria dar essa satisfação à criatura. Sentiu como saltava o coração de Noah a sua garganta. Sua incapacidade de ocultar seu temor era aterradora até o ponto de acalmá-la. Olhava com fascinação como a grama passava por debaixo e surgiam os escuros bosques ingleses de ramos cortados como corresponde a Outubro.

Ramos!

Kestra elevou seus braços apenas a tempo para proteger o rosto dos ramos mais altos dos velhos carvalhos e das companheiras que desgraçadamente se chocaram contra ela. Pela velocidade com a qual o Vampiro voava, sua pele estava esfolada em seus braços e pernas, seu fino vestido imediatamente se fez farrapos.

“Noah! “

‘Agüenta, neném, a ajuda está a caminho. “

Tinha que acreditar. Que opção tinha? Precisava agarrar-se a essa prerrogativa, mas podia morrer se caísse dessa altura. Por outra parte, melhor desde mais altura. Ou dispor de seu sangue tomando a de sua aberta garganta.

Nunca deixarei que isso passe!

O rugido do convencimento de Noah a fez uma crente. Podia sentir como o coração lhe esmurrava com tanta força como o seu, e compreendeu que encontraria um modo de ajudá-la, embora fora a última coisa que fizesse. Outra vez aquele golpe de tranqüilidade, suas maneiras arrogantes podiam infundir confiança nela. A crença de que só uma pessoa de um grande poder... que ele não seria derrotado, não importava o que o inimigo fizesse. Era um talento para ela, e lhe conferia poder.

De repente o Vampiro se lançou para baixo, e tragando um grito quando a casca da árvore rasgou sua pele, Kestra atuou.

Nunca tinha abandonado sua arma. Atirou com força para liberar o braço, girou os quadris soltando do abraço de urso e lhe apunhalou diretamente no rosto. O objetivo de Kes era o olho, mas se conformou com o grito.

Infelizmente, o abrecartas ficou apanhado e abandonado enquanto caía para a terra como uma pedra.

Até que um ramo não muito mais grosso que um barrote desigual passou rapidamente a longitude de seu corpo para cima e instintivamente o agarrou. Balançou, a madeira rangeu e se rachou, e logo agüentou. Infelizmente, os braços e os ombros tinham outras idéias. A profunda dor do ombro era devido aos golpes contra os ramos e não pôde manter-se pendurada apesar dos doze anos de treinamento ginástico. Caiu ao chão florestal, levando-se por diante mais cascas e machucados, e finalmente golpeou anos de folhagem com as costas com uma ruptura e com um grunhido ao expulsar o ar.

Foi consciente do fato de estelar-se e certamente dos destroços.

Logo o esquecimento.

Parecia um pouco tirado do Macbeth. Para seus assombrados olhos e sentidos palpitantes entretanto, era como se o bosque cobrasse vida e seguisse avançando. Os ruídos eram ensurdecadores, os ramos e as estrelas se duplicavam com um pequeno baile macabro de indecisão. Então o céu da noite e as árvores se apagaram pela aparição repentina de um rosto inteligente e uma nuvem de cabelo negro como as plumas de um corvo. Havia uma mulher miúda que se inclinava sobre ela, com as mãos sobre os joelhos e estava sorrindo-lha.

—Boas. Ao parecer pôde controlá-lo.

—Notou-o? — ofegou Kes.

—Meu nome é Isabella. Noah me envia. Está a salvo comigo.

“Esta mulher é uma muito boa amiga e de confiança.”

Havia quase muita admiração nessa frase, e Kestra teve um sentimento desagradável como resposta.

“Sim. Obrigado. Posso ver a parte formosa sem sua descrição.”

Falava de coração.

Havia muita satisfação nesse pensamento. Bem, Kes esperava que se divertisse a custa de feri-la, porque mais tarde ia romper-lhe os perfeitos dentes brancos para que os tragasse. Possivelmente havia momentaneamente tido ciúmes. E o que? Levava vivendo muitíssimo tempo e não podia imaginar-se quantas mulheres houve.

Então realmente o fez, e instantaneamente lamentou não ter sido ela. Que diabos fazia preocupando-se com coisas como essa quando estava ferida em um bosque com um Vampiro por aí tratando de matá-la? Deus, o homem seria sua ruína.

—Está bastante má ferida. Fique completamente quieta.

—O Vampiro? —s sussurrou, surpreendida de poder falar.

—OH, eu, umm... — A morena a olhou com vergonha.

— Não me preocuparia dele. — Isabella de repente se cambaleou e caiu sobre seus joelhos, seu cabelo se arrastou pelo rosto da Kestra.

— Caramba! Que agitação — murmurou.

—Hum? — foi tudo o que Kestra pôde dizer, mas tinha uma vaga idéia do que falava Isabella.

Conhecia esse olhar. O olhar que tinham os saltadores, os mergulhadores e os espeólogos quando se inclinavam finalmente para seu objetivo na vida. A embriaguez, a adrenalina e o jogo de alto risco todo misturado. Isabella parecia que estava disposta a deitar-se no chão do bosque ao lado de Kes e contemplar o giro das estrelas como ela mesma.

“Noah? “

“Vou tão rápido como posso, neném. Agüenta até que consigamos alguma ajuda médica, de acordo? “

“OH, estou bem. Mas acredito que sua garota está bêbada. “

Houve uma pausa significativa, e durante ela, Isabella se tinha colocado, ou, mas bem caído, com as pernas cruzadas colocando-se ao lado da cabeça de Kes. A morena soprou uma risada, como se se tratasse de alguma brincadeira privada, e resmungou em voz baixa.

—OH, me toque os narizes! — disse finalmente em voz alta, agarrando os joelhos e endireitando as costas com irritação.

— O que se supõe que devia fazer? Convidar-lhe a um maldito picnic?

—Encontra-te bem? — perguntou Kes, com a voz outra vez ofegante pela dificuldade ao respirar.

Encontrava difícil tomar cada seguinte fôlego.

—Sim — resmungou Bela—, meu marido me está fodendo.

Era a primeira vez que a Kestra realmente lhe ocorria que havia outros que compartilhavam o mesmo tipo de vínculo que tinha desenvolvido com o Noah.

Seu marido.

Kestra ofegou, perguntando-se por que não conseguia nada de oxigênio. Possivelmente era outra vez pânico, ou estava tendo um ataque de asma. Mas não havia dito Gideon que era improvável que o sofresse outra vez? E não podia ser pânico. Sentia-se muito tranqüila. Inclusive relaxada. E as estrelas eram malditamente formosas emolduradas pelos ramos das árvores.

“Neném, está entrando em choque. Trata de te concentrar. “

 CAPÍTULO DEZOITO

Noah e Jacob se moviam a grande velocidade para o santuário mais próximo. Suas únicas esperanças para todo o envolto estavam na corte Licántropo. Ficava longe, na direção equivocada, longe de suas companheiras, quem estava ambas em problemas, mas precisavam auxiliar à esposa do Damien também. A corte Licántropo poderia conter todas as respostas. Um Monge da muito reverenciada Manada Licántropo seria visitado para sanar a Syreena. Legna poderia teletransportá-lo às posses na Rumania depois de tomar a imagem da posição, já seja da mente de Jacob ou Noah. Era o suficientemente capitalista para fazer isso agora.

Então Legna poderia enviar Noah, Jacob e seu marido, Gideon, ao bosque inglês onde a companheira de Noah estava se aproximando da morte e a de Jacob estava tratando de purgar-se da mancha malvada de poderes que tinha arrancado do Vampiro que tinha atacado a Kestra, deixando-a tão débil e indefesa como um gatinho. Um estado que provavelmente lhe mataria em vista das lesões existentes ante as mãos de Kestra. Ninguém poderia ajudar a Isabella a fazer a purgação

necessária, mas seu marido precisava estar com ela de igual forma. Nunca antes tinha neutralizado semelhante maldade pura, tendo aprendido a usar sua habilidade com grande discrição pelas enormes conseqüências psíquicas.

Noah sentiu o medo de Jacob tão agudamente como sentia o seu. Tinha-lhe pedido muito a seus Executores quando tinha ordenado a Jacob que enviasse a Bela longe do festival e de retorno para o castelo para ajudar Kestra. Ambos tinham obedecido sem questionar, leais sem importar que seus crimes tivessem estado em seu contrário.

Mas ainda enquanto ele e Jacob se moviam a grande velocidade para a salvação, os únicos pensamentos nos que se podia enfocar verdadeiramente eram nesses deslizando-se através da mente de sua companheira.

“Vou entrar em choque, - meditou ela com uma risada afogada. - E olhe que pensei que esqueceria como se sentia. É exatamente igual. Diretamente a me sentir condenadamente fria.”

Noah a sentiu tremer, sentiu seus dentes chocar uns com outros, tão violentamente que sua visão se distorcia com a vibração.

“Vais estar bem, neném. É forte, é uma lutadora e é parte de meu poder agora. Isso não é algo fácil de danificar”. Noah esperava soar mais convincente do que seu temor lhe permitia sentir.

“Quer dizer que sou muito obstinada para morrer. ”

“Nem sequer diga a palavra, Kestra!”, ordenou ele com ferocidade, como se seu tom fora a manter apartada à morte. “Nem tampouco permita a opção que passeie por sua mente! Não o vou permitir! “

“Sabe, realmente teremos que conversar sobre esta pose de “Senhor da Mansão” que te dirige. Não respondo bem às ordens. “

Ela lhe estava burlando.

Ele estava temendo por sua vida e a pequena bruxa lhe ria.

“Kestra,” advertiu-lhe ele, seu tom tão lhe intimidem que ela pôde jurar que viu a fumaça tormentosa de seus olhos. Ela enviou o equivalente mental de um bufo. Não estava impressionada por suas ameaças. Noah decidiu trocar suas táticas.

“Diga-me como vai a Bela. “

Kestra tinha perdido o rastro da mulher a seu lado enquanto estava flutuado em seu mundo de semiinconsciência. Isabella estava sentada com os cotovelos sobre seus joelhos estendidos como mariposa, seu rosto enterrado em suas palmas

para cima. Estava murmurando brandamente para si mesma, balançando-se de atrás a adiante, assim que seu cabelo se balançava como uma franja selvagem de seda negra. Enviou a imagem inteira a Noah, sabendo que falaria muito mais forte que suas palavras e também sabendo que não se interessaria por consolos falsos. Kestra suspeitava que o murmúrio de Bela era um diálogo de fogo rápido com seu marido, um que fugia da privacidade de sua mente enquanto o desassossego decaía através dela.

“O que fez? Por que está assim? “

“Bela tem um poder extraordinário. Pode roubar as habilidades de outro ser e pode fazê-las próprias por algum momento. Tem-no feito assim para deixar incapacitado a seu assaltante. Bela nunca ingeriu tanto poder corrupto antes. A pôs em perigo. “

Kestra ingeriu um de seus pequenos ofegos, lutando por contê-lo. Estava acostumada a pôr em perigo seu corpo, sua vida, e ainda algumas vezes sua alma nos perigos que empreendia, mas nunca tinha arrastado a um inocente na refrega com ela. Sempre tinha sido um de seus poucos princípios verdadeiros.

“Cala, Kikilia, cala”, tranqüilizou-a no mais suave dos tons, sentindo e sabendo sua inquietação instantaneamente.

“ Chegou a sua ajuda por suas próprias razões. Uma, porque o pedi; dois, porque Jacob o pediu; e três, porque está em sua natureza e em seu poder ajudar a inocentes que estão em perigo pela escuridão. Isto é o que ela nasceu para fazer, quem nasceu para ser. Não castigue a você mesma porque um estranho está somente satisfazendo a seu próprio Destino, e esse Destino simplesmente acerta em cruzar-se com o teu neste momento. Agora mantém um pensamento em mim. Me esforço por manter este contato distante ao me mover com semelhante energia ardendo. Estamos juntos. Assim muito perto. Resiste. “

Kestra não compreendia como podia estar muito longe e ainda tão próximo como ele declarava. Voltou a olhar para a morena, quem compreendeu tinha muito mais entendimento dessas coisas que o que ela tinha. Isabella levantou a cabeça e sorriu palidamente. Luzia terrivelmente pálida, uma palidez doentia que não estava em nenhuma parte perto de algo do que era normal para ela, Kestra estava segura. Mas tinha olhos notáveis, uma lavanda brilhante em prata de lua cheia. Kestra ofegou por outro fôlego, tossiu, e ainda não precisou saborear o sangue em sua boca quando viu a expressão que cruzou as facções como de fada da Druida.

—OH Deus — murmurou Bela, inclinando-se sobre o Kes com preocupação radiando fora por cada poro.

Instantaneamente rasgou sua bonita blusa, tirando a seda de suas calças jeans para fazer isso. Kestra reconheceu a cara blusa de desenhista, e quis rir pelo inadequado de estar complementada com calças jeans gastas vários anos fora de estilo.

O fato de que Bela rasgasse uma blusa de seiscentos dólares sem sequer sobressaltar-lhe deu mais entendimento sobre a mulher que o que tivesse conseguido em toda sua conversação com Noah. A pequena mulher usou o emplastro desfiado de seda para dar toques ligeiros no sangue filtrando-se da esquina da boca de Kestra. Não era sequer um emplastro para estancar o sangue útilmente. Isabella simplesmente tinha feito a ação para evitar que o sangue baixasse rodando pelos lados do rosto da Kes e em seu cabelo. Uma bondade gentil, inútil, como apanhar lágrimas. Significava não ter propósito além de lhe dar consolo.

—São todos tão agradáveis? — Kestra atirou fora a oração enquanto se estirava para pôr os dedos débeis no braço chegando até ela.

—Shh. Não fale — a repreendeu Bela.

Tomou um momento para contemplar a essa mulher que se estava morrendo tão silenciosamente no chão do bosque. Mordeu os lábios contra uma quebra de onda de emoções, então foi mais devagar e as classificou. Havia um negrume de fúria, inveja, e cobiça que sabia não tinha nada que ver com seus sentimentos. Essas eram um eco das emoções do Vampiro. Fez-as a um lado. Sua própria reação era ainda de primeira fúria, embora sabia que não era justo culpar Kestra pelas ações de Noah. Mas o amor por esses grandiosos homens em sua vida já tinha sanado muito em muito pouco tempo. Essas sensações negativas eram somente fantasmas do que uma vez tinha sido, desvanecendo-se enquanto a indulgência se movia à vanguarda.

A companheira de Noah era uma criatura formosa. O que Bela poderia chamar uma beleza polida. Debaixo dos golpes, os machucados, e os destroços da metade do bosque, Isabella facilmente podia distinguir que havia refinamento e graça. Não lhe assombrava que a companheira de Noah fosse desse tipo. Sua irmã Legna era esse tipo de mulher, como o era sua irmã Hannah. O destino não poderia lhe dar menos do que podia ter, mas significado para ele.

Havia um mundo de mulher debaixo desse gentil recobrimento, entretanto. Bela o podia sentir em cem níveis diferentes. Se tivesse sido muito delicada, poderia

estar choramingando, gritando, e muito provavelmente morta para esse momento. Havia ferocidade e garras debaixo de suas perfeitas unhas manicuradas. Ali estava uma lutadora, Bela pensou com segurança.

Não havia sorte envolta com a precisão de quão feridas brevemente tinha visto no assaltante Vampiro de Kes. Sabia isso agora. Kestra tinha calculado e tinha executado seu ataque como o frio assassino que tinha necessitado ser nesse momento para salvar sua própria vida.

Bem, bem por ela!

Bela sorriu e recordou a pergunta que lhe tinha feito, usando-a como uma maneira para manter Kes consciente.

—Não há absolutos. Embora tendamos a ser um pouco mais agradáveis que os humanos. —Observou Kes sorrir em resposta à honrada resposta. Kestra estava tratando de reconciliar-se a esse Novo Mundo e cultura chamando-a a ela na voz de Noah. Não queria promessas bonitas. Necessitava a verdade.

— Há perigo nesta vida — confiou Isabella brandamente.

— Embora acredite que é, mas bem como o custo de viver de um lugar a outro. Tudo é relativo. Se conseguir mais poder, espera pagar um preço mais alto quando a dor chegar.

A Druida pareceu perdida em seus pensamentos um momento, e ela distraidamente acariciou a franja nevada de Kestra. Kes a encontrou surpreendentemente tranqüilizadora. Ficou outra vez assombrada por quanto tinha sido tocada desde que chegou ao domínio do Noah, e o facilmente receptiva que estavam sobre aceitá-la. Encontrou extravagante que uma criatura tão delicada, com suas facções felizes e seu toque ligeiro, pudesse falar tão francamente a respeito de semelhantes questões mortais. A visão de Noah sobre colocá-la em seu mundo estava escorada por suas emoções de necessidade. Ele não tinha escondido seu conhecimento dos perigos que ela poderia enfrentar, mas tampouco os tinha submetido a qualquer ênfase.

Desejava poder dar as graças a Isabella por sua veracidade.

—Noah esperou muito tempo por você — sussurrou Bela repentinamente, inclinando-se mais perto de Kes, como se não queria ser ouvida por acaso.

— Acredite, sei a pressão que vem com isso. Mas este caminho sobre o que está é um de inevitabilidade. Não acredito que tenha opções no assunto, porque não é assim. Fatalidade ou Destino ou algo que se decidiu a respeito deste único fator em

sua vida, e não pode ser negado. Está desenhado para que não possa contradizer-se. — Bela fez uma pausa no trabalho, mas continuou quando os olhos da Kes continuaram emprestando absorta atenção.

— Um Maior poder que nos criou para estes homens maravilhosos, inexplicavelmente complicados, maturando-os em intelecto e poder até que estão em paz com quase tudo na vida. Sua única inquietação é o desejo pelas mulheres que serão seus complementos, e que começarão a guiá-los sobre a seguinte etapa de sua viagem.

- Assim que o Destino arrancou a você e a mim fora da sopa cósmica e nos disse que íamos ser algo que quiséssemos, mas haveria esta única exigência, que nós devemos obedecer. Devemos amar a estes formosos homens com todo nosso coração. — A voz da Isabella se converteu em desalentada e tremente com uma rajada de emoção, as pontas de seus dedos se deslizaram costeando de um extremo a outro através do cabelo de Kestra.

— Não acredito que nisso haja tanto o que perguntar, na verdade. É algo como nos ordenar a comer chocolate durante a TPM. Você não quer exatamente recusar uma ordem como essa. — Silenciou Kes quando ela riu dolorosamente.

— Meu ponto é, tem que te resignar ao destino de ser uma Druida, de passar a vida sempre conectada a Noah. Não controlado, não condicionado, não obrigado, ou qualquer dessas necessidades feudais às que podem voltar de vez em quando, a não ser uma associação com alguém que foi escolhido para ser seu complemento perfeito. É obvio, eles pensam que somos seus complementos perfeitos... mas isso é outra maneira mais ou menos.

- Quando aceitar isso, Kes, então encontrará algo melhor que o chocolate. Melhor que a vida. Melhor que algo. — Suspirou e Kestra viu alegria iluminando suas facções, uma expressão diferente de algo que alguma vez tivesse visto em uma mulher antes.

— O amor Vinculado é amor a um nível celular. É um emparelhamento de gens, mas é um entretecido de almas também. Não é inclusive o que os humanos consideram almas gêmeas. É mais que isso. Mais à frente que o êxtase do corpo. — Terminou em uma divagação.

— Embora ficasse justo ali, não me queixaria. — Intercambiou um sorriso com Kestra.

— Há paz nesta vida. Tanto como você vê a guerra, a paz é igualmente

poderosa. Quero que compreenda... Que saiba... quão afortunada é de ter Noah.

Mais demorou para terminar essa declaração que o que uma enorme explosão de ar deslocado soprou por detrás das ervas, restolho, e escombros, obrigando a Bela a curvar o corpo sobre a Kestra para protegê-la da chuva radiativa. Levantou o olhar para ver seu rei, seu marido, Gideon, e a Legna com o Seth situado em seu quadril parados em um pequeno claro, só a dois passos. Endireitou-se, deixando Jacob entrar precipitadamente em seus braços, abraçando-o tão apertadamente que seu fôlego se comprimiu fora de seus pulmões.

Não foi até que Bela deixou sair um soluço que Kestra compreendeu o desequilíbrio que a situação inteira tinha sido para ela. Não deu a Kestra a impressão de ser do tipo excessivamente chorosa, assim é que teve que admirá-la por sua habilidade para esconder seu trauma. Comoveu-lhe saber que a outra Druida tinha posto a um lado seus sofrimentos para tomar o tempo de lhe assegurar o que significava a união no mundo dos Demônios. Tentando não afogar-se a si mesma, uma condição que se disse a si mesma se devia a seu estado atual de ferida, começou a levantar a vista a Noah quando ele recolheu sua mão e se inclinou sobre ela, a preocupação delineada em cada polegada de suas facções. Perdeu-se no momento em que viu a expressão em seus olhos. A dor e a pena, a culpabilidade e a tragédia... e sobre tudo, seu amor imperturbável por ela.

Repentinamente as lágrimas fluíam fora de seus olhos, caindo em seu cabelo, sua reprimida urgência por soluçar causada pela agonia que se rasgava através de seu tórax e seus pulmões. Então sentiu compridos e frios dedos deslizando-se para seu cabelo, o contato incrivelmente consolador. Piscou para esclarecer sua visão e levantou o olhar para o Gideon que se encontrava inclinando sobre ela desde sua posição sobre seus joelhos detrás de sua cabeça.

—As lágrimas não são recomendáveis, Kestra — lhe repreendeu.

— Não pode respirar porque está sangrando dentro de seu peito e isso esteve lentamente comprimindo seus pulmões. Estará curado em pouco tempo.

Ela apreciou a informação, mas já sabia isso. Devolveu sua atenção a Noah enquanto sentia um formigamento saltando através de seu couro cabeludo. Apertou os dedos dele tranquilizando-o e então olhou em cima para Isabella e Jacob. Uma adorável mulher com uma enorme trança de cor café se ajoelhou ao lado deles e dava um bebê a Jacob. Ela então levantou as mãos de Bela e fechou seus olhos como concentrando-se.

—Minha esposa.

—Minha irmã.

Gideon e Noah falaram com mesmo tempo, atraindo sua atenção. Encontrou-se rindo em um fôlego mais fácil enquanto intercambiavam sorrisos sardônicos sobre seu corpo prostrado.

—Não deveria ter trazido o bebê, — repreendeu Noah a Gideon.

—Você me viu tentar desalentá-la. Sabe que sua irmã leva seu rasgo de obstinação — foi a tranqüila réplica.

—Claramente não o tentou o suficientemente forte.

—Não vejo que escute a você, tampouco — assinalou Gideon.

—Permitiste-lhe voltar-se muito voluntariosa — reclamou Noah.

—Você desafiou a que diga isso dentro do alcance de seu ouvido — disse Gideon com tanta uniformidade como sempre, entretanto essa vez seus olhos chapeados se levantaram rapidamente até olhar com mordacidade a seu Rei. Ele olhou para baixo nos olhos de Kestra com um pequeno sorriso.

— Não tenha medo. Esta atitude de chauvinismo não é seu normal. Legna é o bebê da família e como tal, foi afligida pela fraternal super protetora de Noah.

—Não me dá medo ele — disse ela, emitindo um sorriso travesso quando se precaveu que podia falar e podia quase respirar normalmente de novo. Aspirou profundamente simplesmente pelo benefício de poder fazê-lo.

— E ele sabe me tratar melhor que isso.

—Hmm. Acredito que te tem medido, Noah — meditou Gideon com muito prazer para o gosto de Noah.

—Agradecerei a ambos amigavelmente calar-se ao inferno — resmungou ele. Mas apesar do comentário temperamental, seu agarre na mão de Kestra se apertou e a trouxe de novo para seus lábios.

— Só sana-a, Gideon. — Passou roçando olhadas afligidas em quão feridas raiavam sua pele suave, como se tivesse sido brutalmente flagelada.

Ela compreendeu então que toda sua dor tinha sido dele, que ele se obrigou a funcionar enquanto amortecia sua agonia, e a tinha alcançado para apaziguá-la e ancorá-la ao mesmo tempo.

A emoção a afligiu muito, tudo ao mesmo tempo, e inadvertidamente sacudiu com força sua mão livre da dele para cobrir seu rosto. Entrou em pânico porque sabia que não poderia esconder-se dele. Estava aonde quisesse. Em todas partes.

Como poderia pôr em ordem seus próprios pensamentos e seus sentimentos em privado? Poderia alguma vez conhecer a privacidade total outra vez?

—Só precisa pedi-lo.

O comentário foi arrancado fora dos dentes com mais frio que o ar de outubro. Deixou cair suas mãos e olhou a Noah com surpresa. Sua expressão tinha começado a endurecer-se, uma máscara de ofensa e cólera que sentiu brotar dele. Confundida, tentou entender o que tinha provocado essa mudança. Noah não era do tipo irracional. Ele compreendia seus pensamentos a respeito de querer privacidade. Assim por que essa hostilidade tão repentinamente?

—Samhain.

A palavra foi sussurrada de acima dela, a cabeça de Gideon agachada perto em suposta concentração enquanto a sanava. Quando sussurrou a só palavra em sua orelha, repentinamente recordou. Tudo era magnificado. Para ela. Para ele. Para todos eles. Todos tinham sofrido ataques e tensões essa noite, que a fizeram perguntar-se como podiam parecer todos tão tranqüilos e tão controlados. Todos salvo Noah, no momento. Sua luta se aprofundou em certa forma. Algo o desestabilizava.

E sabia que ela era responsável.

Kestra se voltou a olhar os rostos deles a seu redor, sentiu os olhos que estavam subrepticiamente sendo dirigidos para seu monarca. Mas além do que entendesse estava uma sensação de serenidade completa entre os outros dois casais. Era a tranqüilidade de espírito que vinha com a confiança total no amor que compartilhavam. Não podia oferecer a Noah essa medida de confiança e segurança, e o lamentava. Essa era a raiz de sua afronta: Sua incapacidade para comprometer-se completamente em sua confiança. Estava em conflito com seu desejo por cuidar dela, consolá-la. Ele não poderia suportar a área cinza porque temia que lhe fizesse demandas irracionais ou tentar obrigá-la a ter compaixão dele, e onde estaria a segurança nisso?

Kestra estendeu a mão para tocar seu braço, o músculo duro se crispou sob sua pele. Voltou os olhos de fogo esmeralda e fumaça escura sobre ela e ela ouviu um trovão ameaçador de som escapando dele. Não lhe permitiu desconcertá-la.

—Por favor — disse brandamente, assegurando-se de que atraía sua atenção—, só tenha paciência comigo.

A simples petição pareceu tirar o vento justo fora de suas velas. Expeliu um

fôlego dolorido, a emoção estremecendo-se fora dele fisicamente, seu corpo encurvando-se para frente com cansaço excessivo de uma vez da mente e o espírito. Estendeu-se com o passar do mundo tentando ajudar a outros essa noite. Não tinha forças para ajudar-se a si mesmo. O instinto reinava, a emoção sua associada, e o homem de aprendizagem e lógica era subvertido pela fadiga e a lua Sagrada.

Kestra pôde finalmente sentar-se. Sentia-se estranha, como uma boneca de trapo tendo sido tecida junta. Também estava cansada. Compreendeu que Gideon queimou tanto de sua energia enquanto fazia o que devia para saná-la.

—O resto de seu corpo se curará por aí amanhã pela tarde. É melhor te deixar regenerar por seu próprio poder.

—Obrigado — disse, tomando outro fôlego profundo só para reconfortasse. Colocou uma mão cálida e consoladora no ombro do Noah. Ele se sentou de novo em seus calcanhares, suas mãos se apertaram em cima de suas coxas, sua escura cabeça abaixo.

— Noah, permite que vamos e descansemos agora. — Então, mais brandamente, esperando que só escutasse enquanto se inclinou perto.

— Necessito que me sustente.

Ele olhou para cima abruptamente, procurando seu olhar grosseiramente, seus pensamentos também, revisando para ver se era sincera e não só lhe lançava migalhas de pão. Recordou não estar ofendida, permitindo-se simplesmente sentir paz dentro de sua mente e deixando-o ocupar-se dela como podia. Não podiam se permitir ambos esquentar a cabeça essa noite. Tinha terminado com a guerra pela tarde. Agora queria paz, quietude e ternura. Kestra encontrou seu olhar, sua mente acalmada de imagens deles agarrados calidamente juntos, de comodidade e companheirismo e da terrível necessidade que honestamente sentia que só ele poderia encher.

A mudança que chegou a ele era milagrosa. Seu mau humor e hostilidade desapareceram, suas facções se iluminaram com o presente que tinha tentado lhe ajudar a recordar.

Havia esperança.

Se só tivesse paciência, ajudasse-lhe a desfrutar de sua vida lentamente, dia a dia, então havia esperança de que encontrasse nela o que necessitava também. Necessitava fé, e ele necessitava esperança. Poderiam dar-lhe um ao outro se só tivessem paciência.

Kestra e Noah respiraram profundamente do ar vivificante da noite, exalando bafos idênticos. Então Noah olhou para seus companheiros. Ficou de pé, ajudando a Kestra, e caminhou para a sua irmã e os Executores que ainda estavam sentados sobre o chão do bosque. Gideon também cruzou o outro lado, tirando seu filho de Jacob e revisando-o em busca de suficiente calor corporal.

—Como está passando, Bela? — perguntou Noah.

—Melhor. — Teve um estremecimento involuntário e Noah captou um olhar significativo de Legna.

— Ainda sinto como se ele se arrastasse ao redor em meu corpo. Corrupção... mas tanto poder, Noah. — Respirou, seus olhos se esclareceram.

— Não pode imaginar como foi. Era um coquetel Nightwalker, venenoso, mas uma força para ser enfrentada. Sou a única... quão única poderá deter estes Vampiros se se tomarem o tempo de aprender e dominar o que roubam. — Seus olhos pareceram voltar-se frágeis enquanto murmurava brandamente em voz baixa por um momento, fazendo Jacob olhar para a Legna com preocupação.

—Está sobrecarregada — disse a empática em tons harmoniosos.

— É como uma overdose, de uma vez de poder e de maldade. Purgou a maioria do poder, mas a mancha de negrume briga para ganhar cabo dentro dela. Ganhará eventualmente porque sua psique é tão puramente boa, mas acredito que é melhor se for para casa contigo e ajudo a guiá-la. Poderá ser ela mesma mais rapidamente assim e poderá encontrar paz.

—De acordo — disse Jacob, aproximando-se para amoldar-se a sua esposa enquanto ela derivava fora da lucidez.

O grupo se reuniu perto de Legna, mas ela duvidou brevemente em falar com seu irmão.

—Permanece em paz esta noite, Noah.

Todos desapareceram com um sacudido som explosivo nasal.

Kestra suspirou, sentindo-se repentinamente só no bosque que surgia ameaçador, apesar de seu poderoso companheiro.

—Na verdade, preciso te deixar por um minuto por um pequeno assunto pendente. — Lhe dirigiu um sorriso e beijou a esquina de seus lábios.

Observou-o ir-se a grandes passos, e logo que se foi tremeu alocadamente. Não tinha compreendido que ele tinha estado usando seu calor corporal para resguardá-la do frio. Ou seu poder. De uma ou outra maneira, agora estava em um

vestido ridiculamente esfarrapado, lhe fazendo perguntar-se no que tinha estado pensando quando tinha ido às compras. Dobrou seus braços por seu corpo e observou até que desapareceu por fora da vista.

Logo depois de um minuto, houve uma perturbadora explosão, como se uma bomba enfocada acabasse de detonar. Kestra repentinamente compreendeu que se tratava do Vampiro, algo que ficasse dele, com a forma de Noah de finalizá-lo. Não sentiu compaixão, remorso, ou ainda horror. De fato, adorou sua eficiência. Gostaria de ter essa aula de poder de fogo na ponta de seu dedo. Sem usar o C-4 do mercado negro.

“Tem uma mente muito interessante. Nunca se aproxima o que pensará depois. Sempre me mantém adivinhando, e sempre me mantém fascinado. “

“A menos que tente manter em privado meus pensamentos. Você não gosta disso. “

Sentiu sua vacilação enquanto o escutava aproximando-se através do bosque. Deu-lhe tempo para pensar.

“Não tenho a intenção de ser intrusivo. “

“OH, querido, não é intrusivo. É novo para mim. Estou acostumada à privacidade. Estou acostumada a esconder meus sentimentos e comprovar duas vezes o que digo antes de dizê-lo. Eu gostaria um pouco de privacidade algumas vezes simplesmente para considerar cuidadosamente as coisas, mas não tento te deixar fora fazendo isso. “

Tinha partido diretamente até ela enquanto pensava isso para ele, e agora a agarrou pelos braços e a devorou para seu muito quente corpo. A mudança de temperatura lhe deu um frio muito mau e tremeu como uma folha. Ficou rígido e olhou para baixo nela severamente.

—Precisa comprar um pouco de roupa verdadeira — resmungou, envolvendo-a em calor adicional enquanto a levava a seu lado e a dirigia com rumo a sua casa.

Kestra felizmente se meteu debaixo de seu braço, seu braço se deslizou ao redor de sua cintura enquanto caminhavam. Compreendeu que estava terrivelmente machucada ainda. Sua pele já não estava rasgada, mas as marcas estava ainda ali, incluindo uma tensão ao redor de seu peito e suas costelas recém curadas.

Não era nada que não pudesse ignorar, entretanto, e se concentrou somente em usar o passeio lento para proteger-se como uma forma de sorteá-lo.

—Assim é que salvou à Princesa?

—Creiamos assim. Tivemos que chegar a você, assim é que não sabemos como foi ao curador. Suas habilidades não são como as de Gideon, esses são curadores Licántropo.

—Não penso que alguém pudesse ter como as de Gideon.

—Certo. — Suavizou-se com um sorriso. Seu sorriso se desvaneceu enquanto golpeavam o prado. Noah se deteve de repente e começou a olhá-la, suas mãos agarrando as mechas de luz de lua de seu cabelo com uma sensação de desespero.

— Pensei que ia perder-te esta noite — sussurrou, sua voz tão baixa e rouca que quase perdeu a declaração.

— Quando me precavi que tinha sido enganado, que meus guardas lhe tinham falhado, estava paralisado de medo.

—Noah — o tranqüilizou brandamente, movendo-se para descansar seu corpo contra o dele, instintivamente sabendo que encontraria grande consolo nisso.

— Estou bem. Cuidei de mim mesma. — Então ela se suavizou com um sorriso torcido.

— Em sua Maior parte.

—Estava magnífica. — Respirou, levando sua frente à pressão fervente de seus lábios.

— Não quero dizer por minhas emoções que indiquem que você fosse incapaz de... — Seus olhos se deslizassem fechados e não pôde falar por várias pulsações enquanto essas emoções ameaçaram estrangulando.

—Noah! — Reprendeu-o com uma risada suave.

— Está bem! Estava aterrorizada, também! E tinha razão, era uma má competidora para uma criatura desse poder. — Deslizou suas mãos acima de suas costas, bebendo em sua vitalidade com as pontas de seus dedos. Era bom estar viva. Era inclusive melhor estar com um homem que a fazia sentir essa vida direta para o centro de sua alma.

— Me alegre que tivesse mais sentido que eu a respeito disso. Na verdade — disse com um pouco de admiração—, me alegre de que pudéssemos ter sentido isso juntos.

Repentinamente se retirou dele, dando um passo atrás e lhe olhando com uma expressão estranha de surpresa e confusão. Noah se sentiu frio por sua partida abrupta, a sensação quase fazendo-o rir por seu assombro de que ela pudesse

fazê-lo.

—Kes?

Negou com a cabeça silenciosamente, detendo sua mão estendida, e envolveu seus braços ao redor de si mesmo. Ele viu um estremecimento de tremor através dela.

—Kestra — disse lhe adicionando um pouco de severidade a seu tom—, preocupa-me.

—Eu... não é essa minha intenção — lhe disse brandamente, a dor atando seu tom enviando uma adaga invisível através de seu coração.

Queria saltar dentro de sua mente, arando através do que a perturbava, e o matou rapidamente, não importava que seguranças ela necessitava, mas começava a compreender que necessitaria muito mais tempo que o que tivesse necessitado para ajustar-se à conexão entre eles e que considerava uma irrupção completamente invasiva de sua privacidade. Durante o intervalo de séculos, acostumou-se a télépatas e empáticos e a sua maneira fácil de viajar através da psique. Também se tinha criado em uma cultura de franqueza e honradez nas palavras, significados, e emoções. Kestra era humana, e os humanos tinham uma grande quantidade de idiossincrasias quando chegavam a expressar-se. A privacidade parecia ser uma chave. Uma que estava disposto a respeitar se a fazia mais feliz.

—Vêem — a chamou com um puxão de sua mão.

— Estamos ambos cansados agora e necessitando descanso. Haverá suficiente tempo para preocupar-se.

Kestra facilmente deu um passo adiante e tomou sua oferecida mão. Não duvidou em entrelaçar seus dedos através do dele, e sentiu seu alívio e sua satisfação pela intimidade. Sentiu-se mal por perturbá-lo, mas não tinha sabido como dirigir sua repentina revelação. Tinha estado rodeando o tema desde que primeiro tinha posto os olhos nele, mas repentinamente tinha compreendido com clareza um fato que não poderia negar: Isso não era só sobre o sexo, ou uma atração estranha, ou ainda um mero torcimento de seu destino ao que teria que ajustar-se antes de seguir adiante. Essa era uma relação verdadeira, bolas fora. Mais então, estava-se voltando em uma malditamente boa. Rápido. Muito rápido.

Kestra fechou os olhos, deixando-o guiá-la enquanto lutava contra seus pensamentos. A coisa que a tinha arrojado dentro da compreensão tão

abruptamente tinha sido o entendimento do que tinham discutido, mas tinham conseguido comunicar-se, e então comprometer-se. Cada um a sua maneira, cada um para sua satisfação e sua melhor compreensão. Não era o que os casais faziam? Os bons casais? Seu coração começou a esmurrar em um tamborilo rápido de ansiedade e se esforçou em reprimi-lo. Como era isso que podia enfrentar a um Vampiro enlouquecido, mas não podia permanecer sensata a respeito do Noah?

Porque sabia como derrotar totalmente a um Vampiro, tal como podia vencer qualquer provocação física. Noah era uma provocação do coração, e um perigoso ante isso. Um extremo.

Parou-se em seco repentinamente. Tão repentinamente que devorou bruscamente sua mão fora da dele. Ele se voltou para olhá-la com a surpresa gravada em seu rosto de aparência agradável.

—Necessito... Caminhar. Eu... preciso caminhar.

A explicação gaguejada foi tudo o que pôde dirigir antes que escapasse dele. Noah ficou sem palavras e destroçado animicamente. Com uma ameaça do Vampiro tão logo detrás deles, não era seguro que se arriscasse a estar sozinha e fora do contato com ele. Não só isso, mas também com um vestido feito de um tecido pouco mais efetivo que gaze, ia morrer de frio. Jurou violentamente na noite fria. Como podia protegê-la lhe dando a oportunidade de proteger-se a si mesmo enquanto ela o desejava, tudo ao mesmo tempo?

—Demônios!

Como poderia lhe dar respeito e privacidade, e ainda prover o cuidado e o consolo que necessitava? Assim como também tomar cuidado de suas responsabilidades na facilidade de seu coração e mente? Como diabos poderia fazer as funções de um companheiro verdadeiro e carinhoso quando lhe recusava acesso a cada passo?

Estava exausta, fria, débil depois de seu ataque, e torcida em nós que ele poderia ajudar a desatar se só o deixasse. O que ia fazer? O que deveria fazer? Doce Destino! Nunca tinha sido tão indeciso em sua vida inteira! Quantas vezes tinha orquestrado os destinos das vidas de outros com semelhante resplandecente êxito? Havia lhe trazido para Jacob e Bela juntos, mais que seguro sobre o êxito que tinham tido. Fazia o mesmo para Elijah quando o guerreiro tinha questionado seus sentimentos para Rainha Licántropo. Por que não poderia dirigir a Kestra com a mesma confiança de pensamento e emoção? Estava-o voltando louco!

Confirmando que se estava desgostando, Noah começou a andar por um largo caminho de grama, seu fôlego condensando-se no ar, lhe recordando que Kes estava tão nua nessa piscada de tecido que tinha chamado vestido. Deveria trazê-la de volta. Deveria demandar que visse a razão. Ao menos deveria lhe trazer um condenado abrigo. Passou ambas as mãos por seu cabelo, grunhindo pela frustração debaixo de seu fôlego. Abruptamente, seu caminhar foi perturbado por uma implosão brusca de ar deslocado e o corpo sólido de sua irmã.

—Legna! O que está fazendo aqui? — Se soava impaciente, não lhe importou.

—Hmm — murmurou, balançando atrás a enorme tranca de cabelo que tinha chegado sobre seu ombro durante sua tele transportação.

— Sou uma empática, Noah, e sou sua irmã. Acrescenta uma quantidade muito pequena do Samhain onde tudo é magnificado, e acredito que deduzirá a resposta.

—Aprecio sua preocupação, mas não pedi sua interfe... sua assistência — corrigiu precipitadamente.

—Sei que não o tem feito. Primeiro... — Legna tratou de alcançá-lo com ambas as mãos, aferrando-se quando ele se teria encolhido dela completamente.

— Gideon está vigiando-a em forma astral. Está sendo protegida.

—Detectará-lhe ou lhe verá se não for precavido. — Noah riu sem humor.

— Então me culpará.

—Será precavido. Confia nele como confia em mim.

Noah a olhou com surpresa, repentinamente sacudido fora de sua auto abstração.

—Confiei em Gideon toda minha vida. Mais tempo do que você ainda tenha vivido. Foi meu Siddah, me criou desde que era menino. Por que pensaria que não confio nele?

—Possivelmente porque não estiveste atuando assim desde o dia em que descobriu que estávamos Vinculados.

Noah estava comocionado e pasmado diretamente até sua alma de que Legna pensasse tal coisa.

—Isso é falso. Há muito tempo aceitei seu matrimônio. Foi somente o impacto disso ao princípio... e porque temia que fora um aviso crucial para você a respeito de... do dia que mamãe morreu. — Estendeu a mão para devorar seu cabelo por um antigo hábito.

— Vamos certamente não cre que mantenha minha inimizade com Gideon por

te roubar de mim?

—Você foste todo cortesia — disse neutralmente.

O plano do comentário lhe feriu no vivo. Sua irmã compassiva, falando sem emoção? Seu coração se encheu de temor enquanto corria velozmente através de suas lembranças dos passados dois anos e meio de seu matrimônio com Gideon. Precisava saber o que ele tinha feito para lhe fazer pensar essas coisas.

—Legna —d isse impotentemente.

—Não te perguntaste alguma vez por que Gideon não visita socialmente quando venho? OH, assiste a todas as questões do Concílio agora, e sei que está disposto com muito gosto a recuperar sua voz na mesa do Concílio — emendou rapidamente—, mas não se sente bem-vindo na casa de meu irmão. A casa em que cresci e vivi conhecendo o maior amor e as lembranças até o dia que me casei. Quando foi a última vez que o chamou? Quero dizer verdadeiramente, em uma capacidade social, e não quando o necessitou para algum emergente problema médico ou político?

A boca do Noah pendurou aberta enquanto fazia memória para vários exemplos. Sem dúvida alguma vez o fez, o homem era o pai de seu sobrinho, seu Siddah, o marido de sua irmã, certamente tinha tratado de fazer tempo para eles socialmente.

Noah se ruborizou com vergonha repentina. O que era mais, não poderia acreditar que Legna não lhe houvesse dito nada antes de agora

—Não te digo estas coisas para te fazer sentir mal — disse gentilmente, seu amor por ele chegava a bom término, poderosamente, enquanto se aproximava para tranquilizá-lo, alisando abaixo de seus braços.

— Só desejo que concientize. Acredito, acredito que lhe dói. Acredito que se sente usado, embora nunca o diria assim categoricamente. Algumas vezes esquece isso, por toda a sabedoria de sua idade e Gideon é ainda um ser de grande emoção e amor. Não pode mostrar isso como sua esposa, mas lhe dói.

—Sei — disse Noah roucamente.

—Conheci-lhe toda minha vida, e conheço seu amor. Sinto muito.

—Sei que o sente. A tua é uma alma enormemente sensível, Noah. E uma apaixonada.

Noah instantaneamente sentiu a reexpedição dos comentários de Legna. Já não se referia ao Gideon.

—E te esmaga ser um receptáculo para seus extremos emocionais. É

adormecedor da mente ser o foco de seu amor. Esta não é uma má coisa, meu amor — lhe reconfortou ela com um toque suave em sua bochecha quente.

— Só, deve permitir isso para Kestra, haverá um período de ajuste.

—Tento-o, Legna. Sinto como se minhas mãos estivessem atadas. Preciso protegê-la, mas vê isso como um insulto a sua independência. Um momento está de acordo que as ameaças fora na noite são muitas para que as dirija. Ao seguinte corre dentro da escuridão, me fazendo permanecer aqui impotentemente porque sei que deseja ardentemente privacidade. Sair em perseguição dela poderia trair sua confiança em meu entendimento disso.

—Não está pensando a respeito de perigo no momento. Saberia disso se tocasse sua mente.

—Não gosta de minhas intrusões em sua mente. Sempre pensei que a intimidade do tocar as mentes Impressas seria algo belo, sempre a desejei ardentemente, mas resiste a isso. Temo que ainda o odeie.

—Não está familiarizada com isso. É uma coisa perturbadora para os humanos, uma que aceitam mais fácil com o tempo e quando se apaixonam por seus companheiros. Alteraste sua vida grandemente, Noah, e se esforça em conservar farrapos de sua anterior identidade.

—Me diga, Legna, pressiono minha adaptação nela ou me contenho? Digo-lhe meus sentimentos por ela ou a protejo deles para que não a de um susto mortal? Um momento é poderosa, ao seguinte um pintinho assustado. Legna, não posso fazer cabeças ou fila disso!

—Te acalme, carinho, te acalme — disse brandamente, entoando o poder de sua voz tranqüilizadora em um esforço por aliviar a turbulência de seu irmão.

— Sei que amar a uma mulher ferida é como caminhar por uma corda frouxa. O balanço é crucial, e tão facilmente se perder se não for precavido. Mas é a mais amável, a mais paciente e carinhosa alma que alguma vez conheci. Centre-te em você mesmo. Acalme-te. Ponha a prova não deixar à volatilidade da lua Sagrada te afetar assim. Deixa-a escapar contigo. Está em paz no conhecimento que cada vez que amaste a alguém, Noah, sempre chegaram procurando mais. Sei que não é fácil. Tenha paciência.

Noah sentiu essa paz movendo-se furtivamente sobre ele com cada palavra que ela falou. Legna estava no correto, é obvio. Sempre estava. Desejava ter de volta, essa clareza de pensamento que vinha com a calma perfeita. Estava sendo

irracional, quase como um menino em uma briga, por esperar que Kestra estivesse sob controle como uma boa Demônio ou uma Druida deveria. Tinha-lhe prometido paciência, mas tinha encontrado impossível de provê-la. Ela se mantinha lhe pedindo um pouco disso, lhe recordando sua necessidade disso, e logo que tinha conseguido recordar esse fato de hora em hora.

Noah aspirou profundamente e olhou diretamente aos olhos de fantasia de sua irmã.

—Obrigado — disse agradecidamente.

—Tenho estado me comportando mal insuficientemente... em muitas formas.

—Sei que foi torturador para você este passado par de anos desde minha partida. Tinha moderado suas emoções durante as luas Consagradas por tanto tempo, assombrou-me sentir a liberação a primeira vez depois de que estive ausente durante uma e estava vivendo com o Gideon.

—Você sentiu isso? Todo o caminho na Rússia? — Noah se scandalizou. Não tinha compreendido quão sensível que era Legna.

—Como poderia não fazê-lo? Foi tão horrível para você. — Legna se estremeceu da lembrança.

— Tomou um tempo compreender que isso era pelo que me mantinha tendo pesadelos a respeito de você cada feriado. Gideon me ajudou a tirá-lo claro.

—Já vejo. Sinto muito.

—Não. Não te desculpe por nossa união de um com outro ou me contrariará — disse severamente.

—Sim, senhora — disse cortesmente com uma reverência de sua cabeça e uma risada.

— Está no correto. Isso não necessita de uma desculpa.

—Mas está terminado agora — acrescentou, sua exalação de alívio profundo.

— Ela é tudo o que necessita e mais. Seu poder se robustece com grande velocidade, assombrando ainda a Gideon. Não terá que temer por sua segurança por muito mais tempo. Entretanto tudo o que viu é poder passivo, Gideon considera seguro que em um horizonte próximo rivalizará contigo em habilidade. Deve ajudá-la a preparar-se para isso. — Outra vez, esse tom severo.

— Deixa o resto fluir naturalmente. Tudo será como o Destino decreta. Você, meu amor, está justo junto ao caminho. Escolhe as ondas para surfar, em lugar de criá-las.

—Você sabe — disse, arrojando um braço fraternal através de seus ombros e dando a volta a ela para o castelo—, começa a soar como a um certo Antigo pomposo que conheço. Possivelmente este matrimônio foi uma pobre idéia depois de todo.

—Noah! — Legna lhe deu murros nas costelas.

—Ai. — Fez careta.

— É essa alguma maneira de tratar a seu Rei?

—Sim, quando é um imbecil!

Noah a alcançou detrás de sua cabeça e carinhosamente lhe puxou os cabelos. Duro.

Então ele correu.



CAPÍTULO DEZANOVE

Quando Kestra entrou no castelo horas mais tarde, Noah estava esperando na porta para saudá-la com uma morna manta em suas mãos. Agasalhou-a como a um cachorrinho humano, aproximando-a em um apertão e acrescentando a temperatura de seu corpo para ajudar contra seu violento tremor enquanto a conduzia diretamente para a chaminé. Sentou-se, arrastando-a para sentá-la sem gentileza em seu regaço com um silencioso cenho em seu rosto enquanto lhe esfregava os braços e pernas para estimular a circulação.

Seu silêncio era um pouco inquietante, mas ela logo que suspirou e se aconchegou em seu calor, a cabeça sobre seu ombro e o frio nariz pressionado contra seu quente pescoço. Não tinha que ler sua mente para saber que provavelmente estava bastante zangado com ela. Entretanto, deu-lhe crédito por não arreganhá-la duramente como a uma menina. Francamente, apesar de seu esforço por deixar fora todos seus preocupantes pensamentos, ainda estava sobrecarregada e não acabava de saber se poderia dirigir uma cena no momento. Sentia-se como, se em certa forma, tivesse-lhe falhado. Depois de tudo, tinha-lhe prometido ser prudente esta noite para ajudá-lo a atravessar todo o tumulto do Samhain.

Era uma infernal maneira de lhe pagar em retribuição pelo que tinha feito para

Ihe salvar a vida.

Outra vez. Ela suspirou.

A sincera emoção atrás do gesto o impulsionou a Ihe cobrir a cabeça com a mão, deixando que o calor e o consolo de sua palma fluíram dentro dela.

Os toques adicionais, de alguma forma, desenterravam a sensação de ser protegida e cuidada.

O que não podia entender era por que isso era tão endemoniadamente bem. Fechou os olhos e tentou avançar rapidamente o momento, toda a relação, uns cinco anos no futuro.

Aonde conduziria isto em cinco anos?

OH, inferno. Ainda pensava em términos humanos. Agora era imortal.

Imortal.

Essa classe Ihe dava todo o tempo do mundo para chateá-lo, arrumá-lo, e então tentá-lo de novo. E já não tinha que preocupar-se com adoecer e morrer facilmente. Até fazendo frente a um inimigo Ihe intimidou esta noite, tinha provado que não era alvo fácil. Com esses curadores Demônios, a taxa de morte era algo distinta. Seus sentidos estavam acesos ao limite e estava adquirindo algum estranho respeito pelo poder que desenvolvia como uma Druida.

Era como ter renascido. Assim era, compreendeu, como se havia sentido estes poucos dias passados. Era como se tivesse estado apanhada durante intermináveis anos em uma larva e tivesse adivinhado só agora como liberar-se. Sentia-se como uma mariposa recém-nascida. Uma mariposa chuta traseiros.

O fato de que tudo isso começava e terminava aqui mesmo, nos braços deste homem, estava definitivamente a seu favor. Noah a fazia sentir-se bela e nova, como se pudesse arriscar-se a desprender-se de sua concha protetora. Não só fisicamente. Não. Tinha sido fisicamente superior entre os humanos durante muito tempo e estava acostumada a isso. Emocionalmente, era penugem do umbigo. Ou o tinha sido.

Essa compreensão fez a seu coração martelar, mas esta vez se recusou a apartá-la. Noah a fazia sentir outra vez. Tinha-Ihe feito amor e Ihe provou que era capaz de profundidades que só ele tinha imaginado nela. Nenhuma só vez ele tinha duvidado disso. Nem ainda em sonhos. Fazia possível que o fora fácil aceitar o afeto e o contato como se o tivesse estado fazendo toda sua vida. A forma em que se sentavam nesse acolhedor silêncio, por exemplo. Ela nunca teria aceitado sentar-se

no regaço de um homem. Desfrutar da carícia de dedos seguros através de seu cabelo? Os breves beijos que roçavam seu frente através de sua franja? Não. Era um ato de submissão e vulnerabilidade permitir estas coisas. Assim era como se havia sentido.

Antes de Noah.

E antes de Noah tinha estado completamente sozinha. Forte, independente, poderosa e segura. Mas sozinha. Envoltas em tristeza, pena e as cicatrizes do passado. Este homem tinha tirado tudo isso fora, pondo-a em carne viva outra vez, mas só para repará-la. Cirurgia plástica do coração.

Assim, esta noite, ela tinha desfrutado da idéia de que tinham discutido fructíferamente.

Era uma coisa tão normal em que pensar. Uma preocupação normal para uma mulher que tentava ter uma relação com um homem. Tentar tê-la. Fazendo o esforço por avançar e não retroceder. E então dar-se conta de que estava encantada de despojar do Kevlar que tinha mantido tanto tempo sujeito a seu redor.

Suspeitava que se protegia a si mesma de um mundo de dano.

Kestra riu brandamente e podia deduzir por uma isolada contração muscular que tinha conseguido sua atenção. Mas ele ainda permanecia sentado e imóvel. Estava escutando seus pensamentos? Não acreditava. Tinha-lhe dado a impressão por suas perguntas e sua honesta perplexidade anterior que estava tentando lhe dar a privacidade a que estava acostumada. Também sabia que nem sempre podia fazê-lo. Inclusive sem tentá-lo, podia ouvir o zumbido de sua presença em sua mente. Suspeitava que conforme a habilidade progredisse, seria mais bem como ter duas pessoas na cabeça.

Grandioso. Agora seria uma esquizofrênica. Sempre tinha acreditado que terminaria mentalmente instável.

Suspirou.

Supunha que só teria que deixar de resistir e aprenderia a usá-lo. Apesar de ter crescido com um empático na casa, Kestra suspeitava que este ia ser também um enorme ajuste para Noah. De fato, deu-se conta de que não tinha dedicado muito tempo a pensar em todas as mudanças e sacrifícios que estava fazendo ele para acomodá-la. Tudo do que tinham falado eram os benefícios de sua presença.

—Estiveste vivendo a vida de um solteiro por mais de seis séculos — disse ela repentinamente.

Noah se sentou silenciosamente durante vários pulsados, cada um dos quais podia sentir contra a ponta do nariz enquanto lhe pressionava o pulso em seu pescoço. Sabia que a tinha ouvido porque suas mãos se fecharam um pouco mais apertando-a contra ele.

—Mais ou menos — disse ao fim, liberando seu agarre para que assim ela pudesse olhá-lo. Sua expressão era interrogativa—. Por que o menciona?

—Simplesmente porque está acostumado a certo estilo de vida e diria que, depois de todo esse tempo, é facilmente o que você poderia chamar hábitos de toda uma vida.

—Você... — seu olhar se estreitou até que tudo o que ela podia ver era facadas de fumaça entre as sombrancelhas.

— Está dizendo que sou incapaz de trocar meus costumes para me amoldar a você?

—Pergunto-me por que quereria fazê-lo — respondeu ela.

Noah se relaxou debaixo dela e Kestra tentou não rir quando compreendeu que era tão terrivelmente fácil lê-lo.

—Acredito que tem a impressão equivocada de como foi minha vida — disse ele secamente.

— Deve entender que os Demônios são muito próximos a suas famílias. Quase nunca escolhemos viver sozinhos se tivermos a outros membros da família solteiros ou pais ainda vivos. As luas Sagradas jogam uma parte nisso, mas uma menor. Em sua maioria é ao redor do lar e a chaminé. Isso não quer dizer que não viajasse por mim mesmo, fosse decadente e me metesse em problemas em meus dias — assinalou.

— Mas recebi a responsabilidade como Rei a uma idade muito temprana, assim que me dava pressa em atravessar esse período de minha vida.

—Isso é bom sabê-lo — disse ela firmemente, um brilho de humor em seus olhos delatando-a.

Ele sorriu ironicamente, vendo-se muito mais encantador e mais capaz de toda classe de dissolutas condutas nas que não se atrevia a pensar muito.

—O ponto é — continuou ele—, depois de que meus pais morreram e mudei minha corte a Inglaterra, Hannah e Legna viviam comigo. Até que Hannah se casou fará uns trinta anos. E depois fomos só Legna e eu até faz dois anos e meio. Na verdade, só tive meu... Apartamento de solteiro... para mim mesmo durante

uns dois anos.

Lançou um olhar irônico ao redor do grandioso castelo que se parecia mais ao Grande Terminal Central que a uma guarida para a sedução.

—E como leva o viver sozinho? — perguntou ela.

—Odeio-o. Com todo meu coração. Nem sequer tenho o número de convidados que uma vez tive. Elijah e Jacob estavam acostumados a ficar aqui constantemente antes de casar-se. Os meninos vêm freqüentemente. Um montão de sobrinhas e sobrinhos — explicou ele rapidamente quando ela arqueou uma sobrancelha.

Incapaz de resistir beijou a insolente retrocede enquanto ria alongadamente.

—Perguntava-me como conseguiste manter uma existência livre de filhos por mais de seis séculos — comentou Kestra.

— Porque sei que não praticou o celibato.

Dirigiu-lhe um olhar seco que lhe fez rir.

—Difícilmente — disse ele.

— Os Demônios são na verdade muito graciosos a respeito da natureza da gestação. Passado de moda, poderia dizer. Acreditam que requer-se de um povo para criar a um menino, mas deve começar com um matrimônio. Poucas vezes damos a luz fora do matrimônio. Nossos curadores têm métodos para encarregar-se disso a pedido. Não é ilegal dar a luz fora do matrimônio, e não há castigo contra isso, mas está subentendido que no que se refere a um menino de poder, é mais conveniente o ter a ele ou a ela em uma família completa. Provê o melhor equilíbrio e controle.

—Assim é que seus curadores têm uma forma de evitar que as mulheres fiquem grávidas?

—A verdade é que o têm, mas freqüentemente é o varão o que se faz responsável por estas coisas.

—Vamos!

—A sério — lhe assegurou.

— A maioria dos Demônios mulheres não precisa praticar o controle de natalidade. Ou não o fazem. Houve uma mudança com as relações entre o cruzamento de espécies que agora são aceitas. Uma coisa é divertir-se com um vampiro ou licântropo e outra muito distinta carregar um menino. Embora acredite que todo mundo está ainda medianamente prejulgado sobre estas coisas. Fomos... — franziu o cenho.

— Bom, acredito que racistas é o melhor termo para isso. Elitistas. E isso o freia. Um grande número de raças é assim e não se arriscam a uma aventura amorosa entre espécies.

— Mas existem sempre os aventureiros.

— Sempre — lhe assegurou com uma baixa risada afogada. Olhou-a diretamente aos olhos, roçando com um dedo através de sua franja.

— Não vais perguntar-me com quantas mulheres estive, ou se?

Kestra prorrompeu em um bufo duro, comocionado.

— Pode contar isso em voz alta? — perguntou ela.

— Mmm — negou com a cabeça, o brilho em seus olhos não se aproximava em absoluto ao arrependimento.

— Não acredito. Portanto, não perguntarei.

— Bem — deixou escapar um teatral suspiro de alívio e ela não pôde resistir a lhe puxar o cabelo como castigo.

— Ai — se queixou.

Ela pôs os olhos em branco.

— É um descarado — lhe acusou.

— Nada que outro não tenha feito — aceitou ele. Então, mais que seriamente, adicionou.

— Vivi uma vida larga e completa, e não acostumo olhar atrás com pesar ou fazer segundas hipóteses a respeito de coisas que não posso trocar.

— Não esperava que o fizesse. Mas bem me enfocava no aqui e o agora.

Acreditou que tinha um bom ponto nesta conversa, mas se perdeu em alguma parte.

— Acreditava que estava menosprezando minha habilidade para abandonar meus malvados costumes.

— Não. Absolutamente — soprou deixando escapar um suspiro, fazendo revoar sua franja.

— Só queria entender as mudanças que estiveste obrigado a fazer agora que... bom... para te amoldar... esforçou-se para encontrar a maneira de dizer o que queria sem lhe conferir uma permanência presunçosa a isso.

— A você — disse ele brandamente.

— Para te amoldar a mim. Para te colocar em minha vida. Para te fazer minha companheira.

A cabeça da Kestra se afundou e a cor flamejou em suas bochechas até que esteve de um vermelho brilhante. Era uma reação tão ingênua para uma mulher tão cínica, que Noah sentiu seu coração inchando-se por seu amor por ela. Envolveu os braços apertadamente ao redor dela e a abraçou com força contra seu peito, quase como se pudesse fazer sentir se a trazia o suficientemente perto.

— Está bem falar livremente de minhas expectativas, Kestra — lhe sussurrou gentilmente, seus lábios contra sua ruborizada bochecha enquanto o fazia.

— Sei o que quero. Também sei que falar das possibilidades não faz com que esteja de acordo ou uma aceitação de sua parte. Quando você escolha ficar comigo, fará você mesma com muita clareza.

— É tão arrogante — riu ela com suavidade.

— Esperançado. Estou esperançado.

Elevou a cabeça e então ficou de pé com facilidade, mantendo-a em seus braços todo o tempo. Então foi quando compreendeu que realmente ele ainda não tinha feito um desdobramento de sua força, exceto na cobertura de Sands. Os homens aos que estava acostumada se deleitavam na ostentação. Viver com os Marinheiros não tinha sido a não ser um constante exercício de testosterona. Noah não dava importância a seu poder. Sabia que não tinha nada que provar. Tal como ela não tinha nada que provar a ele.

Ela tinha pensado que nunca a aceitaria como uma mulher de força a menos que o provasse como o tinha estado fazendo toda sua vida. Mas agora compreendeu que Noah tinha passado toda sua existência ao redor de mulheres de impressionante poder que eram tratadas completamente como formidáveis iguais. Quando tinha tentado protegê-la, foi porque tinha sabido que ela estava fora de sua liga.

Kes suspirou enquanto ele se afastava da chaminé e começava a subir as escadas com ela. Estava ficando sem argumentos em contra. Estava ficando sem razões de por que não deveria estar com ele. Não podia conjurar uma só desculpa para o que esta relação não pudesse funcionar enquanto avançavam para o futuro.

E esse era, possivelmente, o mais atemorizante precipício sobre o que alguma vez tinha estado em pé.

Jasmine passeava e amaldiçoava, amaldiçoava e passeava de cima a baixo, tendo deixado claro seu humor aos farristas que partiram fazia já bastante tempo. A cidadela ecoou com o ruído de suas botas e seus juramentos de fúria. Ela era uma arpia de escuro cabelo negro como o corvo, seus olhos cor café flamejavam com uma avermelhada fúria.

Nunca se perdoaria a si mesma por isso. Nunca.

Nunca deveria ter deixado que Noah lhe convencesse de permanecer em território Demônio. Quem, além de Damien e ela, tivessem sido adequados para combater a esses vampiros renegados? Os Demônios o tinham feito bastante bem, mas a que preço! Muito tarde. Muito tarde para lhe salvar.

Stephan.

Ouviu uma pegada familiar nas escadas de pedra e levantou seus olhos angustiados para o Damien. Ele estendeu um braço e a chamou com gestos para que se aproximasse. Sem pensar na vulnerabilidade que demonstrava, precipitou-se contra ele, deixando-o atraindo-a a seu abraço. Tranqüilizou-a em silêncio, como se só alguma vez lhe tivesse permitido fazê-lo, compartilhando sua pena com a dela. Ele tinha perdido muito esta noite e o havia sentido agudamente. Ainda o sentia. E o sentiria no futuro.

Porque esta noite ele tinha fracassado em proteger o seu reino e no dia seguinte toda a sociedade Vampiro seria informada disso. A debilidade faria pedaços séculos de respeito e, apropriadamente, decaída ambição. A segurança de sua cidadela seria questionada durante as vindouras décadas, inclusive para sempre. Acreditariam-lhe débil ou irresoluto, lhe considerando incapaz de liderar apropriadamente. Veriam-no como os tubarões viam a nuvem de cor escarlate do sangue na água. Aqueles aos que nunca lhes teria ocorrido desafiá-lo antes, fariam-no agora por isso.

Porque o trono da monarquia dos Vampiros só ganhava combatendo. Só sua morte podia forçar sua abdicação. E embora sempre tinha enfrentado aos participantes e desafiadores no passado com fácil êxito, nunca tinha havido um grande número deles. Não, desde que ele tinha arrasado à terceira parte da população Vampiro, todos aqueles que eram os suficientes estúpidos para apresentar-se em sua soleira durante os primeiros três séculos de seu reinado. Depois disso, sabiamente se tinham dado por vencidos e se dedicaram à tarefa de repovoar suas filas.

Agora, entre os assuntos da Syreena, a perda de controle dos renegados e a morte de Stephan e três dos outros membros altamente apreciados e capitalistas da Guarda, Damien se perguntou se não estavam corretos duvidar dele. Sentindo-se repentinamente derrotado, o Príncipe Vampiro deixou que suas pernas se dobrassem e se sentou nas duras escadas, arrastando para abaixo a Jasmine, de joelhos entre suas pernas, enquanto se abraçavam fortemente um ao outro.

Ele era o único a que alguma vez lhe teria permitido esta aproximação. Quiseram-se desde que tinha sido só uma menina e ele tinha sido o primeiro em tomá-la sob sua asa. Agora era a segunda mais poderosa Vampiro em todo o mundo, se não a segunda mais antiga, e a única que ele alguma vez, honestamente, temeria perder em uma batalha. Simplesmente porque seu coração nunca poderia suportar o nível de traição que lhe causaria o que ela alguma vez o desafiaria.

Não. Suas lealdades eram sólidas, com todas suas bravatas e queixa a respeito da Syreena. Com ela a seu lado, nunca precisaria preocupar-se com seu trono. Ambos poderiam enfrentar-se a algo que lhes jogasse.

Tinha sido assim até fazia um ano.

Se não tivesse a outros por quem preocupar-se agora, além deles duas e toda a sociedade Vampiro.

Damien olhou para cima, ao teto de pedra, como se pudesse ver através dele, para seu dormitório e a sua noiva nele. Ela agora dormia, curando-se rapidamente, deixada ao cuidado do monge que Siena tinha enviado para auxiliá-la. A rainha dos Licântropos e seu Consorte, o Demônio Elijah estavam também refugiados acima em uma câmara de convidados, tendo chegado logo que tinham escutado sobre o ataque a sua companheira.

Estes eram agora sua família. E significavam muito mais para ele que uma sociedade de vagabundos Nightwalkers que não tinham o suficiente sentido entre eles mesmos para ser cuidadosos e respeitosos com a oportunidade que havia

Tentado lhes dar à possibilidade de matrimônio, amor e companheiros verdadeiros para eles. Estavam tão endurecidos em sua inconstância e sua depravação que não podiam ver tudo isso como o presente que era.

Em honra à verdade, entretanto, nem sequer podiam sentir o suficiente como para que lhes importasse. Como um todo sua sociedade estava dolorida e aborrecida, enfastiados além das palavras e machucados sem saber por que. Não

entendiam que estavam perdidos e que se só eles mostrassem paciência e sabedoria, ele tentaria lhes ajudar a encontrar-sem outra vez... como ele se encontrou. Até Jasmine, a teimosa filha de seu coração, se não de seu sangue, tinha-lhe combatido todo este tempo embora era leal a ele. Na verdade, ela temia que a profundidade de seu amor por Syreena eventualmente a excluísse de sua vida.

Temia que, se escutava o atrativo disso muito de perto, poderia acabar cativada pelo pensamento de que necessitava de outro para si mesma. Jasmine era suave no fundo, em que pese a todas suas plumas. Ela, mais que qualquer um deles, tinha sido sensível todos seus anos, caindo na melancolia e a apatia uma e outra vez porque não podia suportar a solidão do mundo sobre a superfície.

Mas tinha enterrado tudo isso debaixo de cólera, fibra e uma atitude competitiva para escalar o Himalaya. Agora, um de seus dois melhores amigos se tinha ido, presumivelmente morto a julgar pela quantidade de sangue que tinham encontrado com seu aroma nela. A ressonância psíquica de violência e morte tinha emanado claramente de que Stephan tinha sido destruído. Damien e Jasmine ainda podiam ouvir os gritos de morte do guerreiro emanando da terra e o ar, de seu mesmo sangue. Os vampiros, em uma vitoriosa luxúria de sangue, podiam ser capazes de qualquer número de depravações, tão somente a deusa sabia o que os doentes bastardos que lhe assassinaram tinham feito com o corpo.

Agora tudo o que Damien e seus seres queridos poderiam fazer era angustiar-se juntos. E esperar para ver o que chegaria com o novo crepúsculo.

 CAPÍTULO VINTE

Kestra estava muito suja depois das duras experiências da tarde, tendo sido um receptáculo de sangue, barro, casca e quem sabe o que mais, assim é que Noah não teve que ler sua mente sobre a questão de um banho. Situou-a no bordo da banheira enquanto se enchia de água quente. Era grande e quadrada e estava colocada em um rincão que incluía um banco de forma ovalada e feito de vidro tingido, pedra decorativa e mármore.

—Esta é a famosa banheira da que tem feito alarde? — gracejou-o com seu melhor tom aborrecido e um movimento exagerado de seus olhos.

Noah se separou de sua tarefa de acrescentar uma mescla de azeite fortemente aromático na água. Seus olhos brilhavam com diversão e elevou uma sobrancelha ante ela.

—Não é tão impressionante.

—Não é uma Jacuzzi — ela assinalou.

—Não há eletricidade. Não encontrará tecnologia em uma família Demônio, como já descobriu antes. Não está de acordo com nossa bioquímica.

—Sim, bom, mas está de acordo com a minha.

Fez uma careta, tirando seu lábio inferior e lhe tentando com sua sexy plenitude.

Noah se moveu para parar diante dela, então ficou de cocoras. Usou a ponta de um só dedo para tocá-la em seu joelho.

—Temo que isto seja algo mais que trocará para você. É obvio, há eletricidade no povo, assim se estranhas muito a algo é bem-vinda para buscá-lo ali. Poderia fazer acertos para que tenha uma cabana pequena de modo que possa te esconder de nossos costumes primitivos. Pode ter cabo, secador de cabelo e, também conexões de alta velocidade para seu computador.

—É isso assim? — pareceu devidamente surpreendida.

—Sim. A tecnologia pode não estar de acordo conosco, mas é necessária nestes tempos. Tenho a humanos associados, situados no povoado, que trabalham para mim neste sentido.

—Sabem quem é... o que é você?

—Uns poucos. Os amigos da família a muito tempo. Os descendentes de amigos da família de longa data. Necessito que outros trabalhem a tempo completo em

dirigir minha riqueza enquanto tenho assuntos mais prementes dos que me ocupar. Algumas vezes, é só informação o que necessito. Seria um pobre líder se me permitisse ser ignorante das épocas ao redor de mim, embora essas épocas nem sempre estão de acordo com partes de mim.

—Sim. Posso entender isso. E não, não necessito eletricidade. Fui uma infante da marinha, se o recordar, e isto... — elevou uma mão para indicar o luxo do quarto de banho— dificilmente é endurecer.

—Dificilmente — estive de acordo com uma risada afogada.

—E estou encantada de saber que posso acessar à rede e comprar em linha no povoado. Ou qualquer outra coisa como essa. Contudo, diria que você tem uns acertos bastante cômodos por aqui — apartou a vista dele, brincando um pouco com um farrapo em seu vestido.

— Não posso encontrar muitas queixas sobre a possibilidade de viver aqui.

Noah sentiu seu coração dar um enorme salto para cima de sua garganta. Era o mais perto que ela tinha chegado a lhe dizer sobre que queria ficar. OH, estava seguro de que ela já compreendia que precisava ficar, mas esta era sua forma de fazer a sua própria eleição. E ela o escolhia. Logo que podia respirar com a quebra de onda repentina de excitação que lhe atravessou de lado a lado. Sentiu-se como um menino deixado solto em uma confeitaria. Fez falta todo seu esforço e habilidade para moderar sua expressão, para que, quando ela levantasse o olhar para ele, não lhe desse um susto mortal.

Seus olhos encontraram os dele, analisando-os pela resposta. Estava muito feliz para dissimular tudo o que sentia, assim é que ela podia ver o prazer em seus olhos e saber que compreendia o ponto de seu comentário. Sua mão se fechou calidamente sobre seu joelho, sua palma movendo-se em uma gentil carícia para cima por sua coxa, cuidadosamente roçando sobre machucados e lacerações ao meio curar.

—Deveríamos te colocar neste banho — disse.

— O óleo é uma mescla de ervas que Jacob fez para mim. É bastante forte, advirto-lhe isso, mas aliviará sua pele e seus músculos machucados. Também te ajudará a dormir.

Tratou de esticar-se a por seu vestido rasgado, seus dedos dobrando-se ao redor do que ficava da prega. Suas mãos imediatamente baixaram a cobrir as dele, interrompendo suas ações.

—Noah — disse brandamente.

Ele sorriu um pouco torcidamente e viu seu olhar afligido.

—Certamente conseguimos nos sobrepor à etapa do acanhamento em nossa relação — a admoestou em brincadeira.

—Não — negou com a cabeça e sorriu quando ele arqueou uma sobrancelha.

— Digo, sim.

- Sim, estamos na etapa de acanhamento. Só quis dizer... — soltou uma de suas mãos para poder deslizar seus dedos através de um ondeante cacho comprido de seu cabelo, deslizando-os para baixo pela longitude suave dele. Sua voz era rouca enquanto ela, atrevidamente, explicava seu significado.

— Não quero dormir, Noah. É Samhain, e não quero dormir.

Noah se deixou cair para frente sobre seus joelhos, seu equilíbrio completamente perdido enquanto sua cabeça nadava em calor por seu significado. Não podia falar, logo que podia tragar, enquanto a sensação se pulverizava por todo seu corpo. Sacudiu a cabeça, tentando reenfoçar-se a si mesmo. Empurrou para trás seu cabelo emaranhado e pequenos pedaços de folhas mortas revoaram livres quando o fez.

—Kes... não — disse baixamente, puxando dela para ele para poder pressionar um beijo fervente em sua têmpora.

— Passaste por bastante. É tempo de que descanse agora.

Ela sorriu, sua expressão brincalhona. Kestra girou o rosto para ele, aspirando profundamente enquanto acariciava com o nariz primeiro seu pescoço, depois sua áspera bochecha, deixando a sombra de sua mandíbula áspera aproximar-se sobre seu rosto. Terminou a carícia com o roce de seus lábios sobre sua orelha e o sentiu estremecer-se.

—Por mais nobre que esse sentimento possa ser — sussurrou, então, deliberada e lentamente.

— Carinho — continuou, sentindo sua brusca inspiração direto em sua alma satisfeita—, necessito-te. Necessito que faça o amor comigo esta noite.

Noah fez um som baixo em sua garganta, um ruído de agonia masculina que só uma dura batalha de consciência poderia criar. Mas Kestra sentiu sua mão aplanar-se contra sua coxa, curvando-se quase impotentemente sobre seu quadril enquanto ele a puxou para baixo, sobre suas coxas.

Ela se impulsionou com seus pés, enlaçando-se mais alto do que ele tentava,

agarrando firmemente seus quadris com suas coxas, agarrando ao mesmo nível de seu ventre e seu peito. Enrolou os braços ao redor de seu pescoço e o abraçou calidamente. Seus braços, tensos e poderosos, fecharam-se ao redor dela e a arrastaram mais apertadamente no abraço.

Kestra então emoldurou seu rosto com suas mãos e o atraiu para sua boca. Logo que tinha colocado seus lábios contra os dele quando sua mão embalou sua cabeça e ele lançou seu peso a um lado, rodando-os até que ela esteve debaixo de seu acalorado corpo e aceitando a repentina e minuciosa agressão de seu beijo. Sua língua procurou a dela em uma explosão de carícias profundas, aveludadas, sua volúvel necessidade em um gemido encadeado. Seu agarre manteve sua cabeça e ombros fora do mármore frio do duro chão, mas permitiu um reforço detrás de seus quadris que o situaram perfeitamente contra ela. Seu calor fluiu através de sua roupa rapidamente e estava recordando, instantaneamente, suas anteriores intenções sobre seu escritório e o fato de que ela não vestisse nada mais que os fios do vestido.

Kestra sentiu sua reação. Sentiu-o endurecendo-se e inchando-se contra ela, o incontrolável ardor do calor flamejando em resposta a sua necessidade incontrolável dela. Gostava de saber que ele não podia controlar sua necessidade por ela.

Mais tarde, teve o pensamento em sua mente que ele estava se afastando de novo dela, ofegando profundamente com uma inalação muito necessitada enquanto se levantava sobre seus joelhos, meio arrastando-a com ele porque estava agarrada tão apertadamente a ele.

—Não! Kes, não... — gemeu quando ela o seguiu, cobrindo sua boca de novo por um breve instante antes embalasse seu rosto com suas mãos e a separasse.

— Por favor — implorou roucamente—, por favor, não me faça escolher entre a honra e a necessidade, carinho. Por favor...

A petição era tão dolorida que conseguiu sua atenção completa, assim como também uma pausa de sua agressão. Ele fechou os olhos durante um momento, em uma súplica pelo controle interior e exterior. Então se obrigou a olhá-la, assimilando seus machucados, suas feridas e seu corpo sujo. Deu-lhe o sustento que procurava, como sabia que o faria. Levantou-se abruptamente, agarrando suas mãos e levantando-a sobre seus pés. Deu um passo para fechar a água da banheira, então, endireitou-se para passar ambas as mãos por seu cabelo antes de voltar-se para

olhar para ela com uma larga exalação.

—Se banhe — lhe ordenou, tentando não soar cortante mas falhando.

Ela somente riu a suas costas enquanto ele se afastava abruptamente dela.

—Continuaremos esta discussão quando tiver terminado — exclamou antes que ele pudesse fechar a porta.

—Não, não o faremos — respondeu, fechando de repente a porta.

Noah deu três voltas enérgicas ao longo de sua habitação antes de deter-se passar seus dedos através de seu cabelo outra vez.

Quando, exatamente, colocou-se em uma posição defensiva nestes assuntos? Cada vez que dava a volta, ela fazia estragos com seu equilíbrio. Até onde podia recordar, tinha tido uma personalidade muito severa sobre tratar com mulheres.

Mas ela não era como nenhuma outra mulher no mundo. Interessou-se pouco por qualquer uma delas em sua história. Entretanto, Kestra tinha seu coração. Por isso, queria tratá-la como o tesouro que era. Não podia suportar a idéia de machucá-la ou de ser descuidado com ela. Possivelmente estava sendo extremamente cauteloso, mas preferia melhor isso que ser insensível. Não. Estava no correto aqui e estava seguro disso. Ela nunca parecia reconhecer suas limitações. Não lhe importava se era Samhain e Beltane completamente envolvidos como um. Nada disso importava quando sabia que ela estava machucada e cansada.

Mas que o condenassem ao inferno se ela não era a criatura mais tentadora do planeta. Se estivesse decidida, sabia que empurraria seus limites, justo como ela sabia que poderia. Era já uma perita. Infernos tinha sido uma perita antes que sequer se encontraram. Supunha que podia esperar o melhor, esse óleo de ervas do Jacob resolveria o problema e poria em ordem suas prioridades um pouco. Algumas vezes era como se ela não tivesse sentido de auto conservação.

— Noah!

A cabeça do Noah se sacudiu para cima quando escutou o grito, seu coração instantaneamente saltando em excitação. Apressou-se à porta e então, vacilou. Estava instantaneamente suspeitando. Tinha evitado o contato mental com ela para permitir sua privacidade, mas não podia resistir um pouco mais de sua trapaceira provocação, assim é que tratou de tocar seus pensamentos para saber a razão de sua chamada.

“Noah !”

Esse nível de medo horrorizado gritando através de sua mente não era truque.

Entrou violentamente dentro do quarto de banho, o fogo instantaneamente brotando de seus dedos, imolando-os para prepará-los. A única coisa que viu, entretanto, foi Kestra sentada e inundada no banheiro. Então, depois de um batimento do coração, viu que ela tremia.

E que a água estava resplandecendo com uma fosforescência verde.

Apressou-se sobre ela, ouvindo sua aterrorizada respiração e seu nome em uma sucessão de gritos que se entoavam mais altos com cada repetição. Suas mãos se inundaram na água, arrastando seu escorregadilho corpo contra o dele.

O resplendor chegou com ela. Aferrava-se a sua pele como uma aura. Noah podia ver auras tal e como ela podia, mas nunca tinha visto uma com esta uniformidade de cor. Nem este nível de clareza. O resplendor também aumentava em área e ferocidade.

—Te acalme, neném — a apaziguou rapidamente, alcançando a pôr uma toalha ao redor de seu corpo.

Balançou-a acima de seus braços e a levou ao dormitório. Colocou-a cuidadosamente sobre o chão apenas mais à frente do pé da cama, justo no centro de um tapete. Ajoelhou-se atrás dela, seus joelhos aos lados de seus quadris enquanto colocou a cabeça dela debaixo de seu queixo e envolveu seus braços seguros a seu redor. Ele não tinha medo. Podia sentir a energia emanando dela, voltando-se mais forte e mais forte, aparentemente com cada segundo que passou anotando uma vitória contra ela.

—Escuta, Kes — disse em um tom brandamente modulado querendo trazer sua calma.

- Isto é energia, e se origina dentro de você, não é de uma fonte exterior. Entende? —assentiu e ele a ouviu tragar saliva.

— Você pode controlar isto. Não o deixe te controlar. Este é seu poder, no que seja que se converta. Não é diferente a alguma outra habilidade com a que nascemos. É inato, mas é também nossa decisão encontrar o modo de dominá-lo verdadeiramente.

Compreende?

—Sim — disse em um ofego, mas ele podia ouvi-la pondo sob seu controle a respiração. Não a culpava de seu medo. A primeira vez que o fogo tinha brotado de seu corpo tinha estado aterrorizado. Especialmente porque o incidente se desencadeou pela cólera e tinha sido incontrollável.

—Bom — a elogiou gentilmente enquanto se controlava a um nível mais razoável.

— Estende suas mãos, carinho. Olhe. Vê como o poder é mais forte ali? — seu cabelo molhado roçou seu queixo quando assentiu com a cabeça, - usualmente, quer dizer que suas mãos serão o melhor ponto de foco. Você pode canalizar isto através de suas mãos.

—É... é uma expulsão ou uma absorção? — perguntou trémulamente.

Garota preparada, pensou, seu deleite por sua mente fazendo abraçá-la apertadamente apesar do fato de que ela poderia representar um perigo para ele sempre que seu poder fora desconhecido e sem dominar.

- Isto não sei — lhe disse.

— Mas a julgar pela quantidade de energia que está queimando, diria expulsão.

—Mas não me sinto cansada. Deveria me sentir cansada.

A lógica ditava que se ela tivesse estado queimando sua energia, estaria exausta. E ela não era nada se não lógica.

Ele suspirou brandamente contra sua orelha.

—Porque é minha energia a que está queimando, Kikilia — lhe disse gentilmente. Ela ofegou, instantaneamente tentando apartar-se dele. Ele sentiu sua comoção. Estava temerosa de esgotá-lo. De machucá-lo.

—Não — disse, sujeitando-a firmemente.

— Não pode me machucar. É uma novata e eu sou um Demônio antigo. A drenagem de meus recursos, até com minha falta de sono e as batalhas de ontem à noite, é insignificante. Confia em mim, carinho.

—Bom — respirou, assentindo facilmente.

Agradou-lhe que ela confiasse nele e que nem sequer procurasse seus olhos ou seus pensamentos antes de estar de acordo com ele.

—Somos simbióticos — disse.

— Somos um, na medida em que somos dois.

Sou a mão esquerda. Você é a direita. O que você tome, deve-o expelir ou queimará a você mesma como uma lâmpada frente a uma quebra de onda de poder. Primeiro, sente o lugar interno que extrai o poder de mim. Sinta-se fora e te familiarize com essa conexão.

—Não posso. Não sei o que quer dizer!

—Shh.

Noah tomou seu queixo e inclinou seu rosto para cima. Ele olhou para baixo em seus olhos dilatados e sorriu gentilmente, cada movimento e pensamento lento e fácil para que assim não a conduzisse ao pânico.

— Acredito que sei o que provocou isto — disse, seus lábios torcendo-se com diversão.

— Seus hormônios estavam alvoroçados.

Ela riu incrédulamente, sua boca aberta de assombro.

Não podia evitá-lo, mas poderia aproveitar a oportunidade para ficar a prova a si mesmo. Apanhou sua boca com a dele e a beijou com uma intensidade e ardor que a deixou sem respiração para quando ele se afastou para respirar. Sem dúvida alguma, ela resplandecia como um vaga-lume, a habitação inteira agora iluminada por isso.

— A emoção extrema é freqüentemente um fator provocador para o novo poder. Peça a Bela que te conte sobre isso em alguma ocasião. Ela é um exemplo clássico — Noah omitiu mencionar ao feito de que Isabella quase o tinha matado a ele e a Legna durante esse incidente.

— Esse lugar dentro de você, onde você sente o centro de seus sentimentos quando nos beijamos. Espiritual, não físico — corrigiu secamente quando ela riu nervosamente. Não lhe pôs atenção a seu humor. Disse-lhe que ela se estava voltando mais calma e racional.

— Este é o mesmo lugar do qual seu poder se ramificará para mim. Pensa sobre isso, como um beijo, mas em forma de energia.

— Entendo. Sinto-o agora — disse com não pouco temor.

— É algo assim como tocar mentes, só que desde meu coração em vez desde minha cabeça.

— Bom. Tem-no — soubes que ela o fez porque sentiu a extração centralizada ao redor de seu coração, embora foi só uma manifestação física da conexão.

— Agora, não posso explicar isto tão bem para você, só porque é diferente para cada um de nós. Mas, para expelir a energia, em bolas de fogo, por exemplo, a um saco do “poço” de energia dentro de mim. Em seu caso, o resplendor indica um excesso derramando-se através de toda sua malha celular. Seu “poço” é seu corpo inteiro. Seja precavida só para te conectar com o resplendor e não com sua energia pessoal. Isto te evitará ser drenada. Agora — Noah moveu suas mãos em frente dela, tocando as pontas dos dedos juntos até que os dedos unidos formaram uma forma

esférica—, para começar, usa duas mãos. Fazer esferas de uma só mão é uma habilidade deixada para mais adiante. Molda suas mãos em uma bola, então simplesmente canaliza a energia para a forma. Não estou seguro de que possa formar formas coesivas com qualquer tipo de energia que gere, mas vale tentá-lo. Esperançosamente se controlará assim.

—Enquanto que o oposto é...?

— Explodir o dormitório.

—Tinha que perguntar — resmungou. Inalou, exalou duro, então emparelhou a forma de suas mãos com as dela. Ela imaginou a energia verde derramando-se de sua pele e extremidades para encher o espaço formado entre as pontas de seus dedos. Ao mesmo tempo, Noah juntou as peças de uma bola de fogo, mostrando a ela a passo lento como deveria ver-se.

Quase imediatamente, uma bola de redemoinho de energia verde começou a formar-se na jaula de suas mãos. Respirava rápido e suave, mas se controlou enquanto se concentrava. Noah murmurou suaves estímulos e instruções contra sua orelha até que cada um teve uma esfera de energia ligeiramente maior que uma bola de softball dentro de seu afeto.

— Bom — disse facilmente.

— Agora seja valente, carinho. Vamos ver que truques pode fazer esta coisa — assentiu com a cabeça confidencialmente e ele aspirou profundamente.

— Se sente como uma bola para você, com massa e forma, assim que você a pode empunhar com uma mão. Permanece conectada a sua fonte de energia até que a jogue, para que não seja possível deixá-la cair. Transfere isso a uma só mão... ali. Bem. É boa lançando?

—Lanço como uma menina — disse com pesar.

—Isso não tem importância — riu alongadamente.

— Simplesmente aponta à parede em frente de nós. Se a explodir, ao menos só se abrirá ao vestíbulo.

—Mencionei que seus métodos de ensino são de natureza tola? — perguntou.

—Não — riu.

— Faz-o. Ninguém está por aí salvo nós. É seguro.

—Famosas últimas palavras.

Em lugar de lançar a bola para frente, baixou a mão e a girou. Lançou-a lateralmente, jogando a de sua mão como se soltasse um Frisbee. Foi engenhoso,

uma eleição que ela sentiu que lhe dava melhor controle e comodidade, e golpeou a marca precisa.

A bola golpeou a parede totalmente no centro. E ricocheteou em uma arqueada volta para eles. Instantaneamente ambos estavam em movimento, afastando-se de um salto da ameaça desconhecida. Kes rodou sobre a cama e se deixou cair pelo flanco afastado e Noah aterrissou como um gato detrás dela. Ambos se inclinaram ao redor para ver o que a ominosa pequena bola verde faria depois.

—As probabilidades são que seja imune a seu próprio poder — sussurrou, automaticamente baixando a voz frente a uma ameaça.

— E devido a que esta é uma forma de energia, possa absorvê-la, provavelmente.

—Melhor estar seguro que lamentá-lo — terminou por ele.

— Que seja.

Noah estreitou seu olhar sobre a bola. Tinha trocado. Ainda estava radiante, mas parecia ter massa distintiva em seu centro. Também tinha começado a pulsar, uma lenta luz estroboscópica e estável, que parecia ter ritmo.

—Estranho — meditou, ficando de pé.

Mas Kestra agarrou sua manga e o atirou de volta abaixo ao lado dela, provavelmente, ainda sem dar-se conta da força impressionante que tinha usado para fazer isso.

—Fique — lhe ordenou, eliminando qualquer impressão de petição para que assim lhe obedecesse.

Sentiu-o arrepiar-se, sabendo que não gostou de ser o receptor de uma ordem. Não estava acostumado. Sorriria se não lhe estivesse dedicando toda sua atenção a esfera situada no centro do tapete emitindo fora sua estranha luz verde. Alegrou-se de que ele retrocedesse, entretanto, lhe emprestando atenção a sua demanda.

Noah esperou enquanto os olhos do Kes se estreitaram sobre o círculo.

Kestra observou, contando a pulsação da torcida e minguate luz. Notando a velocidade. Sentindo mais que vendo, que isso estava pulsando no tempo, o tempo entre as rajada de luz cortando-se.

—OH, merda!

Kestra se arrojou longe do alcance de Noah com a velocidade do raio, contorsionando-se em um cilindro que evitava que ele a agarrasse e a atraía justo em cima da bola de energia.

—Kes!

Ela readquiriu a bola, a energia verde instantaneamente mesclando-se dentro com o resplendor mais leve que ainda se aferrava a sua pele. Kestra ganhou sua altura completa e correu à janela próxima. Noah logo que havia feito a metade do caminho dentro de sua esteira antes que ela atirasse um murro, com seu punho e seu antebraço, no vidro grosso enviando-o a fazer-se pedacinhos abaixo ao redor dela. Então, esta vez, em um completo arco sobre a mão, jogou a bola longe sobre as ameias, no ar por cima dos jardins. Foi justo a ponto de alcançar o nível da árvore quando explodiu com fúria violenta.

Para então Noah tinha agarrado a Kestra, e a fez girar dentro do escudo de seu corpo enquanto dava as costas à força da explosão. A energia os golpeou e ele automaticamente a absorveu. Mas enquanto era capaz de impedir que fossem jogados através do quarto, não pôde proteger as janelas em seus batentes. O vidro explodiu ao redor deles, os fragmentos coloridos derramando-se por todos os lados. Protegeu Kestra completamente despreocupado a respeito de qualquer outra coisa.

Quando tudo passou, endireitaram-se e agora que o perigo tinha passado, ambos estavam ansiosos enquanto se apressavam a ir olhar sobre os marcos vazios da janela para ver o dano que ela tinha forjado.

—Faíscas.

A palavra de temor brandamente falada era a última coisa que Noah tivesse esperado e, repentinamente, encontrou-se Sorrindo.

—Assim acredito — riu alongadamente enquanto examinava a pequena cratera cor café que uma vez tinha sido uma glicina e um grupo de salgueiros. Agora tudo o que ficava da trepadeira e as árvores eram os troncos queimados e uma chuva de destroços ainda caindo.

— Recorde-me que toda prática e lições futuras de seu poder sejam longe das portas.

—Mmm — ela esteve de acordo com uma inclinação de cabeça.

— Sinto pelas janelas.

—As janelas podem ser substituídas— assinalou com indiferença. Então retrocedeu dentro do quarto para olhá-la.

— Como soube?

Ela riu e lhe lançou um olhar oblíquo.

—Querido, se houver algo do que sei, é de bombas.

—É obvio.

Cruzou para ela, suas botas rangendo sobre o metal e vidro. Então, a levantou em braços para proteger seus pés nus e os levou fora da área de destroços. Seu dormitório, já que, provavelmente, cada habitação desse lado do castelo, seria um desastre. Apesar disso, sorria como um idiota por alguma razão. Estava ridiculamente orgulhoso dela a tantos níveis. Tinha sabido que seria poderosa, mas nunca havia suspeitado nada como isto. Uma manifestação de suas melhores habilidades, magnificada.

Voltaria seu treinamento acelerado e fácil, e ele podia sentir sua excitação sobre todas as possibilidades.

—Compreende que está oficialmente fora do negócio como mercenária?

—É obvio — esteve de acordo, incapaz de reprimir um pequeno suspiro desesperado.

— Mas...

—Não — seu tom era firme e não tolerava discussões.

Chegou ao vestíbulo e cruzou o patamar, dirigindo-se para o lado contrário do castelo.

—Só dizia...

—Não.

Ela suspirou com torpe resignação.

—Bem. Se for estar todo tenso e moral sobre isso.

—Não é para preocupar — a acalmou com uma risada afogada.

— Terá muitas coisas para estalar em nosso mundo. Me acredite.

—Promete-o? — demandou.

—Minha palavra como seu Rei.

—Ja! — então seu olhar de desdém aliviou sua maltratada honra.

— Você não é meu Rei — lhe recordou gentilmente.

—Não obstante, não troca o valor de minha palavra.

—Não, mas deveria ver como põe as coisas.

—Graciosa — disse em tom meditativo enquanto chutava para abrir a porta do dormitório que Elijah estava acostumado a habitar quando passava grandes temporadas como convidado de Noah—, mas não pensei que tivesse que considerar que de todos os modos sou teu, Rei, homem ou o que seja.

Acomodou-a em cima da cama e se apartou para lhe dirigir um

olhar significativo. Ela já refletindo sobre isso.

—Vejo seu ponto — disse brandamente, estirando-se acima para acomodar uma mão cálida em seu estômago enquanto se levantava por cima dela.

—Concedendo um ponto? A mim? Parece-me que me acaba de explodir outra vez.

—Ja. Ja. Ja — disse secamente enquanto ele cobria sua mão com a sua.

Kestra o sentiu esticar-se repentinamente e ele arrancou o olhar de seu rosto. Ela seguiu o amplo olhar dele para a mão que ela pressionava em seu ventre. Pela primeira vez, precaveu-se de que uma mancha vermelha se pulverizava através da camisa dele. Ficou direita de repente, tentando liberar sua mão para ver sua ferida.

—Não é minha — a corrigiu brandamente.

Finalmente, ela notou as nervuras vermelhas de sangue entrecruzando sua palma, antebraço e bíceps, atalho por seu choque apressado através do cristal.

—Wow. Não senti nada — disse, enquanto ele se aproximava dela e se sentava a seu lado para poder inspecionar melhor o dano que foi feito.

—Este é meu engano — resmungou, claramente sentindo-o.

— Nunca deveria ter armado uma confusão com um novo poder dentro. Tenho melhor critério que esse.

—Estava tratando de me apaziguar — lhe recordou.

— Pensei que me estava convertendo em um extraterrestre, pelo amor de Deus.

—Depois de quase sete séculos de vida, deveria me haver ensinado a usar minha cabeça — argumentou escoiceando quando viu que havia vidro encravado em sua pele.

— Não te mova. Estou seguro que Elijah tem um equipamento de primeiros socorros no banheiro.

Observou-lhe enquanto desaparecia no quarto de banho, separando seu olhar só brevemente para procurar força nos céus.

—Tinha que me haver dado um fenômeno controlador — disse com suave chateio.

— Me teria conformado com um “um pouco mandão”, ou com um “ligeiramente teimoso”, mas não... — suspirou, soando muito curvada. Então ela dirigiu-se ao homem no quarto seguinte.

— São só corte superficiais — gritou.

—Não o de sua palma — ele discutiu.

—De todos os modos, Gideon disse que eu me curava rapidamente por mim mesma. Não vejo por que te incomoda.

—Porque — disse acaloradamente enquanto se aproximava da cama com um estojo de primeiro socorros para auxiliar sua mão—, sem dúvida alguma, ódio verte ferida.

Essa foi claramente a última palavra a respeito, principalmente porque Kestra estava ocupada lutando com os sentimentos quentes e pouco claros que seu comentário tinha provocado e que brotavam do interior dela. Maldito fora de qualquer modo por convertê-la em uma mulher feita de malvaviscos.

Ele levantou a cabeça de sua inspeção de seu braço ferido o suficiente para lhe dirigir um olhar que lhe disse que seus pensamentos não tinham estado sem monitorar.

—Bom, você o está — ela resmungou de bom humor.

—Em justa correspondência pelo que você me tem feito — replicou, com um brilho em seus olhos defumados.

Ela impacientemente tirou suas pernas pelo bordo da cama movendo-se nervosamente enquanto ele limpava e enfaixava o corte em sua palma.

—OH, deixa de mimá-la - se queixou quando ele se estava tomando muito tempo para sua satisfação.

Com um suspiro exasperado, ele a agarrou pelo queixo e a obrigou a olhá-lo.

—Tem alguma aula depressa da que deveria saber?

—Bom, pensava sair fora. Já sabe, tirar estes bebês a dar uma volta, para ver o que podem fazer! — meneou seus dedos diante de seu rosto, ainda enquanto um severo semblante carrancudo se mostrava em sua expressão.

— OH, vamos! É como quando obtém uma arma completamente nova. Uma com visão laser bem alinhada semiautomática com seu primeiro carregador cheio. A primeira coisa que necessita é disparar a maldita coisa! Entender o funcionamento. Agüentar a rajada até que seus braços doam pelo impacto para trás. Compreende?

Noah teve que resistir o desejo a rir e ser apanhado por seu entusiasmo.

A comparação não se afastava tanto, a verdade. Nesse momento, ela virtualmente exsudava seu treinamento militar, e o fascinou. E sim,

ela deveria familiarizar-se com este novo poder logo que fora possível.

—Mas não esta noite — disse em um tom sucinto, prático.

— Deixemo-lo para amanhã, Kestra. Precisa descansar e, francamente, eu necessito ao menos uma hora onde você não esteja correndo perigo de perder uma extremidade... ou um cabelo são, quanto a isso. Agora sente-se.

Maldita seja. Estava lhe fazendo careta. Realmente pensava que isso iria funcionar com qualquer homem inteligente? As mulheres haviam estado lhe fazendo caretas durante seis séculos. Não lhe afetava no mais mínimo.

Exceto possivelmente, porque a fazia ver-se extremamente beijável. Seus lábios tinham um doce rosa ruborizando-os e se obscureciam grandemente quando ela os tirava sua expressão de consternação. E por que infernos estava uma mercenária ex-militar usando uma artimanha feminina como fazer caretas, de qualquer maneira? As ativistas femininas teriam que estar derrubando-se em suas tumbas.

Noah se obrigou baixar o olhar para seu braço e terminar a tarefa de enfaixar suas feridas. Quando esteve envolta em gaze da palma até o ombro, finalmente reagrupou sua fortaleza de ânimo para olhar a de frente outra vez. A careta tinha desaparecido, substituído por uma expressão de resignação e decepção abjeta.

—O que? — ele cobriu sua confusão com impaciência.

—Bom, não quer me deixar jogar com este poder. Não quer me deixar jogar contigo. Não quer me deixar fazer nada e não acredito que eu goste de muito de ti agora mesmo...

—Jogar contigo. — Em realidade disse ela isso? Tragou com dificuldade, enquanto essa revelação rápida como o relâmpago que tão facilmente tinha provocado, fez que prestasse atenção. Tratava de recordar porque não a deixaria jogar com ele, o assunto se perdeu em uma confusão de pensamentos eróticos e confundiu prioridades.

—Eu... — esclareceu sua garganta quando sua voz soou muito rouca e excitada para seu gosto.

—Não é meu desejo te negar nada — explicou razoavelmente.

— É livre de fazer o que for que você goste. Sei que é uma pessoa independente, mas - se adiantou quando um sorriso travesso curvou a esquina de seus deliciosos lábios— mas sou maior e mais sábio no que se refere ao mundo no que entraste e tem que entender que meu conselho tem uma razão detrás dele. Uma boa razão. E um desejo de te proteger.

—Hmm.

Ela pareceu examinar isso durante um segundo. Então, ficou de pé e deu a volta para ele enquanto atirava de sua toalha. O tecido de algodão caiu longe de seu corpo, deixando-o com uma vista a nível do peito de seu corpo lustroso.

—Desejo te manter a salvo também — lhe disse brandamente.

— A salvo aqui, em meus braços.

Ela deslizou seus braços ao redor de seu pescoço, passando sua perna ao redor da dele para poder chegar mais perto. Isto levou a duro pico de seu mamilo a roçar ligeiramente, com atrevimento, seus lábios. Ele fez um reprimido som de necessidade enquanto ela tão facilmente dominava e provocava o fogo desde dentro dele. Fluiu sobre sua pele e seus ossos, derretendo-se através de ambos até que foi pouco mais que músculo duro, tenso e uma pesada dor de excitação. Tudo o que ele sabia é que ela contava com isso, a sereia desavergonhada e implacável que era.

— Noah — sussurrou contra seu cabelo.

— Te desejo. E sei que você me deseja.

— Te desejar não é a questão — murmurou, sua boca roçando ligeiramente sua pele quente enquanto falava. Deixou a ponta de sua língua tocar a superfície de seu peito e ela conteve o fôlego e se estremeceu.

— Sempre te desejarei.

Noah cedeu a suas tentações, atraindo seu mamilo rígido à caverna cálida de sua boca, lhe dando um golpezinho com sua língua com perita velocidade e pressão até que seus joelhos se debilitaram um pouco e ela se agarrou a ele com um gemido suave de deleite. Soltou-a com um estimulante raspar de seus dentes. Se ela queria jogar à sedução, estava mais que feliz de agradá-la.

—OH, isso se sente tão bem — respirou em sua orelha enquanto esfregava seu rosto contra seu cabelo.

— Não sei como ou por que, mas me põe tão... tão...

—Ardente — completou por ela apenas.

— O suficientemente quente que o posso sentir irradiando de sua pele.

Ele estendeu a mão para acariciar o globo de seu peito com uma larga e agraciada carícia, que queria brincar muito ligeiramente. Seus dedos, então, vagabundearam para baixo, ao longo da curva de seu flanco enquanto se estirava para chupar seu escuro mamilo tentador outra vez. Esta vez, sua atração sobre ela

foi mais premente, mais áspera. Foi mais insistente para fazê-la gritar, o qual conseguiu facilmente. Sua cabeça inclinada para tocar a dele, seu cabelo úmido pendurando contra seu rosto e seu pescoço um contraste frio para o calor crescente que emanava dele.

Noah se moveu gentilmente para correr sua língua sobre uma marca desvanecido que percorria diagonalmente sobre a elevação de seu peito. Ela ansiosamente afundou seus dedos em seu escuro cabelo, sustentando sua cabeça contra si mesmo com um suspiro trêmulo. Suas unhas esfregaram contra seu couro cabeludo enquanto ele se movia para atender ao peito oposto, a sensação enviando um tremor abaixo de sua coluna vertebral.

—Sinto como se tivesse esperado todo o dia para que me tocasse. Estava pesando em minha mente, procurando qualquer probabilidade que houvesse, ainda com tudo o que ocorreu esta noite —lhe disse ela.

A sombra de barba queimou sobre sua pele; sua língua e seus lábios abrasaram.

Kestra sentiu suas mãos deslizando-se na curva de sua cintura e suspirou com satisfação agora que estava segura de que algo que ele desejasse fazia um minuto, agora estava completamente em suas mãos no momento. Noah escapou, pressionando seus lábios em seu peito enquanto ria contra ela.

—Tão segura de você mesma está? — perguntou enquanto suas quentes mãos se deslizavam por seus quadris.

Ela sorriu em seu sedoso cabelo.

—Toda evidência parece apontar a meu favor — esteve de acordo, seu tom ardiloso desafiando-o para que a refutasse.

—E se me detivesse só para te ensinar uma lição, minha pequena fantasia de diabo? —perguntou-lhe enquanto seus dedos se deslizaram ao V de seus quadris, roçando com toques estimulantes através de seus curtos cachos brancos. Sentia-se tão suave e úmida, seu calor um bálsamo excitante contra as gemas de seus dedos. Seu aroma doce, sexy o alagou, enquanto que uma quebra de onda de desejo por ela o golpeou baixo. Ele nunca poderia deixá-la. Nunca. Pelo resto de sua vida.

Kestra ficou sem fôlego enquanto ele descartava a evasiva brincadeira e deslizava seus dedos em sua carne acolhedora. Tão rápido como os teve introduzido fez um som de frustração profunda sobre sua incomoda postura. Virtualmente a açoitou quando a girou sobre a cama com um rebote. Moveu a um lado seus joelhos, seu olhar ardente e atento, enquanto ela se abria a seu olhar e a

qualquer outra coisa que queria lhe fazer. Respirava o suficientemente forte para encher o quarto de som e ele sorriu por quão ansiosa devia sentir-se pelo que lhe tinha ensinado a sentir. O que tinham aprendido a sentir juntos.

Noah se inclinou para beijar seu joelho, o calor misturado em seus olhos quando voaram para cima para encontrar os dela, assegurando-se que a mantinha completamente enlaçada. Roçou uma palma inquisitiva com o passar do interior de sua coxa suave. Sua boca rapidamente caiu em seu caminho, roubando um vaio antecipado de seus lábios. Os olhos de Kestra se fecharam em reflexo, mas o abrupto apertão de seus dedos demandou que ela reconsiderasse suspender de repente o contato visual com ele.

—Você queria jogar — espetou ele roucamente.

— Joguemos.

Empurrou-se com um joelho no bordo da cama e aterrisou sobre seu corpo inteiro, apoiou-se sobre suas mãos, uma palma a cada lado de sua cabeça, e sobre seus joelhos entre suas coxas. Kestra inalou, assimilando seu arremesso e seu aroma do mesmo tempo. Ele pressionou a frente de suas coxas contra a parte traseira dos dela, empurrando-a mais aberta, deixando-a exposta e vulnerável e fazendo seu coração palpitar quando compreendeu que ele estava ainda completamente vestido e ela estava completamente a sua mercê para todos seus desejos.

—Ahh — grunhi brandamente em sua orelha, seus lábios jogando sobre seu lóbulo sensível.

— Finalmente ela entendeu que dois podem jogar este jogo.

—E pode ganhar o melhor?

—Ambos podemos ganhar — corrigiu ele, particularizando o sentimento com um varrido erótico de sua língua na longitude de seu pescoço.

Moveu seu peso a uma só mão, descansando sua palma liberada e seus dedos amplamente estendidos contra sua clavícula. Rapidamente passou roçando para baixo sobre seu peito, em cima de seu ventre, o qual se afundou em um tremor antecipado enquanto a roçava com a criatividade de um pintor durante um comprido minuto, explorando todas as curvas e sensibilidades.

Kestra suspirou com alívio óbvio quando as pontas de seus dedos finalmente retornaram a sua exploração, apressadamente abandonada, das dispostas dobras de seu corpo feminino. Ele exalou apaixonadamente contra sua boca um momento antes de tomá-la despreparada em um beijo que sondou as profundidades de

sua paixão por ela. Ela sentiu seus selvagens pensamentos transbordar através de sua mente, deixando-a sem fôlego.

“Tão molhada. Tão quente. Para mim. Poderia passar toda uma vida aprendendo como estar dentro de você.”

Kestra se aferrou a seus ombros enquanto o prazer fluiu através de seu corpo por toda a atenção que ele estava lhe entregando. Mas ante esses pensamentos, esteve repentinamente envolta na ação, seus dedos caíram a sua camisa, tirando-a do cinto de suas calças. Ele gemeu profundamente quando seu toque se deslizou acima sobre a pele nua de suas costas, mas se recusou a tirar as mãos dela para lhe permitir despojá-lo de sua camisa. Ela gritou quando dois dedos largos se deslizaram dentro sua disposta abertura, o néctar de seu excitado corpo, ardente por seu toque, banhava-o. Ele sentiu a quebra de onda de desejada resposta engrossando-se em sua virilha, sua ereção estirando-se por seu refúgio favorito.

Mas ele a tinha desejado toda a noite, a um nível ou outro, tendo sido retorcido através de um espremedor de emoções e não cederia tão cedo agora. Para ela, entretanto, ele tinha planos completamente opostos.

Procurou esse ponto especial de estimulação que tanto desfrutava do roce hábil de seu polegar. Combinou isto com o mergulho de seus dedos profundamente em seu corpo e a sucção de sua boca em seu peito. Sentiu o piquete repentino de suas unhas em suas costas e se estremeceu em unísono com ela. Seus quadris se equilibraram para cima, fora da cama, para encontrar o ritmo de seus dedos, enquanto ele transferia sua boca a seu ventre e à linha sensível sob o centro dela. Seu progresso por debaixo de seu umbigo a privou de seu afeto sobre ele debaixo de sua camisa, assim é que se viu forçada a satisfazer-se a si mesmo sujeitando com força seus dedos profundamente em seu cabelo, sujeitando-o a ela, ou possivelmente separando-o, ele não podia dizer qual de um segundo ao seguinte.

Quando a língua de Noah substituiu o trabalho de seu polegar contra ela, Kestra gritou de prazer. Ao princípio era um som de negação, lhe rogando que não a empurrasse a esse nível de hipersensibilidade. Então o trocou à aceitação, e finalmente o animou. Ele sentiu a pressão de seus joelhos contra seus ombros, saboreou a deliciosa ambrosia de sua necessidade enquanto se fortalecia e fluía sobre sua língua. Seus músculos interiores tentaram apertar-se em seus dedos, procurando cegamente a liberação. Uma liberdade que ele empurrou para o seguinte momento com uma combinação da mão direita com carícias, de uma vez

que saboreava e tocava.

Ele amou o abandono de seus orgasmos, os eloqüentes lamentos bordeando e algumas vezes ultrapassando aos gritos. Ainda a pressionava, gracejando-a, tirando a força até o último ofego e o agudo gemido que pôde antes de que as fortes pernas dela virtualmente o afastassem a patadas de seu corpo hipersensível. Então, ao fim, ele se levantou sobre seus joelhos e tirou a camisa. Ela jazia estendida diante dele, ruborizada e disposta ainda, ofegando para recuperar o fôlego, tudo isso pintando um quadro de formosa excitação que o incitava a despir-se mais rápido.

Quando esteve nu ao fim, perambulou sobre a longitude de seu corpo usando o roce de sua boca para anunciar sua aproximação. Sentiu o tremor de suas pernas, os estremecimentos suaves, ofegantes de seu fôlego, e o sobressaltava que lhe permitisse a confiança e a franqueza necessária para que ela alcançasse semelhante ponto de desamparo no prazer. Quando enlaçou os braços ao redor de seu pescoço e o atraiu para sua boca, seu coração palpitou com a intimidade e a emoção que ela estava usando para lhe falar através deles. Ainda assim, ela protegeu seus pensamentos sobre a questão e isso o aguilhoou dolorosamente, mas estava disposto a aceitar o que ela oferecesse. Era mais do que tinha estado preparada para dar só dias atrás.

No momento, permitiu-se perder-se na sensação de suas pernas sedosas envolvendo-se ao redor das dele, a pressão de suas pantorrilhas contra suas nádegas atraindo-o para ela, banhando seu eixo endurecido com seu líquido acolhedor enquanto se acomodava contra ela.

Kestra deslizou sua mão entre seus corpos, buscando-o, pressionando-o contra suas dobras molhadas até que ele e seus dedos estavam saturados, a cabeça de seu grosso pênis esfregando-se tão intimamente que ambos gemiam pelo erotismo. Ela o tinha necessitado sempre, isso parecia. Enquanto ele se tomou tempo tirando prazer de seu corpo, ela se tinha retorcido pelo desejo que sentia. Suas manipulações a tinham deixado nas alturas, ainda desolada, porque não lhe tinha tido profundamente dentro de seu coração, não o tinha apertado contra o mesmo centro onde ela tanto desejava sujeitá-lo.

—Vêm dentro de mim, Noah — lhe suplicou em um estertor.

— Por favor... por favor...

Essas palavras se converteram em uma letania enquanto sussurrava a súplica repetidas vezes, algumas vezes estrangulando-a em sua garganta

enquanto ele aguardava seu momento deslizando-se contra ela. Mas ela sentiu rios de suor fluindo de seu corpo para cair em cima do dela, viu seu empapado cabelo, que acentuava os cachos em escuras mechas. Ela sabia, entretanto, o que ele procurava. Sabia o que ele encontraria se continuava brincando uns momentos mais.

Ela estalou em sua liberação, as cores detonando brilhantemente detrás de suas pálpebras enquanto se sujeitavam apertados pelo reflexo. Finalmente, enquanto ela tremia e pulsava ainda, ele encontrou sua soleira e começou a acomodar-se nela.

Noah empurrou contra a rítmica pressão de músculos interiores enquanto entrava nela. Kestra estava escorregadia, mas apertada, tratando de terminar seus espasmos de prazer e ajustar-se a seu contorno ao mesmo tempo. Foi uma sensação impressionante e incrível e seu pulso martelo sob a investida.

—Kes... ah, neném — logo que podia falar enquanto se deslizava mais à frente nela, suas mãos deslizando-se, tentando agarrar-se por seus quadris por guia, incitação e desespero.

Kestra lhe sentiu mover-se, apoiando um joelho, agarrando seu quadril para alavancar, e então se afundou por completo dentro dela. Como era isso possível? Como podia fazê-la sentir cada vez como a primeira vez? Como se fora algo novo e maravilhoso que só eles acabavam de descobrir? Enquanto entregavam-se, voltaram-se menos selvagens, mas mais intensos. Era isso, inclusive, uma distinção? Sim, sim, ela pensou, era-o.

Porque ela começava a preocupar-se com ele, e começou a permitir-se aceitar que ele verdadeiramente cuidava dela. Como uma pessoa. Por quem ela era. Não pela predisposição genética. E isso trocava tudo.

Ele repentinamente cobriu sua boca com a sua, suas mãos afundando-se em seu cabelo e embalando sua cabeça com ternura e calor.

—Shh — sussurrou ele contra seus lábios inchados pelos beijos.

— Há tempo suficiente para pensar quando chegar à alvorada. Só me sinta, carinho — a coagiu com gentileza. —Por agora, só me sinta.

Ela assentiu, permitindo que a quebra de onda repentina de pânico voltasse de retorno aos rápidos pulsos da paixão. Fez o que ele mandava, enfocando completamente a atenção na sensação de sua invasão dura em seu centro. Noah começou a mover-se muito lentamente, prolongando cada retirada e cada incursão

de volta a ela com cegador controle. Kestra compreendeu que tudo que ele queria no mundo era seu prazer e que iria ao inferno e de retorno para conseguir que ela o tivesse. Compreendeu que ele sentia que essa era a única maneira em que poderia expressar-se ante ela, a única maneira em que lhe permitiria fazê-lo.

Assim que o fez com a máxima eloquência.

Ela o aproximou de novo a sua boca e o beijou, seu coração retorcendo-se em um tombo para trás enquanto ela punha mais sentimento a isso que o que alguma vez tivesse feito antes em sua vida. Se ele podia usar linguagem corporal para encher as necessidades de expressão, então ela o poderia fazer, também. A emoção que ela pôs atrás do beijo pareciam avivá-lo como nada mais poderia. Sentiu-o no repentino golpe forte de seu corpo no dela, o impacto enquanto seu fôlego saiu disparado dele, e a pulsante lança de feroz calor que a queimou repentinamente de dentro. A velocidade repentinamente se voltou completamente importante. Ele incrementou o tempo até que ela não pôde ver ou pensar corretamente, nunca importou cuidar-se de tomar fôlego. Sua boca trabalhou contra a sua entre ofegos por fôlego e pausas para tomá-lo um pouco mais duro e um pouco mais profundo.

—Doce destino — ele ficou sem fôlego roucamente.

— Como se sente!

“Como o céu. Como o inferno. Tudo... todo.”

Ele recorreu ao toque de suas mentes quando esteve muito ofegante para terminar seu decreto. Era tudo do mais íntimo, muito comovedor, como se acariciasse sua alma.

Noah sentiu o tumulto de sua mente quando a tocou, a confusão de seu pensamento e a muita emoção para sortear através dela, mas sabia que estava todo enfocado diretamente nele, e isso foi o que importou. Lutou por controlar-se quando esse pensamento enviou tensão agarrando-se facilmente através dele, lhe advertindo que tudo o que tomava era uma idéia emocionalmente íntima para trazê-lo para o bordo dentro dela. A ele lhe esqueceu, entretanto, que a porta se abria para ambos os lados. Ficou aberto para sua adivinhação e ela desenredou a compreensão de sua avalanche de necessidade por liberar-se.

Instantaneamente, ela se esforçou por frustrar todo intento de controle, roubando-lhe cega e ofegante enquanto se dobrava ao redor dele, coagindo-o com o trabalho ondulante de músculos lisos e quadris. Suas unhas penetraram a pele em seu traseiro e ele compreendeu que estava perdido.

Agarrou o lençol tão violentamente enquanto mergulhava nela que se rasgou, do mesmo modo que as pontas de seus dedos se cravaram direto onde agarravam seu quadril. Gozar dentro dela foi como o choque de um trovão, seu corpo inteiro travado. Nem sequer pôde fazer um som, sua mandíbula apertada com força enquanto seu fôlego se detinha e seu orgasmo o despojava do sentido e a força. Tudo o que pôde fazer foi sacudir-se com ímpeto nela com cada pulso violento, o rugido em seus ouvidos bloqueando a visão igual aos gritos dela estrangulados de deleite.

Noah estava tão profundamente sacudido que só pôde apoiar-se sobre ela enquanto tremia de pés a cabeça. Sentiu seus braços apertar-se ao redor dele, sua frente contra a dela, simplesmente sujeitando-o enquanto ele tratava de respirar e recuperar-se. Depois de uma pulsação ele sentiu o desejo de gritar, tanta era sua necessidade de lhe dizer como se sentia, mas temia afugentá-la de só dizer-lhe. Não havia sentido tanta frustração em toda sua vida, e isso era dizer algo depois de quase setecentos anos. Nem sequer podia proteger seus pensamentos, tão fraco era sua paciência e isso só aumentou seu descontentamento. Se ela tratasse de alcançar sua mente justo nesse momento, estaria ali, um desdobramento emocional ao natural que lhe poderia custar tudo.

Ele não devia fazê-lo, sabia, mas não pôde evitá-lo. Afastou-se dela e se sentou no bordo da cama, passando ambas as mãos através de seu cabelo. Tratava de alcançar suas roupas, as sacudindo com força antes que ela fora meio consciente do que estava fazendo.

—Noah?

Deu-lhe as costas, sabendo que cada emoção estava escrita através de seu rosto, sabendo que se ele visse o desconcerto em seu rosto faria algo impulsivo e apaixonado do que chegaria a arrepender-se.

Ela simplesmente não estava preparada.

—Não me faça perguntas — lhe disse, sabendo que soava rude, essa partida assim raiava em ser cruel.

— E... — tragou saliva.

— E não trate de procurar respostas você, pois não quererá o que encontre.

Kestra o observou impactada enquanto saía intempestivamente do quarto, o forte golpe da porta reverberando até que ecoou interminavelmente em sua mente.

Que infernos tinha passado? Ela alcançou a recolher sua toalha do chão, sentindo-se vulnerável e, em certa forma, rechaçada em seu estado de nudez. A evidência líquida de sua liberação explosiva dentro de seu corpo se deslizou dela enquanto se movia, lhe recordando a velocidade entristecedora com a qual seu estado de ânimo tinha trocado. E, acabava-lhe de exigir privacidade para sua mente? Sim. Isso era absolutamente o que ele tinha querido dizer. Sua reação reflete de enfurecimento a desalentou em sua hipocrisia. Quão a grande tinha pedido ela isso mesmo e o tinha outorgado voluntariamente? Ele não tinha menos direito a isso.

Só a perturbou porque não estava nem sequer em Noah desejar tal coisa. Ao menos, ela não o tinha pensado assim. Cravou os olhos na porta sem piscar, embora sentiu que já tinha deixado o castelo. A sensação de aflição que a alagou a deixou sem fôlego. Lágrimas lhe picaram em seus olhos tão abruptamente como seu abandono lhe tinha picado em seu orgulho feminino. Que tinha acontecido? O que tinha feito ela para afugentá-lo?

Estava aterrorizada de que ela nunca pudesse ter a oportunidade de inteirar-se.

Isabella se levantou com um ofego de sobressalto.

Estendeu a mão cegamente para Jacob, mas seu lado da cama estava vazio.

Samhain, recordou. Ele estava fora caçando. Ela tinha ficado para recuperar-se de sua anterior prova extremamente dura, deitando-se depois de ter metido na cama a Leah pouco antes das três da madrugada. Tinha amanhecido enquanto isso. Escutou o bebê, segura de que ela tinha feito um pouco de ruído para despertá-la. Mas o silêncio a saudou e notou que sua filha dormia beatíficamente.

Estava segura de que algo não estava bem. Tentou recordar se tinha experiente uma visão em seu sonho, o que seria a única outra coisa além de Jacob ou Leah que a poderia despertar de um sonho profundo. Isso ou uma chamada para caçar. Tocou Jacob breve e discretamente, comprovando seu estado enquanto se mantinha o suficientemente longe no trasfondo como para não perturbar sua concentração. Ele estava controlando por completo a sua presa e não havia pressão em sua mente mais que uma singela transgressão em marcha, uma para a que ela poderia ser necessitada.

Maldita seja tudo, odiava quando se enchia de um nervosismo como este e voltava-se inexplicável.

Saiu da cama, tironeando da larga saia aberta de sua bata para que formasse redemoinhos no lugar correto contra seus tornozelos. Logo apartou a pesada massa de seu cabelo negro enquanto caminhava descalça por volta do quarto do bebê simplesmente para fazer uma dupla comprovação.

Logo que tinha rodeado a entrada quando chocou violentamente contra um corpo sólido.

Sentiu umas fortes mãos quentes curvando-se ao redor de seu antebraço, ajudando-a a endireitar seu balanço enquanto seu coração saltava a sua garganta. Tomou um aterrorizado segundo reconhecer o verde e cinza tempestuoso dos olhos do Noah.

—Diabos! Noah! Assustou-me! — exclamou, sacudindo-se fora de seu agarre em sua irritação.

— Maldita seja! — moveu-o para trás, ao outro lado do ombro além disso.

— Você, maior idiota!

—Bela...

Seu tom arrojou um cubo de gelo em sua confusão e atraiu uma pausa de suave assombro quando percebeu o impacto completo de suas facções devastadas.

—Bela...

Noah caiu de joelhos diante dela, e para seu alarme e contínuo assombro, tomou ao redor da cintura e enterrou seu rosto contra seu estômago.

E chorou.



CAPÍTULO VINTE E UM

Bela ficou sem fala e aturdida, mas por cima de tudo o resto, era uma mulher de profundo coração e empatia. Suas mãos instantaneamente se afundaram em seu cabelo, sustentando-o contra ela, lhe consolando enquanto seu poderoso corpo era atormentado pela dor. Ela não disse nada, não tentou tranquilizá-lo, somente deixou que se desafoasse tanto como obviamente precisava fazê-lo. Nunca tinha pensado vê-lo em semelhante maneira. OH, sabia que era capaz de emoções de grande profundidade. Era a natureza de sua gente e era o que o fazia tão bom monarca. Mas também era uma pessoa controlada e reservada, para não mostrar a aqueles fora de sua família algo que pudesse ser interpretado como insegurança.

Projetar uma imagem de possuir um nivelado equilíbrio era imperativo para Noah. Outros podiam irritar-se, mas ele sempre devia parecer acalmado e tranqüilo. Deste modo, mantinha a ordem e conservava o respeito.

Que tivesse ido a ela era a parte desconcertante. Uma semana atrás... sim, possivelmente... Como estavam as coisas?

Nada disso importava, compreendeu repentinamente. Já não era importante para ela, e, claramente, tampouco era importante para ele. Estava dolorido, e tinha vindo por consolo. Não as suas amadas irmãs, nem a Jacob... a ela.

Emocionada, teve que tragar para apartar suas próprias lágrimas.

Brandamente começou a lhe acariciar o cabelo, lhe recordando a maneira em que o fazia como mãe para Leah quando estava preocupada. Fez-a sorrir ligeiramente. Noah e Leah eram duas ervilhas em uma vagem. Sempre o tinha pensado assim. Jacob freqüentemente tinha brincado que sofria da “síndrome do pai deslocado.” Ele tinha inventado o termo, é obvio, como uma forma de expressar sua diversão sobre a afinidade que tinham Leah e Noah um pelo outro. Tinha sido assim desde seu nascimento, e sempre seria assim, apesar das mães furiosas. Sabia que lhe tinha quebrado seu coração o dia em que lhe tinha arrancado Leah afastando-a dele como castigo por algo que sempre tinha sabido que não tinha sido capaz de controlar. Ela, de todas as pessoas, mostrando intolerância a um dos Executores. Mostrando intolerância a seu Rei, a quem, como tão dolorosamente tinha dito Jacob, ela amava muito profundamente.

Esquecido agora, por ambos.

Não se enganou em pensar que sua atual agonia era de todos os modos um ataque de conscientização sobre esse assunto. Não. Noah tinha suportado sua dor em silêncio, aceitando sua crueldade como se a merecesse, e nunca se impôs sobre ela. Teria esperado que se encontrasse dentro de si mesmo para lhe perdoar. Não lhe teria causado a dor de suplicar seu perdão se não estivesse preparado para ouvi-lo. Teria ido contra o poderoso sentido da honra de Noah.

Depois de alguns momentos, Noah se tranqüilizou. Bela lhe rodeou o rosto com as mãos e a inclinou sobre a sua, usando as pontas dos dedos para limpar os rastros das lágrimas. Não mostrou vergonha por sua emoção, nem quando ela pressionou um pormenorizado beijo em sua bochecha.

—Vêm comigo — lhe urgiu, tomando suas mãos e fazendo que ficasse em pé.

Conduziu-o abaixo ao primeiro piso e se acomodaram no sofá, um junto ao

outro para que ela pudesse tomar uma de suas mãos entre sua pequenas Palmas.

—Está bem? — Perguntou ele, sua áspera voz tão atenuada que sentiu uma suave pontada de pormenorizada dor florescendo em seu peito.

— Sim. Estou bem — lhe assegurou.

—Não tive a oportunidade de te agradecer quando chegou em ajuda a Kestra.

A forma em que pronunciou seu nome foi como um martelo na parte de atrás da cabeça. Assim, pensou ela, essa era a razão de sua dor. Kestra.

Sua companheira.

— Faria o mesmo por qualquer de nós. Mas me alegra te ser útil, Noah.

Sua sinceridade, unida com o apertão de suas mãos, fez-o tragar duramente enquanto encontrava seu olhar violeta e o aberto perdão que irradiava dela.

— Bela — começou roucamente—, nunca foi minha intenção... nunca quis...

— Shh. Sei. Não há necessidade de falar disso, Noah. Eu, entre todas as pessoas, compreendo a coação sob a que estava. Eu, de todas as pessoas, avaliou o ímpeto da Vinculação e as coisas que fazemos para levá-la a cabo. Dava-me conta que Leah pôde fazer o que fez, pequena como é, porque te quer tanto que quis te dar o que tanto desejava. Como poderia negar a minha filha o direito de te dar semelhante presente?

—Dou de presente — seu mundo de angústia estava envolto nessa palavra.

— Um presente que me sinto forçado a desperdiçar a cada passo. Destruirei-o. Perderei este precioso momento porque não posso ser capaz de ter paciência — apertou a mandíbula com força, atirando de sua mão liberando-o de seu agarre para poder acontecer os dedos de ambas as mãos através do cabelo.

— Esperei pacientemente durante trezentos anos pelo fim da guerra com os Licántropos. Um século para que os Vampiros voltassem para a prudência antes disso. Vivi ao ritmo de um metódico tambor de paz enquanto os Shadowdwellers, Mistrales, e todos os Nightwalkers se aproximavam lentamente à mesa. Anos de diplomacia e compreensão, e com tudo nem sequer posso agüentar uma semana pela mulher que dará significado para o resto de minha existência. Bela, teme tanto aproximar-se de alguém que inclusive um indício de emoção de sua parte ou da minha a envia a uma barreira. Logicamente, sabendo que foi machucada dessa maneira, entendo que isto seja um obstáculo para ela e porque devo proceder com cuidado. Mas...

—Mas seu coração quer gritar dos telhados? A maldita lógica?

Ele suspirou pesadamente, não era do todo uma surpresa que a perceptiva Executora já captasse sua situação.

—Deixei-a. Eu... não podia suportar ficar, mas deixá-la foi um engano. Um enorme engano. Nunca tratei a uma mulher nessa maneira em toda minha vida. Não posso pensar corretamente quando estou com ela! — Suas mãos se abriam e fechavam compulsivamente em punhos.

— Não estou acostumado a refrear minhas emoções, Isabella. Venho por você porque é minha única ponte entre os Demônios e a cultura humana. A única em que realmente confio — que compreenda quão importante é isto para mim. Legna aconselha, mas não estou seguro que veja a verdade porque me quer e está predisposta. Ao menos, ultimamente você me quer menos — disse cinicamente. — Possivelmente o suficiente para ser prática e honesta. Espero que o suficiente sábia para me guiar.

—Caramba, seguro que não pede muito de uma garota, verdade? — Disse ela com seco engenho. Ele realmente riu brandamente. Ela se estirou para cobrir seus punhos.

— Noah, tenho um só conselho para você. É o único que alguém com sentido deveria te dar.

Ele elevou o olhar, respirando profundamente para preparar-se.

—Sei muito pouco a respeito de Kestra, e só falei hoje com ela e brevemente, mas é uma mulher razoável e inteligente. Ao tratar com mulheres razoáveis e inteligentes, há uma só coisa que precisa fazer — Sorriu brandamente.

— Seja quem é. Seja você mesmo, Noah. Deixa de vacilar, te encerrar, e sobrepesar riscos. Esse não é você. Você prospera em sua confiança, tal como floresce quando compartilha suas emoções livremente com esses que mais lhe importam. Ela nunca saberá quem é se te mantém retraído, reprimido. Está assustada? Tem temores? Teme que fuja? —Ele assentiu, seus olhos abertos completamente e expressão determinada.

— Deixe-a. O mundo é assim de grande, e ela é bastante forte. Ninguém que se em frente a seu amor pode te ajudar, mas pode te ser devolvido. Ela voltará. Mas deve voltar por você, por como é. Por ser quem é. Com cada coisa boa e cada defeito.

—Sinto como se me dissesse o mesmo desde diferentes habitações, mas não consigo entender a mensagem — disse com uma sardônica sacudida de cabeça.

—Porque está permitindo que lhe rejam seus medos. E o compreendo. O amor é algo aterrador. Se enfrentar a perder o objeto de seu amor é condenadamente terrorífico. Mas... quem não arrisca não tenta. Noah — disse, inclinando-se para diante—, é um maravilhoso homem que teve que encarar uma muito difícil cadeia de acontecimentos ao mesmo tempo. Não é o primeiro em te desalentar debaixo de tais circunstâncias, e não será o último. Samhain está passando, a pior parte termina. Começará a te sentir logo com os pés na terra. Embora, se ela pode te suportar quando está em seu pior momento, imagina o fácil que será daqui em diante. Deixa de mimá-la. Ela é feita de um material bastante duro, por isso vi. Sei o que significa para você ser franco, Demônio e Rei, e agora volta a te sentar e respira.

—Respirar?

—Só respira.

Noah se recostou e aspirou profundamente.

Exalou.

O esgotamento tinha vencido a Kestra e tinha caído em um profundo e atormentado sonho quando Noah retornou ao castelo. Encontrou-a no Grande Vestíbulo, encolhida diante do fogo em sua cadeira favorita, seu rosto vendo-se rígido com confusão e dor inclusive no sonho. Amaldiçoou-se por isso, aborrecido por sua falta de controle emocional e como isto lhe tinha permitido feri-la. Não era justo castigá-la por seus defeitos. Já tinha sofrido bastante castigo à mãos dos homens. Mais que suficiente.

Mas Isabella tinha razão. Já não podia andar nas pontas dos pés a seu redor. Poderia entrar em pânico, estar aterrorizada e tinha que esperá-lo, mas já não podia lhe permitir pensar que era algo além dele mesmo. Era como uma mentira, e desprezava o artifício. Isso era provavelmente pelo que o tinha passado tão mal ultimamente. Tinha tentado ter paciência, mas o tinha estado fazendo da maneira equivocada. Tinha tentado conter-se de expressar suas emoções quando sua paciência deveria ter sido melhor utilizada, mas bem em relacionar-se com a chuva radiativa de sua honestidade, em vez de evitá-la.

Enquanto a observava dormir, entendeu que ela não tinha vindo aqui porque tivesse querido esperá-lo. Tinha vindo para evitar a cama em que a tinha abandonado. Doída de sua imposição. Mais enganos. Bem, terminaria aqui e agora, pensou com determinação. Tinha jurado não machucá-la nunca intencionalmente e acabava de romper essa promessa. Tinha-o sabido enquanto se afastava dela e

ainda assim não tinha tido a força de honra para deter-se e controlar seu revôo interior. O que importava sua dor em comparação aos seus? Tinha sido sempre tão egoísta? Sua mãe estaria horrorizada por seu comportamento.

Ou possivelmente Sarah tivesse sido muito mais pormenorizada com seu dilema e o de Kestra que ninguém. A confusão e a precipitação, a relutância e a independência contra a que seu pai tinha tido que lutar. E Ariel tinha estado igual de seguro de seu caminho e seu amor como Noah o estava, até fazendo frente à resistência de Sarah. A compreensão repentina dos paralelismos entre Kestra e ele e a relação inicial de seus pais o fiz rir com surpreendida compreensão. Quantas vezes tinha lido o manuscrito do conto de fadas de sua mãe para a Legna e Hannah depois de que seus pais morreram? Quantas vezes as suas sobrinhas e sobrinhos? E outra vez para Leah?

E logo que agora entendia que havia uma lição que se aplicava a sua situação atual. Seu pai tinha abordado os medos de Sarah e o rechaço sem outra coisa que confiança e a certeza da Vinculação a suas costas. Tinha sido ele mesmo, do principio ao fim, exibindo paciência só até certo ponto, e logo mostrando todas suas cartas. E Sarah tinha fugido. Deslocada como uma louca.

E ele a tinha caçado. Apanhado. Persuadido. Como o mesmo Noah havia feito inicialmente com Kestra, só que tinha esquecido manter a verdade. Ser franco. Ser quem e o que era sem importar o que. Seu pai tinha feito só um único compromisso, e esse foi sua profissão. O que Ariel nunca tinha comprometido eram seus sentimentos por Sarah e seu conhecimento de que estariam juntos desde esse dia em diante. Que a amaria e seria amado em troca. Nunca tinha duvidado disso.

—OH, que idiota que fui — murmurou Noah.

Kes abriu os olhos ante o som de sua voz suave, familiar. Endireitou-se rapidamente, atraindo seu olhar com o movimento. Seus olhos se encontraram e se igualaram, cada um olhando turbulentamente ao outro. Moveram-se juntos, instintivamente, embora tampouco tinham tido a intenção de fazê-lo. Levantou-se da cadeira, e sua perna devorou a distância entre eles. Arrojou seu peso em seu abraço enquanto atirava dela contra si mesmo.

—Sinto-o tanto — disse, sussurrando a desculpa em sua orelha.

— Não tenho desculpa. Por favor, me perdoe.

— Não. Tem uma desculpa, verdade? — Disse brandamente em troca. — Mas não usará porque teme que me incomode.

—Não há desculpa por te deixar de tal maneira. Nenhuma — volteou a cabeça para beijar sua suave bochecha.

— Senti sua dor. Senti-a com cada passo que dava e ainda assim não consegui me controlar.

—E eu senti as tuas — rebateu, suas mãos emoldurando seu rosto e sua cabeça tornando-se atrás para poder estudar o esmeralda e fumaça de seus olhos.

—Pensou que tenho que me esforçar para tocar sua mente? Seus sentimentos? Quando são tão capitalistas como isso, fluem em mim como uma enchente — Kestra o sentiu esticar-se contra seu corpo, mas um momento mais tarde exalou e se relaxou.

—Sabia?

—Que me ama? — Perguntou baixo, seu olhar nele sensível e doce.

— Sim. Soube a algum tempo esta parte, Noah. Não foi até que deixou-me tão repentinamente que me dava conta de porquê não me dizia isso. Que lhe estava reservando isso porque me estava protegendo. Como sempre — Ela riu brandamente.

— Sempre me tratará com luvas brancas?

Noah lhe passou a palma da mão sobre seu despenteado cabelo. Ficou momentaneamente sem fala e também estava divertido. Todo seu drama e ela já o tinha sabido. Mais importante ainda, estava ainda ali. Essa compreensão fez que seu coração pulsasse com esperança e deleite.

—Começo a entender que é um engano. Empenharei-me em fazê-lo melhor no futuro — lhe disse seriamente.

— O faz — sorriu uma gentil inclinação de seus lábios.

— Seus sentimentos por mim não são os o que me causam temor, sabe — disse ela, um bordo de tristeza reptando em sua voz.

— Já não. Sei que para você não é fanatismo. Se o fora, não te importaria o suficiente para me defender deles como estiveste tentando tão fielmente fazer. Sinto a honradez e a verdade em suas emoções, Noah. Estou sem fôlego por isso. É tão seguro, crédulo do que sente. De fato, acredito que invejo isso de você.

—Amo-te, Kestra — disse, o alívio apressando-se através dele até ser capaz finalmente de dizer as palavras em voz alta.

— O que poderia encontrar sobre isso possivelmente intimidante? É formosa, forte, e um enigma que acredito sempre me manterá fascinado, sem importar

quantas vidas passamos juntos.

—E se sente assim, ainda quando sabe que não estou segura de se alguma vez possa dizer o mesmo?

Ele não se incomodou em esconder a parte de dor que lhe causou.

—Faço-o. Mas isso não quer dizer que não queira reciprocidade, Kes. Porque o quero mais que qualquer outra coisa. Preciso-o. Minha alma necessita seu amor. Mas — disse brandamente, inclinando-se a beijar seus lábios para distrair a da ansiedade que viu brilhar tenuemente através de seus olhos—, vou encontrar a força para ser paciente por você. Vou fazer que confie em mim o suficiente para deixar ir esse medo. Quero lhe mostrar quão formoso será compartilhar o amor comigo.

Kestra tragou saliva, volteando o rosto enquanto as lágrimas saíam de seus olhos. Era tão seguro. Tão valente. Como encontrava o valor? Depois de perder a seus pais da forma que o fez? Depois dos amigos e os seres queridos que lhe tinham sido arrancados. Como encontrava a fortaleza para amar tão incondicionalmente? Tão facilmente? Deu-se conta então que esperava poder aprender de seu exemplo. Que pudesse mover-se além das lembranças do fim trágico de seus pais e a culpabilidade que ainda sentia por isso. Sabia que não deveria acusar-se pelas ações de um louco, mas não podia sacudir a idéia de que tinha sido o catalisador para a perda desses que tanto tinha amado. Mas até a culpabilidade não era nada comparada com as navalhadas em sua alma causadas quando os tinham arrancado de seu coração.

—Como o faz? — Perguntou-lhe repentinamente.

— Como faz para viver através das eras, vendo morrer a todos os que amas? Não te entendo — disse ela com frustração, agarrando-o como se o pudesse sacudir.

— Não compreendo como pode te arriscar a me amar! Ainda posso ser assassinada. Ainda posso morrer. Só que agora provavelmente será um sucesso violento porque não imagino que tenha um montão de mortes naturais entre sua gente. Explique-me isso, Noah, por favor — lhe implorou, apoiando todo seu peso contra ele.

— Por favor.

—É essa uma filosofia muito simples, carinho — murmurou brandamente contra seu cabelo, detendo-se para lhe beijar a orelha através dos suaves fios.

— Vive o momento. Especialmente quando se vive durante tanto tempo,

precisa saber que não pode adiar nada. Muito frequentemente a pena chega a uma piscada, como você mesma viu e assinalou. Preferiria viver te amando pelo que dure um batimento do coração antes que não conhecer jamais tão glorioso sentimento.

“Quanto tempo temos para nos apreciar um ao outro? Não sei. Não desperdiçarei um só momento precioso pensando sobre isso quando posso passar esse momento fazendo amor contigo.”

Para enfatizar seu raciocínio apanhou sua cabeça entre as mãos e a sujeitou firmemente para beijá-la. Cobriu sua boca, sua fome crua e natural. Beijou-a como se fora, certamente, o último momento que alguma vez passaria com ela. Kestra compreendeu que sempre tinha feito isso, ou tinha querido fazê-lo. Agora que já não temia inteirar-se a respeito de seus poderosos sentimentos para ela, seu beijo foi alagado de uma intensidade que não havia sentido antes. Arrastou calor e batimentos do coração inseguros do centro de seu corpo. Sua mão baixou a sua cintura, apanhando o calor da curva nua contra sua palma. Ele repentinamente rompeu o abraço.

—Doce destino, Kes Que diabos tem posto?

Encolheu-se de ombros. Era sua roupa de dormir convencional. Ajustada-a camiseta branca abraçava a opulência de seus peitos, mas terminava uma polegada ou duas mais à frente sob suas costelas do que poderia terminar seu sutiã, deixando a seu diafragma ao descoberto. Os bóxers de homem estavam enrolados um par de vezes no cinto elástico para ajudá-los a ajustar-se, e estavam situados abaixo, sobre seus quadris.

—Pijama — disse como se fosse um pouco estúpido.

— Está amanhecendo, como vê.

—Pijama? Chama pijama a isto?

Situou as mãos em seus quadris, justo debaixo da linha baixa dos bóxers.

—Tem algum problema com minha eleição em roupa de noite? Er... Roupa de andar pela casa, Uh...roupa de dormir, o que for!

— Não.

—Não? Então por que...

Ele a levantou sobre seus pés e apertando-a contra seu corpo, agarrando-a firmemente pelas nuas curvas de sua cintura.

—Admirava sua sábia eleição — grunhiu com erótica intenção pouco antes de

baixar sua boca esmagando a dela em um beijo ardente. Rapidamente lhe rendeu culto a sua sabedoria com o exemplo, suas mãos roçando facilmente de acima a baixo a camiseta e cavando o peso nu de seus peitos. Apanhou seus mamilos entre seus dedos, brincando com a pressão que tinha descoberto era a que respondia. Ela se dobrou para trás, gemendo em sua boca enquanto se dobrava mais profundo pela pressão dura de seu corpo.

—Adoro a sabedoria em uma mulher — o informou acaloradamente, justo enquanto abandonava seus peitos e dirigia ambas as mãos baixando através da frouxa cintura dos bóxer para poder as curvar sobre seus quadris e logo seu traseiro nu. Usou o agarre para arrastar seus quadris em conexão com as suas, esfregando-se malvadamente contra sua lhe mostrando o efeito que tinha nele, a prova destacando-se por debaixo de suas roupas e dentro de sua suave carne.

—Noah — gemeu ela, desejando poder lhe dizer de mil formas quanto amava sua investida.

O quente e selvagem que a fazia sentir tão desesperadamente querida, como se fora claramente desejada.

—Sim, céu, sei — ofegou brandamente contra seus lábios.

— Trocaria este momento? Preferiria viver com medo que sentir isto?

Levantou-a, sem lhe dar a oportunidade de responder e nenhuma eleição salvo envolver as largas pernas ao redor de seus quadris e pôr os braços ao redor de seus ombros. Atravessou a habitação em um instante, assim o pareceu, e se encontrou outra vez sentada em cima de seu escritório. Não tinha já um vestido, mas isso não desanimou o Rei Demônio no mais mínimo. Procurou, e facilmente encontrou o vale de quente carne molhada aberta para ele. Inclinou-se longe da selvageria de sua boca à primeira carícia segura de seus dedos. Tinha um conhecimento infalível dela e o usou desvergonhadamente. Kestra ficou sem fôlego, suas costas se arquearam, empurrando seus peitos para cima para o alcance de sua boca.

A sensação combinada era enloquecedora. Ardeu, estalos de prazer relampejaram atravessando-a rapidamente, viajando a um ponto central tão próximo ao seguro deslizar de seus dedos. OH, como a tocava!

—Não! — Respondeu-lhe ao fim, apesar de que a empurrava para chegar ao clímax com perita velocidade e logo que poderia respirar.

—Sei — respirou brandamente, claramente afetado por sua resposta.

—Diga-me que desejas, Kes — gemeu com prazer, seus quadris ziguezagueando contra seu toque.

— Tantas eleições para viver no momento, pequeno amor. Quer meu toque? —Aprofundou a carícia entrando em seu corpo com um dedo escorregadio.

— Ou posso te saborear enquanto goza? Ou... — Noah a arrastou perto do bordo do escritório e apartou seu contato para que ela pudesse sentir a grossura de sua excitação contra seu quente sexo.

Kestra ficou quase cega por todas as sensações, sem mencionar o erotismo de suas palavras e as burlonas ações. Em um batimento do coração a havia arrastado ao bordo da sorte. Não o tinha esperado, mas isso não queria dizer que não se estivesse voltando louco. Isto era definitivamente viver o momento, compreendeu, e esse era exatamente o ponto que lhe estava demonstrando.

Sua cabeça se elevou, seus vívidos olhos nublados com desejo e fúria sexual. Suas mãos agarraram sua camisa e atirou dela abrindo-a, sem emprestar atenção aos botões arrancados e que caíam ao chão. Passou-lhe as famintas mãos sobre sua pele. Ele grunhiu de profundo prazer enquanto suas unhas se cravavam subindo por suas costas e se aferravam a seus ombros.

—Dentro de mim — pronunciou ardentemente enquanto lambia o escuro calhau de seu mamilo, apreciando o puxão que passou como um relâmpago pelo corpo, e o estremecimento que seguiu.

— Te quero dentro de mim. Profundo. Conectado a mim como se pudéssemos ficar desse modo para sempre.

Claramente pensou que era uma eleição excelente. A temperatura de seu corpo ascendeu. A óbvia dor titilou através de seus olhos, dirigindo-a a seus pensamentos onde chegou a entender porque sua roupa era desprezada pela incontrolada necessidade de um corpo excitado que tinha reagido bastante a suas palavras. Ambos moveram suas mãos para retificar a situação. Ele voltou a pensar em ajudá-la, fechando os olhos enquanto celebrava a ágil rapidez de suas mãos e a forma carinhosa em que o rodeou com seu toque no mesmo momento em que o tinha liberado de sua roupa. Tinha aproveitado esta oportunidade para desviar suas mãos para seus ligeiros bóxers, tirando-lhe com facilidade.

As preliminares acabaram. Kestra o acariciou com um toque firme, conhecedor, inclusive enquanto envolvia suas pernas ao redor de sua cintura para atraí-lo para

ela. Noah logo que poderia respirar fazendo sons de extasiado deleite de desejo enquanto o guiava em seu disposto corpo. Fez um só impulso, embainhando-se dentro em um movimento que expressava sua desesperada necessidade por fazer tal como tinha pedido. Uma vez que esteve situado profundamente dentro dela, seu calor e seu mel lhe envolvendo apertadamente a seu redor como um punho, atraiu sua boca a dele.

—Vivo para servir — disse, brincando com seus lábios com um mordiscado beijo.

—Se só isso fora sempre a verdade — suspirou ela.

—Te cale — disse inteligentemente, arrastando uma mão sobre sua insolente boca e empurrando suas costas até que ficou tombada sobre o escritório, sua risada se amorteceu pelo selo de sua palma. Ele usou sua mão livre para agarrar seu quadril para poder ancorá-la.

A risada estrangulada em uma exclamação de desfrute enquanto muito lentamente saía dela, então igual de lentamente retornou. Toda sua coluna se retorceu e se estremeceu.

—Hmm — disse ele. — Você gostou disso, não é assim?

Assentiu vigorosamente debaixo da pressão de sua palma.

—O que tem isto?

Kestra não podia compreender porque toda sua sofisticação e seu controle sempre se iam ao inferno por ele, mas reagiu à ardiloso ondulação de seus quadris com um chiado que não podia conter. Tinha uma forma de fazer coisas a seu corpo que estava segura que nunca compreenderia. Jogou com ela metodicamente por vários minutos, até que em sua concentração e distração sua mão caiu da boca para agarrar o outro quadril. Então ela ficou vulnerável aos ecos de seus próprios gritos ricocheteando contra os altos tetos do Grande Vestíbulo.

Ele se estirou para pressionar suas coxas abrindo-os mais, recostando-se sobre ela, e utilizando a dura madeira do escritório como um contraponto para lhe acrescentar uma fantástica profundidade a suas investidas. Grunhiu, ardeu pela sensação de obter sua meta, cumprindo com sua petição na medida de sua habilidade. Perdeu-se dentro dela, envolto por ela uma e outra vez, um paraíso na terra, e uma conexão tão puramente elementar como ele era. Aqui, pensou, isto é verdadeiro fogo. E ela era sua amante.

Honestamente, houve pouca delicadeza para a união. Não demorou muito

antes que ambos se estirassem a alcançar o choque de suas pélvis. Às exclamações de desfrute crescente de Noah rapidamente se uniram as dela, ricocheteando fora dos arcos do vestíbulo. Impotente se agarrou firmemente a seus bíceps, seus ombros, e o bordo do escritório, cada um em seu turno enquanto ele se esforçava por abatê-la.

— Kes!

Foi uma advertência, e ela sabia. Sentiu a tormenta incipiente dentro dele, sabendo que o despojaria facilmente de todo controle. Sorriu tão contente com a idéia que se deixou cair afastando do momento. Sentiu e escutou o choque de seu punho no escritório perto de sua cabeça e não teve motivo para sobressaltar-se. Sabia que estava frustrado porque não podia suportar a idéia de possivelmente deixá-la atrás, deixá-la insatisfeita. Suspeitava que sabia que nem sequer lhe importava.

—Kes!

Esta vez o grito foi mais que uma advertência. Era uma euforia. Estava tão assentado dentro, tão quieta, que sentiu cada quebra de onda, cada pulsação quente enquanto golpeava ruidosamente seus quadris os unindo uma última vez e ejaculava nela. A sensação foi indescritível, inequívoca, e foi tudo o que ela necessitou. Seu corpo voou à parte a um nível primitivo, estalando em um êxtase que só seu prazer nela alguma vez podia ter provocado.

Noah estava impactado pela força de sua liberação, por suas costas arqueando-se para trás até que pensou que sua coluna vertebral se partiria em duas, seu acoplamento sobre ele violento, um abraço poderoso que o ordenhou até o esgotamento. Quando ambos caíram junto ao escritório, encontrou-se completamente aturdido. Logo que podia se ter em pé, para começar. Mas por um lapso de tempo tinha pensado que a tinha perdido, que terminaria sendo egoísta em sua liberação. É obvio, gostosamente teria recorrido a um dos outros métodos que havia descrito a ela antes, mas não gostava da idéia de não poder fazê-la chegar primeiro orgasmo, se não ao mesmo tempo.

—Se preocupa muito — suspirou ela brandamente, dobrando seus dedos através de seu cabelo até que a luz apanhou os raios do cabelo avermelhado.

Sorriu quando ele voltou a cabeça e a beijou entre os seios. Então apoiou suas mãos e ficou em pé.

—O que me faz — disse com uma grave sacudida de sua cabeça.

Cuidadosamente atirou de novo sua camisa colocando-lhe fazendo-a rir nervosamente porque o considerou um gesto absurdo de modéstia em vista de que estavam ainda acoplados juntos.

—Acaba de me recuperar neste escritório — brincou ela.

Tomou a mão que lhe ofereceu, incorporando-se e envolvendo os braços ao redor de suas costelas. Pressionou sua bochecha em seu coração enquanto o abraçava.

—Realmente, pensei que me estava anotando um ponto — fez um momentâneo alto.

— Mas agora que o menciona... vai-me custar muito trabalhar neste escritório de agora em diante.

A resposta de Kestra foi retorcer-se liberando-se dele e ficando em pé. Ela recuperou seus bóxers e se retorceu neles com fácil velocidade.

—Não me dá pena nenhuma. Francamente, eu gosto da idéia de você sentando-se aqui pensando em mim, sem forças para resistir a lembrança de meu delicioso corpo — se aparou o cabelo com classe e acrescentou um olhar coquete por cima do ombro igual de impressionante. Foi suficiente para detê-lo quando se estava arrumando a roupa. Ela riu quando apanhou o delator obscurecimento de seus olhos.

— Não é possível que me possa desejar outra vez já — disse com um descuidado movimento de sua mão enquanto se afastava dele para as escadas, seus quadris balançando-se em um atrativo movimento.

—Não apostaria nada sobre isso — resmungou escuramente enquanto endireitava a camisa.

Deteve-se lhe dirigindo um exagerado bocejo, suas vontades de brincar com ele o alcançavam como uma maré.

—Mas já é de dia, nenen... — o olhou por debaixo de suas pestanas quando o fustigou com o apodo que bem sabia que lhe deixava sem fôlego.

— Hora de ir para cama.

—Kestra — seu nome foi um grunhido retumbante de advertência.

Estirou-se, lhe dando uma agradável vista da linha de suas costas e seu traseiro, então começou a subir as escadas.

—O que vais fazer? — Respondeu a sua tácita ameaça como ao descuido.

—Surrar-me?

—Agora, seria uma idéia excelente.

Kestra nem sequer precisou lhe ver mover-se. Soube sua intenção no momento que saltou ante seus pensamentos. Com um chiado de humor e excitação, saiu correndo subindo as escadas à velocidade do raio enquanto ele ainda ganhava impulso com seu brusco salto atravessando o Vestíbulo.



CAPÍTULO VINTE E DOIS

Kestra olhou sobre o bordo de sua taça fina, deixando que as borbulhas de champanha explorassem debaixo do nariz durante um minuto enquanto aproveitava esta oportunidade para passear o olhar pela imagem de Noah em roupa formal. Não era a única mudança dramática pelo que se maravilhou nestas duas semanas passadas. Enquanto Samhain desaparecia no passado, começou a ver cada vez mais o que ele tinha querido dizer quando tinha tratado de explicar a diferença em sua personalidade. Em essência, era como alguma vez foi: honorável, honesto, sensível e inteligente. Entretanto, seu senso de humor tinha saído à superfície com firmeza, assim como também a paciência e a diplomacia pelo que todos outros tinham chegado a lhe conhecer. Para ser honestos, ela por pouco se perde o lado mais impulsivo dele. Suas muito meditadas e bem pensadas habilidades de comunicação que lhe poderiam crisar os nervos algumas vezes, especialmente quando ela estava picada por uma discussão. Embora, também tinha informado de que não era que seu temperamento tivesse decrescido, mas sim tinha melhores ferramentas e controle para dissimulá-lo. Isso queria dizer que se o tentasse o suficientemente forte, ainda poderia irritá-lo.

Kes sorriu contra sua taça enquanto tomava um sorvo da doce champanha. Tinha visto o delator endireitar de seus ombros, um sinal de que havia sentido que sua atenção estava sobre ele. Facilmente podia tocar sua mente agora, e à inversa também era certo, mas tinham dirigido a habilidade de semelhante modo que eles sintonizavam fora dos pensamentos do um ao outro até que encontravam uma razão para emprestar uma atenção específica. Resultou que esta era na verdade uma necessidade. Quando Noah estava trabalhando ao longo da noite, sua mente trabalhava à velocidade do raio. Dava-lhe uma enxaqueca maciça tentar ir ao parecido com ele sem ter contexto para mais que a metade dos assuntos dos que se ocupava. Aprenderia, é obvio, tal como estava conhecendo seus novos poderes. Por

agora havia muito que dirigir. Por outra parte, teria iguais tão difíceis momentos para concentrar-se em todos seus assuntos se deixasse que seus pensamentos, mas bem militaristas a respeito de seu treinamento desestabilizassem seu enfoque.

Tinha estado treinando com Gideon quando não o fazia com Noah, sendo a razão que em forma astral Gideon podia evitar os danos da explosão, assim como ela podia antecipar imunidade a seu próprio poder. O truque estava que era imune à explosão de energia, não à chuva radiativa. Os escombros e os projéteis a podiam danificar tal como o fariam a qualquer outro. Assim é que não tinha que parar tampouco no lugar da explosão nuclear, ou largar-se ao inferno tornando-se a um lado, uma habilidade em que sua velocidade e agilidade lhe emprestavam grande ajuda.

Em troca, Gideon lhe permitiu praticar sua valoração de poder nele. O benefício para ele? Tinha desatado outro mistério que ele deveria perseguir em seus poderes: a chave à habilidade para que um Demônio sane a um Licántropo. Era outro poder no que tinha estado experimentando durante algum tempo, sem nenhum êxito autêntico. Parecia que ela era capaz de encontrar estes caminhos só porque ele estava já próximo às revelações. Mas lhe havia dito que poderia ter tomado decênios ou mais tempo sem sua assistência.

Estava cansada, um pouco machucada, e não tinha tido um momento a sós com Noah em ao menos trinta e duas horas. Não até esta noite. Esta noite ela estava mostrando suas habilidades sociais. Estavam em um pequeno banquete privado na cidadela do Príncipe Vampiro. Os convidados consistiam de todos aqueles que tinham intervindo em salvar a vida de sua esposa, incluindo sua irmã, rainha dos Licántropos, e Elijah. Damien e Syreena tinham urdido a idéia como um gesto de agradecimento.

Assim Kes jogava com a fileira de pérolas que Noah tinha salvado junto com sua vida o que parecia que fazia toda uma existência. Trazia um impressionante vestido de noite pelo que tinha passado horas indo às compras, encontrando um espírito comprador afim na alegre Executora. Sustentado pelos mais magros suspensórios, o simples vestido caía em uma diáfana seda vinho escuro, só um igualmente diáfano mas iridescente fundo da mesma cor fazendo um mistério algo sutil da pele nua debaixo dele. Mesmo assim, a saia ligeiramente acampanada estava atalho ao longo de sua coxa, mostrando uma muito larga perna e um bonito par de sandálias brilhantes de alta costura em prata.

Tinha a imagem em sua mente da expressão de Noah enquanto baixava as escadas para encontrar-se com ele. Perguntou-se se sua expressão havia sido tão faminta como a sua. Ele estava muito bonito em negro formal, o impacto de seu apertado corpo, vigoroso em seda feita à medida tinha deslumbrado a seus olhos e abrasado a seu corpo. Seu desejo e sua apreciação tinham sido igualmente óbvios enquanto ele tinha tomado sua mão para guiá-la abaixo os últimos degraus. Tinha lhe perguntado se tinha alguma modéstia acima de tudo, pergunta exposta secamente apesar do ardor de seus olhos sobre as facilmente visíveis sombras de seu corpo. Disse-lhe que tinha nascido sem isso. Isso lhe tinha feito rir.

Sorriu ante a lembrança.

Repentinamente girou a encará-la, lhes dando uma vaga desculpa a seu anfitrião e anfitriã enquanto os deixava e cruzou o quarto para ela. Damien e Syreena intercambiaram olhadas divertidas detrás de suas costas, e Kes não podia ocultar a risada faiscando em seus olhos enquanto tomava outro sorvo de champanha. Kes tinha notado logo que não havia sinal alguma das terríveis feridas de Syreena. Não podia evitar a não ser perguntar-se, entretanto, o que se escondia depois dos, sem dúvida alegres, olhos cor carvão.

Quando Noah alcançou Kestra, agarrou-a no braço e a girou de costas ao resto da habitação, colocando-se diante dela para poder observar a todos sobre seu ombro.

—Diverte-te? —perguntou, apartando o olhar dos outros convidados suficiente tempo para varrer para baixo com olhos humosos a longitude incitante de seu vestido.

—Pois, sim — disse simplesmente.

— Seus amigos são sempre encantadores.

—Isso não é o que quero dizer, e sabe. —Inclinou-se perto de sua orelha enquanto a acusava.

— Me está tentando. Volta-me louco.

—É minha culpa que seja um demônio sexual?

—Eu? — riu ele jocosamente.

— Isso te faz a panela e a mim o caldeirão.

—Certo — concordou ela jovialmente, rechaçando o argumento longe uma mão elegante.

— Mas logo que posso ser responsabilizada de cada pensamento ao azar. Os

varões pensam sobre sexo em média uma vez cada dez segundos, escutei. Deveria te recordar, está por cima da média em todas as coisas.

O pequeno dado lhe fez rir, seu fôlego quente caindo em cascata abaixo da parte traseira de seu pescoço, deixado descoberto por seu penteado para cima. Tremeu e ele o notou. Ouviu-lhe inspirar uma respiração larga, lenta. Deu-se conta que aspirava seu perfume. O fazia freqüentemente e com deleite, e tinha aprendido a responder a isso como o erotismo que era.

—Tão doce — murmurou em sua orelha, os lábios roçando o bordo exterior enquanto falava. Fez um pequeno som de prazer feminino, e cantou através dele como uma baixa nota palpitante.

— Senti saudades — disse ardente enquanto se dobrava para pressionar um beijo na linha de seu pulso. Sentiu-lhe tomar velocidade em tempo e fechou os olhos em um intento por resistir sua reação.

—Estiveste ocupado. Estive treinando.

—Nunca deveríamos estar tão ocupados — ele os repreendeu a ambos.

— Agora estou junto a você e não te posso tocar. — Ante o rancor dessa reclamação, suas mãos se deslizaram por diante para travar-se ao redor de sua magra cintura.

—Pensei que os Vampiros e Licântropos não se preocupavam com a modéstia — rebateu ela.

—Importa-me, Kikilia — replicou.

— Com exceção de seu provocador guarda-roupa, há um só nesta habitação que verá as intimidades de seu corpo, Kestra. Só um que os conhecerá por dentro e por fora.

—Isso não esteve nunca em dúvida, nenen — evitou apaziguadoramente, lhe beijando justo detrás de sua mandíbula.

Apanhou seu queixo com a mão antes que pudesse apartar-se completamente, sustentando-a para um beijo rápido, profundo, um aviso de como lhe afetava que ela usasse esse apodo. Atraiu-a perto de seu corpo, provavelmente por puro hábito. Sabia que não o tinha pretendido, mas logo estava pressionada apertadamente a ele, sua mão possessiva na parte pequena de suas costas enquanto a beijava outra vez, as pontas de seu dedo estendidas para a curva exterior de seu traseiro.

—Ei.

Kestra riu disimuladamente na boca de Noah quando Isabella

exageradamente se esclareceu a voz muito perto.

Romperam o beijo, mas Noah não renunciou a seu calor contra si mesmo enquanto giravam as cabeças para olhar à pequena mulher.

—Perguntava-me — começou ela pensativamente uma vez que viu que tinha sua atenção.

Kestra observou os olhos de Noah faiscar enquanto se permitia entrar na armadilha com ceva.

—Perguntava-te o que? — Perguntou-a.

—Bom, falava com a Syreena a respeito de seus planos para as hortas da cidadela chegada a recente primavera. Verá, ela não é capaz de fazer muito, mas deu instruções para uma limpeza total da superfície para este ano, tendo tido tanto que fazer instalando-se e conseguir estabelecer-se. Assim é que discutíamos o possível cultivo para o chão arenoso, rochoso da área, embora ela diz que debaixo disso é uma terra profundamente rica e fértil.

—Isso é afortunado — disse Noah servicialmente.

—Sim, bom, acabo de me lembrar de algo que precisava te perguntar.

—Sim?

—Que diabos ocorreu com seu salgueiro?

Kestra rompeu a rir, ignorando completamente o abrupto beliscão dos dedos de Noah em sua cintura.

—Saugueiro — repetiu ele. Não fingiu questionar isso, só repetiu o que ela disse enquanto seus olhos se elevavam para olhar Jacob e Elijah escutando com atenção claramente planejada.

—Sim. Salgueiro. Glicinia? Trepadeiras? Bonitos caminhos de concha de ostra? O que, decidiu que um grande buraco café no chão repentinamente se via melhor?

—De fato — disse Noah com um generoso sorriso.

— O prefiro. Acredito que o conservarei desse modo. Um aviso de uma muito boa lição aprendida.

—E a lição é...? — perguntou Jacob respeitosamente.

—Nunca menospreze o poder de uma mulher — disse ele simplesmente, acrescentando um casual encolhimento de ombros.

—Vêem, carinho, acredito que lhe acabou a champanha.

Ele passou levando Kestra para longe, deixando suas risadas ofegantes pelo caminho.

Quando Kestra conheceu o Damien ele tinha sido extremamente educado, gentil, e agradecido, virtualmente transbordante de prazer ao dar boas-vindas a Noah. Agora, dias mais tarde, com sua esposa firmemente assegurada a seu quadril, o Vampiro lhe dava uma dimensão diferente enquanto ela o observava com mais eficiente compreensão.

Kestra recentemente tinha notado que sua habilidade a avaliar e riscar um mapa de poder também a tinha deixado com um sentido intensificado de consciência quando chegava a ler aos outros. Sempre tinha sido perceptiva em tomar medidas aos outros, mas agora estava tão perto da telepatia como uma pessoa poderia chegar, sem a consciência real dos pensamentos.

Enquanto ela e Noah conversavam com o Príncipe, esta consciência chutou sobre a marcha. Havia tensão em seu perfil, quase imperceptível, e algo que suspeitava só seus seres queridos o notariam. Estava cansado, fisicamente, sua energia esgotada no que suspeitava seriam formas de risco para a vida se ele encontrasse problema sobre uma caçada. Estava ruborizado e morno, claramente tendo caçado mais cedo, assim é que não era uma carência nutricional.

Emocional? Possivelmente, pensou, considerando o perto que tinha chegado de perder a sua esposa.

Isso a pôs séria em grande medida. Não sabia se o emparelhamento entre eles seria tão fisicamente interdependente como a Vinculação era para os Demônios, mas Jasmine tinha afirmado que ele nunca sobreviveria à perda de Syreena. Supunha que queria dizer que sua devastação tivesse sido impossível de agüentar. Tinha sido ela literal, também?

Kestra percorreu com o olhar a Noah desde debaixo de suas pestanas cristalizadas, seu batimento do coração tomando velocidade com ansiedade repentina. Para ela e para Noah, era certamente literal. Se alguma coisa ocorresse a ele, ela teria pouco mais que duas semanas para viver. Uma sentença de morte que não merecia, nem apreciava a falta de controle sobre sua vida que implicava. Sua existência dependia de sua segurança.

Kes escondeu a rigidez repentina do corpo e a pontada detrás dos olhos sob a aparência de uma tosse delicada. Suas orelhas troavam e tentou respirar e reenfocar a atenção no que Damien dizia a Noah. Como é que havia chegado até esta mórbida tangente? Noah tinha vivido quase sete séculos.

Pensava que ele repentinamente esqueceria como sobreviver?

—Sem o Stephan, temo-me que a rede que estivemos tratando de pôr em seu lugar sobre o mundo começou a desenredar-se. Nem tanto os setores europeus — Explicou Damien enquanto a audição da Kestra lentamente voltava para a normalidade.

— Sempre serão fáceis de dirigir com Jasmine e comigo em semelhante próxima companhia. São com os outros continentes é que estou preocupado. Havia muito mais que dois Vampiros atuando contra nós essa noite. Temo que a razão pela que não podemos encontrá-los, ou a Ruth e ao Nico quanto a isso, é porque há muito espaço ali fora para ocultar-se.

—Estou de acordo. Evitarão as regiões Nightwalker: Rússia, Inglaterra,

- França, Nova Zelândia, Alaska, Rumania, e, como você disse, a maior parte do continente europeu. Ao menos até que as coisas não sejam tão quentes para eles. Mas isso deixa o Norte e Sul a América, Ásia, e África abertos para converter-se em esconderijos. Há eleições menos hospitalares também, é obvio, mas quererão perder-se em uma pesada população humana.

—Também, quererão um campo de jogo — acrescentou Damien lúgubremente.

— Os vampiros nunca podem passar muito tempo sem jogos que jogar. Para que os jogos sejam divertidos para os Vampiros desta índole sem lei, diria foder por aí com as vidas de humanos será uma alta prioridade.

—Por outro lado — adicionou Syreena—, acredito que agora podemos pretender que uma matança com rapidez e crueldade através da espécie Nightwalker não será fácil de obter outra vez. Os Mistrales e os Shadowdwellers receberam uma desafortunada chamada forte e clara. Estarão mais em guarda, mais organizados.

—Como o estaremos nós — disse Noah sobriamente.

— Fomos muito complacentes. Nossos jovens necessitarão um novo conjunto de regras agora. São os mais vulneráveis.

—Deveríamos pensar sobre isso. Todos nós —assinalou Kestra firmemente, sem ser capaz de suavizá-lo porque se sentia muito apaixonada sobre o tema—. Biologicamente falando, a maioria das fêmeas não estão equipadas para obter a força e níveis de poder que os varões podem alcançar. As proteger necessitará mais que só uma forte consideração.

Damien nem sequer piscou.

—As Vampiros fêmeas são tão capitalistas como os varões, ou podem sê-lo se o

desejam. Há muitas na rede.

—Entretanto, as Vampiros fêmeas não estão ameaçadas por Vampiros rebeldes —rebateu ela agudamente.

—Kestra tem razão, sabe. — A mão da Syreena foi distraidamente a sua garganta curada.

— Poderosas ou não, as mulheres correm riscos.

—Quem de vocês carregará com a supervisão da Rede? —perguntou Kestra.

—Não hei... — vacilou Damien, então apartou o olhar brevemente enquanto fez um som suave de frustração.

— Fui tomado despreparado em outras coisas e não designei à substituição do Stephan.

Pena. Culpabilidade. Dor. Preocupação. Amor. Kestra viu tudo isso formando redemoinhos ao redor do Príncipe em um instante. Certamente tinha sido tomado despreparado. Agora compreendeu o cansaço excessivo e a tensão. Isto tinha cobrado uma tarifa de uma forma com a que Damien obviamente não tinha experiência. A ela lhe fez difícil acreditar que ele nunca tinha sofrido uma grande perda antes, não depois de um milênio de vida, e Noah lhe havia dito que os Vampiros tendiam a ser emocionalmente insensíveis. Obviamente Damien tinha trocado quando se apaixonou por Syreena, lhe deixando mais vulnerável que antes.

—Recomendaria uma hierarquia de controle continental e global — propôs Kes.

— É muito para que um só líder o dirija. Sete comandantes, um por moderado, a quem os caçadores possam informar dos progressos e acontecimentos. Então um só general ou um comandante supremo a quem esses comandantes se reportem. Acredito que isso aceleraria o processo de advertência. Ter a Jasmine correndo entre as cortes é ineficaz — sorriu para suavizar o comentário.

— Os que dirijam aos outros líderes podem estar situados na Europa. Sei que crer que evitarão a Europa agora que estamos em guarda, mas somos também as presas extremas. Não há nenhum ponto em ser um rufião se não poder andar à caça de poder. Melhor maximizar a cobertura onde a maior peça de caça se mantenha.

Kes sentiu o braço de Noah deslizar-se calidamente ao redor de sua cintura e ela facilmente apanhou sua mão sobre o ombro enquanto a atraía a seu lado com um pequeno apertão apreciativo. Podia sentir seu orgulho e seu deleite facilmente; Irradiava fora dele como luz do sol. Teve o desejo repentino de ruborizar-se e o combateu com aptidão impressionante.

—Kestra!

—Hmm? — perguntou quando Syreena fez sair de repente seu nome.

—Carinho — disse Syreena com excitação, aplaudindo com força o braço do Damien em sua efervescência.

—Por que não fazer que Kestra tome o lugar do Stephan controlando a rede? Ela tem experiência militar, é obviamente o suficiente guerreira para caçar e brigar, e tem a atenção do Rei Demônio. Algumas vezes justo entre seus dentes. — Syreena riu em brincadeira de sua própria piada.

— Ela está na Europa. E ouvi que tem algum poder chuta-traseros.

—Ela tem o poder perfeito para cumprir essa classe de papel — Kestra se surpreendeu para ouvir Noah—, assim como o comandar perfeito e habilidades organizadoras.

—Mas — lhe disse Kestra cortesmente, arqueando uma sobrancelha conhecedora à outro casal de maridos, lhes fazendo rir alonadamente.

—Mas — esteve ele de acordo com uma ligeira risada—, sua habilidade para dirigir seu poder é nova ainda. Se ela decide fazer isto, recomendaria que deixasse a Jasmine ocupar a posição por agora, dando a Kestra vários meses para aprender os pormenores de seu poder e como aplicá-lo às habilidades militares que já possui. Aprende endemoniadamente rápido, assim diria pelo Beltane.

—Cinco meses. Hmm — disse Damien especulativamente.

— Jas ainda pode viver na cidadela, um detalhe importante, asseguro-te. Com o Stephan ausente, sua presença aqui é essencial.

—Suponho — Noah esteve de acordo com sombria compreensão.

— Se não desejas dividir sua atenção, posso...

—Não. —Damien manteve elevada a mão.

— Jasmine será uma eleição excelente. Estamos seguros aqui sempre que mantivermos aos Vampiros leais fortemente providos de pessoal, o qual estou fazendo já. Se ela instala seu comando aqui, não será diferente ao que faz agora. Acredito que um projeto como este será bom para ela. Kestra, se aceitar o papel como comandante supremo para a Rede, quando não treinar seu poder, pode escolher a seus novos soldados. Te familiarize com os Vampiros já expulsos da rede. Escolhe a suas comandantes entre os caçadores que reúnas. Isso significaria lhe dedicar tempo às cortes estrangeiras como Siena, Tristan e Malaia enquanto você reúne aos caçadores que lhe proponham.

— Melhor virem a minha corte, onde ela está protegida e segura.

Kestra logo que teve tempo de encrespar-se antes de que sua mão se deslizesse para massagear a nuca. Pôs em segundo lugar sua ira, como ele soube que o faria. Compreendeu que este era um aviso gentil que, enquanto seu poder fosse ainda jovem, estaria restringida até onde e quando pudesse afastar-se dele.

—Se ela aceitar — advertiu Syreena.

Sentiu que seus olhos giravam para ela, todos menos os de Noah porque ele sempre saberia antes que qualquer outro quais seriam suas decisões.

—Tenho curiosidade sobre o porquê escolheria alguém tão verde e tão atada à terra. Ao menos deveria escolher alguém que possa voar ou possa viajar velozmente.

Syreena riu como se Kestra fizesse uma piada.

—Viajar através da corte Demônio? Com todos esses Demons Mentais nas pontas de seus dedos? Ou pode escolher um assistente de qualquer elemento que possa viajar velozmente.

—Por isso respeita a verde — falou Noah mais alto com um olhar lateral sobre ela—, o poder dos Druidas aumenta em realidade rápida. Dominam com maestria suas habilidades mais amplas com velocidade incrível. Suas habilidades secundárias - tropa, mandar, estratégia de batalha, e avaliação de poder e habilidade - os que estiveste praticando por uma grande parte de sua vida já. Simplesmente te está fortalecendo sobre a marcha. Poria suas táticas mercenárias contra um excitado Vampiro qualquer dia. E o sustento.

Noah a olhou diretamente enquanto lhe recordava que tinham estado juntos no momento que ela tinha superado uma criatura sobrenatural então muito mais capitalista do que ela tinha sido. Juntos em seus pensamentos. Dirigiu-lhe um sorriso lento, presunçoso antes de girar-se a Damien.

—Pois bem, quando ele o expressa desse modo, como pode uma garota negá-lo?
— riu quando eles o fizeram.

— Carinho, você é tão romântico — ronronou em brincadeira.

—Ah sim, eles são tão sexys quando valoram nosso poder — disse Syreena altivamente.

—Tenho por regra nunca menosprezar seu poder, amor — disse Damien, seu sorriso aberto aliviando a tensão associada a suas facções. Kestra podia senti-lo relaxando-se ao fim.

—Mmm bem, eu estou ainda bastante zangada de que o bastardo conseguiu cair sobre mim — resmungou Syreena, suspirando sua consternação.

—Doce, estava compreensivelmente exausta — a recordou Damien, colocando um beijo tranquilizador contra sua frente.

—Essa não é desculpa — disse ela.

—Tudo o que importa — proferiu Noah—, é que está bem e ele está morto —baixou a voz para que só eles quatro estivessem a par de seus seguintes comentários.

— Além disso, se não me equivocar, a energia deixada atrás nessa habitação era indicativa de um ciclo infernal de zelo, Syreena. — Os olhos do rei Demônio relampejaram com diversão esmeralda.

— Damien tem razão, estava compreensivelmente exausta.

Kestra riu disimuladamente ao meio sorvo de seu champanha, enviando borbulhas para cima pela cavidade nasal. Sua tossida risada aliviou o rubor de sua anfitriã e todos eles lhe uniram.

—Por que pensa que tivemos que esperar duas semanas para organizar esta festa? —disse Damien secamente. Pensativamente tinha estendido a mão para impedir a Kestra tomar outro sorvo de seu champanha até depois de seu comentário.

Resultou ser uma enorme consideração. Kestra perdeu toda compostura, sua risada provocou giros de cabeças e surgiram sorrisos entre seus amigos.

—Um brinde — disse Noah, elevando seu copo repentinamente ao casal de maridos anfitriões.

— Por... pelos frutos de nossos esforços.

—Saúde! Saúde! — A habitação inteira cantou a coro, embora sua interpretação da implicação de Noah era muito diferente.

—Definitivamente brindarei por isso — disse Syreena apaixonadamente.

Damien acabou por sorrir abertamente e tocou com seu copo com o do rei Demônio.

Kestra precisava acostumar-se a uma grande quantidade de coisas enquanto se adaptava à cultura Demônio, mas nada foi tão divertido como o modo de viajar. Embora tinham usado a ajuda de um Demônio da Mente para teletransportar aos efetivos de Damien, não se foram pelo mesmo método. A mais larga incursão a casa tomou lugar em forma de fumaça, uma forma utilizada e guiada por Noah. Mas para

o deleite em curso de Kestra, essa forma não significou nada para seus sentidos. Ela podia ver, sentir, ouvir e experimentar tudo como se voasse como um super herói fictício. E porque Noah dirigia sua viagem, não tinha que pensar a respeito de aonde ia ou como conseguir chegar. Era glorioso, e uma emoção perfeita para suas tendências temerárias.

Noah, é obvio, podia sentir cada momento de seu deleite, e era como se recreasse a experiência por si mesmo. Ele não teria pensado que tal coisa fora possível para alguém que tinha estado transportando-se de semelhante modo durante séculos, mas seu entusiasmo lhe atraiu. Encontrou-o como uma agri-doce experiência, estranha, a forma em que ela tão facilmente aceitava as experiências de sua nova vida. Sim, ele queria que ela gozasse e inclusive celebrasse seu mundo; fazia todo um tanto mais simples para ela.

Mas quanto mais se regozijava em todo o resto, mais tempo a sombra se abatia sobre o único no que ela mantinha reserva.

Ele.

Não em sua forma de fazer amor. Não, não tinha queixa a respeito disso. E por seu modo ele supunha que ela usava essa conexão física como um método de segurança, expressando o que se recusava a admitir até para si mesma. Ela o usava para mimá-lo para que assim não se sentisse molesto porque a amava tão mais, tão profundamente e ainda assim lhe dava as costas a toda auto análise de seus sentimentos. Nem pensar em uma honesta verbalização. Era razoável que ressentisse isto às vezes. Preferiria que só fora natural e não tentasse fazer o que pensava que ele esperava. Desde não ser por sua conexão de pensamentos, poderia ter lido mal sua confusão de sinais desde fazia muito tempo.

Era algo que precisava tratar com ela. Tinha permitido que isso seguisse por muito tempo. Era francamente incômodo para os dois quando ela não atuava por causa de uma honesta compulsão. Ele não queria isso. Ela não queria isso. Noah não tinha nem idéia de porque tinha tido a idéia em sua cabeça em primeiro lugar. Embora, se tivesse que fazer uma hipótese forte, diria que provinha de passar grande quantidade de tempo com tantos casais Vinculados ultimamente. Esta festa na cidadela tinha sido só a última reunião.

A política e arrumar relações e os programas de treinamento haviam feito do castelo um alvoroço de ir e vir de Vinculados. Gideon e Legna, Jacob e Isabella, Corrine e Kane, inclusive Elijah e Siena tinham aparecido regularmente enquanto

Elijah se via forçado a dedicar maior atenção às questões Demônios que a sua esposa que estava fora. Noah estava chegando a compreender que Elijah se veria forçado a renunciar logo. Tinha estado esperando corajosamente fazendo frente a tantas estranhas novas ameaças, como esse era seu talento e sabia que Noah lhe necessitava tanto, mas o Rei e o Capitão dos Guerreiros tinham chegado à sombria conclusão que Elijah tinha que estar ali, o guardião nunca teria fracassado em proteger Kestra do ataque do Vampiro.

Mas os interesses de Elijah estavam divididos agora e o estava mostrando.

Não é que Noah ressentisse sua felicidade no mais mínimo. Mas o negócio de proteger a sua gente deveria ter prioridade. Necessitava uma solução adequada, porque Elijah não seria um homem fácil de substituir. Seus chefes se reuniram muito durante nos próximos meses, pensou Noah. Enquanto isso, até que Elijah lhe ajudasse a escolher a seu sucessor, as coisas estariam em status. Quão único lamentava Noah, sua única preocupação, na verdade, era que Elijah viria de visita até menos que o que ele já o fazia quando isto chegasse a passar. Sentia saudades severamente da irreverência do Capitão, a qual lhes acautelou por completo de tomar as coisas muito seriamente.

Não obstante, Kestra era um amarrado de substituição bastante pequena. Recordava a Elijah. O engenho, o giro mortal que seu estado de ânimo podia tomar, suas habilidades, e seu entusiasmo categórico pela destruição. Pela batalha. Mas suas decididas maneiras tranqüilas fluem nela. Simplesmente preferiria estar fora nas primeiras linhas brigando por preservar essa paz antes que deixar aos outros fazê-lo por ela. Ele respeitava isso. Propiciaria uma monarquia sábia, compreendeu, enquanto pensava a respeito da proposta de Damien e seu papel nela. Como um tabuleiro de xadrez. O Rei situado atrás e protegido, suportando o embate político e o trabalho de escritório normal requerido dele, enquanto a agressiva rainha dirigia os métodos de amparo e enfrentava às ameaças.

A ele mais bem gostava da idéia.

Não tinha ideais ego maníacos. Era poderoso e podia brigar, mas esse não era o tipo de Rei que desejava ser. Só intercedeu, como o fez no caso da ameaça a Syreena, quando as ramificações políticas o exigiram. Ele sempre tinha estado satisfeito rodeando-se de assessores que estivessem cem por cem enfocados em seus papéis e suas tarefas quando se tratava de conflitos. Elijah. Jacob. Bela. E Agora Kestra. Só se enriqueceu por isso. Em tantas formas.

Estavam a ponto de sair dos limites da Rumania quando um resplendor tênue de sensação ecoou sobre Kestra e Noah. Um medo de inexplicáveis origens os golpeou. Sem esperar isto, Kestra entrou em pânico. A experiência de Noah lhe servia um pouco melhor.

“Te acalme. É simplesmente um truque, Kes.” Falou brandamente em sua mente acelerada ao máximo. “Alguém está tratando de nos afastar.”

A só frase fez toda a diferença no mundo. Noah vacilou por um momento porque ela estava com ele. Valia mais golpear o chão e confrontar o inimigo? Só saíam em perseguição deles se tentavam correr. A área debaixo deles era uma vantagem geográfica para o inimigo? Ou isso era somente oportunidade?

“Oportunidade. Devem nos haver seguido. Não tinham forma de saber que passaríamos por este caminho.”

“Bendito seja seu pequeno coração estratégico, Noah pensou com deleite. Ela tinha razão.”

“Bom, neném. Prepara-te. Logo que aterrisse e nos solidifiquemos, necessita energizar acima.”

“Estou pronta aqui, Kikilia.”

Um batimento do coração mais tarde aterrissou convencionalmente sobre seus pés sobre o terreno. Enquanto orientou, Noah tremeu com imolação enquanto se cobria os braços. Com suas costas tão perto dele que seus quadris estavam tocando-se, o corpo de Kestra brilhou com verde luminescência. Ela se comprometeu, entretanto, instantaneamente formando uma bomba do tamanho de uma granada em sua mão. Ambos voltaram sua atenção completa para o bosque ao redor deles, procurando sua ameaça.

—Kikilia? — vacilou ele em um sussurro divertido. —Estiveste passando o tempo com Bela.

—Não pensaria que ia viver em um ambiente onde outros poderiam falar através de minha cabeça em uma linguagem que não compreendo, verdade?

—Já vejo.

—Assim é que finalmente sei o que Kikilia quer dizer — adicionou.

—Não me dava conta que fora um problema — meditou ele, seus olhos perspicazes observando as sombras.

Antes que ela pudesse responder, o primeiro ataque estalou ao redor deles. Melhor dizendo debaixo deles.

O chão repentinamente cedeu terreno sob seus pés, paralisando inclusive enquanto a água surgia em um gêiser entre eles, forçando-os a apartar-se, separando sua posição protetora. Antes que pudessem tomar ar foram afundados em uma fonte termal que crescia rapidamente.

Kes não desperdiçou um segundo somente. Saiu à superfície e manteve os olhos na linha de árvores enquanto nadava furiosamente para a borda que ainda se expandia. Não teve que olhar detrás dela para ver que Noah estava fazendo o mesmo em direção oposta.

Estava aliviada de que uma das lições que já tinha dominado fora a reabsorção da energia que usava para fazer suas bombas. Estava agradecida de que Noah tivesse insistido nisso. De outra maneira a energia da granada tinha sido abandonada na água assim que ela pôde nadar e ambos estiveram fugindo da explosão assim como também do perigo iminente ao redor deles. Inteiraram-se de que suas bombas não começavam a conta regressiva até que na verdade as soltava as separando da aura de energia da que ela as fabricava. Mas bem como atirar de uma espoleta ou acender uma mecha.

“Kes são Vampiros. Quão rebeldes ficaram, sem dúvida. Se prepare para algo e tudo. Há uma manada deles.”

“Vão atrás de você. Não sabem quem sou assim é que você deve ser o objetivo”. O coração de Kestra golpeava tão duro que o podia ouvir em seus ouvidos enquanto emergia fora da água.

A primeira coisa que fez foi esticar-se para a seda delicada de seu vestido.

Estava em seu caminho e tinha que despojar-se dele e de suas sandálias logo que fora possível. Rasgou a saia por completo até suas coxas enquanto se agachava no chão. Nesse brilho de tempo, uma sombra saltou ante ela. Era a larga forma de um robusto pinheiro um segundo; ao seguinte, estava surgindo sobre sua pele e enterrando-a no chão. Rodou com isso, compreendendo instantaneamente que havia uma forma sólida para esta suposta sombra, e isso significava que a imposição de dor era altamente possível.

No lado contrário da água, Noah estava em um apuro similar, só que esta sombra golpeou antes que ele inclusive tivesse feito pé apropriadamente na costa, dividindo-se em três, e lhe dobrou em questão de segundos. A cabeça de Noah chocou violentamente contra o chão, as estrelas explodiram brilhantemente dentro de suas pálpebras. Sentiu a seus assaltantes colocando um rápido agarre sobre ele.

Faziam uma coreografia tanto cronometrada como em localização, enquanto lhe imobilizavam ao chão por suas mãos, cintura e pernas, indicando que isto estava muito melhor planejado que um assalto ao azar.

Ainda assim, o planejamento lhes servia de bem pouco. O Rei Demônio tentou não rir enquanto enviava uma capa de fogo a todo o comprimento de seu corpo. Enquanto a chama ondeava abaixo sobre sua pele, estalando e assobiando como água evaporada, seus assaltantes se arrastaram à distância, gritando. E então Noah sentiu o choque de uma quebra de onda de água.

A maldita fonte.

O vapor estalou violentamente a seu redor quando a água molhou seu corpo. A onda continuou atrás dele enquanto tentava rodar livre. Não podia recuperar o fôlego, e sem importar em que forma se esforçasse em mover-se, a água o seguia. Compreendeu que estava em perigo real de afogar-se debaixo da investida se não se concentrava. Rodou sobre as mãos e os joelhos, dobrando a cabeça para baixo enquanto a força da água estrelando se intensificou. Procurou fora de si mesmo pela energia, e meia dúzia de fontes flamejou em sua consciência. Soube que uma dessas era Kestra. Ainda tinha uma boa idéia de qual era porque ela ressonava tão diferentemente das demais. Se lançasse uma rede larga e absorvesse a energia sem discricção, Kestra cairia na zona. Ela era, ainda, muito jovem para suportar o mais forte de drenar um completo poder, especialmente o que ele teria que usar para vencer a semelhantes adversários poderosos. Também, se houvesse outros espreitando na distância, estaria deixando ela completamente indefesa e a si mesmo para olhar para mais ameaça individuais. O instinto lhe disse que a premeditação atrás deste ataque faria desse um desaconselhado curso de ação.

Noah se cambaleou, caindo de primeiro frente ao chão do bosque submerso que estava rapidamente convertendo-se em um pântano. Precisava respirar. Necessitava oxigênio. Sentiu algo golpear suas costas, e seu rosto chocou violentamente contra as águas profundas enquanto sua cabeça era forçada para baixo. A queda da água continuava enquanto suas mãos eram pisoteadas para as sujeitar no lugar. A cintura outra vez, e as pernas seguiram. Agora ele estava em uma desvantagem distinta. Os Vampiros não precisavam respirar. Ele, infelizmente, necessitava muitíssimo oxigênio. Os Vampiros eram malvadamente fortes, e quatro contra um era provavelmente impossível sem o uso de seu elemento. Bom, parte de seu elemento. Mas não necessitava o fogo para ganhar vantagem. Noah foi

pelo mais próximo e mais crítico objetivo. Enfocou a atenção no Vampiro que sujeitava sua cabeça debaixo da água.

Kestra bateu suas pernas ao redor de seu assaltante, ignorando qual objetivo tinha acima e instalando-se para terminar em cima para quando terminaram de deslizar-se através do chão do bosque. O Vampiro era magro e escorregadio como o inferno. Era também extremamente forte. Logo que teve tempo de saborear sua posição dominante antes que ela fosse arrojada completamente e longe. Aterrissou na maleza com uma maldição. Então ele estava sobre ela outra vez, a mão indo a sua garganta e os joelhos chocando abaixo em suas coxas dolorosamente. A outra mão só pôde apanhar uma das dela, mas ainda assim agora a imobilizava eficazmente ao chão do bosque. Ele despediu um cruel par de presas e começou a esmagar sua garganta debaixo do agarre por uma só mão formidável.

Kestra brilhou intermitentemente verde fosforescente. Surpreso, o Vampiro piscou contra a labareda repentina de energia. Pareceu quase como se ele estivesse fascinado por um momento. Um momento que deu a ela uma vantagem. Sua mão livre se curvou em um círculo e uma esfera pequena do tamanho de uma bola do Ping-pong ganhou forma em sua palma. Enquanto isso, o Vampiro compreendeu que estava a ponto de enfrentar um poder desconhecido e tomou as medidas. A força contra seu pescoço aumentou e liberou a mão da dela. Só teve um segundo para pensar quando ele atirou bruscamente de seu braço para trás e ela viu brilhar a luz da lua. Era o pior para fazer quando estava sendo sufocado, mas ela lançou bruscamente o queixo para cima enquanto as pontas desses destellantes dedos fustigaram através de seu ombro, pescoço e rosto, unhas afiadas como navalhas sulcando profundo em sua pele. A cabeça de Kestra sacudiu a um lado com a força das navalhadas. Inicialmente não sentiu nada salvo o raiar de uma contra a sua maçã do rosto porque as unhas estavam muito afiadas. A dor chegou mais tarde. Mas ela se protegeu usando o método que havia descrito para Noah quando ele a tinha gracejado por suas morbosas eleições sobre temas de conversação.

Enquanto sua dor se fora dissipando, entretanto, não haveria semelhante sorte para seu assaltante. Girando o rosto de novo acima enquanto sua mão estranguladora forçou o sangue a fluir velozmente fora de suas novas lesões e dobrando seu queixo de novo até abrir uma porção de sua via respiratória, Kestra encontrou os olhos ambiciosos de seu assaltante. Ele estava inclinando-se mais perto, claramente esperando saborear seu sangue. As mãos ainda livres, Kestra

estendeu a mão e sacudiu ao Vampiro por seu cinturão.

Ele se levantou, perplexo quando a sentiu empurrando sua mão no fronte de suas calças. O agarre em sua garganta se afrouxou com sua sacudida e ele olhou para baixo no brilho gelado de seus olhos enquanto lhe sorria.

Então ela articulou uma palavra para ele dado que não podia falar.

Buum.

A pequena bola tinha deixado sua mão vários segundos antes disso, é obvio, assim é que para quando a compreensão emergiu, era muito tarde para o Vampiro. Ainda assim, ele reagiu como se esperava. Afastou-se dela com um chiado de terror, tratando de agarrar sua entreperna em perigo. Kestra compreendeu uma coisa. O Vampiro estava a ponto de converter-se em despojos e ela precisava conseguir sair desse inferno.

Tomou um fôlego rouco, áspero e rodou de volta à fonte termal.

O Vampiro explodiu. Suas costelas se converteram em projéteis que romperam através do bosque até cravar-se nos troncos das árvores com golpes secos vigorosos. O resto dele choveu para baixo em uma ampla circunferência. Tão longe como os despojos chegaram, foi mais bem um assunto de estupidez em oposição ao perigo. Kestra saiu à superfície, de algum jeito isenta de sangue e vísceras pelo esforço, ofegando locamente para respirar.

Kestra logo que tinha começado a respirar por si mesma sentiu o desassossego de Noah. Seu corpo e cérebro golpeavam pela necessidade aguda por respirar, ainda quando ela aspirava oxigênio por toneladas. Lutou por sair a rastros da água, ainda tossindo e respirando fortemente e com dificuldade enquanto sua garganta inflamada se bloqueou. Alisou para atrás seu cabelo molhado, o qual estava desfeito, tentando liberar seu campo visual para poder encontrar Noah. Como podia estar em perigo? Sua mente não podia imaginá-lo. Ele era muito forte e muito preparado.

Enquanto jogava para atrás de novo seu cabelo, o movimento roçou os bordos dos profundos sulcos que o Vampiro tinha talhado em sua pele e o sangue emanava fora, um reflexo da horrorosa dor que finalmente golpeou. A agonia nem sequer esperou até que sua ascensão de adrenalina se desvanecesse. Queimava como uma marca cruel, de rastelo. O sangue a cegava em um olho e tentou enxugá-lo enquanto ela caminhava pesadamente ao redor do bordo do charco para encontrar Noah.

Noah teve que fazer a um lado o sino de alarme de aguda dor de Kestra

enquanto timbrava através de seu cérebro. A escuridão transpassou os limites, e se perdesse a consciência ele a deixaria à misericórdia destes monstros. Ele deixaria a todos os Nightwalkers à misericórdia de Vampiros que teriam bebido o sangue de um Demônio macho de Fogo.

Nenhuma dessas opções eram aceitáveis, e Noah sentiu a fúria e a indignação ondular à vida violentamente. Tratou de alcançar seu primeiro alvo, usando todo seu enfoque para lhe mostrar do que se tratava o autêntico vampirismo. Absorveu a energia do Vampiro situado sobre sua cabeça com tal selvageria que a criatura logo que teve forças para piscar em reflexo, enquanto caía de cabeça no alagado chão do bosque. Noah tentou sair à superfície da água, mas jazer sobre seu rosto com suas mãos e cintura ainda assegurados lhe impossibilitou o tempo justo para que um joelho em suas costas e uma mão em sua cabeça substituíssem ao Vampiro caído.

“Converte-te em fumaça!” Ouviu o grito frenético de Kestra, sentindo seu apuro por lhe ajudar. Ele temeu por sua segurança, sabendo que não pensaria em si mesmo.

“Não posso. A água...”

Kestra não tinha sabido isto sobre ele. Nunca lhe tinha explorado por poder e debilidades. De alguma forma nunca tinham chegado a isso. Mas agora sabia que ele não poderia começar a fumar ou flamejar debaixo de um dilúvio de água. Era contra as leis dos elementos. Deveria sabê-lo e deveria reprovar-se por não pensar logicamente sobre isso antes.

Ela chegou ao redor da curva, salpicando através do fluxo correndo baixo a pequena costa enquanto a água alagava a borda do oco onde Noah estava imobilizado dentro. Viu os, quatro Vampiros. A gente estava de barriga para baixo na água, claramente uma vítima de sua briga por controlar ao rei Demônio. A gente estava literalmente sentada em suas pernas e cintura, outro parado sobre suas mãos, o terceiro tinha um joelho sobre sua coluna vertebral e uma mão em sua cabeça mantendo-o afastado do ar que desesperadamente necessitava. Um jorro de água saía precipitadamente da fonte termal e se arqueava para estelar se sobre seu prisioneiro.

O espírito de Kestra gritou enquanto sentia a escuridão superando Noah, sentia seu medo de deixá-la atrás para lutar com estas criaturas sozinha. Seus olhos frenéticos se moveram por volta de um quinto Vampiro. Claramente o líder, ele

estava afastado do perigo de tratar diretamente com o Demônio de Fogo que haviam capturado. Estava de pé sobre uma grande rocha redonda não muito longe, observando o incidente inteiro.

Não. Havia mais. Os olhos de Kestra se estreitaram enquanto usava cada sentido novo que possuía para entender como atuar. Estava a fonte da água. Esse Vampiro, ela se precaveu, controlava enquanto outros trabalhavam.

Kestra sentiu imbuída com tal fúria de repente, juntando suas mãos para formar uma bola do tamanho de uma laranja enquanto deixava que o sentimento a afligisse. Sabia que a frustração e a impotência que respaldavam o poder de sua cólera eram em parte de Noah, mas ela as usou de todos os modos, e o empacotou no círculo.

Justo enquanto o Vampiro levantava o olhar e a viu, Kestra lhe lançou a bola. Então correu através da água profunda até a tibia de Noah. Tendo em olho ao Vampiro de constituição mais ligeira, uma fêmea parada sobre as mãos de seu companheiro, ela a arrasou, arrojando-a com o poder de seu impulso. Aterrissaram com uma salpicadura. Kes a agarrou, e tomando ar outra vez, rodou à Vampiresa sobre si mesma.

O círculo explodiu.

Meio inundada, Kestra sentiu uma série de sacudidas pelos golpes secos que pegavam no corpo do Vampiro que ela sujeitava sobre si mesma como um escudo. Quando as salpicaduras ao redor dela se detiveram, apartou o corpo. O Vampiro tinha recebido um ramo de árvore justa através de sua cabeça, assim é que ela estava satisfatoriamente morta. Soube que o mesmo aconteceu para o Vampiro na grande rocha redonda porque ele tinha estado no lugar da explosão.

Suas únicas preocupações agora eram Noah e os outros dois Vampiros. Ela tinha deixado Noah desprotegido da explosão, mas não tinha tido muito de onde escolher. Viu-se forçada a usar uma explosão de ampla fila com a esperança de que igualaria as possibilidades. Sacudindo água e sangue de seus olhos, levantou-se e procurou os Vampiros.

Viu três corpos mais flutuando dentro a água repentinamente quieta.

—Noah!

Ignorou tudo exceto o corpo flutuando de barriga para baixo em sua fina roupa formal. Arrastou-se para a ele, lhe agarrando e lhe chamando enquanto girava seu pesado corpo de barriga para cima e ainda por cima de suas coxas ajoelhadas para conservar sua cabeça sobre a água. Sua tez estava cinza, seu bronzeado natural se

perdeu debaixo da água e do barro que corria sobre seu rosto e rodeava seu nariz e boca onde seu corpo finalmente lhe tinha obrigado a aspirar a lama.

Kestra se estremeceu horrorizada, sentindo a ausência repentinamente fria de sua presença em seu corpo e mente. Seus pensamentos se tornaram completamente silenciosos.

Seu espírito se ficou vazio e sozinho.

Atuou com a velocidade do desespero, jogando mão de suas habilidades, mas bem antiquadas de primeiros auxílios, tentando limpar o barro e sujeira fora de sua boca para liberar suas vias respiratórias. Os resultados foram lastimosamente inadequados e soube que não tinha opção a não ser continuar tentando-o. Não havia maneira de que fora a permitir que um grupo de ambiciosos chupasangues privassem a uma raça grandiosa de seu formoso líder. Ela chiou em um fôlego passando de sua garganta parcialmente fechada, colocou sua boca na dele, e exalou para encher seus pulmões, rezando para que o estivesse fazendo bem, que suas respirações fossem cheia e o suficientemente profundas.

Não podia lhe perder. Não justo quando começava a lhe conhecer. Ele foi a primeira pessoa em amá-la desde seus pais. Tinha-o aceito. Havia se deleitado com isso. Ele sabia quão excepcional era, para que a fizesse sentir cômoda com seu extraordinário amor. Enquanto Kestra respirava por ele outra vez, soube que se conteve dele só por esta razão. Não podia suportar amar a alguém e lhe perder. Por ser a razão pela que morreram.

Kestra começou a chorar, lágrimas só porque não tinha fôlego de reserva para soluços. Estava rodeada pela água, lhe sustentando sobre seus joelhos. Deveria o ter em terreno plano, mas ela não se atrevia a desperdiçar tempo tratando de carregá-lo para isso. Respirou por ele outra vez, amaldiçoando aos Vampiros e Nightwalkers e a avareza e cada coisas sobre o que podia pensar. Ele tinha feito armadilha à morte por ela; por que ela não poderia fazer o mesmo por ele? Tinha que fazê-lo. Não havia eleição. Devia fazê-lo respirar e viver. Havia tantos que lhe necessitavam. Os Executores, sua pequena, e tantos outros. Irmãs. OH Deus, suas irmãs.

Eu.

Sim, ela pensou com uma formidável dor através de sua alma. Necessitava-lhe. Precisava lhe dizer o muito que a tinha trocado. Trocado sua vida. E quanto na verdade lhe apreciava. Precisava lhe dizer quanta alegria lhe tinha dado em só estas

breves semanas. Ele não poderia ir-se sabendo isso. Ela tinha estado tão evasiva, tratando de proteger-se, de forma egoísta albergando velhos medos e feridas quando ele tinha necessitado escutar como se sentia ela!

Com o seguinte fôlego, a água foi expelida com força da boca de Noah, mas ele ainda não respirava por si mesmo. O que ela não daria de ser capaz de pedir auxílio como um telépata! Certamente outros estariam o suficientemente perto para escutar. Inclusive Damien! Alguém que pudesse trazer para um médico para ele.

— Amor — suplicou ela contra seus lábios, enquanto tomava ar por ele.

— Por favor.

Empurrou para dentro um fôlego profundo, e mais água e mais lama subiram. Limpou sua boca e seguiu adiante.

“Por favor”, implorou em seus pensamentos enquanto repetia o ciclo outra vez, “por favor, não me deixe. Não poderia suportá-lo. Sei que sou egoísta como o inferno, mas necessito que fique comigo por alguns séculos mais. Por favor. OH Deus, ele não respirará! “

Kestra lhe sacudiu em sua frustração, tremendo enquanto sentia seu calor desaparecendo segundo por segundo.

— Detem! — gritou, embora o que saiu fora um grasnido.

— Não pode me deixar! Você, bastardo! Não pode me fazer te amar e logo só ir !

Kestra soluçou com força mas se recusou a dar-se por vencida, a fúria alimentando sua determinação. Arrastou ambos para cima, rodeou com os braços seu peito por debaixo de seus braços, e lhe transportou fora da água, procurando terreno plano.

Logo que o encontrou, arrojou-se de novo sobre ele e não perdeu tempo montando escarranchado sua cintura para poder inclinar-se a escutar seu batimento do coração. Então acrescentou compressões ao peito a seus primeiros auxílios, pondo sua completa concentração nelas enquanto contava e trocava colocando ar em seus teimosos pulmões. Amaldiçoou-lhe, seu rosto esquentando-se enquanto punha tudo o que tinha em suas ações e pensamentos. Kestra estava frenética, escaneando seu cérebro, tentando imaginar que mais poderia possivelmente fazer.

Repentinamente se deteve.

Um pensamento desatinado lhe ocorreu. Que mal poderia fazer? Raciocinou.

Ele estaria morto se não tentava algo.

—Está bem, Kikilio, vamos fazer história — lhe sussurrou.

Fechou os olhos e se concentrou. Rezou para poder fazer isto. Muita de sua energia sempre tinha vindo dele. Logo que tinha começado a aprender a extrair energia de fontes exteriores sob seu guia, e ela a tinha absorvido até agora. Mas não podia permitir-se torná-lo a perder. Não agora.

Ela começou a resplandecer com um verde saudável, extraíndo a das criaturas apinhadas no bosque, os movimentos do vento, e a energia da vida mesma. Suas mãos ondularam brilhantes, mas ela não formou sua energia.

—Lembra-te o que disse? — perguntou-lhe asperamente.

— Disse que somos simbióticos. Somos um, na medida em que somos dois. Sou a mão direita. Você é a esquerda. O que tiro de você, devo expulsá-lo. Você me fez sentir o lugar interior que conectava a você. Funcionará à inversa, meu amor — insistiu brandamente—. O que tiro desse modo, posso dar desse modo. Toma o que necessite e retorna para mim.

Ela colocou as mãos sobre seu peito e continuou suas compressões, ao mesmo tempo enviando um chiado conduzindo energia nele. Ela se enfocou através de sua boca, através do beijo de seus lábios, o lugar onde primeiro tinham dado nascimento a sua habilidade para conectar-se com ele. Assim é que sua boca resplandeceu e cintilou enquanto respirava nele, lento e profundo. Ela empurrou adiante e adiante, até que o resplendor a seu redor começou a desaparecer.

Noah repentinamente aspirou um áspero fôlego ofegante.

Arrojou-a fora dele, rodando em cima de suas mãos e joelhos e expelindo barro e água com arcadas violentas. Seu cabelo negro pendurava ao redor de seu rosto escorrendo água e barro, e seu corpo se estremeceu enquanto tentava ingerir um fôlego puro.

Aí foi quando Jacob e Isabella finalmente apareceram.

Explodiram de pó a carne em um batimento do coração, tirando dez anos de Kestra quando falaram de acima por detrás dela.

—Que diabos!

Jacob correu para o Rei, olhando de esguelha a Kestra.

—Os vampiros nos atacaram. Ele se afogou. Necessitamos um médico — grasnou ela em curtos grosseiros.

—Sabemos dos Vampiros. Bela o viu em uma premonição — disse Jacob — Tomou um pouco rastreá-los.

—Aqui, sente-se — urgiu Kestra a Bela enquanto Jacob murmurava algo a Noah, quem ainda se esforçava em esclarecer os pulmões.

—OH Deus! Ele vai asfixiar-se — disse Kestra, as lágrimas picando enquanto rodavam sobre as navalhadas em seu rosto.

—Jacob pode ajudar — a tranquilizou Isabella.

— Simplesmente lhe dê um minuto.

Kestra observou com amplos olhos como Jacob se inclinava sobre seu monarca, lhe falando brandamente. Repentinamente, Noah estava fazendo arcadas de novo, purgando pura lama e sujeira.

Então ele tomou o primeiro fôlego claro que tinha ingerido durante quinze minutos.

—Jacob é da terra, recorda — explicou Bela.

— Ele não pode curar, mas pode extrair a lama e a terra dos pulmões de Noah. Não é diferente a fazer pó e deixar um oco.

Tudo o que Kestra poderia fazer foi assentir vigorosamente com compreensão e o alívio repentino. Jacob ajudou Noah a endireitar-se e Kestra se arrastou para ele em um instante.

“Neném. Está... bem?”

Seus pensamentos eram tão rígidos enquanto respirava com ofegos, mas ao menos estavam ali, de volta onde pertenciam, quentes em sua mente.

—Sim! Sim, estou bem. Deu-me um susto mortal! — Ela trocou aos pensamentos para si mesmo quando sua voz finalmente saiu.

— Deveria me haver advertido sobre a água! Por que não me deixou te escanear? Quase morreu!

“Não vais pegar-me... verdade?”

“Não te atreva a brincar em um momento como este! “ Olhou-lhe furiosamente, adagas de gelo em seus olhos. “Tirarei-te a estupidez a golpes se puser de sabio sobre o assunto!”

Finalmente, Noah se recuperou o suficiente para arrastá-la dentro de seu abraço. Ele estava atormentado por tossir, coberto de lama, mas sabia que a ela não se preocuparia a respeito de nada disso. Sabia que ela precisava senti-lo vivo e respirando... algo semelhante a como isso era.

“Sinto-o se te assustei. Estamos bem agora. Faz um esforço e te acalme.”

Ela não podia acalmar-se. Estalou em histeria.

— O choque post-adrenalina — murmurou Jacob servicialmente, tentando lhe explicar sua pouca característica elucidação.

— Deixo Bela aqui e vou conseguir ajuda. Não te mova e não atraia problemas — ordenou severamente.

O Executor saiu e sua companheira pôs os olhos em branco ante suas ordens ridículas.

Noah estava completamente focado em Kestra. Ela estava derramando o coração fora com seus soluços, e seu coração já se sentia como se tivesse atravessado por um edifício desabando-se. Ele embalou sua cabeça contra o peito, descansando o queixo em cima dela entre os acessos de tosse.

“Cala, neném. Tudo está bem.”

“ Pensei que te perderia! Perdia-me. Caí!” Noah sentiu o redemoinho desconexo de confusão e histeria examinando-a rapidamente. “Acreditei que estava... acreditei que estava no piso do banho... na garagem... completamente só... morrendo só!”

Noah repentinamente entendeu. Ela havia tornado a viver o horror de perder a um ser querido uma vez mais. Seu pior pesadelo fazendo-se realidade.

Noah ficou rígido abruptamente.

“Um ser querido.”

Noah fechou os olhos enquanto uma enorme quantidade de emoção se propagava em cascata sobre ele, lhe afogando, só que esta vez em uma pequena morte que o emocionou.

“Sim! OH Deus, sim. Amo-te, e sinto tanto ter sido muito teimosa para dizer-lhe isso Muito covarde. Amo-te, Noah. “ Ela começou a pressionar pequenos beijos ligeiros por todo seu rosto, intensificando a desconexão repentina e sentindo celestialmente ao Rei Demônio flutuar em cima.

“Nunca foi covarde, meu amor,” disse-a, espremendo-a apertadamente para si mesmo. “Ninguém alguma vez pode chamar a alguém covarde se for o suficientemente valente para sobreviver e amar outra vez. Nunca.”

“ Amo-te. É minha alma e meu coração. Sentia-o ao respirar todo o tempo. Sabia. Soube quando todos os dias passavam e conseguiram ficar cada vez melhores. Soube quando passou Samhain e te voltou cada vez mais formoso. Tão

dolorosamente, Noah.”

“Conheci-te quando estava em seu pior momento, e te amo tanto que realmente estranho seus piores momentos! Mas benzo os melhores. Trocaste-me e a meu mundo, e tudo é tão diferente agora. Só porque foi o suficientemente valente para te enfrentar a uma real cadela e lhe deu uma boa chamada de atenção.”

Noah riu asperamente, fazendo surgir outro acesso de tosse que a sacudiu contra seu peito.

“Ah sim, isso foi valente de minha parte, ou não? Mais do que alguma vez saberá,” adicionou ele mais seriamente. “Acredito que sempre confundirá o inferno fora de mim, neném. Temo que nunca te decifrarei e me tropeçarei com meus pés e minha língua e meus impulsos por algum tempo.”

“Sabe o que, posso dirigir isso. Mas só se me prometer uma coisa.”

“O que é isso, Kikilia?”

“Permanece longe da água!”



CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Damien se agachou no barro espesso, rodando o corpo do último Vampiro enquanto o inspecionava com uma expressão sombria.

—Este é o último do lote — afirmou, ficando de pé e sacudindo suas mãos uma contra a outra, mais para tirar a mancha de maldade que o barro.

—Ao menos esta vez.

—Parece seguro de que sua gente não captará a mensagem — comentou Elijah, seu humor em algum lugar longe do lugar que quase tinha visto a morte de seu Rei.

— Acredito que é algo que dizer para uma bem publicitada surra.

—Mmm — foi o único acordo de Damien. Depois de um momento falou, seu tom escuro e pesado com amargura

—Aprendi muito neste ano passado, Elijah. Aprendi a amar e a temer, ambos com uma profundidade que nunca tinha conhecido. Aprendi que não tenho feito tão bem o trabalho de governar a minha gente como uma vez acreditei. Estou seguro, de fato, que governar é um término impreciso. Presidi-os. Há uma diferença.

—Damien — Elijah protestou, mas o Príncipe sustentou em alto uma mão para interrompê-lo.

—É como levar um orfanato de meninos pequenos — explicou sosegadamente.

— Pode dirigir à estética, as contas e a alimentação às vezes, mas se não controlar aos meninos, até a melhor gerência está condenada a falhar. Terão um ambiente limitado, mas correrão de um lado a outro como animais selvagens dentro desse ambiente do momento em que despertam até que se paralisem de cansaço excessivo.

Damien lhe dirigiu um olhar ferido de azul meia noite sobre seu ombro ao guerreiro.

—Repentinamente, tentei impor regras em uma casa de loucos cheia de meninos selvagens, e estou surpreso de que se rebelassem? Foi um pobre exemplo de minha suposta grande sabedoria.

—Cometemos piores enganos — Elijah disse cautelosamente, muito consciente de que o Vampiro não estava de humor para ser apaziguado.

— A sabedoria vem da retificação.

Isso conseguiu a atenção completa de Damien, uma sobrancelha se arqueou pela surpresa.

—Soa suspeito como um líder, Capitão — Damien comentou com um puxão na esquina de seus lábios.

—Sou-o. Fui durante algum tempo — disse Elijah com um depreciativo encolhimento de ombros.

— Dirigir guerreiros revoltosos com um ardor pela batalha não é truque fácil. Permanecer junto a minha mulher enquanto preside sobre uma gente que odeia a mera visão de mim tem seus momentos, também — acrescentou sardonicamente.

— Mas a contra gosto se obrigam a aceitar que não há nada que possam fazer sobre isso. Um dia, estou resolvido a que possam aceitar minha autoridade com o mesmo respeito com o que aceitam a de Siena. Mas esse dia está longe no futuro. Você, entretanto, tem o benefício da maioria. Sua gente te ama e estiveram acostumados a te amar por mais séculos dos que estive vivo. Esses que não lhe amam se verão forçados a te respeitar. Não duvido disto. Se o fizesse, nunca poderia lhe assegurar a minha mulher que sua irmã está segura a seu cargo. E se não o pudesse assegurar a minha mulher, teria um inferno de tempo em suas mãos — o olhar de Elijah era pontual.

—Agradeço-te a confiança — disse Damien graciosamente e sem humor.

—Acredito que é hora de que saque algumas páginas do manual político Demon. Seu sistema funcionou, mais ou menos, durante algum tempo e preciso delegar para reestruturar semelhante sociedade sem estruturas.

—Tenha em mente — advertiu Elijah.

— Que o Concílio pode ser uma condenada lata assim como também uma ajuda. Não eleve a alguém em quem não possa confiar, e não entregue muito poder.

—Não é para preocupar-se. Sou Príncipe e sempre será assim. Minha mulher tem estado ansiosa por participar e estou vendo possibilidades agora, sem temer o desagrado de meus "filhos". E devo substituir a Stephan — a opressiva tristeza caiu repentinamente sobre ele ante o comentário.

— Jasmine completará os começos de uma nova estrutura política. Ela estará agradada de ser nomeada. Isto poderia se mantê-la separada de problemas por algum tempo.

Elijah bufou com incredulidade, fazendo Damien rir alongadamente.

—Olha-o assim — disse o Príncipe.

— Se posso reformá-la, posso reformar a qualquer um.

Damien se encontrou hospedando ao Rei Demônio e sua companheira essa noite. Devido a que a cidadela estava mais próxima, o médico recomendou que fora mais conveniente que descansassem ali e viajassem a casa no dia seguinte. A Syreena e Damien não lhes importou, é obvio. Davam-lhe bem-vinda à companhia. Assim como o fizeram com o Elijah e Siena, quem decidiu passar a noite também. Noah e Kestra foram metidos em uma cama nas instalações para convidados, curados até um ponto de comodidade, deixando a seus corpos descansar durante as seguintes vinte e quatro horas.

Kestra estava exausta, tão mental como fisicamente, mas apesar de que seu igualmente aniquilado companheiro ficou dormido imediatamente, ela não podia descansar tão facilmente. Deteve seu silencioso perambular pelo quarto, vestiu uma bata emprestada e caminhou pelos vestíbulos da cidadela. Cautelosa, sem lhe gostar da idéia de estar rodeada de Vampiros. Era uma sensação compreensível, supôs. Mas tentou tomar a sério as certezas de segurança do Damien.

Era justo perto do amanhecer, assim que o tráfico no castelo tinha dado passo ao silêncio. Kes não encontrou ninguém até que topou com Elijah em uma quarto que fazia as vezes de área de descanso.

—Kes! — saudou-a alegremente, aplaudindo um assento junto a ele.

— Como sente-se? — perguntou enquanto ela se sentava, dobrando suas pernas por debaixo.

— Viva — era tudo o que tinha que lhe dizer sobre isso.

— Acredito que essa é uma formosa sensação — estive de acordo Elijah.

— Arrumado a que Noah o apóia.

— Sim — fez uma pausa vários segundos, mas Elijah sentiu que reunia seus pensamentos e a deixou fazer isso.

— Não posso ter filhos — expressou impulsivamente.

— O amo! E ele me ama, mas merece filhos, Elijah, é um Rei. Necessita herdeiros. Não é assim? É tão maravilhoso com Leah e ama aos meninos. Vejo-o. Sinto muito. Ele seria um pai magnífico. O que se supõe que sinta a respeito disto? Como? — engasgou-se com suas próprias emoções reprimidas—. Como pode escolher o Destino a alguém como eu para alguém como ele quando não lhe posso dar o que tão claramente merece?

Elijah exalou um suspiro suave, introspectivo.

— É gracioso — disse baixo—, quão duras é com vocês mesmas sobre isto. Mulheres, quero dizer — se esclareceu ante seu olhar de reolho.

— Syreena é um exemplo perfeito. Está frenética por dar a Damien um herdeiro, e quando ela não concebe, destroça-se por isso. Siena não é melhor. Observa a sua irmã jogando jogo do bebê e eu ouço seus pensamentos e seus medos. Ela teme me falhar. Se alguém deveria temer falhar por proporcionar um menino, deveria ser eu. Ela é a que necessita o herdeiro. É meu trabalho ser um garanhão digno.

Sua expressão irreverente lhe fez rir apesar de suas emoções trementes. Elijah compreendeu que ela tinha atravessado um espremedor emocional esse dia e não deveria abordar este tema justo agora, mas claramente era pesado em sua mente. Suspeitava que ela o compartilhava com ele porque era quase um desconhecido e lhe dava medo falar com alguém que conhecesse melhor. Mas ele era o suficientemente próximo para compreender os detalhes necessários. Suspirou, perguntando-se quando diabos se tornou tão adulto e sábio.

— Mas temem ao êxito as probabilidades e possibilidades — Kestra sussurrou brandamente.

— Já sei que é impossível que eu fique grávida.

— Sabe Noah?

— S-fui, mas...

—Ah. Sempre um “mas”. Kes, não há “mas” aqui. Você e Noah estão Vinculados. Isto é tão bom como é possível. É uma magnífica bênção. Algo além disso é a cereja do bolo —suspirou com pesar.

— E não acredito que precise te recordar que há uma guerra a nosso redor. Sabe o que quer dizer a guerra, Kes. Que vamos perder amigos e seres queridos, e vão deixar atrás aos meninos. Quem melhor para ficar com eles que seu Rei e Rainha? Há sempre meninos no mundo com necessidade de pais. Inclusive no mundo Demônio.

—Adoção?

—A adoção, apadrinhar, diabos, cuidar de meninos, se quer te colocar nessa classe de coisas. Kes, Noah te ama. Ele não quererá nada mais na vida. O dia que soube que foste ser dele, ele se voltou rico e ditoso. Qualquer outra coisa é...

—A cereja do bolo? — riu, seu coração aliviado com algo que sentiu em parte como satisfação.

—Sim — riu ele gostosamente.

—E talvez a ocasional flor de caramelo.

Noah girou na cama, os restos de dor arrastando-se em sua mente acordada. Abriu os olhos e gemeu brandamente ante a dor envolta ao redor de seu peito. Sua frenética companheira tinha quebrado várias de suas costelas em seu entusiasmo por revivê-lo. Não é que ele se queixasse, mas não havia médico Demônio na cidadela. Viram-se forçados a conformar-se com as habilidades do monge Licántropo que Damien tinha decidido manter permanentemente no lugar para sua esposa. Foi tudo o que eles tinham necessitado, realmente; suas avançadas habilidades auto-regenerativas eram mais que capazes de fazer o resto dentro de um dia ou dois.

Lembrando-se quão gravemente ferida tinha estado Kestra também, repentinamente despertou por completo e se deu a volta para procurá-la ao outro lado da cama. Ficou sem fôlego quando se moveu muito rápido, e sua mão agarrou rapidamente seu lado esquerdo debaixo de seu braço. Não estava o suficientemente acordado ainda para afirmar-se contra as costelas quebradas, um peito arroxeadado e coração e pulmões de má maneira maltratados por água e sujeira que ainda podia saborear na parte de atrás de sua garganta. Ainda assim, sentia-se muitíssimo melhor do que esteve a noite anterior.

Recordou a busca por sua companheira e baixou o olhar para a cama. Vazia.

Suas sobrancelhas se franziram pela consternação e instantaneamente procurou em sua mente por ela.

“Kes?”

“Sim?”

Sentiu uma dor nova em seu peito quando a tristeza que ouviu em sua voz lhe chutou duro no coração.

“Onde está? “

“Nesta torre.”

Bem, ao menos ela não estava tratando de esconder-se dele, pensou com cenho enquanto jogou atrás o lençol e outra colcha. Compreendeu então que não tinha roupa, tendo ficado arruinada a noite anterior.

“Há uma bata no armário, bebê.”

A simples cortesia doméstica de seus pensamentos o fez sentir-se amplamente melhor. Sabia que ele estava chegando a ela e sua ajuda lhe disse que não lhe importava. O apodo como sempre, apaziguou quase todos os males. Encontrou a bata e incapaz de trocar de forma com tanto tecido prejudicado em seu corpo, ficou à tarefa de dirigir-se à esta torre.

Estava um pouco ofegante quando alcançou o mais alto das escadas da torre, mas o açoite do vento frio sobre a torre foi o que verdadeiramente o deixou sem fôlego. Kestra estava vestida na mesma forma que ele estava, com uma simples

bata de tecido de toalha, e evidentemente tinha estado aqui em cima durante algum tempo. Quando se estirou para tocá-la, ela estava quase congelada.

—Destino Piedoso, Kes! Sente-se como gelo!

—Sério?

Noah se aproximou dela, pressionando seu peito a suas costas, tremendo pela diferença em suas temperaturas corporais no instante antes que ele começasse a esquentá-los com seu poder. Temia que nunca entenderia por que fazia isto. Não havia sentido o frio, ou ela o fez de propósito como alguma classe de exame de capacidade mental ou de castigo? Ele não poderia dizê-lo.

—O que é, neném? — perguntou-lhe, pressionando um beijo em sua orelha o suficiente perto dos pontos necessários para fechar as navalhadas profundas que ela tinha resistido.

—É tão sombrio isto — disse ela, atraindo sua atenção para a paisagem da

montanha que embalava à cidadela. Estava desolados pelo próximo inverno, a área cinza com piçarra e um lago plano, acalmado ao longe. Dentadas rochas negras e cinzas se delineavam ao fundo do castelo. Via-se cada polegada da fortaleza imponente do Vampiro.

—Não esqueça que além das cordilheiras jazem bosques muito exuberantes. Este lugar foi escolhido por ser defensivo e seu poder para evocar pensamentos supersticiosos entre o povo humano local. Mantém-nos a distância.

—Esta aridez os mantém afastados — se repetiu baixo.

—Sim. Isso é a dominação da cidadela. É um pouco atemorizante.

—Noah.

Ela se voltou em seus braços, seu frio peito tocando-se com o dele quente. Ele manteve suas mãos sobre ela durante toda a rotação, terminando com elas descansando sobre a parte pequena de suas costas. Ela tomou uma rápida pausa, abruptamente afligida por quão formoso ele era. Demorou um momento em ver a vida ardendo brilhantemente em seus olhos, querendo sua volta a seu próprio lugar.

Então esqueceu tudo o que ia dizer, trocando-o por seu abraço, seus braços enroscando-se ao redor de suas costelas enquanto ela tratava de alcançar sua boca. Deu-lhe boa-vinda facilmente, ansiosamente de fato, atraindo sua boca profundamente sob a sua. Seu cabelo açoitou ao redor deles com o vento, sua gretada bochecha fria contra o roce de seu nariz.

Noah observou como Kestra se apartou, sua boca cheia refulgindo por seu beijo enquanto seus olhos preocupados olharam seu rosto. Ela roçou seus dedos através de seu cabelo grosso, jogando com sua suavidade um comprido minuto. Então suas mãos estiveram em seu rosto, tocando sua frente e suas bochechas, absorvendo cada ângulo de sua mandíbula e queixo e, finalmente, descansando seus polegares contra sua boca e esfregando-os sobre seus lábios com precisão e cuidado. Logo roçou as pontas de seus dedos sobre suas pestanas e esperou durante um minuto até que ele a olhou para poder estudar seus olhos.

—É tão formoso — sussurrou, sua voz quebrando-se de uma maneira que se cravou limpamente através de seu coração. As lágrimas fluíram em seus cristalinos olhos azuis e a situação simplesmente quase o pôs de joelhos.

—Kes, me diga o que está mal — demandou, incapaz de suportar sua dor um momento mais.

—Não é justo — disse roucamente.

— É tão formoso. Tão bom. Um homem tão maravilhoso. Tem tanto amor para dar e tanta sabedoria para compartilhar. Tudo sobre você merece perpetuar-se. Se alguém em todo este mundo merece um filho, Noah é você.

—Kes... maldita seja, Kes, não faça isto — grunhiu ferozmente, sacudindo-a com força em seu abraço, ignorando o brilho de dor que causou enquanto ele comprimiu o fôlego dos dois.

— Não utilize mais desculpa para te apartar de mim. Não posso assimilar mais já. Não viverei sem você, compreende-me? Não posso viver sem você. Pode entender isso? Como sente isso? Pode sentir quanto rasga meu coração cada vez que te ouço ameaçando nosso futuro juntos?

—Não! Quero dizer... sim... Noah, isso não é o que eu quis dizer — gaguejou impactada.

— Te amo! — insistiu, apartando-se com um meneio para que ele pudesse ver essa verdade em seus olhos.

— E não vou a nenhum lugar, ainda se pudesse. Não quero te deixar! Esse é meu ponto. Sinto... que não posso me obrigar a ser desinteressada. Sei o que disse, OH, infernos, estou fodendo!

Noah sorriu enquanto ela pressionava uma mão nervosa em sua frente.

—Sinto-o — se desculpou ele gentilmente.

— Estou escutando. Te explique.

— Só quis dizer... — tragou saliva.

— Sinto não poder te dar isso — disse, as lágrimas fluindo em seus olhos.

— Te amo e você significa muito para mim. Sei que sempre estaremos juntos. Quero me casar contigo e ser sua companheira para sempre. Quero-o tanto que fecha minha garganta e machuca meu coração com mais alegria que a que possivelmente possa imaginar em uma só vida. Mas você merece um filho de seu sangue, e não te posso dar um, e sinto tanta pena quando penso nisso. OH, Noah — soluçou—, não te entristecestes por essa perda ainda, e sei que o fará um dia, e me mata pensar que te causarei essa classe de dor.

—Kes — disse brandamente, fechando os olhos enquanto sua pena lhe alagava.

— Cala, neném — a acalmou, lhe acrescentando um sibilante som suave, à ordem.

— Tem razão, e não te insultarei negando-o. Não estou aflito por essa perda ainda. Posso não fazê-lo nunca, ou posso fazê-lo com tanto dor como você sente

agora. Não posso predizer como chegarei a me sentir a respeito disso. Só te posso dizer que não te amarei menos por isso. Preciso saber que sabe — liberou um ofego quando ela assentiu, sentindo-se aliviado.

— Por muito tempo como creia nisso, agüentará-se e passará, e ambos sobreviveremos para nos querer o um ao outro durante tanto tempo como podemos. Lamento, também, que nunca terá um filho de seu sangue. Que nunca transmitirá este formoso cabelo e estes sensacionais olhos é uma tragédia, e sinto a dor disso. Entristece-me que sua força de caráter e sua astúcia possam terminar contigo. O mundo será privado de um tesouro incrível. Mas... — ele se deteve beijar as lágrimas abaixo de seus olhos, abraçando-a de novo para poder apanhar seu olhar.

— Talvez o Destino está compensando isso lhe dando imortalidade ao modelo original, neném. Ela tem suas maneiras, sabe?

Concedeu-lhe uma risada lacrimosa quando lhe sorriu com gentileza.

— Como sabe sempre dizer o correto? — demandou, lhe dando um empurrão contra suas costelas.

Noah se sobressaltou e grunhiu.

— OH! — ofegou.

— OH, me esqueci! Noah está tão de causar pena!

— Agora sei como acabei desta maneira em primeiro lugar — gemeu exageradamente.

— Não tem idéia de sua força.

— Bom, só a tive durante algumas semanas. Não me reganhe! — protestou ela com todo descaramento, mas sua expressão tinha os olhos muito abertos com preocupação e suas mãos roçavam meigamente sobre seu tórax.

— Detém isso — riu bobamente, apanhando suas mãos quando foram desatar sua bata para uma melhor inspeção do dano que ela tinha feito.

— Começarei a ter idéias com as partes de meu corpo não arroxeadas que não vão bem com as que se o estiverem.

Kestra estalou a língua.

— É terrível.

— Mau até a medula — esteve de acordo.

— Agora baixa a escada comigo longe deste frio. Comeremos e falaremos e... — se apagou lentamente, um sorriso torcido reproduzindo-se sobre seus lábios.

—Se pensar que vou pedir que termine essa frase é que está desenquadrado — riu, lhe deixando conduzi-la longe.

—O que? — perguntou inocentemente—, ia dizer “e planejar as bodas”.

—Mmm-hmm — esteve de acordo sem convicção.

— E eu sou do tipo que desmaia — acrescentou secamente.

—Você não é do tipo que desmaia? — perguntou com fingido assombro enquanto começavam a baixar as escadas.

—Não.

—Bom o que há a respeito de uma ligeira vertigem?

—Vertigem!

—O termo está passado de moda?

—Prova antiquado.

—Está lançando calúnias sobre minha idade, senhorita?

—Não. Só uma pequena devolução pela Kikilia — disse ela inteligentemente.

—Esse só é um apodo carinhoso passado de geração a geração — replicou ele.

—OH? E não encontra que “garotinha doce” é de todo politicamente incorreto? Sem mencionar completamente impróprio para mim?

—No mais mínimo — ele riu.

—OH! Me recorde te pegar quando estiver curado — ela grunhiu.

—Só se promete me recordar te fazer algo quando curar.

Ela riu nervosamente ante isso.

—Necessita um aviso para isso?

—Antecipação que necessitarei vários avisos para isso.



